
Romanos

Exposição sobre Capítulo 12

O COMPORTAMENTO CRISTÃO

D. M. Lloyd-Jones



PUBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS

Caixa Postal 1287

01059-970 – São Paulo – SP

www.editorapes.com.br

Título original:
Christian Conduct

Editora:
The Banner of Truth Trust

Primeira edição em inglês:
2000

Copyright:
Lady Catherwood e Ann Beatt, 2000

Tradução do inglês:
Odayr Olivetti

Revisão:
Antonio Poccinelli

Cooperador:
Luís Christianini

Capa:
Sergio Luiz Menga
Permissão gentilmente concedida pela Banner of Truth Trust
para usar a sobrecapa da edição inglesa

Primeira edição em português:
2003

Impressão:
Imprensa da Fé

ÍNDICE

1	11
Nova divisão na Epístola – aplicação da doutrina – por que esta prática é importante – análise dos capítulos finais da Epístola.	
2	28
Os versículos iniciais – o modo de falar de Paulo – motivações para o viver cristão – características principais da santificação.	
3	46
Apelo à mente e ao coração – santificação, uma nova modalidade de serviço – apresentando os nossos corpos – o que está envolvido.	
4	63
Quatro razões para oferecermos os nossos corpos a Deus – corpo e alma – sacrifícios vivos, santos e aceitáveis.	
5	77
O culto racional – que é? – o espiritual em oposição ao exterior, ao legalista e ao ascético – usando os nossos corpos para a glória de Deus.	
6	95
A alma e o mundo – mundanismo na Igreja – evidências na teologia, na evangelização e na moralidade.	
7	110
Evitando o obscurantismo e o tradicionalismo – rigidez e relaxamento, ambos errados – não nos conformando com este mundo – moda – moderação.	
8	128
“Conformados” e “transformados” – compreendendo e sendo o que somos – a renovação da mente.	

9	143
A renovação da mente na prática – entendendo e aplicando a verdade – uma nova humanidade – lembrando o que somos – peregrinos a caminho da eternidade.	
10	161
A meta do comportamento cristão – conformando-nos à vontade de Deus – conhecendo e aprovando a Sua vontade – o que se quer dizer com “boa, agradável e perfeita”.	
11	180
Os dons do Espírito na Igreja – humildade – tudo de graça – a autoridade de Paulo resultante da graça – nenhuma hierarquia na Igreja Primitiva.	
12	197
Tudo na Igreja é devido à graça – todo cristão recebe algum dom – a soberania do Espírito – pensando realisticamente em nossos dons.	
13	210
A Igreja como corpo de Cristo – unidade orgânica – variedade nas partes – diferentes funções – cada uma delas essencial – nenhuma independente – cada uma contribui para o todo – falha numa delas afeta o corpo todo.	
14	226
A Igreja, uma sociedade espiritual – unidade visível – unidade espiritual – unidade, obra do Espírito – as crianças como membros da Igreja – unidade não encontrada por ignorância da doutrina.	
15	244
Unidade viva e operosa – atividade dependente de Cristo, a Cabeça – perigos opostos: ativismo e introspecção – Igreja e Estado – entretenimento na Igreja – membros uns dos outros.	
16	260
A natureza dos dons espirituais – aspirando aos melhores dons – os dons não podem ser “reivindicados” ou infundidos por outros – o batismo com o Espírito Santo – os dons diferem – vocação para serviço particular.	

17	278
Certos dons cessaram? – a soberania do Espírito – dons regulares e dons incomuns – a fé – conhecendo o dom particular de uma pessoa – a natureza da profecia.	
18	293
Profetizando segundo a proporção da fé – dois conceitos – submetendo à prova as pretensões de profecia – a teologia sistemática – lições dos quacres e Edward Irving – o mistério da ação do Espírito.	
19	312
Os outros dons mencionados – ministério – suas variedades – ensino – exortação – dando ou ministrando com simplicidade – governando – mostrando misericórdia.	
20	330
Dons não mencionados neste capítulo – o dom de orar – como se recebem os dons – mediata ou imediatamente – a Igreja como um corpo em ação – os vários ofícios.	
21	347
Igrejas que exercem autogoverno, mas não se isolam – Atos, capítulo 15 – o surgimento dos bispos e do papado – a Igreja e as denominações desde a Reforma – o padrão neotestamentário.	
22	366
O culto no Novo Testamento e hoje – liturgias – o princípio regulador – a oração “O Pai Nosso” – o catolicismo romano – o Livro de Oração.	
23	389
Aspectos adicionais do culto no Novo Testamento – espontaneidade versus liturgias – a liberdade do Espírito – avivamentos.	
24	403
Uma nova subdivisão – análise dos versículos 9-21 – amor a Deus e ao nosso próximo – amor, o cumprimento da lei de Deus – evitando o “fingimento” – odiando o mal, apegando-nos ao bem.	

25	422
O amor fraternal – os sentimentos decorrem da verdade – a nossa atitude de respeito para com os nossos companheiros – não há lugar para orgulho – o ego, o maior inimigo – o antídoto para o orgulho.	
26	439
A nossa atitude para com a nossa vocação cristã – não mera atividade – causas da indolência ou negligência – remédios, naturais e espirituais – ativando a chama – oração – argumentos.	
27	456
O antídoto máximo para a indolência ou negligência: estamos servindo ao Senhor – a causa não é nossa – a honra de Deus está envolvida – Seus olhos estão sobre nós – a esperança da nossa vocação – regozijando-nos nela.	
28	476
As tribulações – nossa reação a elas – resistência paciente – deve-se esperar dificuldade – seus benefícios – as tribulações redundam em oração – persistindo na oração.	
29	496
Companheirismo com os santos em suas necessidades – necessidades reais – quem são os santos? – dedicação à hospitalidade – servindo como mordomos; não comunismo – cautela contra impostores – motivos para a generosidade.	
30	517
Reagindo aos maus tratos – formas de perseguição – abençoando os inimigos – paciência para com os incrédulos – filhos do nosso Pai do céu.	
31	533
Reação à alegria e à tristeza dos outros – como lidar com a inveja – tendo a mesma mente – evitando o orgulho e ambição intelectual – deixando-nos levar na companhia das pessoas e das coisas simples.	
32	552
O pecado do orgulho intelectual – antídotos para o orgulho – a loucura e o perigo de “enfaturar-nos” – buscando a verdadeira sabedoria.	

- 33 570
 Não fazendo retaliação quando maltratados – um sinal de força, não de fraqueza – viver em paz com todos, mas não a qualquer preço – declarando a verdade – que a paz reine em nosso coração.
- 34 587
 Nunca impor ou exigir vingança – remeter tudo ao justo juízo de Deus – Deus final e supremamente Se vindicará a Si próprio – distinção entre a justiça e a vingança pessoal – os Salmos imprecatórios – a unidade do Velho Testamento e do Novo na declaração do juízo de Deus.
- 35 604
 Bondade para com os inimigos para produzir arrependimento – não deixar-nos derrotar pelo mal – estímulos à perseverança na luta – como o bem vence o mal.

1

“Rogo-vos pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus. Porque pela graça, que me é dada, digo a cada um dentre vós que não saiba mais do que convém saber, mas que saiba com temperança, conforme a medida da fé que Deus repartiu a cada um. Porque assim como em um corpo temos muitos membros, e nem todos os membros têm a mesma operação. Assim nós, que somos muitos, somos um só corpo em Cristo, mas individualmente somos membros uns dos outros. De modo que, tendo diferentes dons, segundo a graça que nos é dada, se é profecia, seja ela segundo a medida da fé; se é ministério, seja em ministrar; se é ensinar, haja edificação ao ensino. Ou o que exorta, use esse dom em exortar; o que reparte, faça-o com liberalidade; o que preside, com cuidado; o que exercita misericórdia, com alegria. O amor seja não fingido. Aborrecei o mal e apegai-vos ao bem. Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal, preferindo-vos em honra uns aos outros. Não sejais vagarosos no cuidado; sede fervorosos no espírito, servindo ao Senhor. Alegrai-vos na esperança, sede pacientes na tribulação, perseverai na oração; comunicai com os santos nas suas necessidades, segui a hospitalidade; abençoai aos que vos perseguem, abençoai, e não amaldiçoeis. Alegrai-vos com os que se alegram; e chorai com os que choram; sede unânimes entre vós; não ambicioneis coisas altas, mas acomodai-vos às humildes; não sejais sábios em vós mesmos; a ninguém torneis mal por mal; procurai as coisas honestas, perante todos os homens. Se for possível, quanto estiver em vós, tende paz com todos os homens. Não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira, porque está escrito: minha é a vingança; eu recompensarei, diz o Senhor.

O Comportamento Cristão

Portanto, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber; porque, fazendo isto, amontoarás brasas de fogo sobre a sua cabeça. Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem.” – Romanos 12:1-21

Ao reassumirmos os nossos estudos da Epístola de Paulo aos Romanos, chegamos ao princípio do capítulo doze. Levou algum tempo para chegarmos a este ponto porque esta Epístola é muito rica.*

Mas, deixem-me lembrá-los outra vez de que uma Epístola é em si mesma uma sinopse. Às vezes algumas pessoas me dizem, brincando, que estão inteiramente seguras de que o apóstolo Paulo ficaria espantado se pudesse saber o que eu encontro em suas Epístolas! Todavia isso é demonstrar profunda ignorância. Vejam a Epístola aos Romanos: por que o apóstolo a escreveu? Bem, ele nos diz no início que a escreveu porque não pôde visitar os cristãos em Roma. Ele queria visitá-los; teve essa intenção. Ele nos diz no capítulo primeiro, versículos 12 e 13, que fora impedido disso. No capítulo 15 ele nos diz de novo, com mais certeza, que espera fazer uma visita a Roma, de caminho à Espanha. Mas como ainda não pode estar lá em carne e falar aos cristãos dia após dia e expor a eles as glórias e os mistérios desta fé cristã, envia-lhes esta espécie de sinopse. Lembrem-se, pois, de que

* O Dr. Lloyd-Jones fez também o seguinte comentário: “Diga-se de passagem que, para atender ao gosto dos estatísticos, é a 297ª vez que estudamos esta Epístola. Ora, acho interessante este dado estatístico. Se você incluir esta noite e então anotar 297, e depois dividir esse número por 11, visto que concluímos os primeiros onze capítulos, verá que, em números redondos, foram 27 sermões para cada um destes capítulos. É evidente que o trabalho não foi feito exatamente assim; uns foram mais longos do que outros, mas isso me chamou atenção como sendo um fato interessante!”

não é mais que uma sinopse, e o dever do expositor de uma Epístola não é fazer uma sinopse da sinopse, que é o que parece que muitos fazem. Antes, é desenvolver e extrair o que o apóstolo condensou dessa maneira particular. Foi dessa forma que veio a suceder que passamos todo este tempo tratando desta grande Epístola.

No entanto agora chegamos a uma nova divisão. Já disse isso muitas vezes, porém torno a dizê-lo por uma razão muito especial. Encontramos muitas divisões e subdivisões nos primeiros onze capítulos, mas entre os capítulos 11 e 12 há uma divisão que é mais significativa que qualquer das outras que já vimos. Na verdade, o mais perto que chegamos de algo parecido com esta porção foi no capítulo primeiro, versículos 16 e 17. Isso porque os primeiros quinze versículos são introduções, saudações e declarações pessoais preliminares. Então, nos versículos 16 e 17, Paulo começa a expor a sua grande doutrina, e, dali até o fim do capítulo 11, a carta é quase exclusivamente doutrinária. Digo “quase exclusivamente” porque, evidentemente, houve aqui e ali aplicações enquanto Paulo prosseguia, mas o seu principal ensino foi doutrinário; e todo o mundo concede que, do ponto de vista da doutrina cristã, Romanos é a maior obra-prima jamais escrita. É uma colossal e incomparável declaração da fé cristã.

Contudo agora o apóstolo chega, aqui, à parte prática. Tendo concluído sua doutrina, ele passa à sua aplicação, e continua a fazê-la desde o começo deste capítulo doze até concluir finalmente a Epístola, no fim do capítulo 16. Ora, não devemos exagerar no sentido desta divisão. O apóstolo Paulo era um homem admirável. Tinha um grande intelecto e um extraordinário poder e dom de ensinar, mas também era um pastor dotado de um terno coração pastoral, de modo que estava sempre interessado em ajudar as pessoas a quem escrevia. Assim, ao dividir como divide este seu assunto, todos aqueles outros aspectos do homem continuam sendo apresentados.

Menciono isso a fim de preparar vocês para o fato de que, como dissemos, embora desde agora até o fim da Epístola vamos lidar mormente com questões práticas – a elaboração e a prática diária da vida cristã. Paulo constantemente insere doutrina; ele não consegue separar as duas coisas. Portanto, vocês devem esperar doutrina e argumento, e doutrina e apelo. Para mim é sempre fascinante observar Paulo neste aspecto. Ele não é do tipo de pessoa que pode dividir uma coisa mecanicamente. O coração ardente está sempre ali, nas passagens mais intelectuais e nas passagens mais práticas. Esse ardor continua irrompendo sobre nós, por assim dizer. Isto constitui uma característica de todas as Epístolas de Paulo, mas o é de maneira bastante óbvia no caso de Romanos, como veremos.

Quero agora fazer uma pergunta importante, e a faço particularmente àqueles que têm acompanhado esta longa série: como você se sente ao abordarmos esta nova divisão? Eu também estou tentando ser pastor, e por isso constantemente dou ênfase a esta questão. Não gosto da divisão de um ministério que leve o ministro a dizer: “Claro, domingo faço isto, mas sexta-feira à noite é diferente; nessa ocasião, sou tão-somente um mestre”. Essa é uma divisão muito artificial e, de fato, muito errada. Deve haver em nosso ministério a mesma unidade que vemos no ministério do apóstolo Paulo, e por isso faço a vocês esta pergunta, com o objetivo de mostrar-lhes que ela dirá a vocês muita coisa a respeito de si próprios.

Qual é a reação de vocês quando terminamos a grande seção doutrinária e passamos a estes capítulos práticos? Acaso têm a impressão de que eles vão ser algo como um anticlímax? Vocês lamentam o término do estudo dos primeiros onze capítulos? Gostariam que Paulo continuasse ensinando doutrina, em vez de descer à aplicação prática – é assim que se sentem? Pode-se dizer que, nalgum sentido, se sentem como Pedro no Monte da Transfiguração, quando disse: “Façamos aqui três tabernáculos” (Mateus 17:4)? Não desçamos de

volta àquelas planícies monótonas. É tão maravilhoso aqui, no alto do monte, com esta nuvem luminosa e todo este encanto e esplendor! Fiquemos aqui. Façamos três tabernáculos.

É assim que vocês se sentem? Vocês querem permanecer na área de pura doutrina? Vocês acham um tanto enfadonho e de mau gosto terem que baixar ao nível das trivialidades da fé cristã? Essa questão é muito importante porque, se algum de nós acha que estes versículos restantes são um anticlímax, há algo errado com ele, algo seriamente errado, como tentarei mostrar a vocês. O homem que escreveu os primeiros onze capítulos é o mesmo que escreveu a parte restante da Epístola; como ele passa adiante, nós também devemos passar.

Faço então uma apresentação desta grande divisão. Por que devemos ir adiante? Minha primeira resposta é a das Escrituras, e essa deve ser suficiente para nós. Se cremos que as Escrituras são de fato a Palavra do Deus vivo, devemos lê-las todas.

Pergunto: o perigo que muitos de nós correm não seria o de lerem apenas certas partes? Muitos têm as suas passagens favoritas; sempre as lêem, e não lêem mais nada. Ou, alguns só lêem certos livros da Bíblia, e nunca os demais. Entre os cristãos há a tendência de repudiar o Velho Testamento, especialmente as porções históricas. Eles dizem: “Isso nada tem a ver conosco”. Mas isso está completamente errado. Se vocês crêem que esta é a Palavra de Deus, *toda* ela tem algo a ver com vocês, e vocês a devem ler toda. Portanto, não temos nenhum direito de desfrutar a doutrina e não nos incomodarmos com as partes práticas.

Contudo, outros só apreciam as passagens práticas e não se importam com a doutrina, a qual eles dizem que não conseguem acompanhar. Assim, da mesma maneira ociosa, eles dividem as Escrituras como jamais deveriam dividi-las. Sendo as Escrituras a Palavra de Deus, devem ser lidas completas, porque, naturalmente, elas são um todo, e nunca se lhes deve tirar nem acrescentar nada.

Vocês podem tirar algo das Escrituras ignorando

passagens, ou dizendo: “Isto é tudo o que importa das Escrituras”. Muitas pessoas estão ensinando isso na atualidade. Algumas delas, por exemplo, simplesmente se concentram no ensino moral do nosso Senhor, como se toda a Bíblia fosse apenas o Sermão do Monte. Há, porém, outros que dizem: “Isto agora não tem relação nenhuma conosco”. Por isso começam em certas Epístolas e se concentram só em pequenas porções delas, e isso é igualmente errado.

Todo o conteúdo da Bíblia nos diz respeito. Ela fala a nós e tem uma mensagem para dar-nos, tanto hoje como em qualquer outro tempo. Portanto, desde que as Escrituras vão adiante, igualmente nós devemos ir. Não é para nenhum de nós dizer: “Já tive tudo o que eu queria da Epístola aos Romanos; sou uma pessoa que só se interessa por doutrina. O resto não me interessa”. Não, isso é fazer violência às Escrituras, e, como lhes vou mostrar, também é extremamente perigoso.

E assim eu apresento como a minha segunda razão para passarmos adiante o fato de que, afinal de contas, o cristianismo não é apenas ensino, é também vida. Há uma bela descrição do povo cristão – vemo-la duas ou três vezes em Atos – como o povo “do Caminho” (Atos 19:9,23; 22:4), e essa é uma descrição muito boa. O cristianismo não é tão-somente um modo de pensar, mas é também um modo de viver, uma forma de comportamento. Essa é a característica essencial desta fé cristã. Jamais houve o propósito de que ela só fosse doutrina. *É* doutrina, e a doutrina vem em primeiro lugar; *é* a verdade, e a verdade vem à mente, e requer resposta e assentimento intelectual. Entretanto o cristianismo não pára aí. As nossas distinções artificiais não somente fazem violência às Escrituras, mas também nos fazem dano. O cristianismo é primariamente um modo de viver, e o objetivo da doutrina é habilitar-nos a ter essa vida.

Deus fez o homem e a mulher, colocou-os no mundo, e Seu propósito era que vivessem em comunhão com Ele. Mas eles pecaram e caíram. E o objetivo da salvação é restaurá-los

para aquele modo de viver. Portanto, a doutrina é só uma parte. A pessoa completa é envolvida, não somente o entendimento, porém também o coração e os sentimentos, a vontade, a conduta e o comportamento. A Bíblia considera cada homem e cada mulher como um todo, e nós devemos fazer sempre essa mesma coisa. Por isso estas partes são tão importantes como as partes doutrinárias.

Segue-se que o cristianismo não é apenas experiência. Há uma grande e gloriosa experiência, mas o fim e objetivo da fé cristã não é dar-nos experiências. É sumamente importante lembrar sempre que o propósito da experiência é mudar a nossa vida e a nossa maneira diária de viver. O apóstolo Paulo diz isso claramente quando escreve a Tito. Diz-nos ele que o Senhor veio do céu e Se deu a Si mesmo por nós na cruz do Calvário “para nos remir de toda a iniquidade, e purificar para si um povo seu especial, zeloso de boas obras” (Tito 2:14). Foi por isso que Ele veio. Foi isso que o nosso Senhor fez vindo a este mundo, vivendo, ensinando e morrendo na cruz, e sendo sepultado e ressuscitando. Não foi tão-somente para nos dar interesse, entusiasmo e satisfação intelectual, nem meramente para propiciar-nos experiências. Estas estão incluídas, porém o grande e supremo fim e objetivo é adquirir, preparar e treinar um povo para Deus: o povo de Deus na totalidade do ser e da personalidade de cada um e em todas as suas atividades.

O povo de Deus não foi destinado a constituir-se apenas de pensadores, ou de pessoas dotadas de fina sensibilidade e nada mais, mas de homens e mulheres completos, redimidos e funcionando como um povo para constituir propriedade especial de Deus. É isso que a frase “um povo peculiar” (VA) significa: propriedade pessoal de Deus. E, daí, vocês vêem que temos que dar ênfase tanto ao aspecto prático como ao doutrinário. Como disse o nosso Senhor: “Se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as fizerdes” (João 13:17). E aqui, em Romanos, capítulo 12, somos levados a lembrar-nos

disso pela própria introdução do assunto: “Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus...”.

Mas há uma terceira razão para passarmos à aplicação; devemos fazê-lo tendo em vista as dificuldades que inevitavelmente surgem na vida do cristão verdadeiro.

Aqui estamos; nós nos tornamos cristãos, porém ainda estamos neste mundo. Estamos nele, mas não somos dele, e o grande problema do viver cristão é o de entrar em acordo com o mundo no qual vivemos.

Cremos que quando os homens e as mulheres se tornam cristãos, tornam-se novas criaturas: “as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo” (2 Coríntios 5:17). Entretanto eles ainda estão aqui, ainda estão neste mundo. Que é que eles devem fazer então? Aqui estão eles com esta nova fé, esta nova crença, este novo entendimento, e obviamente devem aplicar isso à totalidade da vida deles. Eles se defrontam com dificuldades e questões, e, devido serem governados por uma perspectiva inteiramente nova, têm uma dificuldade que nunca tiveram antes, uma dificuldade que os incrédulos não têm.

Esta questão é também muito importante. Se o fato de você se tornar cristão não levanta problemas em sua vida dos quais o não cristão nada sabe, então agüente que eu lhe diga que você não é cristão. Os cristãos não são homens e mulheres que meramente freqüentam um local de culto aos domingos, passam por alguma forma de culto, e depois voltam para o mundo e vivem como viviam antes ou como outras pessoas vivem. O cristão não é isso. Há alguma coisa errada com as pessoas que se acham nessa situação. Por definição, os cristãos são homens e mulheres que nasceram de novo, são regenerados, passaram pela mudança mais profunda pela qual se pode passar, e agora têm uma nova perspectiva de tudo quanto é determinado por esta nova fé. Como eles hão de relacionar-se com o mundo?

As Epístolas do Novo Testamento nos mostram límpida

e claramente que os cristãos primitivos sofriam muitas dificuldades justamente neste ponto. Como lhes vou mostrar, há dificuldades por todos os lados e, portanto, precisamos de direção, precisamos de ajuda e de instrução. Como não regenerado, eu vivia para agradar a mim mesmo, vivia para a minha própria glória. Como cristão, não vivo para mim mesmo, mas para a glória de Deus. Paulo nos fala disso em detalhe no capítulo 14: “Porque nenhum de nós vive para si, e nenhum morre para si” (Romanos 14:7). Por definição, o cristão preocupa-se com a glória de Deus e, por isso, eu devo saber como aplicar esta grande salvação a cada particular questão, detalhe e problema. Escrevendo aos filipenses, o apóstolo descreve isso de maneira pitoresca:* “Somente deveis portar-vos dignamente conforme o evangelho de Cristo” (Filipenses 1:27).

Inevitavelmente nós temos que enfrentar tais problemas, e devemos ser gratos a Deus por Ele ter colocado isto na mente do Seu grande servo, este apóstolo, e o ter inspirado com o Espírito Santo, para destacar estas questões, tratar delas e solucioná-las para nós, de modo que temos algo para guiá-nos neste tremendo processo. Digo de novo, se você me disser: “Oh, não me preocupo com isso, sou um teólogo, eu me amarro nas grandes doutrinas”, minha resposta será: “Mas, meu caro amigo, a questão é: como é que você está vivendo?” Péssimo será você ser um grande teólogo, se negar toda a doutrina com o seu comportamento. Se você é rude com sua esposa ou com seus filhos ou com os seus vizinhos de porta e parede, você é um negador do evangelho, e todo o seu conhecimento não tem nenhum valor. A pessoa toda e completa está envolvida no novo nascimento, e, portanto, precisamos receber ajuda e instrução em todos e cada um dos pontos.

* Pitoresca na VA: “Tão-somente que a vossa conversação” – a vossa conduta, o vosso comportamento, todo o vosso procedimento – “seja como convém ao evangelho de Cristo”. Nota do tradutor.

A quarta razão para continuar estudando o restante de Romanos é a íntima conexão que existe entre a doutrina e a prática, a crença e o comportamento. Cada um deles reage ao outro, e não é possível separá-los totalmente. Analisamos os escritos de Paulo e fazemos estas divisões pura e simplesmente por questão de conveniência, para que se entenda, mas se as formos ao ponto de fazer separação entre fé e comportamento, significa que entendemos mal a doutrina. Se vocês errarem na doutrina, seu erro afetará a sua vida.

Contudo, não se esqueçam, isso também funciona inversamente. Aquele que se extravia na vida logo vai ceder na doutrina. Por quê? Bem, para proteger-se. Enquanto se apegar à doutrina verdadeira, ele se sentirá miseravelmente mal como extraviado, e por isso o diabo o persuade a questionar a doutrina. Não se pode separar doutrina e conduta. “Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem” (Mateus 19:6). Assim também vocês devem tomar a Epístola completa, a segunda parte bem como a primeira.

Então, finalmente, sempre somos confrontados por um adversário, um adversário brilhante, capaz, sutil e muito sabido. Paulo lembra aos coríntios que o diabo pode se transformar “em anjo de luz” (2 Coríntios 11:14), e sabe que tem poder. Vemo-lo tentar o nosso Senhor e citar as Escrituras para Ele, procurando enganá-IO, pegá-IO e fazê-IO entender mal e aplicar mal a Palavra de Deus. Satanás está sempre nos enfrentando, e, quando estivermos estudando esta parte prática, vocês verão que ele nos engana de duas maneiras principais.

A primeira é dizendo-nos que esta parte prática não tem a mínima importância. Diz ele que, naturalmente, é boa para as pessoas destituídas de inteligência, incapazes de ler livros de teologia, e que não podem ser incomodadas com doutrina. Tais pessoas só se interessam por praticabilidades – tudo bem quanto a elas – mas, quanto a você, estas coisas não têm nenhuma importância. E assim ele o transforma numa

espécie de puro intelectual. Todavia, repito, se você ignorar a prática, logo naufragará na fé. Foi por isso que Paulo teve que escrever estas Epístolas.

Mas há outro lado, igualmente importante. Quando o diabo não consegue fazer um homem ignorar as praticabilidades e só viver nesta esfera intelectual, rarefeita, deleitável, vem então ao mesmo homem e tenta fazê-lo exagerar no aspecto prático. Torna-o por demais escrupuloso e legalista. Há exemplos disso mais adiante, em Romanos. O capítulo 14 trata quase exclusivamente disso – fala sobre a questão da carne oferecida a ídolos, a observância de dias, etc. O diabo é tão astuto que muda tudo, de um extremo ao outro. Ou fará você cavalgar heroicamente por sobre toda a questão de conduta, ou fará que você se torne tão meticuloso e zeloso, tão cheio de detalhes e minúcias, que você perde a sua liberdade de homem cristão ou de mulher cristã e se torna legalista, mais uma vez debaixo da lei. Portanto, somos sempre confrontados pelo diabo, e devemos estar muito agradecidos a Deus, que fez com que o Seu servo se ocupasse destes diversos problemas. Sim, pois eu e vocês ainda somos confrontados pelos mesmos problemas e questões que confrontaram os cristãos do século primeiro.

Aí está, pois, a minha apresentação geral de toda esta questão. Agora penso que será bom para nós que tenhamos uma análise geral de toda esta divisão prática, para podermos ver como os princípios que coloquei diante de vocês são concretamente elaborados pelo grande apóstolo. Sugiro uma análise como esta: o *capítulo 12:1,2* é uma introdução geral da divisão toda. Nestes versículos o apóstolo nos mostra por que devemos passar à aplicação. Aqui é declarada a tese geral. Depois, tendo feito isso, Paulo passa a ocupar-se de vários problemas distintos.

Pois bem, estes problemas evidentemente estavam perturbando a igreja da cidade de Roma naquele tempo. O apóstolo sabia disso. Ele tinha recebido mensagens das

igrejas; mantinha-se em contato com todas elas. Ele fala sobre o “cuidado de todas as igrejas”, que pesava sobre ele (2 Coríntios 11:28) – e ele sabia que certas coisas estavam ameaçando a vida da Igreja, tanto em Roma como em todo o império, problemas surgidos simplesmente da tentativa que os cristãos primitivos faziam de aplicar sua recém-encontrada fé. Por isso, com o fim de ajudá-los, ele se ocupa destes problemas, um por um. Ele firma os seus princípios e trata deles, e, torno a ressaltar, devemos dar graças a Deus por ele fazer isso, porque eu e vocês ainda somos confrontados pelos mesmos problemas. Às vezes eles tomam uma forma ligeiramente diferente, mas apenas na roupagem; o problema essencial continua sendo exatamente o que era no princípio. Os cristãos são “novas criaturas” em Cristo, tanto no século primeiro como no século vinte.

No capítulo 12:3-21 ele fala sobre os cristãos em sua relação com a igreja, e divide esta passagem em duas partes, como veremos.

No capítulo 13 ele se dedica à questão dos cristãos em sua relação com o mundo, com o Estado, com os magistrados “e as potestades que há”. Estes cristãos de Roma tinham nascido de novo, mas tinham que ver como relacionar-se com o Império Romano. Frequentemente o diabo vinha aos cristãos primitivos e dizia: “Porque agora vocês são cristãos, não têm mais nada a ver com o Estado; não lhe dêem atenção”. Por isso eles entravam em dificuldade e prejudicavam a reputação do evangelho. Não seria essa uma questão contemporânea com a qual nos defrontamos? Neste século há países onde os cristãos tiveram – e têm – que enfrentar essa situação agudamente. Que devem fazer os cristãos, se estão sob uma ditadura? Qual é a relação do cristão com o Estado? Este é um problema urgente. É problema para o não cristão, porém não da forma como o é para cristão. Neste ponto os cristãos sofrem maior tensão.

O capítulo 13 também interessa aos cristãos em sua relação com os incrédulos. Como você convive com eles? De que

maneira você procura harmonizar-se com eles? Como você se comporta com respeito a eles? Estas eram tremendas dificuldades na Igreja Primitiva, e acaso não são dificuldades para nós também? Mas, graças a Deus, temos ajuda aqui.

No *capítulo 14* Paulo nos leva de volta à esfera da Igreja. Sempre há coisas que tendem a romper a unidade da Igreja. O diabo sempre quer fazer isso. A Igreja é criação de Deus, “criados em Cristo Jesus” (Efésios 2:10). É a obra-prima de Deus. Por isso o diabo, assim como tentou arruinar e conseguiu desfigurar tanto a criação original, agora tenta corromper e arruinar esta nova criação. E assim luta para transtornar a vida da Igreja.

Como ele faz isso? Bem, causando mal-entendidos. Ele cria divergências e brigas quanto aos problemas que surgem na aplicação dos nossos princípios cristãos, indo até às minúcias da nossa vida. “Que dia você observa como o dia do Senhor? Deve ser o sábio judaico, ou o primeiro dia da semana – o dia do Senhor?” E lá estavam eles brigando. Eles entravam em dificuldade nessas e noutras questões – comer carne sacrificada aos ídolos, as relações entre senhores e escravos, e assim por diante.

E Paulo assinala que havia duas principais dificuldades. Algumas das pessoas mais esclarecidas da igreja da cidade de Roma condenavam e desprezavam os irmãos mais fracos que não comiam carne oferecida a ídolos. Esses irmãos “mais fortes” diziam: “Isso não é problema; está muito claro. Aqueles ídolos são apenas coisas, e, portanto, a questão da carne é completamente irrelevante e sem importância. Podemos comê-la quando quisermos”.

Mas o apóstolo os repreende por tomarem essa atitude. Vocês estão errados, diz ele, em desconsiderar o seu irmão mais fraco. Cristo morreu por ele, como morreu por vocês. Seja qual for a verdade a respeito da carne, a sua atitude para com o seu irmão é errada. Vocês estão fazendo mau uso, de fato estão abusando da liberdade do cristão.

Portanto, esta é uma questão altamente prática, e, quando passarmos a tratar dela, vamos aplicá-la em seu cenário moderno. O nosso problema não é a questão da carne oferecida a ídolos, mas há muitos problemas semelhantes, e temos grande necessidade de orientação nestas linhas, não somente com vistas à nossa paz e felicidade, porém também com vistas à vida da Igreja e à manutenção da unidade do povo de Deus.

No *capítulo 15:1-13* ele continua a tratar da questão da unidade do povo de Deus, especialmente em termos da relação dos judeus e dos gentios que se encontravam juntos na Igreja de Deus. Naturalmente, esse era um problema tremendo no século primeiro. Judeus e gentios, a antiga divisão, o conflito, o ódio, mas agora “a parede de separação que estava no meio” (Efésios 2:14) fora derrubada. Sim, é perfeitamente correto dizer isso na teoria, porém quando se tem que viver isso na prática, oh, que problema! Hoje a questão não é tão grave entre judeus e gentios, talvez, como o é entre brancos, negros e amarelos, assim chamados. Como se deve lidar com tais divisões? Graças a Deus, aqui temos ajuda e orientação prática.

No *capítulo 15:14-33* ele está concluindo sua carta e fala de maneira puramente pessoal. Diz ele, praticamente: “Estou preocupado com todas estas questões, e por isso escrevi a vocês. Tenho a honra de ser chamado apóstolo dos gentios, em particular”. Ele já nos dissera isso, mas torna a “glorificar o seu ministério” com o fim de ajudar estes cristãos de Roma. Voltando ao capítulo primeiro, vemos que ele escreveu: “Porque desejo ver-vos, para vos comunicar algum dom espiritual, a fim de que sejais confortados” (Romanos 1:11).^{*} Ele fala como cristão, como apóstolo e como mestre. Ele quer ajudá-los, seu coração inquieta-se por eles. É como se ele

^{*} VA: “estabelecidos”, “confirmados”; ARA: “confirmados”; NVI “fortalecidos”. Nota do tradutor.

disse: “Eu gostaria de poder estar com vocês. Quando eu for à Espanha, espero chegar aí, mas, por enquanto, envio-lhes esta carta e espero que ela os ajude. Não estou interferindo na vida de vocês. Não estou edificando sobre obra alheia. Realmente estou tentando apenas levá-los a terem algum entendimento, estou tentando aumentar sua alegria, de modo que em Roma a igreja exista inteiramente para a glória de Deus”. Essa é a parte restante do capítulo 15.

O *capítulo 16:1-16* é uma série de esplêndidas saudações, bons votos e saudações a várias pessoas. É maravilhoso que este gênio estupendo, este cérebro brilhante, este grande homem de Deus, desça a detalhes, a pessoas, a indivíduos. Graças a Deus que todos nós somos levados em conta em Sua economia. Paulo é um grande homem, sim, mas se interessa tanto pela pessoa mais insignificante, que seja verdadeiramente cristã, como nestas pessoas poderosas do mundo; interessa-se mais por tais pessoas do que pelo imperador. É assim que os cristãos se mostram, em todas as coisas. Assim, Paulo envia suas lembranças, digamos, a escravos e a bom número de pessoas que haviam sido bondosas para com ele e o tinham ajudado em várias ocasiões, e que desempenhavam algum papel na vida da igreja (em Roma).

O *capítulo 16:17-20* contém uma advertência final contra falsos irmãos. Como vocês podem ver, o apóstolo Paulo não somente pregava sermões longos, como aconteceu certa vez, quando pregou até à meia-noite e um pobre jovem cochilou e caiu da janela em que estava sentado (Atos 20:9-12)! – mas ele achava difícil parar de pregar, e igualmente achava difícil parar de escrever. Na verdade ele já tinha terminado, mas tanto se preocupa que o seu coração de pastor se comove, e nos versículos 17 a 20 adverte contra falsos irmãos, procurando animar os cristãos e mostrar-lhes como agir com tais pessoas.

O *capítulo 16:21-24* transmite saudações das pessoas que estavam com Paulo à igreja da cidade de Roma, e em particular a certos membros dessa igreja. Provavelmente o apóstolo

ditou grande parte da sua carta. Seus amanuenses estavam com ele, e ele não os ignorou – eles estavam desempenhando uma função. Se você meramente redige uma carta ditada, está servindo a Deus, porque está ajudando um Seu servo. E assim Paulo diz: “As pessoas que estão comigo também lhes enviam lembranças”. Que vida, a vida cristã é! Você, por assim dizer, paira sobre o empíreo, mas seus pés estão sempre firmes na terra, e para Deus não existe coisa alguma que seja pequena demais para fazermos. É vida grandiosa, é vida sobrenatural, porém também é vida natural. Como dissemos, inclui a pessoa completa. E assim temos, nos versículos 21 a 24, estas saudações especiais.

No *capítulo 16:25-27* Paulo, como usualmente faz, parece recuar, contemplar tudo mais uma vez, e vê que só há uma coisa que lhe resta fazer, qual seja, irromper numa grandiosa doxologia. E dessa forma ele termina a sua extraordinária carta.

Temos aí, pois, a análise geral do restante desta majestosa Epístola aos Romanos. Permitam-me concluir com uma breve análise do capítulo 12.

Versículos 1,2 – introdução geral, como já assinalai.

Versículos 3-8 – a vida de serviço do cristão na igreja; os cristãos exercendo os dons que lhes foram dados; os cristãos como pessoas que trabalham na igreja.

Versículos 9-21 – os cristãos em sua relação com seus companheiros como membros da igreja. Todos nós temos algum dom, e Paulo nos diz como exercê-lo. Mas, em acréscimo, e igualmente importante, devemos conviver uns com os outros. Não é questão de quão dotado você é; se você é de difícil convivência, os seus dons não têm nenhum valor. Sempre há este equilíbrio.

Portanto, no primeiro capítulo deste volume, espero mostrar a vocês que temos aí uma visão dos homens e mulheres cristãos em sua maneira de viver a vida na igreja. Mas, por certo, devemos começar considerando a apresentação geral

de como os cristãos vivem todos os aspectos da sua existência enquanto permanecem neste mundo: sua vida na igreja; sua vida no mundo. O apóstolo nos mostra que há grandes princípios que abrangem tudo isso, e que de várias e diversas maneiras os cristãos têm que aplicar a doutrina que receberam. E o apóstolo foi levantado por Deus e chamado para ser o apóstolo dos gentios a fim de ajudar-nos e assessorar-nos na aplicação e no desenvolvimento da doutrina que recebemos. Bendito seja o nome de Deus!

2

“Rogo-vos pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus.” – Romanos 12:1,2

Agora estamos em condições de começar a examinar em detalhe os primeiros dois versículos do capítulo doze da Epístola de Paulo aos Romanos. Eles constituem uma declaração muito importante, sob muitos pontos de vista, principalmente porque estabelecem para nós os grandes princípios que governam a conduta cristã. A Bíblia dá grande atenção a este assunto, como tenho lembrado a vocês, e não há dúvida nenhuma de que esta é uma questão sumamente importante, em especial na hora presente, quando há muito entendimento errôneo acerca do modo como os cristãos devem comportar-se.

Mas, deixando isso à parte – e esta é a minha principal razão para dar esta ênfase – eu creio que do ponto de vista da evangelização não há nada mais importante do que a vida vivida pelo povo cristão. O mundo vem dizendo isso há anos; sempre o disse, porém o está dizendo particularmente nos dias atuais. “Para ele é fácil dizer isso”, diz o povo, “mas, como ele *vive*? Como ele põe isso em prática?”

Estou certo de que no meio de toda a confusão do mundo contemporâneo, não há coisa que ainda fale às pessoas de um modo que nenhuma outra coisa fala, e essa é a qualidade da

vida que se leva – as pessoas estão sempre prontas a dar ouvidos a isso. Por essa razão convém que nós, como cristãos, atribuamos grande significação à nossa prática, à nossa conduta, ao nosso comportamento. Assim é que nestes dois versículos, com os quais o apóstolo introduz toda a próxima divisão, com todo o minucioso trato de problemas particulares, ele firma o seu ensino geral, que governa toda esta questão.

Pois bem, eu tentei dividir o seu ensino sob vários títulos ou princípios. O primeiro é bastante simples, e, contudo, muito interessante. Notem a maneira pela qual o apóstolo apresenta o assunto a estes membros da igreja da cidade de Roma. Ele começa chamando-os “irmãos”. “Rogo-vos pois, irmãos, pela compaixão de Deus...”. “Irmãos”! O apóstolo era um grande homem, dotado de habilidades incomuns, brilhante como estudioso, ocupando posição proeminente como fariseu. Mas, ei-lo aqui, apóstolo de Jesus Cristo, comissionado pelo próprio Senhor ressurreto no caminho de Damasco. Ele tinha visto o Senhor ressurreto com os seus próprios olhos, e recebera dEle uma comissão, uma incumbência. Tinha sido concedida a ele uma revelação de maneira deveras excepcional, e ele tinha sido usado na operação de milagres e em muitos outros aspectos. E, todavia, observem a sua humildade. Ele não fala sobreabundantemente a estas pessoas. Os membros da igreja de Roma não só eram pessoas muito comuns, mas também a probabilidade é de que muitos deles eram escravos, servos e soldados. Na Epístola aos Filipenses Paulo se refere àqueles que eram “da casa de César” (Filipenses 4:22), e faz referências a eles noutras Epístolas. Não há dúvida de que a Igreja começou entre pessoas simples, comuns. Poder-se-ia dizer de Roma o que foi dito da igreja de Corinto: “...nem muitos os poderosos, nem muitos os nobres que são chamados” (1 Coríntios 1:26). Contudo, Paulo escreve a eles tratando-os como “irmãos” – coloca-se no mesmo nível deles.

Ora, isso é verdadeiramente interessante. Vocês verão os outros apóstolos fazendo exatamente a mesma coisa. O apóstolo

Pedro diz: “Aos presbíteros, que estão entre vós, admoesto eu, que sou também presbítero com eles, e testemunha das aflições de Cristo, e participante da glória que se há de revelar: apascentai o rebanho de Deus, que está entre vós, tendo cuidado dele, não por força, mas voluntariamente; nem por torpe ganância, mas de ânimo pronto; nem como tendo domínio sobre a herança de Deus, mas servindo de exemplo ao rebanho” (1 Pedro 5:1-3). Novamente ele escreve: “Simão Pedro, servo e apóstolo de Jesus Cristo, aos que conosco alcançaram fé igualmente preciosa pela justiça do nosso Deus e Salvador Jesus Cristo” (2 Pedro 1:1). Os apóstolos não tinham uma fé especial; só existe uma fé. Nós todos somos salvos pela fé, e é a mesma fé referida na expressão: “aos que conosco alcançaram fé igualmente preciosa”. Pedro não exerce domínio senhorial sobre os seus companheiros cristãos; nem tampouco o apóstolo Paulo o faz.

E João escreve exatamente da mesma maneira. Ele introduz a sua Epístola nestes termos: “O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado, e as nossas mãos tocaram da Palavra da vida” (1 João 1:1). E no versículo 3 ele dá a sua razão para escrever: “O que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos, para que também tenhais comunhão conosco; e a nossa comunhão é com o Pai, e com seu Filho Jesus Cristo”.

Agora vocês poderão perguntar: “Qual a importância disso para mim?” Bem, para mim é muito importante. Nos dias atuais ouvimos muita coisa sobre dignitários e hierarquias. Aqui se fala de vários ofícios eclesiásticos exercidos por grandes homens, os quais são chamados lordes, ou senhores. Basta olhá-los de longe para ver neles os “senhores sobre a herança de Deus” (1 Pedro 5:3, VA). Mas isso não é Novo Testamento; não é apostólico. Tais senhores falam em “sucessão apostólica”; dizem-se “sucessores de Pedro”, entretanto não são; eles contradizem as palavras de Pedro. Eles são senhores; são príncipes; são chefes de Estados. Não se vê isso no Novo

Testamento. “Rogo-vos pois, *irmãos...*” Aí está a maneira apostólica.

Quão longe a Igreja anda do padrão original! É bom que notemos estas coisas enquanto prosseguirmos. Quando a Igreja começa a imitar o Estado – começou a fazer isso, claro, no tempo de Constantino, e vem sempre fazendo isso daquele tempo em diante – quando a Igreja modela o seu governo, ou qualquer outra coisa, pelo Estado, viola o princípio do Novo Testamento. O grande apóstolo senta-se no banco, por assim dizer, com o cristão mais humilde, e diz: somos irmãos. Somos participantes da mesma “salvação comum” (Judas 3; cf. Tito 1:4). Temos a mesma “fé preciosa” (1 Pedro, capítulo 1). Somos todos um em Cristo Jesus.

Paulo não está querendo dizer que todos eles são absolutamente iguais. É evidente que o apóstolo Paulo tinha dons e capacidades que eles não possuíam, porém isso não importa. O ponto que ele assinala é que, fundamentalmente, somos todos um. O apóstolo, como todos os demais, nada era senão um pecador salvo pela graça de Deus. Na verdade, ele fala em “pecadores, dos quais eu sou o principal”. * Visto que ele nunca se esquecia disso, aparece este elemento de humildade.

Vemos que a seguir ele diz também – estes são apenas pontos preliminares – “Rogo-vos”. Ele não lhes ordena, ele pleiteia com eles. “Peço-vos”, diz ele. “Eu vos imploro.” Essa também é uma nota característica do Novo Testamento, e, nalguns aspectos vitalmente importantes, difere até do Velho Testamento. Moisés “ordenava”, o apóstolo “roga”. E também vocês podem ver a relevância disso na história da Igreja. Não deveria existir nada de mandar de ordenar, de insistir em tom senhorial.

Vocês entendem o que tenho em mente? Há segmentos da Igreja que são governados e controlados por um sacerdócio, ou clero. Há um ofício sacerdotal, ou eclesiástico, e existem

* NVI: “...dos quais eu sou o pior”. Nota do tradutor.

nações e povos que simplesmente recebem ordens do clero – o povo comum. Eles nada sabem. É dito a eles o que devem e o que não devem fazer, e eles não ousam desobedecer. Mas isso não é Novo Testamento. “Rogo-vos”, diz o apóstolo, “que ouçam o que tenho para dizer-lhes.” Com que facilidade a Igreja esquece o modelo primitivo, original, e muda para algo completamente diferente, para algo imensamente distante do *ethos*, das características próprias, da atmosfera que se vê aqui, no Novo Testamento. Aí está, pois, o primeiro ponto: a maneira pela qual o apóstolo introduz o seu tema e se dirige aos membros da igreja da cidade de Roma.

Mas agora, em segundo lugar, por que havemos de viver a vida cristã? Quais são os nossos motivos? Que é que nos persuade a viver como cristãos? Sinto que isso é de vital relevância para nós, porque aqui o apóstolo nos mostra a diferença essencial entre conduta cristã, por um lado, e todos os sistemas éticos, por outro.

Isso é importante porque há muitas pessoas no mundo atual que estão preocupadas em viver uma vida moralmente boa. Isso não se restringe aos cristãos. No momento muito se ouve falar sobre os “humanistas”, como são chamados, e na hora presente o humanismo arma um dos mais sérios ataques já feitos contra a fé cristã. O argumento deles é que se pode viver uma vida moralmente boa sem ser cristão. Dizem eles que chegou o tempo em que as pessoas cresceram e começaram a pensar, e desistiram deste absurdo acerca de Deus, do mundo invisível e de toda esta prosa sobre uma pretensa encarnação e redenção, e tudo mais que lhe diz respeito. De modo que eles são “humanistas”.

Com efeito, os humanistas garantem que vivem uma vida moralmente boa, e muitos deles de fato vivem, se bem que isso não é verdade a respeito deles todos, naturalmente – há entre eles os que não passam de palradores, como os há em toda parte! Vamos, porém, conceder-lhes isso. Há entre eles muitos que realmente vivem vida virtuosa. Mas agridem a fé

cristã, e não somente isso, freqüentemente perturbam os cristãos simples, que não sabem como lhes dar resposta. Esses dizem: “Aí estão estes humanistas, e temos que admitir que eles vivem vida de boa moral. Contudo, eles negam tudo aquilo em que nós cremos”.

Mais uma razão importante para entendermos bem isto é que hoje há uma tendência, entre muitos da Igreja que se dizem cristãos, de elevar o comportamento à posição suprema e a dizer que não importa muito o que as pessoas crêem, contanto que tenham vida moralmente boa. Topamos com essa atitude quase todo dia. Morrem pessoas, e quando vocês lêem os obituários publicados, vêem que se derrama prodigamente grande louvor exaltando homens e mulheres que negavam os elementos vitais da fé cristã. Por que são elogiados? Porque “eles faziam o bem”. Este é um assunto muito sério. Se vocês dizem que todo aquele que tem vida virtuosa é cristão, podem jogar fora o Novo Testamento e liquidar a Igreja Cristã, visto que não é mais necessária.

Assim, pois, o ensino do apóstolo aqui pode ser expresso nestes termos: o que realmente importa não é *o que* fazemos, mas *por que* o fazemos. Noutras palavras, vocês podem mostrar-me duas pessoas que parecem ter o mesmo tipo de vida, que praticam as mesmas boas ações, de modo que, olhando exteriormente para elas, vocês diriam: “Realmente não há nenhuma diferença entre estas duas pessoas – ambas vivem vida altamente moral, ambas dedicam tempo e energia a prestar ajuda a outros, estão sempre fazendo o bem – as duas!” E, todavia, pode muito bem acontecer que uma delas seja cristã, ao passo que a outra não, podendo até ser um opositor ou opositora do cristianismo. Pode acontecer que seja um humanista, quer científico quer clássico, não importa. Então, como vocês vão distinguir a diferença entre as duas pessoas? Aqui está a resposta: a questão vital, repito, não é o que as pessoas fazem, mas por que o fazem.

Qual será, então, a diferença essencial entre os cristãos

em seu modo de viver e todos os demais? Por vezes é esta: tomem o caso dos humanistas. Sua conduta não tem nenhuma relação com Deus. Eles não crêem em Deus. Consideram-nO como produto do folclore, como superstição, como algo de que devemos livrar-nos. Daí, por que têm boa vida moral? É por razões de prudência, o que alguns dos grandes filósofos do século dezenove denominaram razões “utilitárias” – o *utilitarismo*.*

John Stuart Mill,** por exemplo, tem atualmente muitos seguidores que nunca ouviram falar dele. Dizem eles que a razão para se viver uma vida virtuosa é pura questão de bom senso. O bom senso indica que, se você quer ser feliz, não vai beber, porque vai sofrer se beber, e a bebida o meterá em dificuldades. Se quiser ser verdadeiramente feliz, não deverá ser sexualmente promíscuo, porque isso também lhe causará problema. Utilitarismo! Prudência! Bom senso! Eles dizem: “Você só tem que pensar bem nestas coisas para ver que todos devem viver segundo um bom código moral. É melhor para toda a raça humana, é uma classe de vida melhor”. São essas as suas razões, e não têm relação alguma com Deus. Aí está desde logo, como vocês podem ver, uma diferença essencial entre o humanista, o homem de boa moral, o bom pagão, e o cristão.

Mas permitam que eu siga adiante. Há outros que estão vivendo uma vida virtuosa que *realmente* se relaciona com Deus – nem todos são humanistas. Vejam, por exemplo, indivíduos como o judeu ortodoxo, o muçulmano e muitos outros. Muitas vezes tais pessoas têm um padrão muito alto de moralidade, e elas dizem que a razão para viverem assim é que elas crêem

* O Dr. Waldyr Carvalho Luz, em suas aulas de filosofia e história da filosofia no Seminário Presbiteriano de Campinas (SPS), definia o pragmatismo utilitário com uma frase curiosa. Dizia ele: “O teor da pragmática é o seguinte: a verdade corresponde à utilidade das noções elaboradas”. Nota do tradutor.

** Filósofo inglês (1806-73), principal proponente da teoria ética do utilitarismo.

em Deus. Deus o ordena, e esse é o seu modo de servi-lo. Portanto, há uma relação com Deus como base da sua vida, e, contudo, conforme as palavras do apóstolo aqui registradas, isso não é cristão. Elas não têm os mesmos motivos; não são movidos pelas mesmas considerações e convicções do cristão.

Por que será, então, que essas pessoas têm vida moralmente boa? Em grande parte porque têm medo de Deus. Puro medo, medo covarde. Medo do castigo. Pode bem ser que estejam vivendo assim porque dizem a si mesmos: “Se não vivermos dessa maneira, seremos punidos, mas, por outro lado, se vivermos assim, acumularemos méritos, e Deus Se agradará de nós. Ele será levado a perdoar os nossos ocasionais pecados, falhas, e culpas, e teremos a garantia de que vamos para o céu quando morreremos”. Elas estão tentando levantar um grande monte de justiça que satisfaça a Deus e garanta a salvação delas.

Pois bem, outrora o próprio apóstolo tinha sido como aquelas pessoas. É exatamente o que ele nos conta naquela pequena peça autobiográfica que lemos no capítulo três da Epístola aos Filipenses. Sua vida era excelente, segundo as leis, e ele se achava magnífico. Sentia-se plenamente satisfeito consigo mesmo, contente consigo. Ele achava que estava agradando a Deus e que tudo estava bem. Mas depois passou a ver que tudo isso não passava de “esterco”, “refugo”, “perda”. Vocês não vêem quão tremendamente importante é tudo isso? Dizer que não importa no que as pessoas crêem e que devemos observar a vida que elas vivem, os sacrifícios que fazem e os tremendos benefícios que fazem, é negar estes dois versículos de Romanos, capítulo 12. É realmente ser anti-cristão. Reitero mais uma vez que o que determina se os homens e as mulheres são cristãos ou não, não é o que eles fazem, mas por que o fazem. E isso explica a ênfase do apóstolo aqui.

Noutras palavras, aqui, nestes dois versículos, temos os princípios, um sumário perfeito, da verdadeira doutrina bíblica da santificação. Vejamos, primeiramente a palavra

“pois”. “Rogo-vos pois, irmãos.” Aí está a nossa primeira divisão. A segunda será, “pela compaixão de Deus”. Pois bem, aqui, como já dissemos, estamos tratando da esfera do motivo, do que nos persuade a viver a vida cristã. Não há como duvidar de que a grande luta pela fé cristã nos próximos anos vai ser justamente sobre esta questão. Acabamos indo contra uma grande ênfase à conduta, à atividade, ao comportamento. É aí que entra a confusão, e aqui está a única resposta – o motivo.

Paulo divide o assunto em duas partes. A primeira é o apelo à mente, ao entendimento – “pois”. E que quer ele dizer com essa palavra? Primeiro coloquemos os termos negativamente. Paulo afirma que o cristão não vive a vida moralmente boa como uma espécie de obediência mecânica à lei. Este é também um ponto crucial. Os cristãos vivem como vivem, não meramente para conformar-se a um padrão, não simplesmente porque outros vivem dessa maneira, nem porque outras pessoas lhes dizem que o façam. Há muitos cristãos que fazem isso, não há? São levados a uma reunião, afirmam que se converteram, e então lhes dizem: “Bem, então, agora que vocês se converteram e são cristãos, parem de fazer isto e comecem a fazer aquilo”. E eles obedecem.

Contudo não sabem por que estão obedecendo. Não entendem. Deram-lhes regras e regulamentos. Disseram-lhes que todos os que pertencem a este grupo vivem desta maneira. E assim eles se enquadram no mesmo padrão de conduta e não conseguem dar uma razão para isso, exceto que é isso que fazem os que pertencem a este círculo. Eles pertenciam a outros círculos e se conformavam a outros padrões. Antes da conversão, no mundo, faziam todas as coisas que o mundo faz, bebiam, dançavam, faziam até coisas terríveis, porém agora assumiram este novo modo de viver. Mudaram de um padrão de conduta para outro.

Mas, segundo o apóstolo, isso está totalmente errado. Você nunca deve agir sem aplicar a inteligência. Nunca deve viver

deste ou daquele modo sem entender por quê. *Portanto* (VA), ou, *Pois*, diz o apóstolo. Você deve ter uma razão, a sua mente deve estar no controle. O “pois” do apóstolo Paulo significa que o nosso comportamento deve ser racional. Portanto, não viva a vida cristã mecanicamente. Não permita que ninguém ponha você de novo debaixo da lei.

A lei diz: “Faça isto”.

Você pergunta: “Por que devo fazê-lo?”

A lei responde: “Não faça perguntas”.

Há muitos pais que respondem dessa forma aos seus filhos, não há? “Por que eu estou dizendo que faça.” Talvez até certa idade isso esteja certo, mas, se você continuar agindo assim, será um desastre. Você deve explicar. Deve dar razões. Esse é, pois, um dos argumentos em termos negativos.

Mas, vejamos outro. A palavra “pois” diz-nos também que a vida cristã, a vida de santificação, não é uma experiência que se recebe. Esse é igualmente um ensino popular. Há os que dizem: “Você recebeu a sua justificação pela fé, agora receba também a sua santificação pela fé”. Dizem eles: “Você pode obtê-la. Você pode entrar numa reunião não santificado e sair dela santificado. Você recebe isso numa experiência”. Esse tipo de ensino não é recente – João Wesley o iniciou, e daí por diante teve continuidade sob várias formas. Penso que isso não passa de uma confusão intelectual. As pessoas têm experiência genuína, porém não devem chamá-la santificação.

Entendamos bem. É certo que as experiências são um tremendo auxílio para a santificação. Qualquer rica experiência promove a santificação, mas ela mesma não é santificação. Você não deve dizer que “recebe” a sua santificação. A palavra “rogo-vos” de Paulo nega isso de imediato, e a palavra “pois” faz a mesma coisa.

Prossigamos, porém. Também vemos, em terceiro lugar, sob este título negativo, que o viver cristão nunca deve ser apresentado como uma permanência passiva em Cristo. Aqui de novo está outro ensino popular. Há pessoas que dizem:

“O seu erro, veja você, é fazer esforço. Você está lutando. Você está pelejando. Não deve fazer isso. Você não deve fazer nada. Abra mão de tudo. Deixe a coisa correr. Seja passivo. Deixe que tudo seja feito a seu favor. Você não o pode fazer – você não tem nada. Na verdade, não se pede que você faça coisa alguma”.

Pois bem, esse ensino tem sido muito popular, mas onde entra o “pois”? É excluído. Por isso eu acho que os argumentos negativos são tão importantes. Se essas coisas fossem certas, o apóstolo nunca teria empregado as palavras “rogo-vos” e “pois”. Não há lugar para elas nesses diversos ensinos, mas aqui elas ocupam precisamente o centro, constituem o alicerce da apresentação que o apóstolo faz da doutrina da santificação.

Na verdade eu posso ir mais longe. Se esses outros ensinos fossem verdadeiros, o apóstolo não teria escrito os capítulos 13 a 16 de Romanos. Tendo concluído o capítulo 11, ele teria dito apenas: “Muito bem; agora que vocês possuem tudo isso pela fé, só deverão dar mais um passo: tomem a santificação pela fé também. Parem de fazer o que quer que seja”. E teria terminado a sua carta. Mas, ei-lo aqui – “pois”. E expõe em detalhe como se deve viver a vida cristã, com argumento, com dedução lógica e com urgência. Portanto, estes princípios são de muitíssima importância. Compete-nos deixar-nos guiar pelas Escrituras, e este é o método escriturístico de santificação.

Então, que é santificação em termos positivos? Está tudo nesta palavra “pois”, e ela significa que a conduta cristã deve ser resultante do ensino; sempre, invariavelmente. “Rogo-vos pois” – à luz do quê? E isto é interessante: “Rogo-vos pois, irmãos, *pela compaixão de Deus...*”. Pois bem, há alguns que parecem pensar que, com o seu “pois”, o apóstolo só se refere ao que ele acabara de dizer no capítulo 11, porém isso é patentemente errôneo. Paulo inclui aquele capítulo, mas eis o que ele está dizendo: “À luz de tudo o que eu estive dizendo a vocês desde o versículo 16 do capítulo primeiro, agora

“rogo-lhes”. A palavra “pois” olha retrospectivamente para todo o ensino doutrinário que estivemos considerando nos primeiros onze capítulos. E é isso que assinala o comportamento cristão, distinguindo-o de todos os outros tipos de viver ético. É tudo resultado desta grande doutrina.

Permitam-me sumariar para vocês a doutrina: é a doutrina da Queda, a doutrina do homem criado à imagem de Deus, e caindo, pecando contra Ele. Isso foi o capítulo primeiro de Romanos, que é a condição dos gentios. “Porquanto, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças, antes em seus discursos se desvaneceram...” (Romanos 1:21). Por que será que o mundo está uma balbúrdia? Esta é toda a resposta: eles “honraram e serviram mais a criatura do que o Criador” (versículo 25). Por conseguinte, é isso que determina como eu vivo e como eu me comporto. Vejo desde logo, por causa desta doutrina, que vivi como vivi porque sou uma criatura decaída, porque pequei contra Deus, porque Adão pecou e caiu.

Vocês já tinham captado isso? Vocês devem compreender, primeiramente e acima de tudo, por que vocês viveram aquela velha vida mundana. Segundo o apóstolo, é essa compreensão que os leva ao modo cristão de viver. E depois vocês compreendem que os homens e as mulheres são despertados pela lei para verem que estão sob condenação. Eles tentam viver uma vida melhor, e tentam salvar-se e reconciliar-se com Deus, mas não conseguem. Enquanto pensarem que conseguem, não serão cristãos e não viverão a vida cristã. Não, não; os cristãos são pessoas que vieram a entender que só há um meio de salvação – “Mas agora...” (Romanos 3:21). Justificação pela fé somente. Esse é o único meio.

A justificação significa que Deus tomou o nosso pecado e o nosso fracasso, colocou-o sobre o Seu Filho, e O puniu em seu lugar. À luz disso, Ele pode perdoar-nos por Sua livre graça, e pode reconciliar-nos consigo. Não fazemos nada, apenas cremos. Somos “justificados pela fé sem as

(independentemente das) obras da lei” (Romanos 3:28).

Daí a afirmação do apóstolo – e essa é a simples verdade – é que os homens e as mulheres jamais poderão viver a vida cristã, a não ser que entendam a justificação pela fé somente. Unicamente os justificados pela fé podem viver esta vida. Como Paulo diz em Efésios 2:10: “Porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras”. Essa é a ordem. Mas depois, como já vimos, Paulo não pára na doutrina da justificação. Tendo tratado disso, ele passa a tratar da doutrina da nossa união com Cristo. Estávamos em Adão, e fracassamos nele, porém, como estávamos em Adão, assim estamos em Cristo. Ligados a Adão, ligados a Cristo; Lembrem-se dos capítulos 5 e 6 – oh, a maravilha disso tudo!

Portanto, os homens e as mulheres cristãos vivem a vida cristã por causa disso tudo. É isso que lhes dá o motivo. Eles agora estão “em Cristo”, e sabem que estão em Cristo porque foram escolhidos. Assim Paulo nos comunica as grandes doutrinas da predestinação, da vocação e da santificação – todas elas estão aqui, em Romanos. O apóstolo diz: “À luz disso tudo...”. Mas não pára na santificação. Ele continua e passa a falar sobre a filiação. “Porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus” (Romanos 8:14). Deus colocou o Seu Espírito em nosso coração, “pelo qual clamamos: Aba, Pai” (8:15). Aí está “o novo homem” em Cristo Jesus. Os cristãos nasceram de novo; eles têm esta nova natureza. O Espírito de Deus está neles, atuando neles, e eles são guiados pelo Espírito. É por isso que eles querem viver a vida moralmente boa, e é como a vivem.

E depois Paulo escreve sobre como continuar indo adiante. Diz ele que seremos preservados: “a perseverança final dos santos”. “Aos que justificou a estes também glorificou” (8:30); nada “nos poderá separar do amor de Deus” (8:39). “As aflições deste tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há de ser revelada” (8:18). Somos “filhos” de Deus; somos “co-herdeiros de Cristo” (8:17). Estamos sendo

preparados para a glória. Há uma gloriosa herança além da morte e do sepulcro. Cristo voltará. Ele vai estabelecer o Seu reino, e nós estaremos nele. É isso que Paulo estivera colocando diante de nós. E depois ele passou a expor como isto vai acontecer com os judeus e com os gentios – por meio do grande plano divino de redenção em nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Esse é o conteúdo da palavra “pois”. Paulo estivera estabelecendo isso tudo, descortinando tudo isso para nós. E então diz: “Bem, agora, à luz disso tudo, “rogo-vos”...”.

Permitam que a seguir eu o diga na forma de princípios. O nosso comportamento como cristãos é sempre uma dedução da nossa doutrina. E este apóstolo gosta muito de dizer isso. Ele o diz de maneira belíssima em Filipenses 1:27: “Somente deveis portar-vos dignamente conforme o evangelho de Cristo” (ou, VA: “Somente seja a vossa conversação” (a vossa maneira de proceder) “como convém ao evangelho de Cristo”). “Convém” ali significa, “ajusta-se”, “conforma-se”, “amolda-se”, “é própria de”. Como ilustração, pode-se pensar num vestido de senhora. Alguém pergunta: convém? É apropriado? Não é próprio de uma senhora não jovem vestir-se como uma moça. As diferentes partes do vestuário combinam? Paulo diz: “Somente seja a vossa conduta, o vosso comportamento como convém ao evangelho de Cristo”. Seja uma indicação dele, combine com ele.

Ou vejam como o nosso Senhor Se expressa a respeito. Disse Ele: “A verdade vos libertará” – é somente a verdade que nos liberta, nada mais. “Se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente sereis meus discípulos; e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (João 8:31,32). Ou observem Sua oração em João, capítulo 17: “Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade” (João 17:17). É assim que se é santificado; é sempre pela verdade. Portanto, repito, a conduta é sempre uma dedução da doutrina.

Em segundo lugar, a conduta e a doutrina jamais devem ser separadas. Isso é muito importante do ponto de vista da

evangelização. Existe uma forma de evangelização que separa uma da outra e diz: “Agora tudo o que você precisa fazer esta noite é vir a Cristo e receber o Seu perdão”. Basta que tenha isso, por assim dizer. Não há menção de nada mais. Essa evangelização é falsa, porque não inclui nenhuma lei. A verdadeira evangelização sempre sugere a doutrina integral. Ela sempre tem um elemento de lei e de condenação. Sempre nos remete a Deus. Há uma evangelização superficial que coloca o evangelho inteiramente em termos dos seres humanos. Você se sente infeliz? Anda inquieto? Quer isto ou aquilo? Venha a Cristo, e terá o que quer. E por isso o povo vem. Eles nunca tremem sob a santa lei de Deus, e isso porque nunca foram instruídos a respeito. “Bem”, dizem eles, “está tudo bem comigo agora, estou perdoado.” E são negligentes quanto à sua conduta. Eles nunca compreenderam a importância do comportamento cristão porque nem sabem por que uma pessoa é salva.

Em terceiro lugar, o comportamento dos homens e mulheres cristãos sempre deve ser inevitável, à luz da sua doutrina. O “pois” sugere isso. Permitam que me expresse da seguinte maneira: um termo que às vezes empregamos é *antinomismo*. Os que se contentam só com um entendimento intelectual do evangelho são culpados de antinomismo. Eles dizem: “Eu vejo a verdade, creio nela, agora estou salvo. Em certo sentido, não importa o que eu faça. Estou salvo, estou salvo”. As pessoas que crêem na eleição são particularmente propensas a cair neste pecado terrível.

E o problema delas é que realmente nunca entenderam a doutrina. O fato delas poderem dizer que conhecem a doutrina de Deus, a doutrina da Queda, a doutrina da justificação pela fé somente, a doutrina da eleição e todas as outras grandes doutrinas, e sua conduta não ser afetada nem um pouco, significa, ou que elas não entenderam as doutrinas, ou que elas são lunáticas! É pura fantasia gloriar-se num conhecimento de doutrina que não afeta a sua vida! É grotesco!

Pois bem, o apóstolo tinha tratado de tudo isso no capítulo 6. Ele tinha lançado sua grande doutrina, e então imagina alguém dizendo: “Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que a graça abunde?” E o apóstolo responde: “De modo nenhum. Nós, que estamos mortos para o pecado, como viveremos ainda nele?” (Romanos 6:1,2). Se você torce a sua doutrina de molde a desculpar a má conduta, então, meu caro amigo, você precisa receber instrução sobre doutrina. Você não a entendeu. Você a tomou como que de maneira desligada e teórica, porém ela nunca se apoderou de você. Não, não, a conduta, o comportamento, sempre deve ser inevitável. O antinomismo é excluído.

Mas eu gostaria de dizê-lo desta outra maneira, e aqui temos uma boa prova para testar a nossa posição: o ensino do Novo Testamento sobre a santificação o ofende? Você tende a protestar contra a disciplina da vida cristã? Você acha que, na verdade, a vida cristã é dura e estreita? Você diz, “Quero ser cristão. Quero ser perdoado. Claro, quero ir para o céu. Mas não posso ver que devo deixar de fazer isto e que devo fazer aquilo”? Atualmente, muitas vezes topamos com um desbastamento dos elevados padrões morais do Novo Testamento e com a escusa da conduta indisciplinada em muitos domínios e departamentos. O que se vê é que muitos acham pesados os mandamentos de Deus. Todavia o cristão não deve ter essa idéia. O cristão verdadeiro diz: “É inevitável; portanto, só posso viver desta maneira. Não discuto isso. Posso ver que uma coisa segue-se à outra, como a noite segue-se ao dia”.

Diz o apóstolo João: “Os seus mandamentos não são pesados” (1 João 5:3), e, se os achamos pesados, seríamos cristãos afinal? Que é que há conosco? Nós nascemos de novo? Temos entendido a doutrina? Entendemos a real razão para a salvação? Estas coisas são muito importantes. Você diz: “Gravei a doutrina. Tenho-a toda”. Tem mesmo? Logo lhe direi se você a tem ou não. Há algo chocho no que se refere a entender doutrina. A doutrina se mostra

inevitavelmente na forma como nós vivemos.

E, em quarto lugar, a doutrina sempre determina em detalhe a natureza exata do nosso comportamento. Os cristãos sempre sabem por que se comportam de uma dada maneira. É sempre uma dedução da verdade.

Depois, por último, é unicamente esta doutrina que me mostra estas duas coisas: primeiro, por que devo viver esta vida moralmente boa. Meus motivos não são nem o proveito utilitário nem a prudência. Não, não! Os motivos para eu procurar viver a vida cristã são: sou filho de Deus e tenho a esperança da glória. O apóstolo João diz: “E qualquer que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também ele é puro” (1 João 3:3). Se eu digo que estou esperando encontrar-me com Ele e vê-lo como Ele é, e continuo vivendo de qualquer jeito ou maneira, estou contradizendo a mim mesmo. Doutrina! Toda a extraordinária doutrina destes primeiros capítulos mostra-nos por que devemos viver esta vida cristã.

Segundo, a doutrina nos mostra a única maneira pela qual esta vida pode ser vivida. Porque, se você se puser diante do Sermão do Monte e tentar vivê-lo por suas forças, logo verá que não consegue. A doutrina nos diz que o Espírito está em nós. O apóstolo tinha colocado essa verdade para nós no capítulo 7 com estas palavras: “Quando estávamos na carne, as paixões dos pecados, que são pela lei, obravam em nossos membros para darem fruto para a morte. Mas agora estamos livres da lei, pois morremos para aquilo em que estávamos retidos; para que sirvamos em novidade de espírito, e não na velhice da letra” (Romanos 7:5,6). Novamente, no capítulo 8, ele diz: “A lei do Espírito de vida em Cristo Jesus me livrou da lei do pecado e da morte” (versículo 2, VA). “Para que a justiça da lei fosse cumprida em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito” (versículo 4). Somos “guiados pelo Espírito de Deus” (versículo 14), e o poder do Espírito de Deus está em nós. “Se pelo Espírito mortificardes

as obras do corpo, vivereis” (versículo 13).

Temos aí, pois, os primeiros princípios, ou a primeira subdivisão deste primeiro grande princípio. Aí está o motivo para viver esta vida. Minha mente o vê nas doutrinas; é inevitável à luz delas. Eu não vi bem a doutrina, se ela não me levou a este “pois”. O meu entendimento da doutrina é o motivo e o poder dominante do fato de eu viver esta vida santificada em Cristo Jesus.

3

“Rogo-vos pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus.” – Romanos 12:1,2

Concluimos o estudo anterior dizendo que unicamente a doutrina é que nos mostra por que devemos viver a vida cristã, e como nos é possível vivê-la. Isto afirmamos como cristãos – que ninguém pode viver esta espécie de vida, exceto o cristão. Essa é a nossa resposta aos humanistas. O humanismo está fadado a fracassar, na verdade está fracassando, e nisso está a nossa oportunidade. A nossa afirmação é que não adianta dizer aos homens e mulheres o que eles devem fazer, pois eles não pode fazê-lo. Não é de conhecimento e de informação que a humanidade necessita, é de poder.

Há pessoas que sabem exatamente o que devem fazer, mas não o fazem. Tenho usado muitas vezes este argumento. Qualquer medico sabe muito bem quais são os maus efeitos do consumo excessivo de álcool, mas isso não significa que nunca houve um médico culpado de se exceder no uso de bebidas alcoólicas; freqüentemente o que acontece é o contrário. O conhecimento é essencial, porém não é suficiente. Todo o problema da raça humana não é de conhecimento, é problema de poder, e há só uma resposta. Somente aqui nos é mostrado por que *devemos* viver esta espécie de vida, e somente aqui nos é mostrado como *podemos* vivê-la.

Daí, tudo vem a dar nisto: devemos começar procurando compreender quem somos e o que somos. É a velha história da mensagem de Horatio Nelson na manhã da batalha de Trafalgar: * “A Inglaterra espera que cada homem cumpra hoje o seu dever”. O dever é algo aplicável; a honra da escola, a honra da família. Como cristão, você é filho de Deus. Você não foi só reconciliado com Deus e perdoado, você “nasceu de novo”, você está “em Cristo”, você tem uma nova natureza, uma nova perspectiva, e o Espírito de Deus está em você. Paulo nos estivera dizendo isso tudo.

Essa é, então, a maneira de abordar a questão da conduta e do comportamento. Não comece simplesmente pelos problemas ou questões individuais, comece lembrando-se de quem você é, e depois deduza disso a sua doutrina. Esse é o primeiro passo.

Noutras palavras, o primeiro grande motivo para o viver cristão é intelectual; começa pela mente. Os cristãos não vivem meramente segundo os seus sentimentos e impulsos; são governados por seu entendimento da verdade. Eles sabem quem são, e compreendem que devem comportar-se de acordo com o que são. Esse é o “pois”, o argumento intelectual em favor da idéia de que se deve viver esta vida.

Contudo há aqui um segundo grande motivo. “Rogo-vos pois, irmãos, pela compaixão de Deus.” Temos aqui um motivo não intelectual, um motivo que mexe com o coração. O apelo do evangelho nunca é dirigido só ao intelecto, sempre inclui as emoções – o coração. E como é essencial ressaltar isto! As pessoas que deixam a impressão de que a teologia é árida como o pó mostram, ou que não conhecem a sua teologia, ou que são péssimos mestres. Isso de teologia árida como pó é coisa inexistente. A verdadeira teologia sempre move o coração,

* Cenário da grande vitória naval da frota inglesa, sob o comando de Lorde Nelson, sobre as frotas francesa e espanhola, em 21 de outubro de 1805. Nota do tradutor.

sempre traz este segundo apelo, este segundo grande motivo para se viver a vida cristã.

Há também aqui algo que é uma característica única da fé cristã e que, mais uma vez, é onde se evidencia que os humanistas tropeçam em seus muitos defeitos. Eles não têm nenhum apelo emocional; a atitude deles é puramente intelectual. São pessoas instruídas, dotadas de cérebro, como eles nunca se cansam de nos dizer. Olham superiormente para a vida e dizem: “É questão de bom senso não se embriagar; é questão de bom senso não brigar; é questão de bom senso não fazer isto e aquilo”. Esse é o diagnóstico deles; diagnóstico a que chegam com desapego intelectual.

O problema final que vemos nos humanistas é que eles são frios, não há nenhum calor neles, e eles não podem ajudar o pobre pecador porque não têm dó. Desprezam-no por ele não usar o cérebro. Eles são o que são porque aplicam o intelecto. Jamais há neles algo em que o pobre pecador possa aquecer as mãos da sua alma. Não há coração no pronunciamento deles, e é por isso que iremos mostrar finalmente a eles que toda a sua posição é errada, mesmo intelectualmente. Ela não sucumbe somente na prática; é errada em sua teoria porque não leva em consideração a pessoa completa. Mas o cristianismo leva. O cristianismo preocupa-se tanto com o coração como com a cabeça.

Vê-se uma ilustração da reação cristã no Velho Testamento, no Salmo 116:12: “Que darei eu ao Senhor, por todos os benefícios que me tem feito?” Esse é um homem que não fala da cabeça, se bem que ela está incluída, porém fala do coração. Realmente temos aí o sumário veterotestamentário do que o apóstolo está dizendo aqui, especialmente na frase “pela compaixão de Deus”.

Pois bem, é interessante notar que o apóstolo põe a palavra no plural (VA): não “pela *misericórdia* de Deus”, mas “pelas *misericórdias* de Deus”, e eu penso que o seu motivo é que, embora em última análise a misericórdia de Deus seja uma

só, manifesta-se de muitas maneiras diferentes. Assim, quando contemplamos a misericórdia de Deus em termos dos benefícios que dEle recebemos, nós a consideramos como algo plural e, daí, falamos das “misericórdias de Deus”. Ela não somente nos vem de diferentes maneiras, mas também em diferentes ocasiões. Ela vem todos os dias, vem repetidamente. Portanto, é bastante natural que Paulo tenha feito uso do plural, em vez do singular.

Entretanto, que é misericórdia? Vejo constantemente esta palavra na Bíblia e, talvez, a melhor maneira de abordá-la seja indo às saudações que ocorrem nas Epístolas, particularmente nas chamadas “Epístolas Pastorais” a Timóteo e a Tito, onde há uma espécie de fórmula: “Graça, misericórdia e paz, da parte de Deus Pai”. Qual seria a diferença entre graça e misericórdia? É uma distinção importante. A graça é aquela qualidade de Deus que O dispõe a ser bondoso para com pessoas que não merecem bondade. Graça é bondade gratuita, e é porque a graça é uma das qualidades características de Deus, é porque Ele é “o Deus de toda a graça”, que há alguma possibilidade de um meio de salvação.

Paralelamente, misericórdia significa a compaixão de Deus pela condição de alguém. A graça é a disposição que habilita Deus a fazer algo por nós, que não merecemos nada de bom, porém a misericórdia significa que Deus, tendo visto o nosso estado e condição, sensibiliza-Se por nós e tem pena de nós. John Milton escreveu:

*Com olhos compassivos
Deus viu nossa miséria.*

É esse exatamente o sentido de misericórdia. O hino completo, toda a paráfrase, é sobre a questão da misericórdia.

*Suas misericórdias são
Sempre fiéis, sempre seguras.*

Essa é uma definição perfeita. O grande e eterno Deus contemplou Sua criação, a humanidade em particular. Viu não somente a nossa loucura, a nossa pecaminosidade e a nossa rebelião, mas também viu que nós mesmos trouxemos sobre nós a nossa condição miserável, e Ele teve piedade de nós. Por isso aqui o apóstolo nos lembra que todos os benefícios da salvação que desfrutamos são inteira e unicamente resultantes desta piedade, desta misericórdia.

Paulo estivera sustentando este ponto no fim do capítulo onze, e, sem dúvida, é por isso que ele o tem em mente aqui, no versículo primeiro do capítulo 12. Vejam, por exemplo, os versículos 30 e 31 do capítulo 11. Diz o apóstolo: “Porque assim como vós também antigamente fostes desobedientes a Deus, mas agora alcançastes misericórdia pela desobediência deles, assim também estes agora foram desobedientes, para também alcançarem misericórdia pela misericórdia a vós demonstrada”. Paulo descreve o cristão como alguém que obteve misericórdia. Os cristãos são aqueles que Deus viu “com olhos compassivos”. E teve pena deles, e os libertou. E isso não é tudo. A nossa justificação é resultado da misericórdia de Deus; a nossa santificação e a nossa glorificação futura vão ser, inteiramente, resultados da misericórdia de Deus; e assim com todos os outros benefícios e bênçãos da salvação resumidas na palavra “pois”.

Toda a doutrina que temos considerado é resultante desta misericórdia. Como já lembrei a vocês, o argumento é exposto com muita freqüência no Velho Testamento, particularmente nos Salmos. Vejam o Salmo 103, onde o tema é exposto como segue: “Como um pai se compadece de seus filhos, assim o Senhor se compadece daqueles que o temem. Pois ele conhece a nossa estrutura...” (versículos 13,14). “Não nos tratou segundo os nossos pecados, nem nos retribuiu segundo as nossas iniquidades. Pois quanto o céu está elevado acima da terra, assim é grande a sua misericórdia para com os que o temem” (versículos 10,11). Também no Salmo 130, versículos 3 e 4,

encontramos o mesmo pensamento: “Se tu, Senhor, observares as iniquidades, Senhor, quem subsistirá? Mas contigo está o perdão” – e isso também é fruto da misericórdia – “contigo está o perdão, para que sejas temido”. Pois bem, notem que temos aí duas declarações – e isso é que é deveras maravilhoso. Estas duas coisas sempre vão juntas. “Contigo está o perdão”; “para que sejas temido.” “Pelas misericórdias de Deus, rogo-vos”, diz Paulo (VA), que vivaís esta espécie de vida. É exatamente o mesmo argumento. Aqueles que verdadeiramente se dão conta da misericórdia de Deus são aqueles que a demonstrarão.

Este é o apelo completo do apóstolo aqui. Praticamente ele diz: “Se vocês quiserem mostrar sua gratidão a Deus por Suas muitas misericórdias para com vocês, este é o caminho. Agradeçam-Lhe, não somente com os seus lábios, porém ainda mais com a sua vida. Não há nada que mais agrade a Deus do que ver o Seu povo dar-Lhe prova de que é Seu povo, demonstrar ao mundo o poder de Deus para salvação. Isso alegra o coração de Deus”. E é dessa maneira que devemos ver as exigências que o ensino do Novo Testamento faz de boa conduta e santidade. Não é apenas ver que o pecado é irracional e que é uma contradição daquilo em que dizemos que cremos, mas devemos pensar cada vez mais no pecado como vil ingratidão. Significa meramente que estamos prontos a tomar ou receber tudo, entretanto sem sequer dar graças a Deus por isso.

Há pois um argumento duplo aqui, e muito forte. Em última instância, a vontade é determinada pela mente e pelo coração. Não há necessidade de fazer um apelo demasiado direto à vontade, porque a mudança da vontade provém da verdade entendida pela mente e sentida pelo coração. Aí estão os motivos, os da mente e os do coração, e se somos deficientes numa destas duas coisas, é grave. Por isso o apóstolo está dizendo que a nossa mente e o nosso coração, juntos e unidos, devem nos estar concitando a viver esta vida cristã para a

glória de Deus, e dessa forma mostramos o nosso entendimento e a nossa gratidão.

Nunca se consegue exagerar na ênfase a isso. Que tragédia é que tantas vezes tratamos destes problemas de conduta de maneira fragmentária e quase legalista! Tenho que dizer isso tanto em casos particulares como do púlpito. O que é importante, com relação a todos estes problemas, é colocá-los em seu cenário, em seu contexto. A maneira de vencer a tentação e o pecado é, primariamente, compreender quem e o que você é, e o que você deve a Deus. São esses os grandes motivos pelos quais você pode tratar de qualquer pecado.

Dessa forma, o evangelho eleva todo o problema de conduta a um alto nível espiritual. Nada, nem ninguém, faz isso: nem humanistas, nem moralistas, nem filósofos, nem sociólogos, nem educadores – nenhum deles. Eles nada sabem sobre estes dois grandes motivos. É por isso que todos os seus sistemas falham. Atualmente o mundo dá prova absoluta disso. Vejam a Grã-Bretanha, vejam a América. Sua deterioração moral está ficando cada vez mais evidente. Qual é a causa? Há só uma explicação: em meados do século dezenove os homens e as mulheres em geral, fiados em sua inteligência, deram as costas a Deus, e um número cada vez maior deles tem feito isso. “Podemos realizar tudo pela educação”, dizem eles. Não precisamos crer em Deus. Diga-se ao homem o que fazer, e ele o fará. O homem tem esse poder em si. Creia no homem!” E vocês vêem o resultado. Os dois grandes motivos para o genuíno viver cristão são ignorados inteiramente, e o mundo atual está comprovando a veracidade das palavras do apóstolo nestes dois versículos.

Assim, tendo visto os nossos motivos, tendo ouvido o apelo que Paulo nos dirige como a “irmãos”, passamos agora à próxima divisão, que é esta: como devemos viver esta vida cristã? Essa é a grande pergunta que todo cristão verdadeiro invariavelmente faz. De que modo se vive esta vida? Como deve ser conduzida na prática? E aqui, de novo, o apóstolo

tem uma resposta completa para nós: “...que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento” (ou, VA: “da vossa mente”).

A primeira coisa que devemos compreender quanto à exteriorização prática deste argumento, deste grande motivo, é o princípio segundo o qual devemos render-nos a Deus em completa submissão de nós mesmos, corpo, alma e espírito, a Deus. Eis como Paulo o expressa aqui: “que apresenteis os vossos corpos”; depois, “não vos conformeis com este mundo” – o que se refere ao que eu chamo mente, ou, se vocês preferirem, a parte anímica do homem – “mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento”, que é o espírito, como lhes mostrarei. É, pois, uma exigência totalitária. Temos que render-nos inteiramente a Deus. E as palavras “culto racional” sugerem exatamente a mesma coisa.

Metade da batalha consiste em compreender este grande princípio. Notem que o apóstolo nos fala dele fazendo uso de uma analogia do Velho Testamento: vocês apresentam um sacrifício, diz ele, e este é o seu culto, o seu serviço a Deus. Pois bem, no Velho Testamento, particularmente no livro de Levítico, grande parte do conteúdo refere-se ao culto a Deus e à apresentação de ofertas e sacrifícios. Paulo, escrevendo aos tessalonicenses, lembra-lhes “como dos ídolos vos convertestes a Deus, para servir o Deus vivo e verdadeiro” (1 Tessalonicenses 1:9). É a mesma idéia – a nossa nova vida é uma vida de serviço e de culto. O apóstolo toma a analogia das ofertas do Velho Testamento para esclarecer o ponto de que trata.

Paulo gosta muito dessa analogia. Permitam que lhes dê outro exemplo, agora da sua carta aos filipenses. No capítulo 2, versículo 17, Paulo escreve: “E, ainda que seja oferecido por libação sobre o sacrifício e serviço da vossa fé, folgo e me regozijo com todos vós”. Agora, a linguagem que ele empregou no original é: “Se eu devo ser derramado (se o meu sangue

deve ser derramado) sobre o sacrifício e o serviço da vossa fé, fico feliz com tudo isso”. Paulo está falando em termos da analogia do Velho Testamento, do que acontecia quando eram feitas certas ofertas. Os sacerdotes preparavam a oferta e depois derramavam óleo e vinho sobre ela. Assim Paulo declara que está pronto a ser “oferecido” dessa forma sobre o sacrifício deles. Temos aí uma ilustração de como o apóstolo assume a terminologia que era familiar aos judeus que se haviam tornado cristãos, e que talvez estivesse também se tornando familiar aos gentios cristãos, à medida que progrediam em sua vida na Igreja Cristã.

Então, que significa isso? Devemos começar examinando esta grande palavra, “apresenteis”: “que vos apresenteis”. O apóstolo já havia empregado esta palavra grega, mas não tinha sido traduzida por “apresentar” em seus encontros anteriores com ela. Voltem a Romanos, capítulo 6, e ali o verão usar esta mesma palavra nos versículos 13, 16 e 19. No versículo 13 a Versão Autorizada (do Rei Tiago) diz: “*Nem rendais** os vossos membros como instrumentos da injustiça para o pecado; mas *rendei-vos* a Deus como aqueles que vivem dentre os mortos, e os vossos membros a Deus, como instrumentos da justiça”. Uma tradução melhor ainda é: “*Não apresenteis* os vossos membros como instrumentos da injustiça para o pecado, mas *apresentai-vos* a Deus, como aqueles que vivem dentre os mortos, e *apresentai* os membros do vosso corpo como instrumentos da justiça para Deus”.

Vejam agora o versículo 16 (VA): “*Não sabeis vós que a quem vos renderdes* como servos para lhe obedecerdes, sois servos daquele a quem obedeceis, ou do pecado para a morte, ou da obediência para a justiça?” Paulo está dizendo: “*Não sabeis que a quem quer que vos apresenteis* como servos para obedecerdes, sois seus servos, sois servos daquele a quem estais

* Almeida, Revista e Corrigida, emprega o verbo “apresentar” nos três versículos citados. Nota do tradutor.

obedecendo, seja ao pecado para a morte, ou à obediência para a justiça?”. Você se apresenta como servo a um senhor.

E temos a palavra novamente, no versículo 19 (VA): “Falo da maneira como falam os homens”, diz Paulo, “por causa da fraqueza da vossa carne”. Ele está dizendo: por causa da vossa dificuldade em acompanhar o que estou dizendo, vou usar uma ilustração simples. “Pois, assim como *rendestes* os vossos membros, tornando-os servos da impureza e da iniquidade para a iniquidade, assim também agora *rendeí* os vossos membros, tornando-os servos da justiça para a santidade”. Aqui também a tradução deveria ser feita com o verbo “apresentar”: “Pois que, assim como *apresentastes* os vossos membros como servos da impureza e da iniquidade para a iniquidade, assim também *apresentai* os vossos (estes mesmos) membros como servos da justiça para a santidade”.

Apresentai! É uma palavra sumamente interessante. Evoca a prática do Velho Testamento quanto às ofertas queimadas e aos sacrifícios. É o termo clássico empregado para denotar a colocação do animal sacrificial no altar. Contudo, não é empregado só no Velho Testamento, mas também nas chamadas religiões de mistério. Como vocês sabem, havia muitas outras religiões, além do judaísmo, que faziam as suas ofertas queimadas e os seus sacrifícios. Nessas religiões também os sacerdotes imolavam um animal e o colocavam no altar. Assim a palavra veio a ter o sentido de colocar-se à disposição de alguém. Assim como você coloca o corpo do animal no altar, assim também você se coloca no altar de Deus.

Portanto, a palavra “apresentar” em Romanos 12:1 significa que nos colocamos incondicionalmente à disposição de Deus; que, assim como o corpo do animal era colocado no altar como oferta integral a Deus, assim também nós devemos oferecer-nos integralmente a Deus. Devemos fazer sacrifício de nós mesmos a Deus, no sentido de apresentar-nos a Ele.

Esta é uma figura maravilhosa, como penso que vocês verão. Todavia, naturalmente, como toda figura, ela tem seus perigos e defeitos, e devemos ter o cuidado de não abusar desta palavra, nem de interpretá-la ou entendê-la mal. Não deve ser entendida no sentido literal, como se eu pudesse tornar Deus propício pela oferta de mim mesmo. É exatamente o oposto disso. O ensino do Novo Testamento é que Cristo é o único e exclusivo sacrifício e oferta, e que Ele Se ofereceu e Se apresentou uma vez por todas a Deus na cruz do Calvário. “Já não resta mais sacrifícios pelo pecado” (Hebreus 10:26).

Portanto, não erremos nisso, como tantas vezes muitos têm errado na longa história da Igreja. Tem havido quem diga que nos é dito claramente que, se fizermos este sacrifício de nós mesmos, Deus será propiciado e Se agradará grandemente de nós. Isso é negar todo o ensino do Novo Testamento. Há muitas pessoas fazendo isso hoje em dia, porém isso é justificação pelas obras, o tipo de coisa que o apóstolo contesta em 1 Coríntios 13:1: “Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos... ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado...”. Nada disso vale, diz Paulo, se não houver amor. Na verdade, todo o seu motivo está errado. Houve um sacrifício, feito uma vez e para sempre.

Por conseguinte, o apóstolo não nos está dizendo aqui que podemos salvar-nos oferecendo-nos a Deus. Isso é uma ilustração; o apóstolo está empregando linguagem figurada. Efetivamente ele diz: “Bem, tomo esta idéia de sacrifício, e quero usá-la. Quero que vocês vejam que devem fazer algo comparável a isso com vocês mesmos. Por causa das misericórdias de Deus, porque Cristo é a única e exclusiva oferta, por causa de tudo o que foi feito, agora vocês devem apresentar-se desse modo a Deus”. Com isso em mente, qual é o argumento, qual o apelo? É muito importante. Na verdade, aventuro-me a dizer de novo que é o mais vitalmente importante de todos, não só em referência à conduta diária, e sim também em referência a toda a questão ecumênica e

de confraternização, particularmente com Roma. Devemos ser muito cautelosos.

Então, entendamos bem o argumento. É que nós sempre somos “escravos”; jamais há tempo algum em nossa vida em que não somos escravos. Já consideramos isto no capítulo 6, versículo 17: “Mas graças a Deus que, tendo sido servos (escravos) do pecado, obedecestes de coração à forma de doutrina a que fostes entregues”. Como vocês podem ver, o apóstolo já havia dito isso tudo antes, porém aqui o repete. Essa é a essência do ensino. Somos tão lerdos que tem que ser repetido. “Graças a Deus que, tendo sido servos (escravos) do pecado” – que aconteceu convosco? – “obedecestes de coração à forma de doutrina a que fostes entregues.”

Digo, pois, que devemos compreender que sempre somos escravos. É muito difícil capacitar-nos disso, não é?, mas é a verdade. Por natureza somos todos escravos do pecado e escravos de satanás, todos e cada um de nós. “(Vós), tendo sido servos (escravos) do pecado” (ou, VA: “Vós fostes servos (escravos) do pecado”). Estávamos sob o domínio de satanás. Essa verdade diz respeito a toda a humanidade. A pior consequência da Queda foi que os homens e as mulheres se tornaram escravos do diabo, do mal e do pecado; portanto, todos nós nascemos escravos. Contudo o argumento do apóstolo aqui é que agora estamos numa nova escravidão.

Precisaria parar agora para provar essa primeira afirmação de que todos nós sempre fomos escravos? Precisaria? O nosso Senhor ensinou exatamente a mesma coisa: “Vós tendes por pai ao diabo” (João 8:44). “Quando o valente guarda, armado, a sua casa, em segurança está tudo quanto tem” (Lucas 11:21). Essa é a escravidão, e a humanidade está sob a escravidão do diabo. No entanto aqui o apóstolo diz que algo aconteceu, que estamos numa nova condição. Ele nos diz aqui que, assim como outrora éramos escravos do pecado, no maior desamparo e desesperança, assim também agora nos tornamos escravos voluntários de Deus e do Seu Cristo.

Ainda somos escravos, mas é uma forma inteiramente diferente de escravidão. Se vocês lerem as Epístolas de Paulo, verão que ele gosta muito de referir-se a si mesmo desta maneira: “Paulo, servo de Jesus Cristo” (Romanos 1:1). Isso é o que diz a Versão Autorizada (inglesa), porém a tradução correta é a seguinte: “Paulo, escravo* de Jesus Cristo”. É como ele gosta de descrever a si mesmo.

Essa é a pura e simples verdade concernente a nós. Nunca somos livres. Cada pessoa existente neste mundo é, esta noite, ou escravo do pecado e de satanás, ou escravo de Jesus Cristo. Paulo diz aos coríntios: “Não sabeis... que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por bom preço” (1 Coríntios 6:19,20). Vocês foram comprados de um senhor; agora são propriedade de outro Senhor. Vocês são escravos de Jesus Cristo. Ele os resgatou. Ele os adquiriu. Ele os comprou no mercado e os livrou. Ele os comprou pagando o preço do Seu precioso sangue, e vocês pertencem a Ele. Vocês não tem direito de continuar vivendo como viviam. Não são de vocês mesmo; são escravos. Esse é o argumento.

Naturalmente, devemos colocar isso do jeito certo. Há uma diferença vitalmente importante, e é por isso que Paulo “roga” a eles. Como indiquei acima, esta escravidão é voluntária, é uma escravidão que dá prazer. Você não é forçado a esta escravidão, mas a deseja. Esse é o argumento de Paulo. Como diz uma famosa frase do Livro de Oração: “A Quem servir é perfeita liberdade” – ou, se acharem melhor: “A escravidão a Quem é perfeita liberdade”. Apresente-se, argumenta Paulo neste ponto – entregue-se. Isto é, coloque-se na posição de escravo. Você está renunciando aos seus direitos sobre si próprio. São de outra pessoa.

Permitam que eu exponha este ponto em termos de uma história. Havia aqui em Londres um piedoso médico cristão, o Dr. A. T. Schofield, e penso que ele expressou muito bem

* A NVI coloca “escravo” em nota de rodapé. Nota do tradutor.

esta verdade num incidente sobre o qual escreveu num dos seus livros. Conta-nos ele que houve tempo em que tinha um cachorro que ele costumava levar a passeio. O cão era novo e, naturalmente, ficava preso a uma correia. O cão esticava e forçava a correia, querendo livrar-se. Depois de treiná-lo durante algum tempo, o Dr. Schofield achou que podia dar-lhe um pouco de liberdade. Assim, certo dia, depois de irem a uma boa distância em seu passeio, ele desatou a correia e deixou ir o cão. Em sua liberdade recém-encontrada, saiu correndo por onde quis, e logo se perdeu de vista. Mas não ficou muito tempo fora das vistas do dono; voltou ao Dr. Schofield e então ficou trotando ao lado dele.

Não havia nenhuma correia, o cão estava absolutamente livre, entretanto, em sua escapada, naquele grandioso momento de liberdade e independência absoluta, o cão tinha feito alguma grande descoberta. Talvez tenha ficado apavorado, atacado por outros cães, ou talvez alguém o tenha xingado ou atirado pedra nele, ou o tenha surrado com vara, não sei, mas o cão, de um modo ou de outro, chegou à conclusão de que a essência da sabedoria, quanto ao que lhe interessava, era trotar ao lado do seu dono – ele escolheu isso. Era uma escravidão voluntária. Ele queria estar ali, sob o controle e a direção do seu dono. De algum modo ele viera a entender que essa era a melhor coisa para ele.

É exatamente isso que o apóstolo está dizendo aqui. “Rogo-vos”, diz ele. Num sentido você está livre, porém neste outro sentido você entra numa submissão voluntária e se entrega a Deus por causa da Sua grande misericórdia com relação a você, e devido isso ser bom e certo para você, é o melhor para você. Tudo isso está nesta esplêndida palavra “apresentar”.

Passemos agora à próxima palavra, que nesta altura vou apenas introduzir. “Que apresenteis os vossos *corpos* em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus.” Que é que Paulo quer dizer com “corpos”? Os comentadores não estão de acordo entre si. Charles Hodge está certo de que a palavra “corpo” não se

refere ao corpo literal. Quando se fala no corpo, diz ele, a referência é realmente à pessoa completa. Às vezes se pode dizer que havia certo número de corpos numa reunião, significando um certo número de pessoas. O corpo é a personalidade completa, representada pelo corpo físico, por ele, nele e por meio dele. Mas Robert Haldane discorda e afirma que Paulo se refere ao corpo literal, e eu, sem nenhuma hesitação, estou inteiramente de acordo com Robert Haldane.

Por quê? Bem, eu sinto que as palavras de Paulo no versículo 2 tornam imperativa esta idéia. Nesse versículo Paulo continua e diz: “Não vos conformeis com este mundo”. Ora, a parte de nós que se relaciona com o mundo e seus habitantes não é o corpo, e sim a alma. As nossas relações com outras pessoas, e até com animais, é coisa da alma; por isso sugiro-lhes que no versículo 2 Paulo fala sobre a alma. E depois, quando chegamos à frase, “transformai-vos pela renovação da vossa mente” (VA), opino que aí Paulo fala sobre o espírito, como tentarei provar a vocês. Em Efésios 4:23 o mesmo apóstolo fala sobre isso, dizendo: “E vos renoveis no espírito do vosso sentido” (ou, VA: “no espírito da vossa mente”), e isso é, indubitavelmente, uma referência ao nosso espírito. Por isso afirmo que o sentido do versículo 2 e a analogia das Escrituras insistem em nossa interpretação de “corpo”, aqui, no versículo primeiro, como sendo o corpo literal.

Já vimos antes, no capítulo 6, que o apóstolo fala sobre o corpo no sentido de corpo físico, e ele se preocupa com isso e se interessa por isso. Vejam, por exemplo, o capítulo 6, versículos 12 e 13: “Não reine portanto o pecado em vosso corpo mortal” – ele não se refere à personalidade total, refere-se literalmente à carne – “para lhe obedecerdes em suas concupiscências. Nem tampouco apresenteis os vossos membros...” – ele está falando das partes do corpo físico.

Depois, em Romanos, capítulo 8, versículos 12 e 13,

vemos exatamente a mesma coisa. Paulo diz: “De maneira que, irmãos, somos devedores, não à carne para viver segundo a carne. Porque, se viverdes segundo a carne, morrereis; mas, se pelo Espírito mortificardes as obras do corpo, vivereis”. Nessa passagem Paulo fala especificamente sobre o corpo. É a mesma coisa em Colossenses 3:5 – “Mortificai pois os vossos membros, que estão sobre a terra”. Essa é uma referência direta ao corpo, como o contexto o prova. O apóstolo mostra muito interesse pelo corpo, e, mais adiante, querendo-o Deus, darei a vocês a razão disso.

Também se vê uma declaração explícita, referente ao corpo físico, em 1 Coríntios, capítulo 6: “Ou não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por bom preço; glorificai pois a Deus no vosso corpo, e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus” (1 Coríntios 6:19,20). Está fora de questão que aí a palavra “corpo” significa corpo físico. O argumento de Paulo é, todo ele, sobre isso. “Não sabeis vós que os vossos membros são membros de Cristo? Tomarei pois os membros de Cristo, e fá-los-ei membros de uma meretriz? Não, por certo” (versículo 15). E ele continua e mostra o que está realmente envolvido no pecado de fornicção, que é pura questão de corpo físico.

E então, minhas últimas citações acham-se na Primeira Epístola aos Tessalonicenses, capítulos 4 e 5. Vejamos primeiramente 1 Tessalonicenses 4:1-5. Aí também Paulo trata da conduta: “Finalmente, irmãos, vos rogamos e exortamos no Senhor Jesus que, assim como recebestes de nós, de que maneira convém andar e agradar a Deus, assim andai, para que possais progredir cada vez mais. Porque vós bem sabeis que mandamentos vos temos dado pelo Senhor Jesus. Porque esta é a vontade de Deus, a vossa santificação: que vos abstenhais da prostituição; que cada um de vós saiba possuir o seu vaso em santificação e honra; não na paixão da concupiscência, como os gentios, que não

conhecem a Deus”. Essa é uma referência ao corpo físico.

E depois, no capítulo 5, versículo 23, Paulo faz esta importante distinção: “E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso espírito, e alma, e corpo, sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo”. Temos aí a divisão tríplice. Aqui, em Romanos, capítulo 12, temos exatamente a mesma divisão, só que o apóstolo inverte a ordem dos termos – “corpo” primeiro, “alma” segundo, “espírito” terceiro.

São essas as minhas razões para dizer que, nesta ocasião, estou inteiramente de acordo com Robert Haldane, contrariamente a Charles Hodge. E, se vocês quiserem uma prova final, é que, como já vimos, o apóstolo emprega aqui uma analogia derivada do sistema sacrificial do Velho Testamento, no qual, como por certo vocês se lembram, os sacerdotes não ofereciam somente o sangue – “Porque a alma da carne está no sangue” (Levítico 17:11) – mas ofereciam o corpo também. O corpo do animal era posto no altar: era uma oferta queimada completa, não só o elemento espiritual, por assim dizer, porém também o corpo físico. E, como é essa a analogia que está na mente do apóstolo, parece-me que aí temos a prova e confirmação final de que está certa a interpretação que declara que aqui ele nos está dizendo, exortando e rogando que apresentemos o nosso corpo literal, físico, como em sacrifício vivo no altar de Deus, o Deus cuja misericórdia para conosco foi tão grande que nos fez participantes desta gloriosa salvação.

4

“Rogo-vos pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus.” – Romanos 12:1,2

Estivemos considerando a grande palavra “apresentar”: “que apresenteis os vossos corpos”. Como eu lhes disse, a palavra “apresentar” é um termo técnico relativo à oferta de sacrifícios a Deus. Portanto, Paulo nos está falando sobre nos oferecermos a nós mesmo Deus, entregar-nos a Ele como Seus escravos.

Mas vimos depois que Paulo trata disso em detalhe. Ele começa dizendo que devemos oferecer os nossos corpos a Deus, e concluímos o capítulo anterior argumentando no sentido de que, quando o apóstolo diz aqui “corpos”, refere-se ao nosso corpo físico. Todavia, por que damos ênfase a isso? Por que é importante que, em acréscimo a dizer que me rendo a Deus, devo, em particular, render ou submeter o meu corpo, a minha estrutura física a Deus?

Permitam-me dar-lhes algumas razões que julgo muito importantes e que ajudarão a todos nós no grande combate da fé, neste esforço para vivermos a vida cristã para a glória de Deus, que tem sido tão misericordioso para conosco. Então, por que o corpo? Primeiro, penso que o apóstolo faz esta divisão, dando ênfase ao corpo, a fim de ressaltar o fato de que na salvação cristã a pessoa completa tem que ser salva. Não

somente a nossa mente é que é salva, nem meramente o nosso espírito ou o nosso coração; o corpo também é salvo. É uma salvação completa, e julgo que isso é da maior importância.

Alguns de vocês devem lembrar que quando estivemos estudando alguns dos primeiros capítulos de Romanos, fizemos grande empenho em salientar isso. Quando, por exemplo, chegamos ao capítulo 8, lemos no versículo 11: “Se o Espírito daquele que dentre os mortos ressuscitou a Jesus habita em vós, aquele que dentre os mortos ressuscitou a Cristo também vivificará os vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que em vós habita”. Pois bem, essa é uma declaração expressa de que o corpo também é salvo. Paulo tinha dito realmente a mesma coisa no versículo 10 do capítulo 8: “Se Cristo está em vós, o corpo, na verdade, está morto por causa do pecado, mas o espírito vive por causa da justiça”. Essa é a situação atual. Mas, diz ele, está tudo bem porque “Se o Espírito daquele que dentre os mortos ressuscitou a Jesus (de fato) habita em vós, aquele que dentre os mortos ressuscitou a Cristo também vivificará os vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que em vós habita”.

De novo, no versículo vinte e três desse capítulo oito, vê-se a mesma ênfase: “E não só ela” (a criação) – diz Paulo – “mas nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, esperando a adoção” – que é isso? – “a saber, a redenção do nosso corpo”. Ora, aí “corpo” se refere à estrutura literal, física, a carne na qual habitamos, porque antes o apóstolo havia tratado doutros aspectos da pessoa, e, contudo, agora ele diz que essa adoção, essa “redenção do corpo”, é o estado final e supremo.

Este é, pois, um ponto muito importante, e de fato Paulo escreveu o grandioso capítulo quinze da Primeira Epístola aos Coríntios para estabelecer esta mesma verdade. Na igreja de Corinto havia pessoas ensinando que a ressurreição era coisa do passado. Eles diziam: “Não se preocupe com o corpo; não tem a mínima importância. O que importa é que a alma

e o espírito continuam existindo. O corpo não é nada. O homem ressurge quando se torna cristão; o novo nascimento é a única ressurreição que ocorre”. O apóstolo escreve aquele longo e grandioso capítulo com o fim de contrapor-se a isso e para assinalar que o ensino cristão é que o corpo será ressuscitado, o corpo será glorificado, o corpo será redimido – o nosso corpo físico.

Quando no Jardim do Éden Adão caiu, seu corpo, como também sua alma e seu espírito, caiu. Daí, o corpo é uma parte essencial desta grande salvação, na qual a pessoa completa vai ser salva. E a grande promessa a nós feita é que seremos redimidos completamente. No fim de Filipenses, capítulo 3, Paulo diz: “Mas a nossa cidade está nos céus, de onde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, que transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o seu corpo glorioso, segundo o seu eficaz poder de sujeitar também a si todas as coisas” (Filipenses 3:20,21). Portanto, nunca devemos deixar o corpo fora das nossas idéias de redenção, e assim esta verdade aparece naturalmente aqui, em Romanos, capítulo 12.

Uma segunda razão para dar ênfase ao corpo físico, sugiro, é lembrar-nos da inter-relação e da unidade das diferentes partes do nosso ser. Esta ênfase é muito necessária hoje, e era muito necessária no século primeiro. Havia então mestres, como os há hoje, que diziam que o corpo não tem a mínima importância. “Asceticismo” é o termo técnico dado a esse ensino. Os ascetas ensinavam, e ainda ensinam, que o corpo é em si irrelevante. Eles diziam que o que realmente importa sou eu como pessoa, como um ser, e forçavam essa idéia ao ponto de dizerem que, contanto que eu seja salvo, o que faço no corpo não importa nem um pouco, porque o corpo vai morrer e eu vou deixá-lo. E com isso eles escusavam o pecado no corpo.

Esse ensino terrível foi tratado na Primeira Epístola de João. Um homem chamado Cerinto, mestre famoso na

segunda metade do século primeiro, ensinava essa doutrina. Há uma lenda segundo a qual o apóstolo João odiava tanto o ensino de Cerinto que uma vez, quando estava entrando numa casa de banhos e soube que Cerinto estava lá, imediatamente deu meia-volta e foi embora. Não queria nem compartilhar com tal homem o mesmo prédio, quanto mais a mesma igreja!

Ao referido ensino, segundo o qual embora eu pratique no corpo coisas errôneas isso em nada afeta a minha alma, o apóstolo responde mostrando que a pessoa deve “apresentar” o seu corpo. Naturalmente ele dá também grande importância ao tratamento deste assunto noutras passagens. Diz ele aos coríntios, por exemplo: “Não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós...?” (1 Coríntios 6:19). Essa, diz ele, é a maneira certa de conceituar o corpo. Vocês não devem desprezá-lo ou dizer que ele não tem importância. Tampouco devem dizer que não importa o que vocês façam com o seu corpo, nem que o único pecado que realmente conta perante Deus é o pecado que se comete na esfera do espírito. Vocês não devem dizer isso, diz Paulo, pois o seu corpo é o templo do Espírito Santo. E uma vez que vocês se dêem conta de que o Espírito Santo habita em seu corpo, usando-o como Seu templo, necessariamente vocês terão cuidado quanto ao que fazem com esse corpo.

Deixem, porém, que eu lhes dê uma terceira razão pela qual Paulo salienta o corpo. É importante compreender que, afinal, o corpo é o instrumento por meio do qual a alma age. A alma não habita o vácuo. Talvez você diga: “Para mim o importante é que eu sou uma alma vivente”. Certo. mas, como é que a alma vai expressar-se? A resposta é: claro está que a alma, a personalidade, o ser que cada um de nós é, expressa-se por intermédio do corpo, da estrutura física – por intermédio do cérebro, do entendimento; por intermédio dos órgãos da fala; por intermédio dos olhos; por intermédio das mãos e dos pés. Sem a alma não temos corpo. Não, corpo

e alma se pertencem um ao outro.

Pois bem, já vimos o apóstolo dizer tudo isso no capítulo 6, onde ele o expressa desta forma: “Não reine portanto o pecado em vosso corpo mortal, para lhe obedecerdes em suas concupiscências”. Notem agora: “Nem tampouco apresenteis os vossos membros ao pecado por instrumentos de iniquidade; mas apresentai-vos a Deus, como vivos dentre mortos, e os vossos membros” – isto é, as suas faculdades: mãos, pés, olhos, cérebro, tudo quanto têm em seu corpo, apresentem todas estas partes – “a Deus, como instrumentos de justiça” (versículos 12,13).

E então a quarta razão – e muito forte – é que, afinal, o corpo é uma das principais fontes de tentação e pecado. É isso que dá a este assunto a tão tremenda e séria importância que tem. É comum as pessoas dizerem levemente: “Agora estou salvo e, portanto, não importa o que eu faça no corpo”. Mas importa. Você não pode dividir-se dessa maneira. Se começar a considerar o seu corpo levemente, logo verá a sua alma cair em dificuldade, porque o pecado tira vantagem do corpo, e a maior luta de todo cristão, de toda pessoa que nasceu de novo, é essa luta contra o pecado, pois este sempre ameaça assumir o controle de tudo.

Agora devo voltar ao capítulo 6 mais uma vez, pois é muito importante. O apóstolo nos faz uma tremenda exposição sobre a nossa união com Cristo: que fomos crucificados com Ele; que morremos com Ele; que fomos sepultados com Ele; que ressuscitamos com Ele, todo este maravilhoso ensino, que Paulo resume no versículo 11, quando diz: “Assim também vós considerai-vos como mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus nosso Senhor”. Mas ele não deixa a coisa nesse pé, não pára aí. Ele faz algo que muitos hoje considerariam como um anticlímax. É sempre uma verdade concernente a este apóstolo que ele nunca nos deixa somente com um princípio geral, e sim nos faz baixar à terra. Por isso imediatamente ele passa ao versículo 12: “Não reine portanto

o pecado em vosso corpo mortal, para lhe obedecerdes em suas concupiscências”. Pois bem, eu não devo voltar à exposição que já fiz daquela grande declaração,* porém o sentido é que o pecado está sempre se escondendo no corpo.

Naturalmente, isso é resultado da Queda. Como os tenho feito lembrar, quando Adão caiu, sua queda foi total. Ele caiu em espírito, alma e corpo; corpo, mente e espírito. A pessoa completa caiu. Agora, em nossa salvação, a alma e o espírito estão redimidos, e, aventuro-me a dizer, eles se acham tão redimidos agora como estarão sempre e para sempre: “...aos que justificou a estes também glorificou” (Romanos 8:30). No entanto o corpo ainda não foi redimido. É por isso que o apóstolo diz: “Nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo” (Romanos 8:23).

É um grande mistério, mas é um fato que a sede por excelência do pecado na pessoa redimida está no corpo. Está sempre ali, e sempre quer ter o controle sobre nós. Sempre quer “reinar” em nós, em nosso corpo mortal. Por isso reitero que o princípio que lançamos é que, se acharmos que podemos negligenciar a apresentação do nosso corpo em sacrifício vivo a Deus, logo nos veremos cair em pecado por meio do corpo, a alma ser posta novamente em cativeiro e o pecado reinar sobre nós.

Vê-se o mesmo pensamento em Romanos 7:5: “Porque, quando estávamos na carne, as paixões dos pecados, que são pela lei, obravam em nossos membros para darem fruto para a morte”. E mesmo depois de redimidos, lembremo-nos de que o pecado, “as paixões dos pecados”, as energias do pecado, ainda estão aí, e estão prontas para, em qualquer momento inesperado, agir “em nossos membros” – nas partes componentes do nosso corpo – “para darem fruto para a morte”. O

* Ver: *Romanos: Exposição sobre Capítulo 6: O Novo Homem*. Publicações Evangélicas Seleccionadas, São Paulo, primeira edição: 2001.

pecado está sempre ali, à espera de uma oportunidade para firmar o seu domínio, para provocar-nos, digamos assim.

De fato vê-se o mesmo ensino em Romanos 8:12,13. Tendo acabado de dizer aos seus leitores que o Espírito neles é uma garantia da futura ressurreição do seu corpo, o apóstolo diz: “De maneira que, irmãos, somos devedores, não à carne para viver segundo a carne. Porque, se viverdes segundo a carne, morrereis; mas, se pelo Espírito mortificardes as obras do corpo, vivereis”. Ora, quando Paulo diz “corpo” ali, refere-se ao corpo físico, e notem as suas palavras. Ele está escrevendo a cristãos e os está exortando a que “mortifiquem”, façam morrer, por meio do Espírito, “as obras do corpo”. É preciso mortificar o corpo porque o pecado está pronto para, a qualquer momento, levantar a cabeça e conquistar o domínio; e de novo nos tornamos escravos.

Claro está que Paulo ensina essa verdade, não somente na Epístola aos Romanos, mas também noutras Epístolas. Notem, por exemplo, o que ele diz no início da Epístola aos Efésios, capítulo 2:1-3: “E vos vivificou, estando vós mortos em ofensas e pecados. Em que noutro tempo andastes segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe das potestades do ar, do espírito que agora opera nos filhos da desobediência. Entre os quais todos nós também antes andávamos” – notem! – “nos desejos da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos...”

Pois bem, quando um homem ou uma mulher nasce de novo e é redimido, “a vontade da carne e dos pensamentos” ainda permanece e precisa ser vigiada. E essa é a razão pela qual o apóstolo nos dá aqui, em Romanos, capítulo 12, esta espécie de instrução geral: “...que apresenteis os vossos corpos (como um) sacrifício vivo...” Esse é o meio de neutralizar essa tendência. É uma coisa estranha que caracteriza a sabedoria e a economia de Deus Ele nos deixar nessa situação, porém Ele o faz. Ele fez exatamente a mesma coisa com os filhos de Israel. Quando os tirou do Egito e da escravidão

ali sofrida e os introduziu na terra de Canaã, não destruiu todos os inimigos deles. Deixou os inimigos como “espinhos nos vossos olhos” e como “aguihões nas vossas ilhargas” (Números 33:55). Ele deixou lá aqueles povos para que os filhos de Israel pelejassem contra eles. Ele faz exatamente a mesma coisa conosco. Não nos tornamos perfeitos, e, em particular, o pecado permanece desta maneira no corpo – “a vontade da carne e dos pensamentos” (Efésios 2:3).

Não entendam mal isso. Não há nada de errado com os instintos naturais; eles nos foram dados por Deus. Mas, por causa da Queda, exercem domínio sobre nós. Vejam o mundo como está, dominado pelo sexo. Não há nada de errado com o sexo, porém é muito errado ser dominado por ele como as publicações e a televisão estão. Ali a perversão entra; torna-se uma tirania, e é aí que o instinto sexual se tornou um mal. O apóstolo Tiago também mostra como o pecado ataca o cristão por meio do corpo. Em seu capítulo três ele o expõe em termos da língua: “Assim também a língua é um pequeno membro, e gloria-se de grandes coisas. Vede quão grande bosque um pequeno fogo incendeia. A língua também é um fogo; como mundo de iniquidade, a língua está posta entre os nossos membros, e contamina todo o corpo, e inflama o curso da natureza, e é inflamada pelo inferno” (Tiago 3:5,6).

Pode ser que você diga: “Não preciso vigiar minha língua. Já fui redimido. Não preciso ser cuidadoso quanto às minhas conversas”. Todavia a resposta que nos é dada é: “Vigie este pequeno membro”. Oh, o estrago que a língua faz! Quantas almas caíram de novo debaixo da escravidão por meio de conversas indiscretas e indisciplinadas! É o mesmo argumento. Você deve vigiar sua língua como cristão; não pare nos princípios gerais. Não diga: “Sujeite-se agora a Deus, e deixe de lado todo o resto”. Absolutamente não. Você deve descer aos detalhes.

Também Pedro, escrevendo a santos, a pessoas redimidas, expressa o ponto desta maneira: “Amados, rogo-vos” – a mesma

linguagem empregada por Paulo – “como a peregrinos e forasteiros, que vos abstenhais das concupiscências carnavais que combatem contra a alma” (1 Pedro 2:11, VA). Isso expressa a questão perfeitamente. Ele está escrevendo a cristãos, lembrem-se. “Que vos abstenhais das concupiscências carnavais” – por quê? – porque elas “combatem contra a alma”. Você não deve negligenciar o corpo. Você não deve dizer que o corpo não importa. “Seja cauteloso”, praticamente é o que diz Pedro, “abstenha-se das concupiscências carnavais porque, se não, elas porão por terra a sua alma, elas farão guerra contra a sua alma, contra a sua felicidade e o seu conhecimento de Deus, e o impedirão de receber bênçãos dEle.” Eis, pois, como estes diversos escritores colocam esta advertência nos termos mais fortes possíveis.

Mas agora permitam que eu expresse este assunto positivamente e que resuma todo ele, como costume fazer. Por que devo apresentar o meu corpo como um sacrifício vivo? Porque fui destinado a glorificar a Deus com todo o meu ser, com todas e cada uma das partes do meu ser. Em 1 Coríntios 6:20 o apóstolo expõe isso ainda mais claramente que aqui: “...glorificai pois a Deus no vosso corpo, e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus”. Você não deve glorificar a Deus só em seu espírito ou só com o seu entendimento, mas com o seu corpo também. Tanto o corpo como o espírito. A pessoa completa, o ser integral, deve viver e ministrar para a glória de Deus. O salmista havia antecipado esta prática: “Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e tudo o que há em mim bendiga o seu santo nome” (Salmo 103:1). Tudo o que há em você; tudo isso deve bendizer o Seu santo nome.

São essas, assim me parece, as cinco principais razões pelas quais o apóstolo, depois de nos dar a injunção geral, sintetiza o assunto, trata dos aspectos particulares e dá ênfase ao corpo e à importância da sujeição do corpo físico a Deus. Ah, quantos têm naufragado em sua vida cristã por terem ignorado isto! A história da Igreja está cheia de exemplos e

ilustrações verdadeiramente trágicos justamente disso, e, todavia, muitos são os que continuam com aversão e ressentimento contra esta verdade. Alguns só se interessam por doutrina, e outros só querem fazer o que gostam de fazer, e se sentem mal com esta pressão feita sobre eles. Mas a pressão está aqui, e é pressão exercida pelo próprio Deus, mediante Seu servo, o apóstolo Paulo.

Vemos aí, então, por que Paulo particulariza o corpo. Mas ele não deixa a coisa nesse pé. Ele de novo amplia as suas palavras, e agora nos fala, em detalhe, sobre o caráter da oferta. “Rogo-vos pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo.” Por que ele o define como “sacrifício vivo”? Esta é uma declaração muito profunda. É óbvio que Paulo está contrastando o que eu e vocês devemos fazer, com o que era feito pelos filhos de Israel sob a antiga dispensação. Ele tomou emprestada a idéia de sacrifício, e essa idéia lhe propiciou uma figura perfeita. No entanto, naturalmente, agora se extrema em esforços para mostrar que, embora o princípio geral seja o mesmo, contudo, o que eu e vocês realmente devemos fazer é muito diferente daquela antiga maneira.

Esta é uma das diferenças entre a antiga dispensação e a nova, e Paulo trata disso. A antiga, diz ele, era na “letra”, ao passo que esta é “em novidade de espírito” (Romanos 7:6). Mas, em acréscimo a isso, na antiga dispensação os sacerdotes imolavam o animal e colocavam seu corpo sobre o altar. E aqui o apóstolo nos está dizendo que nós não apresentamos corpos mortos, e sim corpos vivos – “sacrifício vivo”. Paulo teve que assinalar essa diferença; era mal compreendida, e ainda o é.

Há alguns que pensam que, se se sacrificarem – como Paulo o diz em 1 Coríntios 13:3: “ainda que (eu) entregasse o meu corpo para ser queimado” – acertariam com isso as suas relações com Deus. Há pessoas que têm feito esse tipo de coisa, mas, se isso não for feito com verdadeira caridade ou com amor,

será inútil. Na Segunda Guerra Mundial havia muitos japoneses dispostos a sacrificar seu corpo – *hara-kiri*, era o nome que davam a isso – e achavam que era uma coisa maravilhosa, este sacrifício do corpo, de um corpo morto. Mas não, não é isso, diz Paulo; Deus quer sacrifício *vivo*.

E aqui também uma passagem das Escrituras lança luz sobre outra passagem das Escrituras. Pedro diz precisamente a mesma coisa: “Se é que já provastes que o Senhor é benigno. E, chegando-vos para ele” – notem isto – “pedra viva, reprovada, na verdade, pelos homens, mas para com Deus eleita e preciosa, vós também, como pedras vivas, sois edificados casa espiritual e sacerdócio santo, para oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por Jesus Cristo” (1 Pedro 2:3-5). Nessa passagem se vê que o apóstolo Pedro se apodera da idéia de que a Igreja é um templo, o templo do Espírito Santo, o templo no qual Deus habita, pelo que diz: agora vou comparar vocês com um templo, com um edifício.

A seguir, porém, Pedro acrescenta imediatamente, com efeito: “Não entendam mal isto. Não digo que os membros de uma igreja são como uma junção de pedras. Obviamente isso não seria bom, porque a pedra não tem vida. Portanto, vocês não devem pensar em si mesmos dessa forma. Embora eu esteja comparando vocês com um edifício, e isso seja uma analogia bastante útil para ajudá-los a ver diferentes aspectos de toda esta verdade – e embora eu diga que vocês são pedras, não digo com isso que vocês estão mortos, que são pessoas sem vida que sempre se assentam, e não fazem coisa alguma. Vocês devem ser vivos. Somos pedras vivas neste templo de Deus, como mesmo o nosso Senhor é uma pedra viva. Ele é uma pedra, uma pedra fundamental, mas há vida nEle”. Pedro faz o mesmo tipo de contraste do qual o apóstolo Paulo nos faz lembrar aqui, quando fala sobre a nossa apresentação do nosso corpo como sacrifício “vivo”.

Depois, em segundo lugar, Paulo quer que nos lembremos de que devemos continuar oferecendo o nosso corpo.

Quando, sob a antiga dispensação, os sacerdotes imolavam o animal e colocavam o corpo dele sobre o altar, aquele animal eles só podiam matar uma vez. E há pessoas que pensam que é assim na vida cristã. Tomam uma grande decisão e se colocam sobre o altar, e, tendo feito isso, dizem: “Tudo está bem agora. Fiz minha oferta”. E continuam a viver sua vida egoística. Todavia esse idéia é muito perniciososa. O corpo é um sacrificio vivo. Vocês continuam a apresentá-lo dia após dia, hora após hora, e jamais param. Esta é a diferença entre uma pedra e uma pedra “viva”.

Assim é que Paulo salienta o elemento de continuidade e persistência. Outra vez se vê que, obviamente, ele está colocando noutros termos o que já nos dissera no capítulo seis. Já citei partes daquele capítulo, e espero que vocês vejam mais uma vez como aquele capítulo é um texto chave; tomamos tempo com ele por esse motivo. Naquele capítulo Paulo repete constantemente esta verdade. Ele escreve: “De modo que fomos sepultados com ele pelo batismo na morte; para que, como Cristo ressuscitou dentre os mortos, pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida. Porque, se fomos plantados juntamente com ele na semelhança da sua morte, também o seremos na da sua ressurreição” (versículo 4,5).

Então Paulo continua: “Ora, se já morremos com Cristo, cremos que também com ele viveremos. Sabendo que, havendo Cristo ressuscitado dentre os mortos, já não morre; a morte não mais terá domínio sobre ele. Pois, quanto a ter morrido, de uma vez morreu para o pecado; mas, quanto a viver, vive para Deus. Assim também considerai-vos como mortos para o pecado” – essa é a imolação, porém vocês não param aí – “mas vivos para Deus em Cristo Jesus nosso Senhor” (versículos 8-11). E ele está tão preocupado com isso que o repete no versículo treze: “Nem tampouco apresenteis os vossos membros ao pecado por instrumentos de iniquidade; mas apresentai-vos a Deus, como vivos dentre mortos” – sacrificio vivo! – “e os vossos membros a Deus, como instrumentos de justiça”. E ele

repete tudo isso de novo, desde o versículo 18 até o fim do capítulo. É este o princípio; é um “sacrifício vivo”. Nós prosseguimos apresentando o nosso corpo vivo a Deus porque não estamos mais mortos. Nós nos tornamos vivos, e esta é uma atividade viva.

Na seqüência, a próxima palavra é “santo”, que significa “separado”. Entretanto não somente isso. Vejam a analogia do Velho Testamento. Se vocês lerem o livro de Levítico, verão que se dizia aos sacerdotes que colhessem o sangue de certos animais e apresentassem o corpo. E todas as vezes lhes era dito muito particularmente que jamais deveriam oferecer em sacrifício um animal que tivesse algum defeito físico, qualquer que fosse. Visto de longe, um cordeiro podia parecer perfeito, mas, examinado, via-se que tinha uma perna quebrada ou algum outro defeito. Nesse caso, não devia ser usado para o sacrifício. A oferta devia ser sempre perfeita; devia ser um cordeiro sem mancha.

Pois bem, tudo isso vem resumido na palavra “santo”; e Paulo nos está dizendo que devemos apresentar constantemente o nosso corpo, sem defeito, sem mancha, a Deus. Devemos apresentá-lo a Deus livre de qualquer coisa que de um modo ou de outro seja indigna: o *corpo*, lembrem-se. Vocês se haviam apercebido do elemento material do cristianismo? Mas este é o grande apelo do apóstolo: “que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo...”.

E, finalmente, “agradável a Deus”. Essa declaração também não é difícil. É algo que é explicado pelos regulamentos acerca das ofertas queimadas e dos sacrifícios do Velho Testamento. Um deles era chamado “cheiro suave”. Os sacerdotes colocavam óleo e incenso numa porção de flor de farinha. Depois, quando a fumaça subia, aspirava-se um aroma agradável. Bem, isso era apenas uma figura, um símbolo da apresentação de algo a Deus, algo que Lhe fosse aceitável, que fosse bem agradável aos Seus olhos. E é exatamente isso que o apóstolo está dizendo aqui. Você deve apresentar o seu

corpo de maneira, diz ele, que chegue com o mais fino aroma a Deus. Desde que você é cristão, e visto que você quer mostrar sua gratidão a Deus, deve manter o seu corpo em tais condições que, ao apresentá-lo cada dia, haja como que um “cheiro suave” que, por assim dizer, suba para Deus, e Ele aceite alegremente a sua oferta.

Paulo emprega exatamente a mesma expressão em Efésios 5:1,2: “Sede pois imitadores de Deus, como filhos amados; e andai em amor, como também Cristo vos amou, e se entregou a si mesmo por nós, em oferta e sacrifício a Deus, em cheiro suave”. O nosso Senhor fez isso, e eu e vocês devemos fazer a mesma coisa. “Ah”, diz praticamente o apóstolo, “vocês devem glorificar a Deus e servi-LO, louvá-LO e proclamar as Suas excelências, não somente com a sua alma e com o seu espírito, mas também com o seu corpo. Apresentem-no, pois, a Ele, como um sacrifício vivo, como um sacrifício santo, como algo que seja agradavelmente aceitável aos Seus santíssimos olhos.”

Se Deus quiser, iremos dar continuidade a este assunto e ver como deve ser levado à prática. Tenho o penosíssimo sentimento de que muitos cristãos modernos necessitam precisamente desta exortação. Em grande parte do que está sendo escrito no presente, é evidente que há um relaxamento ao longo desta mesma linha, mesmo nos círculos evangélicos. Há não muito tempo li um artigo que virtualmente exortava os jovens cristãos a tomarem bebida alcoólica. Não posso imaginar nada que seja mais perigoso que esta nova idéia que está se insinuando, de que devemos recomendar o evangelho sendo iguais a todo o mundo. Considero isso coisa do diabo, coisa perigosa para a alma individual, perigosa para a vida da Igreja, perigosa para os de fora. Estas questões são de grande urgência e de aguda relevância atual. É por isso que devemos continuar a examinar a declaração do apóstolo, e fazê-lo com grande atenção e com humildade, sob a direção do Espírito Santo.

5

“Rogo-vos pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus.” – Romanos 12:1,2

Algumas das maiores tragédias da história da Igreja e na vida de cristãos individuais, foram causadas inteiramente pelo fato de que as pessoas em geral jamais captaram o ensino destes dois versículos; nunca entenderam o sentido destas palavras de Paulo: “pois” e “pela compaixão de Deus”. Esta é uma das junções, ou dos elos, que ligam as grandes doutrinas da fé cristã com o modo de viver a vida cristã. As junções ferroviárias são sempre importantes e sempre são lugares perigosos. Pode-se obstruir as linhas, e isso pode levar a problemas graves e sem fim. Nas Escrituras, as junções são particularmente importantes, e em nenhum lugar mais do que aqui, onde nos é apresentado o modo de viver a vida cristã. Estes dois versículos constituem a introdução da parte restante desta grande Epístola.

Assim, estivemos considerando as palavras de Paulo, e vimos que o motivo para vivermos esta vida é a grande doutrina dos primeiros onze capítulos de Romanos. As palavras “pois” e “pela compaixão de Deus” assinalam o elemento de gratidão. Vimos também a importância da palavra “apresentar” quando consideramos como devemos viver a vida cristã. Vocês devem apresentar o seu corpo literal, físico, como

sacrifício a Deus, não um sacrifício morto, mas um sacrifício vivo e uma oferta contínua. Também deve ser um sacrifício “santo”, um sacrifício aceitável a Deus e agradável a Seus olhos, uma espécie de “cheiro suave” subindo à presença de Deus e Lhe dando prazer e satisfação.

Retomamos o estudo neste ponto, e aqui o apóstolo vai dizer mais alguma coisa. Diz ele: “que é o vosso culto racional”. Aqui também temos uma declaração muito interessante, e devemos entendê-la bem. A palavra “serviço” (VA) é um dos termos técnicos empregados nas Escrituras. Pode ser traduzida pela palavra “culto”. O “serviço” de Deus significa o culto a Deus, como Paulo tinha indicado quando escrevera aos tessalonicenses: “...como dos ídolos vos convertestes a Deus, para servir o Deus vivo e verdadeiro” (1 Tessalonicenses 1:9). E você não serve o Deus vivo e verdadeiro apenas nos serviços ou cultos públicos – isso é uma parte – porém pela totalidade da sua vida.

Escrevendo aos filipenses, Paulo diz: “E, ainda que (eu) seja oferecido por libação sobre o sacrifício e serviço da vossa fé” – “serviço” aqui expressa a mesma idéia – “folgo e me regozijo com todos vós” (Filipenses 2:17). Paulo está utilizando uma figura e com efeito diz: “Certo, vocês têm o seu sacrifício pronto para ser oferecido a Deus. Pois bem, sob a antiga dispensação era costume derramar vinho ou óleo sobre as diversas ofertas, e”, diz Paulo, “se necessário, estou pronto para que o meu sangue seja derramado e oferecido sobre o sacrifício e serviço de vocês”. Eles estão trazendo o seu sacrifício, que são eles mesmos, para oferecê-lo a Deus como um ato de culto e de louvor, e Paulo está pronto a ser a libação, ou, se preferirem, a substância derramada sobre a oferta.

Há depois outro exemplo interessante, de novo em Filipenses, onde Paulo diz: “Porque a circuncisão somos nós, que servimos a Deus em espírito...” (Filipenses 3:3). A palavra aqui traduzida por “cultuamos” (VA) é a mesma palavra que em Romanos 12:1 é traduzida por “serviço” (VA). Daí, a

tradução bem poderia ter sido “que servimos a Deus”. Culto e serviço são termos intercambiáveis. Na verdade, tanto dizemos que vamos à casa de Deus prestar culto a Deus, como dizemos que vamos a um serviço na casa de Deus. Essa é, pois, a idéia de Paulo aqui. A oferta do nosso corpo a Deus como sacrifício vivo, santo e agradável, é um ato de culto. A minha vida completa deve ser um culto a Deus.

Mas Paulo descreve ainda esta oferta como um serviço ou culto “racional”. Agora, se vocês tomarem essa expressão como está na Versão Autorizada (a Versão do Rei Tiago), poderão chegar à conclusão de que ele está dizendo: “Ora, o que lhe estou pedindo que faça é algo que não é irracional; é, de fato, muito racional. À luz do que Deus fez por você, à luz das misericórdias de Deus, à luz do sacrifício de Seu Filho, que é que seria mais eminentemente racional do que Deus lhe pedir que se entregue a Ele, para que você possa dedicar a sua vida a Seu serviço e a Seu louvor?”

Bem, vocês podem incluir isso, se quiserem, no significado da palavra “racional”, porém na realidade ela não significa isso. Paulo usa o termo para acrescentar algo à descrição que faz do caráter desta oferta ou deste sacrifício do nosso corpo. Ele nos dissera que é um sacrifício “vivo”; ele nos dissera que é “santo”; ele nos dissera que é “agradável a Deus”; e agora, em acréscimo a isso, ele diz que deve ser “racional”.

Essa palavra é muito interessante. Significa que o sacrifício é oferecido pela mente, que é algo mental, algo espiritual. Permitam-me ilustrar isso pela observação do uso da mesma palavra noutros lugares. Espero que, ao fazermos isso, vocês sejam iniciados num método de estudo das Escrituras. Não há nada melhor do que explicar passagens das Escrituras por passagens da Escrituras. Peguem sempre uma analogia das Escrituras, e estarão sempre seguros. Comparem sempre Escritura com Escritura. Esse é o método supremo, parece-me, pelo qual estudar e expor a Bíblia.

E assim eu os levo à Primeira Epístola de Pedro, capítulo

dois, versículo dois. Já consideramos esse capítulo, todavia não incluímos estas palavras: “Como crianças recém-nascidas” – leio na Versão Autorizada – “desejai o genuíno leite da palavra, para que por meio dela cresçais”. Mas essa tradução não é acurada. Está tudo certo, o que diz é perfeitamente correto, é do “genuíno leite da palavra” que Pedro está falando. Contudo, ele realmente não disse isso. O que ele disse foi: “o leite espiritual, genuíno (não misturado, não adulterado)”. Não “leite da palavra”, mas “leite espiritual”. A palavra aqui traduzida por “espiritual” é a mesma palavra grega traduzida por “racional” em Romanos 12:1.

Assim, para expressar o ponto de outro modo, Pedro diz: “Desejai o genuíno leite que nutre o pensamento”. Dizendo-o ainda noutros termos, a Palavra é algo mental, algo espiritual. Pedro evidentemente a contrasta com o leite comum que nutre o corpo. Portanto, eis o que praticamente ele diz: “Estou dizendo a vocês que não tomem leite material, e sim um leite espiritual, que nutre a mente”. Esse é o contraste. Vê-se, pois, que aqui, em Romanos 12:1, Paulo está dizendo: “A sua oferta deve ser um serviço ou culto espiritual ou mental a Deus”.

Vocês vêem agora o significado disso? O apóstolo Paulo também emprega estas palavras a fim de nos apresentar um contraste. Esse contraste, como já vimos, ele fez em conexão com a palavra “vivo”: não um animal morto, não um corpo morto, mas um sacrifício vivo e com continuidade. E aqui o contraste é com uma coisa meramente externa. A oferta não deve ser assim. Não deve ser exterior, e sim interior. Não deve ser apenas parte de uma cerimônia ou de um ritual, mas a sua característica é toda interior, mental, espiritual. Esse é um ponto que deve receber grande ênfase na atualidade. É indubitável a tendência de multiplicar as formas exteriores em conexão com a religião. O povo sempre gosta do que é espetacular, do que é visível. Uma grande luta que a fé cristã tem sido forçada a travar desde os seus primeiros momentos é contra a perpétua tendência de exteriorizar o culto.

É fascinante a leitura da narrativa desse combate através dos séculos sucessivos. Começa no Novo Testamento com os chamados judaizantes. A reação deles era muito natural. Eles tinham sido criados como judeus e estavam acostumados com o ritual e com as exterioridades do culto a Deus no templo. Achavam muito difícil romper com isso e passar a um culto mais espiritual. E assim se vê a luta até no próprio Novo Testamento. E continuou na história subsequente da Igreja.

Também na atualidade realmente devemos conhecer algo sobre isso. Vejam, por exemplo, a igreja católica romana – e no momento não estou dizendo nada disso com a intenção de criticar o que ela tem feito, mas estou simplesmente dando a vocês uma informação histórica. Mesmo antes de se tornar romana, porém ainda mais depois disso, ela se defrontou com esse problema. Conforme o cristianismo cresceu, naturalmente ele se desenvolveu entre pessoas que tinham sido criadas em circunstâncias pagãs. Todas elas tinham suas religiões – todos têm alguma religião – e existiam muitas religiões pagãs, as religiões de mistério inclusive. Todas essas religiões pagãs davam grande ênfase ao espetacular, ao visível, ao que é exterior.

Muitos desses pagãos se tornaram cristãos em consequência de uma espécie de movimento de massa. Quando o imperador decidiu tornar-se cristão e tornar cristão o Império Romano, automaticamente todo o seu povo entrou na igreja. Não que cada um deles, individualmente, fosse convertido, nada disso! E quando se defrontaram com o culto simples, sem enfeites, espiritual e interior dos cristãos, sentiram-se perdidos. Achavam que faltava alguma coisa. E o resultado foi que os líderes da igreja fizeram concessões. Disseram: “Temos que dar a essa gente algo que se possa ver; eles estão acostumados com isso”.

Daí vocês podem rastrear a história de como foi que, cada vez mais, os “cristãos” se apartaram do culto simples, do culto singelo e espontâneo do Novo Testamento, passando a um

cerimonial crescentemente elaborado, com um sacerdócio. O altar, que antes estava no meio do povo, foi afastado e retirado para longe dele, e só certas pessoas especiais passaram a ter permissão para prestar culto a Deus, enquanto as demais ficavam sentadas e observavam o espetáculo.

Foi assim que tudo isso aconteceu. Os “cristãos” até chegaram a tomar muitas das cerimônias pagãs, revestindo-as de uma forma cristã. Adotaram muitos dos dias pagãos, os tais “dias santos” referidos em Colossenses e noutras Epístolas. Disseram que os tinham “batizado no cristianismo”. Essa era a expressão empregada por eles, e esse foi o seu argumento. Mas, que é que realmente fizeram? Acaso batizaram essas práticas pagãs no cristianismo, ou degradaram e desbastaram o cristianismo, transformando-o numa espécie de semi-paganismo?

Bem, todos nós temos as nossas idéias a respeito destes assuntos, não temos? Tudo o que estou tentando mostrar é que estes perigos estão implícitos no uso que o apóstolo faz aqui da palavra traduzida por “racional”. É mental; é espiritual; é interior. É, num sentido, a antítese do cerimonial externo. É um serviço a Deus de tal natureza que se coaduna com a razão. É uma oferenda espiritual, o culto de um ser humano racional, em distinção da oferenda de um animal irracional.

Há também muitos outros contrastes aqui. O apóstolo está lutando contra a atitude legalista para com o culto a Deus. Esta, penso eu, continua sendo uma das maiores batalhas hoje em dia, e continuará sendo nos anos vindouros. Vocês sabem de todas estas tendências – o novo interesse por Roma, por exemplo. “Porventura Roma não está mudando?”, perguntam. E está mudando, claro. Ela está tentando apresentar-nos as suas cerimônias de maneira que nos sejam mais atraentes. Os líderes resolveram, por exemplo, não conduzir mais os cultos em latim, mas sim usar o vernáculo. Essa é a isca, e nela está um anzol. Este anzol é o cerimonial, este culto exterior, que, em última análise, é legalista.

Na Epístola aos Colossenses o apóstolo fala do legalismo de forma bastante surpreendente. Tendo ministrado de novo a grande doutrina da salvação e da obra realizada na cruz, diz ele em Colossenses 2:16-23: “Portanto, ninguém vos julgue pelo comer, ou pelo beber, ou por causa dos dias de festa, ou da lua nova, ou dos sábados, que são sombras das coisas futuras, mas o corpo é de Cristo. Ninguém vos domine a seu bel-prazer com pretexto de humildade e culto dos anjos, metendo-se em coisas que não viu; estando debalde inchado na sua carnal compreensão, e não ligado à cabeça, da qual todo o corpo, provido e organizado pelas juntas e ligaduras, vai crescendo em aumento de Deus. Se, pois, estais mortos com Cristo quanto aos rudimentos do mundo” – com o que Paulo se refere aos princípios elementares, ou à espécie de rusticidade própria de tudo quanto é primitivo – “por que vos carregam ainda de ordenanças, como se vivésseis no mundo, tais como: não toques, não proves, não manuseies? As quais coisas todas perecem pelo uso, segundo os preceitos e doutrinas dos homens; as quais têm, na verdade, alguma aparência de sabedoria, em devoção voluntária, humildade, e em disciplina do corpo, mas não são de valor algum senão para a satisfação da carne”.

Pois bem, isso não é nada senão uma espécie de dissertação sobre o tema que estamos considerando aqui, em Romanos, capítulo 12. Havia uma luta na igreja de Colossos e nas igrejas das vizinhanças. Esses outros homens tinha vindo com uma mistura de cristianismo, filosofia e aquelas velhas religiões de mistério, mesclado com um bocado de judaísmo. Era uma extraordinária salada de diferentes ensinamentos e religiões. Parecia algo maravilhoso, claro, como sempre acontece com as religiões de charlatães, e havia pessoas propensas a acatar isso, achando que tinham encontrado alguma coisa especial. Eis o que lhes diziam: “Basta que você faça isso, veja, e que cumpra estas regras e estes regulamentos, e tudo estará bem com você”.

Sempre é esse o atrativo desse tipo de religião. É por isso

que de vez em quando muitos entram na igreja católica romana – vocês podem ler as autobiografias dos que deram isso como uma das suas razões. Dizem eles: “A sua fé evangélica, protestante, em particular, parece deixar tudo comigo, e quem sou eu? Acho demais para mim. Mas a “Santa Madre Igreja” diz: “Venha, nós conduziremos o culto em seu lugar”! E assim você se assenta e assiste ao grande espetáculo, e fica com a certeza de que tudo está sendo acertado para você. Pois bem, é disso que o apóstolo trata aqui. Isso é ser legalista, disse ele, e jamais devemos conceber os nossos cultos dessa maneira.

Agora, com sua vênua, faço outra citação para que vocês vejam isso com toda a clareza. No começo de 1 Timóteo, capítulo 4, Paulo diz: “Mas o Espírito expressamente diz que nos últimos tempos apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores, e a doutrinas de demônios; pela hipocrisia de homens que falam mentiras, tendo cauterizada a sua própria consciência; proibindo o casamento, e ordenando a abstinência dos manjares que Deus criou para os fiéis e para os que conhecem a verdade, a fim de usarem deles com ações de graças; porque toda criatura de Deus é boa, e não há nada que rejeitar, sendo recebido com ações de graças. Porque pela palavra de Deus e pela oração é santificada. Propondo estas coisas aos irmãos, serás bom ministro de Jesus Cristo, criado com as palavras da fé e da boa doutrina que tens seguido” (versículos 1-6).

Agora vou tentar ser um bom ministro de Jesus Cristo e chamar a atenção de vocês justamente para estas coisas, e o que lhes digo é o seguinte: Paulo está falando sobre o que vocês devem fazer com o seu corpo, e diz aos cristãos da cidade de Roma que não dêem ouvidos às palavras desses falsos mestres porque eles dizem coisas inteiramente irracionais e não razoáveis, coisas que a mente de vocês deve rejeitar. Paulo diz: quero que vocês ofereçam um culto espiritual, que seja oferecido com o uso da razão. Esse é o tipo de oferta

própria de um homem ou de uma mulher.

Paulo contrasta “culto racional” com este ensino errôneo, falso. Há os que diriam a vocês até que inflijam dor ao seu corpo. Frequentemente se tem ensinado isso: o uso de cabelo curto, por exemplo. Alguns têm levado esse ensino até ao ponto de literalmente escarificar o corpo. Outros entendiam tão erradamente todo o ensino que quase morriam de fome. O que eles tentavam fazer era lidar com os impulsos e energias que afloram no corpo, os quais consideramos anteriormente, mas o método que empregavam consistia em sujeitar o corpo a frio e fome, a ponto de alguns ficarem gravemente enfermos.

Mas isso é irracional; não é ensino do Novo Testamento. E mais: alguns iam tão longe que chegavam a dizer com toda a seriedade que, se você, homem ou mulher, quiser ser um cristão de verdade, jamais deverá casar-se. E não permitiam comer nenhum tipo de carne. Por quê? Bem eles diziam que comer carne é fazer o que o mundo faz, porém a carne é perigosa porque estimula certas partes do corpo e os apetites. Portanto, diziam, se você quiser viver a vida cristã e apresentar o seu corpo a Deus, só deve comer ervas e vegetais com o seu pão. É desse tipo de coisa que Paulo trata em Colossenses, capítulo 2, e em 1 Timóteo, capítulo 4, e é isso que ele coloca numa só palavra, “racional”, aqui, neste capítulo. No capítulo 14 ele expõe e desenvolve esse ponto, e depois o resume naquela grande declaração do versículo dezessete: “O reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo”.

Portanto, aqui Paulo está salientando que a apresentação do seu corpo deve ser sempre racional. Você deve ser capaz de justificá-la. Deve ser coerente com a descrição que o Novo Testamento faz do cristão. Através dos séculos foi preciso dizer a alguns membros da Igreja Cristã que o sacrifício, em si e por si, nunca teve fim. Há sempre pessoas dispostas a “dar o seu corpo para ser queimado”, e eles acham que há algum

mérito no sacrifício *per se*.^{*} Faz bem pouco tempo que lemos em nossos jornais sobre um homem que fez exatamente isso, penso que nos arredores do Pentágono, em Washington. Ele lançou gasolina ou coisa parecida sobre o seu próprio corpo e morreu queimado por sua religião, como pensava, por seus princípios. Mas há pessoas que fazem isso, não dessa forma extrema, porém de várias outras maneiras. Todavia isso não é razoável, é irracional, e o apóstolo está dizendo que o culto verdadeiro é um completo contraste disso tudo. Por isso ele dá ênfase a esta apresentação positiva, espiritual, do nosso corpo a Deus, de modo que Ele a use para a Sua glória e para o Seu louvor.

Permitam que eu faça um resumo disso tudo lendo João, capítulo 4, que descreve a conversa do nosso Senhor com a mulher samaritana. Isso dá sustentação ao mesmo ponto. “Disse-lhe a mulher: Senhor, vejo que és profeta. Nossos pais adoraram neste monte, e vós” – isto é, os judeus – “dizeis que é em Jerusalém o lugar onde se deve adorar” – ou prestar culto, ou servir – “Disse-lhe Jesus: Mulher, crê-me que a hora vem, em que nem neste monte nem em Jerusalém adorareis (servireis) o Pai. Vós adorais o que não sabeis; nós adoramos o que sabemos porque a salvação vem dos judeus. Mas a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores” – os verdadeiros servos de Deus – “adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque o Pai procura a tais que assim o adorem. Deus é Espírito,^{**} e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade” (versículos 19-24).

É exatamente esse o contraste que o apóstolo tem em mente aqui. A mulher samaritana estava pensando naqueles velhos termos: ou você adora a Deus neste monte, ou O adora no

^{*} Por si. Por sua própria natureza. Em latim no original. Nota do tradutor.

^{**} A NVI registra: “espírito”, com inicial minúscula, porque aí a referência é, não ao Espírito Santo, nem à Deidade, mas à natureza espiritual de Deus, não física ou material. Cf. Mateus 27:50. Nota do tradutor.

templo de Jerusalém. Esse era o problema geral dos judeus daquele tempo. Foi isso que eles nunca puderam compreender a respeito do nosso Senhor. Eles achavam que Ele era contra Deus, que Ele era blasfemo e impostor. Por quê? Porque Ele ensinava que era possível adorar a Deus sem o templo, sem sacerdotes e sem sumo sacerdote, e esse era o escândalo.

E era também o escândalo causado pelo apóstolo Paulo, pelos demais apóstolos e pelos cristãos primitivos. Os judeus diziam: “Essas pessoas são irreligiosas”. Simplesmente porque elas não prestavam culto do velho modo visível, externo, cerimonial, mas diziam que o culto era totalmente interior e espiritual. “Deus é Espírito, e importa que os que o adoaram o adorem em espírito e em verdade.” O monte, o templo, Jerusalém, nenhuma destas coisas importa; *espírito e verdade* são o que importa.

É muito interessante observar que no século segundo A. D. a acusação mais comum feita contra os cristãos era que eles eram ateus! E a explicação era que os pagãos adoravam uma multiplicidade de deuses, os cristãos não; estes adoravam somente um Deus, e o faziam de maneira interior, sem templos, sem ofertas queimadas e sem fazerem sacrifícios. Parecia que eles adoravam a Deus inteiramente dentro de si mesmos e em sua mente; não tinham necessidade de edifícios e seus adornos, nem de coisa alguma do ritual.

Temos aí, pois, o princípio. Como praticá-lo, porém? Permitam que eu divida isso em seus aspectos negativos e positivos. Lembrem-se, aqui estamos tratando de praticabilidades. Estamos tratando do uso que fazemos do corpo que Deus nos deu. Como posso efetuar isso tudo?

Obviamente, o primeiro ponto é que eu devo refrear-me de pecar. Não devo pecar com o meu corpo. Não preciso desenvolver isso; este ponto só pode estar claro para todos. Mas deixem que eu passe a alguns outros aspectos negativos. Não devo usar o meu corpo egoisticamente. Ora, aqui, estamos chegando ao cerne da questão. Não devo nem considerar meu

corpo como minha propriedade privada. É o que Paulo diz em 1 Coríntios 6:19,20: “Não sabeis que... não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por bom preço”. O vosso corpo é “o templo do Espírito Santo” (versículo 19). Portanto, devo aprender que o meu corpo não está à minha disposição. Não devo usá-lo para meus fins pessoais. Cada um de vocês deve desenvolver este ponto em detalhes; estou simplesmente firmando o princípio.

Posso dizê-lo desta maneira: você não deve mimar seu corpo, porque, se o fizer, estará tendo um conceito errado sobre ele. O corpo não foi feito para ser mimado. Foi-nos dado para por ele expressarmos o nosso ser, a nossa personalidade e os poderes que Deus nos deu. No momento em que você mimar seu corpo, estará dando atenção demais a ele, você o estará elevando e o estará colocando em primeiro lugar, e ele nunca foi destinado a ocupar essa posição. Por isso vemos nas Escrituras uma declaração como esta: “O enfeite delas não seja o exterior, no frisado dos cabelos, no uso de jóias de ouro, na compostura dos vestidos; mas o homem encoberto no coração; no incorruptível traje de um espírito manso e quieto, que é precioso diante de Deus” (1 Pedro 3:3,4). Costuma-se ler esse trecho nas cerimônias matrimoniais, e está certo fazer isso. Esse é o tipo certo de enfeite.

Como expliquei anteriormente, há uma certa ordem nestas coisas – espírito, alma, corpo. Você não vive para o corpo, nem para a glória do corpo. Algumas pessoas têm tentações maiores do que outras neste ponto. Todos nós temos as nossas tentações particulares, porém se lhe foi dado um corpo formoso e bem modelado, tome cuidado para não fazer dele um ídolo, para não começar a adorá-lo, e para não mimá-lo. Tudo isso está envolvido aqui. Lembre-se, seu corpo não pertence a você, pertence a Deus, e no momento em que se inclina a viver para a glória do seu corpo, estará transgredindo justamente este apelo, esta exortação que estamos considerando juntos aqui.

Depois, claro está que muito menos devemos abusar do corpo. O abuso do corpo é um grave pecado porque ele não é nosso, é “o templo do Espírito Santo”. Portanto, se eu devo oferecer o meu corpo a Deus como um sacrifício vivo, santo, puro e agradável aos olhos de Deus; se nada deve subir a Deus senão um “cheiro suave”, e se devo ser razoável em tudo isso, é evidente que não devo abusar do meu corpo de modo nenhum. Já tocamos neste assunto. Não se deve maltratar ou tratar mal o corpo. Ah, pode-se abusar do corpo ou usá-lo mal de muitas maneiras. Pode-se abusar dele negligenciando-o. Negligenciar o corpo não é ser ultra-espiritual. Muitos santos, com essa idéia, têm feito isso, e o seu trabalho e o seu ministério sofreram as conseqüências. Como Robert Louis Stevenson* o expressou, o corpo é considerado como “irmão asno” e tem sido tratado como tal. Isso é mau. Você não deve ter desprezo pelo seu corpo. Você não deve dizer: “Sou uma pessoa de mentalidade espiritual, e não tenho tempo para dar atenção ao meu corpo”. Contrariar isso pode parecer anti-espiritual, mas é o que o apóstolo está fazendo.

Também se pode abusar do corpo dando-lhe alimento demais. Você deve alimentá-lo, o corpo não pode viver sem isso, entretanto o estará tratando mal, se exagerar, e de novo estará permitindo que ele se torne demasiadamente importante. Estará deixando que ele lhe dite o que fazer. Estará permitindo que os apetites assumam o controle. Jamais foi propósito que os apetites tenham o controle num ser racional, e “o novo homem em Cristo” é racional. Portanto, devemos tratar do nosso corpo de maneira racional: alimento suficiente, mas nada de exagero. O nosso Senhor falou sobre isso: “E olhai por vós, não aconteça que os vossos corações se carreguem de glotonaria” (Lucas 21:34). Devemos comer de acordo com a necessidade.

* Prolífico escritor escocês (1850-1894), autor de *A Ilha do Tesouro* e de muitas outras obras. Nota do tradutor.

E depois, naturalmente, a mesma coisa se aplica à bebida – toda espécie de bebida. Particularmente as bebidas alcoólicas podem ser um terrível abuso do corpo; nada de carregar-se de “gluttonaria” e “de embriaguez”, diz o nosso Senhor (Lucas 21:34). Se você beber bebida alcoólica demais, fará violência a seu corpo e fará sucumbir a parte mais elevada dele, dada por Deus – os centros vitais superiores, que devem ter o comando. E assim você já não poderá oferecer o seu corpo como um sacrifício do tipo descrito aqui pelo grande apóstolo.

E posso acrescentar – e isto precisa ser acrescentado numa época como esta – a mesma coisa aplica-se ao sexo. Não há nada de errado no sexo, porém aqui também entra o fator excesso, e isso é mau. O mundo atual vive para o sexo, e não pode haver coisa mais terrível. É pior até do que o culto ao corpo. Os gregos antigos cultuavam a forma física. Seus jogos destinavam-se a glorificar o corpo humano. Vêem-se esculturas desta estrutura humana perfeita no Museu Britânico e noutros lugares. Eles estavam errados. O corpo não deve ser objeto de culto. O corpo deve ser apresentado a Deus e deve ser usado inteiramente para a glória de Deus e para o Seu louvor.

Para dizê-lo clara e francamente, o sexo foi dado a você por Deus, mas, se você usar o seu corpo e a sua sexualidade para seu prazer e para satisfazer os seus apetites, não estará violando só o seu corpo; estará violando a sua constituição humana. Você não deve usar o corpo ou alguma parte do corpo para seu prazer egoístico. Faça todas as coisas para a glória de Deus, diz o apóstolo: “Portanto, quer comais quer bebais, ou façais outra qualquer coisa, fazei tudo para glória de Deus” (1 Coríntios 10:31).

Também se aplica a mesma coisa ao sono. Vocês não podem passar sem dormir, e, se não tiverem bom período de sono, todas as partes do seu ser sofrerão. O seu trabalho sofrerá e, acima de tudo, o seu culto a Deus sofrerá. Portanto,

o sono é essencial. Mas, de novo, dormir demais é ruim para o corpo, e, daí, vai impedir vocês de apresentá-lo a Deus como um sacrifício vivo e santo, e que seja agradável aos Seus santíssimos olhos. Povo cristão, temos sido muito propensos a esquecer estas questões, não temos? Há um sentido em que você pode tornar-se demasiado espiritual. Noutro sentido, certamente, você jamais conseguirá ser demasiado espiritual, todavia, se você isola o espiritual e o separa do físico, cai num gravíssimo erro.

A seguir, positivamente, o ensino de Paulo em Romanos 12:1 significa que devemos manter o nosso corpo em condições tão saudáveis quanto for possível. Não estamos sendo muito espirituais se não fazemos algum exercício físico. Vocês devem fazer exercício. Quanto mais apto estiver o seu corpo, mais aptos estarão o seu entendimento e a sua mente. *Mens sana in corpore sano* – é isso – “Mente sadia num corpo sadio”. Estas coisas interagem. Você deve apresentar o seu corpo santo a Deus, não estropiado, não funcionando apenas cinquenta por cento, não periclitante e falho. Não; torne-o apto quanto puder. Mas não viva para a aptidão; seja apto para servir a Deus e para que Ele o use para a Sua glória e para o Seu louvor.

O apóstolo tinha dito isso com minúcias em Romanos, capítulo 6 – citei-o anteriormente: “Nem tampouco apresenteis os vossos membros ao pecado por instrumentos de iniquidade; mas apresentai-vos a Deus, como vivos dentre mortos, e os vossos membros a Deus, como instrumentos de justiça” (versículo 13). E naquele mesmo capítulo, mais adiante, Paulo o repete todo: “E, libertados do pecado, fostes feitos servos da justiça. Falo como homem, pela fraqueza da vossa carne: pois que, assim como apresentastes os vossos membros para servirem à imundícia, e à maldade para maldade, assim apresentai agora os vossos membros” – os mesmos membros – “para servirem à justiça para santificação” (versículos 18,19).

Noutras palavras, o princípio é que damos o nosso corpo a

Deus e o pomos à Sua disposição, para o Seu serviço. E vocês podem fazer isso. Podem usar cada parte do seu corpo, o sexo inclusive, para a glória de Deus. O sexo pode ser usado para a glória de Deus do mesmo modo como se pode comer e beber para a glória de Deus, como também andar para a glória de Deus. Se vocês acham que o sexo não pode ser usado para a glória de Deus, não entenderam bem todo este ensino e não estão numa posição cristã. Nunca abusem, mas usem, sempre para a glória de Deus. “Usam... como se dele não abusassem”, diz o apóstolo em 1 Coríntios 7:31. Esse é o princípio. E vocês verão que ele se apresenta como um tema e um motivo no decorrer das Epístolas do Novo Testamento.

Finalmente, permitam-me fazer-lhes uma citação daquele grande pregador dos primeiros tempos da era cristã, João Crisóstomo, “o orador de boca de ouro”, por vezes assim chamado.* Ele expressa tudo isso belissimamente com estas palavras: “Como pode o corpo vir a ser um sacrifício?” E aqui está a resposta: “Que os nossos olhos não olhem para o mal, e isso é um sacrifício”. E não é? Os nossos olhos se habituaram a ver o mal quando andamos pelas ruas e vemos pessoas e cartazes, e quando pegamos o jornal. Os olhos ficaram acostumados a ver o mal, e por natureza gostamos disso, de modo que quando os olhos não olham para o mal, é um sacrifício. Jó, aquele sábio homem do Velho Testamento, coloca isso nestes termos: “Fiz concerto com os meus olhos; como pois os fixaria numa virgem?” (Jó 31:1). “Cheguei a esta decisão”, praticamente diz Jó. “Fiz concerto com os meus olhos, que sempre olharia direto para a frente. Que não olharia nem para a direita nem para a esquerda. Que não olharia de soslaio, por assim dizer. Que eu não usaria nem o canto do olho para ver o mal.”

Depois Crisóstomo continua: “Que a língua não profira

* “Crisóstomo”, nome de origem grega, significa “boca de ouro” (*chrysós*, ouro + *stóma*, boca). Nota do tradutor.

nada que seja vil, e isso é uma oferta”. A língua profere coisas baixas, vis. “Nem torpezas, nem parvoíces, nem chocarrices”, diz Paulo, “que não convêm” (Efésios 5:4). Quantos males causa a língua! Tiago nos diz: “A língua é um pequeno membro... Vede quão grande bosque um pequeno fogo incendeia” (Tiago 3:5). Oh, o problema que ela pode causar, e que dano faz dizer coisas más! Não só falar o mal sobre outras pessoas, mas dizer coisas más e instigantes. “Não”, diz Crisóstomo, “que a língua não profira nada que seja vil, e isso é uma oferta.” Você apresenta isso como uma oferta a Deus.

Crisóstomo continua: “Que a mão não cometa nenhum pecado, e isso é um holocausto”. Noutras palavras, é algo tão tremendo que é como se você trouxesse uma grande oferta e a queimasse.

“Ainda há mais, porém; isso não basta”, diz Crisóstomo. Isso não é suficiente. É negativo. Crisóstomo faz uso da divisão que tenho tentado usar. “Ainda há mais, porém; isso não basta, mas, além disso, devemos exercitar-nos ativamente para o bem, a mão, dar esmolas, a boca, abençoar os que nos amaldiçoam, o ouvido, livre para ouvir a Deus”. Devemos deixar de ouvir as roufenhas vozes do mundo. Vocês param de ouvir o mundo para começar a ouvir a Deus. Isso é apresentar o ouvido, os órgãos da audição, como um sacrifício oferecido a Deus. Não seria isso uma beleza?

Isso é apresentar “os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus”, que é o vosso “serviço prestado com a razão”, o vosso “serviço mental”, o vosso “culto espiritual”, uma oferta verdadeiramente espiritual a Deus.

*Minhas mãos toma, e que se movam
Ao impulso do Teu amor;
Os meus pés toma, e que sejam
Belos e velozes para Ti.*

*Minha voz toma, e que eu cante
Sempre e somente para meu Rei;
Meus lábios toma, e que se encham
De mensagens vindas de Ti.*

– Francis Ridley Havergal

E assim você vai indo, membro por membro do seu corpo, e o apresenta a Deus. Então você estará vivendo uma vida espiritual, sem coisa alguma que seja irracional, sem nada que seja mutilado; não considerando o corpo como uma coisa má e como algo que tem que ser destruído. Não, não, mas considerando-o, sim, como um dom de Deus; não fazendo uso dele para si próprio, mas oferecendo-o a Ele para que Ele o use para a Sua glória e para o Seu louvor.

E o apóstolo coloca tudo isso numa só palavra – “racional”. Racional! Queira Deus dar-nos graça para que desenvolvamos esta verdade em nosso entendimento e então a ponhamos em prática, em detalhe, em nossa vida diária.

6

“Rogo-vos pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus.” – Romanos 12:1,2

Passamos agora ao versículo dois, onde o apóstolo leva um passo adiante a grande declaração do versículo primeiro. Ele ilustra o que tinha dito e o coloca sob um novo ângulo, mostrando-nos por que devemos apresentar os nossos corpos em sacrifício vivo a Deus. E, à medida que seguirmos mais estes argumentos, veremos com maior clareza ainda por que somos chamados para viver desta maneira.

Em minha análise original destes dois versículos, dei o meu parecer de que aqui nós passamos do domínio do corpo físico para o da alma. Pois bem, eu não sei que divisão do ser humano vocês aceitam, mas gostaria de sugerir que há três aspectos: corpo, alma e espírito. Há os que dizem que alma e espírito são uma só coisa, e num sentido eu concordo; contudo, penso que há uma importante distinção entre eles. É uma distinção traçada em diversos lugares das próprias Escrituras, como já vimos. Portanto, aqui estamos passando para a esfera da alma, ou da parte da vida humana que se expressa por meio da psiquê.

Agora, essa é a parte do homem e da mulher por meio da qual eles se relacionam com a vida neste mundo. Por meio da psiquê, por meio da alma, as pessoas se relacionam com os

seus semelhantes, homens e mulheres. Mas não somente isso; pela psiquê eles se relacionam também com o reino animal e com a parte inanimada da criação. A psiquê é, proeminentemente, a esfera das relações, todas as relações, menos a nossa relação com Deus.

E em Romanos 12:2 o apóstolo nos dá um princípio importante, o qual é ensinado no Novo Testamento, do começo ao fim. É um dos princípios determinantes, uma das diretrizes, que devemos entender bem. Vocês não podem ler o Novo Testamento, mesmo que superficialmente, sem notar freqüentes referências a “o mundo”, ou a “este mundo”, ou a “este presente mundo mau”, ou a “este século” ou a “era”, com um contraste explícito ou implícito com a era ou com o mundo por vir.

Vejam, por exemplo, as palavras do apóstolo no início da Epístola aos Gálatas: “Graça e paz da parte de Deus Pai e da de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual se deu a si mesmo por nossos pecados, para nos livrar do presente século mau” (ou, VA: “do presente mundo mau”) – aí está – “segundo a vontade de Deus nosso Pai” (Gálatas 1:3,4).

Há, depois, uma declaração, provavelmente mais conhecida, na Primeira Epístola de João: “Não ameis o mundo, nem o que no mundo há. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele. Porque tudo o que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não é do pai, mas do mundo. E o mundo passa, e a sua concupiscência; mas aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre” (1 João 2:15-17). Há também outra referência no capítulo 5: “Todo o que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé” (1 João 5:4). E o escritor de Hebreus tem o mesmo ensino. Ele diz que os homens e as mulheres de fé se consideravam “estrangeiros e peregrinos na terra” (Hebreus 11:13).

Ora, como já vimos, Paulo nos dá nestes dois versículos iniciais as diretrizes da conduta cristã, e já chegamos a uma

delas que é de vital importância: não devemos ser controlados por “este mundo”, não devemos conformar-nos “com este mundo”. Contudo, que será que o apóstolo quer dizer com “o mundo”, e que será que o Novo Testamento quer dizer com o seu uso constante dessa expressão? É importante, claro, compreender que com ela os escritores do Novo Testamento usualmente não se referem ao universo físico. Às vezes a empregam nesse sentido, mas quando o fazem o contexto o deixa bem claro. Não há inerentemente nenhum mal no universo material e, em todo caso, ninguém se conforma com ele. Não, em primeiro lugar, com a palavra “mundo” o Novo Testamento quer dizer vida como esta é imaginada, organizada e vivida separadamente de Deus, sem reconhecer Deus, sem se deixar governar e dirigir por Ele. Há, pois, uma grande dicotomia, uma grande divisão. Ou pertencemos ao mundo, ou pertencemos ao reino de Deus.

Depois, em segundo lugar, a palavra “mundo” pode ser definida como vida e atividade que, em consequência da Queda, é controlada pelo diabo. Em 2 Coríntios 4:3,4 lemos: “Se ainda o nosso evangelho está encoberto, para os que se perdem está encoberto. Nos quais o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus”. Aí está, esta referência ao “deus deste século”, “deste mundo”. Ele exerce controle sobre o mundo e sobre aqueles que rejeitam o evangelho. Portanto, “mundo” significa a perspectiva, o modo de viver que não somente é separado de Deus, mas também é positivamente controlado pelo diabo.

Também no capítulo dois da Epístola aos Efésios o apóstolo fala claramente disso, quando descreve os que não são cristãos: “E vos vivificou, estando vós mortos em ofensas e pecados, em que noutro tempo andastes segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe das potestades do ar, do espírito que agora opera nos filhos da desobediência. Entre os quais todos nós também antes andávamos...” (Efésios 2:1-3). Ora,

isso é conformar-se com o mundo. É a espécie de vida que é governada, em todos os aspectos, por este “príncipe das potestades do ar, do espírito que agora opera nos filhos da desobediência”. Essa é outra descrição do diabo e das forças do mal.

No entanto, ainda há outra definição de “mundo”, uma terceira, uma definição que encontramos muitas vezes em nosso percurso pela Epístola aos Romanos. Vem subentendida na palavra “carne”, que é um termo técnico na Bíblia e geralmente se refere a esta perspectiva terrena e a um tipo terreno de vida. Certamente vocês logo verão que às vezes essa palavra é empregada com referência ao corpo, ou até com referência a várias pessoas, ou a um indivíduo isolado, mas em geral o termo é empregado no Novo Testamento, em particular nas Epístolas paulinas, virtualmente como sinônimo da palavra “mundo”.

Permitam-me lembrá-los de que já vimos a palavra “carne”, por exemplo em Romanos 8:3-12. Nessa passagem o apóstolo faz outro grande sumário do evangelho: “O que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne” – vejam, Paulo não se refere aí meramente ao corpo físico – “Deus, enviando o seu Filho em semelhança da carne do pecado” – Ele enviou Seu Filho num corpo, mas Cristo não veio “em pecado”, e sim “em semelhança da carne do pecado” – “pelo pecado condenou o pecado na carne; para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito”.*

Pois bem, nesse trecho o evangelho é claramente colocado na forma de uma antítese. “O mundo” é andar “segundo a carne” e não “segundo o Espírito”. Paulo continua: “Porque os que são segundo a carne inclinam-se para as coisas da carne; mas os que são segundo o Espírito para as coisas do Espírito.”

* Com inicial maiúscula: VA, ARA, NVI. Nota do tradutor.

Então ele acrescenta outra expressão: “Porque a inclinação da carne é morte” – isto é, estar na carne é morte – “mas a inclinação do Espírito é vida e paz. Porquanto a inclinação da carne é inimizada contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser. Portanto, os que estão na carne não podem agradar a Deus”.

Ora, fisicamente todos nós estamos na carne, mas como cristãos não, pois, “os que estão na carne não podem agradar a Deus”. E Paulo acrescenta, no versículo 9: “Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se é que o Espírito de Deus habita em vós”. E Paulo continua apresentando o seu argumento até chegar ao apelo que consta no versículo 12: “De maneira que, irmãos, somos devedores, não à carne para viver segundo a carne. Porque, se viverdes segundo a carne, morrereis; mas, se pelo Espírito mortificardes as obras do corpo, vivereis”. Portanto, uma boa maneira de considerar aqui o termo “mundo” é dizer que ele significa “andar segundo a carne”, em vez de “andar segundo o Espírito”.

Isso é absolutamente crucial. Ninguém terá a mínima possibilidade de entender o ensino neotestamentário sobre comportamento e sobre moralidade sem captar o ensino neotestamentário sobre o mundo. Esse é o princípio determinante, a diretriz, e é justamente aqui que vemos a unicidade, a singularidade, do ensino cristão. Os filósofos incrédulos nada sabem sobre isso. Eles não traçam nenhuma distinção entre o mundo e o Espírito, nem entre estar na carne e estar no Espírito. Eles não sabem nem entendem nada disso. É aí onde eles estão cegos.

Os moralistas e os humanistas também não sabem nada sobre essa distinção. Não é só que não conseguem entender isso; essa é também a razão pela qual os seus esquemas e as suas propostas sempre dão em nada. Essa é a causa do fato do completo fracasso da educação em suas tentativas de resolver os nossos problemas. A educação nada sabe do sentido das palavras “mundo” e “carne”. Ela não acredita na existência do

diabo, e, assim, perde totalmente o rumo. Ela não enxerga por que as coisas são como elas são. Não vê a profundidade do problema, ou não compreende a razão pela qual uma única forma de solução pode lidar com eles.

Tampouco os estadistas o entendem. O estadista cristão entende, claro, mas o estadista que acredita que o problema pode ser solucionado por leis e decretos do Parlamento não entende deste assunto, nem tampouco o entende todo o sistema legal do nosso país. É por isso que os juízes, os advogados e os magistrados tendem a falhar completamente no trato dos problemas morais com que nos defrontamos tão patentemente neste e noutros países nos dias atuais.

Os cristãos vêem a vida e seus problemas de maneira única. Ora, claro está que isso é importante por muitos motivos, e, se não captarmos isso como devemos, nós, cristãos, também poderemos ficar em dificuldade. No momento em que esperamos um comportamento cristão dos que não são cristãos, já caímos precisamente na confusão que há pouco estivemos considerando. Em vários pontos da sua longa história, tolamente a Igreja tentou impor a homens e mulheres não cristãos o ensino cristão sobre comportamento. Eu acredito, e o digo com grande tristeza e relutância, que aquilo que constituiu o erro cardinal dos puritanos de há mais de trezentos anos continua presente no pensamento de muitos dos que os seguem cegamente hoje.

Assim, qualquer que seja o lado para o qual se olhe, este ensino da Bíblia é importante. Posso colocá-lo nestes termos: o diabo e as forças do mal estão exercendo penetrante e dominante influência e poder sobre todos os aspectos da vida da humanidade. O mundo está sendo governado por um poder maligno cujo chefe é o diabo, "o deus deste mundo", "o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora opera nos filhos da desobediência" (Efésios 2:2). Efésios 6:12 e outras passagens esclarecem bem essa questão: "Não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas sim contra os principados,

contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais”. Este é um princípio primário, fundamental, do ensino bíblico. Vocês não poderão acompanhar o raciocínio bíblico, se não compreenderem a doutrina da Bíblia. Devem começar por aí. Vocês não entenderão a doutrina bíblica da salvação, nem quaisquer outras doutrinas, se não tiverem claro entendimento do assunto de que estamos tratando.

Dessa forma é que o diabo e os seus poderes controlam a vida deste mundo, sua política, suas artes, seu prazer e seu conceito sobre tudo quanto acontece, enquanto os homens vivem a vida da alma neste mundo limitado pelo tempo. Sejam quais forem os problemas internacionais, vocês não começarão a entendê-los, a não ser que tenham captado esta chave particular. É isto que os capacitará a entender tudo mais: os conflitos e o tumulto, a dor e a agonia. Esta é a única e exclusiva explicação adequada. Como é patético as pessoas terem pensado que podiam explicar todos os eventos da Primeira Guerra Mundial em termos do Kaiser, e depois terem repetido o mesmo erro em pensar que Hitler era a única explicação da Segunda Guerra Mundial. Tal raciocínio é infantil em sua superficialidade. Devido adotarem essa idéia errônea, diziam: “Se tão-somente nos livrarmos dessa coisa ruim, tudo ficará ótimo”. Mas, antes de acabar a guerra, elas descobriram que, mesmo que se livrassem de Hitler, estava surgindo outro – Stalin – e a coisa vai continuando e se repetindo. Essa é a tragédia de possuir a mente do mundo e não entender a conotação bíblica desse importante termo.

Como se revela esta “mente do mundo”? Sobre isso há também muitas declarações no Novo Testamento. O apóstolo João diz: “Não ameis o mundo, nem o que no mundo há” – mas, que é que há no mundo? – “a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida” (1 João 2:15,16). Esse é um sumário muito bom, porém não basta, devemos dizer mais.

Agora aqui, penso eu, é o ponto apropriado para fazer uma advertência. Muitos de nós confinam o sentido da expressão “o mundo” dentro de limites estreitos demais, o que constitui um grave perigo. Parece que muitos pensam que quando a Bíblia nos diz, “não vos conformeis com este mundo”, só nos está dizendo que não participemos de certos prazeres chamados mundanos. Há quem pense que, não indo ao cinema ou ao teatro, não é culpado de mundanismo; alguns quase o reduzem a não ter televisor! Provavelmente vocês conhecem pessoas que tais e podem ver como é pequena a sua concepção do termo “mundo”.

Outros pensam que mundanismo é pura questão de dinheiro. Lembro-me muito bem de que, quando eu era um rapazote, essa era a palavra que eu costumava ouvir muitas e muitas vezes, particularmente no idioma galês. Mundanismo era sinônimo de amor ao dinheiro, ou de ter dinheiro e propriedades. Costumávamos dizer: “Ele é mundano”, quando simplesmente queríamos dizer que o tal homem gostava muito de dinheiro e queria ter mais. Visto que vivia acumulando dinheiro e posses, era chamado mundano. Evidentemente isso está incluído, mas não se deve restringir o mundanismo a isso; não se deve confinar o mundanismo num punhado de coisas que não devemos fazer. A expressão “o mundo” é muito maior que isso. Como já vimos, é algo que absorve a totalidade do ser humano, homem ou mulher, tanto no pensamento como na prática: é uma expressão ampla e muito abrangente.

É-nos dito, pois, que não nos conformemos com este mundo, e eu quero dizer a vocês, tão fortemente quanto puder, que nunca houve maior necessidade desta particular injunção do que neste momento. Na verdade, quase chego à conclusão, como disse anteriormente, de que a chave para a maioria das situações nas quais nos achamos como cristãos na presente hora acha-se nesta frase. Examinemos, pois, estas palavras, e vejamos o que exatamente ela nos diz que não devemos fazer.

O perigo aqui – e espero desenvolver isto mais adiante – é de, em nossa tentativa de pôr em prática esta injunção, cairmos num destes dois extremos: um, é uma estreiteza legalista, e o outro, em reação a isso, é a conformidade com este mundo. É surpreendente o número de cristãos que se acham num extremo ou no outro. É sempre mais fácil estar num extremo do que manter o equilíbrio que tem sido a característica do verdadeiro santo através dos séculos.

Por essa razão, tenhamos isso em mente e passemos a examinar esta exortação e vê-la em relação ao nosso pensamento. Notem que eu começo não querendo saber se vamos ou não vamos ao cinema, porém começo pelo pensamento. É muito interessante, e às vezes pode ser muito divertido, observar o mundanismo de pessoas que pensam que não são mundanas simplesmente porque não fazem isto ou aquilo. Tais pessoas podem ser muito mais mundanas do que as que são culpadas dessas atividades particulares. Isso porque o mundanismo é, em primeiro lugar, questão de pensamento, uma questão ligada à mente.

Claro está que nesta altura estamos primariamente interessados nisto com referência à esfera da Igreja, e eu desejo tentar mostrar a vocês que a tragédia da Igreja hoje, falando em termos gerais, é que ela se conforma com o mundo em seu pensamento. Como é que ela faz isso? Em sua teologia. É coisa espantosa. Vejam a teologia popular, que se vende nas bancas. Observem as vendas fenomenais de obras como, por exemplo, *Honest to God* (Sincero para com Deus) e sua sucessora, *The New Reformation* (A Nova Reforma), ou de um livro como *Down to Earth* (Com os pés na Terra), todas elas seguindo seu curso sob a designação de Teologia da Margem Sul (em Londres) – teologia que alcançou grande popularidade nestes poucos anos.*

* Lembre-se o leitor de que o presente sermão foi pregado na década de 1960. Nota do tradutor.

Pois bem, deixando inteiramente de lado os detalhes nos quais essa teologia é inteiramente errada, e o fato de que ela nega todos os artigos cardinais da fé cristã, vocês podem ver, já na primeira página de tais livros, geralmente até mesmo na introdução ou no prefácio, que a sua teologia acaba sendo totalmente errada. Por quê? Porque o seu real problema está em que se baseia inteiramente em conformar-se com o pensamento deste mundo. É como começa; é sempre essa a pressuposição.

Por que precisamos de uma nova teologia? A resposta que nos é dada é: “Não adianta dizer ao homem moderno...”. Mas, no instante em que ouvimos isso, já ouvimos o bastante. Os teólogos que dizem isso revelam toda a sua posição. Se se levantam no púlpito ou escrevem e dizem palavras como essas, já se puseram fora da verdadeira teologia cristã, porque estão dizendo exatamente o que o mundo está dizendo. O mundo diz: “Hoje somos inteiramente diferentes de todos os que viveram antes de nós, e somos diferentes por causa do nosso grande conhecimento. Somos homens e mulheres do século vinte; temos idade; crescemos; vivemos nesta era científica, nesta era “atômica”, e, naturalmente, o conhecimento mais recente revolucionou tudo. Em sua ignorância e simplicidade, as pessoas acreditavam numa espécie de universo de três andares, mas é claro que agora sabemos que não é mais possível acreditar nisso”.

Repito agora as declarações deles. Os teólogos modernos* dizem: “Para os homens e mulheres científicos é impossível acreditar no sobrenatural, ou no miraculoso. Daí, se vocês continuarem tentando ensinar-lhes uma teologia ou um conceito sobre a vida dessa maneira, a posição de vocês estará perdida. O mundo não os ouvirá, e vocês bem que poderiam fechar os seus templos, fechar os seus livros e fechar a boca.

* “Modernos” não histórica ou cronologicamente, mas no pensamento; modernistas. Nota do tradutor.

Devemos reconstruir a coisa toda. Precisamos de uma nova Reforma. Precisamos começar de novo. Precisamos descobrir uma verdade que seja aceitável às pessoas dos dias atuais”.

Bem, vocês não podem ver que isso nada mais é do que conformar-se com este mundo? Dizer isso é dizer que o homem decide o que se deve crer e aceitar. Vocês não devem mais abordá-lo dizendo: “Assim diz o Senhor”. Vocês o observam e o analisam. Descobrem aquilo em que ele acredita, o que ele lê e como pensa. Vocês vão trabalhar com ele e beber com ele. Tendo-se juntado a ele no trabalho e no lazer, e tendo descoberto qual a posição dele e como ele pensa, vocês lhe apresentam um evangelho que ele possa entender e aceitar. Ele é que determina e controla o ensino que vocês lhe vão ministrar.

Há um teólogo alemão chamado Bultmann, um grande teólogo, e ele começa com intenção muito boa e prática, mas essa abordagem moderna é a base geral do seu ensino. A mesma coisa se pode dizer de outro homem muito conhecido, chamado Dietrich Bonhoeffer. Ele não chega a esse extremo, concordo, porém virtualmente diz a mesma coisa – que as pessoas de hoje, por causa do conhecimento que têm e da sua cultura, não podem acatar o evangelho como ele se apresenta. Por isso Bultmann ensina que devemos “desmitologizar” o evangelho e tirar fora dele todos os milagres. A única coisa da qual podemos ter certeza, diz ele, é que um homem, “Jesus”, morreu numa cruz. Certamente não a ressurreição do corpo; certamente não o nascimento virginal; certamente não os milagres: tudo isso é coisa do século primeiro e deve ser deixado fora. Bultmann dizia tudo isso no interesse da comunicação de uma mensagem para o homem moderno. Ele era honesto e sincero. Ele queria beneficiar e ajudar as pessoas, todavia estava se conformando com o mundo.

Pois bem, o bispo de Woolwich, imitador de Bultmann e de outros, diz a mesma coisa – uma espécie de disco num gramofone embotado retransmitindo o ensino deles.

Concedamos que sua preocupação é ajudar outras pessoas. Todos eles têm essa preocupação. Isso é que é extraordinário quanto a eles. Eles dizem que, se você quiser realmente ajudar as pessoas, esta é a única maneira de fazê-lo, e dizem que aqueles de nós que continuam a pregar o velho evangelho da velha maneira são tolos. Incidentalmente, há um comentário interessante e prático que se pode fazer – quanto mais eles pregam e ensinam dessa maneira, menor é o número de pessoas que os ouvem. Ainda é um fato que o velho evangelho sobrenatural, que não assume coisa alguma dos homens e mulheres modernos, exceto que eles são os mesmos seres humanos que sempre foram – que são pecadores controlados pelo diabo, que precisam nascer de novo e que só podem ser salvos pelo sangue de Cristo – essa é a pregação que continua a atraí-los, porque só ela é a verdade.

Uma segunda maneira de conformar-se com este mundo no pensamento acha-se na esfera da evangelização. É algo muito sutil. A exortação do apóstolo, lembrem-se, significa: não se deixe controlar pela perspectiva e pelo pensamento deste mundo, independentemente de Cristo e do Espírito. Que dizer, então, do tipo de evangelização que diz: “Os homens e as mulheres modernos não gostam mais de pregações e de cultos longos, mas gostam de filmes. Portanto, não preguem, principalmente, não preguem sermões longos, mas exibam filmes”. Que dizer disso? O mundo diz: “Gostamos de tudo o que é brilhante e jovial. Não gostamos de solenidade. Não gostamos de muita seriedade”.

Portanto, que dizer a respeito de uma evangelização que diz: “Bem, agora é disso que o mundo gosta. Gosta de cor e de fantasia, e de muito canto. Não gosta de ter que raciocinar muito, porém gosta de historietas e ilustrações; trate, pois, de dar isso ao povo”. Não seria isso conformar-se com o mundo? No momento em que você deixar que o mundo – homens e mulheres sem o Espírito e sem Cristo – no momento em que você os estabelecer como um padrão, e não a verdade revelada,

nesse mesmo momento, digo eu, você já violou o princípio que estamos considerando.

Naturalmente aqui, de novo, não devemos ir a extremos. Alguém poderá pensar que eu estou argumentando a favor da solenidade ou da falta de vida ou de um culto miserável, ocioso. Não estou fazendo isso, de maneira nenhuma. Tudo o que estou dizendo é que, se você uma vez ceder ao princípio de que pessoas não cristãs tenham o controle sobre a sua mensagem ou sobre o seu método, você estará caindo no erro de conformar-se com o mundo.

Passemos, porém, ao domínio da moral, pois, naturalmente, todas estas coisas andam juntas. Se vocês errarem em sua teologia e em sua evangelização, logo a sua moralidade as acompanhará, inevitavelmente, e estamos vendo isso no presente. Aqui vemos a base da chamada “nova moralidade”. Esse ensino nada mais é que uma franca contradição da exortação de Paulo a que não nos conformemos com este mundo. Novamente se vê que sua base geral consiste em que as pessoas do mundo é que decidem o que é certo e o que é errado. Esta questão é solene e muito grave. É a base da lei deste país como vem sendo ensinada atualmente. Dizem-nos que nunca devemos legislar contra a vontade e a opinião da maioria.

Esse foi o argumento subjacente ao *Wolfenden Report*,* ora aprovado pelas Casas do Parlamento. O argumento é que, se a maioria das pessoas esclarecidas é de opinião que a referida perversão não deve ser considerada crime, vocês não devem considerá-la crime. Eu poderia mencionar livros que tratam dessa questão de maneira doura e que constituíram a base do Relatório Wolfenden. O que se diz é que, se a opinião da maioria mudou, deve-se por conseguinte mudar a lei. E sucedeu exatamente a mesma coisa quanto à pena capital pelo crime

* O *Wolfenden Report* (Relatório Wolfenden) propôs o afrouxamento das leis contra o homossexualismo.

de homicídio. O argumento é simplesmente que os homens e as mulheres modernos, com sua mente esclarecida, não podem aceitar isso. Assim, as nossas leis devem ser decididas inteiramente pela opinião da maioria, e isso é também conformar-se com este mundo.

Mas a gravidade é muito maior quando esse tipo de argumento penetra na esfera da Igreja e do seu ensino moral, e é precisamente isso que está sendo feito pela chamada escola de teologia da Margem Sul. Permitam-me fazer uma citação. Na Suécia, a maior e principal igreja é a luterana. Talvez vocês tenham lido nestes últimos anos sobre o estado em que se encontra aquele país. A Suécia não se envolveu em nenhuma das duas guerras mundiais e atualmente é um dos países mais prósperos do mundo. Contudo, moralmente se encontra em condições cada vez mais deploráveis, e uma coisa tremendamente terrível é que, no presente, a Igreja Luterana da Suécia – vou citar – está “discutindo seriamente se, em face dos fatos da vida atual na Suécia, as relações sexuais pré-maritais devem ser consideradas pecaminosas em todas as circunstâncias”.

Pois bem, notem o que está sendo dito. A Igreja Luterana não está argüindo se as relações pré-maritais são ou não um mal em si mesmas, segundo a lei de Deus. Não, ela levanta a questão “em face dos fatos da vida atual na Suécia”. Na Suécia a moral está decaindo cada vez mais, e a Igreja agora está debatendo seriamente se deve ou não manter o velho padrão que sempre manteve. De novo, isso é “conformar-se com o mundo”. É basear o ensino na opinião popular, e não na santa vontade de Deus revelada. Jogar fora o ensino do apóstolo dessa maneira não é somente um mal em si e por si, mas também significa que as leis terão que ser mudadas constantemente. O povo diz: “Oh, em certas condições o homossexualismo não é pecado, não é crime, por isso, mudemos as leis”. Todavia logo acontece alguma outra coisa que faz mudar novamente as leis. Dessa forma, não há estabilidade e ninguém fica sabendo exatamente o que deve fazer.

Mas, fora isso tudo, reitero que o grande princípio é que o ensino bíblico começa com o postulado fundamental segundo o qual a opinião popular não é o fator determinante. A nossa teologia diz-nos – Paulo começa esse seu labor em Romanos 1:18 e continua nos capítulos subseqüentes – que os homens e as mulheres caíram e se perverteram. Eles não têm capacidade para julgar corretamente. Não merecem confiança. São governados pelo “príncipe das potestades do ar, do espírito que agora opera nos filhos da desobediência” (Efésios 2:2). Portanto, a opinião deles não tem valor final e decisivo. Nestas questões o mundo não resolve porque não é capaz de fazê-lo, e, por conseguinte, jamais devemos permitir que o nosso pensamento seja determinado e controlado pelo mundo e por sua opinião.

Ora espero que ninguém imagine que todo o nosso argumento merece a designação de obscurantismo. Não é isso. Não estou dizendo que vocês devem enterrar a cabeça na areia e manter algum *status quo* contra as mudanças que estão ocorrendo no mundo. Não digo isso nem por um segundo. O que estou dizendo é que temos uma posição grandiosa, básica, fundamental que o progresso da ciência e do conhecimento não altera nem um milímetro. Portanto, embora sejamos abertos para qualquer nova luz ou para qualquer novo conhecimento que nos venha em qualquer terreno, em nossa avaliação dos homens e das mulheres e sua conduta começamos dizendo que não podemos obter nenhum auxílio vindo daquela direção, porque o que de lá vem é “o mundo”, e o apóstolo nos diz: “Não vos conformeis com este mundo”. O nosso pensamento, as nossas idéias, a nossa prática, todas as nossas coisas são controladas do alto pela revelação que temos na Palavra de Deus, e nela somente.

7

“Rogo-vos pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus.” – Romanos 12:1,2

Vimos que atualmente, falando em termos gerais, o pensamento da Igreja e o do mundo são governados pela mente deste mundo, o que constitui uma direta contradição do que o apóstolo nos ensina aqui, em Romanos, capítulo 12.

Mas, tendo feito essa declaração, sinto-me constrangido a proferir uma palavra de advertência. No meu estudo anterior deixei incompleta a minha exposição, devido a exigências de tempo, e realmente eu agiria muito mal se deixasse a coisa nesse pé. Estabeleci o princípio, e o repito. É um erro a Igreja permitir que o seu pensamento teológico, a sua evangelização e a sua ética sejam governados pela mentalidade e pela perspectiva do mundo. Todavia, tendo estabelecido o princípio geral, devo prosseguir e assinalar que fazemos algo repreensível se interpretamos isso em termos de obscurantismo. Nós reagimos tão violentamente e nos movemos com tanta facilidade de um extremo ao outro que o perigo com que nos defrontamos como cristãos – é sempre um perigo, e especialmente para as pessoas mais conscientes – é de oscilar do extremo de deixar-nos governar pela mente e pela perspectiva do mundo para o exato oposto, que é o obscurantismo.

Permitam-me ilustrar isso. Sem dúvida vocês vêem freqüentes referências nos jornais ou noutros lugares à oposição movida pela igreja católica romana a Galileu. Muitas vezes isso tem sido usado como motivo para repudiar todo o cristianismo. “Mas”, dizem muitos, “vejam como a igreja católica romana se opôs ao ensino daquela nova astronomia.”

Pois bem, devemos encarar isso com toda a honestidade. Quando a igreja católica romana se opôs a Galileu, errou e se fez culpada de obscurantismo. No entanto, o que é importante descobrir é por que ela caiu nesse erro, porque eu e vocês podemos cair no mesmo erro, a menos que entendamos bem a razão disso. Ora, o que aconteceu com a igreja católica romana foi que, em vez de deixar o seu pensamento ser determinado unicamente pela Bíblia, ele era governado pela Bíblia e pela filosofia de Aristóteles. Ela fez das idéias de Aristóteles uma parte fundamental do seu ensino dogmático. Ela havia ido além da Bíblia.

Noutras palavras, não há nada na Bíblia que se oponha ao novo ensino concernente à astronomia, ensino que entrou em cena lá pelos fins do século dezesseis e início do século dezessete. Quando a igreja católica romana disse que aquilo era errado e contrário ao seu ensino, ela se referiu à Bíblia, como também ao próprio pensamento filosófico elaborado por ela. Visto que a nova astronomia não se ajustava ao que a igreja sempre tinha ensinado sobre o universo, foi condenada. Mas depois os católicos romanos tiveram que admitir que era a igreja que estava errada.

Por isso devemos ser sempre governados pelo claro ensino da Bíblia. Se a Bíblia não nos ensina sobre certa matéria, não devemos dizer que este ou aquele é o ensino da Bíblia a respeito. Devemos compreender que se trata de nossa opinião, e as nossas opiniões podem ser errôneas, muito embora sejamos cristãos. Permitam que eu coloque o ponto nestes termos: conquanto jamais devamos submeter-nos à perspectiva do mundo, devemos igualmente ter o cuidado de não nos

tornarmos tradicionalistas. Há uma diferença entre tradição e tradicionalismo. Graças a Deus por toda boa tradição, porém livre-nos Deus do tradicionalismo! A pessoa culpada de tradicionalismo é alguém que começa dizendo: “Toda novidade é errônea. Qualquer coisa sobre a qual nada ouvi antes com certeza é errônea”. E, no momento em que você assumir essa posição, estará numa posição tão má como a do homem que se submete ao outro extremo, ou seja, à mente do mundo. Como já vimos, há dois extremos aqui: mundanismo e tradicionalismo, e o meu princípio é que nunca devemos ficar em nenhum desses extremos; sempre devemos estar na posição bíblica.

Naturalmente, é mais difícil estar na posição bíblica do que nos extremos. Os extremos sempre são fáceis. Há em todos nós um desejo doentio de encontrar uma espécie de tábua de contas feitas do cristianismo. Algum problema? Basta ver a tabela de contas resolvidas. Aí está você, incapaz de resolvê-lo. Mas isso não é bíblico. Se a sua atitude for bíblica, sentirá certas tensões; nem tudo vem pronto e limpo.

Não só na esfera da teologia isso é verdade; também no terreno da evangelização precisamos da mesma advertência. Há muita prosa sobre isso e, penso eu, também há muita confusão. Reiterando, eu lancei o princípio segundo o qual a nossa evangelização nunca deve ser governada pela perspectiva do mundo. Entretanto outra vez precisamos ter o cuidado de reagir de tal forma que não partamos para o outro extremo, igualmente errôneo e danoso. Precisamos cuidar para não suceder que, em nosso desejo de não agir conforme o mundo em nossos métodos evangelísticos, nos coloquemos numa posição na qual perdemos todo e qualquer contato com o mundo que nos cerca, fazendo-nos igualmente culpados de outra forma de tradicionalismo, ou, na verdade, de uma forma de legalismo.

Muitos são os que se encontram em grande dificuldade com relação aos métodos evangelísticos, e fazemos bem em

dar atenção a esses métodos. Por isso fiz menção deste aspecto anteriormente. Mas, não permita Deus que me entendam mal. Há pessoas que fazem objeção ao cântico de hinos e que virtualmente acham pecaminosa essa prática, e há outros que se opõem a certas formas ou métodos de evangelização. Bem, esse é o tipo de coisa que requer exame.

Acontece que recentemente esse problema foi lançado sobre mim não poucas vezes. Alguns cristãos de diferentes partes deste país estão começando a usar o que chamei (creio que uso a expressão certa) “Evangelização de lanchonete”. Sei do caso de um grupo de homens cristãos que conseguiram um edifício e todas as noites convidam para que ali venham pessoas da rua, particularmente moços e moças que estão levando um tipo de vida sobre o qual lemos nos jornais mas do qual não temos nenhum conhecimento na prática. Tudo é feito com base em trabalho voluntário. Tais cristãos se preocupam com estes rapazes e moças e os convidam para um café ou um chá, e depois lhes falam sobre assuntos relacionados com a sua alma e com o plano de salvação. Pois bem, isso tem sido objeto de muita crítica por parte de pessoas que dizem: “Esse método é mundano. Imaginem! Oferecer café!” Isso é considerado como uma coisa terrível e que não se deve fazer. Críticas parecidas com essa é igualmente feita a outras atividades evangelísticas voluntárias.

Estou levantando o problema para mostrar que devemos ser muito cuidadosos, ao interpretarmos a instrução que Paulo nos dá aqui, no sentido de que, primeiro, não desenvolvamos um espírito exageradamente crítico. Nunca devemos permitir-nos ficar numa posição na qual reagimos tão violentamente contra o que geralmente as pessoas fazem que nos transformemos em detetives e inspetores espirituais à espera de coisas sobre as quais podemos lançar-nos e as quais podemos denunciar simplesmente porque não eram feitas ou praticadas no passado, simplesmente porque são novas e simplesmente porque são coisas que por índole nós não faríamos.

Ora, seria isso só opinião pessoal minha? Permitam que lhes mostre que não é, porém que é ensino bíblico. Das Escrituras e da história vem-nos uma forte advertência sobre este ponto. Meus caros amigos, temos que vigiar o nosso espírito. Podemos ter entendido bem a questão acerca da recusa de métodos do mundo – tudo bem, eu mesmo firmei isso como um princípio, e devemos apegar-nos sempre a esse princípio – mas, tratemos de ser bastante cautelosos para não desenvolvermos um espírito falso.

Assim, qual será a minha advertência, colhida das Escrituras? É o modo como os escribas e os fariseus reagiram contra o nosso bendito Senhor e Salvador. Eles viam os coletores de impostos e os pecadores se aproximarem dEle, e O viam pronto a recebê-los, a sentar-Se junto deles e a comer e beber com eles, e, perplexos, O apontavam e diziam: “Este recebe pecadores” (Lucas 15:2). “Eis aí um homem comilão e bebedor de vinho, amigo dos publicanos e pecadores” (Lucas 7:34). Espantavam-se. Imaginem, o nosso Senhor misturando-Se com pessoas dessa laia e sentando-se e comendo e bebendo com eles! Para os fariseus isso era terrível, era inimaginável. Sim, mas, lembrem-se, esse clamor era a medida do completo fracasso deles, na esfera do espírito, em não entenderem nada do objetivo da vinda do nosso bendito Senhor a este mundo. Isso é o que havia de terrível acerca do fariseu.

Também, exatamente da mesma maneira, vê-se que esse mesmo tipo de gente, os chamados “judaizantes”, mais adiante no Novo Testamento, seguiam o apóstolo por toda parte e criticavam acerbamente os seus métodos e os seus procedimentos para com os gentios. Eles diziam: “Este homem está completamente errado. Paulo está fazendo algo que nunca se fez antes. Ele não induz estas pessoas a sujeitar-se à circuncisão”. Bem, esse era todo o erro deles. Achavam que ele estava relaxando em sua evangelização.

E depois, para dirigirmos a nossa atenção à história, o grande George Whitefield, por exemplo, teve grande

problema por sua pregação ao ar livre. João Wesley tropeçou nisso, e não podia entendê-lo. George Whitefield pregava ao ar livre, mas o que se pensava era que não se devia pregar nem evangelizar em parte alguma, exceto num edifício consagrado. Que direito tinha um homem de pregar num edifício não consagrado, ou de subir a uma mesa ou a uma pedra ao ar livre para pregar? Pois bem, essa era uma objeção típica. A princípio Wesley achava que estava sendo bíblico quando se opunha a Whitefield. E ele não foi o único, claro. Havia muitos que achavam que essa era uma prática terrivelmente errada. Era algo novo. Portanto, a questão era: “Pode estar certo isso?” Contudo, logo Wesley se convenceu da validade da pregação ao ar livre e ele próprio começou a pregar dessa maneira.

Eu poderia dar a vocês outros exemplos. Aqueles de nós que entendem bem que não devemos deixar-nos governar pela mentalidade e pelo pensamento do mundo devem estar sempre cientes do perigo, do grande e deveras real perigo, de se fazerem culpados do espírito dos escribas e fariseus, dos tradicionalistas. Devemos certificar-nos de estar sendo controlados pelo ensino e pensamento bíblico, e não por nossos preconceitos pessoais ou pela tradição. Se não somos governados pelo pensamento bíblico, logo nos veremos resistindo a alguma coisa nova que Deus esteja fazendo numa época difícil como a nossa. Esta questão é muito sutil, porém, se não pudermos provar que a nossa posição é bíblica, devemos ter muito cuidado com o que dizemos.

E por isso já tive que dizer muitas vezes aos nossos amigos que se opõem ao cântico de hinos e que dizem que não devemos cantar outra coisa senão salmos, que eles devem provar isso pela Bíblia. Mas não conseguem. Vejam a passagem de Efésios 5:19. Que são os cânticos “espirituais”? Não tenho nenhuma dúvida de que são cânticos entoados sob a direta inspiração do Espírito, como o que temos em 1 Coríntios 14:15. Não vou entrar em detalhe sobre isso – só lhes estou mostrando

o perigo de serem governados por um tradicionalismo rígido.

Segundo, nunca devemos deixar-nos governar pelo espírito de temor. É uma coisa horrível, e crimes terríveis têm sido cometidos em consequência disso. Um homem pode ser muito honesto, mas se for governado pelo espírito de temor e só se preocupar com a sua retidão, coloca-se numa situação muito perigosa. Portanto, se nestas questões nos vemos primariamente preocupados com nós mesmos e com a nossa retidão pessoal, já corremos perigo.

Permitam-me dizê-lo positivamente. Se a preocupação com a alma e com a salvação de outros não for o meu motivo dominante, devo ter muito cuidado com o que digo sobre a evangelização. Devo manter sempre o meu interesse evangélico. Se este não for o elemento principal, há algo errado comigo. A tarefa suprema da Igreja é evangelizar, pregar o evangelho de salvação para que as almas sejam salvas. O dever primário da igreja não é ficar sempre velando por sua retidão e por sua perfeição. Você pode colocar uma cortina de ferro em seu redor, no sentido espiritual. Pode ser absolutamente perfeito dentro dela, na teoria ou de qualquer modo, e ser completamente inútil na esfera da evangelização. “Examine-se pois o homem” (1 Coríntios 11:28). Há pessoas que passam o tempo todo protegendo-se e protegendo as suas doutrinas e as suas atividades, mas acabam não tendo nenhuma atividade relacionada com o mundo exterior. Isso é errado – sempre. Repito que a tarefa primária da Igreja é a evangelização.

Passando das atitudes aos métodos, desejo lançar isto como um princípio: devemos reduzir os nossos métodos ao mínimo absoluto. Essa é uma boa regra, penso eu. Jamais devemos confiar nos métodos. Todavia devo colocar isso em termos bíblicos. Notem as palavras do apóstolo Paulo em 1 Coríntios 9:22: “Fiz-me tudo para todos, para por todos os meios chegar a salvar alguns” (1 Coríntios 9:22). Isso é uma defesa – o apóstolo está justificando os seus métodos evangélicos. Ele estava sendo mal compreendido e perseguido

ferozmente pelos legalistas e pelos judaizantes, e essa foi a sua resposta.

Então, que é que isso significa para nós? Bem, penso que significa o seguinte: a mensagem nunca deve sofrer mudança. A mensagem é única, e nunca devemos alterá-la, em nenhum sentido. Mas penso que Paulo ensina com igual clareza que devemos ter certa elasticidade em nossos métodos. Em 1 Coríntios 9:20,21 ele nos diz que quando lida com um judeu, ele o faz como se faz com judeu; com um gentio como com gentio; com quem está debaixo da lei, como se faz com quem está debaixo da lei; com quem não se sujeita à lei, como quem não tem lei. “(Não estando sem lei para com Deus”, diz ele, “mas (estando)debaixo da lei de Cristo)” (1 Coríntios 9:21). Portanto, você sempre deve falar às pessoas que deseja alcançar e tratá-las como elas são, e não como gostaria que fossem.

Pois bem, claro está que todo pregador gostaria que toda vez que pregasse tivesse diante de si pessoas que conhecem a Bíblia de capa a capa, leram tudo de teologia e são versadas na vida e obra dos puritanos. Ei-las, prontas para tudo! No entanto, raramente se conseguem ouvintes desse jaez, e, se o pregador não pregar para os ouvintes que estão diante dele, melhor não subir ao púlpito. Se eu não tomar a minha mensagem clara para os ouvintes como eles são, serei um péssimo pregador. Pode ser que eu diga: “Mas eles não deviam ser assim”, porém no momento em que eu disser isso, estarei sendo um mau pregador. É meu dever ajudá-los a melhorar e, se eu não partir de como eles são, nunca os ajudarei. Não adianta eu fazer uma exposição sobre a lei a pessoas que nada sabem sobre a lei. Primeiro devo ensinar-lhes algo sobre a lei. Foi exatamente o que o apóstolo fez, e eu e vocês devemos fazer a mesma coisa.

Que sabemos nós sobre alguns dos pobres adolescentes do nosso tempo, dos jovens que nunca tiveram uma oportunidade na vida, muitos deles, jogados de cá para lá por pais ébrios e por outros – que sabemos deles e dos seus antecedentes?

Que direito temos de fazer exigências quanto a como eles deveriam ser? Não, o nosso dever é tratá-los como eles são e tentar, por todos os meios, levá-los ao conhecimento do Senhor.

“Ah”, você diz, “mas agora você está abrindo a porta para tudo.”

Não estou; estou equilibrando isso quando digo que a mensagem não muda. E direi mais o seguinte: o motivo deve ser sempre constante. Sempre deve visar levar os que ouvem ao conhecimento da salvação. E, se você não conseguir fazer contato com as pessoas sem dar-lhes uma xícara de café, digo-lhes em nome de Deus: dê-lhes muitas xícaras de café! Qual é o seu interesse? A pureza da sua igreja e dos seus métodos, ou a salvação das almas de homens, mulheres, rapazes e moças que vivem ao seu redor e que estão se encaminhando para o inferno? Sendo o seu motivo correto e puro, ele governará os seus métodos.

Digo-lhes, pois, que vocês nunca devem querer mudança por amor da mudança; isso é mundanismo. Por outro lado, porém, nunca digam que toda mudança é errônea; se disserem isso, vocês se farão companheiros dos escribas e dos fariseus. Que jamais haja qualquer leviandade. Nunca permitam que os seus métodos contradigam a sua mensagem, mas, se servir uma xícara de café contradiz a mensagem, isso ultrapassa a minha compreensão! É evidente que, se vocês vão confiar nas xícaras de café, estarão novamente errados, porque estarão confiando em algo em que não devem confiar. Isso é apenas um meio para um fim. Confiem na Palavra, e no Espírito atuando na Palavra.

Portanto, existem extremos. Isso não é simples. Não se pode estabelecer regras e leis absolutas. É fácil criticar as pessoas e seus métodos, entretanto torno a dizer: cuidado, para não criticarem uma obra de Deus, algo que Deus está pronto a honrar, mesmo que vocês a julguem defeituosa. Nunca nos façamos culpados de rigidez, nem tampouco nos façamos culpados de relaxamento. Os cristãos rígidos são bem pobres

cristãos; na verdade são legalistas e provavelmente padecem do espírito de temor. Pouco sabem da amplitude e liberdade dos filhos de Deus.

Rigidez! Relaxamento! Ambos errados. Os cristãos mantêm equilíbrio no meio termo. Eles conhecem a verdade; conhecem os seus motivos; conhecem o seu próprio coração; só utilizam métodos para a obtenção de um ponto de contato, para dar uma oportunidade ao evangelho. Esse é seu único interesse. E, mesmo aí, eles sempre se mantêm vigilantes para garantir que os seus métodos não se contraponham à sua mensagem. Conforme penso, vocês jamais conseguirão chegar mais perto que isso de uma definição. Nada das tais “tábuas de contas feitas” na vida espiritual! Isso é farisaísmo. Aqui estamos falando de questões relacionadas com o espírito. Vigiem o nosso espírito e evitemos os graves perigos presentes nos dois extremos.

Temos, pois, explicado, talvez mais completamente, o que dissemos no estudo anterior, e, em certo sentido, o temos qualificado. Porque, se só nos mantivéssemos limitados ao que naquela ocasião consideramos, teríamos ficado com a ênfase em um extremo, e devemos manter os dois lados em equilíbrio. Mas agora, tendo feito isso, vamos à questão da prática. “Não vos conformeis com este mundo.” Não ficar pensando, e sim pondo o ensino em prática. É evidente, porém que pensar é sempre oportuno. O mesmo ponto geral precisa ser exposto mais uma vez aqui: devemos evitar os extremos que sempre nos levariam a perder a verdadeira posição bíblica. Ao dizer isso, estou certo de que estou sendo mal compreendido e que muitos estão dizendo: “Ora, ora, não é que ele deu de transigir? Eu pensava que ele sustentava as suas opiniões com vigor; agora ele diz um pouco disto, um pouco daquilo. Aí está: o denominador comum, divida por dois!” Contudo eu estou dizendo exatamente o contrário. Estou dizendo que se deve manter as duas posições em tensão, o que é muito mais difícil; mas, essa é, repito, a posição verdadeiramente bíblica.

“Não vos conformeis com este mundo”, diz Paulo.

“Tudo bem”, diz um dos que me escutam, “concordo com isso cem por cento, e, por isso, vou sair do mundo esta noite para me fazer monge e entrar num mosteiro. Estou terminando minhas relações com ele. Não posso ser cristão neste mundo. Esta passagem me diz que não devo conformar-me com o mundo. Como exercer uma profissão sem me conformar com este mundo? Não, não, só me resta fazer uma coisa: vou me pôr fora dele.” E assim ele se torna um monge ou um eremita.

Ora, é isso que eu classifico como um dos dois extremos errôneos, essa reação violenta que alega que a única maneira do cristão não se conformar com o mundo é sair dele. Essa é a dolorosa falácia que está por trás do monasticismo. Foi a incapacidade de entender o ensino do Novo Testamento. E, naturalmente, esta foi a grande verdade que a Martinho Lutero foi dado ver, e nós, muitos de nós, precisam ver a mesma coisa na atualidade.

Mas há um segundo perigo, que desejo descrever sob o título de legalismo. “Não vos conformeis com este mundo.” E o diabo vem e quer arrastar o crente para uma posição legalista. Pois bem, este sempre parece ser o caminho fácil, não parece? Como eu já disse, todos nós gostamos de regras e regulamentos. Sempre temos a impressão de que é mais fácil estar “sob a lei” do que “sob a graça”. A lei é curta e grossa – uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete regras – aí estão elas, todas numeradas, e tudo o que se faz é observar o número. Perfeitamente simples! Absolutamente sem problema.

No entanto, essa não é a posição dos crentes do Novo Testamento. Eles não estão “sob a lei”, mas sim “sob a graça”, e são tratados como adultos plenamente desenvolvidos. Como praticamente diz o apóstolo Paulo: “Enquanto vocês eram crianças e bebês, precisavam de um mestre-escola, de alguém que olhasse por vocês e que os mantivesse na linha; porém vocês não estão mais naquela condição, vocês foram tirados dela” (ver Gálatas 3:23-25). É evidente que isso não

significa ilegalidade ou anomia, como lhes mostrarei, mas significa que vocês não estão *debaixo* da lei.

Uma ilustração do perigo de legalismo é o povo chamado *Amish*, da América do Norte. São eles uma subdivisão do movimento menonita iniciado como resultado da pregação de Menno Simons, reformador holandês do primeiro período do protestantismo. Quando muitos protestantes emigraram para a América, seu ensino espalhou-se ali também. O povo *Amish*, da Pensilvânia, vive estritamente de acordo com a sua interpretação do nosso texto – “não vos conformeis com este mundo” – e, assim, qualquer coisa proveniente da sociedade moderna é vista como mundanismo. Eles não permitem a eletricidade, o uso de cortinas, de fotografias, de tratores, de televisão e de telefones. Usam roupa muito incomum e só permitem uso de carro a alguém que viva tão longe da casa onde são realizadas as suas reuniões que o tornam realmente necessário – e, mesmo nesse caso, o carro não deve ter pneumáticos, ou rodas de borracha. Bem, talvez vocês riam deles, mas tudo isso é crido e praticado por um povo muito sincero, que procura não se conformar com este mundo.

Conheci pessoalmente um homem muito piedoso que me disse que, quando jovem, tinha passado por uma fase de legalismo que, no caso dele, assumira a seguinte forma: ele achava errado fazer no domingo qualquer coisa que pudesse fazer na noite anterior. Por isso calçava suas botas e as amarrava no sábado à noite, e dormia calçado. De novo, vocês podem rir diante disso, e talvez com razão. Mas tudo o que eu quero que vocês vejam é que o perigo com que se defrontam alguns de nós não é o perigo de conformar-se com o mundo, e sim o de abalar-se tão violentamente contra isso com espírito de temor que se tornam estritamente legalistas, o que, lembrem-se, é igualmente condenado no Novo Testamento em muitas passagens.

O perigo subsequente, no qual também já tocamos, é o do farisaísmo. Não há muita diferença entre legalismo e

farisaísmo, exceto que no caso do fariseu os pecados são pecados do espírito humano. Os menonitas, deixem que lhes diga isto a favor deles, são um povo humilde; não penso que devo descrever esses menonitas “Amish” como fariseus, se bem que eu acho que eles são mal instruídos. Incidentalmente, eles são também um exemplo interessante do que o diabo faz conosco. Ele isola uma coisa e faz com que nos concentremos nela, porém não ficamos entendendo bem as outras coisas. Muitos dos Amish são lavradores dedicados ao cultivo de tabaco, e estão se saindo muito bem nesse empreendimento. Eles não fumam, mas cultivam o fumo, e fazem dinheiro com esse trabalho. Esse é o tipo de coisa que acontece quando o diabo nos impele a extremos e nós deixamos de pensar biblicamente. Onde é que há nas Escrituras alguma coisa que condene o uso de eletricidade ou de motor de combustão interna? Condenar isso não é bíblico, é preconceito e observância de uma tradição humana.

Ora, o farisaísmo é diferente no sentido de que é principalmente questão de orgulho espiritual, ou de egocentrismo ou de presunção. “Ó Deus, graças te dou, porque não sou como os demais homens... nem ainda como este publicano” (Lucas 18:11). Se é essa a sua atitude para com o que você chama mundanismo, você está numa posição tão ruim como a do cristão mundano, posição igualmente ruim. E, naturalmente, outra característica do fariseu é que ele vive criticando os outros. No momento em que nos tornamos negativamente críticos, caímos irremediavelmente em transgressão neste outro extremo.

Depois, o quarto perigo é o das pessoas que não dão ouvidos a esta injunção. É o perigo do antinomismo, que, como já vimos, é a idéia de que os cristãos não precisam obedecer às leis morais, e eu penso que existe muito disso no presente. É o oposto da posição assumida pelos pobres menonitas Amish e por muitos dentre nós. Isso também é apenas uma reação. Tenho conhecido cristãos que não se

preocupam nem um pouco com o seu comportamento. Tomam essa atitude alegando que, uma vez que o homem é salvo, está salvo para sempre, de modo que o que ele faz não importa. Essa idéia está sempre pronta a levantar a sua feia cabeçorra. Se de algum modo você quiser viver uma vida que esteja tão perto quanto possível do mundo sem realmente pecar, estará revelando mente e perspectiva mundanas. Isso mostra onde está o seu coração, e é condenado completamente pela injunção de Paulo.

Mas talvez o tipo mais sutil de antinomismo, e para mim o mais desprezível, é o que se conforma com o mundo, todavia usa como pretexto o seu interesse pela evangelização. E assim ele ensina que as mulheres devem caprichar na toalete para tornar o cristianismo atraente para os incrédulos. Ah, como o diabo é astuto! Isso é conformação com o mundo, é uma forma de mundanismo disfarçado por um grande desejo de evangelização. Não penso que o uso de batom tenha sido responsável pela salvação de uma única alma. O mundo espera que sejamos diferentes, meus caros amigos, e devemos ter muito cuidado com estas escusas especiosas sugeridas a nós pelo diabo, permitindo-nos fazer o que realmente queremos fazer; é isso que há de terrível.

Então, que devemos fazer? Outra vez mais, não posso dar-lhes instruções minuciosas, só posso colocar princípios diante de vocês. Aqui está o grande e importantíssimo princípio: “Não ameis o mundo, nem o que no mundo há” (1 João 2:15). Não o amem. Se vocês tiverem algum amor pelo mundo, como nós o temos definido, e pelo “que no mundo há”, já estão errados.

Segundo, “Abstende-vos de toda a aparência do mal” (1 Tessalonicenses 5:22). Há coisas que todos nós sabemos que são erradas e que são denunciadas pela própria Bíblia, não havendo necessidade de argumentar muito a respeito – tão-somente não devemos praticá-las; se as praticarmos, estaremos cometendo o erro de conformar-nos com o mundo. Onde

estiver claramente estabelecido que algo é pecaminoso, os cristãos não sentem necessidade de sequer considerá-lo; rejeitam-no.

Terceiro, não nos deixemos governar nem amoldar pelo mundo. Que será que eu quero dizer com isso? Bem, para usar a fraseologia moderna, se houver em você um desejo de estar “com aquilo”, isso é conformar-se com o mundo. Não me preocupo com a forma que isso toma. Qualquer desejo de “estar nessa”, de ser moderno, de ser atualizado, etc., é sempre do diabo. Isso é conformidade com o mundo, seja em sua aparência, seja nos artigos que você escreve, ou em qualquer outra coisa.

Depois, em quarto lugar, jamais devemos deixar-nos governar pelas modas deste mundo. Haveria coisa mais grotesca, quanto ao mundo, do que as suas modas, o seu exibicionismo e a sua ostentação – “a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida”? (1 João 2:16). Essa é a característica do mundo – é sempre uma questão de exibição e de ostentação. E vejam os extremos ridículos a que o mundo vai em suas modas, assim chamadas. Estilos de corte de cabelo, modas para homem bem como para mulheres, tudo isso indo de um extremo ao outro. Jamais devemos conformar-nos com isso. Bem, permitam-me ser justo – sei que isso tudo é difícil. As pessoas dizem: “Mas eu tenho que comprar o que há nas lojas”. Concorde. Até certo ponto não há como não nos conformarmos. Somos vítimas desamparadas. Tudo o que estou dizendo é que o cristão não só se opõe a ter que fazer isso, mas também não quer fazê-lo. Para dizê-lo de outro modo, se você se vê governado por um espírito de temor e pela opinião pública, se você se pega pensando: “Como é que isso me vai afetar? Será tão ruim assim?”, você está realmente se conformando com o mundo.

“Então, quais são as suas regras?”, alguém pergunta. Não posso oferecer-lhes regras pormenorizadas, mas permitam

que lhes diga o seguinte: devemos evitar tudo isso; devemos evitar todos os extremos. Eu diria ao cristão: nunca seja agressivo, em nenhum sentido. É possível ser agressivo até na não conformação com o mundo, mas o cristão nunca é agressivo.

Ou, de novo, nunca faça alarde. Nunca participe de um desfile de modas, mas tampouco faça exibição do extremo oposto. Nunca se exiba pessoalmente. Foram os fariseus os inventores dos seus “largos filactérios” (Mateus 23:5); e eram os fariseus que sempre queriam proclamar o que faziam para que o mundo os admirasse. Assim, se você fica sempre anunciando que não se conforma com o mundo, realmente está se conformando com ele de maneira sutil.

Não, o modo de viver dos cristãos deve ser sempre uma expressão do seu novo caráter; esse deve ser todo o seu interesse. Os cristãos sabem o que fazem e por que o fazem. Deve haver algo quase instintivo no cristão nesta questão de conformação com o mundo. Uma vez vi uma coisa que sempre me impressiona como uma perfeita ilustração deste assunto. Conheci um homem que foi convertido de uma terrível vida de embriaguez e de muitas outras coisas ainda mais terríveis. Pois bem, um grande traço desse homem era o seu extraordinário bigode; era de tamanho incomum, e ele me disse que muitas vezes tinha brigado por causa dele. Outro homem, sempre meio bêbado, costumava desafiá-lo para ver qual deles tinha maior bigode, e brigavam por isso ao ponto de mais de uma vez quase se matarem.

Bem, aquele homem foi convertido, e me lembro de que algumas semanas após a sua conversão, terminado um culto religioso, eu estava cumprimentando os participantes daquele culto, quando vi o tal homem aproximar-se de mim, e vinha sem bigode, e me preocupei. Eu estava certo de que algum bisbilhoteiro da igreja lhe tinha dito que o rapasse. Por isso, quando ele chegou perto de mim, eu lhe perguntei: “Quem lhe disse que rapasse o bigode?”

“Ninguém”, ele respondeu.

“Ora, vamos lá”, disse eu, “não proteja ninguém. Não gosto desse tipo de coisa. Não gosto de detetives autônomos na igreja. Diga-me, quem lhe disse que fizesse isso? Quero saber porque quero corrigir essa pessoa.”

Ele disse: “Ninguém me disse que o fizesse”.

“Então, por que você fez isso?”, perguntei.

Ele replicou: “Eu lhe direi; fiz isso esta manhã. Levantei-me, tomei banho e, quando estava me enxugando, olhei para o espelho, vi o bigode e disse a mim mesmo: “Coisas como essa não são de cristão!” Por isso peguei uma tesoura, cortei o bigode e rapei o resto”.

É sobre isso que estou falando. O cristão percebe. Ele sabe. Algo lhe diz. Há um bom texto para isto, não há? Ei-lo: “Somente deveis portar-vos dignamente conforme o evangelho” (ou, VA: “...como convém ao evangelho de Cristo”). Esse é o teste. Convém ao evangelho? Será que enquadra-se nele, bate com ele, com este glorioso evangelho no qual eu professo crer? O cristão tem dentro de si este entendimento instintivo, pelo que não se exhibe, não faz propaganda, não manda tocar trombeta; ele tão-somente quer que tudo o que lhe diz respeito esteja em conformidade com este grande e glorioso evangelho.

Sempre a grande característica dos homens e mulheres cristãos é a moderação. Eles nunca se colocam em nenhum extremo. Quanto ao vestuário, eles nunca são pomposos e exibidos, mas, igualmente, nunca devem ser desleixados. O cristão vestir-se desleixadamente é tão mau como se vestir pomposamente, porque, vestindo-se relaxadamente você atrai a atenção dos outros para você. Os cristãos só querem atrair as pessoas para o evangelho. Por isso digo que os cristãos devem estar sempre bem asseados e bem arrumados, e isso é coisa que todos nós podemos fazer. Os cristãos nunca devem ser, nem metidos, nem repulsivos. Devem ser sempre mansos, como pessoas que dão testemunho de Cristo. Vejam,

por exemplo, a questão relacionada com bebida alcoólica. Há um modo de recusá-la que pode fazer mais mal do que bem. Os cristãos verdadeiros são cortesões. Eles não erguem um cartaz anunciando a sua recusa. Não, eles falam mansamente. As pessoas olham para o cristão e dizem: “Aí está uma coisa diferente nessa pessoa”. E procuram saber o que é.

Essa é a maneira de não nos conformarmos com o mundo. É assim que se dá testemunho do Senhor Jesus Cristo e do que Ele tem feito por vocês em Sua grande e gloriosa obra de salvação. Não posso chegar mais perto de uma definição do que isso. Essa é a regra: “Somente seja o vosso comportamento” – a totalidade da sua vida, do seu proceder, de cada departamento, de tudo – “como convém ao evangelho de Cristo”. Você não é mundano, porém também não é maníaco ou cheio de histórias – os cristãos maníacos sempre têm feito mais mal que bem. Os cristãos são homens e mulheres caracterizados pela moderação. Eles se assemelham ao nosso bendito Senhor, que andou pelo mundo muitas vezes não reconhecido e, contudo, sempre havia alguma coisa. Ele não podia ocultar-Se, não porque Se exibisse – “Não clamará, não se exaltará, nem fará ouvir a sua voz na praça” (Isaías 42:2) – mas porque a Sua luz brilhava. Essa é a ambição do cristão, e, enquanto formos governados por essa ambição, podemos estar certos de que não nos conformaremos com este mundo.

8

“Rogo-vos pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus.” – Romanos 12:1,2

Nestes dois versículos, como já vimos, o apóstolo nos oferece o que em muitos aspectos é o sumário mais extraordinário de todos quantos se acham no Novo Testamento do ensino cristão concernente à santificação. Esse é o grande tema do Novo Testamento, tema aplicável unicamente aos cristãos, aos crentes. A doutrina da santificação não diz nada aos que não são cristãos, mas é vitalmente importante para os que são. Ela se refere à espécie de vida que devemos viver por sermos cristãos, e aqui o apóstolo faz uma introdução geral dela em apenas dois versículos. Temos considerado os induzimentos, ou os motivos, que o apóstolo coloca diante de nós quando nos convoca para vivermos esta vida: é à luz de tudo o que estivemos aprendendo nesta grande Epístola; tudo se deve às misericórdias de Deus para conosco.

Estamos considerando, pois, o que de fato temos que fazer na prática, e, tendo visto o que isso significa para nós negativamente, vamos agora considerar o lado positivo: “Transformai-vos pela renovação do vosso entendimento” (ou, VA: “da vossa mente”).* Todas as declarações aí presentes são

* Assim ARA e NVI (“mente”). Nota do tradutor.

importantes, porém esta é realmente uma das mais cruciais. Aqui o apóstolo nos diz somente o que devemos fazer, positivamente, dá-nos a razão pela qual não devemos conformar-nos com o mundo, e é só quando entendemos esta declaração positiva que entendemos que é inevitável que não devemos conformar-nos com ele. Dessa forma Paulo nos supre do único real incentivo para o viver prático da vida cristã. Não hesito em dizer que todo o segredo do exercício da vida cristã, todo o segredo do entendimento da doutrina bíblica da santificação, acha-se nestas palavras: “Transformai-vos pela renovação da vossa mente”.

Que significa isso então? Bem, quero mostrar a vocês, primeiramente, que a doutrina do apóstolo acha-se em duas palavras deste versículo, a saber “conformeis” e “transformai-vos”. Vocês podem ver o contraste: não *vos conformeis* com este mundo; *transformai-vos*. Já estivemos considerando em detalhe o que significa não nos conformarmos com este mundo e as maneiras pelas quais se dá isso, mas agora vamos examinar o sentido da palavra “conformar-se”. Uma excelente definição dada pelos lexicógrafos é: “É o ato pelo qual um indivíduo assume uma expressão externa” – algo que ele veste – “que não provém de dentro dele e que não é representativa da vida que ele tem no íntimo do seu ser”.

Permitam que lhes dê um exemplo para mostrar quão boa é essa definição. O radical da mesma palavra é empregado em Filipenses, capítulo 2, com relação ao nosso bendito Senhor e Salvador, e Ele próprio demonstra o seu significado perfeitamente: “Que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus. Mas aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem...” (ou, VA e ARA: “...em figura humana”) (Filipenses 2:6-8). Esse relato da encarnação nos diz que o Filho eterno de Deus Se fez como uma “figura” de homem. Quando o nosso Senhor apareceu neste mundo como homem, não foi como algo procedente de dentro dEle,

porque o que veio de dentro dEle foi a Sua natureza divina eterna, Sua Deidade. Quando vocês O contemplam e O vêem como um bebê na manjedoura, ou como um menino no templo, ou como o carpinteiro, não estão vendo uma expressão externa do que Ele realmente é, mas algo que Ele assumiu. Ele Se revestiu desta humanidade; Ele Se fez uma figura de homem em Sua encarnação.

Pois bem, no grego a palavra traduzida por “figura” é exatamente a mesma palavra que temos aqui, no versículo dois de Romanos, capítulo 12, exceto pelo fato de que em Romanos é acrescentado um prefixo. “Nunca se tornem uma figura do mundo. Não se revistam desta aparência externa de que lhes pertencem.”

Então, em segundo lugar, ele diz: “Mas transformai-vos”. Significa o ato de uma pessoa mudar a sua expressão externa para outra diferente. Esta agora vem do seu ser interior e é a expressão dele. Mas aqui, agora, o homem faz tudo o que pode com relação à sua aparência externa para fazer dela a expressão do seu ser interior.

Permitam novamente que lhes apresente uma ilustração que nos ajudará a mostrar a vocês o sentido exato da palavra “transformai-vos”. Acha-se em Mateus, capítulo 17. Os dois primeiros versículos dizem: “Seis dias depois, tomou Jesus consigo a Pedro, e a Tiago, e a João, seu irmão, e os conduziu em particular a um alto monte. E transfigurou-se diante deles; e o seu rosto resplandeceu como o sol, e os seus vestidos se tornaram brancos como a luz”. A palavra “transfigurou-se” é precisamente a mesma que aqui é traduzida por “transformai-vos”, e a idéia é exatamente a mesma. No Monte da Transfiguração, agora, o nosso Senhor apareceu de tal modo e de tal forma que deu às pessoas uma idéia da Sua natureza interior, do Seu ser interior. Lá embaixo, nas planícies da vida, diante dos Seus discípulos e de outras pessoas, Ele parecia tão-somente um homem, apesar de ser o Filho eterno de Deus. Todavia Pedro, Tiago e João, contemplando-O ali, no Monte da

Transfiguração, viram transparecer algo da Deidade; algo do que Ele realmente era, agora veio a ser evidente.

Outro uso desta mesma palavra é útil; está em 2 Coríntios 3:18: “Mas todos nós, com rosto descoberto, refletindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor”. A palavra é exatamente a mesma, colocada de maneira ligeiramente diversa. Contudo a idéia é a mesma. Paulo tinha acabado de usar a ilustração de Moisés descendo do Monte Sinai depois de receber os Dez Mandamentos de Deus. Quando viram Moisés, correram ao seu encontro, porém de repente pararam assustados. Que foi que os assustou? Oh, o rosto de Moisés brilhava! Por causa da sua comunhão com Deus, ele estava começando a refletir em seu rosto algo da glória de Deus. É isso. E o apóstolo afirma que é isso que acontece conosco, na qualidade de cristãos; que estamos sendo transformados na imagem do Senhor Jesus Cristo. Algo da Sua glória há de manifestar-se em nós, e é por nosso intermédio que Ele Se glorificará entre os homens e as mulheres.

São essas, pois, as duas palavras chaves: “Não vos conformeis”, e “transformai-vos”, e este ensino é de vital importância. O apóstolo nos está dizendo que quando vivemos neste mundo de maneira mundana, estamos sendo como atores fingindo uma coisa que realmente não somos. Não estamos dando expressão à nossa verdadeira natureza e ao nosso verdadeiro ser, mas estamos agindo como se fôssemos homens e mulheres do mundo. Estamos vestindo uma expressão que não é uma genuína expressão do que somos. Envolvemo-nos numa contradição de nós mesmos.

“Portanto”, diz com efeito Paulo, “em vez de fazerem isso, façam exatamente o oposto. Que a sua verdadeira, a sua real natureza interior brilhe através de vocês. Que isso seja evidente, que seja manifesto. Que aconteça com vocês, em sua medida própria, o que aconteceu com o nosso Senhor no Monte da Transfiguração. Que se saiba que vocês foram criados de novo

segundo a Sua imagem. Que se veja o efeito de: “Transformai-vos”.”

Há mais um ponto preliminar. Acaso parece-lhes chocante e estranho que se trata de algo que nos é *ordenado* fazer? E, contudo, esta é a situação: como cristãos nós já fomos mudados. Ocorreu a regeneração, o novo nascimento. E, todavia, o apóstolo nos diz: “Não vos conformeis... mas transformai-vos...”. Isso é uma coisa na qual as pessoas têm tropeçado muitas vezes, porém essa é a maneira neotestamentária característica de ensinar santidade ou santificação. Eu sempre gosto de colocar as coisas nestes termos: o apóstolo está realmente dizendo: “Seja o que você é”. Você foi transformado e, assim, por causa disso, transforme-se. Num sentido ele está dizendo: “Se você, como cristão, está vivendo de acordo com a mente e a perspectiva deste mundo, está sendo antinatural. Portanto, não faça isso. Seja natural. Deixe que fique evidente que você é cristão. Tire a máscara; ela não pertence mais a você”.

Aí está, pois, a grande base, e agora devemos considerar como devemos executar esta exortação. Estamos cômnicos de que nascemos de novo, de que somos novas criaturas; como, portanto, havemos de viver a vida cristã? Pois bem, ao que me parece, a grande exortação, e isto soa completamente louco para o mundo, é esta: não comece partindo da sua conduta.

“Mas”, alguém dirá, “é de toda a questão da conduta que estamos tratando aqui.”

Concordo. Mas o cristianismo trata da conduta sem começar por ela. Noutras palavras, devemos parar de pensar no viver cristão em termos de mera modificação, de mero melhoramento do nosso comportamento anterior. Não é isso. Quando vocês começarem a considerar como devem viver a vida cristã, não comecem imediatamente pelos detalhes do viver. Estarão errando se fizerem isso. Comecem na esfera da mente, da perspectiva e do entendimento.

Isso é vital. Penso que posso dizer com toda a sinceridade

que em minha obra pastoral não há nada que, de algum modo, eu tive que dizer mais vezes do que justamente isto. Há pessoas que me procuram por causa de um pecado ou de uma tentação particular com que estão lutando, e dizem: “Que posso fazer sobre isso?” Invariavelmente lhes digo: “Para começar, esqueça tudo sobre esse pecado e essa tentação particular”. Espantam-se com isso, porém o que lhes digo está baseado neste ensino. Na vida cristã você não começa pelos problemas particulares ou específicos. Começa pela *totalidade* da vida cristã. Esta é uma diferença fundamental de abordagem, e me aventuro a chamá-la a “diferentia” do ensino cristão. É o que separa o ensino cristão sobre a conduta de todos os outros tipos de ensino moral.

Lembro-me de haver lido uma vez um comentário que me pareceu explicar este ponto perfeitamente: “Jesus exige, não uma reforma do comportamento, e sim uma transformação do caráter”. Se vocês acreditam no valor de se afixar um texto em sua parede, afixem esse! Vocês vêem a diferença? Os sistemas morais só se preocupam com comportamento e com reforma de comportamento. Esse é o seu único interesse. Essa é a única preocupação da lei da terra. Começa e termina no comportamento. Mas o cristianismo não. Para o cristão o comportamento é um produto final, não o interesse primário. Estamos preocupados com a transformação do caráter.

Este é todo o segredo da santificação. Muitos pensam que se tão-somente pudessem dar o devido trato a uma tentação particular e pudessem livrar-se de um pecado particular, tudo estaria bem. Contudo não estaria, é claro, e o próprio fato de pensarem isso é prova absoluta de que não estaria bem, porque, se conseguissem solucionar isso, alguma outra coisa surgiria. Eles estão errados no começo e no fim do método empregado.

Não, você deve começar procurando compreender quem e o que você é, toda a verdade a seu respeito. Não deve pensar em si como a pessoa que faz esta ou aquela coisa errada, mas,

sim, deve dar-se conta do que você é como cristão: “Transformai-vos pela renovação da vossa mente.” A exortação é: como primeiro passo, não tome problemas particulares para ver o que pode fazer a respeito deles e procurar enfrentá-los, tratando então da sua vida aos pedaços. Isso não é cristianismo, é moralidade. Acerte o seu modo de pensar, acerte a sua perspectiva geral. Comece pelo todo, e as partes encaixarão na posição certa.

Pois bem, para mim isso não é somente uma doutrina vital; é também emocionante. Paulo a expunha freqüentemente em suas cartas. Por exemplo, leiam de novo aquela parte do capítulo quatro da Epístola aos Efésios, porque ali ele a expõe mais completamente e talvez mais grandiosamente do que em Romanos. Aqui ele apenas faz um sumário do ensino completo, mas em Efésios ele realmente o desenvolve, e esse texto é o melhor comentário que se pode achar deste versículo dois de Romanos, capítulo 12. Em Efésios, capítulo 4, tendo firmado novamente a grande doutrina, Paulo se detém e diz: “E digo isto, e testifico no Senhor” – o quê? – “...que não andeis mais como andam também os outros gentios, na vaidade do seu sentido”, “da sua mente” (VA). “Não vos conformeis com este mundo.”

Por que será que os outros andam daquela maneira? Paulo continua: “Entenebrecidos no entendimento, separados da vida de Deus pela ignorância que há neles, pela dureza do seu coração; os quais, havendo perdido todo o sentimento, se entregaram à dissolução, para com avidez cometerem toda impureza. Mas vós não aprendestes assim a Cristo”. Não foi isso que vocês aprenderam, foi exatamente o oposto. “Se é que o tendes ouvido, e nele fostes ensinados, como está a verdade em Jesus.” E então? “Que, quanto ao trato passado, vos despojeis do velho homem, que se corrompe pelas concupiscências do engano; e vos renoveis no espírito do vosso sentido” (ou, VA: “da vossa mente”). Ele sempre começa com isso. E prossegue: “E vos revistais do novo homem” – mas não vos

revestireis do novo homem enquanto não fordes renovados “no espírito da vossa mente”. Então, sim, vos revestireis do novo homem – “que segundo Deus é criado em verdadeira justiça e santidade” (Efésios 4:17-24).

Aí está, primeiramente, a grande doutrina, o ensino essencial. Então o apóstolo continua e praticamente diz: “Tudo bem, quero ajudar vocês. Que significa tudo isso? Bem, significa coisas como estas: pelo que, deixem a mentira, e falem a verdade cada um com o seu próximo... Irem-se, e não pequem; não se ponha o sol sobre a sua ira. Não dêem lugar ao diabo” (Efésios 4:25-27).

Espero estar deixando isto claro e evidente para vocês. No cristianismo não se começa pelo particular, começa-se pelo geral, ao passo que em todos os outros tipos de pensamento se começa pelo particular. Portanto, a abordagem geral do problema é diferente, e é porque muitos não enxergam isso que se metem em confusão e sua vida acaba em fracasso.

Comecem, então, tratando da sua própria mente. Assim, se um homem vem até mim e diz: “Vivo caindo no mesmo pecado; que posso fazer?”, eu nunca lhe falo sobre esse pecado, embora seja isso que ele quer que eu faça. Eu lhe falo sobre ele mesmo. Falo com ele sobre a sua mente e sobre a sua perspectiva geral. Essa é a única maneira pela qual o cristianismo nos dá a vitória. Se você ficar com a mente fixa num problema particular, o diabo a fixará ainda mais, e você em parte já foi derrotado, porque fica pensando demais nisso. Você precisa livrar-se disso e começar de maneira diferente.

Posso ilustrar este princípio para vocês de muitas e diversas maneiras. Lembro-me de uma vez em que ouvi um homem falar sobre a “observância do sábado”, e nunca me esqueci do modo como ele abordou o assunto. Essa palestra lhe fora solicitada por uma espécie de comissão de uma denominação porque a referida comissão estava preocupada com a questão da observância do dia do Senhor. Lembro muito bem como ele começou. Ele foi absolutamente escriturístico,

e em particular foi fiel ao ensino do apóstolo Paulo. Ele disse: “Sempre que abordo um assunto como este, sinto que a primeira coisa que temos que fazer é inseri-lo em sua família...”. Ele quis dizer que a observância do dia do Senhor não é algo isolado, mas faz parte de um todo. Dessa forma você não começa imediatamente a argumentação sobre a observância do dia do Senhor. Você recua, coloca a questão em seu contexto, em seu cenário, e então o vê nas devidas proporções. É isso que se faz com todos os problemas da vida cristã.

Ou ainda, ocasionalmente eu tenho usado a seguinte ilustração: pensem nestes problemas como obstáculos. Como se salta um obstáculo? A pessoa não caminha até o obstáculo e tenta elevar-se por sobre ele. Não se pode fazer isso. Quem quiser saltar um obstáculo, dá-lhe as costas e se afasta dele como se o tivesse esquecido por completo. Então, tendo ido a uma boa distância – quanto mais alto o obstáculo, mais longe se vai – a pessoa dá meia-volta, corre quanto puder, e pula por cima dele. Essencialmente é esse o ensino cristão; o crente conta com antecedentes amplos. Por isso ele primeiro renova a sua mente.

E renovar significa o que o verbo diz – re-novar. Outrora tínhamos uma mente que não temos mais. Em geral, o problema da humanidade é que ela perdeu a sua mente verdadeira, tornou-se insana. É preciso recuperar a mente. A mente precisa ser restaurada à condição que foi perdida. E esta transformação pela renovação da mente é um processo contínuo.

Temos aqui, de novo, um pensamento fascinante. Em Efésios o apóstolo, lembrem-se, o expressa em termos do que ele chama “espírito da mente”. Diz ele: “E vos renoveis no espírito da vossa mente” (VA). Essa é uma elaboração das suas palavras registradas no texto que estamos estudando – “pela renovação da vossa mente”. Então, por que será que ele se expressa diferentemente em Efésios? Este ponto é muito importante porque a mente, como tal, é de fato apenas um

instrumento neutro. Observem um incrédulo agora convertido. Há um sentido em que ele sempre tem a mesma mente. Um homem obtuso e falto de habilidade não se torna de súbito um gênio porque se tornou cristão! Parece que alguns acham que deveria ser assim, porém estão errados. As suas faculdades e os seus poderes pessoais não são transformados quando você é regenerado, quando nasce de novo. Você continua tendo o mesmo instrumento que tinha antes, a mesma mente, no sentido da capacidade de pensar, de raciocinar e de ser lógico. Isso permanece uma constante.

O apóstolo Paulo tinha exatamente a mesma mente que tivera como Saulo de Tarso. Ele tivera mente excelente como Saulo de Tarso; por isso ele se saiu melhor do que ninguém nos exames feitos pelos fariseus. Ele sempre foi proeminente. Ele tinha um cérebro de primeira categoria – denominá-lo “cérebro” acentua o aspecto relativo às faculdades, ou ao “instrumento”. Por isso Paulo afirma que o que precisa ser mudado não é o aparelho, não o instrumento, e sim “o espírito da mente”. Há algo que controla até a mente, e é isso que precisa ser mudado.

Há em nosso mundo homens e mulheres brilhantes, dotados de cérebros maravilhosos – ágeis e vivos. Sim, mas os utilizam para fins baixos e indignos. Essa é uma das tragédias da vida atual, não é? Não se deve dizer que as pessoas que blasfemam e proferem palavras torpes na televisão não são inteligentes. Não é esse o problema delas. O problema delas é que são quase demoniacamente espertas. O problema não está em sua mente, está naquilo que controla a sua mente. O que importa numa pessoa é “o espírito da mente”, aquela essência, aquele supremo poder de controle que determina tudo mais. O princípio interior da mente, que dirige todos os seus processos, é que precisa ser renovado, não a mente propriamente dita. É a direção da mente que precisa ser controlada e mudada. E diz o apóstolo que esse é o grande princípio do viver cristão. Vocês precisam treinar a sua mente para pensar

corretamente desta nova maneira. Vocês precisam redirecionar sua mente, que até aqui tem funcionado numa outra direção .

Pode-se comparar a mente com uma máquina, uma locomotiva, a vapor. Ei-la. Tem grande energia, mantém-se nos trilhos e vai numa direção definida. Agora, o que vocês precisam fazer, diz o apóstolo, é colocar a máquina numa daquelas plataformas giratórias que se vêem nas estações ferroviárias, e fazê-la girar de modo que fique de frente para o lado oposto da via. Lembrem-se, a máquina é a mesma, sua energia é exatamente a mesma, mas agora está preparada para ir noutra direção. Paulo – o Saulo de Tarso que perseguiu a Igreja com extraordinária capacidade, superando a todos até nisso – agora passou a pregar o evangelho com a mesma energia, com a mesma capacidade e com a mesma extraordinária demonstração de entendimento.

E, segundo o apóstolo, essa renovação da mente é a chave, nesta questão de viver a vida cristã. Permitam-me, pois, resumir tudo isso com algumas proposições que, espero, nos ajudarão a fixar na mente este princípio. Voltemos a considerar o problema original da humanidade. Por que temos que lutar contra a tentação e contra o pecado? A resposta, naturalmente, é a Queda. Que aconteceu quando o homem caiu? Acaso foi meramente que Adão e Eva desobedeceram a um particular mandamento de Deus? Foi meramente que eles cometeram um pecado específico? Quisera Deus que fosse!

Contudo não foi. O que realmente aconteceu ali, no Jardim do Éden, foi uma mudança na mente e no espírito de Adão e Eva. Até aquele ponto eles tinham vivido para Deus, para fruí-lo e obedecer aos Seus mandamentos; e todos os seus pensamentos sobre Deus eram bons, amorosos e obedientes. Mas entrou o diabo, e ele não se limitou a elogiar o fruto e a procurar torná-lo atraente. Fez isso, claro, porém o que ele realmente estava fazendo era inculcar no espírito da mente deles uma nova atitude para com Deus. “É assim que Deus disse?”

(Gênesis 3:1). Deus disse isso para manter vocês por baixo.

Foi isso que aconteceu; não foi o mero ato de comer do fruto. O real estrago tinha sido feito antes de Adão e Eva começarem a comê-lo. O ato de comer foi simplesmente a expressão externa da terrível mudança ocorrida em sua atitude para com Deus e para com eles próprios. Eles continuaram tendo a mesma capacidade, mas aquilo que controlava a sua capacidade se perdera. Daí se vê a declaração que se lê em Gênesis 6:5, que descreve como eram as pessoas logo antes do Dilúvio: “Toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente”. Assim é o homem, como também a mulher, em consequência da Queda.

Pois bem, as citadas palavras de Gênesis 6:5 significam exatamente o que elas dizem: “A imaginação dos pensamentos de seu coração”; é isso que precisa ser renovado. Os homens e as mulheres tornaram-se carnisais, sensuais, e essa é a essência da dificuldade deles. Há só uma coisa que pode dar um jeito na conduta deles – a regeneração. Nada mais pode tocá-la. É por isso que aqueles que, em nome do cristianismo, falam em “aplicar” o ensino cristão aos problemas do mundo estão fora do rumo. Não se pode aplicar o ensino cristão. O incrédulo não pode viver a vida cristã, porque a vida cristã começa com “a renovação da mente”.

Como já vimos, os que não são cristãos só se interessam pela conduta e pelo comportamento. Vejam mais um exemplo – o caso dos pacifistas. Eles dizem: “Cristo disse: “Oferece a outra face”. Eles acham que se pode ensinar pessoas incrédulas a oferecerem a outra face. Mas é justamente isso que não é possível fazer. Durante séculos se vem tentando persuadir o mundo a fazê-lo, essa é a história geral da civilização, e sempre deu em nada. A idéia de que se pode tomar o ensino cristão e depois conseguir que os homens e as mulheres o “apliquem”, o ponham em prática, é, penso eu, uma grande negação do evangelho cristão.

Não, o evangelho cristão diz: “Necessário vos é nascer de

novo” (João 3:7). Não é o que você faz que é errado, você é que é errado, e, antes de poder fazer o que é certo, você precisa endireitar. Isso é cristianismo. No novo nascimento não recebemos novas faculdades, mas, sim, uma nova disposição, um novo coração. Um novo princípio determinante, uma nova diretriz, é infundido em nós, de modo que agora podemos usar todas as faculdades e instrumentos de maneira inteiramente nova. Começamos com um novo modo de pensar, e quando pensamos dessa maneira, agimos de uma nova maneira. O pensamento comanda a ação: “Como ele pensa em seu coração, assim ele é” (Provérbios 23:7, VA).

Por conseguinte, a minha próxima proposição é que o apelo dirigido ao cristão é no sentido de que nunca se conforme de maneira mecânica com um certo padrão de comportamento. Nunca. Há pessoas que apresentam erroneamente o cristianismo dessa forma. Dizem elas: “Agora que você se converteu, cabe-lhe fazer ou não fazer isto e aquilo”. Acho isso terrivelmente errado. Para mim, isso não é cristianismo, é legalismo, é colocar de novo as pessoas debaixo de uma nova espécie de lei. Não, o que se deve dizer ao novo cristão é: “Agora você é um novo homem, uma nova mulher, e, por isso, *portanto...*”. Não se deve dar-lhe uma lista de regras e regulamentos, mas dizer-lhe: “Agora, lembre-se do que e de quem você é”. Não existe nenhum sargento instrutor na vida cristã. O bom comportamento é racional e inteligente. Se você estiver seguindo um particular código de conduta e não sabe bem por quê, este é o texto próprio para você: “Que vos renoveis no espírito da vossa mente”. Não viva assim ou assado só porque os outros vivem deste ou daquele modo. Você deve saber e entender por que o faz.

Noutras palavras, no cristianismo é sempre o estado interior que importa, o espírito da mente, esta transformação, este rebrilhar do ser interior. A conduta dos homens e mulheres cristãos não é uma coisa que eles acrescentam à vida deles, não é como vestir um terno. Como já vimos, é expressão de algo

que há por dentro. Pode-se ilustrar isso com algo que vemos na época do Natal. Antes do Natal* as pessoas geralmente compram árvores de Natal e em seus ramos penduram maçãs e peras** prateadas e douradas. Amarram essas frutas artificiais com fitas ou com arame fino. O artificial é o que se coloca na árvore. Indo ao pomar, vemos também maçãs e peras, mas estas são reais, desenvolveram-se da vida interna da árvore – e isso é cristianismo.

A diferença entre o cristianismo e a moralidade é também a diferença entre o cristianismo e a hipocrisia. O hipócrita finge e não é o que finge; o cristão verdadeiro é de fato o que parece que é. Assim, o comportamento cristão provém da renovação da mente. E isso não significa meramente uma mudança de opinião, embora isso esteja incluído. Significa muito mais. Significa que um homem ou uma mulher enxergou a verdade e foi cativada e controlada por ela. Significa uma mudança total, não meramente particular. Se a minha conduta mudou, agora que sou cristão, não foi porque eu introduzi uma mudança parcial em meu modo de viver, mas porque *eu* sou diferente. Foi porque eu sou uma nova pessoa em Cristo Jesus.

Ou, finalmente, a diferença entre os cristãos e as melhores pessoas do mundo, não cristãs, não é apenas uma diferença em grau, mas sim uma diferença essencial. Homens e mulheres de alto nível moral podem parecer extraordinariamente cristãos, às vezes até melhores, embora não o sejam; tudo está apenas na superfície. “Mas Deus conhece os vossos corações, porque, o que entre os homens é elevado, perante Deus é abominação” (Lucas 16:15). Portanto, os cristãos diferem das pessoas de boa moral no espírito da sua mente. Diferem em

* Este sermão foi pregado no dia 26 de novembro de 1965.

** O programa do computador registra “pêras”, mas o correto é com acento no singular e sem no plural. Nota do tradutor.

seu coração, no centro da sua vida. O homem cristão ou mulher cristã tem uma nova perspectiva, um novo ponto de vista sobre todas as coisas. “Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo” (2 Coríntios 5:17).

Então, na área do comportamento, há algum problema que, em particular, o incomoda acima de tudo mais neste momento? Bem, aqui está o ensino do apóstolo, esta é a exortação que ele faz a você. Pare de olhar para esse problema! Dê-lhe as costas. Afaste-se dele. Volte. Volte até à eternidade. Volte para o grande propósito de Deus. Volte ao homem como originariamente foi criado – volte quanto puder. Depois dê meia-volta, e será capaz de abordar o seu problema de um modo que o habilitará a sobrepujá-lo facilmente.

Esse é o método cristão. “Transformai-vos”! Lembrem-se desta essência interna e então ajam pela “renovação da mente”. O Espírito está em vocês, e Ele os ajudará. Ele os guiará. O que lhes cabe fazer é responder. Por isso, pensem nestas coisas; vocês devem meditar nelas e orar sobre elas. A “renovação da mente” é isso.

9

“Rogo-vos pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus.” – Romanos 12:1,2

Temos visto que na vida cristã tudo deve ser considerado à luz da nossa nova posição. Estou muito interessado nisto porque para mim é um dos aspectos mais gloriosos da fé cristã, e certamente é a chave do viver cristão vitorioso. A atitude cristã para com o comportamento nunca é negativa. Nunca é mesquinha, nunca é medrosa. Prestamos um tremendo desserviço ao nosso Senhor e Mestre e a Seu modo de viver, se damos essa impressão.

Certo é que muitas vezes se dá uma falsa impressão. O homem do mundo lhes dirá que é por essa razão que ele não é cristão. Muitos dizem: “Mas vocês, cristãos, são tão mesquinhos, a vida de vocês é tão pequena e estreita!” E eu receio que muitas vezes essa é a impressão que damos; temos sido medrosos. Temos representado mal o evangelho e temos sido um empecilho para que as pessoas entrem na vida cristã.

Mas a abordagem cristã sempre deve ser positiva; deve ser sempre grande, sempre gloriosa. Se não damos a impressão de que é uma coisa gloriosa ser cristão e viver a vida cristã, significa que nunca entendemos esta declaração: “Transformai-vos pela renovação da vossa mente” (VA). Quão grande possibilidade! Que maneira maravilhosa de ver todas as

coisas! E aqui não há temor, porque desde logo somos levados a lembrar os grandes recursos que nos pertencem.

O evangelho é único. Ele nos diz: sejam o que vocês são; apercebam-se do que são; e passem a mostrar que vocês são o que são. Em nenhuma outra parte do mundo encontramos tal mensagem. E, como já vimos, é por isso que devemos estar sempre cômescios de que ninguém pode viver a vida cristã sem ter sido regenerado. Na verdade, dizer a qualquer incrédulo que nalguma parte ou de alguma forma possa viver a vida cristã é ensinar heresia. É a heresia pelagiana. Pelágio achava que bastava ensinar às pessoas os princípios do viver cristão, e elas os cumpririam. Esse falso ensino sempre foi e sempre deve ser condenado pela Igreja Cristã.

Por isso espero que entendamos bem este assunto. A idéia de que tudo o que vocês têm que fazer é ir aos estadistas do mundo e dizer-lhes: “Pois bem, é isto que o cristianismo ensina, ponham-no em prática”, é uma negação do ensino geral do Novo Testamento. Assim, quando o papa e outros se dirigem às Nações Unidas, não deveriam apelar a elas para porem em prática os princípios cristãos. Deveriam dizer que lhes é necessário “nascer de novo”, porque nunca ninguém os cumprirá enquanto não nascer de novo, e, sem levar em conta mais nada, é pura perda de tempo.

A principal causa do estado terrivelmente confuso do mundo é a estulta idéia de que os homens e as mulheres que de há muito repudiam a doutrina cristã ainda podem manter-se apegados à ética cristã. Não se pode fazer isso. É mera impossibilidade. É isso que o apóstolo está dizendo. Cada pessoa necessita desta “transformação”, a qual, como temos demonstrado, é comparável à transfiguração do nosso Senhor no Monte da Transfiguração.

Assim é que Paulo afirma que não devemos ser vistos conformando-nos com o “estilo”, com a “moda”, deste mundo. Mas, como viver desta forma transformada? A questão toda, segundo o apóstolo nesta passagem, é que isto exige esforços

positivos da nossa parte. É “pela renovação da vossa mente”, e especialmente “pelo espírito da vossa mente” (Efésios 4:23). Pois bem, o Espírito Santo está em nós, na qualidade de cristãos, e Ele está sempre agindo em nós, e o que, no texto que estamos analisando, o apóstolo nos diz que devemos fazer é ouvir o Espírito, deixar-nos guiar por Ele e pôr em prática o que Ele nos diz. Note-se, novamente, que este ensino tem dois lados: “Operai a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade” (Filipenses 2:12,13). Paulo aqui está realmente dizendo: “Vocês nasceram de novo; portanto, renovem a sua mente”.

Que será, então, que isso significa na prática? Obviamente, a primeira coisa é que devemos familiarizar-nos com a verdade. Por que estas Epístolas foram escritas? Foi para nos ajudarem a renovarmos a nossa mente. Foi por isso que Paulo teve que escrever Romanos, e foi por isso que todas as demais Epístolas foram escritas. Não somos deixados meramente com a nossa experiência e com a atividade do Espírito Santo em nós. Ele é o Espírito da verdade, e Ele fez com que estes homens escrevessem as cartas a fim de que fôssemos ajudados e recebêssemos instrução. Vocês não poderão renovar a sua mente se não estiverem familiarizados com esta Palavra. Portanto, ser renovado significa familiaridade com a verdade como esta nos é apresentada, com toda a sua argumentação, no Novo Testamento.

Em segundo lugar, devemos entender a verdade que lemos. Devemos lê-la, tomar tempo em sua leitura, e devemos lutar com ela até entendê-la. Essa é a razão pela qual estamos estudando como estamos a Epístola aos Romanos, não é? Juntos estamos tentando entender este ensino, à medida que o Espírito nos conduz e nos guia, e conforme usamos a nossa mente e o nosso entendimento.

Em acréscimo, evidentemente, significa que, tendo conhecido a verdade, e tendo-a captado e compreendido,

devemos aplicá-la constantemente. Isso requer esforço da nossa parte, porque, desafortunadamente, em consequência da Queda e do pecado, todos nós nos tornamos criaturas presas a hábitos. Nós nos acostumamos tanto a pensar de um certo modo que tendemos a continuar seguindo o mesmo modo, mesmo depois de termos nascido de novo. Não começamos automaticamente a pensar de nova maneira. Claro está que o fazemos, num sentido fundamental, e, todavia, isso envolve muito treinamento. Vocês verão sua mente escorregar de volta à velha rotina. Vocês têm que impulsioná-la para fora, por assim dizer, e dirigi-la por outro caminho. É isso que Paulo quer dizer com a expressão “pela renovação da vossa mente”.

Aí está, pois, a exposição em geral, mas permitam que lhes mostre agora o que esta renovação da mente significa em particular. Aqui estou eu, um homem regenerado; muito bem. Agora tenho que pensar de maneira inteiramente nova; devo abordar todos os problemas da minha vida de uma nova maneira. Mas, como fazê-lo? Bem, devo começar perguntando a mim mesmo: “Afinal, qual é o objetivo da salvação? Como cristãos, somos pessoas convertidas. Somos pessoas regeneradas. Cremos na verdade. Regozijamo-nos na doutrina da salvação; regozijamo-nos quando nos reunimos em torno da mesa do Senhor e participamos do pão e do vinho. Nós anunciamos “a morte do Senhor, até que (Ele) venha” (1 Coríntios 11:26). Cremos nestas coisas. É isso que nos faz cristãos e o que somos como cristãos.

Todavia o perigo é ficar nisso, é dizer: “Certo, agora estou salvo”, e continuar levando um tipo de vida que realmente não se relaciona com o novo nascimento. Mas o cristão, homem ou mulher, não deve agir desse modo, porém deve dizer: “Agora devo começar a fazer perguntas. Por que foi que tudo isso aconteceu comigo? Por que foi que o Senhor Jesus Cristo veio a este mundo? Por que Ele morreu na cruz, foi sepultado e ressuscitou?” E, quando estudamos estas Epístolas, descobrimos que há somente uma resposta a tais perguntas, e o

apóstolo a expõe diante de nós, de maneira sumamente maravilhosa, no capítulo 5 desta grande Epístola.

O objetivo supremo da encarnação e de tudo o que se lhe seguiu foi a produção de uma nova humanidade. Todos nós estávamos “em Adão”, e agora estamos “em Cristo”. Ele veio a fim de formar esta nova humanidade, e Ele é a Cabeça da nova raça de gente. O objetivo da salvação é, então, não meramente que sejamos perdoados e que não vamos para o inferno. O perigo, reitero, é parar aí e dizer: “Fui salvo disto e daquilo”. Precisamos aprender a ver a salvação positivamente. Cristo é “o primogênito entre muitos irmãos” (Romanos 8:29). Ele está “trazendo muitos filhos à glória” (Hebreus 2:10). É contemplando isso que os cristãos se tornam renovados em sua mente.

Vejam a declaração feita pelo apóstolo em Tito 2:11-15, onde ele expressa esta verdade tão claramente: “Porque a graça de Deus se há manifestado, trazendo salvação a todos os homens” – por quê? – “ensinando-nos” – vejam vocês, a salvação nos ensina – “que, renunciando à impiedade e às concupiscências mundanas, vivamos neste presente século sóbria, e justa, e piamente. Aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo; o qual se deu a si mesmo por nós” – para quê? – “para nos remir de toda a iniquidade” – mas aqui está a declaração positiva – “e purificar para si um povo seu especial, zeloso de boas obras. Fala disto, e exorta e repreende com toda a autoridade. Ninguém te despreze”.

Quando nos detemos e perguntamos a nós mesmos: “Qual é o objetivo supremo da salvação?”, essa é a nossa resposta. E então toda a nossa atitude para com os problemas específicos já é nova e mudada.

Prossigamos. Se o grande objetivo da vinda do nosso Senhor e de tudo o que Ele fez é a formação de uma nova humanidade, então, necessária e essencialmente, isso envolve o fato de que temos que ser transferidos de uma condição

para outra; e nesse fato os escritores do Novo Testamento se gloriam. Pois bem, não há nenhuma exposição mais maravilhosa sobre isso do que a que este mesmo apóstolo faz no capítulo primeiro da Epístola aos Colossenses: “Dando graças ao Pai que nos fez idôneos para participar da herança dos santos na luz; o qual nos tirou da potestade das trevas, e nos transportou para o reino do Filho do seu amor”. Que conceito! É de novo o que ele quer dizer aqui, quando fala da renovação da mente: que você leia semelhante declaração, dê-se ao trabalho de entendê-la e leve-a às suas últimas conseqüências. Diga a si próprio: “Vou ser finalmente feito participante da herança dos santos na luz, mas nunca o serei sem que me aconteça alguma coisa. Não é meramente que estou perdoado; isso não é suficiente. Devo ser “transportado” do reino das trevas e transferido para o reino do Filho do Seu amor”.

Foi precisamente isso que aconteceu conosco, é isso que significa ser cristão. E é porque nenhum de nós tem tais pensamentos proeminentemente em nossa mente e, na verdade, controlando toda a nossa perspectiva, que fracassamos e caímos; é por isso que nos aferramos a pequenos problemas, considerados individualmente, como se não fôssemos pessoas convertidas. Aqui nos é dito como abordar toda a questão. Fomos tirados de um reino e fomos transferidos para outro.

Ora, de modo algum este ensino está restrito ao apóstolo Paulo. Pedro fala disso com igual objetividade e clareza. “Mas vós sois a geração eleita”, diz ele, “o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou (tirou) das trevas para a sua maravilhosa luz; vós, que em outro tempo não éreis povo, mas agora sois povo de Deus; que não tínheis alcançado misericórdia, mas agora alcançastes misericórdia” (1 Pedro 2:9,10).

É assim, pois, que, como cristãos, fazemos frente à nossa vida neste mundo. Não dizemos: “Problema número um, problema número dois, e agora tenho que ver o que posso fazer”, lutando contra isso de maneira negativa e medrosa.

Não, nós recuamos e procuramos lembrar onde estamos e o que aconteceu conosco. Lembramos a nós mesmos Aquele “que se deu a si mesmo por nossos pecados, para nos livrar do presente século mau” (Gálatas 1:4).

Então, ser “renovado em sua mente” significa que você não se permite esquecer essa realidade; você vive lembrando isso. Falo nestes termos porque é precisamente como Pedro fala. Ele é um homem de idade, não longe da morte, e praticamente diz às pessoas: todos os seus problemas são devidos ao fato de vocês se esquecerem do que sabem. “Aquele em quem não há estas coisas é cego, nada vendo ao longe, havendo-se esquecido da purificação dos seus antigos pecados” (2 Pedro 1:9). Ele sabia, mas esqueceu. A “renovação da vossa mente” significa pensar positivamente nestas coisas para nunca mais poder esquecê-las.

Pedro continua: “Portanto, irmãos, procurai fazer cada vez mais firme a vossa vocação e eleição”. Ele já lhes dissera: “E vós também, pondo nisto mesmo toda a diligência, acrescentai à vossa fé a virtude (supri de virtude a vossa fé)... amor fraternal” etc. (versículos 5-7). Deveis ser ativos e positivos, e, procedendo assim, estareis renovando a vossa mente. “Procurai fazer cada vez mais firme a vossa vocação e eleição; porque, fazendo isto, nunca jamais tropeçareis. Porque assim vos será amplamente concedida a entrada no reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.” E então: “Pelo que não deixarei de exortar-vos sempre acerca destas coisas, ainda que bem as saibais, e estejais confirmados na presente verdade” (versículos 10-12).

Pois bem, isso é pregação! Acaso vocês ficam cansados de me ouvir dizer as mesmas coisas, meus amigos? Bem, estou fazendo precisamente o que o apóstolo Pedro fazia. Estou seguro de que ele estava certo, e estou seguro de que eu estou certo! O nosso problema sempre é que nos esquecemos. Pedro o diz também no versículo subsequente: “E tenho por justo, enquanto estiver neste tabernáculo, despertar-vos com

admoestações” (versículo 13). E penso que esta é a obrigação que, mais do que nunca, pesa sobre os ministros atualmente. Os cristãos estão esquecendo coisas que sabiam, e é por isso que estão na presente balbúrdia e confusão; e o dever do pregador é constantemente fazê-los lembrar-se.

Depois, Pedro o diz ainda uma vez mais. “Sabendo que brevemente hei de deixar este meu tabernáculo, como também nosso Senhor Jesus Cristo já mo tem revelado. Mas também eu procurarei em toda ocasião que depois da minha morte tenhais lembrança destas coisas” (versículos 14,15). Diz ele, com efeito: “Estas coisas lhes foram ditas. Vocês creram nelas quando se tornaram cristãos. Contudo agora estão em dificuldade. Sentem-se infelizes e estão fracassando. Por quê? Porque se esqueceram delas! Mas não se devem permitir esquecê-las – devem manter-se ativos e despertos. Estou mexendo com vocês, e vou continuar a fazê-lo. Vou fazê-los lembrar-se das coisas que vocês sabem”. Isso é renovar a mente, tornar-se o que vocês são e dar-se conta do que são.

Pedro já havia lembrado a seus leitores o que tinha acontecido: “Pelas quais ele nos tem dado grandíssimas e preciosas promessas, para que por elas fiquéis participantes da natureza divina, havendo escapado da corrupção, que pela concupiscência há no mundo” (2 Pedro 1:4). “Vocês escaparam da corrupção”, diz ele; “bem, não se conformem com ela. Não se comportem como se estivessem nela.”

Ou vejam também outra maravilhosa exposição sobre tudo isso no fim de Colossenses, capítulo 2. Tendo desenvolvido o seu grande argumento sobre a cruz até o versículo 15, ele diz: “Portanto, ninguém vos julgue pelo comer, ou pelo beber, ou por causa dos dias de festa, ou da lua nova, ou dos sábados”. Que tolos! Estavam voltando a colocar-se debaixo da lei. Apesar de terem sido emancipados, estavam retornando àquelas coisas. “Que são sombras das coisas futuras”, diz ele, “mas o corpo é de Cristo. Ninguém vos domine a seu bel-prazer com pretexto de humildade e

culto de anjos, metendo-se em coisas que não viu; estando debalde inchado na sua carnal compreensão, e não ligado à cabeça, da qual todo o corpo, provido e organizado pelas juntas e ligaduras, vai crescendo em aumento de Deus. Se, pois” – ei-lo – “estais mortos com Cristo quanto aos rudimentos do mundo, por que vos carregam ainda de ordenanças, como se vivêsseis no mundo...? (versículos 16-20). Diz ele: que é que há com vocês? Estão confusos; renovem a sua mente! “As quais (coisas) têm, na verdade, alguma aparência de sabedoria, em devoção voluntária, humildade, e em disciplina do corpo, mas não são de valor algum senão para a satisfação da carne” (versículo 23).

E, na verdade, o apóstolo teve que dizer a mesma coisa aos coríntios: “Eu, irmãos, não vos pude falar como a espirituais, mas como a carnis, como a meninos em Cristo. Com leite vos criei, e não com manjar, porque ainda não podíeis, nem tampouco ainda agora podeis. Porque ainda sois carnis; pois, havendo entre vós inveja, contendas e dissensões, não sois porventura carnis, e não andais segundo os homens?” (1 Coríntios 3:1-3). Nasceram de novo, mas, diz ele, estão vivendo como se não fosse assim; pensam como pessoas não renascidas; têm desejos como se não o fossem. Vocês se contradizem a si mesmos.

E, portanto, a primeira coisa que devemos compreender é que fomos transferidos *de*; e depois, positivamente, devemos lembrar-nos constantemente do que fomos transferidos *para*: “Da potestade das trevas... para o reino do Filho do seu amor” (Colossenses 1:13). Vejam, porém, a tremenda declaração registrada em Filipenses 3:20,21. Temos aí o aspecto positivo: “Mas a nossa cidade (a nossa cidadania) está nos céus, de onde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, que transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o seu corpo glorioso, segundo o seu eficaz poder de sujeitar também a si todas as coisas”. O apóstolo está contrastando isso com certos falsos mestres. “Porque muitos há, dos quais muitas

vezes vos disse, e agora também digo chorando, que são inimigos da cruz de Cristo, cujo fim é a perdição; cujo Deus é o ventre, e cuja glória é para confusão deles, que só pensam nas coisas terrenas” (versículos 18,19). Mas a nossa cidadania, a esfera a que pertencemos, não está nessas coisas, está no céu. Nós pertencemos ao reino de Deus.

E, certamente, o autor da Epístola aos Hebreus diz exatamente a mesma coisa naquele grandioso capítulo onze, onde ele exhibe, um após outro, os grandes heróis da fé – Abel, Enoque, Noé, Abraão, Moisés e todos os demais. Qual era o segredo deles? Era que, embora estivessem neste mundo, esperavam “a cidade que tem fundamentos, da qual o artífice e construtor é Deus” (Hebreus 11:10). Eles compreendiam que estavam apenas passando por este mundo e que pertenciam àquela outra cidade.

Pois bem, se vocês quiserem expor as Escrituras, usem as Escrituras para isso, e eu lhes estou apresentando os comentários que a Bíblia faz sobre esta frase de Romanos 12:2. Uma das melhores explicações deste versículo e de como ele é levado a efeito em detalhe e na prática é o capítulo cinco da Segunda Epístola aos Coríntios. Tudo vem resumido numa só grande declaração, no versículo 17: “Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura (nova criação) é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo”. Nesse texto Paulo descreve o novo modo de pensar. Praticamente o que ele diz é o seguinte: “Visto que eu sou uma nova criatura, uma nova criação, num sentido nada é como era antes; vejo tudo diferentemente”. Eis um aspecto em que isso é verdade: “Assim que daqui por diante a ninguém conhecemos segundo a carne, e, ainda que tenhamos conhecido Cristo segundo a carne, contudo agora já não o conhecemos deste modo” (versículo 16). Essa é uma tremenda afirmação. Paulo não se vê como costumava se ver. Outrora ele se via como um homem excelente, um homem muito bom e piedoso, um homem que agradava a Deus, um fariseu, melhor do que a maioria das outras pessoas, mas agora ele diz: “Esta

é uma palavra fiel, e digna de toda a aceitação, que Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal” (1 Timóteo 1:15).^{*} Esse é um novo modo de pensar, não é?

Não só a si próprio o apóstolo passou a ver-se diferentemente, também os outros ele passou a ver diferentemente: “a ninguém conhecemos segundo a carne”. Antes, quando Paulo – Saulo de Tarso – olhava para outros homens, a única pergunta que fazia era: “Ele é judeu, não é?” Esse era o princípio determinante – judeus e não judeus, o povo de Deus e os “cães”, destituídos de todo e qualquer bem. Agora, porém, não pensa mais assim; ele foi renovado. E eu e vocês também devemos desenvolver e aplicar isso. Não mais somos governados por gostos, aversões e preconceitos. Estamos renovados em nossa mente graças ao que nos aconteceu. E, assim como Paulo se deleitava no fato de que era o apóstolo dos gentios, como se gloriara no capítulo 11 desta grande Epístola, assim também eu e vocês devemos ver todos os outros de uma nova maneira. E isso resolverá muitos dos nossos problemas em nossa vida diária.

Mas a dificuldade é que muitas vezes reagimos como costumávamos reagir às pessoas e ao que elas fazem, pensam e dizem. Não é? Não devemos agir assim. Por exemplo, não devemos vê-las tanto como pessoas difíceis – se for esse o caso – mas, se elas não são cristãs, devemos vê-las como escravas de satanás e devemos ter pena delas. O nosso Senhor via as

^{*} Nos trabalhos de tradução da Nova Versão Internacional (NVI), lembrei aos companheiros da Comissão de Tradução que o uso do termo “principal”, mantido na Versão Atualizada de Almeida e na Edição Revista e Corrigida, é no mínimo ambíguo, podendo sugerir a idéia de que Paulo se considerava o principal dos homens. Por isso sugeri, e a sugestão foi acatada, a seguinte tradução: “... Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o pior”. – Quanto mais perto de Cristo, mais sentimos a gravidade do nosso pecado. Nota do tradutor.

multidões “como ovelhas que não têm pastor” (Mateus 9:36), e Seu coração se enchia de compaixão. É como devemos ser. Quando temos esta nova forma de pensar, agimos dessa maneira, porém temos que fazer um esforço positivo nesse sentido. Não devemos reagir instintivamente a tais pessoas, mas devemos dizer a nós mesmos: “Espere um minuto, como devo ver isso tudo?”, e então lembrar que elas não passam de escravas do diabo; ainda pertencem ao reino das trevas; não são “um povo” (1 Pedro 2:10). “A ninguém conhecemos segundo a carne.”

Esta renovação da nossa mente não muda somente o nosso conceito sobre nós mesmos e sobre outras pessoas; muda todo o nosso conceito sobre a vida neste mundo; e isso é muito importante. Nossa relação com este mundo é singular. Se a nossa cidadania está no céu, somos apenas “peregrinos e forasteiros” aqui. Foi dessa forma que Pedro se expressou: “Amados, peço-vos, como a peregrinos e forasteiros, que vos abstenhais das concupiscências carnis que combatem contra a alma” (1 Pedro 2:11). E eu e vocês devemos fazer-nos pensar desse modo. Estamos no mundo, mas já não somos dele. Somos viajores, moradores em trânsito, estrangeiros e peregrinos – outra vez, tudo isso está perfeitamente exposto naquela extraordinária declaração que se lê no capítulo onze da Epístola aos Hebreus. O escritor nos apresenta a filosofia daquelas pessoas, por assim dizer. Diz ele: “Todos estes morreram na fé, sem terem recebido as promessas; mas vendo-as de longe, e crendo-as e abraçando-as, confessando que eram estrangeiros e peregrinos na terra” (Hebreus 11:13).

Naturalmente, esse é o constante apelo do Novo Testamento. Paulo escreve aos efésios: “E digo isto, e testifico no Senhor, para que não andeis mais como andam também os outros gentios, na vaidade do seu sentido” (ou, VA: “da sua mente”) (Efésios 4:17). Não podeis fazer isso, “não aprendestes assim a Cristo” (versículo 20). Não continuem vivendo como se não tivessem sido transformados; vocês foram e *estão*

transformados. Ele expõe isso de novo no capítulo cinco da mesma Epístola: “Portanto, não sejais seus companheiros. Porque noutro tempo” – outrora, uma vez, no passado – “éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor” – bem – “andai como filhos da luz (porque o fruto do Espírito está em toda a bondade, e justiça, e verdade); aprovando o que é agradável ao Senhor. E não comuniquéis com as obras infrutuosas das trevas, mas antes condenai-as. Porque o que eles fazem em oculto até dizê-lo é torpe” (Efésios 5:7-12). O mundo não tem mais vergonha de dizer essas coisas em público, acaso tem? Mas eu e vocês devemos envergonhar-nos, e não devemos ter nada com elas. “Mas todas estas coisas se manifestam, sendo condenadas, pela luz... Pelo que diz: desperta, (ó) tu que dormes, e levanta-te dentre os mortos, e Cristo te esclarecerá. Portanto, vede prudentemente como andais, não como néscios, mas como sábios, remindo o tempo, porquanto os dias são maus. Pelo que não sejais insensatos, mas entendei qual seja a vontade do Senhor” (versículos 13-17).

Vê-se, pois, que o Novo Testamento está repleto desta mesma argumentação, e várias vezes a temos resumido, à medida que considerávamos o conteúdo desta Epístola, desta maneira: vocês eram, mas não são mais, graças a Deus; agora vocês *são*! É exatamente o que Paulo diz aqui: “Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente”. Vocês devem compreender que pertencem a esta “geração eleita”, a este “sacerdócio real”, a esta “nação santa”, a este povo destinado a ser uma propriedade especial do Senhor, “que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz” (1 Pedro 2:9), para que mostrem o que Ele fez e assim ministrem para a Sua glória e para o Seu louvor.

Agora, esquecer isso tudo simplesmente leva à conformidade com o mundo, ou, para expressá-lo de outro modo, se nos conformamos com o mundo, isso tão-somente significará que esquecemos tudo isso. É uma questão ligada à mente. O problema, repito, é o de pensar corretamente. Saibam, diz

Pedro, como me deixam espantado: “Pois aquele em quem não há estas coisas é cego, nada vendo ao longe, havendo-se esquecido da purificação dos seus antigos pecados” (2 Pedro 1:9). Conformação com o mundo não é só esquecer todas estas coisas gloriosas nas quais alegamos que cremos; também é, ao mesmo tempo, contradizê-las, e jamais devemos fazer-nos culpados disso.

Há depois outro grande argumento que se torna inevitável quando começamos a pensar desta maneira. Aqui estou: fui chamado e tirado das trevas e do seu reino e fui transportado para o reino de Deus, e me vejo agindo neste reino. Mas, espere um minuto, vamos dar uma olhada lá para diante por um momento – consideremos o que nos espera. Consideremos: por que Deus fez isto por nós? E para quê? Por que Ele nos deu o Espírito? Oh, a fim de nos preparar para aquilo que constitui o nosso destino. O apóstolo colocou isso diante de nós muitas e muitas vezes, não colocou? Há uma afirmação maravilhosa sobre isso no capítulo oito, onde ele diz: “E aos que predestinou a estes também chamou; e aos que chamou a estes também justificou; e aos que justificou a estes também glorificou” (versículo 30). “Os que dantes conheceu também os predestinou” – por quê? – “para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos” (versículo 29).

Pois bem, é assim que devemos pensar. Devemos dizer a nós mesmos, dia após dia: “Eu não pertenço mais às trevas; eu não pertenço mais ao “não povo”; eu sou do povo de Deus; eu estou em Seu reino”. Mas, para quê? Para que eu seja preparado para a glória por vir. Noutras palavras, eu não vivo apenas um dia depois do outro, da mão para a boca, deixando que o mundo me influencie, embora eu reaja a ele. Não, não, eu tenho uma visão global. Eu compreendo que sou um peregrino a caminho da eternidade, sou um dos filhos de Deus indo em direção ao lar. Tenho que estar de olho nisso e que andar à luz disso.

Porventura não era esse o segredo de Moisés, segundo a Epístola aos Hebreus? Como foi que Moisés fez o que fez? Ele o fez “como vendo o invisível” (Hebreus 11:27). Por que foi que ele escolheu “antes ser maltratado com o povo de Deus do que por um pouco de tempo ter o gozo do pecado” (versículo 25)? A resposta é que ele “tinha em vista a recompensa” (versículo 26).

É dessa forma que o povo de Deus vive. Ele não olha meramente para um problema particular ou outro para então perguntar: “Faço isto ou não faço?”, e depois buscar a ajuda da psicologia. Absolutamente não! Essa abordagem é a do mundo. O povo de Deus pergunta: “Quem sou? Que estou fazendo? Para onde vou?” Ele está de olho na “recompensa” (Hebreus 11:25). E se você estiver de olho nisso, logo, logo dará um jeito nos seus problemas.

Segundo o autor de Hebreus, foi assim que o nosso Senhor agiu: “Olhando para Jesus, autor e consumidor da fé, o qual, *pelo gozo que lhe estava proposto*, suportou a cruz, desprezando a afronta” (Hebreus 12:2). E, evidentemente, o apóstolo Paulo colocou tudo isso diante de nós numa linguagem muito eloqüente: “Porque para mim tenho por certo que as aflições deste tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há de ser revelada”. É isso. Ele continua: “...nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo” (Romanos 8:18,23). É isso que se faz.

O apóstolo usa exatamente o mesmo argumento em 1 Coríntios 15:33,34: “Não vos enganeis: as más conversações corrompem os bons costumes. Vigiai justamente e não pequeis” (ou, VA, na parte final: “Despertai a justiça, e não pequeis”). Por quê? Porque vamos ressuscitar e vamos ser semelhantes ao nosso Senhor. Esse é o argumento geral de 1 Coríntios, capítulo 15. A ética e a doutrina da ressurreição estão interligadas inextricavelmente. Elas se pertencem

mutuamente. Lembro-lhes aquela grande declaração que se lê no fim de Filipenses, capítulo 3: “Esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo” – que descera do céu e que, quando vier, transformará isto, este corpo da minha humilhação – “para ser conforme o seu corpo glorioso”. Esse é o meu destino. É para lá que vou. Se sou cristão, essa é a verdade a meu respeito. E uma vez que eu comece a guardar estas coisas em minha mente de forma que elas governem o meu pensamento, a minha atitude face a cada problema particular mudará, e todas essas outras questões encaixarão em seu lugar próprio.

Finalmente, sendo governado por este novo pensamento, você se aperceberá agudamente de que não tem tempo para perder. O tempo é curto, a eternidade logo vem. É melhor que se prepare bem. Como João diz em sua Primeira Epístola: “E agora, filhinhos, permaneço nele” – por quê? – “para que, quando ele se manifestar tenhamos confiança, e não sejamos confundidos* por ele na sua vinda” (1 João 2:28). Que coisa terrível seria se, quando O vírmos como Ele é, o que predominantemente sentíssemos fosse vergonha! Que coisa terrível se, mesmo tendo dito que cremos nEle e que Lhe somos gratos por Sua vinda, tivéssemos vivido “segundo este mundo”. Veríamos então o que perdemos, como entendemos mal tudo, quão indignos fomos. Ficaríamos “envergonhados diante dele na sua vinda”.

Não, não; que isso não aconteça. Em vez disso, preparemo-nos para o Seu retorno e passemos então ao que João diz no capítulo três: “Vede como é grande o amor que o Pai nos concedeu, chamar-nos seus filhos. Por isso o mundo não nos conhece, porque não o conheceu” (1 João 3:1, VA). Se os que são do mundo criticarem você, agradeça-lhes. Eles estarão dizendo com outras palavras que você pertence ao Pai. Eles não O conhecem, e não conhecem os que Lhe pertencem.

* VA: “não fiquemos envergonhados diante dele...”. Nota do tradutor.

“Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifestado o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando Ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque assim como (ele) é o veremos” (versículo 2). E então – “Qualquer que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também ele é puro” (versículo 3). É lógica inevitável. Portanto, você não começa apenas com a questão da purificação, você se vê encontrando-se com Ele e olhando em Seus olhos, e diz: “Devo perseverar nisto. Devo purificar-me, como Ele é puro”. Esse é o motivo.

Ou, de novo, como o apóstolo Paulo o expressa em 2 Coríntios 5:10,11: “Porque todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem, ou mal”. É isso.

Ou, como afinal estamos estudando esta grande Epístola aos Romanos, vamos ao capítulo 13, onde Paulo, talvez em sua mais eloqüente exposição sobre este assunto particular, escreve: “O amor não faz mal ao próximo. De modo que o cumprimento da lei é o amor. E isto digo, conhecendo o tempo, que é já hora de despertarmos do sono” – por quê? – “porque a nossa salvação está agora mais perto de nós do que quando aceitamos a fé” (Romanos 13:10,11). Cada dia que passa significa que estamos mais perto da Sua vinda e da consumação final da salvação. No versículo 12, Paulo diz: “A noite” – e é noite na hora presente, não é? “A noite” – a noite do pecado e do mal, a noite das trevas deste mundo. Mas, graças a Deus, sabemos disto: “A noite é passada, e o dia é chegado”. E, ao vermos isso, apliquemos esta lógica: “Rejeitemos pois as obras das trevas, e vistamo-nos das armas da luz. Andemos honestamente, como de dia: não em glotonarias, nem em bebedeiras, nem em desonestidades, nem em dissoluções, nem em contendas e inveja. Mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo, e não tenhais cuidado da carne em suas concupiscências” (Romanos 13:12-14).

Todas estas passagens mostram o significado da injunção

de Paulo: “Transformai-vos pela renovação da vossa mente”. Você pensa deste modo, você peleja, você luta para fazer pessoalmente tudo o que pode para impelir-se a fazer isso, e jamais se deixa recair na velha maneira de pensar. Você foi renovado em sua mente, no espírito da sua mente, no princípio diretor de todo o seu pensar e de toda a sua perspectiva. É dessa maneira que o cristão encara o problema de como viver num mundo como este.

10

“Rogo-vos pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus.” – Romanos 12:1,2

Chegamos agora ao estágio no qual devemos considerar a frase final – “...para que experimenteis qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus”. Tendo-nos mostrado que o modo cristão de viver afeta corpo, alma e espírito – a pessoa completa – o apóstolo termina aqui dizendo-nos a real razão para nos apresentarmos a Deus, o objetivo, o qual devemos ter em mente. Este é o motivo supremo para fazermos tudo quanto somos exortados a fazer. E ele introduz esta parte com a expressão “para que”: “E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que...”.

Note-se que as autoridades discutem bastante sobre a expressão “para que”. Dizem elas que pode ser entendida de duas maneiras. Pode indicar, como há pouco sugeri, o objetivo deste modo de viver, o fim ao qual isso tudo leva; ou pode ser interpretada como indicando o resultado: se vocês fizerem isso tudo, provarão “qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus”. Bem, eu acredito que as duas idéias estão incluídas na referida expressão. Uma leva inevitavelmente à outra. Paulo dá a razão pela qual devemos viver tal vida, e nos diz que só podemos chegar a esse resultado vivendo desta maneira.

Aqui, de novo, nos defrontamos com uma declaração vital, que nos apresenta um princípio sumamente importante. O apóstolo nos dissera que o que distingue os cristãos de todos os demais é que eles têm novas mentes; que eles não “pensam” mais nas coisas terrenas, mas nas espirituais. Eles têm uma nova maneira de pensar e uma nova abordagem de todos os problemas, e nós estivemos tratando disso. Até aqui examinamos a questão de modo geral, mas diz agora o apóstolo que, em particular, isso tem que acontecer numa área muito importante, qual seja, o nosso entendimento e a nossa apreciação da vontade de Deus a nosso respeito. O objetivo supremo da nova mente é habilitar-nos a entender e a apreciar a vontade de Deus de um modo que antes era impossível.

E esse é o grande assunto que o apóstolo nos apresenta aqui. Mais uma vez me sinto constrangido a assinalar – e nunca o poderemos assinalar com demasiada freqüência – que é isso que diferencia o cristianismo autêntico de todas as outras coisas. Jamais devemos assumir a posição na qual digamos meramente que o ensino cristão é melhor que tudo mais. Não, o que dizemos é que ele é único. Não é uma parte de uma série de outras coisas. Não é o principal ou o mais elevado ou o melhor dos sistemas éticos. Toda a sua base é diferente.

Aqui, na segunda parte de Romanos 12:2, novamente vemos com clareza que o ensino cristão não se preocupa somente com o comportamento. Interessa-se por isso, é evidente, mas só enquanto o comportamento é uma manifestação objetiva de uma atitude suprema. Vimos isso quando tratamos das palavras “conformar-se” e “transformar-se”, porém aqui está novamente. É neste ponto que o Dr. Thomas Arnold e a espécie de religião que ele introduziu na Escola Rugby,* em meados do século dezenove, fazem tanta violência

* De Rugby, cidade inglesa situada a uns 130km de Londres. A referida escola tornou-se famosa no período em que esteve sob a direção de Thomas Arnold (1828-1842). Nota do tradutor.

ao ensino cristão. Aqueles que ensinam que o cristão não passa de um bom cavalheiro estão ensinando moralidade; isso nada tem a ver com o cristianismo, e é uma contradição do princípio essencial de Paulo.

Qual seria, então, a meta do comportamento cristão? Bem, não é que eu me agrade a mim mesmo, nem que eu agrade os outros, nem que eu fique acima de toda crítica ou suspeita, nem que eu seja um bom cidadão do meu país. Não é nenhuma dessas coisas, se bem que as incluí todas. Não, o cristianismo não vê as coisas do ponto de vista humano. O cristão não se interessa pelo que as pessoas pensam ou dizem, e sim pelo que Deus diz. O objetivo supremo da vida cristã em geral é levar-nos à conformidade com a vontade de Deus. Mais uma vez somos induzidos a lembrar que esta deve ser sempre a nossa idéia da salvação.

Sugiro-lhes que muitas dificuldades da Igreja Cristã, mesmo entre os evangélicos, devem-se ao fato de que nem sempre temos tido o cuidado de lembrar esse objetivo supremo e de lhe dar a ênfase que lhe deveríamos dar. Jamais devemos ver a nossa salvação de maneira negativa ou parcial; jamais. Somos propensos a isso. Algumas pessoas parecem pensar que a salvação é mera questão de perdão dos pecados. Começa aí, mas, pensar na salvação só nesses termos é omitir a gloriosa ênfase que temos aqui e em todo o Novo Testamento.

Ademais, pensar na salvação meramente em termos de uma experiência muito feliz não é suficiente; muitos param aí. “Oh”, dizem eles, “nunca vou esquecer aquela experiência maravilhosa!”, e ficam falando sobre ela. Ou se referem a alguma mudança em sua vida. Há quem diga: “Sendo um fato que eu vivia miseravelmente, agora sou feliz. Eu tinha constantemente este problema; agora não o tenho mais”. Experiência! Esta mudança maravilhosa! Naturalmente isso também constitui uma parte vital do cristianismo, porém o mero fato de que você pode sentir-se feliz agora, ao passo que vivia sempre miseravelmente, ou o fato de que você tem

uma nova alegria, não é a realidade completa da salvação cristã e, de fato, é muito errado pensar nesses termos. Pior ainda é pensar no cristianismo meramente em termos da libertação de pecados particulares. É isso, mas a salvação não fica nisso.

Já me referi a pessoas que parecem pensar que tudo estaria bem com elas se tão-somente pudessem parar de fazer algo em particular. Mas a declaração do apóstolo é uma terrível condenação dessa idéia. É uma abordagem negativa e reduz a salvação cristã, em sua glória, a uma coisa muito pequena. A salvação nunca é pequena ou negativa. Nestes versículos somos levados a lembrar-nos de que a salvação é sempre positiva; é sempre grande. Qual é o objetivo da salvação? Meramente livrar-me do inferno? Não, é fazer com que eu me conforme à vontade de Deus. Posso não ser culpado de certos pecados, posso ter vida altamente moral, mas ainda assim posso estar completamente sem esperança aos olhos de Deus. Vocês certamente se lembram do que o nosso Senhor disse aos fariseus: “Vós sois os que vos justificais a vós mesmos diante dos homens”. Vida altamente moral! Esse é o ideal do mundo e dos seus sistemas. “Mas”, continua Ele, “Deus conhece os vossos corações, porque, o que entre os homens é elevado, perante Deus é abominação” (Lucas 16:15).

E esse é o problema relacionado com o “bom pagão”, assim chamado, a “pessoa de boa moral”, o “agnóstico cristão”, para empregar uma expressão introduzida pelo finado lorde Birkett* e depois copiado por outros. Não existe tal coisa. As pessoas podem viver bem meramente em termos de decência e de bons costumes, mas o ensino cristão interessa-se pela conformidade à vontade de Deus.

Pois bem, aqui o apóstolo nos eleva a esse nível, mostrando-nos as características essenciais deste grande ensino, e,

* Sir Norman Birkett (1883- ?), advogado e político inglês. Nota do tradutor.

de certo modo, talvez vocês possam considerar este o grande tema da Bíblia; é disso que a Bíblia trata. Ela nos diz que devemos procurar ter o conceito certo sobre os seres humanos, e que todos os nossos problemas decorrem do fato de que o nosso conceito é errado. A Bíblia nos diz que o homem e a mulher foram criados para glorificar a Deus. Especialmente por isso Ele os fez à Sua imagem e semelhança (Gênesis 1:26). O propósito era que o homem fosse representante de Deus na terra; ele deveria ser o senhor da criação, e também foi destinado a ser companheiro de Deus. Deus criou homem para Si, para que o homem tivesse comunhão e companheirismo com Ele.

Isso é básico na Bíblia toda, e Deus deixou claro que, por isso, os homens e as mulheres devem viver de maneira especial. Vocês vêem a vontade de Deus, por exemplo, nos Dez Mandamentos. Ou poderão ver o sumário feito pelo nosso Senhor quando Lhe perguntaram qual é o primeiro e principal mandamento. Ele respondeu: “Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças: este é o primeiro mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Marcos 12:30,31). E quem Lhe fez a pergunta teve por certo um grande choque. Os escribas estavam interessados nos detalhes da lei, como os moralistas sempre estão. Mas o nosso Senhor elevou para bem alto o padrão. Eis o que praticamente Ele disse: “É assim que o homem foi destinado a viver, amando a Deus com todo o seu ser, em perfeita conformidade com a vontade de Deus”.

Há outro sumário que se vê freqüentemente no Velho Testamento e que é citado no Novo. É um sumário estupendo. Se vocês quiserem saber o que os homens foram destinados a ser, aqui está: “Sede santos, porque eu sou santo” (1 Pedro 1:16). Essa é a idéia da imagem e semelhança expressa de maneira muito prática. Portanto, não estamos na esfera do “Faço isto, ou devo fazer aquilo?” Isso é reduzir todo este glorioso

evangelho, “a lei perfeita da liberdade” (Tiago 1:25), a uma simples questão de regras, vetos, proibições e restrições. Eu me liberto disso tudo porque me é dito que devo ser santo porque Deus é santo.

E esse é o princípio que o apóstolo ensina aqui, em Romanos, capítulo 12. Esse é o objetivo da salvação: “...para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus”. Fomos destinados a nada menos que isso. Como o apóstolo diz a Tito: “O qual se deu a si mesmo por nós para nos remir de toda a iniquidade, e purificar para si um povo seu especial, zeloso de boas obras” (Tito 2:14). Ou também como o apóstolo Pedro o expressa: “Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido” – para quê? – “para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz” (1 Pedro 2:9). É assim que os cristãos devem viver. Eles devem viver de tal maneira que, ao vê-los, as outras pessoas glorifiquem a Deus. O nosso Senhor resumiu isso para nós quando disse: “Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus” (Mateus 5:16).

Portanto, fomos destinados a viver de acordo com a vontade de Deus e a regozijar-nos nela. Aqui podemos citar novamente a resposta à primeira pergunta do Breve Catecismo: “Qual é o fim principal do homem?” Será tão-somente não ir para o inferno, ou não embriagar-se, ou não cometer adultério? Não! “O fim principal do homem é glorificar a Deus, e gozá-lo para sempre.”

E o apóstolo se expressa sobre isso de maneira muito interessante aqui. Praticamente ele diz: “Vocês devem dar grande atenção a esta renovação da sua mente porque, se não, nunca vão experimentar o que é a bondade de Deus”. Portanto, ele nos está dizendo que, por natureza, os homens e as mulheres não experimentam o que é a vontade de Deus. Não seria esse todo o problema deles? O problema não é que eles

cometem pecados particulares, mas que toda a sua atitude para com Deus é inteiramente errada. O apóstolo nos tinha feito lembrar isso em Romanos 8:7, onde nos dissera que "...a mente carnal é inimizada contra Deus, porquanto não é sujeita à lei de Deus, nem na verdade o poder ser" (VA). Ou, como ele diz noutra passagem, "A vós também, que noutro tempo éreis estranhos, e inimigos no entendimento" – ou, VA: "em vossa mente" – "pelas vossas obras más..." (Colossenses 1:2).

O apóstolo nos dirige um apelo. Diz ele: o problema não é meramente que os homens e as mulheres estão errados em todo o seu pensamento; estão particular e excepcionalmente errados em todo o seu pensamento acerca de Deus e acerca da vontade de Deus com relação a eles. E só quando eles são salvos e nascem de novo é que lhes são dadas uma nova mente e uma nova perspectiva, e eles devem desenvolver a nova mente e a nova perspectiva quanto puderem.

Assim, aí nos é dada a medida da Queda do homem e da mulher. Que coisa terrível foi! Não foi apenas a questão de comer uma fruta. O que realmente aconteceu foi que todo o pensamento deles sobre Deus e Sua santa vontade extraviou-se. Como já vimos, o diabo sugeriu isso, dizendo: "É assim que Deus disse?" (Gênesis 3:1). Deus os proibiu de tocar naquela fruta, e fez isso porque quer manter vocês por baixo.

O diabo estava questionando a vontade de Deus, a justiça, a bondade, a santidade, a aceitabilidade da vontade de Deus. O homem e a mulher lhe deram ouvidos, e daí por diante toda a sua idéia da vontade de Deus foi sempre errada. É neste ponto que vemos mais agudamente o efeito devastador da Queda. Acima e além de tudo aquilo a que isso leva na prática e no comportamento detalhado, o mais terrível é que levou a uma idéia pervertida da vontade de Deus. Assim é que na passagem em foco o apóstolo está dizendo que vocês devem dar grande atenção a esta "renovação da mente" porque, só quando fizerem isso e cooperarem com a obra do Espírito em seu ser interior, é que vocês experimentarão "qual seja a boa,

agradável, e perfeita vontade de Deus”.

Vocês vêem agora como o apóstolo leva o seu argumento a este grande clímax? Examinemos a palavra “experimental” (VA: “provar”). “Provar” significa testar, tentar ou experimentar e, finalmente, aprovar. Portanto, podemos traduzir esta frase de diferentes maneiras. Podemos dizer que significa que aqui temos um teste pelo qual podemos ter entendimento e prova quanto a nós mesmos. Ou podemos dizer que significa o poder de distinguir entre o que agrada e o que desagrada a Deus, de modo que o apóstolo nos está dizendo que devemos renovar a nossa mente para podermos ter clareza de percepção moral, uma espécie de brandura ou sensibilidade de consciência.

Pois bem, esse é o conteúdo da palavra “provar”. Mas, para esclarecer melhor o seu significado, permitam que lhes dê algumas outras amostras do uso dessa palavra. Vocês a vêem, por exemplo, em Romanos, capítulo 2, versículos 17 e 18. Nessa passagem Paulo fala sobre o judeu. Diz ele: “Eis que tu que tens por sobrenome judeu, e repousas na lei, e te glorias em Deus; e sabes a sua vontade e *aprovas* as coisas excelentes, sendo instruído na lei” (ARA).

Há depois outro exemplo, em Efésios, capítulo 5, versículos 8 e 10, onde Paulo diz: “Porque noutro tempo éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor; andai como filhos da luz... aprovando o que é agradável ao Senhor”. É exatamente a mesma idéia. Vocês encontrarão essa palavra também em Filipenses 1:9,10: “E peço isto: que o vosso amor cresça mais e mais em ciência, e em todo o conhecimento, para que *aproveis* as coisas excelentes” – o que alguém sugere que se traduza, “para que discrimineis as coisas que são diferentes (entre si) e assim possais decidir o que é excelente e o que não é” – “para que sejais sinceros e sem escândalo algum até o dia de Cristo”.

Portanto, o apóstolo nos está dizendo que aqueles que renovarem a sua mente e obedecerem à direção do Espírito estarão habilitados a descobrir certas coisas sobre a vontade

de Deus. Essa é a coisa mais importante que podemos fazer na vida, e é o que a renovação da mente, resultante da nossa salvação, nos habilita a fazer.

Muito bem, uma vez o nosso Senhor disse isso claramente, como se lê em João 7:16,17. Ele estava sendo interrogado pelos judeus sobre a Sua doutrina, e eis o que nos é dito: “Jesus lhes respondeu, e disse: a minha doutrina não é minha, mas daquele que me enviou. Se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus, ou se eu falo de mim mesmo”. Ele diz, com efeito: “Se vocês tão-somente fizerem o que lhes estou dizendo, provarão, saberão, se a minha doutrina é apenas minha ou se é verdadeiramente de Deus, como afirmo que é”. Notem, porém, que Ele diz que vocês têm que fazer algo a respeito. Vocês não podem, por assim dizer, examinar teoricamente a vontade de Deus e chegar a certas conclusões. Vocês jamais descobrirão a vontade de Deus desse jeito. Vocês têm que pô-la em prática, e então a conhecerão.

E o apóstolo nos diz aqui que, se renovarmos a nossa mente, descobriremos certas coisas acerca da vontade de Deus e veremos que a grande salvação em Cristo desfez todos os piores efeitos da Queda. Primeiro, quando pensamos espiritualmente com mente renovada, estudamos as Escrituras e tomamos posse destas doutrinas, descobrimos que a vontade de Deus é boa – e essa descoberta é maravilhosa. Não há maior prova de que os homens e as mulheres foram convertidos – nasceram de novo – do que o fato de que mudaram sua mente acerca da vontade de Deus. Por natureza, as pessoas sempre acham que Deus está contra elas e que os Seus caminhos são ruins para elas; elas não gostam da lei de Deus. Para citar novamente Romanos 8:7: “Porquanto a mente carnal é inimizada contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser”. O “homem natural” odeia a lei de Deus.

Naturalmente, quando as pessoas identificam a lei de

Deus com sua diminuta moralidade, pensam que a amam; porém a lei de Deus não é isso. Quando realmente sabem o que a lei de Deus é, odeiam-na. É por isso que os mais ferozes oponentes da fé cristã geralmente são fariseus – boas pessoas, de boa moralidade, religiosas. Quando Cristo mostrou aos fariseus o que a lei realmente significava, eles O odiaram por isso. Os fariseus sempre odeiam a lei de Deus, e acham que ela é contra eles. Repete-se o velho truque do diabo com Adão e Eva. Quando as coisas vão mal, as pessoas perguntam instintivamente: “Por que Deus faz isso comigo? Que foi que eu fiz para que Deus me trate desta maneira?” Isso é uma manifestação da referida inimizade natural. Por natureza as pessoas acham que Deus é mau, e pensam que podem viver vida melhor sem Ele. Elas dizem que sabem o que é melhor, e que podem passar por Seu mundo de maneira excelente.

As pessoas pensam que a vontade de Deus é má porque elas têm um conceito errôneo sobre si mesmas. Acreditam que são animais e, portanto, querem abundância de alimento, bebida, sexo, muito dinheiro, muito gozo. Não é nisso que elas se gloriam? “Acaso a vida não é maravilhosa?”, dizem. E tudo porque elas têm um tão deplorável conceito sobre si mesmas e pensam que a vontade de Deus milita contra os seus melhores interesses.

“Certamente”, dizem elas, “você não vai bancar o religioso, vai? Você não vai perder todos os prazeres, a felicidade e os divertimentos da vida! Você não vai assumir esse modo estreito de viver! É certo que não! Você oprimirá a sua personalidade. Você deve realmente dar expressão a si mesmo. Você não vai permitir-se limitar-se dessa forma, vai?”

· Não seria esse o argumento? Não seria que o cristianismo é algo que nos acorrenta e que tem sido o maior empecilho para o desenvolvimento da raça humana? As pessoas dizem coisas como essas porque toda a idéia que fazem dos homens e das mulheres é errada.

Outro modo de mostrarem que têm uma idéia errônea

da humanidade é que o seu único critério é, sempre, a “felicidade”, mas, quem coloca a felicidade como seu critério supremo, só pode perder o rumo. Segundo a vontade de Deus, a santidade é o critério, não a felicidade. Assim, os homens e as mulheres estão errados do começo ao fim. Pensam que quando morrerem será o seu fim. Não se vêem como cidadãos da eternidade, continuando a viver depois da morte e do túmulo. Devido a esse pensamento errôneo, chegam à conclusão de que a vontade de Deus é má e que Deus está contra eles. Por isso eles dizem que as pessoas devem emancipar-se do incubo ou pesadelo da religião. Devem livrar-se dessas noções sobre Deus, sobre a moralidade, sobre o pecado e sobre todo o ensino da Bíblia. É isso que eles pensam, e têm posto em prática a sua idéia.

Ora, como já vimos, o apóstolo aqui nos diz que quando a nossa mente é renovada, e quando fazemos tudo o que podemos para estimular o processo de renovação, toda a nossa atitude para com a vontade de Deus muda, de modo que, longe de considerá-la má, começamos a ver que ela é boa; nós “provamos”, que ela é boa. Há, como se sabe, uma vigorosa expressão desta verdade em Romanos 8:28, onde o apóstolo faz uma grande asserção: “E sabemos” – aí está – “que todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por seu decreto”. “Todas as coisas” – sem exceção.

Só o cristão pode falar dessa maneira; e ninguém, senão o cristão, fala dessa maneira. Todavia vejam como o salmista, no Salmo 119, tinha antecipado esta realidade e pôde dizer: “Ensina-me bom juízo e ciência, pois cri nos teus mandamentos. Antes de (eu) ser aflito andava errado; mas agora tenho guardado a tua palavra”. Ele pôde subir a esta altitude: “Foi-me bom ter sido aflito, para que aprendesse os teus estatutos”.*

* ARA: 66, 67: “Ensina-me bom juízo e conhecimento, pois creio nos teus mandamentos. Antes de ser afligido, andava errado, mas agora guardo a >

Aí está um homem que praticamente está dizendo: agora dou graças a Deus pelo fato das coisas terem ido mal para mim, de eu ter estado em dificuldade, de eu ter sido afligido”. Ele dá graças a Deus por essa experiência. Ele diz: “A vontade de Deus é tão boa! Naquele tempo eu não compreendia isso, mas agora compreendo”.

Há muito disso na Bíblia. É algo tão maravilhoso que não me desculpo por oferecer-lhes bom número de citações. Ouçam Paulo dizê-lo em 2 Coríntios, capítulo primeiro, começando no versículo 8: “Porque não queremos, irmãos, que ignoreis a tribulação que nos sobreveio na Ásia, pois que fomos sobremaneira agravados, mais do que podíamos suportar, de modo tal que até da vida desesperamos”. Obviamente Paulo tinha ficado doente ao ponto de ser desenganado, e, além disso, tivera muitos outros problemas. “Mas já em nós mesmos tínhamos a sentença de morte, para que não confiássemos em nós, mas em Deus, que ressuscita os mortos; o qual nos livrou de tão grande morte, e livrará; em quem esperamos que também nos livrará ainda” (versículos 9,10). O cristão é isso. A vontade de Deus, diz Paulo, sempre é boa. Mesmo que eu esteja às portas da morte, a vontade de Deus continua sendo boa. Nem sempre vejo que o é, em dada circunstância, mas eu sei que é, e sempre posso dizer finalmente: “Foi-me bom ter sido afligido” porque “todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus”.

Por último, há uma famosa passagem na Epístola aos Hebreus que trata precisamente deste assunto. Escrevendo a pessoas que gemiam e se queixavam porque estavam sendo castigadas e estavam passando por tempos difíceis, o escritor diz: “E já vos esquecesteis da exortação que argumenta convosco como filhos: filho meu, não desprezes a correção do

<<tua palavra”. 71: “Foi-me bom ter eu passado pela aflição, para que aprendesse os teus decretos”. Nota do tradutor.

Senhor, e não desmaies quando por ele fores repreendido; porque o Senhor corrige o que (ele) ama, e açoita a qualquer que recebe por filho” (Hebreus 11.5,6). No entanto, este é o versículo que desejo salientar: “E, na verdade, toda correção, ao presente, não parece ser de gozo, senão de tristeza, mas depois produz um fruto pacífico nos exercitados por ela” (versículo 11). É sempre para o nosso bem.

O escritor diz também no versículo 9: “Além do que tivemos nossos pais segundo a carne, para nos corrigirem, e nós os reverenciamos; não nos sujeitaremos muito mais ao Pai dos espíritos, para vivermos?”. Disse Abraão: “Não faria justiça o Juiz de toda a terra?” (Gênesis 18:25). Naturalmente que sim! Ele não pode errar nunca. Posto que é Deus, é sempre bom e é sempre reto e justo. É isso que você provará; é isso que você descobrirá. Seu pensamento sobre a Palavra de Deus em geral, e com relação a si próprio em particular, passará por uma verdadeira revolução.

Portanto, a vontade de Deus é boa, e Paulo lhe junta uma segunda palavra: “...qual seja a boa, *agradável*” (VA: “*aceitável*”). E qual é o sentido desta? Aqui também os comentadores parecem estar em dificuldade. Dizem eles que não pode significar que os seres humanos aprovam a vontade de Deus, que não se pode dizer isso, e, assim, só pode significar algo que Deus aprova. Mas eu simplesmente não posso aceitar esse sentido. Parece-me tautologia dizer que a vontade de Deus é aceitável a Deus. É natural que o seja, pois é Sua vontade. Posso entender a hesitação de Hodge e de Haldane e sua relutância em dizer que a referência é ao homem achando aceitável a vontade de Deus. Entretanto, eu penso que a Bíblia ensina isso, e para mim há algo maravilhoso nesse ensino.

Não é que eu diga pomposamente: “Cheguei à conclusão de que o caminho de Deus é melhor que o do homem”, como se eu fosse um juiz sentenciando de sua cátedra. Claro está que não é assim; isso beira a blasfêmia. Mas, observada a questão do ponto de vista experimental, penso que há um sentido

muito profundo aqui. É que os homens e as mulheres, tendo renovado a sua mente, não somente descobrem que a vontade de Deus é boa, porém também começam a gostar dela; eles a aprovam no sentido de que a desejam e se regozijam nela. Quando o salmista disse “Oh, quanto amo a tua lei!” (Salmo 119:97), estava expressando a sua aprovação. Com certeza o mesmo pensamento acha-se também no Salmo primeiro, onde é colocado nestes termos: “Bem-aventurado o varão que não anda segundo o conselho dos ímpios, nem se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores. Antes tem o seu prazer na lei do Senhor” (Salmo 1:1,2). Ele não só vê que a lei é boa e justa; também tem prazer nela.

Também em Romanos 2:18 Paulo expressa precisamente a mesma idéia: “E sabes a sua vontade e aprovas as coisas excelentes”. E igualmente nos Evangelhos há ensino sobre isso. Lemos, por exemplo, em João 3:33: “Aquele que aceitou o seu testemunho, esse confirmou” (ou, VA: “pôs o seu selo”) “que Deus é verdadeiro”. Declaração extraordinária! É como se um homem “pusse o seu selo” no que Deus disse e fez. É isso que Hodge e Haldane temem dizer, mas o meu parecer é que a Escritura o diz, de modo que, estranha e singularmente, podemos dizer que, quando os homens e as mulheres são convertidos e se rendem à vontade de Deus, estão dando a sua aprovação a ela, ou estão “pondo o seu selo” nela.

Ou vejam 2 Coríntios 1:19,20, onde encontramos quase o mesmo pensamento, embora não com muita clareza: “Porque o Filho de Deus, Jesus Cristo, que entre vós foi pregado por nós, isto é, por mim, Silvano e Timóteo, não foi sim e não; mas nele houve sim. Porque todas quantas promessas há de Deus, são nele sim, e por ele o Amém, para glória de Deus por nós”. Estamos juntando o nosso “sim” ao sim que uma vez por todas foi dito na vinda do Filho de Deus.

Mas, deixem que eu lhes cite uma declaração ainda mais forte, feita pelo apóstolo João: “Todo aquele que crê que Jesus

é o Cristo, é nascido de Deus; e todo aquele que ama ao que o gerou também ama ao que dele é nascido. Nisto conhecemos que amamos os filhos de Deus, quando amamos a Deus e guardamos os seus mandamentos. Porque este é o amor de Deus: que guardemos os seus mandamentos; e os seus mandamentos não são pesados” (1 João 5:1-3). Pois aí está. Para o ser humano natural, homem ou mulher, o não regenerado, os mandamentos de Deus são pesados. Eles os odeiam e acham que Deus é um duro feitor. João diz, porém, que para os renascidos os mandamentos de Deus não são pesados. Já não os praticam a contragosto; são-lhes aceitáveis. O poeta não teria algo parecido com isso em mente quando escreveu estas palavras? –

*Não fui sempre assim, nem Te rogava
Que me guiasses;
Gostava de escolher meus caminhos; mas agora,
Guia-me, Senhor!
Gostava de brilho e pompa, e, mau grado meus temores,
O orgulho regia minha vontade. Não Te lembres dos idos anos!*
– John Henry Newman

“O orgulho regia minha vontade”, e se opunha à vontade de Deus. Mas, diz ele, já não sou assim; isso é passado; era o velho homem.

Ou vejam como outra pessoa se expressou a respeito:

*Ensina-me, Senhor, o Teu caminho,
E outorga-me uma mente obediente,
Para que em servir-Te eu encontre
O prazer de minha alma, dia a dia.*
– William Tidd Matson

Renove a sua mente, diz Paulo, e não somente verá e provará que a vontade de Deus é boa, mas também vai achá-la altamente

aceitável e agradável – não mais pesada. Você amará a vontade de Deus. Terá prazer nela e quererá conhecê-la e efetua-la cada vez mais.

Contudo, suprema e finalmente, você descobrirá que a vontade de Deus é *perfeita*, e, evidentemente, aí temos o clímax. É perfeita por ser a vontade de Deus, mas é perfeita noutro sentido também, em que tudo o que ela se propõe com respeito a nós é perfeito. Qual é o plano de Deus para os homens e as mulheres? Perfeição! Deus não pode planejar menos que isso para nós. A vontade de Deus quanto a nós não é tão-somente que não vamos para o inferno, ou que paremos de cometer certos pecados. Não, não! Ele nos está conduzindo às alturas da perfeição; nada menos que isso.

O apóstolo já havia falado várias vezes sobre isso nesta grande Epístola. Vejam, por exemplo – e seja esta a meditação de vocês – em Romanos 8:3,4: “Porquanto o que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne, Deus, enviando o seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne” – por quê? – “para que a justiça da lei se cumprisse (em plenitude) em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito”. Ou tornem a considerar o versículo vinte e nove desse capítulo oito: “Porque os que dantes conheceu também os predestinou” – para quê? Com que finalidade Deus predestinou aqueles que Ele “conheceu antes da fundação do mundo”? Para isto e não menos que isto: “para serem conformes à imagem de seu Filho”, do Filho de Deus imaculado, isento de pecado, perfeito. A vontade de Deus não fica aquém desta perfeição absoluta e suprema, que é perfeita conformidade com a imagem do Seu amado Filho.

Ou observem a beleza dos termos com os quais o mesmo apóstolo se expressa sobre esta verdade em Efésios, capítulo 5, no contexto das relações entre marido e mulher, que ele aplica à relação de Cristo e Sua Igreja. “Vós, maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si

mesmo se entregou por ela” – para quê? – “para a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra, para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, sem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível” (Efésios 5:25-27). Perfeita! Esta é Sua intenção.

O nosso Senhor tinha dito a mesma coisa: “Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus” (Mateus 5:48). A vontade de Deus, com respeito a nós, é a perfeição, pelo que o apóstolo, escrevendo aos colossenses, diz: “Estou feito ministro”, e então, “Cristo em vós, esperança da glória, a quem anunciamos, admoestando a todo homem, e ensinando a todo homem em toda a sabedoria” – por quê? – “para que apresentemos todo homem perfeito em Jesus Cristo” (Colossenses 1:25,27,28). Nada menos que perfeição absoluta. Ou vejamos também o que ele diz em 1 Tessalonicenses 4:3: “Porque esta é a vontade de Deus, a vossa santificação...”. Santificação completa. Não estou discutindo onde isso acontece, mas estou dizendo que esse é o objetivo supremo. Em 1 Tessalonicenses 5:23 Paulo continua e diz: “E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo (completamente); e todo o vosso espírito, e alma, e corpo, sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo”.

Ou, ainda, vejam a gloriosa bênção que se lê em Hebreus 13:20,21: “Ora o Deus de paz, que pelo sangue do concerto eterno tornou a trazer dos mortos a nosso Senhor Jesus Cristo, grande pastor das ovelhas, vos aperfeiçoe em toda boa obra, para fazerdes a sua vontade, operando em vós o que perante ele é agradável por Cristo Jesus, ao qual seja glória para todo o sempre. Amém”. E Judas, em sua pequena Epístola de apenas um capítulo, não se deixa eclipsar! Ouçam-no! “Ora, àquele que é poderoso para vos guardar de tropeçar, e apresentar-vos irrepreensíveis, com alegria, perante a sua glória, ao único Deus, Salvador nosso, por Jesus Cristo, nosso Senhor, seja glória e majestade, domínio e poder, antes de todos os séculos, agora, e para todo o sempre. Amém” (Judas 24,25).

Fomos marcados para a perfeição, e por isso em Apocalipse 21:27 nos é dado um quadro descritivo do céu: “E não entrará nela coisa alguma que contamine, e cometa abominação e mentira; mas só os que estão inscritos no livro da vida do Cordeiro”.

Há uma fulgente cidade

Fechada para o pecar.

Nada que contamine,

Nada que contamine,

Jamais vai nela entrar.

– Mary Ann Sanderson Deck

Esse é o objetivo; é o que significa tudo isso. Renovem sua mente, meus amigos. Apliquem-se a isso diligentemente. Façam tudo o que puderem para desenvolver este novo pensar, porque, conforme o fizerem, realizarão estas grandes descobertas sobre a vontade de Deus, que é sempre boa, sempre justa, sempre melhor, e no fundo visa aos nossos mais altos interesses. Deus é sempre perfeito, e nós não encontraremos contentamento enquanto não formos restaurados, não somente à perfeição que havia em Adão, perfeição que ele perdeu e que sempre nos falta, mas enquanto não encontrarmos algo superior. Então descobriremos que vamos ser “participantes da natureza divina” (2 Pedro 1:4); seremos semelhantes a Ele, “sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante” (Efésios 5:27).

E aí, você está pronto a dizer algo como isto? – e aqui vai o teste pelo qual você pode ver se sabe apreciar tudo o que estive tentando dizer – está pronto a dizer? –

Mais perto quero estar,

Meu Deus, de ti,

Inda que seja a dor

Que me una a ti!

*Sempre hei de suplicar:
"Mais perto quero estar,
Mais perto quero estar,
Meu Deus, de ti!"*

– S. F. Adams e E. H. Bickersteth*

Ou:

*Tua vereda, Senhor, não a minha,
Por mais trevosa que seja!
Conduze-me com Tua mão,
Escolhe por mim o caminho.*
– Horatius Bonar

Meus amados, renovem sua mente: “Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente”, diz o apóstolo; para que vocês possam provar e experimentar, no que concerne à vontade de Deus, que ela é sempre boa, sempre aceitável e agradável, sempre perfeita.

* Versão portuguesa de J. G. Rocha, apud hinário *Novo Cântico*, n.º. 116.
Diagramação conforme o original. Nota do tradutor.

11

“Porque pela graça que me é dada, digo a cada um dentre vós que não pense de si mesmo além do que convém; antes, pense com moderação, conforme a medida da fé que Deus repartiu a cada um.”

– Romanos 12:3

Ao começarmos agora a nossa consideração do versículo 3, será prudente recordar as principais divisões deste capítulo particular, e, como já vimos, é muito simples dividi-lo em duas partes.

A primeira parte vai do versículo três ao versículo oito. Aqui o apóstolo nos oferece uma descrição dos homens e mulheres cristãos no exercício de seus dons na igreja. Num aspecto, é inevitável que Paulo comece aí. Os cristãos são pessoas que se reúnem – a igreja é isso. Eles se reúnem porque nasceram de novo, porque todas as coisas que Paulo expusera nos primeiros onze capítulos os caracterizam. Daí, o primeiro lugar em que se encontra um cristão é na igreja. Paulo começa falando sobre o cristão tendo sua vida na igreja.

Na segunda parte, que vai do versículo 9 até o fim do capítulo, o apóstolo fala sobre os cristãos em suas relações com outras pessoas, quer da igreja quer do mundo. Muitos têm tentado dividir ainda mais o capítulo, mas me parece que simplesmente não se pode fazer isso, e devemos ter o cuidado de não forçar uma divisão artificial. Eu me contento em dizer que o capítulo é a expressão do caráter cristão na vida diária, não somente na esfera da igreja, mas também de maneira mais geral, e que Paulo trata tanto das suas características gerais como das suas manifestações particulares.

Devemos, pois, passar a considerar a primeira divisão maior, os versículos 3 a 8, onde o apóstolo se ocupa da questão da manifestação dos dons do Espírito nos autênticos cristãos e na vida da Igreja.

Pois bem, aqui o apóstolo trata de um assunto que obviamente causou muito problema na Igreja Primitiva. Digo isso fundado no fato de que é um assunto do qual ele teve que tratar com muita frequência em suas Epístolas, e, como o temos lembrado muitas vezes, as Epístolas eram, em grande parte, uma resposta a problemas que os cristãos enfrentavam. Vocês não devem imaginar este apóstolo, nem qualquer dos demais, como literatos que se deleitavam em escrever e cuja única ocupação era escrever. Eles eram ocupados demais para isso. Acredito que eles não teriam escrito nada do que escreveram se não tivessem que fazer isso, e geralmente tinham que escrever por causa das circunstâncias que surgiam na vida dos membros das igrejas em diferentes partes do Império Romano.

Em várias ocasiões foi necessário tratar do tema da manifestação dos dons do Espírito. Na verdade, em muitos aspectos, este é o grande tema da Primeira Epístola aos Coríntios. Nessa Epístola este assunto particular é considerado da maneira mais completa, particularmente nos capítulos 8, 12, 13 e 14. Todavia, os problemas que mais destacadamente surgiram na igreja de Corinto, também surgiram em Roma e em diversas outras igrejas.

A verdade é uma só, e, quer a igreja esteja em Corinto quer em Roma, uma vez que o cristianismo é um só e uma vez que todos os cristãos são pessoas que nasceram de novo pela ação do Espírito, qualquer que seja a nacionalidade deles, sua experiência, ou sua cultura, os mesmos tipos de problemas sempre vão surgir. O Novo Testamento dá farta prova disso. Assim, o apóstolo trata aqui, de maneira muito condensada e quase na forma de sumário, de um problema que ele expande e trata mais extensamente em 1 Coríntios. Embora dentro de

limites mais estreitos, o método pelo qual o apóstolo lida com o problema é aqui idêntico ao empregado em Coríntios; ele até faz uso da mesma ilustração.

Isso é sinal de um bom mestre, claro, mas além e acima disso, o apóstolo era inspirado pelo Espírito e, portanto, quando lhe era dada a ilustração perfeita, ele a utilizava, e não se importava de repeti-la. Ela comunica a verdade melhor do que qualquer outra coisa, de modo que não hesitou em empregá-la. Podemos dizer, então, que, em muitos aspectos, 1 Coríntios, capítulo 12, é um comentário desta passagem, ou que esta é um sumário de 1 Coríntios, capítulo 12.

Vamos, pois, examinar os versículos 3 a 8 e, ao fazê-lo, veremos num relance que Paulo é fiel ao seu método. Comentei isso muitas vezes; todo homem tem seu próprio linguajar. Assim como os que sabem tudo de música podem dizer quem é o compositor de uma peça musical tendo ouvido apenas alguns compassos, assim se dá com os escritores. Seu estilo os revela, e isso é particularmente certo sobre o grande apóstolo. Ele sempre escrevia as suas cartas do mesmo modo; tinha seu método característico. Aqui, é o seguinte: primeiramente, ele começa falando de si mesmo; ele usa a si próprio como ilustração! “Pela graça que me é dada, digo...” Num instante veremos por que ele faz isso. Não é por presunção ou jactância, mas de fato o inverso. Ele faz isso porque é sabedoria essencial. Num sentido, ele abala os alicerces dos seus leitores ao falar primeiramente do seu próprio caso particular.

Ao começar falando de si, o apóstolo faz duas coisas: de maneira maravilhosa, ele afirma a sua autoridade, e, todavia, ao mesmo tempo demonstra a sua humildade. “Eu digo” – e aqui (na ordem do texto da VA) vocês poderiam pensar que Paulo está falando como uma espécie de papa, porém não é o caso – “pela graça que me foi dada” – e aí está o equilíbrio perfeito. Afinal ele é um apóstolo, e fala com autoridade apostólica. Mas tem todo o cuidado de deixar límpido e claro que a sua autoridade é recebida. Ele quer fazer estas duas

coisas. Quer que os cristãos da cidade de Roma ouçam o que ele está dizendo, porque está falando como um apóstolo revestido de autoridade, entretanto, ao mesmo tempo, quer que eles saibam que o que é verdade sobre eles é também, em princípio, verdade sobre si próprio. E assim ele desarticula todas as objeções logo de início, colocando-se junto com eles. Ele é um homem à parte, e, contudo, está com eles. Ele é singular, é único, e, contudo, como cristão é igual a todos os demais cristãos. Vê-se isso em quase toda parte nas Epístolas de Paulo. A grande característica dos seus escritos é a maneira pela qual ele sempre combina estes dois elementos. E é assim que ele começa agora.

Tendo iniciado com essa nota pessoal, Paulo lança então dois grandes princípios que deverão governar sempre o nosso pensamento quanto ao exercício dos dons espirituais. O propósito dos dois princípios é levar-nos à mesma conclusão. Seu objetivo é destruir, logo no começo, qualquer tendência de auto-afirmação e de jactância. É espantoso o fato de que os dons espirituais sempre têm sido uma das maiores causas desses pecados, com todas as conseqüentes brigas e tendências para divisão. Nada prova tão fortemente a nossa pecaminosidade essencial como o fato de que até usamos mal estes dons, os mais altos dons de Deus, tomamos posse deles para nós mesmos e fazemos com que eles militem contra os interesses da Igreja.

Permitam-me salientar que nós estamos contemplando mais uma vez uma das maneiras pelas quais a moralidade cristã difere de todas as outras idéias de moralidade e ética. Há sistemas morais fora do cristianismo. Houve e ainda há pessoas que se preocupam com a conduta ética e não são cristãos. E, daí, há quem pense que não há nenhuma diferença entre o cristianismo e esses outros sistemas éticos de filosofia. Há, de fato, atualmente um ensino popular que diz: "A pena é que o cristianismo permitiu que penetrassem nele estes vários acréscimos miraculosos. Se vocês tão-somente conseguissem

livrar-se deles, teriam uma esplêndida visão da vida para apresentar às pessoas, e elas estariam prontas a aceitá-la. Mas, desafortunadamente, elas têm que engolir essa prosa sobre o nascimento virginal, a encarnação, os milagres, o sacrifício expiatório, a ressurreição, e outras coisas mais”.

Ora, inteiramente à parte da historicidade do cristianismo, há um traço característico do ensino cristão que o distingue assinaladamente de todos os outros sistemas que algum dia estiveram em voga ou que ainda estão, e esse traço é sua insistência na humildade. Se vocês verificarem o grande ensino ético da filosofia grega, sempre verão que ele tendia a provocar presunção, para não dizer arrogância. Os filósofos gregos eram gente que *sabia* das coisas. Alguns eram conhecidos como gnósticos;* eram a elite, os pensadores, e consideravam todos os demais como bárbaros, como tolos, como pessoas ignorantes, que eles desprezavam. Nesses termos, eles dividiam o mundo, como o apóstolo já nos fizera lembrar em Romanos 1:14, onde ele diz: “Eu sou devedor, tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes”.

Portanto, todos esses outros sistemas sempre têm o elemento de orgulho e de satisfação própria. O filósofo grego achava que era uma boa pessoa porque se dava ao trabalho de pensar, tinha capacidade e entendimento, e tinha estudado os grandes mestres. E assim ele se colocava sobre um pedestal. Isso continua sendo verdade hoje em dia. Prestem atenção em algumas das discussões transmitidas pela televisão ou pelo rádio. Sempre aparece esse toque de arrogância e de presunção. “Somos nós que sabemos, somos os sábios!”

No entanto, na passagem que estamos analisando, o que é salientado acima de tudo mais é a humildade. O apóstolo se coloca junto com os outros, e a eles é demonstrado que toda e

* Gente que se orgulhava de buscar e de ter um conhecimento mais profundo de Deus e das coisas concernentes a Deus, conhecimento só atingível pelos “iniciados” – eles próprios. De *gnôsis*, conhecimento. Nota do tradutor.

qualquer jactância ou qualquer aparência de satisfação própria ou de auto-afirmação é uma negação da sua posição como cristãos. Humildade! O cristianismo introduziu algo realmente novo no mundo.

Por exemplo, freqüentemente me perguntam: “Por que foi que o grande apóstolo escreveu o capítulo treze da Primeira Epístola aos Coríntios? Por que ele fala tanto sobre o amor? Por que não se contentou em dizer apenas que os cristãos devem mostrar amor em seus procedimentos uns para com os outros?” E há somente uma resposta: na língua grega não havia nenhuma palavra capaz de expressar o que se quer dizer pela idéia cristã de amor. Por isso o apóstolo teve que dizer uma série de coisas como explicação: “Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos...”. “O amor é isto, não aquilo.” Ele teve que fazer isso porque não havia uma só palavra que comunicasse esta idéia. Ela era estranha ao pensamento grego em geral, como também ao pensamento romano.

Os melhores pagãos consideravam a modéstia e a humildade como fraqueza; e, naturalmente, essa idéia ainda se encontra em toda parte no mundo atual.* “Creia em você mesmo”, diz o mundo. “Confie em si próprio.” Promoção do ego. A oposição ao evangelho é geralmente expressa nesses termos. Li num jornal que algumas grandes autoridades fizeram num congresso afirmações radicais no sentido de que é errado ensinar a Bíblia às crianças porque isso as limitará, e se lhes for ensinado o modo cristão de viver, isso vai interferir em sua “estabilidade emocional”. O ensino cristão sobre o pecado, dizem elas, produz coibição, e todo o ensino da Bíblia sobre a abnegação é mau para a psique.

* Tomo a liberdade de anotar que Nietzsche, que o mundo em geral considera “o pai do homem moderno” e que, diga-se de passagem, morreu louco, dizia que Cristo foi o maior inimigo do homem porque pregava o altruísmo, e o altruísmo enfraquece o homem! Não ouvi nem li isso de outros, mas em suas próprias obras, das quais tive o desprazer de ler meia dúzia. Nota do tradutor.

Tem sido sempre essa a atitude das pessoas do mundo. Elas consideram fraqueza esta gloriosa característica – a humildade. Isso acontecia no tempo do nosso Senhor e dos apóstolos, e continuou acontecendo através dos séculos. Mas aqui, logo na introdução do seu assunto, o apóstolo nos lembra a necessidade de humildade. Assim, independentemente dos fatos históricos nos quais nossa fé se baseia, esta grande e central característica é, em si, uma prova de que temos algo novo, algo único, que foi introduzido no mundo por meio do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Quais são, então, os princípios que o apóstolo lança agora para levar-nos à prática da humildade? Isso é de vital importância porque, se não manifestarmos humildade, não estaremos cumprindo o que ele nos dissera nos dois primeiros versículos. E mais, se não cumprirmos isso, significa que todo o nosso conhecimento e os princípios teológicos dos primeiros onze capítulos não têm nenhum valor para nós; na verdade, podem causar mais mal que bem porque, se nos orgulhamos do nosso conhecimento, o conhecimento de nada vale para nós.

Eis, pois, os princípios: o primeiro é que a vida cristã deve-se toda à graça. “Pela graça que me é dada, digo.” Paulo o repete: “...conforme a medida da fé que Deus repartiu a cada um”. É tudo pela graça e pela fé.

Agora, todos os que estão familiarizados com a primeira parte de Romanos conhecem muito bem este argumento, porque Paulo já tratara disso muitas vezes quando estivera estabelecendo a sua grande doutrina da justificação pela fé. Vejam, por exemplo, o capítulo 3:27: “Onde está logo a jactância? É excluída. Por qual lei? Das obras? Não; mas pela lei da fé”. Não há lugar para a jactância em parte alguma da vida cristã. Em toda a argumentação do apóstolo se vê que você nunca poderá tornar-se cristão pelo que você é ou pelo que faz. A salvação é pela graça, mediante a fé. “Porque pela graça sois salvos, por meio da fé, e isto não vem de vós, é dom

de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie” (Efésios 2:8,9). Nada de jactância!

Paulo dá ênfase a isso novamente em Romanos 11:6. Diz ele: “Mas se é por graça, já não é pelas obras; de outra maneira, a graça já não é graça. Se porém é pelas obras, já não há mais graça; de outra maneira a obra já não é obra”. Essa foi sua grande tese acerca da nossa entrada na vida cristã, e agora, aqui, ele está dizendo que este princípio não somente vale para a nossa entrada, como também governa toda a nossa vida cristã. Não apenas começamos desta maneira, continuamos assim; e, se não continuamos, erramos e perdemos a nossa conexão com o nosso ponto de origem. Portanto, o seu primeiro princípio é que a nossa posição inteira é resultante da graça, e que toda a nossa atividade se baseia nela.

O segundo princípio, também muito conhecido, acha-se nos versículos 4 e 5 deste capítulo 12: “Porque assim como em um corpo temos muitos membros, e nem todos os membros têm a mesma operação, assim nós, que somos muitos, somos um só corpo em Cristo, mas individualmente somos membros uns dos outros”. Paulo coloca diante de nós aqui a famosa figura, por ele empregada tantas vezes em suas Epístolas, da Igreja como “o corpo de Cristo”. O propósito da ilustração é precisamente o mesmo do princípio da graça que ele já havia lançado, mas é uma ilustração maravilhosa. O ponto visado por esta analogia concernente ao corpo é que as partes do corpo são sempre partes de um todo, e que as partes não têm nenhum sentido ou propósito, exceto em sua relação com as outras partes, e de todas elas juntas em sua relação com o todo, especialmente com a Cabeça.

Depois, tendo firmado seus dois princípios, Paulo passa, nos versículos 6 a 8, à aplicação, e nos dá exemplos e ilustrações de como os dois princípios agora se mostram em operação. Se temos o dom espiritual de profecia, “seja ela segundo a fé; se é ministério, seja em ministrar; se é ensinar, haja dedicação ao ensino”, e assim por diante. São simplesmente exemplos

práticos dados para mostrar como estes dois grandes princípios – que em si mesmos são ilustrações de um princípio ainda mais fundamental – se revelam na vida da Igreja com respeito ao exercício dos dons espirituais.

Aí está a nossa análise desta primeira divisão maior, e, tendo-a examinado como fizemos, de maneira geral, devemos agora pôr em uso o microscópio e passar a uma exposição mais minuciosa. A Bíblia é muito lógica, e é uma boa analogia dizer que devemos abordá-la como o cientista aborda um objeto que deve ser estudado. O cientista tem um espécimen diante de si, na mesa. Ele não começa a examiná-lo com o microscópio, mas a olho nu. Observa-o e apanha uma impressão geral. Depois ele passa a examinar as porções individuais, e aqui ele bem pode usar o seu microscópio. O estudo da Bíblia é um procedimento racional e científico. Passemos, pois, à nossa exposição minuciosa.

A primeira frase que, inevitavelmente, prende a nossa atenção é a seguinte: “Porque pela graça que me é dada, digo...”. Como lhes mostrei, essa é a declaração chave. Estou certo de que não precisamos recordar o sentido da palavra “graça”, e, todavia, não podemos arriscar-nos de forma alguma, porque todo o argumento aqui depende do seu significado. Graça é favor imerecido. É bondade, é bênção, é algo que nos vem totalmente do coração de Deus; não em resposta a coisa alguma que haja em nós, porém apesar de nós, e completamente imerecido.

Mas agora, em particular, que é que Paulo quer dizer com suas palavras: “*Pela* graça que me é dada, digo”? Ele se refere aqui à graça geral que ele tinha recebido como cristão, a graça que traz consigo o dom da fé, a graça que necessariamente recebemos antes de podermos tornar-nos cristãos – é isso que ele quer dizer, ou ele está se referindo aqui a algo mais particular? Quero sugerir-lhes que ele quer dizer as duas coisas, contudo, particularmente, a segunda. Naturalmente ele se refere à graça que o tinha feito cristão, a ele, que fora “blasfemo,

e perseguidor, e opressor” (1 Timóteo 1:13), a ele, que odiara tanto a Cristo! Paulo jamais passou por alto isso. O fato de que era cristão era algo estupendo, algo que só podia ser explicado pela graça de Deus. Mas aqui, penso eu, o apóstolo tem em mente algo mais particular: ele está se referindo à graça que fizera dele um apóstolo. Ele está asseverando o seu apostolado.

Por que dou ênfase a isso? Bem, eu penso que a analogia daquilo que Paulo fala noutras passagens compele-nos a dizer isso. É uma coisa à qual ele se refere com muita frequência. Permitam-me oferecer-lhes alguns exemplos. Considerem as palavras registradas logo no capítulo primeiro desta Epístola. No versículo primeiro ele diz que é “servo de Jesus Cristo, chamado para apóstolo”, e no versículo 5 acrescenta: “Pelo qual recebemos a graça e o apostolado (e como indicamos na ocasião,* geralmente se concorda que Paulo se refere aí à graça do apostolado), para a obediência da fé entre todas as gentes pelo seu nome”.

Ou, mais adiante, no capítulo 15, versículo 15, Paulo dirá: “Mas, meus irmãos, em parte vos escrevi mais ousadamente, como para vos trazer outra vez isto à memória, *pela graça que por Deus me foi dada*”. O contexto mostra que Paulo se refere à sua vocação para apóstolo. Ele continua: “Que seja ministro de Jesus Cristo entre os gentios, ministrando o evangelho de Deus, para que seja agradável a oferta dos gentios, santificada pelo Espírito Santo”. E depois, o mesmo ponto: “De modo que tenho glória em Jesus Cristo nas coisas que pertencem a Deus...”. Vemos aí, de forma bem definida, “a graça do apostolado”, a graça *particular* que foi dada a Paulo para habilitá-lo a exercer suas funções como o grande apóstolo dos gentios.

Há mais um exemplo notável em 1 Coríntios. Na igreja de Corinto os cristãos estavam inclinados a dividir-se em seitas

* Ver: *Romanos: Exposição sobre Capítulo 1: O Evangelho de Deus*. Publicações Evangélicas Seleccionadas, São Paulo, 1ª edição, 1998.

ou facções. Uns diziam: “Eu sou de Paulo”. Outros diziam: “Eu sou de Apolo”. Um terceiro grupo afirmava: “Nós somos de Cefas”, enquanto um quarto grupo dizia: “Nós somos de Cristo”. Assim o apóstolo teve que tratar desse problema, e o seu argumento é o mesmo que se vê em Romanos 12:3: “Pois quem é Paulo, e quem é Apolo, senão ministros pelos quais crestes, e conforme o que o Senhor deu a cada um? Eu plantei, Apolo regou; mas Deus deu o crescimento. Pelo que, nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento. Ora o que planta e o que rega são um; mas cada um receberá o seu galardão segundo o seu trabalho. Porque nós somos cooperadores de Deus; vós sois lavoura de Deus e edifício de Deus. Segundo a graça de Deus que me foi dada, pus eu, como sábio arquiteto, o fundamento, e outro edifica sobre ele; mas veja cada um como edifica sobre ele” (1 Coríntios 3:5-10).

Pois aí está – “Segundo a graça de Deus que me foi dada, pus eu, como sábio arquiteto”. Eu sou apóstolo, sou mestre, sou plantador de igrejas, etc. Vê-se claramente aí que a “graça” à qual Paulo se refere é a graça que fizera dele um apóstolo.

No entanto, vejam o que é, talvez, uma das declarações mais emocionantes que o apóstolo faz desta graça: “Porque eu sou o menor dos apóstolos, que não sou digno de ser chamado apóstolo, pois que persegui a Igreja de Deus. Mas pela graça de Deus sou o que sou; e a sua graça para comigo não foi vã, antes trabalhei muito mais do que todos eles; todavia não eu, mas a graça de Deus, que está comigo” (1 Coríntios 15:9,10). Desde que nessa passagem, como em Romanos 12:3, Paulo está ministrando ensino, afirmo que ele ainda está defendendo a mesma tese. Ele está falando sobre a graça que foi dada a ele e que fez dele apóstolo e mestre, e ele diz que é por isso que devem ouvi-lo.

Depois o apóstolo repete isso em Gálatas 1:15,16: “Mas, quando aprovou a Deus, que desde o ventre de minha mãe me separou, e me chamou pela sua graça, revelar seu Filho

em mim, para que o pregasse entre os gentios, não consulte a carne nem o sangue...”. De novo Paulo está se referindo não tanto à sua conversão como à sua vocação para apóstolo. Ele torna a dizê-lo em Efésios 3:7,8 – e para mim todas estas declarações são muito gloriosas, e jamais devemos permitir-nos negligenciá-las – “Do qual fui feito ministro, pelo dom da graça de Deus, que me foi dado segundo a operação do seu poder. A mim, o mínimo de todos os santos, me foi dada esta graça de anunciar entre os gentios, por meio do evangelho, as riquezas incompreensíveis de Cristo”. Ele está falando da graça que o chamou e o fez apóstolo.

Finalmente, vejam o último exemplo, um caso muito pessoal, que temos em 1 Timóteo, capítulo 1, onde Paulo fala desta graça de maneira particularmente comovente. Ele estivera desenvolvendo um argumento e o conclui dizendo: “Conforme o evangelho da glória de Deus bem-aventurado, que me foi confiado. Eu dou graças ao que me tem confortado, a Cristo Jesus Senhor nosso, porque me teve por fiel, pondo-me no ministério; a mim, que dantes fui blasfemo, e perseguidor, e opressor; mas alcancei misericórdia, porque o fiz ignorantemente, na incredulidade. E a graça de nosso Senhor superabundou com a fé e amor que há em Jesus Cristo. Esta é uma palavra fiel, e digna de toda a aceitação, que Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal. Mas por isso alcancei misericórdia, para que em mim, que sou o principal, Jesus Cristo mostrasse toda a sua longanimidade, para exemplo dos que haviam de crer nele para a vida eterna” (1 Timóteo 1:11-16).

Apresentei essa prova porque estou desejoso de mostrar a vocês que o apóstolo era muito ciumento, no bom sentido da palavra, sobre este ponto. Enchia-o de admiração o fato de que ele, dentre todos os homens, tenha sido chamado para apóstolo. Paulo fala agora aos romanos e lhes pede que o ouçam porque a graça de Deus o tinha feito apóstolo. E, naturalmente, esta graça não só chama um homem, equipa-o e capacita-o.

Paulo está realmente dizendo: estou pedindo a vocês que me ouçam porque, não somente sou de fato um apóstolo, mas também recebi entendimento sobre estas questões. Recebi sabedoria; tenho conhecimento. Como resultado da graça de Deus, recebi certos dons do Espírito. Tenho discriminação; tenho capacidade de ensinar, explicar e expor. Fui feito apóstolo em todos estes aspectos pela graça de Deus.

É isso que Paulo está dizendo, e é uma tremenda declaração. Não fora a graça de Deus, ele jamais seria apóstolo; não fora pela graça de Deus, jamais seria capaz de ensinar como ensinou. Foi a graça de Deus que lhe outorgou este discernimento agudo e incomum, este entendimento especial, esta peculiar faculdade de discriminação que fizeram Paulo brilhar tão maravilhosamente entre todos os escritores do Novo Testamento. Pedro até lhe paga um tributo, quando reconhece que nos escritos de Paulo há coisas que ele próprio achou difícil entender (ver 2 Pedro 3:16).

Portanto, como o próprio Paulo diz, foi a graça de Deus que fez dele o homem que ele é: “Pela graça que me é dada, digo”. Ele está comunicando aos seus irmãos na fé que nele e dele mesmo não há nada do que jactar-se. Ele não está dizendo: “Eu, o grande homem Paulo, digo-lhes; eu, o brilhante aluno de Gamaliel, estou dizendo a vocês; eu, o gigantesco intelecto; eu, o homem que estudou como poucos – ouçam-me”. Nada disso. Ele está declarando: “Eu não tenho nada, mas o que tenho, primeiramente recebi, e o meu ofício, a minha vocação, as minhas habilidades, tudo o que sou e faço é unicamente resultante da graça de Deus. Tenho autoridade, porém é uma autoridade que me foi dada, e me foi dada pessoalmente pelo Senhor, que disse que ia fazer de mim um ministro, uma testemunha e um mestre dos gentios.

Foi isso que o apóstolo disse em seu testemunho perante Agripa e Festo – vocês o encontram em Atos, capítulo 26. Ele foi chamado, foi tomado, foi capturado e foi designado. Foi-lhe dito o que ele iria fazer e o que Cristo iria fazer por meio

dele e nele, e foi Cristo que o equipou com as habilidades e os dons de que ele necessitava. E naturalmente nos lembramos de que, no capítulo anterior de Romanos, ele já dissera aos gentios: “Porque convosco falo, gentios, que, enquanto for apóstolo dos gentios, glorificarei o meu ministério” (Romanos 11:13).

E tudo isso nos é transmitido aqui por esta frase: “pela graça que me é dada”. Que maravilha! Aqui vemos novamente uma combinação perfeita das duas características já referidas. Eis aqui um homem que pode dizer, por um lado, “Sede meus imitadores” (1 Coríntios 4:16; Filipenses 3:17), e, “Imitai o meu exemplo” (ver 2 Tessalonicenses 3:9), e, “Ainda que tivésseis dez mil aios em Cristo, não teríeis contudo muitos pais; porque eu pelo evangelho vos gerei em Jesus Cristo” (1 Coríntios 4:15) – só eu sou vosso pai. Ele pode falar desse modo. Todavia, por outro lado, quando fala dessa maneira, jamais há nisso um sinal de arrogância, porque ele sempre tem o cuidado de acrescentar que ele é o que é unicamente por causa da graça de Deus. Nele mesmo não há coisa alguma. Portanto, como já vimos, temos um curioso paradoxo: sua afirmação de autoridade, e, contudo, esta humildade. Ele é um homem excepcionalmente humilde porque tem ciência de que não possui nada senão o que recebeu, e de que o recebeu gratuita e inteiramente como resultado da graça de Deus.

Isso é muito importante e muito significativo. Permitam-me ilustrar o que Paulo está dizendo com o que Pedro diz a seu modo. Notem como ele começa o capítulo cinco da sua Primeira Epístola: “Aos presbíteros, que estão entre vós, admoesto eu, que sou também presbítero com eles, e testemunha das aflições de Cristo, e participante da glória que se há de revelar: apascentai o rebanho de Deus, que está entre vós, tendo cuidado dele, não por força, mas voluntariamente; nem por torpe ganância, mas de ânimo pronto; nem como tendo domínio sobre a herança de Deus, mas servindo de exemplo ao rebanho. E, quando aparecer o Sumo Pastor,

alcançareis a incorruptível coroa de glória” (1 Pedro 5:1-4). É como Pedro diz exatamente a mesma coisa. “Eu sou Simão Pedro”, com efeito ele diz. “Eu estive com Ele no Monte da Transfiguração. Só outros dois estavam comigo lá; nem mesmo os outros apóstolos estavam lá. Sou uma pessoa muito excepcional”. E, contudo, notem o equilíbrio perfeito: “...nem como tendo domínio sobre a herança de Deus, mas servindo de exemplo ao rebanho”.

Pois bem, isso é importante para nós, porque estamos vivendo no que chamam era ecumênica, quando somos pressionados a tornar-nos parte de uma grande igreja mundial que incluiria a igreja católica romana. Estamos, pois, enfrentando a questão geral de autoridade, que é um dos mais urgentes problemas da hora presente. Onde está a autoridade da Igreja? A resposta católica-romana é que o papa é a autoridade. Ele fala “*ex-cathedra*”. É-nos dito que ele tem a autoridade do próprio Cristo.

Mas isso é uma completa negação do ensino do apóstolo nesta simples frase de Romanos 12:3. É doutrina que ele ensina em toda parte, e o apóstolo Pedro tem igual cuidado de sustentar a mesma tese: “nem como tendo domínio sobre a herança de Deus”. Nunca se deve dar ao ministro de Cristo o tratamento de “Vossa Senhoria”, ou, “Meu Senhor”. Mas, desafortunadamente, é isso que tem acontecido na Igreja; esse foi o erro que entrou na história geral da Igreja. É que a Igreja se apartou do conceito neotestamentário de autoridade; esqueceu-se desta perfeita fusão de autoridade e humildade, separação ou diferença e, contudo, identidade: “Vocês são, eu sou. Estamos todos juntos nisto. Fundamentalmente somos idênticos”. No Novo Testamento a autoridade é sempre espiritual, nunca oficial. Parece-me que esse é o princípio importante aqui. O que importa não é o ofício, e sim a pessoa. Mas para a Igreja, como ela veio a ser, o que importa é o ofício; o ofício faz a pessoa.*

* O que faz pensar no ditado: “O hábito faz o monge”. Nota do tradutor.

No Novo Testamento não há nada de hierarquia. Há divisões, devo dar ênfase a isso, como o apóstolo faz. Há diferentes ofícios, diferentes vocações, diferentes dons, mas nunca há essa gradação que leva a um senhor supremo que é quase adorado e que fala com grande autoridade. Tudo isso entrou na Igreja, vindo do mundo, do Estado. Nem começou no tempo de Constantino; no século anterior já acontecia isso.

Não há sinal de hierarquia secular nos dois primeiros séculos da era cristã. No princípio só lemos sobre presbíteros e bispos, termos intercambiáveis, e diáconos. Todavia no século terceiro começaram a dividir-se – bispo, presbítero, diácono. Depois já não se vê só bispo, mas aparece uma espécie de bispo “cívico” ou urbano, bispo da cidade, distinto do bispo do campo. Desenvolveu-se depois o que foi chamado “metropolitano”, homem sediado numa grande capital e que estava acima dos bispos das cidades. Finalmente, erigiu-se o homem que estava acima de todo o referido grupo, o papa, em Roma, um “senhor dos senhores”, o senhor supremo.

É isso que significa esta idéia de hierarquia, e tudo o que estou tentando mostrar é que ela está remotamente distante do Novo Testamento, e, na verdade, é uma franca contradição deste ensino essencial: “Pela graça que me é dada, digo...”. Os apóstolos não temiam ser humildes. Não precisavam paramentar-se, ou sentar-se em tronos, assim chamados, ou manter-se tão afastados quanto possível do povo. Eles e todos os demais cristãos eram unidos, eram um. Havia o elemento comum, que eles nunca esqueciam. No Novo Testamento sempre há uma combinação de autoridade e humildade.

Este assunto é tão importante que eu achei que devia dar forte ênfase a ele. Quando vocês pensarem na questão geral da unidade da Igreja – e é uma questão que nos está sendo imposta, em todas as denominações e em todo tipo imaginável de igreja – pensem nela à luz do ensino do Novo Testamento. Façam perguntas: de onde veio o sistema atual? Onde o encontro no Novo Testamento? Posso achá-lo ali, afinal? O Novo Testamento

derrama grande luz sobre este assunto. É Paulo, talvez o maior de todos os apóstolos, que diz: “Eu sou o menor dos apóstolos, que não sou digno de ser chamado apóstolo... Mas pela graça de Deus sou o que sou (1 Coríntios 15:9,10). Quando falo com vocês e os ensino, diz Paulo, não o faço como homem, não o faço meramente como um oficial, e sim, o faço mediante, por meio de, como resultado da graça que me foi dada.

12

“Porque pela graça que me é dada, digo a cada um dentre vós que não pense de si mesmo além do que convém, antes, pense com moderação, conforme a medida da fé que Deus repartiu a cada um. Porque, assim como em um corpo temos muitos membros, e nem todos os membros têm a mesma operação, assim nós, que somos muitos, somos um só corpo em Cristo, mas individualmente somos membros uns dos outros.” – Romanos 12:3-5

Estamos tratando aqui, lembrem-se, da questão dos cristãos no exercício dos seus dons na Igreja. E, como já indicamos, o apóstolo ocupa-se deste assunto aqui, como noutros lugares, porque obviamente surgiram dificuldades relacionadas com esta questão. Através dos séculos o exercício dos dons tem sido uma das causas de inquietação na Igreja Cristã – daí o ensino de Paulo, pelo qual todos nós devemos ser profundamente gratos.

Vimos que o apóstolo começa este assunto falando da graça recebida por ele. Depois continua e passa a mostrar que, como isso é verdade sobre ele, é também verdade sobre todos os outros membros da Igreja. Seu primeiro princípio é que tudo o que nós temos como cristãos é fruto da graça. E a seguir, o seu segundo princípio é a doutrina da Igreja como o corpo de Cristo.

Já começamos a considerar esse tema. Vimos que na Igreja Cristã toda a autoridade decorre da graça; portanto, não há hierarquia, nem reverência por posição, nem isso de dar a alguém o tratamento de “Vossa Santidade”, etc. Não há nada parecido com isso no Novo Testamento. Por essa razão

precisamos estar vigilantes a este respeito, porque há na Igreja cristã uma tendência extraordinária de elevar os ofícios para por meio deles elevar os homens. À medida que a espiritualidade baixa, os ofícios sobem, e com eles sobem o cerimonial, a pompa e o ritual.

Vocês conhecem, por exemplo, o chamado anglo-catolicismo, que começou como o Movimento de Oxford na década de 1830, com o cardeal Newman, Pusey, Keble e outros como eles. Bem, por trás daquele movimento havia a impressão de que a Igreja não estava sendo relevante no mundo como deveria. Como se poderia recuperar a autoridade da Igreja? E a resposta foi que a Igreja se tornara comum demais. Portanto, o ministro deveria ser elevado, devendo ser chamado padre. Depois, o padre deveria ser elevado e colocado numa posição afastada do povo, e deveria usar vestes clericais. E a mesa de comunhão (a mesa do Senhor) deveria chamar-se altar, etc. Tudo isso foi um substituto da espiritualidade, do poder espiritual; um substituto da graça de Deus.

O apóstolo Paulo, contudo, não fala da sua autoridade em termos do seu ofício, e sim em termos da graça que o colocara no ofício, a graça por meio da qual a revelação do conhecimento chegara a ele e a qual lhe dera todos os seus poderes e faculdades. No Novo Testamento vemos uma simplicidade essencial, um extraordinário contraste com o que a Igreja Cristã veio a ser através dos séculos.

Estamos vivendo dias em que, se quisermos ser bíblicos, temos a oportunidade de restaurar a prática primitiva, a idéia primitiva, da Igreja Cristã, e queira Deus que, mesmo por meio de uma palavra como esta, passageira que seja, alguns de nós sejam estimulados a voltar a pensar segundo estas linhas. Não comecem daquilo que vocês vêem, comecem pelo Novo Testamento, ordenando todas as coisas de acordo com ele, comecem por aquilo que temos como a única autoridade em todas as matérias de fé e conduta na Igreja, como também em geral.

Paulo continua e diz que esta graça não somente lhe é

dada, mas também que isso não diz respeito só a ele. Diz ele: “Pela graça que me é dada, digo a *cada um dentre vós...*”. Aqui também há um ponto muito importante. Paulo quer dizer cada um, todos, não há exceções. É verdade não só sobre os oficiais da Igreja; é igualmente verdade sobre todos os membros. A distinção entre o clero e o laicato, distinção que entrou em cena no século segundo, é novamente uma violação do ensino do Novo Testamento. Há necessidade de distinção entre os ofícios da Igreja, o apóstolo deixa isso perfeitamente claro. Mas não deve existir uma distinção rígida entre o clero e o laicato; não há isso no ensino de Paulo. Todos os membros da Igreja estão na mesma posição. Alguns, em vista dos dons dados a eles, são chamados para exercer certas funções que outros não são chamados a desempenhar, mas o princípio da graça e da distribuição de dons é comum a todos. Devemos, pois, aprender a pensar na Igreja como uma comunidade viva de pessoas: cada uma delas tem fé, cada uma delas tem vida oriunda de Deus, cada uma delas, homem ou mulher, tem um dom que lhe foi dado, e cada uma delas tem uma função a exercer na vida total da Igreja.

Esses pontos também são significativos para nós, visto que cada vez mais se insinua a idéia de que a imensa maioria dos membros da Igreja realmente não foi destinada a fazer nada mais que sentar-se e ouvir, e que as únicas pessoas que exercem funções na Igreja são certas pessoas especiais. Entendamos bem isso. Muitas vezes se ouve dura crítica ao chamado “ministério de um só homem”, e essa crítica é perfeitamente válida. Eu afirmo que é certo que alguns homens sejam separados para a obra de pregação, todavia isso não significa que só eles devem trabalhar, e os demais não façam nada. Não é essa a descrição que temos da Igreja do Novo Testamento. A descrição é particularmente dada aqui – “cada um dentre vós”. Isto é aplicável a todos, não somente a pregadores, pastores e mestres, mas a cada membro da Igreja Cristã, como veremos ainda mais claramente quando

passarmos a considerar a figura da Igreja como o corpo de Cristo.

No entanto agora, no fim da declaração, chegamos a uma frase muito interessante e fascinante: “conforme a medida da fé que Deus repartiu a cada um”. Evidentemente, esta é a parte crucial da declaração de Paulo. Notem mais uma vez a ênfase a “cada um”. Cada um! A palavra “repartiu” é suficientemente clara. Deus repartiu a cada um a medida da fé.

Mas, que significa a frase “a medida da fé”? É importante entender bem isso. De que fé o apóstolo fala aqui? Alguns tentam resolver isso dizendo que significa a fé justificadora – a fé que nos introduz na vida cristã – a fé que o apóstolo desfraldara diante de nós na primeira parte da Epístola, por exemplo, no capítulo 3, versículo 28: “Concluimos pois que o homem é justificado pela fé sem as obras da lei”. Entretanto é óbvio que não pode ser isso, por esta boa razão – a fé justificadora é a mesma em todos os crentes. Fé justificadora especial ou particular é coisa que não existe. A fé pela qual o apóstolo Paulo foi justificado não é diferente da fé pela qual cada um de nós é justificado. Mas aqui ele fala sobre “a medida da fé”, expressão que imediatamente sugere uma diferença.

Outros pensam que Paulo se refere aqui à fé que em 1 Coríntios 12:9 é chamada “dom da fé”. Nessa passagem Paulo nos dá uma lista de alguns dons e diz: “E a outro, pelo mesmo Espírito, a fé”. Ele está falando de um dom especial de fé, e daí alguns acham que em Romanos 12:3 ele está se referindo à mesma coisa. Mas, de novo, podemos demonstrar facilmente para vocês que não é isso que ele está fazendo. Em 1 Coríntios 12:9 Paulo escreve a pessoas cristãs, todas as quais foram justificadas pela fé, e ele diz que a algumas delas foi dada “pelo mesmo Espírito, a fé”. Com isso ele se refere à particular classe de fé exemplificada em homens como George Müller, e Hudson Taylor, que fundou a China Inland Mission (Missão do Interior da China) (atual Overseas Missionary Fellowship (Comunidade Missionária Ultramarina)). Nem todos recebem

esse dom, porém ele foi “repartido” ou “distribuído” a George Müller. O resultado foi que ele podia orar com confiança e certeza, e coisas maravilhosas aconteceram – pode-se ler a respeito delas em suas narrativas. Ora, aqui, em Romanos, capítulo 12, obviamente não é esse o significado, porque esse dom especial de fé só é dado a algumas pessoas, ao passo que a ênfase do apóstolo é no sentido de que certa “medida da fé” é dada a todo cristão.

Que será, então, que o apóstolo quer dizer? Bem, a conclusão a que chego é de que a melhor explicação é que Paulo está dizendo: “conforme Deus repartiu a cada pessoa algum dom por meio da fé”. Cada um de nós tem algum dom particular, recebido por meio do canal da fé. Creio que as palavras de Paulo registradas em 1 Coríntios 12:4: - “Ora, há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo” – dizem a mesma coisa. O Espírito dá estes dons. O Espírito é um só, porém há grande diversidade nos dons por Ele dados.

Mas talvez a melhor explicação desta frase seja a que está em Efésios 4:7 – é interessante observar que o apóstolo constantemente se vê na obrigação de dizer estas mesmas coisas a diferentes igrejas. Ali, em Efésios, capítulo 4, ele estava dando ênfase ao grande princípio da unidade. No versículo 4 ele começa: “Há um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação; um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos, e em todos”. E então: “Mas a graça foi dada a cada um de nós segundo a medida do dom de Cristo”. Essas palavras expressam com muita clareza o que Paulo está dizendo aqui, em Romanos 12:3.

Nós recebemos graça, diz o apóstolo em Efésios 4:7, e depois ele passa a falar sobre funções: “Pelo que diz: subindo ao alto, levou cativo o cativo, e deu dons aos homens... E ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores, querendo o aperfeiçoamento dos santos...” (versículos 8, 11, 12). Mas aqui

está o ponto: a graça é dada “segundo a medida do dom de Cristo”. Ele subiu ao alto, enviou o Espírito Santo, e, por intermédio do Espírito, agora distribui estes dons aos membros da Igreja. E é Ele que decide a “medida” particular, ou o “dom” particular”, ou se pode dizer até, a “graça” particular dada a cada um. E “a cada um é dada graça segundo a medida do dom de Cristo” (VA). Qualquer dom que acaso tenhamos é dom que nos vem do Senhor Jesus Cristo mediante o Espírito, mediante a nossa fé.

Aqui estamos, cada um de nós, na Igreja, e Paulo diz: “Deus repartiu a cada homem (a cada um de nós) a (ou uma) medida da fé. Este é um ponto muito importante, e a primeira coisa que devemos manter clara em nossa mente é que aqui, e em 1 Coríntios, capítulo 12, que, como eu disse, é um comentário de Romanos 12:3, Paulo não se refere a dons naturais. Certamente nos são dados dons naturais, e quando nos tornamos cristãos e recebemos o Espírito Santo, os nossos dons são afiados e elevados, mas não é disso que Paulo está falando aqui. Aqui ele está dizendo que nos é dado algo novo, algo que não tínhamos antes, não um dom natural, e sim espiritual, a espécie de dom que só é dado ao cristão. Não é algo que temos por natureza. Pela fé podemos melhorar e aumentar esse tipo de dom, mas nunca podemos criá-lo ou produzi-lo. Toda a ênfase recai nisto: “que Deus repartiu a cada um”. A própria essência do ensino de Paulo é que todos estes diferentes dons são dados a nós pela graça de Deus; Ele os reparte.

Ora, a fé mesma, naturalmente, é um dom: “Pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus” (Efésios 2:8). Portanto, em ponto algum podemos pretender que o que *nós* fazemos determina a nossa vida cristã. O apóstolo deixa isso muito claro nessa passagem que ninguém tem algum dom particular por causa da sua fé. Mas às vezes as pessoas tendem a ensinar esse tipo de coisa. Dizem elas: “Ora, claro, se você tiver grande fé, provavelmente terá

tais e tais dons”. Mas isso é um erro rotundo. Não é a nossa fé que determina os dons que recebemos. É Deus que mede e distribui estes dons, e é Ele que determina quanto será dado a cada pessoa. Nisso se centraliza a tese deste ensino.

Noutras palavras, aqui vemos novamente a soberania do Espírito Santo. Essa é a grande ênfase de 1 Coríntios, capítulo 12. É a soberania do Doador, do Controlador, do Espírito Santo, que distribui variadamente os dons como quer (ver 1 Coríntios 12:11). É a verdade que o apóstolo diz aqui, e jamais devemos perdê-la de vista.

Mas, lembremo-nos também de que, ao passo que é Ele que dá todos os dons, cada um de nós recebe um dom. Os dons variam em seu caráter, variam em espécie e em importância. Por isso acabamos chegando à conclusão de que não fomos destinados a ser todos iguais, nem a atuar da mesma maneira. Não fomos destinados a fazer todas as mesmas coisas na igreja. Isso está implícito no ensino aqui: “conforme a medida da fé que Deus repartiu a cada um”. Um dom particular é dado a cada um de nós. Não é o mesmo dom em cada caso; não somos selos postais, e não devemos querer fazer todas a mesma coisa. A ênfase está na soberania do Doador e na diversidade dos dons. Temos aqui, como vocês vêem, a doutrina básica.

Que acontece, então, à luz disso? Bem, diz o apóstolo, isso determina o que pensar de nós mesmos. Pois a dificuldade surge pelo que os homens e as mulheres pensam de si mesmos. Brigas, disputas, ciúmes, invejas e rixas, todas estas coisas são conseqüências de opiniões errôneas e presunçosas que as pessoas têm sobre si mesmas. Vejam o estado em que se encontra o mundo, vejam o estado em que se encontra a sociedade – rupturas, divisões, facções, ciúmes, inveja. Observem os políticos, prontos a cortar a garganta uns dos outros a qualquer momento, membros do mesmo partido fingindo uma lealdade que é puro embuste. Chegam até a revelar a sua duplicidade, e isso cada vez mais abertamente;

não podem confiar uns nos outros. “Inquieta deita-se a cabeça que usa a coroa.” Isso é verdade também com relação aos profissionais liberais – os que exercem a medicina e a profissão das leis – a inveja e o ciúme correm por entre eles todos.

Por isso o apóstolo preocupa-se em dizer que cada pessoa “não pense de si mesma além do que convém; antes, pense com moderação” – por quê? – “conforme (por causa de) a medida da fé que Deus repartiu a cada um”. Se você se capacitar do princípio que reza que todos os dons vêm de Deus, que é Ele, e somente Ele, que decide que dom cada pessoa deve ter, e que os dons variam, você poderá controlar imediatamente o seu pensamento sobre si próprio.

Que será, então, que você deve pensar sobre si próprio? Acompanhemos o que Paulo diz. Ele faz uma declaração muito interessante. Diz ele que, como um resultado, nenhum de nós tenha “pensamentos elevados” sobre si mesmo – é o que a palavra empregada pelo apóstolo de fato quer dizer – “não pense de si próprio mais altamente *do que deve pensar*”. O apóstolo diz: “Não vá partir para um hiperpensamento concernente a si próprio”. “Hiper” é sempre errado. Significa excesso, algo excessivamente alto. “Pois bem”, diz o apóstolo, “não se considere elevado demais. Não pense de si mesmo mais do que deve pensar”.

Paulo prossegue então – ele é muito cuidadoso e se preocupa muito com isso – o cristão não deve pensar sobre si mesmo mais elevadamente *do que deve pensar*”. Como, pois, o homem deve pensar sobre si mesmo? A resposta de Paulo é que devemos pensar sobre nós mesmos como convém que pensemos. Outra tradução poderia ser: “Não se considere elevado acima do que deveria considerar-se”. Paulo usa constantemente o verbo “pensar” – “*não pense* (cada um) de si mesmo além do que convém (*pensar*); antes, *pense* com moderação”. Isso nos leva de volta ao versículo dois, não leva? “Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos

pela renovação da vossa mente”. Revelamos que somos cristãos de verdade quando começamos a mostrar esta mente renovada em nosso pensamento acerca de nós mesmos.

Mas, que é que Paulo quer dizer com estas palavras, “antes, pense com *moderação*” (ou, VA: “pense *sobriamente*”? Essa palavra é muito interessante. Não se deve considerar “sobriamente” (moderadamente), quanto ao sentido primário, em termos de não embriagar-se, embora isso esteja decididamente incluído. A palavra grega empregada pelo apóstolo significa “ter equilíbrio mental”. O problema dos presunçosos que se consideram exageradamente elevados é que lhes falta equilíbrio. Para usar um coloquialismo, eles não estão “de todo ali”, “não existem”, vivem na estratosfera, não se dão conta de onde estão. É uma forma de insanidade. Claro está que a embriaguez ilustra a mesma coisa. O homem que bebe demais põe abaixo as partes centrais mais elevadas do seu ser, o seu juízo, o seu senso de equilíbrio, e é capaz de fazer qualquer coisa; não há nada que ele não seja capaz de fazer! Que é que há com ele? Bem, certamente não está equilibrado mentalmente! Não está sóbrio. Age de maneira insana; não pensa como deveria.

Portanto, aqui o apóstolo nos está dizendo que devemos pensar sobre nós mesmos de maneira racional. Noutras palavras, não mais devemos deixar-nos governar por nossos impulsos, por nossos desejos e instintos. Temos uma “nova mente”, mente que foi renovada, e agora Paulo nos apresenta uma descrição e um entendimento do que isto significa na igreja. Em vez de afirmar nossos direitos, colocar-nos na frente e reivindicar isto e aquilo, paramos e dizemos: “Quem sou?” “O que sou?” Que direito tenho de me gabar? Que é que eu mereço?” E no momento em que fazemos essas perguntas, começamos a agir de maneira sóbria, moderada; começamos realmente a pensar. Já não estamos sendo governados por alguma outra coisa, por uma espécie de paixão, estamos controlados e calmos; estamos realmente enfrentando os fatos.

Constantemente o apóstolo tem que dizer isso. Ele o diz perfeitamente num só versículo: “Quem te diferença? E, que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te glorias, como se não o houvesses recebido?” (1 Coríntios 4:7). É exatamente o que ele diz aqui, em Romanos 12:3. “Espere um momento”, praticamente ele diz; você está prestes a querer impor-se. Você diz: “Vejam o dom que eu tenho! Olhem para mim!” E despreza o próximo, ou ele, talvez, com seu dom menor, fique com inveja de você. Pare! Pense por um momento. Pense sobriamente. Pense racionalmente. Caia em si. Cuide-se. Que é que diferencia você dos outros? É você que decide a diferença? Foi você que resolveu quais genes haveria em você? Ou, na esfera espiritual, foi você que escolheu os dons que possui? “Que tens tu que não tenhas recebido?”

Noutras palavras, Paulo nos está dizendo que todos nós devemos assemelhar-nos ao nosso Senhor. Olhem para Ele, para o Filho de Deus, Aquele em quem “habita corporalmente toda a plenitude da divindade” (Colossenses 2:9), e, todavia, Aquele que diz: “Eu não tenho falado de mim mesmo; mas o Pai, que me enviou, ele me deu mandamento sobre o que hei de dizer e sobre o que hei de falar” (João 12:49); “Nada faço por mim mesmo; mas falo como o Pai me ensinou” (João 8:28). É o que Ele sempre diz; e de novo: “Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração” (Mateus 11:29). É assim, diz o nosso Senhor, que vocês devem agir.

E aqui, em Romanos, capítulo 12, o apóstolo está simplesmente inculcando em nós esse ensino. Devemos lembrar-nos de que o nosso Senhor disse também: “Sem mim nada podeis fazer” (João 15:5). Devemos lembrar-nos de que Ele olhou para aqueles discípulos que tinham estado com Ele durante três anos, tinham visto os Seus milagres, tinham-no visto morrer e ser sepultado, que tinham-no visto vivo depois da Sua ressurreição, conheciam esses fatos todos – foi a eles que o nosso Senhor disse: “Ficai na cidade de Jerusalém, até que do alto

sejas revestidos de poder” (Lucas 24:49). Sem o dom desse poder, até eles, com seu conhecimento, eles, as primeiras testemunhas oculares, não poderiam ser testemunhas fiéis dEle e de Sua grandiosa salvação. Foi o que lhes havia sido dado que os capacitou. Há um hino que me parece resumir tudo isso muito bem:

*E toda virtude que temos,
E toda vitória obtida,
E todo santo pensar,
São de Cristo somente.*
– H. Auber

Não pensem alto demais sobre si mesmos; não pensem acima do que devem pensar; pensem “sobriamente”, com “moderação”, pensem de maneira sadia, racional.

Podemos, pois, dizer o seguinte: a primeira coisa que devemos fazer é aprender a ver estes dons da maneira certa. Não devemos vê-los subjetivamente ou em termos de nós mesmos. Isso é sempre um erro fatal. No momento em que começamos a ver os dons dessa maneira, erramos. Devemos vê-los objetivamente; de fato, quase me aventuro a ir longe ao ponto de dizer que devemos sempre ver estes dons de maneira impessoal.

Que é que eu quero dizer? Quero dizer que os dons não são nossos e, portanto, não há nada de que devamos gabar-nos. Nós não os produzimos; nós não os geramos; eles não constituem nenhum prêmio pelo que somos. O Espírito Santo, com Sua estratégia magistral, determinou-Se a dar estes dons, “repartindo particularmente a cada um como quer” (1 Coríntios 12:11). Assim, os dons pertencem inteiramente a Ele e, portanto, podemos dizer mais – e isto é sumamente importante: jamais devemos sobreestimar dom algum.

A tendência de fazer isso é grande. Os cristãos de Corinto estavam em confusão porque estavam sobreestimando o

dom de línguas. E muitos têm tido opinião exageradamente alta sobre muitos outros dons. A pregação tem sido sobreestimada muitas vezes, e isso tem produzido sérias dificuldades. Perto do fim da era vitoriana, por exemplo, indubitavelmente se prestava culto aos pregadores, e ainda hoje estamos colhendo algumas conseqüências disso. Os pregadores eram pouco menos que idolatrados. Não é mais o caso, e isso é bom; porém ainda resta o perigo de sobreestimar a importância dos dons, de certos dons em particular.

É igualmente importante salientar que devemos estar vigilantes contra o perigo oposto: nunca devemos subestimar a importância de algum dom. Isso também é muito comum. Há quem diga: “Ah, eu não sou ninguém na igreja, meu pequeno dom, sabe, eu realmente não tenho valor”. “Eu não sei pregar”, tal pessoa diz, “não sei ensinar, e daí, o que eu faço é insignificante”. Mentira! Essa atitude parece muito humilde, mas é completamente errada. Ela não tem direito de dizer isso! Está desprezando o dom que lhe foi dado pelo Espírito Santo. Todo o fim e propósito deste ensino – e o veremos ainda mais claramente quando passarmos a estudar a analogia da Igreja como o corpo de Cristo – é que nada é sem valor; tudo é importante. Portanto, não devemos sobreestimar alguns dons e subestimar outros, nem com relação a nós mesmos nem com relação a mais ninguém. Sobreestimar, pavonear-se, é mau; menosprezar outros é igualmente mau.

O jeito de agir direito nisto é ter o conceito certo dos dons, é entender que eles não são naturais, não são humanos, que todos eles são dados. Isso garante o equilíbrio correto, e assim você nunca será jactancioso e, ao mesmo tempo, não se entregará a uma falsa modéstia.

Lembro-me de um homem que estava dirigindo uma reunião e que achava que estava dizendo uma palavra de ânimo aos membros comuns da igreja. Ele estava usando a ilustração de um edifício e dizia que num edifício algumas pedras grandes são colocadas nos cantos do alicerce – pedras

angulares – depois outros grandes blocos de pedra são colocados para erigir o edifício. A seguir o construtor geralmente manda alguns homens com carrinhos de mão cheios de pequenas pedras para despejá-las nas brechas que ficam entre as pedras grandes. E o pregador expôs isso com tanta eloquência que por fim se forçou a dizer que, realmente, o que importava não eram as grandes pedras e os grandes blocos, mas as pedrinhas que enchiam as brechas.

Pura tolice! O pregador exagerou a importância das pedras pequenas. Seu desejo era apagar um pouco a jactância das pedras grandes, e isso está certo. Entretanto, ele foi tão longe que inverteu o ensino e deu a impressão de que as únicas pessoas realmente importantes na Igreja são as pessoas sobre as quais ninguém sabe coisa alguma. Ele virtualmente descartou os apóstolos, os Reformadores e todos os grandes líderes da Igreja através dos séculos. Isso não passa de absurdo, e não é ensino bíblico. Nunca teremos um edifício, se não tivermos pedras grandes; porém é igualmente certo que as pedras pequenas *são* necessárias para preencher as brechas.

O ponto em questão é que não devemos ver os dons dessa maneira pessoal. Isso é fatal. Não devemos comparar e contrastar os dons num sentido competitivo. Devemos procurar compreender esta verdade: nada temos que não tenhamos recebido. Podemos ir adiante e dizer que não merecemos receber coisa alguma, e, portanto, deveríamos afinal dizer a nós mesmos: “Que privilégio é simplesmente estar na Igreja, que privilégio é ter algum dom, não importa qual! O que é espantoso é Deus nos ter olhado em Sua graça, ter-nos chamado, ter-nos colocado aqui e ter-nos dispensado algum dom, conforme a medida da fé”.

Aí está, pois, o primeiro princípio de Paulo, no trato desta questão. Reflitam sobre ele vocês mesmos, em termos da sua concepção geral da Igreja Cristã, e verão como ele é importante. Posso fazer umas perguntas? Que dom lhe foi dado? E como ele está funcionando em sua vida?

13

“Porque pela graça que me é dada, digo a cada um dentre vós que não pense de si mesmo além do que convém, antes, pense com moderação, conforme a medida da fé que Deus repartiu a cada um. Porque, assim como em um corpo temos muitos membros, e nem todos os membros têm a mesma operação, assim nós, que somos muitos, somos um só corpo em Cristo, mas individualmente somos membros uns dos outros.” – Romanos 12:3-5

O primeiro princípio de Paulo nestes versículos, vocês se lembram, é que tudo é de graça, e agora vamos examinar o seu segundo princípio, que, num sentido, reforça o primeiro. É que a Igreja é o corpo de Cristo, e o apóstolo o apresenta como doutrina e também como ilustração. No versículo 4 ele desenvolve os pontos que acha essenciais ao seu argumento em termos daquilo que diz respeito ao nosso corpo físico. Depois, no versículo cinco, aplica esses pontos.

A doutrina do corpo é muito importante, como Paulo mostra aqui, tanto por razões práticas como também como parte do nosso entendimento global da doutrina do Novo Testamento sobre a natureza da Igreja. Como estive lembrando a vocês, dificuldades surgiram em muitas igrejas cristãs primitivas, em grande parte porque os crentes não tinham entendido a verdadeira natureza da Igreja, e o apóstolo tinha que ensiná-los constantemente. Por exemplo, em 1 Coríntios o apóstolo trata desta doutrina, não só especificamente no capítulo 12, mas também em toda a Epístola, incluindo até as praticabilidades no último capítulo. Ele começa no capítulo primeiro, dizendo que sabe das divisões existentes entre os cristãos,

alguns declarando: “Eu sou de Paulo”; outros, “Eu sou de Apolo”; outros, “Eu sou de Cefas”; outros, “Eu sou de Cristo”. Então pergunta: “Estaria Cristo dividido?”

Vê-se a mesma falha aqui, em Romanos. Quando há problemas sobre o exercício dos dons, significa não somente que as pessoas não entenderam a verdade concernente aos dons *per se*, mas também que, além disso, elas têm um entendimento defeituoso da Igreja. Ora, claro, isso é de importância incomum num tempo como o presente, quando se fala muito sobre a unidade da Igreja, e é acertado considerar esta doutrina. Em Sua oração sacerdotal, o nosso Senhor disse: “Para que todos sejam um” (João 17:21), como Ele e o Pai são um, e o cristão que não crê na unidade da Igreja é um cristão muito indigno. Você não pode ser cristão se não deseja essa unidade com todo o seu ser. Mas, antes de começar a falar em amalgamar denominações, deve perguntar: “O que é a Igreja?” E grande parte da confusão que existe na hora presente deve-se unicamente ao fato de que em geral as pessoas passam ao largo desta questão sumamente importante. Na verdade, isso levanta uma questão ainda mais fundamental: “Se uma igreja é uma reunião de cristãos, que é um cristão?” E então, vocês vêem a imensa importância e a relevância imediata deste grande assunto?

Pois bem, primariamente o apóstolo está interessado no uso dos dons, porém afirma que não se pode entender isso se não se entender primeiro a natureza da Igreja; e a sua maneira de explicar esta doutrina é dizer que a Igreja é o corpo de Cristo.

Paulo faz ainda outras comparações. Às vezes ele compara a Igreja com um grande império. Escrevendo aos gentios, ele diz: “Já não sois estrangeiros, nem forasteiros, mas concidadãos dos santos” (Efésios 2:19). Para ele era uma comparação óbvia. Ele era cidadão do Império Romano; e, que seria mais natural do que assinalar que a Igreja, nalguns aspectos, é similar a um grande império? Ela tem sua autoridade e governo central, mas, como um império, seus

cidadãos estão espalhados por diferentes partes do mundo.

O apóstolo compara a Igreja também com um grande edifício, erigido sobre seu alicerce próprio. Ou compara a Igreja com uma família. Ele não diz somente que nos tornamos concidadãos dos santos, e sim também que somos “da família de Deus” (Efésios 2:19). E às vezes ele compara a Igreja com uma esposa. O que o esposo é para a esposa, o nosso Senhor é para a Igreja. Nenhuma analogia é perfeita, e Paulo precisa usar uma multiplicidade de analogias para ilustrar esta grande doutrina.

Entretanto eu penso que vocês concordarão comigo, particularmente quando lerem as Epístolas de Paulo, que, de todas as suas ilustrações, a que obviamente ele achava que, em muitos aspectos, era a melhor, é a da Igreja como o corpo de Cristo. Ele a utiliza em 1 Coríntios 12:12-27, e também em Efésios, capítulo 1, principalmente nos versículos 22 e 23. A mesma idéia é repetida mais uma vez em Efésios 4:15,16, onde ele fala sobre “...a cabeça, Cristo, do qual todo o corpo, bem ajustado, e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a justa operação de cada parte, faz o aumento do corpo, para sua edificação em amor”, e a analogia está também implícita noutras declarações. Fica, pois, evidente que este assunto é muito importante. Com efeito o apóstolo diz: “Se vocês quizerem entender a natureza da Igreja, um jeito muito bom de fazê-lo é considerar a natureza, ou o caráter do corpo humano, a estrutura física”.

Começemos, então, examinando o que o apóstolo nos ensina aqui, no versículo quatro, sobre a natureza do corpo. Como lembrei a vocês, afortunadamente Paulo desenvolveu o assunto para nós em 1 Coríntios, capítulo 12, e nós vamos interpretar o que ele diz aqui à luz de seu ensino mais detalhado e mais elaborado em Coríntios. Bem, o corpo tem uma cabeça, e ela tem um cérebro, que se acha dentro do crânio. Do cérebro irradiam-se todos os diversos nervos, as forças de controle e o poder diretor. E a analogia fundamental de Paulo

é que o que a cabeça e o cérebro são para o resto do corpo, o Senhor Jesus Cristo é para a Igreja Cristã. Ele é a Cabeça, de quem e por meio de quem todo o corpo é ajustado da maneira indicada em Efésios, capítulos 1 e 4.

Há lições muito importantes concernentes ao corpo físico, lições que devemos aprender. Paulo diz: se você deve agir corretamente quanto ao exercício destes dons que recebeu na igreja, se você deve evitar sobreestimar-se e subestimar os outros, se você deve evitar ciúme e inveja e todos estes sentimentos que causam tanta divisão, se você deve evitar cair no erro em que os coríntios caíram sobre a questão dos dons espirituais, então, a melhor coisa que você deve fazer é entender algo sobre a constituição essencial do corpo humano, e compreender que, em muitos aspectos, essa é a verdade concernente à natureza da Igreja Cristã.

Assim, permitam que eu coloque este ensino em termos de um certo número de princípios. O primeiro é que o corpo é uma unidade orgânica – “Assim como em um corpo temos muitos membros”. O corpo não é tão-somente uma coleção ou um agregado de partes independentes superficialmente interligadas. O corpo não consiste de vários dedos afixados na mão, a mão afixada no braço, o braço afixado no ombro, e assim por diante. A unidade do corpo não é como a de um trem. Pensamos num trem como um comboio composto de uma locomotiva e de vários vagões ligados a ela por meio de engates, mas não é essa a analogia. No corpo há uma relação vital, uma unidade orgânica, o que significa que há uma conexão vital entre as partes. Não é uma espécie de solda ou de amarra, mas uma unidade interna, como Paulo sugere tão maravilhosamente em Efésios 4:16. Isso, lembrem-se, foi escrito há aproximadamente dois mil anos, mas o penetrante discernimento de Paulo é extraordinário, e sua acurácia é confirmada atualmente pelo estudo da anatomia humana. A unidade, vocês vêem, é provida pelo sistema sangüíneo, pelo sistema vascular e pelo sistema nervoso, e essa é a base desta

unidade orgânica. Temos o coração, e dele saem os principais vasos sanguíneos. Eles se dividem e continuam a dividir-se, e seguem seus rumos até aos diminutos vasos capilares; mas tudo isso faz parte de um só sistema; o sistema vascular é um só. E a mesma coisa se dá com os nervos, com a multiplicidade de minúsculos ramos e divisões. Todos eles podem, em última análise, ser rastreados até sua origem nos centros nervosos do cérebro ou da medula espinal.

Ora, isto não é uma aula de anatomia! Todavia o apóstolo está usando uma ilustração anatômica, e ele tem o princípio geral aqui. Este é justamente o ponto que ele está defendendo: “Muitos membros, mas um só corpo”. O corpo uno não é uma coleção de muitos membros; o corpo é mais importante que as partes. De fato, poderíamos ir mais longe e dizer que a unidade orgânica vem a existir e é um fato graças à maneira pela qual o corpo se desenvolve. De onde vêm os dedos? Desenvolveram-se independentemente e depois se aglutinaram aos braços?

Não, não foi isso o que aconteceu. O corpo completo de uma pessoa originariamente era apenas uma célula. Essa célula, fertilizada, começou a desenvolver-se e a dividir-se, produzindo proliferações. Uma pequena raiz formou o braço direito, outra formou o esquerdo, outras formaram o tronco e as pernas. Todas essas partes individuais provieram de uma unidade original, de modo que se mantêm em conexão orgânica com as partes centrais desde o princípio. Essa é a simples verdade acerca do corpo humano, e o ensino do apóstolo é que acontece exatamente a mesma coisa com a Igreja Cristã.

Visto que esta verdade é tantas vezes esquecida é que a Igreja se afunda em terrível erro. Permitam, então, que eu apenas faça uma ilação até este ponto, antes de prosseguir. Em vista desta unidade orgânica, vital, viva, que caracteriza a Igreja Cristã, você nunca deve pensar que se coloca, ou que coloca alguma outra pessoa, na Igreja, ou nesta relação. Não se pode fazer isso. Um homem ou uma mulher pode unir-se a

uma igreja, mas isso não significa que ele ou ela se tornou parte do corpo de Cristo. Há uma declaração no fim do capítulo dois de Atos que acerta isto uma vez por todas: “E todos os dias acrescentava o Senhor à igreja aqueles que se haviam de salvar (que estavam sendo salvos)”. Somente Ele pode acrescentar pessoas à Igreja.

Pois bem, vocês podem acrescentar pessoas à estatística; isso não é nem um pouco difícil. E demasiadas vezes a Igreja Cristã tem sido tratada como se fosse o trem que mencionei, e não o corpo – há gente que pensa que pode fazer estes acréscimos estranhos. Mas isso não está certo, e a idéia geral de que se pode conseguir unidade juntando denominação a denominação não é o meio de se obter a unidade de que a Bíblia fala. É somente o Senhor que pode criar esta “unidade do Espírito pelo vínculo da paz”, como diz Paulo, outra vez em Efésios, capítulo 4 (versículo 3). É “o Senhor” que acrescenta membros a este corpo. Como 1 Coríntios 12:13 o expressa muito bem: “Pois todos nós fomos batizados em um Espírito, formando um corpo” (ou, VA: “Pois por um Espírito todos fomos batizados num corpo”). Nós não fazemos isso, é algo feito a nós. É unicamente o Espírito que pode realizar esta operação. É uma operação tão vital – uma relação viva, de vida – que nenhum ser humano jamais pode realizar. Não se soldam pessoas na Igreja Cristã. Se elas não estiverem numa relação vital, orgânica, com a Cabeça e as outras partes, não fazem parte da Igreja Cristã.

Depois, além disso, Paulo passa a mostrar que há uma grande variedade nas partes: “Em um corpo temos muitos membros, e nem todos os membros têm a mesma operação” (ou, VA: “...o mesmo ofício”). Bem, isso é óbvio sobre o corpo humano, não é? O corpo é um, mas vejam a variedade nas diversas partes – mãos, pés, olhos, ouvidos etc. E há subdivisões das partes; todas elas são diferentes e exercem funções diferentes. Mas o que Paulo salienta é que devemos compreender essa variedade. Há pessoas que parecem pensar que

todos os membros de igreja devem ser idênticos uns aos outros, e, na verdade, há alguns ensinos que tendem a produzir esse tipo de gente, mas é uma violação do ensino de Paulo. Assim como os membros individuais do corpo não são iguais e nunca houve a intenção de que fossem, assim também nunca foi propósito que todos os cristãos sejam iguais. Não há nenhuma intenção de que eles sejam iguais em seu temperamento, em suas habilidades, ou no modo como eles fazem as coisas. O ponto importante com relação ao corpo é que há variedade na unidade, ou uma unidade que se expressa numa variedade.

Se vocês encontrarem um grupo de cristãos que fazem todos a mesma coisa e da mesma maneira – quero dizer com isso que eles quase chegam a se parecer uns com os outros, andam igualmente, falam com o mesmo tipo de sotaque e empregam as mesmas frases – digo-lhes que vocês têm o direito de deduzir que não estão olhando para a obra do Espírito Santo. Não digo que eles não são cristãos, mas digo que ali se inseriu outra influência, adversa ao espírito de Cristo.

Vejam vocês, nós estamos na carne, e as seitas sempre tendem a produzir um tipo padronizado; é sua característica. Mas nunca isso é característico da obra de Deus. Sempre há variedade na obra de Deus. Vê-se isso na criação. Não há duas flores idênticas, e as duas faces do nosso rosto não têm exatamente a mesma medida. Isso é verdade sobre a natureza e sobre o corpo; é igualmente verdade sobre a Igreja. A situação que produz cristãos tipo selo postal é errônea; não é verdadeira; viola a doutrina essencial concernente à natureza da Igreja Cristã.

Pois bem, vocês conhecem o tipo de coisa a que me refiro. Certamente todos já vimos pessoas logo depois que se tornaram cristãs – obviamente nascidas de novo – e posteriormente as reencontramos um ou dois anos mais tarde, e vimos que se amoldaram a um padrão. Por exemplo, conheci um vigoroso ministro que nunca dizia “Amém”, mas sempre,

“A-mém”, e vi que com o tempo os seus seguidores adotaram o mesmo hábito. Todos eles diziam “A-mém”, exatamente do mesmo jeito. Bem, meus caros amigos, estou deliberadamente lhes dando este exemplo ridículo para que vejam como é errado isso. E isso não acontece só com membros de igreja. Havia há um tempo no sul de Gales um conhecido pregador que era muito eloqüente, mas que não sabia usar bem a voz. Em conseqüência, acabou perdendo a voz e teve que ficar de licença muito tempo. Finalmente ele descobriu o segredo de pregar sem prejudicar a voz, e o segredo era que ele devia pregar com entonação nasal; começou a fazer isso, e resolveu o problema. Ele tinha também um tufo de cabelo que tendia a cair sobre a sua sobrancelha direita e, quando estava pregando, afastava do olho o tufo periodicamente. Não passou muito tempo, e ele tinha produzido uma escola de jovens pregadores que falavam com entonação nasal e puxavam repetidamente o cabelo para trás! Isso é carnal, e totalmente alheio ao ensino do Novo Testamento. O ensino espiritual concernente à natureza da Igreja Cristã é unidade expressa por meio de variedade.

Naturalmente isso leva ao terceiro grande princípio, que é que, evidentemente, as diferentes partes têm funções diferentes; nem todos os membros têm o mesmo ofício. O apóstolo desenvolve esse ponto em detalhe em 1 Coríntios, capítulo 12. As funções dos olhos e das mãos são diferentes, é óbvio; os pés e os ouvidos também cumprem diferentes tarefas, e assim acontece com as demais partes do corpo. Também diferem em graus de poder e de importância. O apóstolo fala em membros “mais nobres”, “menos honrosos” e “menos decorosos”, partes que somos tendentes a menosprezar (versículos 23, 24). Mas o ponto visado por Paulo é que cada parte tem função diferente e importante.

Ora, as pessoas tendem geralmente a esquecer essa verdade, e isso é causa de ciúme, de inveja e de formularmos conceito errôneo sobre nós mesmos e sobre os outros.

Queremos ser isto e queremos ser aquilo. É um problema de veras real, e se vocês não têm nenhum conhecimento disso em sua experiência pessoal, fico sem entendê-los, porque o diabo sempre tenta a pessoa espiritual nessa linha. Todos nós queremos fazer certas coisas, e nos é difícil conformar-nos em fazer coisa diferente.

O que quero dizer é o seguinte: há muitos que se dispõem a ir para terras estrangeiras, para o Extremo Oriente ou para a África ou para algum outro lugar, e estão dispostos a realizar tarefas servis, obras de caridade e de amor, pela causa do Senhor e do evangelho. Estão prontos a ir até os confins da terra, mas não se dispõem a realizar as mesmas obras neste país, apesar de freqüentemente haver necessidade delas. Há um certo encanto em trabalhar no estrangeiro, e assim a nossa natureza carnal quer fazer isso. Por vezes tenho tido que mostrar aos moços que nem todos são destinados a tornar-se pregadores. Mas obviamente há gente que tem essa impressão. É espantoso quantas vezes as pessoas têm que dizer isso. Um certo tipo de pessoa é convertida, e imediatamente o seu primeiro pensamento é que deve abandonar sua profissão atual porque todos os cristãos devem realizar obra cristã em tempo integral. Todavia nem todos fomos destinados a isso. Os cristãos são igualmente chamados para agir na sociedade em muitas áreas diferentes de trabalho.

Essa foi uma das grandes descobertas que Martinho Lutero fez no tempo da Reforma Protestante – que você pode ser tão bom cristão varrendo o assoalho como sendo monge ou freira. A incapacidade de entender isso deve-se à incapacidade de compreender este princípio concernente ao funcionamento do corpo físico, que é uma analogia perfeita do funcionamento da Igreja Cristã.

Mas, em quarto lugar, não só devemos livrar-nos da noção de que todos devemos fazer a mesma coisa – como o apóstolo diz: “Se todo o corpo fosse olho, onde estaria o ouvido? Se todo fosse ouvido, onde estaria o olfato?” (1 Coríntios 12:17)

– porém Paulo vai ainda mais longe e diz que cada função de cada parte do corpo não somente é importante, mas também é essencial ao funcionamento do corpo todo.

E a função não é só importante em si e de si; também é de importância com relação às outras partes; é de fato importante para a totalidade do corpo. Quando vocês pensam no corpo humano – como o apóstolo sugere tão abertamente – vêem que algumas partes do nosso corpo são “menos honrosos”. Não falamos delas em público e não escrevemos sobre elas – essa é a prática decente e cristã. Entretanto não é porque não se fala delas que devam ser consideradas inúteis e sem valor. Claro que são úteis e importantes; não poderíamos viver sem elas. Cada membro tem uma função que não é apenas importante, é também essencial ao funcionamento do corpo todo, e, se faltasse uma delas, o corpo não seria somente anormal, seria incapaz de funcionar como lhe cabe. Sendo assim, desenvolvam este ponto vocês mesmos, em termos da Igreja Cristã. Cristão não essencial é coisa que não existe – nenhum membro de igreja é destituído de importância. Cada um de nós tem uma função que é de vital importância para o todo.

O quinto princípio é que, por conseguinte, nenhuma função do corpo é independente das demais, ou da cabeça. Nem um só dos membros do corpo pode existir por si mesmo; só tem sentido em sua relação com os demais, e na relação deles todos com a cabeça.

Pois bem, no momento em que vocês pensam nisso, vêem que o corpo funciona harmoniosamente quando todas as suas partes e porções cumprem suas respectivas funções, e isso acontece quando, e somente quando, elas são chamadas a participar da ação total do corpo para propósitos específicos. Elas não têm como agir sós; nunca têm como agir independentemente. São parte integrante do todo e agem somente quando movidos pelo corpo todo. Este é o ponto central que o apóstolo salienta aqui e se esforça para esclarecer. As pessoas tendem a pensar que o dom delas é *delas*, algo isolado, e se

esquecem de todas as outras pessoas. “Este é o dom que eu tenho”, pensam, e ficam ansiosas para exibi-lo. Em Corinto todos os cristãos estavam querendo falar em línguas, e todos, talvez, estavam querendo fazer isso ao mesmo tempo. É justamente isso que Paulo se vê na obrigação de corrigir, e ele o faz em termos desta analogia do corpo.

Permitam-me ilustrar isso em termos médicos. No momento em que qualquer parte do meu corpo começa a agir por sua conta, independentemente de mim, ou independentemente das outras partes do meu corpo, significa que estou doente. A melhor ilustração em que posso pensar é a de uma pessoa que está sofrendo um ataque de epilepsia, quando diferentes partes do corpo estão em convulsão. A pessoa não quer que as partes do seu corpo se agitem dessa maneira; a essência dessa moléstia é isso. Alguma irritação nalgum lugar força seus braços e pernas a fazer coisas que a pessoa não quer nem deseja. Essa é uma condição de enfermidade.

Ou vejam um exemplo ainda mais simples: vocês têm visto pessoas que têm o que chamamos “tiques”, talvez um repuxo de certos músculos do rosto ou dos olhos? Não é voluntário. As pessoas não querem que aconteça, acontece a despeito delas. É sinal de uma condição anormal, para não dizer de enfermidade. No momento em que as partes individuais do corpo começam a agir por conta própria, e não da maneira que se espera, a pessoa se defronta com uma condição de enfermidade.

Se vocês lerem a história da Igreja Cristã, verão essa condição ilustrada vezes sem conta. Foi essa a essência do problema da igreja de Corinto. Vocês podem, se quiserem, descrever a igreja de Corinto como uma igreja em convulsão; e hoje existem igrejas parecidas com ela. Espera-se que um homem pregue do púlpito, mas outras pessoas se põem a gritar ou a cantar. Por isso o apóstolo diz: “Faça-se tudo decentemente e com ordem” (1 Coríntios 14:40). “Deus não é Deus de confusão, senão de paz” (1 Coríntios 14:33). A situação era

que aquelas pessoas começaram a agir por sua conta, em vez de funcionarem como partes do corpo. Tais ações independentes sempre levam a uma condição de enfermidade, à confusão e ao caos.

Assim, pois, o princípio número seis é que cada função particular contribui para o todo. O corpo sempre visa a atuar como um todo, e cada parte está envolvida nessa ação total. Permitam que lhes mostre o que quero dizer. Observem o falar que vocês me podem ver e ouvir proferir neste momento. Que é que torna isso possível? Naturalmente é a ação harmoniosa de todas as partes do meu corpo. Uma vez eu defini a saúde como o estado e condição em que a pessoa esquece que tem corpo. Você está realmente são quando esquece a sua saúde e quando esquece que tem corpo. Tudo está funcionando tão bem que você não tem ciência dele. No momento em que a sua atenção é dirigida para uma parte particular, é provável que haja algo errado ali.

O funcionamento do corpo todo se faz possível porque cada parte está se portando da maneira como se espera que se porte. Eu não posso efetuar nenhuma ação sem que a totalidade do meu corpo esteja envolvida. Por exemplo, a minha mente está engajada quando falo me dirigindo a vocês, mas a minha vontade também está. Eu escolhi falar; mas, embora eu possa ter uma boa mente e possa ter elaborado uma boa mensagem, se o meu coração não estivesse funcionando bem, eu não seria capaz de falar. Isso significa que o meu coração também está envolvido. E a minha circulação precisa estar bem; os meus músculos e os meus nervos precisam estar bem; meus braços e pernas também; e deveras mais, os meus órgãos digestivos precisam estar bem! “Mas”, vocês dirão, “o homem prega com o seu estômago?” Claro que não! Contudo, se o seu estômago estiver mal, ele não pregará tão bem como pregaria se estivesse bem.

Como vocês podem ver, todas essas partes do homem, todas elas, influem no ato de pregar. Se houver algo errado em

algun ponto, isso afetará a minha pregação. Isso porque o corpo é um todo, uma unidade. Cada função é de vital importância, e cada função contribui para o funcionamento do todo. Noutras palavras, o corpo é o que há de glorioso, e isso por causa do equilíbrio extraordinário existente, desta coesão, desta relação mútua, desta harmonia; e essa é a condição do corpo quando ele está funcionando corretamente, como deve, e é assim que a Igreja deve ser.

Depois, o sétimo princípio é que a grande verdade que devemos lembrar é que cada função, cada membro, cada parte ou porção do corpo, deve, estar sempre, por conseguinte, sujeita ou subordinada à vontade e ao controle da cabeça. Vemos uma ilustração disso no livro de Atos. “E, passando pela Frigia e pela província da Galácia, foram impedidos pelo Espírito Santo de anunciar a palavra na Ásia” – queriam viajar à Ásia e estavam a pique de ir, como partes do corpo de Cristo. Estavam começando a agir – “e foram impedidos de pregar a Palavra na Ásia. E, quando chegaram a Mísia, intentavam ir para Bitínia, mas o Espírito não lho permitiu” (Atos 16:6, 7). Eles estavam indo agir por conta deles, mas foram impedidos pelo Espírito. De igual modo devemos compreender que todos nós devemos estar subordinados à Cabeça. Não decidimos quando agir ou mover-nos; não decidimos o que fazer. Ele decide.

E, assim, o último princípio é que a ocorrência de falha em qualquer das partes sempre afeta o corpo todo – e é neste ponto que o entendimento desta doutrina se torna tremendamente sério. Você diz: “Não tenho nenhum valor na igreja. Não sou nem um pouco importante”. Isso já é um erro. Como lhes estive mostrando, não há nenhuma parte da estrutura física que seja destituída de importância, e membro de igreja sem importância é coisa que não existe. Mas você está ainda mais errado por esquecer que, por causa da unidade orgânica, a sua condição pessoal afeta o todo. Paulo diz em 1 Coríntios 12:26: “Se um membro padece, todos os membros padecem...”,

e o outro lado disso é: “Se um membro é honrado, todos os membros se regozijam com ele”.

Como já vimos, no corpo físico há uma unidade orgânica. Conseqüentemente, se houver problema nalguma parte do corpo, o corpo todo sofrerá. Vejam, por exemplo, um homem que de repente pega uma infecção na ponta do seu dedo mínimo. “Trivial”, vocês dirão. “É apenas a ponta do dedo mínimo, que importância tem o que acontece ali?” Mas tem, e muita. Se você tiver uma infecção aguda em seu dedo mínimo, logo terá dor de cabeça. Logo subirá a sua temperatura; estará transpirando; não conseguirá pensar; poderá chegar a delirar. Era um problema só na ponta do dedo mínimo, sim, porém, lembrem-se, o sangue que passa por esse dedo percorre o corpo todo. Envenene o dedo, e todo o sistema ficará envenenado. Esse é o ensino, e vejam como é importante.

Portanto, a verdade que eu e vocês devemos ter no frontal da nossa mente, e na qual devemos concentrar-nos, não é a importância dos nossos particulares lugares ou posições ou funções, e sim o fato de que, seja quais forem as nossas posições, elas nos são dadas por Deus e são essenciais ao trabalho do todo. E, acima de tudo, devemos ter o cuidado de lembrar que, o que quer que sejamos e por mais sem importância que pareçamos ser para os outros na igreja, devido sermos parte deste corpo, o nosso dever supremo é certificar-nos de que estamos sempre gozando boa saúde. Eu devo certificar-me de que não há nenhuma doença espiritual em mim, porque, se houver doença em mim e eu sofrer, o corpo todo sofrerá. A Cabeça também estará envolvida no sofrimento. Assim é que o Novo Testamento não se preocupa tanto com qual deva ser a nossa função como com a nossa santificação, a nossa santidade, a nossa saúde.

Quantas vezes se vê no jornal um título que diz: “Professor da Escola Dominical acusado disso e daquilo”! Depois, lendo-se a narrativa, vê-se que esse homem, esse pobre homem que está enfrentando o tribunal, tinha sido professor

da Escola Dominical já fazia vinte ou trinta anos. Fazia tempo que ele não era mais professor da Escola Dominical, mas é isso que é posto em destaque, e isso afeta a reputação da igreja toda. Isso pode ser verdade acerca de cada um de nós. Por causa da unidade orgânica, o que acontece com alguma parte envolve o todo.

Assim, o apelo que nos é feito é que não pensemos na função particular concedida a nós. Quero dizer com isso que nunca devemos pensar nisso em termos da sua importância ou falta de importância. Antes, devemos dizer: “Pela graça de Deus sou o que sou” (1 Coríntios 15:10). A posição é um dom concedido a mim, não é escolha minha, nem minha produção. Ele me colocou ali. Eu sou vital; como acontece com as partes mais exaltadas e mais encantadoras, sou igualmente parte do corpo. Estou no mesmo corpo em que elas estão e tenho uma função que, em última instância, é tão essencial como as delas. As funções diferem em grau e em importância, não porém em seu valor fundamental.

Portanto, jamais deve existir orgulho; jamais deve existir inveja; jamais deve existir desprezo. Precisamos descobrir o que somos e o dom que nos é dado. Não fomos todos destinados a fazer ou a ser a mesma coisa, mas nesta gloriosa variedade e variação revelamos a unidade, a maravilha disso tudo, a Igreja como o corpo de Cristo. E quando pensamos em nós mesmos como indivíduos, devemos pensar só numa coisa – que devemos ser sempre total e completamente sadios espiritualmente em Seu serviço. Jamais devemos ser causa de embaraço. Considerem de novo a ilustração que tomei do corpo humano. Talvez vocês se inclinem a pensar levemente: “O estômago não tem nada que ver com a pregação”. Bem, tudo o que eu digo é: certifiquem-se de que o estômago não adoeceu, certifiquem-se de que ele não está causando indigestão, porque, se estiver, com certeza afetará a pregação.

Estejam prontos, estejam sempre a serviço de Cristo, para que, toda vez que Ele agir ou mover-Se, não haja nenhum

empecilho, não falte nada, não haja nenhuma restrição, nenhum obstáculo, nenhum bloqueio em parte alguma. Certifiquem-se de que cada parte está pronta. Então Ele age e realiza a Sua obra extraordinária e estupenda, e o Seu nome se faz glorioso na terra.

Queira Deus conceder-nos entendimento disto, e a graça para aplicá-lo ao nosso próprio caso e posição como “membros, diversificados e unidos, do corpo de Cristo”.

14

“Porque assim como em um corpo temos muitos membros, e nem todos os membros têm a mesma operação, assim nós, que somos muitos, somos um só corpo em Cristo, mas individualmente somos membros uns dos outros.” – Romanos 12:4,5

A palavra “assim”, no versículo cinco, lembra-nos imediatamente que o apóstolo está aplicando a ilustração utilizada no versículo 4 ao estado, condição e natureza da Igreja. É esse o seu objetivo geral. Ele está tratando do tema da vida na esfera da Igreja e de algumas dificuldades que surgem, principalmente em conexão com o uso dos diversos dons que Deus, em Sua graça, nos concede como Seu povo.

Passemos agora a ver como Paulo usa a sua ilustração. Este versículo cinco é muito importante porque é o versículo que, talvez mais claramente do que qualquer outro desta Epístola particular, dá-nos um entendimento da doutrina do apóstolo sobre a Igreja. Ele nos dá esta doutrina mais extensamente noutras passagens, mas, nesta Epístola, este versículo é crucial.

Pois bem, vivemos numa época em que os cristãos falam mais sobre a unidade da Igreja do que eles têm em feito muitos séculos. Desde a Reforma tem-se falado relativamente pouco sobre a unidade da Igreja. Houve uma grande divisão, que levou a subdivisões, de modo que não é de admirar que se tenha dado pouca atenção a esta doutrina. E, por razões que vou colocar diante de vocês, penso que todos nós devemos confessar-nos culpados a este respeito, e confessar-nos culpados em nome de muitos dos nossos antepassados.

Mas hoje a situação é na verdade muito diferente, e constantemente se faz referência à questão da unidade. Um segmento mantém uma agremiação ou um concílio para promovê-la, outro faz a mesma coisa, e todos eles ficam falando sobre isso. Portanto, é extraordinariamente importante que entendamos algo do ensino do grande apóstolo sobre este assunto vital, e aqui o temos em sumário. Bem, muitas vezes, ao tratar desta Epístola aos Romanos, tive ocasião de dizer que sempre devemos lembrar que temos aqui um sumário de doutrina, e o nosso dever é expandir o sumário, extrair daí a doutrina. Essa é a função de quem ensina e de quem prega, e é isso que devemos fazer agora.

Paulo diz: “Assim nós, que somos muitos, somos um só corpo em Cristo, mas individualmente somos membros uns dos outros”. Todavia, examinem o conteúdo desse texto! Procuremos aperceber-nos de algumas das coisas que ele nos diz sobre a Igreja, particularmente sobre a unidade da Igreja. É nisso que Paulo está interessado. Ele tem grande receio de que, de algum modo, a Igreja sofra ruptura ou seja desfigurada por uma falsa conceituação dos dons dados a pessoas especiais na Igreja. Consideremos, pois, o ensino de Paulo sobre esta unidade.

A primeira proposição é que a Igreja é o corpo de Cristo. “Nós, que somos muitos, somos um só corpo em Cristo.” Aí está o ensino do Novo Testamento sobre a natureza da igreja, e significa algo como o seguinte: a Igreja não é uma instituição humana, mas espiritual, uma sociedade sobrenatural. Agora, quando se examina a história geral da Igreja, vê-se que, obviamente, isso tem sido esquecido. A própria identificação de Igreja e Estado é, desde logo, uma completa negação deste fato, como também o é a idéia de que todos os que pertencem a uma paróquia são cristãos. Não, aqui há algo “em Cristo”, portanto, algo que não é natural. Não é material, não é físico e não é humano. É sobre-humano e sobrenatural; é uma sociedade espiritual.

Assim é que, como membros da Igreja, não somos apenas pessoas que crêem em certas coisas, mesmo em referência ao nosso Senhor; não somos meramente pessoas que crêem no Seu ensino. Você pode fazer tudo isso e, contudo, não ser membro da Igreja. É evidente que se você considera a Igreja como uma sociedade ou instituição humana, pode juntar-se a ela como pode juntar-se a qualquer outra agremiação ou organização. Mas, se aceitamos a proposição fundamental de que a Igreja é um corpo espiritual, uma sociedade espiritual, então temos que salientar o fato de que meramente crermos em coisas acerca de Cristo não significa que verdadeiramente somos membros da Igreja e partes do Seu corpo.

Digo isso porque há uma idéia comum, amplamente espalhada, de que o que faz de um indivíduo, homem ou mulher, um cristão e um membro da Igreja, é ele se interessar pelo ensino de Jesus Cristo – “Jesus”, como as pessoas que pensam dessa forma gostam de chamá-lo – e preocupar-se em aplicar o ensino de Jesus à sua vida e à vida das outras pessoas. Pode ser que elas também acreditem que a obediência aos ensinamentos de Cristo é a melhor maneira de dirigir um Estado, ou de pôr fim às guerras, e assim por diante.

Ora, conquanto tudo isso esteja correto até certo ponto, só isso não basta porque, por definição, o membro da Igreja Cristã, no sentido neotestamentário, é alguém que está em vital e vívida relação com o Senhor Jesus Cristo. A analogia do corpo prova isso. Como já vimos, o ponto visado pela ilustração do apóstolo no versículo 4 é que o corpo consiste de muitas partes, todas controladas pela cabeça e pelo grande sistema nervoso que começa na cabeça.

E o mesmo ponto é sustentado quando Paulo passa a aplicar a ilustração: “Nós, que somos muitos, somos um só corpo em Cristo”. Às vezes ele se refere à Igreja como “Cristo”, como em 1 Coríntios 12:12 – “assim é Cristo também”, referindo-se à Igreja. Daí, a definição neotestamentária básica da Igreja é que ela é o corpo de Cristo. Ele é a Cabeça,

ela o corpo, e nós, como membros individuais, somos parte deste corpo. E isso desde logo acentua o fato de que é uma relação vital e vívida. Ele habita na Igreja. Sua vida e Sua plenitude estão na Igreja, e Ele age nela e por meio dela.

Pois bem, no início do livro de Atos dos Apóstolos, Lucas nos lembra isso. Diz ele: “Fiz o primeiro tratado, ó Teófilo, acerca de tudo que Jesus começou, não só a fazer, mas a ensinar”. Depois Lucas passa a falar-nos sobre o que a Igreja faz, mas é Jesus que o faz por meio da Igreja. Noutras palavras, ela é o Seu corpo. Claro está que isso é básico e fundamental para quaisquer idéias que se tenham sobre a Igreja. Antes de nos pormos a falar em fusão, devemos realmente começar perguntando: que é uma igreja? Que é a Igreja? E, repito, o ponto do qual necessariamente devemos partir é que ela é uma sociedade espiritual, um corpo espiritual.

Agora vou lançar uma segunda proposição, decorrente da analogia: a Igreja é uma só – “Nós, que somos muitos, somos um só corpo em Cristo”. Temos aí o ensino direto sobre a unidade da Igreja, e Paulo não poderia ter empregado essa analogia se não fosse necessariamente própria e veraz. O corpo tem somente uma cabeça, e a cabeça tem somente um corpo. Uma cabeça com uma multiplicidade de corpos seria uma monstruosidade. Existem muitas partes e funções, mas há somente um corpo. E o apóstolo está dizendo que todos crentes verdadeiros são membros deste corpo uno e único, que, somente ele, é a Igreja verdadeira, a Igreja militante e a Igreja triunfante. Ou, se vocês preferirem, a Igreja visível e a Igreja invisível. Há aqueles que pertenceram à Igreja na terra e que já foram para a glória, mas eles ainda fazem parte deste corpo. Finalmente a Igreja consistirá de todos quantos tenham sido crentes verdadeiros através de todos os séculos – do Velho Testamento bem como do Novo.

Por isso não se deve discutir a questão da unidade da Igreja. É algo inevitável. Mas me preocupo em salientar que o ensino é que esta unidade é tal que deve ser visível, e aqui a

mensagem é dirigida a todos nós. Há, talvez, o perigo de que alguns de nós, quando falamos sobre o movimento ecumênico, demos a impressão de que não cremos na unidade da Igreja. Mas, como já vimos, não crer nela significa rejeitar o ensino do Novo Testamento sobre a Igreja. O nosso Senhor deixou isso perfeitamente claro em Sua grandiosa oração sacerdotal, na qual Ele ora pela unidade. Não deixou? Lemos que Ele orou: “Para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu em ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste” (João 17:21). Noutras palavras, um dos propósitos desta unidade é no sentido de que a Igreja possa evangelizar o mundo: “Para que o mundo creia que tu me enviaste”.

Pois bem, quando falarmos sobre “a unicidade e a unidade da Igreja invisível e da Igreja visível”, ou “da Igreja triunfante e da Igreja militante”, devemos ser muito cautelosos para não cairmos numa armadilha. Com muita freqüência os cristãos, os evangélicos, se contentam em dizer algo como o seguinte: “A Igreja visível está dividida, claro, mas a Igreja invisível não”. Traçam uma distinção perfeitamente válida e correta entre a Igreja visível e a invisível, distinção verdadeira quanto à Igreja na terra. Há muitos que, declarando-se membros da Igreja, negam tudo o que há no evangelho que consideramos essencial. Não obstante, eles são membros da Igreja visível.

E então dizemos: “Ah, sim, mas será que somos membros da Igreja invisível? É isso que importa. Não sabemos quem pertence à Igreja invisível, mas Deus sabe, e todos os que pertencem à Igreja invisível são um. Essa é a unidade”, dizemos, “da qual Ele está falando”. E daí temos a tendência de continuar e dizer: “Quanto à Igreja visível, nada disso importa; que ela se divida quanto se dividir. Que os cristãos verdadeiros permaneçam em denominações apóstatas. Isso não faz diferença alguma para a verdadeira Igreja, para a Igreja invisível”.

Mas sugiro-lhes que isso é muito errado, não somente à luz de João, capítulo 17, e das declarações presentes na oração sacerdotal que lembrei a vocês, porém também à luz de Romanos 12:5, e, na verdade, à luz de todos os apelos relativos à unidade visível que se acham no Novo Testamento. É dever do povo cristão, não somente crer na unidade da Igreja, mas também tornar visível a unidade, e estaremos pecando se não crermos na unidade da Igreja e na unidade visível da verdadeira Igreja. Não devemos recorrer a esse argumento sobre a Igreja invisível. É sempre nosso dever fazer o máximo que pudermos para tornar realidade a unidade visível do povo de Deus aqui na terra. Se não o fizermos, estaremos repudiando a última petição da oração sacerdotal do nosso Senhor.

Bem por que insisto em argumentar sobre isso? Só por uma razão. Embora haja pessoas que falam sobre a unidade em que não cremos – falarei disso num momento – é imperativo que nós, como evangélicos, não somente nos preocupemos com a unidade entre os crentes, porém, devido crermos nas Escrituras, devemos preocupar-nos com isso mais que ninguém. E eu acredito que temos uma oportunidade única no presente, quando vemos pessoas dizerem que estão prontas a “jogar tudo no cadinho” para fundir tudo. Estaríamos nós dispostos a isso? Não deveriam todos os crentes juntar-se e estabelecer sua unidade, que é fundamentalmente espiritual, visível também, e com isso trazer glória para o nome de Cristo e constituir o meio pelo qual, sob Suas mãos, evangelizar um mundo que Lhe é contrário?

Penso que isto nos vem como um desafio, e é como o apresento a vocês. Você, como evangélico, está contente em estar separado dos outros evangélicos? Você, que é um cristão verdadeiro, está contente não vivendo numa viva e visível comunhão com todos os outros crentes verdadeiros? Numa época como esta, teríamos o direito de permitir que questões secundárias, de terceira categoria, de décima categoria – muitas vezes de pura tradição e de acidente de nascimento – nos

dividam, a nós que declaramos fé na mesma verdade, que nos declaramos membros vivos do corpo vivo de Cristo? É isso que está envolvido aqui, e eu acredito que esse desafio nos vem com especial urgência nestes anos em que estamos vivendo.

Então, a Igreja é uma só: “Nós, que somos muitos, somos um só corpo”. Paulo não diz “muitos corpos”, mas “um só corpo”; somos muitos só no sentido de que temos diferentes dons e diferentes funções. E devemos acentuar que esta unidade da Igreja não é algo que deva ser discutido, mas sim é algo que deve ser estabelecido como necessariamente verdadeiro, à luz da ilustração, independentemente do ensino explícito.

Passo então a dizer, como minha terceira proposição, que a unidade é uma unidade espiritual. E isso, penso que vocês o verão, é, de novo, uma decorrência necessária. Observem as diversas ilustrações empregadas. Vejam as palavras do nosso Senhor em João, capítulo 15: “Eu sou a videira, vós as varas” (versículo 5). Essa é a natureza da união. A Igreja, como sempre se tem dito, é um organismo, não uma organização. Mas, tendo começado com pureza como organismo, de grau em grau a Igreja tornou-se uma organização, e vocês podem ler a história de como isso aconteceu. Naturalmente esse processo foi a galope quando Constantino decidiu tornar-se cristão e trazer com ele o Império Romano. A consequência foi que toda a organização de Roma foi transferida para a Igreja, e continua sendo parte integrante da Igreja. Embora tenha havido através dos séculos grande luta concernente a essa organização, muitos hoje pensam na Igreja puramente em termos de uma organização dirigida por homens e mulheres. Contudo, isso está imensamente longe de tudo o que se acha no Novo Testamento.

Por isso devemos assinalar que, assim como o corpo não é uma coleção de partes – e aqui estou aplicando a ilustração que analisamos em detalhe no estudo anterior – assim também

uma Igreja não pode concretizar a unidade meramente formando uma coalizão ou juntando as diferentes partes. Hoje em dia estão nos dizendo que os diferentes segmentos, as diferentes partes, devem unir-se a fim de prover uma “frente unida”. Bem, os partidos políticos podem fazer isso, e em tempo de guerra geralmente fazem. Decidem, por um tempo e com determinado propósito, formar uma coalizão. Mas, como já vimos, não é o que temos aqui. O corpo não é uma coleção de partes; há uma unidade essencial, e os membros são parte integrante dessa unidade.

Tampouco se pode tornar real e concreta a unidade ignorando ou suprimindo certas coisas. A tendência atual, que se vê no chamado movimento ecumênico, é tomar os diferentes segmentos da Igreja e então dizer: “Agora, que modificação este precisa fazer?” Ou: “Aquele também precisa fazer alguma concessão. É preciso cortar um pouco as asas do papa e restringir um pouco o seu poder; essa é a modificação da igreja católica romana. A Igreja da Inglaterra também precisa fazer sua modificação, e as igrejas livres ou independentes também”. Assim, as pessoas nisso interessadas se reúnem para considerar as acomodações, e depois esperam poder aglutinar as suas igrejas para a formação de uma só. Intentam sua coalizão ignorando ou suprimindo certas idéias por amor de uma frente comum. Já vimos isso durante a Segunda Guerra Mundial, quando tivemos um governo de coalizão, e na Primeira Guerra Mundial. Só é possível isso com base em que os partidos que fazem a coalizão não tratem de política partidária por algum tempo. Não deixam de acreditar nos princípios pelos quais militam, mas dizem que por um tempo não os considerarão porque têm um inimigo comum. E há pessoas que abordam a questão geral da unidade da Igreja com essa mentalidade, entretanto é a negação da unidade espiritual que temos aqui.

Permitam, pois, que eu diga o seguinte: a unidade de que o apóstolo fala é uma unidade que nunca pode ser

produzida pelos seres humanos – nunca! “Nós, que somos muitos, somos um só corpo em Cristo, mas individualmente somos membros uns dos outros”. Também isso é algo que se segue necessariamente da ilustração do corpo. Como temos visto, o corpo humano começa a partir de uma célula, que, tendo sido fecundada, desenvolve-se e cresce. Suas proliferações vão surgindo e formam o pescoço, os braços, os pés, o tronco etc. E com a Igreja acontece exatamente a mesma coisa. É algo sobrenatural; é miraculoso; é “algo” divino. E assim a ilustração prova para nós que os homens e as mulheres jamais podem produzir esta unidade, e, naturalmente, a Bíblia nunca nos exorta a fazê-lo. O que Paulo nos exorta a fazer é *manter* a unidade – o que é inteiramente diferente. Ele não nos diz que a produzamos, e sim que demos continuidade ao que já existe. “Esforçando-vos”, diz ele em Efésios 4:3, “para manter a unidade do Espírito pelo vínculo da paz” (VA). Isso não é criar, mas manter em existência. É Deus que a produz.

Permitam que me expresse desta maneira: penso que é muito importante compreender que a unidade da Igreja não é algo em si e de si; é simplesmente o resultado de outra coisa. Voltemos à ilustração do corpo. A unidade do corpo não é algo que, digamos, você pode abstrair do corpo e considerar como algo que existe em si e por si, e então você pode produzir. O princípio essencial, a vida original, propaga-se de dentro para fora. Faz parte do ser essencial do corpo. Portanto, nunca deve ser considerado isoladamente.

E eu sinto que esse é o problema de grande parte desta conversa moderna sobre unidade. Sempre se fala dela como algo que existe em si e por si; entretanto não existe tal coisa. É por isso que é tão difícil definir o que é unidade. Deixem-me usar outra ilustração. Tomemos uma flor. A flor é uma e uma; é um todo, é uma unidade. Mas, se vocês tentarem analisar essa unidade tirando as pétalas, os estames etc., no fim não terão flor nenhuma; não ficará nada. É exatamente o

que se dá com relação à Igreja.

Mas, falemos positivamente. A unidade da Igreja é resultado unicamente da obra criadora do Espírito Santo. Este é o princípio absolutamente essencial. É como sempre a Igreja vem a existir. É a única maneira pela qual nos tornamos partes do corpo de Cristo. Que é que o Espírito Santo faz? Bem, a primeira coisa, naturalmente, é dar-nos um novo nascimento. Ninguém pode ser membro da Igreja se não “nascer de novo” (João 3:3), se não “nascer do Espírito” (João 3:5). Isso é absolutamente fundamental. Você pode nascer britânico, mas isso não o torna cristão. Você pode nascer de pais cristãos, mas isso não o torna cristão. “Se alguém não tem o Espírito de Cristo”, diz Paulo em Romanos 8:9, “esse tal não é dele”. E embora os homens e as mulheres possam ser bons, virtuosos, e excelentes membros de uma Igreja visível, isso não significa que eles são membros do corpo de Cristo. Ser membro do corpo de Cristo é algo espiritual, é, portanto, algo que só pode ser produzido pelo Espírito Santo, e essa é a Sua primeira ação grandiosa. Ele nos toma, um a um, age em cada um de nós, e então este grande ato de *re*-criação ocorre.

Depois, como diz 1 Coríntios 12:13, o Espírito nos batiza no corpo de Cristo. “Pois por* um só Espírito nós todos fomos batizados num só corpo, quer judeus quer gentios, quer escravos quer livres; e a todos nós foi dado beber de um só Espírito” (VA). Essa também é uma ação que somente o Espírito Santo pode realizar. Não é o batismo com o Espírito, mas o Espírito batizando-nos no corpo de Cristo, a nós, em quem Ele primeiramente fez produzir-se a regeneração. Desafortunadamente, há muita confusão hoje em dia sobre isso. É o Senhor Jesus Cristo que nos batiza com o Espírito. Mas aqui nos é relatada uma ação do Espírito pela qual Ele nos batiza no corpo de Cristo e nos faz membros desse corpo. Somente Ele pode fazer isso. Não podemos fazer isso a nós mesmos, e

* NVI, nota de rodapé. Nota do tradutor.

não podemos fazê-lo a outras pessoas. O fato de sermos cristãos, de sermos membros do corpo de Cristo, significa que somos “participantes da natureza divina” (2 Pedro 1:4). Por isso saliento que a Igreja não é uma instituição humana. É sobrenatural; é divina; é espiritual em sua própria essência.

Agora, neste ponto, permitam que eu lance sobre vocês um problema para que o considerem. Acaso vocês não acham que isso tem algo para nos dizer sobre as crianças como membros da Igreja? Há aqueles que sustentam a idéia de que a Igreja consiste de verdadeiros crentes no Senhor Jesus Cristo com seus filhos, e que seus filhos, batizados na infância, são membros da Igreja. Muitos segmentos da Igreja crêem nesse ensino, mas me parece que devemos ser cautelosos ao dizermos tal coisa, por esta razão: você está dizendo que, porque essa criança, menino ou menina, foi batizada, ela se tornou membro da Igreja. Mas a Igreja é o corpo de Cristo e todo e qualquer membro do corpo de Cristo tem em si a vida e a plenitude de Cristo exatamente da mesma maneira como acontece com seus pais crentes. Portanto, se as crianças são membros em consequência do batismo, receberam a vida divina. Daí, uma vez que elas não podem crer, por serem bebês inconscientes, você está ensinando a regeneração batismal.

Penso que devemos reconsiderar estas questões. Geralmente nos damos por satisfeitos em tocar para diante e repetir o que nos foi dito pelos que viveram antes de nós. Mas, não será essencial que nós, como evangélicos, reexaminemos todas estas questões à luz do ensino das Escrituras? Por isso levanto esse problema para a sua consideração. Naturalmente, uma criança pode crer no Senhor Jesus Cristo – não porém um bebê inconsciente. Penso eu que somente são verdadeiros membros do corpo de Cristo aqueles que “nasceram de novo”, e somente aqueles que têm fé nEle e que podem dar expressão à sua fé.

Portanto, precisamos considerar mais uma vez a relação das crianças com a Igreja. Não quero aprofundar-me nisso

agora, porém se alguém quiser usar o argumento de 1 Coríntios, capítulo 7, meu parecer é que essa passagem não ensina nada mais do que os filhos de pais crentes têm direito de participar das reuniões da igreja e que, portanto, eles têm vantagens que outras crianças não têm. Mas não significa que nasceram de novo. Assim, pois, a analogia nos compele a pensar nisso. Se somos membros da Igreja, somos membros do corpo de Cristo.*

Há outra questão aqui, novamente muito importante. Esta unidade, esta verdadeira unidade espiritual, que é característica da Igreja e dos membros da Igreja, é uma unidade da pessoa completa – e quero acentuar que, em particular, é uma unidade que inclui a mente.

Aqui, de novo, chegamos a uma questão deveras crucial

* É muito interessante a preocupação do autor em que se reexamine a questão aí discutida. Tomo a liberdade de sugerir alguns dos muitos pontos que poderiam ser apresentados para ajudar a avaliação das posições. Refiro-me ao seguinte: nem todos os que professam sua fé em Cristo, são batizados e se tornam membros de igreja são salvos. Geralmente se reconhece, com o autor, que pertencer a uma igreja visível não significa necessariamente pertencer à Igreja invisível (ao corpo de Cristo). O texto de Marcos 16:16 – “Quem crer e for batizado será salvo” – tem que ser interpretado à luz de passagens como Mateus 7:21: “Nem todo o que me diz, Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus”. É interessante que a parte final do versículo citado de Marcos já dá uma pista para a boa interpretação, pois isola a expressão de fé, separando-a do ato de batismo: “...quem não crer será condenado”. O batismo dá direito à admissão na igreja visível; a fé genuína dá direito à admissão na Igreja invisível. Declarar que alguém (criança ou adulto) pertence ao corpo de Cristo (à Igreja invisível) porque foi batizado, é pregar regeneração batismal. Declarar que alguém (criança ou adulto) pertence a uma igreja visível não é pregar regeneração batismal, mas é apregoar a esperança de que o Espírito Santo tenha efetuado ou efetue o novo nascimento dessa pessoa. A frase final desse trecho do autor: “Se somos membros da Igreja (“of the church”), somos membros do corpo de Cristo” é válida. É diferente de dizer: “Se somos membros de igreja (de uma igreja visível), somos membros do corpo de Cristo (da Igreja invisível)”. Pode ser que sim, pode ser que não. Nota do tradutor.

no presente debate. Vocês conhecem o dito: “A doutrina divide”. Na verdade, a unidade e a doutrina estão sendo colocadas como inimigas ou como antagônicas, e nos é dito que, se vocês vão começar a falar sobre doutrina, sobre ensino, nunca chegarão a ter unidade. O resultado é que, quando as pessoas começam a falar sobre unidade, realmente estão falando sobre um vago e geral espírito amistoso, de “uma certa fraternidade”, como lhe chamam, e elas dizem que é este espírito geral que nos levará à unidade.

E então, claro, elas passam a dizer que só se pode chegar a isso como resultado da supressão de idéias e de uma redução da doutrina. Isso, penso eu, é um dos grandes problemas que nos confrontam no presente, a todos nós, como cristãos evangélicos, porque alguns evangélicos agora estão falando dessa maneira. Dizem eles: “Doutrina não importa. O que importa é que Fulano de Tal tem o Espírito”. Está sendo dito que os homens e as mulheres podem receber o Espírito em toda a Sua plenitude e continuar sendo católicos romanos, crendo na transubstanciação e em toda a mágica da missa, e nos conceitos sacramentais da igreja católica romana. O que a pessoa crê não é importante; o importante é ter em si o Espírito.

Essa conversa está se tornando muito comum nos dias atuais. As pessoas estão dizendo que você pode ter unidade verdadeira apesar de haver desacordo profundo concernente a doutrinas vitais e essenciais. Mas o que eu desejo dizer a vocês é que, novamente, isso é negar completamente o ensino deste singular versículo, Romanos 12:5, nem sendo preciso ir mais longe. Não se pode ter unidade se esta não inclui mente e pensamento. A ilustração torna isso impossível. Cristo é a Cabeça do corpo, que é a Igreja, e, diz o apóstolo Paulo aos coríntios, “nós temos a mente de Cristo” (1 Coríntios 2:16). Assim é que todos nós temos a mente de Cristo – temos que ter. Todo aquele que é um verdadeiro membro da Igreja, é membro de Cristo e constitui parte do corpo de Cristo, e é a

mente de Cristo que controla o todo.

Não somente isso. O Espírito, que produz esta unidade, é o Espírito Santo, que é também chamado “o Espírito da verdade” (VA) (João 14:17; 15:26; 16:13). É feito um contraste entre Ele e o espírito do erro, e sobre Ele disse o nosso Senhor: “ele vos guiará em toda a verdade” (João 16:13). Portanto, é essencial que esta unidade seja uma unidade da mente, e não uma vaga unidade de espírito. Por isso chamamos o Espírito Santo de *santo* Espírito – para mostrar que Ele é a antítese eterna dos demais. Sabemos pelas Escrituras e por experiência que existem outros espíritos. Estes são espertos e astutos, e o chefe deles, o diabo, pode transformar-se em “anjo de luz” (2 Coríntios 11:14). Daí, como saber se o espírito que me está falando é o Espírito Santo, e não outro? Como posso determinar isso?

Há só uma resposta: unicamente a minha mente. Essa é a razão pela qual João diz o seguinte: “Amados, não creiais a todo espírito, mas provai se os espíritos são de Deus; porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo” (1 João 4:1). E em 1 Tessalonicenses, capítulo 5, vocês encontram o mesmo ensino: “Examinai tudo. Retende o bem” (versículo 21). Como poderão examinar tudo senão usando a sua mente? O ensino que diga que vocês não precisam pensar e que a unidade não envolve a mente é uma negação da ilustração do corpo, e uma negação do ensino bíblico explícito. Não, a mente está envolvida, e o Novo Testamento deixa isso mais que claro.

Examinem este ensino nesta mesma Epístola, nesta grande Epístola aos Romanos. Aqui, no capítulo 12, o apóstolo trata da questão da unidade do corpo; mas, notem, ele já tinha escrito onze capítulos antes de chegar a este. De que ele tinha tratado naqueles onze capítulos? Doutrina! Ensino! Este ensino profundo, essencial, sem o qual uma pessoa não é cristã. Noutras palavras, Paulo não poderia tratar da questão da unidade enquanto não expressasse a sua grande doutrina.

E é exatamente a mesma coisa em todas as outras Epístolas. É onde entra o “pois”: “Rogo-vos pois, irmãos”. A doutrina é parte vital e essencial da unidade.

No entanto, permitam que eu lhes ofereça algumas evidências para comprovação e suporte. Em Atos 2:42, na descrição da Igreja Primitiva, vemos este princípio em ação: “E perseveravam” – primeiro – “na doutrina dos apóstolos (em seu ensino)” – depois – “e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações”. Não se começa pela comunhão, mas sim pela doutrina. Sem doutrina não há comunhão. A ordem dos termos é absolutamente vital.

Observem, porém, que não é doutrina nossa; não é teologia de teólogos. É *o ensino dos apóstolos*. Essa é a base, e sem esta não há unidade. A Igreja é edificada “sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas” (Efésios 2:20). É o ensino deles que constitui o verdadeiro alicerce.

Ou vejam o começo de Efésios, capítulo 4. É ali que Paulo fala sobre esforçar-nos para “guardar” ou “manter” a unidade do Espírito pelo vínculo da paz” (versículo 3). E continua: “Há... um só Senhor, uma só fé, um só batismo” (versículos 4, 5). E depois Paulo passa a mostrar a existência de diferentes ofícios na Igreja para a instrução dos cristãos neste conhecimento e para edificá-los juntos para que finalmente cheguem à “medida da estatura completa de Cristo” (versículo 13). E Judas fala sobre “a fé que uma vez foi dada aos santos” (versículo 3). A fé! O ensino! Há somente um ensino, e ele foi entregue uma vez por todas.

Notem igualmente como o apóstolo é sempre cauteloso em assinalar que o seu ensino é exatamente o mesmo de todos os demais apóstolos. Ele tinha chegado tarde a esta verdade, tinha sido um perseguidor, porém quer mostrar que a sua doutrina é a mesma, pelo que escreve aos gálatas: “Maravilho-me de que tão depressa passásseis daquele que vos chamou à graça de Cristo para outro evangelho. O qual não é outro, mas há alguns que vos inquietam e querem transtornar o

evangelho de Cristo”. E continua: “Assim como já vo-lo dissemos, agora de novo também vo-lo digo. Se alguém vos anunciar outro evangelho além do que já recebestes, seja anátema” (Gálatas 1:6,7,9). Vocês não conseguirão achar nada que seja mais forte que isso.

Ouçam, a seguir, o que Paulo diz no capítulo dois de Gálatas. Diz ele: “E subi (para Jerusalém) por uma revelação, e lhes expus o evangelho que prego entre os gentios, e particularmente aos que estavam em estima para que de maneira alguma não corresse ou não tivesse corrido em vão” (versículo 2). E em 1 Coríntios, capítulo 15, ele sustenta o mesmo ponto. Ele dá ênfase a que o evangelho que ele pregava era exatamente a mesma mensagem pregada por todos os outros apóstolos. “Então, ou seja eu ou sejam eles, assim pregamos e assim haveis crido” (versículo 11). Todos eles pregavam exatamente a mesma mensagem. E nos primeiros versículos desse capítulo 15 de Coríntios Paulo lembra aos coríntios qual é a mensagem.

Os homens e as mulheres só se tornam cristãos quando crêem na verdade concernente ao Senhor Jesus Cristo. Há pessoas que dizem: “Oh não, você crê no Senhor Jesus Cristo, não na verdade sobre Ele”. Mas quem é Ele? Que fez Ele? Por que devo crer nEle? Não podemos separar estas coisas. E, na verdade, o apóstolo expressa este ponto com muita clareza em 1 Timóteo, capítulo 2, onde ele nos diz que oremos por toda espécie de pessoas, e escreve: “Porque isto é bom e agradável diante de Deus nosso Salvador, que quer que todos os homens se salvem, e venham ao conhecimento da verdade” (versículo 3,4). E a verdade é esta: “Há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem. O qual se deu a si mesmo em preço de redenção por todos, para servir de testemunho a seu tempo” (versículos 5,6). É isso que torna cristãs as pessoas. Vieram ao conhecimento da verdade; a mente delas se engajou. Todos quantos são membros do corpo de Cristo têm esta mente, este

entendimento. Este é o grande argumento de todo o capítulo 2 de 1 Coríntios, e, na verdade, em 1 Coríntios 12:3, Paulo diz – e isto é muito importante – “Portanto vos quero fazer compreender que ninguém que fala pelo Espírito de Deus diz: Jesus é anátema, e ninguém pode dizer que Jesus é o Senhor” – e isso não é só dizer, mas é crer nisso, é dizê-lo de coração – “senão pelo Espírito Santo”. E todos quantos são membros deste corpo dizem isso. Não dizem que Jesus é apenas homem, um grande homem, um mestre religioso, não, eles asseveram que Ele é o Filho de Deus encarnado, e crêem em tudo o que decorre disso.

E assim chego ao meu derradeiro ponto. É só este entendimento, e a inclusão da mente, que nos mantém juntos em unidade. Isso é uma parte vital da unidade. É a única coisa que a preserva – você jamais preservará a unidade, se a sua mente não estiver engajada. Quando Paulo dá graças a Deus pelos cristãos de Filipos, ele diz: “Como tenho por justo sentir isto de vós todos, porque vos retenho em meu coração, pois todos vós fostes participantes da minha graça... E peço isto: que a vossa caridade (ou amor)” – não amor sentimental – “abunde mais e mais em ciência e em todo o conhecimento” (Filipenses 1:7,9). E então, no fim do capítulo, no versículo 27, ele diz: “Somente deveis portar-vos dignamente conforme o evangelho de Cristo, para que, quer vá e vos veja, quer esteja ausente, ouça acerca de vós que estais num mesmo espírito, combatendo juntamente com o mesmo ânimo pela fé do evangelho”, (ou, VA: “...combatendo juntamente com a mesma mente pela fé do evangelho”).

Ele diz a mesma coisa outra vez em Colossenses, capítulo 2. Ele ora pelos cristãos de Laodicéia, “Para que os seus corações sejam consolados, e estejam unidos em caridade, e enriquecidos da plenitude da inteligência, para conhecimento do mistério de Deus – Cristo... Porque, ainda que esteja ausente quanto ao corpo, contudo em espírito estou convosco, regozijando-me, e vendo a vossa ordem” – eles são como

soldados em suas fileiras; todos eles se mantêm “em ordem”,* como Paulo diz – “e a firmeza da vossa fé em Cristo... Arraigados e sobreedificados nele, e confirmados na fé, assim como fostes ensinados, abundando em ação de graças. Tende cuidado, para que ninguém vos faça presa sua, por meio de filosofias e vãs sutilezas, segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos do mundo, e não segundo Cristo” (Colossenses 2:2,5,7,8). E assim é em todas as Epístolas de Paulo.

Minha última citação é de 2 Tessalonicenses 2:15 – “Então, irmãos, estai firmes e retende as tradições que vos foram ensinadas, seja por palavra, seja por epístola nossa. Não se pode manter a unidade sem que a mente esteja engajada; o erro e a heresia dividem, são causa de confusão. E pertencem à esfera da mente.

Concluo, pois, que nada é mais perigoso, mais antibíblico, do que colocar a unidade, e o entendimento e compreensão do evangelho, como opostos, colocar a doutrina e a unidade como antíteses. Não, a unidade é unidade na fé, na doutrina e no entendimento. É unidade da mente, como também do coração; unidade na esfera do espírito, falando em termos gerais. Estas coisas são vitalmente importantes. O mundo está repleto de outras vozes, mas aqui está o ensino das Escrituras, e ele é decorrência inevitável da ilustração da Igreja como o corpo de Cristo.

* Faz lembrar nossa expressão militar: “ordem unida”. Nota do tradutor.

15

“Assim nós, que somos muitos, somos um só corpo em Cristo, mas individualmente somos membros uns dos outros. De modo que, tendo diferentes dons, segundo a graça que nos é dada, se é profecia, seja ela segundo a medida da fé.” – Romanos 12:5,6

“Tendo diferentes dons, segundo a graça que nos é dada.” Essa frase resume o argumento que o apóstolo colocou diante de nós nos versículos 4 e 5, e vimos que o ensino de Paulo concernente à Igreja como o corpo de Cristo é uma doutrina muito profunda. Tentei mostrar sua relevância em relação a toda a conversa sobre a unidade da Igreja, e mostrei que você não pode começar a falar sobre a unidade da Igreja enquanto não estiver claro em sua mente o que é a Igreja. Vimos, então, que a unidade é espiritual e visível, e que só pode ser produzida pelo Espírito Santo. É uma unidade que inclui a mente e a doutrina, e é uma unidade que inclui a Cabeça, e a Cabeça governa tudo o mais.

A próxima coisa que eu gostaria de dizer sobre esta unidade é que ela está viva e funcionando. Isso, naturalmente, segue-se diretamente da afirmação de que é uma unidade orgânica; não organizacional, mas orgânica. Como já vimos, a Igreja é um organismo, não uma organização, e, por conseguinte, deduzo que a sua unidade é viva e ativa. É de esperar que um corpo seja ativo. Para isso ele existe. Ele é o meio pelo qual a pessoa opera e se expressa.

Assim, aqui também devemos traçar uma distinção entre um corpo e uma máquina. O funcionamento de uma máquina é mecânico, ao passo que a ação do corpo humano é fisiológico;

e há toda a diferença do mundo entre a mecânica e a fisiologia. A fisiologia é o estudo da ação de um organismo vivo, o que é inteiramente diferente da engenharia ou do estudo do maquinismo. A máquina é morta. Pode-se fazer muitas coisas com ela, porém nunca será possível torná-la viva, nem mesmo quanto a estes novos computadores que alguns dizem que podem pensar. Não podem. Você introduz informação neles, aciona uma tecla, e obtém o resultado que busca. Isso não é pensar. A grande diferença entre uma máquina e um corpo é o elemento vivo, vital, ativo, que constitui a própria essência de um corpo.

Pois bem, como o corpo de Cristo, a Igreja obviamente foi destinada a realizar a obra para a qual ela foi trazida à existência. Isso é verdade no que diz respeito ao nosso corpo humano. Este nos foi dado a fim de podermos agir e expressar-nos, e o corpo é sumamente apropriado ao funcionamento do ser humano. É por isso que cada um de nós tem um corpo, e não uma máquina, e isso é igualmente verdade em relação à Igreja. A Igreja expressa uma unidade viva e ativa.

Como o faz? Quais são as suas funções? Para que foi criada? Vejam a grande declaração feita pelo apóstolo Paulo em 1 Timóteo, capítulo 3. A Igreja, diz ele, é “a coluna e firmeza da verdade” (1 Timóteo 3:15). Em geral se diz, e eu acredito que está certo, que com isso Paulo quer dizer que a igreja é uma espécie de pedestal sobre o qual um grande quadro de notícias é mantido perante o mundo. Essa é uma das suas funções primordiais, se não a primordial. A primeira tarefa, a primeira atividade da Igreja é pregar o evangelho, tornar conhecidas as boas novas da salvação. Se os pregadores são arautos de boas novas, assim se dá com toda a Igreja. O pregador não está separado da igreja; faz parte dela.

Ou, como Pedro o expressou àqueles primeiros cristãos aos quais estava escrevendo: “Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido” – para quê? – “para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou

das trevas para a sua maravilhosa luz” (1 Pedro 2:9). É a mesma idéia.

É, pois, por meio da Igreja como o corpo de Cristo, este organismo vivo, que Deus torna conhecida a verdade sobre Si e sobre a Sua grandiosa salvação. Às vezes alguns dos antigos Pais da Igreja diziam que o dever da Igreja é “dar à luz filhos”. Talvez alguns de vocês se surpreendam por eu dizer isso, porque a igreja católica romana sempre gostou de intitular-se “a Mãe”. Mas João Calvino usava a mesma expressão, e nós não devemos permitir que os católicos romanos façam apropriação indébita dela. Há um sentido em que todos nós nascemos da Igreja. Não significa que, no sentido teológico, a Igreja é essencial à nossa salvação, mas que é por meio da Igreja e pela Igreja que nascemos. Não há dúvida sobre isso. É ela que se engaja na atividade que leva ao nosso nascimento. A atividade não é dela, porém de Deus, como lhes mostrarei, mas este é o método escolhido por Deus para realizá-la. Portanto, há um sentido em que a Igreja é nossa mãe, como Paulo diz em Gálatas 4:26: “Mas a Jerusalém que é de cima é livre; a qual é *mãe de todos nós*”. A Igreja foi criada para exercer suas funções dessa maneira.

E eu dou ênfase a isso porque, se a Igreja não está sendo ativa dessa maneira, está falhando. Não importa quão ortodoxa uma igreja seja, se não está agindo, está falhando. O corpo não é um mecanismo morto, é um organismo ativo. Pode-se ter uma máquina perfeita, com cada parafuso na posição certa, cada roda no lugar, todavia, se não acontece nada, é inútil. E, se a Igreja não é ativa, significa que há algo errado com ela; está enferma.

A característica do corpo é que os seus vários órgãos e partes estão sempre trabalhando, habilitando o corpo todo a se manter funcionando. O homem que passa o tempo todo na cama, sem fazer nada, está fazendo violência a seu corpo. Ele não foi criado, não lhe foi dado um corpo, para ficar deitado num leito ou num sofá o dia inteiro. Não, a finalidade do

corpo é estar em atividade.

E, penso eu, isso é algo que deve servir de desafio para nós todos – que, se não estamos manifestando a atividade para a qual o corpo foi criado, há algo errado conosco e não devemos descansar em nossa ortodoxia ou no que quer que seja. Uma igreja morta é uma contradição de termos, e uma igreja pode ser ortodoxa e estar morta. Uma igreja morta é uma igreja que não está proclamando o evangelho, uma igreja na qual ninguém nasce como resultado do seu testemunho. Tal igreja não está funcionando como foi destinada a funcionar.

No entanto, devo apressar-me a acrescentar que se deve manter um equilíbrio, e é neste ponto que esta analogia do corpo é tão importante e, ao mesmo tempo, tão fascinante. Embora o propósito seja que a igreja seja ativa e viva, devo salientar novamente que a atividade da Igreja é atividade da Cabeça. Não é da Igreja. Voltemos a esta analogia. O que o meu corpo é para mim, para o meu cérebro, para a minha personalidade, a Igreja é para Cristo. Ele é a Cabeça da Igreja, que é Seu corpo.

É a cabeça que controla tudo: é onde se inicia o movimento, é onde tudo começa. Assim, a proposição fundamental é que a atividade da Igreja é atividade do Senhor Jesus Cristo, e não meramente atividade da Igreja propriamente dita. E, portanto, esta analogia nos ensina que um dos perigos que corremos é o de tentar agir por nossa conta e independentemente dEle. Aqui sempre há extremos: os que não fazem nada, e os que tentam fazer o que não podem, que tentam agir por conta própria e independentemente do Senhor Jesus Cristo.

Ora, a história da Igreja prova fartamente o perigo da atividade independente. Creio que esta é uma das grandes lições que todos nós precisamos aprender na atualidade. Permitam-me ilustrar o que quero dizer. A Igreja nunca pode organizar um avivamento – nunca! Ah, quantas vezes tentaram fazer isso! Contudo não se pode. Não importa com quanto empenho

vocês tentem, jamais conseguirão organizar um avivamento. Podem organizar atividades, mas eu estou falando de um verdadeiro avivamento, de um movimento do Espírito, a atividade vital da Igreja em geral, quando homens e mulheres são convertidos aos milhares, atingidos talvez até antes de chegarem a uma reunião. Tudo isso é característico de um genuíno avivamento espiritual, e este nunca pode ser organizado; nem os homens e as mulheres, nem a Igreja como tal, podem produzi-lo.

Além disso, como eu já disse sob outro título mas devo incluir aqui também, a Igreja nunca pode acrescentar ninguém às fileiras dos seus membros – apesar de muitas vezes se tentar fazer isso. Lembro-me de haver lido há alguns anos um discurso feito pelo moderador de uma das denominações. Em seu discurso ele apresentou à denominação um programa, e levou os presentes a se desafiarem a cumpri-lo, e todos saíram da assembléia cheios de entusiasmo. Ele disse: “Decidam-se juntos a acrescentar à Igreja cinquenta mil membros nos próximos dezoito meses”. Bem, o homem estava falando com toda a seriedade, porém estava falando de maneira completamente antiescriturística. Ele estava visualizando a Igreja como se ela fosse uma organização comercial. O comércio pode decidir mandar pessoas distribuir prospectos e fazer propaganda de porta em porta para conseguir novos fregueses. Pode-se aumentar o número de fregueses por esses tipos de métodos, e é o que se faz freqüentemente. Aquele moderador achava que a Igreja podia fazer isso, mas, pobre homem, logo descobriu que não.

Naturalmente, repito, vocês podem muito bem acrescentar pessoas ao rol de membros das suas respectivas igrejas, embora nem isso possam fazer no presente – e graças a Deus por isso – porque todos esses métodos falham. É patente que nunca deveríamos tentar usá-los. Se a Igreja consiste somente dos renascidos, vocês não podem sentar-se e dizer que lhe vai acrescentar certo número durante o próximo ano. Tentar

isso indica a incapacidade de entender a doutrina da verdadeira natureza da Igreja. E a própria analogia nos compele a dizer isso, porque é a Cabeça que dá as ordens, é Cristo que move tudo; é Ele que controla os dons e tudo o mais.

Há, pois, este perigo de ativismo, de ocupação agitada, de esquecer a natureza da Igreja e pensar nela em termos organizacionais ou mecânicos. Ativismo! Esse é, suponho, o mais comum dos dois constantes pecados da Igreja.

A seguir, um terceiro perigo é a “hipocondria”. Vou explicar. Acabamos de considerar o perigo do ativismo. É possível que você esteja tão ocupado que não lhe sobra tempo para pensar em sua saúde, e isso quase invariavelmente acaba em apostasia. Se você vive o tempo todo em atividade, não só irá mal em sua crença, mas também eventualmente irá mal em sua vida espiritual. É como viver de álcool e de estimulantes. Eles levarão você até certo ponto, porém por fim você entrará em colapso. De uma coisa estou certo: estamos testemunhando algo disso na presente hora, e, se posso aventurar-me a fazer uma profecia, penso que testemunharemos ainda mais disso nos próximos anos. Veremos um colapso, quando as pessoas chegarem a um estado de exaustão. Elas têm estado tão ativas que não lhes restará mais nenhuma energia.

Entretanto, como eu disse, o outro extremo é a hipocondria. Significa que você fica tão ocupado estudando a sua própria saúde que não lhe resta tempo para fazer coisa alguma. Você fica sentado ali, tomando o pulso, verificando a temperatura do corpo e se examinando de várias maneiras. Isso passa a ser uma ocupação de tempo integral, e você fica tão preocupado com a sua saúde que não é capaz de pensar em mais nada. Você não pode sair para trabalhar porque teria que fazer coisas, e, se se sentir compelido a fazer coisas, não terá tempo para estes diversos exames. **Hipocondria!**

E há indivíduos que estão sempre preocupados com sua vida espiritual, preocupados com as minúcias da fé, tão

preocupados com o que é certo e correto que não têm tempo para nenhuma outra coisa. Estão constantemente girando em torno de si mesmos e vigiando a si mesmos – valetudinários espirituais, hipocondríacos espirituais.

Mas alguém poderá perguntar: “Qual será a posição certa?” Que é que se espera que façamos na qualidade de corpo de Cristo? Ele só nos faz duas exigências, e a analogia do corpo o comprova. Somos chamados para ser espiritualmente sadios, e somos chamados para estar sempre à disposição e prontos para agir. Devemos concentrar-nos em estar preparados e em estar sempre espiritualmente aptos para que, à Sua mais leve indicação, obedeçamos imediatamente. Quando em nós não há nenhum bloqueio, nenhuma paralisia, nenhum empecilho, já cumprimos o que Ele realmente exige de nós. Não é agir independentemente de Cristo ou no lugar dEle, nem tampouco ficar sem fazer nada, numa mórbida preocupação com os “sarampos e caxumbas” da nossa alma, como Charles Lamb os denominou. É, antes, estar em tal comunhão com Ele que a saúde se seguirá naturalmente, saúde que é santificação, crescimento na fé, leitura das Escrituras, oração, praticar as coisas que fazem parte deste exercício espiritual. Devemos fazer tudo isso e, acima de tudo, manter-nos numa condição de pronta disponibilidade.

Um dos melhores meios de submeter à prova a nossa santificação é determinar a nossa sensibilidade face à vontade do Senhor. Devemos ser homens e mulheres que O conheçam tão bem que possam interpretar imediatamente qualquer dos Seus desejos ou das Suas vozes de comando. Considerem uma ilustração óbvia. Antigamente o servo mais recompensado pelo rei era aquele que era sempre sensível a seu senhor e sempre estava atento a ele. O rei não tinha que gritar com ele ou dar-lhe ordens ou ameaçá-lo. Bastava uma palavra, um leve movimento, um olhar. O servo entendia imediatamente. Estava sempre pronto para executar cada capricho e cada desejo do seu senhor. Assim era o servo perfeito.

Eu e vocês fomos destinados a ser assim, e, se tão-somente nos concentrássemos mais no Senhor e procurássemos desenvolver esta disponibilidade e prontidão, esta sensibilidade face aos Seus desejos, penso que a Igreja experimentaria uma atividade que faz muito tempo ela desconhece. Experimentaríamos então uma atividade caracterizada pela consagração da própria vida, uma atividade vinda da Cabeça, e não esta atividade excitável e mecânica que temos a tendência de produzir. É para isso que a Igreja existe, como o corpo de Cristo.

Depois, o último ponto sob este título particular é o seguinte: segue-se que a atividade da Igreja sempre deverá estar em conformidade com o pensamento e a mente da Cabeça. Temos aqui um tremendo princípio que eu penso que podemos dizer que tem sido negligenciado pela Igreja Cristã em cada um dos seus segmentos importantes. Segundo a analogia, o propósito das atividades do corpo é que elas sejam conformáveis e coerentes com a pessoa que está atuando por meio do corpo. Assim é que não fomos destinados a portar-nos como animais ou como máquinas, mas como seres humanos. As nossas atividades, as atividades do nosso corpo, sempre devem ser essencialmente coerentes com o que faz dos seres humanos humanos. De igual modo, todas as atividades da Igreja devem estar de acordo com o fato de que ela é o corpo do Senhor Jesus Cristo. Ele disse a Pilatos: “O meu reino não é deste mundo; se o meu reino fosse deste mundo, pelejariam os meus servos” (João 18:36).

Noutra ocasião o nosso Senhor disse: “O Filho do homem também não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos” (Marcos 10:45). Disse Ele: “Os reis dos gentios dominam sobre eles... Mas não sereis vós assim; antes o maior entre vós seja como o menor; e quem governa como quem serve. Pois qual é maior: quem está à mesa ou quem serve? Porventura não é quem está à mesa? Eu, porém, entre vós sou como aquele que serve” (Lucas 22:25-27). E claro

está que Ele disse essas coisas aos Seus discípulos e a outros para que tivessem uma clara noção do Seu reino, que no presente toma a forma da Igreja.

Todavia esta verdade tem sido violada muitas e muitas vezes. Houve épocas em que a Igreja Cristã fazia as pessoas se confessarem cristãs pela espada, e, no entanto ela achava que estava fazendo a vontade de Deus. Tais cristãos diziam: “É bom para a pessoa ser cristã, porém aqui estão pessoas que não querem ser cristãs, e, por isso, vamos compeli-las a confessar o Senhor Jesus Cristo”. Mas essa atividade é uma total negação do princípio em foco. É exatamente o oposto daquilo que o Senhor sempre fez. É a antítese disso.

Contudo, não poderíamos ir mais longe? Penso que agora todos reconhecem mais ou menos que a Igreja Cristã começar uma guerra ou participar de uma – não me refiro aos cidadãos de uma nação, mas especificamente com o propósito de propagar o evangelho – também é uma total negação desta doutrina. Mas, toda aliança entre o Estado e a Igreja não seria uma igual violação deste princípio? E, contudo, não só a igreja católica romana caiu nesse erro, porém Lutero o perpetuou, e o mesmo fez Calvino, não exatamente como o fez Lutero, mas com igual determinação. Em Zurique, Ulrich Zwínglio fez a mesma coisa – ele de fato morreu no campo de batalha. Entretanto, de qualquer forma, ele dizia que era dever do Estado, do governo, impor a religião verdadeira. Calvino também dizia que fazia parte das funções do Estado preservar a prática da religião e punir os que não se conformassem com isso.

E, naturalmente, neste país a mesma verdade aplica-se à Igreja da Inglaterra e a João Knox, na Igreja da Escócia. Certamente entendemos que os Reformadores, com tanta coisa para fazer, não tiveram tempo para fazer tudo, ou para considerar todas estas questões. Eles estavam interessados numa questão grandiosa, a grande e central questão da doutrina da salvação. Assim foi que eles perpetuaram esses

conceitos sobre Igreja e Estado, e isso levou a condições indescritivelmente miseráveis. Mas o ponto que estou estabelecendo é que, na teoria, isso tudo está muito errado. A Igreja não pertence aos reinos deste mundo: “Meu reino não é deste mundo”. A Igreja é um corpo espiritual, uma sociedade espiritual, e todo e qualquer desejo de tal relação viola esse princípio.

No entanto, eu quero levar o argumento ainda um passo adiante. Seguramente a tentativa de manter a vida da Igreja por meio de diversão e de ação social é uma igual violação do princípio segundo o qual as atividades da Igreja devem conformar-se à Cabeça. E este, claro, tem sido o grande pecado da Igreja, especialmente durante os últimos cem anos.* Todas estas coisas são muito importantes hoje. Creio que estamos vivendo no fim de uma era e eu sou um daqueles que dão graças a Deus por isso. Retornemos ao Novo Testamento e comecemos de novo.

O argumento em prol da ação social e do entretenimento era o seguinte: em 1859 Darwin escreveu seu livro *On the Origin of Species* (A Origem das Espécies), o que levou a um ataque à fé. Não somente isso, mas também a indústria estava se espalhando, as cidades prosperavam e cresciam, e o povo estava recebendo melhor educação. “Agora o perigo”, diziam os líderes da Igreja, “é de perdermos toda essa gente; como podemos retê-la? Parece que as pessoas não gostam das nossas reuniões de oração, não gostam de muita pregação, não gostam de relatar experiências espirituais e de aconselhar-se mutuamente sobre estas questões – pelo que precisamos fazer menos disso, ou vamos perdê-las. Por outro lado, elas gostam de outras coisas. Elas gostam de dançar, de jogar cartas, de outros jogos, etc. Gostam de palestras sobre literatura. Por que não lhes damos tudo isso, e desse modo vamos retê-las?”

* Lembre-se o dileto leitor de que o autor pregou este sermão na década de 1960. Nota do tradutor.

Mas, certamente, isso também é uma violação do princípio geral que afirma que a atividade do corpo tem que ser coerente com a mente da Cabeça e conformar-se a ela, e Cristo veio a este mundo, não para fazer coisas desse tipo, não para interessar-nos, mas para “buscar e salvar o que se havia perdido” (Lucas 19:10). Ele veio propiciar um novo nascimento; veio para formar um reino espiritual, “não deste mundo”. Ele Se preocupa com a nossa alma, com a nossa relação com Deus. Ele não diz que há alguma coisa errada com o corpo como tal. Ele não diz que as pessoas não devem jogar futebol ou praticar outros esportes de que gostem, porém organizar jogos não é função da Igreja. A tarefa da Igreja, num sentido, não é segurar pessoas, mas sim salvar pessoas e edificá-las em nossa fé santíssima. E no momento em que ela cede nisso, está meramente revelando que entendeu mal o princípio.

Com efeito, se vocês quiserem manter a organização, manter as aparências da Igreja, de maneiras incoerentes com o princípio, verão que vão ter sucesso apenas temporário, e a história do século vinte prova isso fartamente. No início do (referido) século certas idéias sobre o que se denominava “igreja institucional” estavam amplamente em voga, mas não se ouviu falar muito disso agora. Foram um completo fracasso. E as pessoas que estão sendo retidas nas igrejas só por aquelas outras atividades, não estão sendo retidas pela verdade viva, e acabarão se cansando dos entretenimentos e das atividades e ficando sem nada. Não, a Igreja tem que compreender que ela é o corpo de Cristo, em viva relação com a Cabeça, e ver que todas as suas atividades têm que ser coerentes com Ele.

Aí está, pois, o grande princípio. Sejam quais forem as decisões específicas, quanto ao princípio propriamente dito não há o que questionar. E, é evidente, isso tem sido amplamente demonstrado através dos séculos sucessivos. Vemos a Igreja tentar obter suporte por vários meios mundanos, mas todos eles falham, e ela afunda até quase ao

ponto de extinção, e os escarnecedores começam a pensar que ela se acabou definitivamente, porém então Deus de repente a levanta. Ele aciona o corpo todo e ocorre um poderoso avivamento, muitos são admitidos, verdadeiramente convertidos, e vemos comunidades vivas – crentes orando, conversando sobre o ensino cristão, edificando-se uns aos outros na fé e realmente interessados nas coisas do Espírito, noutras palavras, uma verdadeira Igreja, em vez de uma organização ou de uma agremiação social.

Isso tudo segue-se do princípio que vimos estudando, e esse é o argumento de Paulo em 1 Coríntios 13:1: “Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine”. Ora, o metal (ou, “o sino que ressoa”, NVI) pode juntar uma multidão, e a manterá reunida por algum tempo. Um homem que é tão-somente bom orador junta uma multidão e provê entretenimento para ela, mas ali não há nenhuma igreja. Ele consegue partidários, porém não é esse o dever do pregador. O trabalho do pregador não é atrair pessoas; desse ponto de vista externo, a única coisa que ele pode ser é um “sino que ressoa” ou um “prato que retine”, sem nenhum valor. Ele pode bancar o herói e dar o seu corpo “para ser queimado”, sobre o que fala o apóstolo, mas isso não tem valor. E, claro, isso vai atrair atenção passageira. Isso fará reunir-se uma multidão, e por um tempo essas pessoas perpetuarão a memória desse homem, porém, acaso há alguma igreja ali? Essa é a questão.

E igualmente com o conhecimento. Com o conhecimento vocês podem interessar certos tipos de pessoas, e estas acharão o que lhes é dito tremendamente interessante, agradável e fascinante, mas, se ali não há vida, não há igreja, e seja o que for que tiver sido iniciado, finalmente se desvanecerá. Desde há muito a Igreja deixou de ver a necessidade de conformar-se à Cabeça, e estamos vivendo numa época em que vemos a exteriorização desse malogro. Apesar de tudo o que a Igreja realizou no século vinte em termos de organização, observem

a situação atual. A Igreja realmente não funciona; não pode funcionar. A Igreja não pode continuar com as atividades de sua própria iniciativa e por sua própria conta. Sua atividade deve estar sempre em conformidade com o pensamento, a mente, o espírito da Cabeça.

E assim vem a ser – e esta é uma das coisas mais gloriosas da vida da Igreja e de se estar na Igreja – que aqui realmente não dependemos de números; dependemos das Escrituras. “Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome” (Mateus 18:20), ali Ele está. O poder do Espírito, neste sentido vital, vivo, real, operando por meio de uma única pessoa, pode fazer mais num minuto do que milhares em cem anos. E é precisamente isso que a história geral da Igreja demonstra tão claramente. Acaso não seria tempo de retornar a isso? Aqui está: “Nós, que somos muitos, somos um só corpo em Cristo, mas individualmente somos membros uns dos outros.

Meu derradeiro ponto sobre o caráter desta unidade é que é uma unidade na qual estamos sempre cientes da nossa unicidade e da nossa interdependência: não somente somos membros de Cristo; também “somos membros uns dos outros”. Pois bem, aqui há alguns dos princípios subsidiários que cabem sob este título geral. Esta unicidade é composta de muitos elementos que são diferentes: “Nós, que somos muitos, somos um só corpo”. Porventura notam a variedade? Mais adiante vamos tirar algumas deduções disso quanto a como devemos considerar os nossos dons e como devemos exercê-los, mas permitam que mencione o ponto de maneira geral nesta altura. Esta é a glória da Igreja – “muitos” constituindo unidade, o um. E o um consiste de uma perfeita adaptação dos muitos uns aos outros.

Segundo, por conseguinte, devemos pensar sempre mais no todo do que nas partes. Isso é difícil, não é? Mas a analogia nos compele a isso. Aqui o apóstolo adverte os cristãos da cidade de Roma. Agora, diz ele, se vocês começarem a pensar em si mesmos e nas partes em função das partes, vão se extraviar.

Foi esse o erro geral da igreja de Corinto. Isso é cisma, diz Paulo, e o meio de se contraporem a isso é compreender que o todo é mais importante que as partes, e que devemos estar sempre pensando no todo. Desenvolvamos isso um pouco mais. Afinal, qual é a glória central e mais essencial do corpo humano? Não é o equilíbrio e a harmonia das diversas partes? Quão diferentes estas são! Quão refinado é o olho, quão rude, num sentido e por contraste, é o pé, e assim por diante. Se eu conduzisse vocês pelos diversos órgãos do corpo, veriam que eles não só são diferentes como também diferem de maneira extraordinária. E, contudo, o que é maravilhoso quanto ao corpo é que as diferentes partes estão todas em equilíbrio e todas operam juntas, em harmonia.

Ademais, devemos compreender que, individualmente, cada parte não tem nenhum sentido em si e de si. Bem, essa é uma declaração notavelmente extrema, porém certa. Nem se pode pensar num dedo isolado, não é? É ridículo. Imaginem um dedo simplesmente sozinho, sem mais nada! É inútil; um despropósito. Sobretudo, uma parte não pode funcionar por si, isoladamente. Já indiquei, ao desenvolver a verdade sobre o corpo, que, se uma parte tentar fazer isso, ou o fizer por alguma razão, significa doença; é uma anomalia. Mas aqui estou falando sobre o funcionamento verdadeiro, e o corpo foi formado, construído e organizado de tal modo por Deus, que o fez, que as partes não podem funcionar sem a Cabeça. Todavia, tampouco podem funcionar umas sem as outras. Há uma interdependência extraordinária – “membros uns dos outros”.

Neste ponto, desenvolvam vocês mesmos, como costumo pedir-lhes, a analogia do corpo, não somente em termos da anatomia, mas ainda mais da fisiologia. A fisiologia interessa-se pela ação do corpo; não pelo mero conhecimento das partes, mas de como funcionam. E, se verificarem isso, verão que cada parte depende de todas as demais; elas interagem e ajudam umas às outras.

Portanto, o próximo ponto é que o valor de qualquer

parte particular é que ela contribui para o funcionamento e a atividade do todo e beneficia o todo. Noutras palavras, a ação do meu dedo não é algo em si e de si. Se eu meramente o agito, é uma ação sem propósito, ou, se não é sem propósito, é ridícula. O objetivo de toda ação é realizar algo que eu quero ver realizado. Eu sinalizo com meu dedo para chamar a atenção de vocês, por exemplo.

Então, finalmente, como partes do corpo de Cristo, devemos contentar-nos com a nossa sina, com a nossa posição, com o nosso dom, com a nossa atividade no corpo, qualquer que acaso seja. Pois bem, nós chegamos a isso por meio de uma lógica inevitável, não foi? Se é o todo que importa, não as partes, e se cada parte é interdependente de todas as demais, como também da Cabeça, e se a ação individual de cada parte não tem real valor, exceto em sua relação com o todo, e se as partes são essenciais ao funcionamento harmonioso do todo, então termino dizendo que devo contentar-me com a minha parte – a parte que eu sou no todo – com a minha sina.

Para começar, eu não determino a minha parte, e não tenho nenhum direito de estar ali. É totalmente por Sua graça que eu estou no corpo – isso deve ser suficiente para mim. Mas, acima e além disso, eu digo a mim mesmo: “Certamente, o que importa é o Seu funcionamento, não o meu”. Não pergunto: “Acaso acho maravilhoso o que estou fazendo?” É o corpo todo que importa, e eu só sou de interesse e de valor na medida em que me é dado o privilégio de desempenhar um papel nisso. Portanto, não me importo com o que eu faço – eu o faço e, em certo sentido, sou vital para isso, sou essencial. É desse modo que avaliamos a importância do que somos e do que nos é dado o privilégio de fazer.

Por conseguinte, na Igreja, como cristãos e como membros ativos do corpo de Cristo, o nosso maior interesse jamais deve estar no que estamos fazendo, e sim no que Ele está fazendo; a nossa atividade é apenas uma parte disso. A analogia do corpo, penso eu, expressa isso perfeitamente.

Mas talvez eu esteja presumindo demais do conhecimento que vocês têm de fisiologia! Examinemos então uma analogia militar. O dever do soldado no exército é, acima de tudo, preocupar-se com o todo – a que visa o combate, por que o seu país está envolvido, e assim por diante. Ele não está ali para seu próprio proveito; não está ali para fazer nome. O homem que quer fazer grande figura ou realizar algo dramático, provavelmente é mais um perigo do que uma ajuda, é mais útil para o inimigo do que para o seu lado. Não, ele deve interessar-se pela campanha toda, pela coisa toda. Ele não dirige aquilo. Tudo o que ele faz é estar preparado, de modo que quando lhe é dada voz de comando, ele pode agir imediatamente.

É isso que estou tentando dizer, e, à medida que vocês examinarem estas coisas e as considerarem em sua vida pessoal e em sua relação com a Igreja, à medida que as observarem na história da Igreja através dos séculos, verão com maior clareza que muitas das dificuldades, das decepções, das mágoas, e, acima de tudo, o fracasso da Igreja, são devidos principalmente à incapacidade de entender este ensino essencial que declara, “nós, que somos muitos, somos um só corpo em Cristo, mas individualmente somos membros uns dos outros”.

Talvez você diga que é uma pessoa sem importância. Mas não é! A parte que está a seu lado talvez seja mais importante, porém ela não pode ir adiante sem você, ela depende de você, e sofrerá se você não estiver em condição apta para fazer a sua parte. Portanto, nós todos somos vitalmente importantes, todos nós somos essenciais, todos nós temos um grande privilégio, e a maneira de evitar problemas e desastres é sempre pensar no corpo todo, especialmente na Cabeça. Então, fiquem olhando sempre para Ele, fiquem de olho nEle, prontos, sensíveis, disponíveis, a fim de que, quando Ele iniciar uma ação, ela seja posta em execução. Essa é a grande doutrina neotestamentária da Igreja Cristã, sua unidade e seu funcionamento.

16

“De modo que, tendo diferentes dons, segundo a graça que nos é dada, se é profecia, seja ela segundo a medida da fé.”

– Romanos 12:6

Chegamos agora à aplicação prática e ao desenvolvimento do princípio já lançado pelo apóstolo. É muito importante que tenhamos em mente exatamente o que o apóstolo se dispõe a fazer aqui. Tendo firmado a sua grande doutrina nos primeiros onze capítulos, agora chega às praticabilidades e ao modo de viver a vida cristã, e ele nos diz que o grande e determinante princípio ou diretriz que precisamos ter em mente é que devemos entregar-nos completamente a Deus – “...que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo... que é o vosso culto racional” (versículo primeiro). Não devemos “conformar-nos com este mundo”, e sim “transformar-nos”, especialmente na renovação da nossa mente, para que possamos experimentar como é “boa, agradável e perfeita (a) vontade de Deus” (versículo 2). Esse é o grande princípio geral. Renunciamos à vida egocêntrica, que é vida mundana, e começamos a pensar em nós mesmos e em tudo o que fazemos em termos da nova relação que é em Cristo Jesus (versículo 3). Depois Paulo coloca isso em termos negativos, dizendo que o significado disso é que cada um de nós “não pense de si mesmo além do que convém; antes, pense com moderação, conforme a medida da fé que Deus repartiu a cada um” (versículo 3).

A seguir, Paulo passa à sua grande ilustração do corpo. A Igreja é o corpo de Cristo, e, portanto, devemos sempre pensar em nós mesmos, não como indivíduos isolados, mas como

partes deste grande corpo (versículos 4,5). Depois, tendo estabelecido o princípio, Paulo efetivamente diz: “Agora permitam que eu ilustre o que quero dizer”. E toma alguns dons particulares e nos mostra como devemos exercê-los. Paulo sempre faz isso. Cada homem tem seu método, e aqui está o método paulino levado à perfeição. Vocês poderiam pensar que o seu ensino já estava perfeitamente claro, porém ele não se dá por satisfeito: “Tendo então” (VA) – “Tendo, portanto” – “diferentes dons, segundo a graça que nos é dada...”. Noutras palavras, ele aqui resume o que nos dera como declaração no versículo 3 e como ilustração nos versículos 4 e 5.

Permitam que lhes diga mais uma vez que a essência da arte de ensinar é a repetição. Paulo nunca toma coisa alguma como líquida e certa. Ele sempre vai adiante: “Tendo diferentes dons, segundo a graça que nos é dada” – bem, se acontecer que for profecia, então: “profetizemos” (VA); se for questão de ministério, então: “atendamos ao nosso ministério”, e assim por diante.

Em vista disso, devemos partir agora do sumário que o apóstolo faz da doutrina, e isso é muito importante. Para mim é muito interessante, quando observo e leio o que está acontecendo ao redor de nós atualmente, e ouço as pessoas conversando – é muito interessante ver que grande parte das dificuldades e da confusão – senão, na verdade, disso tudo – surge do fato de que as pessoas falam e escrevem em termos dos seus preconceitos, e não do claro ensino das Escrituras. É quase incrível como elas podem colocar na imprensa – tendo as Escrituras ali, diante delas – uma simples manifestação do seu preconceito. Recentemente li um exemplo disso, no qual um homem, escrevendo sobre “falar em línguas”, diz concretamente, tendo 1 Coríntios, capítulo 14, diante dele, que as pessoas que falavam em línguas em Corinto obviamente eram do tipo mais emotivo e menos inteligente, isso, não obstante o apóstolo Paulo dizer: “Dou graças ao meu Deus, porque falo mais línguas do que todos vós” (1 Coríntios 14:18).

Nesse caso, o apóstolo Paulo vem a ser tão-somente um tipo emotivo e destituído de inteligência! Portanto, graças a Deus que temos as Escrituras diante de nós, e graças a Deus que o apóstolo fica repetindo estas coisas: “Tendo diferentes dons, segundo a graça que nos é dada”.

Que é que isso nos diz? O primeiro princípio é que qualquer dom que tenhamos recebido é sempre segundo a graça que nos é dada. Relembremos isso; o apóstolo o repete, pelo que eu devo repeti-lo também. Os dons dos quais ele fala aqui não são dons naturais. Todos nós nascemos com certos dons naturais que diferem tremendamente entre si. Mas aqui Paulo está tratando dos dons espirituais especiais dados aos membros da Igreja e cujo propósito é que sejam exercidos para benefício da Igreja toda, e, por meio da Igreja, para benefício dos de fora. Portanto, estes dons só são dados aos que pertencem ao corpo; noutras palavras, só são dados àqueles que nasceram de novo, e a mais ninguém. Não estou dizendo que eles são dados a todos os membros da Igreja visível, mas somente àqueles que são cristãos verdadeiros, àqueles que são membros do corpo de Cristo.

Em 1 Coríntios 12:11 o apóstolo diz: “Mas um só e o mesmo Espírito opera todas estas coisas” – os diversos dons que ele tinha descrito – “repartindo particularmente a cada um como quer”. Portanto, é Ele que decide que dom dar a cada pessoa. Essa é uma declaração categórica. E esse é o ensino de todo o conteúdo de 1 Coríntios, capítulo 12. Paulo diz: “Ora, há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo. E há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos” (1 Coríntios 12:4-6). E depois, especificamente, no versículo onze, vê-se que é Ele que os reparte “particularmente a cada um como quer”. Pois bem, essa é para mim uma declaração crucial; é o grande princípio dominante e importantíssimo de 1 Coríntios, capítulos 12, 13 e 14; e se não começarmos daí e não tivermos claro entendimento disso,

estaremos fadados a perder-nos nalgum ponto em nosso entendimento dos dons espirituais.

Mas há um problema aqui, e é nosso dever encarar problemas. Se podemos resolvê-los é outra questão, todavia de modo algum devemos fugir deles. Em 1 Coríntios 12:11 temos a declaração categórica de que Ele “reparte” ou “dispensa” os dons, e aqui, em Romanos 12:3, o texto nos diz, “conforme a medida da fé que Deus *repartiu* a cada um”. Todas estas palavras assinalam que é Deus o Espírito que decide qual dom particular vai dar a cada cristão particular. Ele é o Senhor, e o senhorio do Espírito é a grande verdade salientada. Mas há um problema. Vocês notaram o último versículo de 1 Coríntios, capítulo 12, e o primeiro de 1 Coríntios, capítulo 14? “Portanto, procurai com zelo”, diz Paulo, “os melhores dons; e eu vos mostrarei um caminho mais excelente”. E em 1 Coríntios 14:1: “Segui o amor, e procurai com zelo os dons espirituais, mas principalmente o de profetizar”. Assim, o problema é que de um lado nos é dito que o Espírito é quem decide, porém de outro nos é dito que “cobicemos” ou “desejemos” (VA) “com zelo os melhores dons” – diga-se de passagem que os tradutores deveriam ter utilizado a mesma tradução para “desejar” e “cobiçar” em 1 Coríntios 14:1 e 1 Coríntios 12:31, respectivamente, pois essas palavras traduzem a mesma palavra grega. Se é o Espírito que decide o que dar a cada cristão, como então se nos pode dizer: “desejai” ou “procurai com zelo”?

A maneira de conciliar esta aparente contradição é, primeiro, tratar de entender claramente o que o apóstolo está dizendo em 1 Coríntios 12:31. A Versão autorizada (inglesa, do Rei Tiago). diz: “Cobiçai ardentemente os melhores dons; e, todavia, eu vos mostrarei um caminho mais excelente”. Desafortunadamente, essa é uma tradução errada, mas o que é muito interessante é que a inexatidão da tradução não se limita a essa versão antiga. A Nova Bíblia Inglesa (“NEB”) é ainda pior: “E agora vos mostrarei o melhor de todos os

caminhos”. Examinei também as outras traduções, a Versão Revista (“RV”) e a Versão Padrão Revista (“RSV”), e todas elas cometeram o mesmo erro.

O erro é introduzir a idéia de um comparativo, que leva a uma interpretação e exegese inteiramente falsa da declaração. Nos círculos evangélicos e noutros atualmente se diz que no texto em foco o apóstolo ensina que não devemos incomodar-nos com os dons, mas devemos ir após as graças. É dada a opinião de que Paulo está dizendo: “O erro que vocês estão cometendo em Corinto é que estão interessados nos dons, ao passo que deveriam interessar-se pelo amor do Senhor. Por que vocês não procuram o amor? Esse é o caminho mais excelente”. E em grande parte as pessoas fazem essa interpretação por causa de uma tradução errada da frase “um caminho mais excelente”.

Agora, inteiramente à parte da tradução exata – à qual chegarei num momento – não há a mínima possibilidade de Paulo estar dizendo o que essa interpretação nos diz, por esta razão: se o apóstolo nos está dizendo que não devemos preocupar-nos nem um pouco com os dons, mas devemos só procurar a graça do amor, por que ele começa a sua declaração dizendo: “Portanto, procurai com zelo os melhores dons”? E, de novo, tendo dado o seu grandioso hino ou poema sobre o amor no capítulo treze, ele volta ao mesmo ponto no versículo primeiro do capítulo catorze: “Segui o amor” – certamente! – “e (também) procurai com zelo os dons espirituais”. Noutras palavras, ele não está varrendo os dons para um lado e dizendo que a única coisa que se deve procurar é o amor.

Mais ou menos, todo o capítulo treze é mal interpretado da mesma maneira. Sustenta-se que aqui Paulo diz clara e limpidamente que os diversos dons vão passar – “O amor nunca falha; mas havendo profecias, serão aniquiladas; havendo línguas, cessarão” (versículo 8). Mas aqueles que fazem essa interpretação nem sempre têm o cuidado de dizer: “...havendo ciência (conhecimento), desaparecerá” (versículo 8)!

O argumento é, pois, que o apóstolo está ensinando que os dons foram apenas temporários e que, assim que tivéssemos as Escrituras do Novo Testamento, os dons não mais seriam necessários. Portanto, desde o fim da era apostólica nunca mais existiram tais dons, e é muito errado desejá-los e buscá-los em qualquer outra época, particularmente agora. Todavia, como já vimos, o que Paulo diz acerca das línguas e da profecia, diz também acerca do conhecimento! Por isso, para haver coerência, seria necessário dizer que, visto que temos as Escrituras, o conhecimento deixou de existir. Tudo isso está errada, é claro. O apóstolo está contrastando a verdade sobre a Igreja na terra com o que será verdade sobre todos nós como membros da Igreja quando finalmente seremos glorificados, quando “conhecerei como também sou conhecido” (versículo 12).

Não seria quase inconcebível que as pessoas coloquem os dons e o amor como opostos e digam que o dom do amor põe fora de campo os outros dons, e que Paulo está dizendo que não devemos levá-los em conta? Isso não é interpretação, é preconceito. Por haver dificuldade acerca da doutrina dos dons, foge-se da questão alegando que o apóstolo não crê nos dons, e que nos manda ir após este melhor caminho, o caminho do amor.

Agora, por um simples exame das Escrituras deveríamos ficar livres desse erro, mas, desafortunadamente, a tradução também está errada. Não existe comparativo na declaração original. Para mim foi muito interessante, ao pesquisar o assunto, ver que o homem que trata desta tradução da melhor maneira e mais claramente não é outro senão o grande Charles Hodge. Isso é interessante porque Hodge, como muitos de vocês sabem, sustenta a idéia de que estes dons realmente terminaram no tempo dos apóstolos, e eu já dissenti dessa idéia. Mas ele era um expositor e tradutor honesto, e o que ele diz clara e francamente é que não há comparativo nenhum, não há nada, no original grego sobre “mais excelente”. Paulo não está dizendo que uma coisa é mais excelente que outra. Esta, diz

Charles Hodge, é a tradução correta: “Contudo vos mostrarei um caminho segundo a excelência”. Foi isso que o apóstolo escreveu de fato. Ele vai mostrar-lhes “um caminho excelente”, ou “um caminho da excelência”.

E depois ele passa a assinalar, com muito acerto – e me parece que essa é a única real explicação desta declaração – que o apóstolo está dizendo: “Mostrarei a vocês o caminho *par excellence** para a obtenção destes melhores dons”. Isso, penso eu, dá-nos a chave para o entendimento desta passagem e a harmoniza com 1 Coríntios 14:1: “Segui o amor”. Se vocês puserem o amor em primeiro lugar e então desejarem “os dons espirituais”, vão recebê-los na proporção certa e nunca abusarão deles.

Portanto, podemos dizer o seguinte: em 1 Coríntios 12:31 o apóstolo diz: “Procurai os melhores dons”. Ele está muito interessado nisso e lhe dá continuidade no capítulo catorze. Uns dons são melhores que outros, e o problema em Corinto era que não estavam procurando estes dons superiores. Por isso Paulo deixa bem claro que, em sua opinião, de qualquer forma, eles estavam pondo em primeiro lugar o que não deveriam pôr em primeiro lugar, uma coisa que invariavelmente ele põe em último lugar, a saber, “línguas”. “Procurai os melhores dons”, diz ele, “e, ademais, eu lhes mostrarei um excelente caminho para isso.” Esse é o sentido de 1 Coríntios 12:31. Daí, longe de dizer que eles não deviam se envolver com os dons nem procurá-los, o apóstolo lhes está dizendo que “os cobicem ardentemente” (VA). Mas, diz ele, a maneira de fazer isso é cobiçá-los ardentemente em termos do amor, de outro modo até estes dons serão inúteis. Depois ele continua e diz: “Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine. E ainda que tivesse o dom de profecia... e ainda que tivesse toda a fé... e não tivesse amor, nada seria”.

* Por excelência. Em francês no original. Nota do tradutor.

Este ponto é muito importante, porém ainda nos deixa com um problema. Nós nos descartamos dessa exegese completamente falsa que julga poder resolver o problema tão simplesmente, dizendo que mesmo Paulo, no tempo dele, era contra o exercício e a busca de dons, e então, quanto mais deveria ser assim conosco. Mas ainda nos resta o problema de conciliar a declaração de que os dons são dispensados de acordo com a vontade do Espírito com a exortação a “cobiçar ardentemente os melhores dons”.

Que será, então, que podemos fazer a respeito? Bem, a palavra “cobiçar” (VA) é muito forte. Significa “desejar intensamente” – e assim, torno a dizê-lo, como alguém pode dizer que Paulo desestimulava as pessoas da busca de dons ultrapassa a minha compreensão. Ele se empenha em usar uma das expressões mais fortes que poderia jamais encontrar – “desejo intenso”! E a repete em 1 Coríntios 14:1. Façam tudo o que puderem, diz ele, em termos de os desejar de qualquer forma, para obter estes dons.

Ora, mais uma vez, Charles Hodge nos ajuda a chegar à solução certa do nosso problema. E ele o faz usando uma comparação. Vocês perguntam: como conciliar estas duas coisas?

Bem, diz Hodge, permitam que eu lhes apresente outro problema: como vocês conciliam estas outras duas coisas – que a salvação é o soberano dom de Deus, e, todavia, as Escrituras nos exortam a buscar a salvação? “Porfiai por entrar pela porta estreita” (Lucas 13:24). Esforcem-se por ela, custe o que custar. Como vocês conciliam as duas coisas? O dilema é o mesmo, e o mesmo princípio está envolvido: o soberano Doador, e, contudo, o desejo intenso por parte do recebedor. E Hodge mostra que certamente não há nenhuma contradição essencial entre ambos. Paulo está dizendo que isso é certo quanto a nós e que, na verdade, devemos ter dentro de nós o desejo de ter valor e utilidade no corpo de Cristo. Isso é certo e bom, contanto que seja sempre dentro dos termos da

doutrina da Igreja como o corpo de Cristo, com sua unidade, sua unicidade, e do princípio do amor.

Colocando de outra forma, todos nós, como cristãos, devemos estar cheios de um ardente desejo de ver o êxito do reino de Deus nesta forma visível da Igreja. Devemos estar ansiosos por esse êxito, e fazer tudo o que pudermos para promovê-lo e para sermos úteis e de valor. Não devemos ser ociosos na Igreja, e não devemos dizer: “Que alguma outra pessoa faça o trabalho, eu só vou aproveitar os benefícios. Nunca estudo, nunca penso, nunca oro; deixo tudo isso com o pregador ou com qualquer outra pessoa”. Tudo isso está errado; você deve desejar vivamente um papel tão grande quanto puder na vida e no funcionamento da igreja, mas, em seu desejo intenso, jamais deverá transgredir a doutrina da Igreja como o corpo de Cristo, pois, se o fizer, o seu desejo se tornará uma ambição falsa, e isso é sempre errado. Não somente isso, o seu anseio jamais deverá transgredir a lei do amor. Você não deve querer funcionar na igreja para ser importante. Isso é amor próprio que, nesse sentido, é totalmente errado. É a “soberba” de que Paulo fala (1 Coríntios 4:6 etc.), e levará você a desprezar os outros e a impacientar-se com eles.

Enquanto o desejo intenso for governado por essas duas considerações, será sempre correto. E assim Paulo firma este seu ensino: “Procurai com zelo os melhores dons”. Primeiro, quais são eles? Bem, isso ele nos diz em 1 Coríntios, capítulo 14, onde declara que os melhores dons são os que são proveitosos para o corpo. Espero expor isso mais claramente mais adiante, mas permitam que agora eu diga o seguinte: vejam a comparação que o apóstolo faz em 1 Coríntios, capítulo 14, entre “línguas” e “profecia”. Diz-nos ele que devemos desejar a profecia – “Segui o amor, e procurai com zelo os dons espirituais, mas principalmente o de profetizar” (1 Coríntios 14:1). Por quê? Porque a profecia é o dom mais proveitoso para a Igreja. Vocês vêem como Paulo é coerente? Pensem nesta questão toda, diz ele, não em termos do seu proveito

pessoal, mas em termos do benefício feito à Igreja e da edificação dela. É isso que torna um dom “melhor” que outro. Os dons não são melhores em nenhum outro sentido. Nestes capítulos é nesse sentido que Paulo faz uso do comparativo.

Segundo, o melhor meio de desejar ou procurar os melhores dons é “seguir o amor” – certificar-se de que você está cheio do espírito de amor. Se você quiser funcionar na igreja em termos dos melhores dons, concentre-se primeiramente no amor; seja uma pessoa cheia de amor. Paulo diz que é ao homem ou à mulher cheio de amor que se pode confiar com mais segurança os melhores dons. Os que não estão cheios de amor usarão mal os dons, farão uso deles para si mesmos, para o seu engrandecimento pessoal e para a glorificação de si mesmos. Se você quer realmente os melhores dons, diz Paulo, busque-os por amor, e então obterá os melhores dons, porque Deus lhes poderá confiar. E quando eles forem utilizados com este maravilhoso espírito de amor, serão de inestimável valor para a vida e para o crescimento da Igreja em geral. Esse é o segundo princípio.

O terceiro princípio é que, enquanto você estiver procurando com zelo os melhores dons, deve contentar-se com o dom que lhe é dado. Está bem que deseje o melhor, mas, se este não lhe for dado, não se aborreça, não murmure, não se queixe, não seja como o homem a quem foi dado um talento e o escondeu num guardanapo. Esse homem disse: “Só me foi dado um talento; de que vale um só? Ele é um senhor duro!” E assim nada fez com o seu talento. Foi isso que o nosso Senhor condenou, e o apóstolo está inculcando o mesmo princípio.

Portanto, se você vir que não lhe foi dado nenhum dos “melhores dons”, mas somente, digamos, algum dom muito comum ou vulgar, uma das partes “menos honrosas” de que Paulo fala, não se queixe, não se lamente e não diga: “Não estou sendo tratado com justiça”. Isso é violar a lei do amor e é totalmente errado. Você terá esquecido a doutrina da Igreja

como o corpo de Cristo. Não; “desejai intensamente os melhores”, porém, se for da vontade de Deus que você tenha um dos outros dons, diga: “Graças a Deus que, afinal, eu estou no corpo, graças a Deus que Ele condescende em fazer uso de mim de algum modo”. Diga com o salmista: “Eu preferiria ser um porteiro da casa de meu Deus, a habitar nas tendas da impiedade” (Salmo 84:10 (VA)). Esse é o princípio.

Aí está, pois, ao que me parece, a maneira de conciliar estas duas declarações. Não há nada em você ter um desejo intenso e ardente, com a condição de que você esteja certo nestes três aspectos: a doutrina do corpo, a doutrina do amor e a doutrina de que devemos contentar-nos com qualquer que seja a porção ou o lugar que nos for dado. É tudo para a glória e o louvor de Deus.

Pois bem, sendo essa a doutrina, tiremos algumas deduções dela, e estas são as que penso que são particularmente importantes na atualidade: primeiro, você nunca deve falar em “exigir um dom”; não existe tal coisa. Por quê? Porque, se fosse questão de exigir um dom, todos nós quereríamos e teríamos o mesmo dom. Não; você pode “desejar ardentemente”, observadas as três condições, mas não pode ir além desse ponto. Falar em “exigir” é uma contradição da soberania do Espírito como o Doador.

Segundo, é evidente que os cristãos não foram destinados a terem, todos eles, um só dom, qualquer que seja. O ensino geral destes três capítulos mostra-nos que não pode ser esse o caso. O apóstolo expressa este ponto em termos da sua ilustração quando diz: “O corpo não é um só membro, mas muitos. Se o pé disser: porque não sou mão, não sou do corpo; não será por isso do corpo?... Se todo o corpo fosse olho, onde estaria o ouvido? Se todo fosse ouvido, onde estaria o olfato? Mas agora Deus colocou os membros no corpo, cada um deles como quis. E, se todos fossem um só membro, onde estaria o corpo?” (1 Coríntios 12:14,15, 17-19). Ele aqui está falando sobre os dons espirituais, lembrem-se. É óbvio, pois, que os cristãos

não foram todos destinados a ter um só dom particular, seja qual for.

Ouçam de novo: “Porventura são todos apóstolos? São todos profetas? São todos doutores? São todos operadores de milagres? Têm todos o dom de curar? Falam todos diversas línguas? Interpretam todos? (1 Coríntios 12:29,30). Poderia haver coisa mais clara? E, todavia, há pessoas que dizem que todos os cristãos que foram batizados com o Espírito Santo deveriam ter um dom particular – o de línguas. Paulo esclarece muito bem que nem todas as pessoas da igreja de Corinto tinham esse dom. Nem todos falavam em línguas. E, contudo, há pessoas que dizem que devemos fazê-lo. É antiescriturístico e portanto errado colocar uma coisa no centro e fazer com que ela seja tudo. Indica falta de equilíbrio e abandono da posição escriturística.

Minha terceira dedução é que não é função de nenhuma pessoa dar um dom espiritual a outra. Isso é competência e prerrogativa do Espírito Santo. O apóstolo não podia dar a outros o dom de falar em línguas. Posso provar isso baseado em 1 Coríntios 14:5, onde ele diz: “Gostaria que todos vocês falassem em línguas” (VA e NVI). “(Eu) gostaria”! Mas não podia. Praticamente ele disse: “Em meu modo de ver, me agradaria muito que todos vocês falassem em línguas; porém maior é o meu anseio de que todos vocês profetizem”. Grande apóstolo que ele era, não obstante não estava em seu poder dar algum dom a outras pessoas.

Do que leio e do que me dizem atualmente, sinto que há necessidade ainda mais urgente da minha quarta dedução. À luz deste ensino, desta doutrina, eu e vocês jamais devemos fazer o que quer que seja para produzir este dom em nós mesmos nem em qualquer outra pessoa. É dom do Espírito Santo. Podemos desejá-lo, mas não podemos produzi-lo; não podemos ajudar ninguém nesse sentido, de forma alguma. É o Espírito que dispensa os dons “particularmente a cada um como quer” (1 Coríntios 12:11). Todavia haverá ocasiões em

que perguntarão a você, depois de uma reunião: “Você não deseja o dom de falar em línguas? Muito bem, podemos ajudá-lo”. Então você será convidado a ir a uma outra sala, a uma reunião adicional, e ali lhe dirão o que fazer.*

Isso de fato foi levado à imprensa. Este é o tipo de coisa que se pode ler ou ouvir: “Agora, então, a primeira coisa que você deve fazer é submeter sua boca. Submeta-a e submeta sua língua. Depois profira qualquer som que lhe venha e continue a repeti-lo”.** Noutras palavras, o que lhe dizem é que você comece o processo, e, quando submeter sua boca e sua língua e começar a proferir sons, provavelmente verá que o dom lhe vem, e você falará em línguas.

Pois é isso que me preocupa. Não somente não existe tal ensino no Novo Testamento, mas também seria e solenemente dou a vocês o meu parecer de que é inteiramente contrário ao ensino do Novo Testamento. Vejam os apóstolos naquela sala na manhã do dia de Pentecoste. Eles submeteram sua boca e sua língua? Proferiram sons estranhos? Claro que não, isso é ridículo; eles não sabiam coisa alguma disso. Eles se viram falando em línguas. Não há uma palavra de instrução, em parte alguma do Novo Testamento, que diga às pessoas o que devem fazer para obter o dom. O máximo que nos cabe fazer é “desejar”, “desejar ardentemente”, tendo em conta as condições que lhes apresentei. Nada além disso. Trata-se de um *dom*, meu amigo. Você não pode ajudar o Espírito. Ele não precisa disso, e, se se trata de algo que Ele dá, é até errado

* Um presbítero muito piedoso e muito estimado me contou que certa vez ficou tão entusiasmado com um pregador extraordinariamente dotado como orador e como pessoa, e que “falava em línguas”, que lhe perguntou o que deveria fazer para ter esse dom. Recebeu um balde de água fria quando o homem lhe disse: “Você começa a murmurar tais e tais sons, e vai fazendo isso. Acabará falando em línguas”! Nota do tradutor.

** Quando redigi a nota anterior, ainda não tinha lido essas palavras. Nota do tradutor.

tentar ajudá-lo. Ele decide, não você. Não diga: “Vou ter o dom de línguas”. E ninguém lhe pode dizer: “Vou ajudar você a obtê-lo”. Ninguém pode! Para mim tal ensino chega muito perto do pecado de blasfêmia.

Torno a dizer que é somente o Espírito que decide qual dom dar, e que é somente o Espírito que pode dar dons. E se você começar a tentar ajudá-lo, estará prestes a pecar gravissimamente contra o bendito Espírito Santo. Além disso, você estará, primeiro, expondo-se a influências psicológicas, e, segundo, estará abrindo as portas para outras influências, estranhas e feéricas ou ocultas, sempre prontas e à espera para lançar-se contra a obra do Espírito Santo e levá-la à má reputação entre nós.

Mas eu não estou opinando que as pessoas que falam em línguas em consequência desse tipo de procedimento estão todas endemoninhadas, porém estou sugerindo seriamente que algumas delas podem estar, e que, indubitavelmente, outras são vítimas de um processo psicológico.

Esta é uma questão sumamente importante, especialmente na hora presente, quando há um novo interesse por estas coisas. Sou daqueles que crêem que o batismo com o Espírito Santo é algo distinto e separado da regeneração, e me preocupo profundamente com o fato de que essa grande doutrina pode cair em má reputação por causa de ensinamentos confusos e anti-bíblicos relativos ao dom de falar em línguas. Não, não! Através dos séculos houve homens batizados com o Espírito Santo – homens como Whitefield, os Wesley, Moody, Finney e tantos mais – e nenhum deles falava em línguas. Nunca tentaram fazê-lo. Nunca tentaram submeter sua boca e proferir sons. Isso é totalmente errado; é antiescriturístico, e é historicamente errado.

Assim, o meu próximo princípio geral é, pois, que a todos nós é dado um dom particular. Como já vimos, cada membro do corpo tem seu dom, seu lugar e sua função. Parece-me claro que alguns têm mais de um dom; é óbvio que o

apóstolo Paulo tinha. Se vocês examinarem a lista que ele dá em 1 Coríntios, capítulo 12, ficará claro para vocês que ele tinha diversos dons. Ele falava em línguas: ele dá graças a Deus por falar em línguas mais do que todos os demais. Ele realizava milagres – ele tinha o dom de cura. Por conseguinte, pode-se ter mais de um dom, mas o que é importante é que devemos compreender que cada um de nós, como membro do corpo de Cristo, tem um dom particular.

A próxima coisa que Paulo salienta é que os dons diferem uns dos outros. “Tendo diferentes dons, segundo a graça que nos é dada.” Foi isso que levou os cristãos de Corinto a extraviar-se, como estive mostrando a vocês. Tinham se esquecido deste “diferentes”; todos eles queriam ser iguais e, em particular, todos eles queriam falar em línguas. Esse foi o erro deles, e nós também precisamos entender que os dons diferem de cristão para cristão.

Ah, quantas vezes, em minha experiência pastoral, tive que lidar com esse problema! Há muitos cristãos que podem confirmar o ponto que estou defendendo porque eles próprios passaram por esse tipo de incompreensão. Já consideramos este problema, mas devo retornar a ele. Quando um jovem inteligente é convertido, quase posso predizer que logo ele vai supor que foi destinado a ser pregador. Ou ele pode achar que deve dedicar-se a um trabalho de tempo integral. Diz ele: “Não há utilidade em eu continuar trabalhando como mestre-escola ou no comércio ou noutra coisa qualquer, todo cristão dever estar num serviço de tempo integral”. Entretanto, como dissemos anteriormente, não há tal ensino nas Escrituras! Presumir isso é negar a analogia do corpo. Nem todos somos destinados a servir como pregadores; nem todos somos destinados a servir como obreiros cristãos de tempo integral ou como missionários em terras estrangeiras.

Ora, isso é muito grave. O ensino que tem prevalecido é este: “A necessidade é de vocações”. Por isso em reuniões missionárias se exerce pressão dessa forma. O que se ouve é:

“Agora você não precisa esperar e incomodar-se em fazer perguntas a si mesmo, eis a necessidade, a necessidade na África, a necessidade na Ásia, a necessidade na América do Sul. Há uma pavorosa necessidade. E a necessidade é o chamado”. Mas isso é completamente antiescriturístico. Se fosse esse o caso, todos deveriam atender aos apelos. Todavia não é esse o propósito para eles; eles não podem atender! Você precisa ter certos dons antes de poder responder a tal chamado. Dizer que a necessidade é o chamado é mostrar ignorância da doutrina do Novo Testamento concernente à vocação. Quando Deus chama alguém, homem ou mulher, para uma tarefa particular, Ele lhe dá capacidade para a realização da obra. Ele sempre dá aos que Ele chama os dons de que necessitam.

Há no Velho Testamento uma declaração que expressa isso de maneira particularmente memorável e impressionante. Foi dita a Davi quando ele era um fora-da-lei e fugia do rei Saul. Somos informados em 1 Samuel, capítulo 30, que, enquanto Davi e seus homens estavam fora, alguns amalequitas saquearam a cidade de Siclague, onde Davi vivia. Os invasores levaram embora as mulheres, os filhos e as posses dos homens. Davi voltou e se determinou a fazer algo a respeito, para o que reuniu seiscentos homens e com eles saiu à caça dos amalequitas. Mas depois de cobrirem certa distância, duzentos homens das forças de Davi ficaram exaustos e não puderam prosseguir; então lhes disse Davi: “Fiquem vocês aqui e vigiem os suprimentos, enquanto eu e os outros quatrocentos vamos à luta”. E foram, atacaram os amalequitas e recuperaram tudo.

A seguir lemos: “Também tomou Davi todas as ovelhas e vacas, e levavam-nas diante do outro gado, e diziam: este é o despojo de Davi”. E mais: “E, chegando Davi aos duzentos homens que, de cansados que estavam não puderam seguir a Davi, e que deixaram ficar no ribeiro de Besor, estes saíram ao encontro de Davi e do povo que com ele vinha; e, chegando-se

Davi ao povo, os saudou em paz. Então todos os maus, e filhos de Belial, dentre os homens que tinham ido com Davi, responderam, e disseram: visto que não foram conosco, não lhes daremos do despojo que libertamos; mas que leve cada um a sua mulher e seus filhos, e se vá” (1 Samuel 30:20-22).

E esta foi a imortal declaração feita por Davi em resposta: “Mas Davi disse: não fareis assim, irmãos meus, com o que nos deu o Senhor, que nos guardou, e entregou a tropa, que contra nós vinha, nas nossas mãos. E quem em tal vos daria ouvidos? Porque qual é a parte dos que desceram à peleja, tal também será a parte dos que ficaram com a bagagem; igualmente repartirão. O que assim foi desde aquele dia em diante, porquanto o pôs por estatuto e direito em Israel até ao dia de hoje” (1 Samuel 30:23-25).

Agora vou dizer algo que talvez choque você! Você, como cristão, sente-se um pouco envergonhado por não ser um missionário no exterior? Você se sente menos membro do corpo de Cristo por não estar num campo estrangeiro, ou porque não está no ministério de tempo integral como eu? Se você se sente assim está muito errado. Não está entendendo a doutrina da Igreja como o corpo de Cristo. Todos nós estamos nele juntos. Uma pessoa está na linha de frente, outra está na retaguarda vigiando os suprimentos, mas aquele que está vigiando em casa é tão essencial e vital como aquele que está na linha de frente, e, como Davi estabeleceu, devem receber igual partilha.

E esse princípio introduziu-se no Novo Testamento. O que é importante é que você é membro do corpo de Cristo, e que tem o seu dom e o exerce totalmente para a glória de Deus, seja qual for o dom. Você é parte integrante da empresa, e receberá sua recompensa. Exatamente como aquele que está na linha de frente, você ouvirá: “Bem está, servo bom e fiel” (Mateus 25:21). Os que cuidam dos bens em casa, os que são fiéis em seu ministério na igreja de sua terra, estão agindo de acordo com o dom que a eles foi dado pelo Espírito,

precisamente como os homens e as mulheres que cruzaram os mares e talvez estejam sofrendo com as dificuldades próprias da linha de frente.

Vocês acham que eu estou desestimulando as pessoas de irem ao trabalho missionário no exterior? Nada disso. O que estou dizendo é que ninguém deve ir para um campo missionário forâneo ou para o ministério sem estar absolutamente certo da vocação ou do chamado de Deus. Ninguém deve responder sim apenas porque há uma necessidade. É Deus que chama, seja qual for a tarefa, seja qual for a posição. Ele decide, Ele chama, e Ele, e somente Ele, nos equipa para a obra. E é porque este princípio tem sido tão freqüentemente esquecido e negado na prática, em consequência de um zelo e entusiasmo carnal, a pura verdade – e acredito que é estatisticamente correto – é que, de todas as pessoas dos Estados Unidos da América que, em anos recentes, partiram como voluntárias para a obra missionária ultramarina, em termos de “a necessidade é o chamado”, de cada três duas nunca voltaram ao campo missionário depois do seu primeiro período de férias na pátria. Serviram apenas por um período e durante esse tempo perceberam que nunca tinham sido chamados. Nunca deveriam estar ali, e, se tivessem obedecido ao ensino das Escrituras, jamais teriam ido. Ele decide; Ele chama; Ele equipa.

17

“De modo que, tendo diferentes dons, segundo a graça que nos é dada, se é profecia, seja ela segundo a medida da fé.”

– Romanos 12:6

Já começamos a considerar a primeira parte deste versículo, e salientamos o ponto no qual sustentamos que todos estes dons são dados por Deus. Também vimos que Paulo aqui não fala sobre dons naturais, mas sobre dons espirituais. Acredito que às vezes o dom espiritual pode, por assim dizer, ser sobreposto a um dom natural, porém continua sendo um dom espiritual. Contudo, alguns dons espirituais são distintos e separados e não parecem ter muita relação com os dons naturais.

E agora continuamos o nosso estudo dos dons espirituais e vamos dar atenção a um ponto sobre o qual sempre são feitas estas perguntas: “Você não está fazendo uma coisa puramente acadêmica aqui? Você não está falando sobre os dons simplesmente porque está expondo a Epístola aos Romanos? Naturalmente é do nosso interesse saber algo sobre como era a Igreja Primitiva, mas isso nada tem a ver conosco; tudo isso teve fim com a era apostólica. Teria isso alguma relevância ou alguma aplicação que nos sirva no presente?”

Bem, essa questão é muito importante. Já toquei nela, de passagem, mas agora quero me ocupar dela mais detalhadamente. Consideremos o argumento, às vezes baseado no ensino de 1 Coríntios, capítulo 13, que afirma que o apóstolo está ensinando que não devemos preocupar-nos com os dons porque todos eles deixaram de existir. Os que sustentam essa

idéia vão adiante e dizem que no fim do período apostólico todos estes dons cessaram porque, agora que temos as Escrituras, eles não são mais aplicáveis. Bem, em nosso estudo anterior eu procurei fazer-lhes uma ligeira exposição de 1 Coríntios, capítulo 13, sobre esse assunto, e assim eu o deixo nesse ponto.

Todavia, examinemos isso da seguinte maneira: notem a lista de dons que o apóstolo nos dá aqui: "...se é profecia, seja ela segundo a medida da fé; se é ministério, seja em ministrar; se é ensinar, haja dedicação ao ensino; ou o que exorta, use esse dom em exortar; o que reparte, faça-o com liberalidade; o que preside, com cuidado; o que exercita misericórdia, com alegria" (Romanos 12:6-8). Pois bem, eu creio que vocês concordarão comigo que, seja o que for que pensem sobre a profecia, claramente se vê que todos os outros dons continuaram existindo desde os tempos apostólicos e estão em evidência na atualidade. Acho quase risível certas pessoas dizerem que não vêem nenhuma evidência dos dons hoje em dia. Significa, por certo, que só estão pensando no dom de línguas ou no de profecia ou no de milagres. Elas não percebem que todas essas outras coisas também são dons – o apóstolo não parece traçar nenhuma distinção, mas coloca todos eles na mesma categoria. Portanto, teríamos o direito de argumentar no sentido de que, se alguns desses dons têm estado em evidência durante o transcurso da história da Igreja e ainda estão, por que negar que se dá o mesmo com os demais? Essa pergunta é justa, e constitui uma parte da resposta àqueles que dizem que os dons cessaram com os apóstolos.

Outro argumento importante é que, se você acha que não há muita evidência da operação dos dons na igreja nestes dias, a explicação pode ser o baixo estado de espiritualidade da Igreja. Um dos maiores perigos, sempre me parece, é interpretar as Escrituras à luz da nossa experiência, em vez de submeter a nossa experiência à prova pelo ensino das Escrituras. Muitíssimas vezes sucede isso no presente. As

pessoas geralmente firmam como norma o que elas têm e o que elas conhecem bem, e submetem tudo à prova por meio disso. Mas, ao contrário, deveríamos perguntar: que descrição o Novo Testamento faz da Igreja? Como nos sairemos quando examinados segundo esse padrão? E, reitero, o resultado poderia muito bem ser que a ausência de manifestações dos dons se deve unicamente ao baixo estado de espiritualidade da Igreja. Sabemos que isso é verdade porque as próprias Escrituras ensinam isso. Se uma igreja se extraviar, ou se afastar da verdade, ou puser limites à verdade de Deus, ela perderá o seu poder; e o certo é que a história da Igreja através dos séculos demonstra claramente que isso tem acontecido muitas vezes.

Portanto, tratemos de ser muito cautelosos, para que não sejamos vistos “torcendo as Escrituras” simplesmente na tentativa de dar suporte aos nossos preconceitos ou de justificar o baixo estado da nossa espiritualidade. É isso que o apóstolo quer dizer em 1 Tessalonicenses 5:19, quando declara: “Não extingais o Espírito”. Você estabelece de partida que certas coisas não acontecem, não podem acontecer, ou não foram destinadas a acontecer, e então, claro, verá que elas não acontecem. Entretanto, o seu argumento girou num círculo vicioso, e você errou completamente. Essa é uma das maneiras mais comuns de extinguir o Espírito.

E assim eu passo a um quarto ponto, e este é ainda mais pertinente. Estamos envolvidos aqui na questão geral da doutrina da soberania do Espírito Santo, e devemos ter muito cuidado para não limitar a obra do Espírito. Essa doutrina nos é ensinada aqui: “...conforme a medida da fé que Deus repartiu a cada um”. É *Deus* quem a reparte. Já demos ênfase a isso quando consideramos o versículo 3. Aqui está, novamente, no versículo seis: “Tendo diferentes dons” – o fato de que são chamados “dons” sempre nos deveria lembrar que são Sua prerrogativa soberana – “diferentes dons, segundo a graça que nos é dada...”. A soberania do Espírito! E podemos

deduzir que, às vezes, o Espírito pode querer que nenhum dom seja dado ou que seja notoriamente visível. A Ele compete decidir e, portanto, devemos ser muito cautelosos quando abordamos este assunto.

Certamente há muitas evidências nas Escrituras de que Deus, tendo em vista Seus grandes propósitos, parece às vezes privar a Igreja e o crente individual de certas influências. Às vezes faz isso para ensinar-nos e humilhar-nos e por muitos outros objetivos, ou, se fazemos mau uso dos Seus dons, é provável que Ele os tire de nós. Por tudo isso, a não ser que você tenha prova absoluta, ou possa citar uma declaração especificamente explícita de que foi propósito que os dons fossem apenas temporários e num dado ponto haveriam de ser retirados, tenha todo o cuidado de não estar extinguindo o Espírito quando você firmar suas normas. Poderá ocorrer, ao mesmo tempo, que você esteja lutando contra o ensino geral concernente à soberania do Espírito em Sua dispensação destes dons.

Quero, porém, fazer uma sugestão. Não é clara a prova que vemos nas passagens que tratam destes dons – prova corroborada, como lhes mostrarei, pela história da Igreja, principalmente nos períodos de avivamento – de que podemos dividir os dons em dois grupos? Há aqueles que podemos denominar dons *regulares* ou *normais* e aqueles que podemos denominar dons *incomuns*. Sou tentado a fazer uso da classificação “ordinários” e “extraordinários”, mas não o faço porque há quem não goste de empregar a palavra “ordinário”.* Com o termo “regular” ou “normal” me refiro aos dons que estão constante ou normalmente em evidência, fora os períodos de apostasia e de extinção do Espírito.

Aqui, em Romanos, capítulo 12, certamente se vê que a

* A primeira associação de idéias que ocorre quando se emprega a palavra “ordinário” é com pessoas ou coisas de segunda ou terceira categoria. Nota do tradutor.

maior parte dos dons mencionados, à exclusão do dom da profecia, encaixam na divisão que estou denominando “dons regulares” ou “normais”. Na lista de 1 Coríntios, capítulo 12, os dons de “maravilhas” ou “milagres” e “de curar” podem ser classificados como excepcionais ou incomuns; e os mais comuns são os dons de sabedoria, ciência ou entendimento, socorros e governos.

Ou permitam que eu expresse o ponto desta maneira: na Igreja – e, graças a Deus, isso está em evidência no presente – vê-se o dom da fé. Mas há ocasiões em que se vê o dom da fé num grau realmente incomum e excepcional. Muitos cristãos têm o dom da fé. Naturalmente, como já vimos, o dom da fé mencionado em 1 Coríntios, capítulo 12, não é a fé salvadora, porque essa todos os cristãos têm. Ninguém poderá ser salvo, se não tiver fé para crer na mensagem – essa é a fé para salvação. No entanto, nem todos os cristãos têm o que nessa passagem é chamado “(dom da) fé”, embora alguns o tenham em grau regular ou moderado.

Mas então, subitamente, você topa com pessoas nas quais a fé é manifesta de maneira marcante ou incomum. Há claros exemplos disso. Penso num homem como George Müller, de Bristol. Se vocês não conhecem sua história, devem procurar conhecê-la, e verão que há resposta para aqueles que dizem que os dons terminaram quando o Novo Testamento veio à existência! Como explicar um homem como George Müller, de Bristol, e a fé que ele tinha? Leiam a maravilhosa história que conta como aquele homem teve fé suficiente para construir edifícios sem ter um tostão e de abrigar e sustentar todos aqueles órfãos. Quando faltava dinheiro, ele nunca propalava isso nem fazia apelos. Reagia com pura fé. Há narrativas encantadoras sobre a sua fé. Uma vez, quando ele estava cruzando o Atlântico para comparecer a uma reunião na América, de repente o navio foi envolvido por forte nevoeiro. Mas George Müller se pôs a orar, e o nevoeiro se dispersou de maneira realmente excepcional.

Vêem-se exemplos similares de grande fé na vida de Hudson Taylor, fundador da China Inland Mission (Missão do Interior da China) atualmente Overseas Missionary Fellowship (Comunidade Missionária Ultramarina). E tem havido na história da Igreja outras pessoas às quais, fora de toda dúvida, foi dado o dom da fé ou o dom da cura – às vezes é difícil definir qual destes dons elas tinham. E notem que aqui estamos na esfera de fatos bem comprovados. Temos que ser muito cautelosos, para não ocorrer que venhamos a fazer-nos culpados de extinguir o Espírito por termos firmado a crença em que a distribuição de dons terminou com os apóstolos. Houve um homem chamado John Welsh que era tão reformado e tão calvinista como o seu sogro, João Knox. Foi dito dele – e há boa prova disso num livro escrito por um escritor igualmente reformado e calvinista – que, quando ele residia no sul da França, foi usado para ressuscitar uma mulher dentre os mortos. Pois bem, vocês têm que encarar os fatos. Tenham cuidado para que, em sua primorosa e elegante disposição da verdade, não sejam apanhados lutando contra Deus. Precisamos ser muito humildes nestas questões.

Ou considerem o dom de profecia: façamos uso disto como ilustração. Tomem de novo o caso de John Welsh, ou de outro grande ministro da Escócia, Alexander Peden. Se vocês lerem as biografias desses homens, verão que eles puderam proferir profecias de eventos que aconteceriam na Escócia – e que de fato aconteceram. Portanto, devemos ter o cuidado de não extinguir o Espírito, mas não somente isso, devemos cuidar para não nos fazermos culpados de contradizer homens que consideramos como heróis.

Contudo, para dizê-lo em termos mais gerais, considerem um período de avivamento, isto é, de um derramamento do Espírito de Deus. Não me refiro a uma campanha evangelística, e sim a um avivamento. Os homens não podem produzir avivamentos nem organizá-los. Há muita confusão sobre isso. Desafortunadamente, os nossos amigos da América tendem a

confundir as duas coisas, e eles anunciam que será realizado um avivamento quando se referem a uma campanha de evangelização. Mas eu estou falando sobre uma visitação do Espírito de Deus, o tipo de coisa sobre a qual se pode ler nos escritos de Jonathan Edwards. Na cidade de Northampton, Massachussetts, de 1740 a 1742, e, na verdade, antes disso, em 1734, houve um derramamento do Espírito de Deus de maneira estupenda. E houve muitos eventos como esse na longa história da Igreja Cristã.

Pois bem, quando ocorre um verdadeiro avivamento como os referidos, sempre há uma manifestação de alguns dons; às vezes de um, às vezes de outros. Um dom que é sempre dado de maneira excepcional em tais ocasiões é o dom de pregar e ensinar. Vocês verão também o dom de profecia, que é a predição de eventos que ocorrerão subsequentelemente. Muitas vezes é dado também o dom de discernir os espíritos. Eu poderia narrar-lhes muitas histórias cuja veracidade é bem atestada; algumas delas são quase incríveis. Eu poderia contar-lhes como foi que homens, cheios do Espírito de Deus, puderam detectar a ação de espíritos malignos numa reunião.

Tudo o que estou tentando mostrar é que devemos ser muito cautelosos para não ocorrer que venhamos a ser pessoas que negam fatos históricos. Mas, acima de tudo, é terrivelmente perigoso lançar nossas próprias regras. Estamos interessados numa verdade que não tem limites nem fim. “Agora conheço em parte”, diz o apóstolo (1 Coríntios 13:12). Lembremo-nos sempre disso e estejamos preparados para coisas surpreendentes e espantosas.

A história demonstra o ponto que estamos tentando demonstrar. Há períodos da história da Igreja em que se sente que quase não há manifestação de qualquer dos dons. Então, de repente, o avivamento vem, e se vêem os dons demonstrados de maneira a mais extraordinária. Por conseguinte, eu acho que se chega a isto: o fato de ninguém poder ser cristão sem ter em seu ser o Espírito de Deus significa que cada um

de nós, cristãos, tem um dom espiritual. Mas então o batismo com o Espírito Santo eleva e fortalece estes dons. É dessa maneira, penso eu, que se concilia o ensino das Escrituras com a história da Igreja e suas condições na atualidade. Tudo está no poder soberano do Espírito, e é Ele que decide o que dar.

Tenho falado a vocês sobre avivamentos, e houve muitos na história da Igreja nos quais não houve nenhum falar em línguas. Não se esqueçam disso. Tem havido casos de indivíduos batizados com o Espírito não evidenciarem nada do falar em línguas. Vimos que nisso há dois erros, e devemos ter o cuidado de não cair em nenhum deles. Um é a discussão sobre se, nesse caso, tais pessoas foram batizadas com o Espírito; o outro é dizer que não existe tal coisa como um singular batismo com o Espírito, fora a regeneração, e que, mesmo que houvesse, não pode haver dons. Precisamos ser cautelosos e escriturísticos em todos os lados.

Torno a dizer que a minha posição é que eu creio no batismo do Espírito Santo como uma experiência à parte, distinta e singular. Esta pode ser acompanhada por dons extraordinários; ou pode simplesmente manifestar os dons “regulares” ou “normais” num grau mais elevado. Não nos cabe dizer que nenhuma destas coisas pode acontecer numa dada ocasião. Na soberania do Espírito tudo é possível.

Por isso me oponho igualmente aos que fazem regras por um lado, e aos que fazem regra pelo outro lado; aos que dizem que nada disso pode acontecer atualmente, uma vez que a era apostólica já terminou, e aos que dizem que todos os cristãos *devem* falar em línguas. Ambos os grupos estão propondo regras de formulação humana e igualmente anti-escriturísticas. Não somos nós que decidimos estas coisas. A nossa ocupação, o nosso dever é estarmos sempre abertos para as Suas bondosas influências e ao que Ele decida fazer. Não podemos predizer isso. E na longa história da Igreja é demonstrada a Sua soberania. Ele confunde todas as regras e

todos os sistemas e regulamentos de fabricação humana. Graças a Deus que Ele o faz, pois assim a glória sempre há de ser dEle, e somente dEle.

Deixo, então, o assunto nesse pé, e agora vou me ocupar de um tema bastante prático. Muitas vezes me perguntam: “À luz deste ensino, como você sabe qual é o seu dom particular?” Sei que isso está inquietando muitos na presente hora, e não é fácil responder a essa pergunta. Os títulos de uma resposta, em meu modo de ver, seriam algo como o seguinte: toda pessoa tem dons naturais; gente inteiramente vazia de qualquer dom não existe. Assim, se todos nós temos dons naturais, como sabemos qual é o nosso dom natural? Penso que essa é uma pergunta igualmente justa. E, em ambos os casos, a resposta é: o dom se manifestará, e, quando estamos funcionando como devemos, realmente não importa se sabemos ou não qual é o nosso dom.

Permitam-me ilustrar o que quero dizer. Tomemos o caso das pessoas que têm o dom natural de cantar. Como sabem que o têm? Bem, a resposta é que elas simplesmente se vêem cantando. Elas não se assentam e dizem numa espécie de vácuo: “Agora me pergunto qual é o meu dom. Pergunto-me se tenho o dom de cantar.” Não, é porque elas têm o dom que se vêem cantando, e o mesmo acontece com todos os outros dons naturais.

Por isso digo a todos os que são propensos a preocupar-se com os dons espirituais que é errado preocupar-se nesse sentido. Tudo o que eu e todos vocês devemos fazer é procurar conhecer o Espírito de Deus e sujeitar-nos a Ele. Devemos dizer-Lhe que não nos incomoda o que quer que façamos, nem o que quer que sejamos, contanto que Lhe pertençamos e que estejamos agindo como Ele quer que ajamos. Faça isso, cada um de vocês, e, acredite, logo você saberá qual é o seu dom.

Às vezes Ele tem que nos persuadir quanto ao nosso dom; pode até ser que lutemos contra o mesmo. Mas não importa. Em Seu soberano poder Ele fará com que o dom se

manifeste e, provavelmente, alguns que se preocupavam com isso já estão exercendo o dom sem saber que o estão fazendo. Não acho isso ruim. É preferível a jactar-se e a fazer exibição dos dons. É mais coerente com a humildade e modéstia do cristão, homem ou mulher.

No entanto também temos um teste nesta altura, um teste muito valioso. Consiste no fato de que outras pessoas podem dar testemunho a respeito do dom que você tem, e um dos deveres da Igreja Cristã em geral é fazer isso. Noutras palavras, o ato de discernir qual é o nosso dom não é deixado inteiramente a nosso cargo. A Igreja está envolvida, porque cada dom sempre visa ao bem do corpo todo. E o fato é que, através da sua longa história, a Igreja tem podido fazer duas coisas. Por um lado, questionar as afirmações daqueles que, quanto a certos dons, pensam que os possuem, e, por outro lado, a Igreja tem podido indicar a pessoas que não estão cientes dos seus dons, que elas têm certos dons.

Assim é que encontramos nas Epístolas Pastorais instruções para a escolha de homens para servirem como “presbíteros” e como “diáconos”, e nos é dito que devemos procurar certas qualificações. Quem não é “apto para ensinar” não deve ser designado para ensinar. Não se vai chamar um homem para ser pregador se ele não consegue falar. Há um extraordinário bom senso na Bíblia, não há? Deve-se procurar certas qualidades e manifestações dos dons – e a lista das características são dadas em 1 Timóteo, capítulo 3 e em Tito.

Temos aí, pois, um grande incentivo nesta questão de descobrir qual é o dom particular de cada um de nós. Não somente vocês verão que ele próprio se revela, mas também que a Igreja poderá ajudá-los. Às vezes há pessoas que pensam que têm determinado dom, porém nem sempre a Igreja concorda, e, como já vimos, é importante que aquele que reivindica possuí-lo esteja pronto a ouvir a Igreja. Todo homem que já foi pastor durante muito tempo sabe exatamente do que estou falando. Houve homens que me procuraram

para dizer-me que foram chamados por Deus para serem pregadores. Estaria eu afirmando que tenho o dom de discriminação ou de sabedoria? Bem, para a glória de Deus, tenho podido aconselhar tais irmãos, da maneira mais gentil, paciente e serena que pude, a que tornassem a examinar a questão e se certificassem. Por quê? Bem, para mim era evidente que lhes faltavam alguns dos dons básicos, essenciais, necessários aos pregadores, e me alegra dizer que posteriormente – creio que quase sem exceção – aqueles homens me procuraram para me agradecer.

Notem bem, alguns deles não gostaram e acharam que eu estava contra eles. Penso particularmente num deles, um homem muito sincero e honesto que tivera uma conversão maravilhosa e estava inteiramente seguro de que fora chamado para pregar. Mas eu estava inteiramente certo de que não fora. Ele não tinha capacidade mental, conhecimento, ou capacidade, nem sequer para aprender, quanto mais para ensinar outros, e sem essas qualidades ninguém pode habilitar-se para a posição de pastor, pregador e mestre. Nesse meio tempo, porém, estive fora da minha igreja um domingo, e um ministro visitante, um homem muito amável, veio pregar. E, como é natural, aquele meu jovem amigo procurou o ministro visitante e lhe falou sobre a sua vocação. O visitante, pessoa excelente que era, não conhecendo o homem, animou-o quanto pôde. Com isso, o pobre jovem convenceu-se de que eu estava contra ele, porém depois passou a ver a coisa diferentemente.

Pois bem, é importante que todos nós demos ouvidos à voz da Igreja nestas questões. E isso funciona de duas maneiras, porque, graças a Deus, há outros homens que eram humildes, e talvez culpados de temor, e não tinham consciência dos seus dons. Muitas vezes a Igreja teve que incentivar tais homens e teve que abrir os olhos deles para os seus dons, e convencê-los. Alguns dos maiores pregadores que o mundo conheceu tremiam ao pensar em pregar. Fizeram o máximo que puderam para evitá-lo, e quase tiveram que ser empurrados para o

púlpito; vocês podem ler suas biografias. Em certo sentido foi o que aconteceu com George Whitefield. Nesses casos a Igreja teve que mostrar ao homem que lhe fora dado o dom de pregar e que era seu dever pô-lo em ação.

São essas, pois, as questões gerais que, ao que me parece, introduzem o assunto que o apóstolo está colocando diante de nós aqui. Ele continua: “De modo que, tendo diferentes dons, segundo a graça que nos é dada, se é profecia, seja ela segundo a medida da fé”. Neste ponto só podemos definir o que significa o termo “profecia”, que é a primeira coisa da qual Paulo trata, e com a qual ele ilustra os seus princípios gerais. Que é este dom de “profecia”? Aqui também está um assunto que pode ser difícil, mas penso que muitas vezes a dificuldade surge porque as pessoas se baseiam em suas próprias idéias e em seus preconceitos, e não nas Escrituras.

Deixem que lhes diga o que profecia não significa. Não significa mero dom de explicar as profecias do Velho Testamento. Tem havido pessoas que ensinam isso. Elas dizem: “Profecia é o dom e a capacidade de expor os escritos dos profetas como estão registrados no Velho Testamento”. Pode causar-lhes espanto ouvir que essa era a interpretação dada por João Calvino e Martinho Lutero. Mais recentemente, porém, comentadores de quase todas as escolas de pensamento em geral concordam que essa interpretação é inteiramente errônea. Ela não se enquadra no que o Novo Testamento diz sobre profecia.

Vocês perguntam: por que será que Lutero e Calvino ensinaram isso? Não sei, e é muito perigoso imputar motivos aos outros. Mas às vezes me pergunto se não foi por causa de algumas coisas que estavam acontecendo entre os anabatistas. Os anabatistas afirmavam que tinham recebido vários dons do Novo Testamento, que todos os dons tinham renascido neles, e tanto Lutero como Calvino foram muito contrários aos anabatistas. Isso pode tê-los influenciado. Seja isso ou não, não importa. O que está claro é que essa é uma explicação

totalmente inadequada do que significa o dom de profecia.

Outros têm limitado a profecia à predição do futuro. Pois bem, a profecia às vezes inclui predição, porém não se restringe a isso. Na verdade, pode-se ter profecia sem nenhuma predição do futuro. Outros dizem que é um dom ou uma capacidade que alguns têm de descobrir a verdade e os fatos a respeito de outros, a respeito da condição deles, e o que devem fazer. De novo digo que isso pode acontecer às vezes, e pode fazer parte da profecia, mas limitar a profecia a isso é por certo inteiramente errado. E há outros que restringem a sua definição de profecia unicamente a um conhecimento da vontade de Deus em certos aspectos particulares. Outra vez, isso pode estar incluído, porém não se deve limitar a profecia a isso.

Que será, então, o dom de profecia? Bem, eu o defino como uma inspiração direta do Espírito Santo. Para quê? Seu propósito é dar uma palavra procedente de Deus, ou a palavra de Deus, à Igreja. Pois bem, há uma boa definição de profecia em 1 Coríntios 13:3. Nos versículos 1 e 2 lemos: “Segui o amor, e procurai com zelo os dons espirituais, mas principalmente o de profetizar. Porque o que fala em outra língua não fala aos homens, senão a Deus; porque ninguém o entende, e em espírito fala de mistérios”. Depois, no versículo 3, ele continua: “Mas o que profetiza fala aos homens, para edificação, exortação e consolação”. O mesmo ponto é firmado no versículo 31 desse capítulo: “Porque todos podereis profetizar, uns depois dos outros; para que todos aprendam, e todos sejam consolados”.

Esse é o conteúdo da profecia. Tem-se definido profecia assim – e me parece uma boa definição: profecia é “a inspirada comunicação de advertência, exortação, instrução, juízo e revelação dos segredos do coração”. Quem faz uma profecia é alguém a quem foi dado este dom de transmitir, por assim dizer, uma palavra vinda de Deus à Igreja e a indivíduos da Igreja.

Contudo, talvez a melhor maneira de se chegar a uma definição é perguntar: qual é a diferença entre a profecia,

por um lado, e a pregação e ensino, por outro? Porque há uma diferença. E eu diria que a diferença pode ser expressa com uma só palavra – imediatismo. E significa que uma palavra é dada às pessoas e chega até elas.

Pois bem, a pregação e o ensino não são assim. O pregador e mestre é um homem que toma tempo para estudar; toma tempo para pensar, para preparar-se; ele arruma o seu material e lhe dá ordem e sistema. Um pregador e mestre não deve ir ao púlpito sem nenhuma preparação, confiando na inspiração do momento. Isso não é pregação e ensino, é profecia. Profecia é algo que é dado a alguém imediata e diretamente. Permitam que eu lhes ofereça a minha prova, dizendo o seguinte: em 1 Coríntios 14:29 lemos: “Falem dois ou três profetas, e os outros julguem”. Depois, no versículo 30: “Se a outro, que estiver assentado, for revelada alguma coisa, cale-se o primeiro”. Pode-se retratar a reunião. Aí está um profeta pronunciando uma profecia, mas uma palavra é revelada a alguém que está sentado perto dele. É isso; isso é profecia. É uma revelação direta.

Pois bem, surge uma dificuldade da seguinte maneira: um pregador e mestre também pode ser profeta. Não tenho dúvida nenhuma sobre isso. Torno a dizer, para a glória de Deus, que eu acho que eu conheço um pouco disso. Penso que sei algo do que é estar pregando ou ensinando e, de repente, ver que estou profetizando. Estou ciente de que as minhas palavras não são o que preparei, e sim aquilo me foi dado naquele momento, e com clareza, força e ação direta. Eu estou falando e estou me ouvindo, por assim dizer, porque não sou eu mesmo. A profecia pode vir no meio de um sermão ou de um ensino, mas se distingue do ensino e da pregação por esta ação direta, por esta percepção de que Deus está revelando uma mensagem.

No meu próximo estudo vou mostrar como isto tem que ser salvaguardado. Quando falo em “revelação” estou fazendo uso da expressão do apóstolo: “Se a outro... for revelada

alguma coisa” (1 Coríntios 14:30). Mas não pensem que isso significa revelação no sentido em que foi dada aos escritores das Escrituras. Não significa isso. Simplesmente significa que você está dizendo coisas não resultantes do seu pensamento, da sua meditação e da sua preparação, e sim está apenas declarando o que lhe foi mostrado, o que lhe foi dado para dizer. Isso é profecia em sua essência.

Que há distinção entre profecia, e pregação e ensino, pode-se provar muito bem com Atos 21:9 e 1 Coríntios 11:5. Escrevendo sobre o evangelista Filipe, Lucas diz: “E tinha este quatro filhas donzelas, que profetizavam”. E em 1 Coríntios, capítulo 11, nos é dito: “Mas toda mulher que ora ou profetiza com a cabeça descoberta, desonra a sua própria cabeça, porque é como se estivesse rapada”. Pois bem, só estes versículos já provam que as mulheres podem profetizar; mas as Escrituras nos dizem também que não é permitido que as mulheres preguem ou ensinem. Por isso é importante ter clara em nossa mente a diferença entre profetizar, por um lado, e pregar e ensinar, por outro. Uma mensagem pode vir a uma mulher, mas isso não faz dela uma pregadora ou mestra.

Temos, assim, alguma idéia do que se quer dizer com profecia, porém, à medida que considerarmos o que Paulo diz a seguir sobre ela e que virmos como deve ser feita, seremos ajudados a entender mais claramente o que a profecia realmente é.

18

“De modo que, tendo diferentes dons, segundo a graça que nos é dada, se é profecia, seja ela segundo a medida da fé.”

– Romanos 12:6

Temos visto que, essencialmente, a profecia é uma revelação, não no sentido de ser igual às Escrituras, mas no sentido de que uma verdade particular é lançada sobre a mente de um crente pelo Espírito Santo para que ele, homem ou mulher, a comunique aos membros da Igreja. Como já vimos em 1 Coríntios 14:3, a profecia tem um objetivo específico: “O que profetiza fala aos homens, para edificação, exortação e consolação”. Essa é a função e o dever da profecia. Mas o que nos interessa particularmente agora é a declaração que temos aqui, em Romanos 12:6. Se nos foi dado o dom da profecia, diz o apóstolo, “seja ela segundo a medida da fé” (ou, VA: “Profetizemos segundo a proporção da fé”).

Duas principais interpretações dessas palavras têm sido propostas. A primeira é que significam, “Profetizemos segundo a proporção da *nossa própria fé*” – o que denota que devemos ser sinceros. O perigo de todos estes dons, como já vimos, é a tendência de exceder-se quanto a eles, se se pode usar tal expressão, a fim de exagerar a importância pessoal do seu usuário. Assim, essa interpretação subentenderia que o apóstolo está dizendo aqui: “Se alguém tem o dom de profecia, que ele profetize de maneira sincera; que nunca vá além do que lhe foi revelado”.

Vejam vocês, o diabo vem e tenta esse homem a dizer algo surpreendente e notável que lhe dará crédito e o exaltará

na opinião dos outros. O perigo que ele corre é, ou aumentar o que lhe foi dado de modo que seja espetacular, ou tirar-lhe algo do que lhe foi dado, porque acha que não será popular e o povo não gostará da mensagem e, daí, não gostará dele. Aí estão os perigos que confrontam alguém que tem este dom de profecia, e a solução do apóstolo para o problema é, portando, dizer: “Faça isso segundo a sua própria fé, segundo a proporção da sua própria fé. Você saberá quando estiver indo além do que lhe foi dado, e quando estiver retirando algo. Não faça nenhuma dessas duas coisas. Seja honesto. Deixe-se governar e controlar pelo que você sabe que é certo dentro dos termos da fé que você tem”.

Pois bem, essa é a interpretação subjetiva desta declaração, que alguém resumiu muito bem nestes termos: “Que ele profetize segundo a força, a clareza, o fervor e outras qualidades da fé que lhe foi outorgada”. Você não permite que o seu ego ou a sua carne se meta; você é realmente honesto; você entrega a mensagem como lhe foi dada, e de modo nenhum lhe acrescenta ou lhe tira algo.

A segunda interpretação assume uma visão mais objetiva desta declaração sobre a maneira pela qual aqueles que têm o dom de profecia devem profetizar. De passagem, eu gostaria de levantar um ponto que pode estar causando inquietação a alguém. É possível ter o dom de profecia sem ser profeta. No Novo Testamento constam estas ordens – apóstolos, profetas e evangelistas. Os profetas eram um grupo muito especial de pessoas às quais era dada uma classe de revelação que só secundariamente era dada aos apóstolos, e eles falavam com grande autoridade. Este dom de profecia não é isso. Aqui não estamos falando de uma ordem dentro da Igreja. Estamos falando, sim, sobre um dom que era muito mais comum e muito mais propagado que o excepcional chamado para o corpo ou para a ordem de pessoas às quais era dado o nome “profetas”. Assim como não havia muitos apóstolos na Igreja Primitiva, assim também não havia muitos profetas, porém

o dom de profecia era obviamente muito mais difundido.

Dessa forma, a segunda interpretação traduziria a declaração do apóstolo assim: “Profetizemos segundo a proporção *da fé*”. Ou, para dar ainda outra tradução: “...se profecia, profetizemos segundo a analogia da fé” – salientando “a fé”, algo objetivo. No Novo Testamento vêem-se referências à “fé” significando o corpo da verdade entregue ao povo de Deus. Há um perfeito exemplo no versículo três da Epístola de Judas. “Amados”, diz Judas, “procurando eu escrever-vos com toda a diligência acerca da salvação comum, tive por necessidade escrever-vos, e exortar-vos a batalhar pela *fé* que uma vez foi dada aos santos”. E essa expressão se encontra em muitas passagens do Novo Testamento.

Portanto, esta segunda interpretação significa que o pronunciamento inspirado sempre deve conformar-se ao corpo de ensino e doutrina dado por Deus à Igreja por meio dos apóstolos e dos profetas, e que aquele que está transmitindo uma profecia nunca deve acrescentar coisa alguma ao corpo da verdade revelada, nem tampouco subtrair coisa alguma dele. Toda profecia proferida, diz essa interpretação, sempre deve ser submetida à prova em termos desta “fé” que nos foi dada. E isso é muito importante.

Quanto a mim, estou disposto a aceitar ambas as explicações. Entendo que ambas são corretas. Obviamente, quem profetiza deve ser sincero. Mas eu penso que há mais um elemento – que a profecia sempre deve ser provada pela “fé”. Em que me baseio para dizer isso? Bem, temos uma declaração específica, feita pelo próprio apóstolo, em 1 Coríntios 14:29, onde Paulo diz: “Falem dois ou três profetas, e os outros julguem” – que os outros submetam à prova o que é dito. Quando os profetas estiverem falando, quando estiverem fazendo os seus pronunciamentos, estes pronunciamentos devem ser provados, e a única maneira de prová-los é, naturalmente, “pela fé”. Ou vejam como este mesmo apóstolo expressa esse ponto em 1 Tessalonicenses 5:19-21.

Diz ele: “Não extingais o Espírito. Não desprezeis as profecias. Examinai (provai, testai) tudo. Retende o bem”. Esse é o contexto. Vocês devem submeter tais pronunciamentos à prova, e só farão isso, é óbvio, por esta fé que foi dada à Igreja: todo o corpo da verdade.

Isso, por certo, é algo que é necessariamente verdadeiro. Toda a verdade é dada pelo Espírito Santo e, portanto, é coerente e coesa; nunca se contradiz. O Espírito não vai dizer uma coisa numa ocasião e negá-la noutra. Há algumas características da verdade que procede do Espírito e, por conseguinte, todo pronunciamento feito à Igreja por meio dos apóstolos e dos profetas deve ser provado por esta verdade. Há um bom exemplo em 1 Coríntios 12:3, onde Paulo diz: “Portanto vos quero fazer compreender que ninguém que fala pelo Espírito de Deus diz: Jesus é anátema”. Não lhe é possível fazer isso. Assim, se alguma vez vocês ouvirem um homem que alega estar sob a inspiração do Espírito Santo dizer que “Jesus é anátema”, podem saber que ele não está falando da parte do Espírito Santo.

O nosso Senhor mesmo disse que o Espírito foi dado com o fim de glorificá-lo; portanto, se alguém não O glorificar, mas falar contra Ele, absolutamente não pode estar falando da parte do Espírito de Deus. Mas Paulo diz, inversamente: “Ninguém pode dizer que Jesus é o Senhor, senão pelo Espírito Santo” (1 Coríntios 12:3). Pois bem, quando ele diz “Ninguém pode dizer que Jesus é o Senhor”, não está se referindo apenas ao ato de proferir palavras; qualquer pessoa pode *dizer* isso. Paulo se refere a dizê-lo de coração, crendo e se regozijando nisso. Ninguém pode fazer isso, a não ser pelo Espírito Santo.

Ou deixemos que João interprete este princípio. Em 1 João 4:1-3 lemos: “Amados, não creiais a todo espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo. Nisto conhecereis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em

carne é de Deus; e todo espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus, mas este é o espírito do anticristo, do qual já ouvistes que há de vir, e eis que está já no mundo”. Por isso, enquanto estas pessoas estão proferindo estas profecias, como nos é dito em 1 Coríntios 14:29, é preciso que os outros as julguem, que submetam à prova as palavras. Não aceitem nenhuma profecia sem questioná-la.

E, evidentemente, vocês verão a mesma coisa noutras Epístolas. Em Gálatas 1:8, por exemplo, Paulo diz: “Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho além do que já vos tenho anunciado, seja anátema!” Havia pessoas que iam por toda parte afirmando que eram pregadores do evangelho, mas Paulo declara que os cristãos não deviam ouvi-los porque anunciavam um falso evangelho, outro evangelho, que não era o evangelho. Ele estava sempre exortando as pessoas a que julgassem, avaliassem e submetessem à prova estas coisas.

Na verdade, voltando a João, ele lembra a seus leitores: “Vós tendes a unção do Santo, e sabeis tudo” (1 João 2:20), e com a palavra “tudo” ele quer dizer “todas estas coisas”. De novo, no versículo 27, ele diz: “E a unção, que vós recebestes dele, fica em vós, e não tendes necessidade de que alguém vos ensine; mas, como a sua unção vos ensina todas as coisas, e é verdadeira, e não é mentira, como ela vos ensinou, assim nele permanecereis”. Pois é isso que significa a injunção de Paulo: profetizemos segundo a proporção da fé.

Por conseguinte, tudo deve ser submetido à prova, e só devemos aceitar algo com a condição de que se ajuste ao padrão da verdade que já foi entregue. Nos dias da Igreja Primitiva, antes de formar-se o cânon do Novo Testamento, e, na verdade, antes de qualquer destes livros ter sido escrito, era assim que aqueles primeiros cristãos obedeciam a essa ordem apostólica: tinham ouvido o ensino – não se teriam tornado membros da Igreja se não fosse isso – subscreveram o ensino, sabiam o que era esse ensino, e isso, juntamente com a

iluminação e a unção do Espírito que estava neles e sobre eles, capacitou-os a submeter à prova o que era apresentado como uma profecia proferida sob a inspiração do Espírito Santo.

Essa questão é muito importante na hora presente, particularmente à luz de duas coisas. A primeira é o movimento ecumênico e as declarações feitas por líderes das igrejas em nome de Cristo. Devemos submetê-las à prova. O segundo motivo é o novo interesse pelos dons do Espírito. Em todas as ocasiões isso requer cuidadoso exame e comprovação. Como já vimos pelas citações que passei a vocês, na Igreja Primitiva havia pessoas que se haviam extraviado neste aspecto porque tinham esquecido que a profecia sempre tem que ser “segundo a proporção da fé”. Tinham esquecido a importância da realização de cuidadoso exame.

A frase de Paulo em Romanos 12:6 é a base do que denominamos teologia sistemática, é sua grande justificativa. Na verdade, ela nos intima a que tenhamos uma teologia sistemática. Teologia sistemática é o seguinte: você lê a Bíblia e vê que ela está repleta de doutrinas, doutrinas específicas, do começo ao fim. Todas as grandes doutrinas da fé são ensinadas numa ou noutra parte das Escrituras. Pois bem, o estudioso de teologia sistemática estuda estas doutrinas seguindo uma ordem sistemática. Pode-se começar, como muitos fazem, pela doutrina das próprias Escrituras, ou se pode começar, como eu pessoalmente sempre gosto de fazer, pela grande doutrina do próprio Deus.

Nas Escrituras encontramos a doutrina do Deus triúno,* a doutrina do homem, a doutrina da Queda, a grande doutrina da redenção em todas as suas partes e parcelas, inclusas a doutrina da Igreja, a do Espírito no crente e a da santificação.

* Embora não conste nos dicionários da língua portuguesa que conheço, mesmo os mais modernos, é de uso generalizado o anglicismo “triúno”, que junta as idéias de diversidade e unidade. Deus é trino e uno. Nota do tradutor.

E, finalmente, concluímos com a glorificação e o estado final de perfeição, quando todas as coisas estarão completas. Pois bem, a teologia sistemática coloca todas essas doutrinas em ordem. Assim, pode-se interpretar Romanos 12:6 desta maneira: aquele a quem é dado o dom de profecia deve certificar-se de que cada profecia está em harmonia com o ensino da teologia sistemática.

Acaso vocês notam o que estou dizendo? Defini a teologia sistemática como a colocação em ordem das doutrinas que se acham nas Escrituras. Mas às vezes os teólogos não se restringem a isso. Acrescentam suas próprias especulações, ou começam a usar sua lógica, forçando as coisas a irem um pouco além do que o que é autorizado pelas Escrituras. Não defendo isso. É sempre um perigo, e é muito difícil nos protegermos desse perigo. Diz o apóstolo que aquele que profere uma profecia na igreja precisa estar seguro de que de modo nenhum sua profecia transgrida esta exposição sistemática da verdade, a qual de modo nenhum deixe de se ajustar a ela – não tanto a exposição sistemática da verdade, mas a verdade mesma é que não deve ser contraditada. É isso que o apóstolo está salientando.

Agora vocês podem ver como este assunto é importante. É o que governa não só todo pronunciamento profético, mas também se aplica igualmente à exposição – coisa que estou fazendo agora – e à pregação. Sempre se deve pregar “segundo a proporção da fé”, e sempre se deve ensinar em conformidade com ela. Tem havido grandes problemas na Igreja, às vezes até tragédias, porque nem sempre se fez isso.

Sempre devemos comparar Escritura com Escritura. É aí que as pessoas que não acreditam em teologia tendem a extraviar-se. Elas chegam a uma declaração, pegam os seus dicionários e chegam a uma interpretação em termos dos sentidos particulares das palavras. Todavia depois aparece noutra parte das Escrituras a mesma declaração, e o contexto exige um sentido diferente do que elas deram. Qualquer

pessoa vê que há uma contradição. Nunca deveriam deixar acontecer isso. Se tão-somente cuidassem de, na primeira instância, checar a sua interpretação ou explicação confrontando-a com a declaração completa da doutrina, jamais cairiam nesse erro. É nesse ponto que os que confiam demais em léxicos e em concordâncias para a interpretação das Escrituras, em vez de no corpo sistemático de doutrina, invariavelmente entram em dificuldade. O método deles pode parecer muito bíblico, mas não é.

Noutras palavras, o que todos nós devemos fazer – particularmente aqueles de nós que somos chamados para pregar e ensinar – é o seguinte: devemos ler a Bíblia completa e, quando a lermos, veremos exposto nela o grande corpo de doutrina. Então o fixaremos em nossa mente, e assim, quando voltarmos a um versículo particular, toda aquela doutrina nos ajudará a interpretá-lo. Nunca se deve interpretar um versículo particular de um modo que o deixe sem enquadrar-se no corpo geral da verdade.

Agora permitam que eu lhes mostre como tudo isso é importante no presente. Qualquer ensino que tenda a falar com algum desprezo da doutrina ou da teologia ou do ensino propriamente dito é errado. O apóstolo diz que a profecia deve ser proferida “segundo a proporção da fé”, e, se você deixar de lado e ridicularizar o único padrão pelo qual pode aplicar esse teste, estará contradizendo a ordem direta de Paulo.

O perigo é as pessoas dizerem: “Ah, sim, os homens dotados de inteligência podem interpretar as Escrituras, podem ler teologia e doutrina etc., e podem ser versados na Palavra de Deus, porém aqui está a inspiração direta, e nós vamos dar ouvidos a esta inspiração direta. Não nos importamos com o que a sua doutrina diz”. Foi esse o problema geral dos quacres – exatamente nesse ponto é que eles erraram. George Fox, fundador do movimento dos quacres, muito acertadamente viu o perigo de uma teologia árida e seca, ou de uma espécie de crença intelectual, sem nenhum valor para a vida. Além

disso, indubitavelmente, ele era um homem batizado com o Espírito Santo, e ele mesmo, pessoalmente, se manteve mais ou menos em equilíbrio enquanto viveu, embora até Fox, às vezes, tendesse a dizer coisas um tanto frouxas. Mas muitos dos seus seguidores caíram em grave erro. Foram longe demais, a ponto de dizerem que não se importavam com o que a Bíblia diz porque tinham recebido uma palavra direta. Eles colocavam esta “luz interior”, esta iluminação direta, antes das Escrituras; colocavam isso contra as Escrituras e num sentido diziam que você não precisa das Escrituras porque pode receber a palavra de Deus diretamente.

E, evidentemente, esse ensino reapareceu sob muitas formas. Lembro que uma vez ouvi um pregador que tinha mergulhado fundo no misticismo, e a grande frase que ele sempre nos dizia era: “Adentre-se em si mesmo”. Era essa a sua maneira de expressar a “luz interior” dos quacres. Ele dizia: “Fique em silêncio, ponha-se a ouvir, e Deus falará com você”. A “luz interior”; a iluminação e inspiração direta.

Portanto, apesar de eu aceitar que o dom de profecia é um dos dons que podem ser dados a qualquer pessoa da Igreja em qualquer ocasião, não devemos colocar-nos contra as Escrituras.* O mesmo Espírito que dá a profecia deu as

* Tomo a liberdade de relatar resumidamente três experiências pessoais na área em foco. (1) Na década de 1960, quando missionário no Chile, época em que o pentecostalismo já dominava o panorama evangélico naquele país, uma vez visitei de manhã uma irmã que, durante a visita, me disse: “Sobre a irmã X, o Senhor me revelou...” isto e aquilo. Depois do almoço, naquele mesmo dia, visitei outra irmã, e esta me disse: “Sobre a irmã X, o Senhor me revelou ...” coisa completamente diferente do que a outra irmã dissera!. (2) No início da década de 1970, quando dei aulas sobre a doutrina da Trindade na ABECAR, conheci um jovem pentecostal muito inteligente e com grande capacidade de persuasão. Era da capital paulista. Conversando com ele, expus minha posição sobre os dons espirituais (posição essencialmente idêntica à do Dr. Lloyd-Jones), e ele se admirou de ouvir aquilo de um pastor presbiteriano. Mas, acrescentei: “Você é inteligente e certamente reconhece que há muito exagero entre os pentecostais”. Ele >>

Escrituras, e Ele deu as Escrituras aos “apóstolos e profetas” em grande parte para que fôssemos habilitados a “examinar e provar os espíritos”. Se você fizer pouco caso das Escrituras e da doutrina, não terá nada com que provar os espíritos, e não faltam espíritos malignos que podem assumir a aparência de “anjos de luz” (2 Coríntios 11:14) e que, se fosse possível, iludiriam até os próprios eleitos de Deus. É, pois, muito errado e muito perigoso colocar a profecia em oposição às Escrituras. Pior ainda será colocá-la acima das Escrituras – não pode haver nada mais perigoso.

Ou permitam que eu expresse o ponto de um segundo modo. Há aqueles que dizem que as pessoas podem receber o dom de profecia, e outros dons, sem que isso faça qualquer diferença para a doutrina delas. Isso está sendo dito abertamente nos dias atuais. Dizem-nos que bispos, e até cardeais, penso eu, da igreja católica romana recentemente foram batizados com o Espírito Santo, estão falando em línguas, e assim por diante. Mas então, se vocês perguntam: “Significa então que eles não mais crêem na assunção de Maria e em sua imaculada concepção? Que eles deixaram de crer na transubstanciação e em todos aqueles outros acréscimos não escriturísticos e de fato contrários às Escrituras? Quer dizer que eles renunciaram então a estes erros do catolicismo romano?” A resposta que nos dão é: “Nada disso; isso não faz nenhuma diferença. Eles podem continuar com esses graves

<< pensou um pouco, e concordou. Disse-lhe eu, então: “Você, com os dons que tem, pode ajudar a sua igreja a compreender isso e a repudiar os exageros. Busque a ajuda de Deus e faça isso”. (3) Ainda ontem (dia 26.02.2003), dirigindo um estudo sobre os meios de revelação de Deus, lembrei aos irmãos que a máxima revelação é Jesus Cristo (Heb. 1:1-3), mas adverti: “Não se pode ter um correto conhecimento de Jesus Cristo, senão pelas Escrituras Sagradas, lida sob a iluminação do mesmo Espírito que a inspirou”, e citei João 5:39. (Ver também os versículos 46 e 47). Nota do tradutor.

erros. O que é importante é que agora eles estão falando em línguas, ou profetizando”.

É aí que as coisas ficam muito perigosas. Seguramente, quando homens e mulheres são batizados com o Espírito Santo, eles passam a ter entendimento da verdade e começam a aplicá-la. A profecia deles será “segundo a proporção da fé”, e imediatamente eles terão que enfrentar a sua posição doutrinária. Se alguém pudesse dizer-me que tais ou quais bispos e cardeais, por terem recebido o batismo com o Espírito Santo, tentaram reformar a igreja católica romana e, conseqüentemente foram postos fora ou decidiram sair dela, de todo o meu coração eu aceitaria a genuinidade da experiência deles. Mas o que não posso aceitar é que eles tiveram a referida experiência e, contudo, continuam pregando e ensinando os mesmos velhos erros. Não, aceitar isso é desacreditar a doutrina e, no momento em que você desacreditar a doutrina, não terá como provar se a sua profecia é segundo a proporção da fé.

Permitam que eu lhes ofereça uma terceira dedução, extraída desta importantíssima cláusula. É que, desde o tempo dos apóstolos, nunca mais houve nenhuma verdade nova. “A fé que uma vez* foi dada aos santos”, escreveu Judas (versículo 3). A verdade foi dada aos apóstolos e aos profetas. A Igreja, diz o apóstolo, é edificada “sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas” (Efésios 2:20), e não se pode acrescentar coisa alguma ao fundamento. Você constrói sobre o fundamento, não lhe acrescenta nada. Noutras palavras, cremos que a verdade completa está aqui, nas Escrituras. Portanto, aqui é que está a única prova de que dispomos e o único padrão pelo qual podemos julgar tudo quanto se apresente como revelação ou verdade recebida de Deus.

E, mais uma vez, é aí que a igreja católica romana se faz ré convicta. Não estou aqui para pregar contra a igreja católica romana; estou apenas ilustrando o ponto sustentado pelo

* VA, ARA e NVI: “uma vez por todas”. Nota do tradutor.

apóstolo. Temos aí uma igreja que acrescentou coisas demais ao ensino do Novo Testamento. No Novo Testamento vocês jamais encontrarão a doutrina católica-romana sobre Maria. Não há nele nenhuma insinuação de que ela é uma “co-redentora”. Tampouco verão ensinada a imaculada concepção nem a transubstanciação. Não estão ali, e nem os próprios católicos dizem que estão. Eles dizem: “Não, isso nos foi revelado depois”. E dessa forma eles contradizem a declaração bíblica de que a verdade foi entregue uma vez por todas aos santos.

Minha quarta dedução é que, por conseguinte, sempre devemos ter o cuidado de não basear o nosso ensino e a nossa pregação num pronunciamento profético. Qualquer pronunciamento profético só tem valor quando dirige a atenção à fé que já nos foi dada. Ele traz à luz algum aspecto ou alguma faceta particular da fé e lhe dá ênfase, porque pode ser que seja de suprema necessidade na ocasião; entretanto o pronunciamento profético nunca lança doutrina, e a nossa doutrina jamais deverá ser modelada ou decidida por uma profecia.

Permitam que lhes ofereça um exemplo. Essa foi uma das questões que acabaram causando muito problema em conexão com o movimento associado a um homem chamado Edward Irving por volta de 1830 e pouco. Ele e seus seguidores afirmavam que os dons da Igreja Primitiva – falar em línguas e, particularmente, pronunciamentos proféticos – tinham sido restaurados para eles, e isso sem dúvida aconteceu. Mas o ensino sobre o arrebatamento secreto dos santos entrou em cena pela primeira vez em 1831, no referido círculo, e surgiu como resultado direto de um pronunciamento profético.

O grande S. P. Tregelles é a autoridade de que me sirvo para essa afirmação, e vou citar suas palavras para vocês. Diz ele: “Não sei se houve algum definido ensino de que deverá ocorrer um arrebatamento secreto da Igreja numa vinda secreta antes deste ser dado como um pronunciamento, na igreja do Sr. Irving, de algo que foi então recebido como

sendo a voz do Espírito. Mas, quer alguém tenha pretendido tal coisa quer não, foi da suposta revelação que surgiram a doutrina moderna e a fraseologia moderna a seu respeito”.

Como vocês podem ver, aí está um ensino inteiramente novo, e hoje muitos estão prontos a concordar que a doutrina do arrebatamento secreto deve ser rejeitada. A profecia foi dada num congresso realizado num lugar chamado Powerscourt, em 1830. Irving e seus seguidores costumavam realizar congressos sobre profecia, e nesses congressos Tregelles esteve presente muitas vezes, junto com Benjamin Newton e J. N. Darby. Eles logo romperam uns com os outros, eu sei, mas em 1830 lá estavam eles, e ouviram esse ensino pela primeira vez e o aceitaram. Por quê? Porque foi um pronunciamento profético e eles não se deram ao trabalho de submetê-lo à prova, “segundo a proporção da fé”, como deviam ter feito. Devemos, pois, ser sempre extremamente cautelosos, cuidando de não ensinar doutrinas simplesmente porque nos vieram num pronunciamento profético.

Minha quinta dedução também é importante hoje, especialmente à luz da história passada. Os pronunciamentos proféticos devem ser submetidos à prova com extraordinário cuidado quando envolvem ações praticadas por outros e quando envolvem ações praticadas pela Igreja em geral. Pois bem, muitas vezes num pronunciamento profético é dada uma mensagem que diz a alguém que faça algo, ou que às vezes diz à pessoa que fala ou até mesmo a toda a Igreja que faça algo. Há um grande perigo aqui. Aconteceu por vezes que um pronunciamento profético foi recebido como uma autêntica palavra de Deus, e por essa razão foi posto em prática, com resultados pouco menos que trágicos.

Conto-lhes uma ilustração. De novo no tempo de Edward Irving, havia um homem muito culto, um advogado chamado Robert Baxter, que vivia em Doncaster. Ele se deixou dominar por esse ensino e afirmava que tinha recebido revelações, geralmente, pobre homem, a respeito de si próprio. Nunca

existiu alguém mais sincero que ele. Era um homem muito capaz, e desejava sinceramente o melhor de Deus. Mas ele acreditou de fato que o Espírito lhe tinha dito que abandonasse esposa e filhos e desistisse da sua carreira. Graças a Deus, antes de dar esse passo, pôde ver quão errado estava. Eis aí, notem vocês, um pronunciamento profético que contradizia doentamente as Escrituras. As Escrituras não mandam ninguém cortar estes laços naturais. Manda justamente o oposto disso. Mas, porque parecia que era uma mensagem da parte do Espírito Santo, Baxter se dispôs a agir com base nela, como na verdade se dispôs noutra ocasião, quando achou que tinha sido chamado para ir a certo tribunal numa tarde e fazer um pronunciamento lá. Felizmente outra vez, ele não foi, e mais tarde veio entender que tinha sido vítima de uma ilusão. Todavia, permitam que eu cite para vocês um excelente livro moderno sobre a história do pentecostalismo neste país. Seu autor é um conhecido e competente escritor pentecostal, o Sr. Donald Gee. Diz ele em seu livro: “O entusiasmo da novidade que marca a primeira experiência de dons espirituais como os de profecia, línguas, ou de interpretação de línguas, tende a desequilibrar a perspectiva do crente por algum tempo, especialmente se ele não estiver bem arraigado e fundamentado nas Escrituras de antemão. Essa propensão para dar indevida ênfase à mensagens tem sido um constante perigo entre os recém-chegados ao avivamento pentecostal, e, bastante estranhamente, as pessoas de alto nível de educação caem tão prontamente vítimas disso como os incultos e os ignorantes. A coisa pode ser bastante inofensiva e simples, contanto que o uso de tais dons espirituais não assuma caráter diretivo nas atividades quer privadas quer da igreja. É aí que o problema começa”.

Pois bem, aí está um homem que escreve a partir de sua longa experiência no movimento pentecostal, e as suas palavras reforçam a advertência que colhemos da história do movimento iniciado por Irving.

Então, finalmente, permitam-me dizer-lhes o que considero um ponto adicional muito importante, algo que é muito arriscado negligenciar. Há certamente um princípio a ser descoberto aqui, na questão geral do exercício dos dons, e me parece que se trata de um princípio que governa o exercício de qualquer dom e de todos eles. É colocado aqui nesta única frase: "...profecia, profetizemos segundo a proporção da fé". É algo maravilhoso de se considerar. Nestas questões há uma fusão do sobrenatural e do natural, do divino e do humano, e caímos em dificuldade quando deixamos de compreender que ambos estão presentes, e que ambos devem estar presentes sempre. Há algo da parte de Deus nisso, e há a nossa parte, e é aí que vemos que estamos lidando com algo que as Escrituras chamam mistério ou maravilha, algo que uma pessoa natural não entende de jeito nenhum. Ela provavelmente acha que estamos todos loucos por estudar as Escrituras como estamos fazendo; ela não consegue acompanhar esse estudo; não reconhece coisa alguma que esteja fora da sua compreensão. Mas nós estamos na esfera do espiritual.

Quais serão as regras? Bem, sugiro-lhes que são as seguintes: o primeiro ponto salientado aqui é que estas coisas são sempre "dadas". A autoridade em que me baseio para dizer isso é 1 Coríntios 14:30, onde Paulo fala sobre os profetas. No versículo 29 ele diz: "Falem dois ou três profetas, e os outros julguem". Agora ouçam isto: "Se a outro, que estiver assentado, for revelada alguma coisa, cale-se o primeiro". Esse é o princípio: é dado. Aí estão as pessoas na igreja, e alguém está fazendo um pronunciamento profético, mas então é dada uma mensagem a outro que está sentado perto. Disso eu deduzo que o pronunciamento profético não é de iniciativa própria; não o podemos fazer sempre que quisermos.

Isso tem apoio em 1 Coríntios 14:18, que, ao que me parece, é a única interpretação concebível deste versículo de Romanos. Em 1 Coríntios 14:18 o apóstolo diz: "Dou graças

ao meu Deus, porque falo mais línguas do que vós todos” (ou, VA: “...falo em línguas mais do que vós todos”), e a palavra “mais”, como as autoridades assinalam, é um advérbio e significa “mais vezes”. Portanto, Paulo está dizendo: “Dou graças ao meu Deus, porque falo em línguas mais vezes do que vós todos”. Ora, se falar em línguas é uma coisa que as pessoas podem fazer toda vez que quiserem, não vejo razão para essa declaração do apóstolo, porque tudo o que ele estaria dizendo é que ele decide falar em línguas mais vezes do que qualquer outra pessoa. No entanto, se ele quer dizer que se vê tomado pelo Espírito e falando em línguas, se se trata de uma espécie de êxtase ao qual ele é arrebatado – não algo que ele decidiu fazer, mas algo que lhe foi dado – então há motivo para a sua afirmação de que ele conhece mais desse dom e que o usa mais vezes que ninguém. E isso se aplica a todos os dons, a cada um deles. Aplica-se aos milagres, às curas, às línguas e à profecia – sempre são dados, sempre iniciados pelo Espírito.

Não deveria isso ser óbvio para nós? Vejam-no no livro de Atos. Os apóstolos tinham o dom de operar milagres; significaria que podiam operar milagres toda vez que quisessem? Obviamente não. Não, era-lhes dada uma delegação de poderes. Subindo Pedro e João ao templo, viram o homem junto à porta Formosa, e fitaram os olhos nele. Vê-se aí uma delegação de poderes (Atos 3:4). Vê-se a mesma coisa com relação ao apóstolo Paulo em Listra, em Atos 14:9.

Mas vocês já notaram que o dom é “dado” não somente no caso de milagres, curas e coisas desse gênero, como também até no caso da fala? Isso é muito importante e muito interessante. Nunca devemos esquecer este elemento de dádiva. Vejam, por exemplo, Atos 4:8. Pedro e João estão em julgamento diante do Sinédrio, em Jerusalém, e as autoridades lhes perguntam: “Com que poder ou em nome de quem fizestes isto?” Então lemos: “Pedro, cheio do Espírito Santo, lhes disse: ...”. Ele fora cheio do Espírito Santo no dia de

Pentecoste, mas aqui o foi novamente. Que significa isso? Bem, significa que lhe foi dado outro revestimento especial. Ele não fazia coisa alguma de si mesmo; era-lhe feito. Ele foi cheio do Espírito para poder escolher as palavras certas. Foi o Espírito que veio de novo sobre ele de maneira especial, a fim de habilitá-lo a realizar essa tarefa particular.

E, evidentemente, vocês vêem a mesma coisa mais adiante, em Atos, capítulo 4: “E, tendo orado, moveu-se o lugar em que estavam reunidos; e todos foram cheios do Espírito Santo, e anunciavam com ousadia a palavra de Deus” (versículo 31). Vê-se também a mesma coisa no capítulo 5:12-16: “E muitos sinais e prodígios eram feitos entre o povo pelas mãos dos apóstolos”. Houve uma extraordinária profusão de milagres após a morte de Ananias e Safira, a fim de inculcar esta grande verdade na multidão: “De modo que transportavam os enfermos para as ruas, e os punham em leitos e em camilhas para que ao menos a sombra de Pedro, quando este passasse, cobrisse alguns deles”. E o texto nos diz: “E até das cidades circunvizinhas concorria muita gente a Jerusalém, conduzindo enfermos e atormentados de espíritos imundos; os quais todos eram curados”.

Em Atos, capítulo 19, também lemos que “Deus pelas mãos de Paulo fazia maravilhas extraordinárias” (versículo 11). “Especiais” (VA); “incomuns”. É sempre algo dado – uma ocasião especial, um especial revestimento de poder. Você não faz estas coisas; você não diz simplesmente: “Vou fazer um milagre agora”, ou, “Vou falar em línguas agora”, ou, “Vou profetizar”. Você não pode fazer isso. Todas estas coisas são dadas, e todas elas são controladas pessoalmente pelo Espírito.

Às vezes penso que uma das declarações mais maravilhosas sobre este assunto, declaração que arremata esta questão, é a que é feita pelo apóstolo João no capítulo primeiro do livro do Apocalipse, versículo 10. João está fazendo a introdução do seu livro, e o faz nestes termos: “Eu, João, que também sou vosso irmão, e companheiro na aflição, e no

reino e paciência de Jesus Cristo, estava na ilha chamada Patmos, por causa da palavra de Deus, e pelo testemunho de Jesus Cristo” (versículo 9). E então, no versículo 10: “Eu fui arrebatado em espírito no dia do Senhor, e ouvi detrás de mim uma grande voz, como de trombeta”. Que será que ele quer dizer com a expressão “fui arrebatado em espírito no dia do Senhor”? (Ou, VA: “eu estava no Espírito no dia do Senhor”.) Porventura ele não estava sempre no Espírito? Ele não era um homem que tinha sido batizado com o Espírito Santo no dia de Pentecoste e não fora cheio do Espírito muitas outras vezes, como nos narra o livro de Atos?

Bem, a Versão Autorizada (inglesa) não é muito acurada aqui. Eis uma tradução melhor: “Eu mudei no Espírito no dia do Senhor”. O Espírito estava sempre em João, mas ele “mudou no Espírito”, o que significa que ele foi arrebatado no Espírito. Foi-lhe dada uma experiência especial pelo Espírito. Ele foi arrebatado a esta esfera, e ali começou a ver coisas. E, segundo penso, esse é o grande princípio controlador, a grande diretriz, com relação a todos estes dons; esta propensão é dada a algumas pessoas, um dom a uma, um dom diferente a outra.

Sim, mas você não pode usar um dom sempre que quiser! É nesse ponto que fico em dificuldade face a tanta coisa que ouço atualmente; é nesse ponto que a ilusão tende a entrar, para não dizer coisa pior. Quando alguém me diz: “Posso fazer isso sempre que eu quero”, sinto, pela maneira como entendo as palavras “a proporção da fé”, que há algo errado no que essa pessoa me diz, pois nesta questão o elemento de dádiva, de doação, sempre deve ser salientado. Aí está o primeiro princípio.

O segundo apenas menciono. Embora o uso do dom não possa ser iniciado, pode ser detido. Pode ser controlado. Em 1 Coríntios 14:27 lemos que os crentes têm permissão para falar em línguas, mas que se faça isso por “dois, e quando muito por três, e por sua vez”, e (versículo 29) que somente dois ou

três numa reunião façam uso do dom de proferir profecia. O apóstolo deixa bem claro isso. Agora, se se pode determinar que somente dois ou três falem em línguas ou profetizem, sendo que muitos são estimulados ou sentem o impulso para isso, é óbvio que tais dons estão sob o controle deles. Além disso, Paulo diz: “Mas, se a outro, que estiver assentado, for revelada alguma coisa, cale-se o primeiro” (versículo 30). Este outro, que está sentado por perto, dá alguma indicação de que recebeu uma mensagem, e o primeiro, vendo isso, senta-se, e o segundo se levanta.

Há depois outras declarações ainda mais específicas. Em 1 Coríntios 14:32 lemos: “E os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas”; e no versículo 33: “Porque Deus não é Deus de confusão, senão de paz, como em todas as igrejas dos santos”. Onde há confusão e desordem o Espírito Santo não está, a não ser em circunstâncias verdadeiramente excepcionais, e mesmo aí a confusão é causada pela fraqueza da carne. Não deve ocorrer nenhuma confusão. Na verdade, o capítulo termina com esta exortação de Paulo: “Portanto, irmãos, procurai, com zelo, profetizar, e não proibais falar línguas. Mas faça-se tudo decentemente e com ordem”.

Noutras palavras, embora os dons sejam dados, embora sejam uma atividade do Espírito com poder, não há perda do autocontrole. Isso é um mistério; é o paradoxo disso tudo. Essa é a diferença entre a histeria que ocorre quando se perde o controle. E quando se perde o controle, e as pessoas não podem obedecer a estas claras e distintas injunções, o que se está fazendo não é “segundo a proporção da fé”. Esta é, pois, a maravilha com que nos defrontamos: não podemos dar início ao dom, mas podemos controlá-lo. Vemos o divino e o humano, o sobrenatural e o natural. Deus ordenou estas coisas de tal modo que haja perfeita harmonia. Deus nunca é o autor da confusão. Ele sempre é o autor da paz.

19

“De modo que, tendo diferentes dons, segundo a graça que nos é dada, se é profecia, seja ela segundo a medida da fé; se ministério, seja em ministrar; se é ensinar, haja dedicação ao ensino; ou o que exorta, use esse dom em exortar; o que reparte, faça-o com liberalidade; o que preside, com cuidado; o que exercita misericórdia, com alegria.” – Romanos 12:6-8

Estamos tratando aqui, permitam que lhes lembre, da aplicação que o apóstolo faz do ensino que ele tinha firmado com relação ao exercício dos dons dados a nós, como membros do corpo de Cristo, pelo Espírito Santo. Paulo tinha lançado os princípios quanto à maneira que se deve usar os dons, e agora ele se ocupa de alguns exemplos práticos para tornar o seu ensino bastante claro. Já estivemos tratando da primeira ilustração, o dom de profecia, e vimos que Paulo estabelece alguns princípios muito importantes concernentes ao uso dos dons em geral.

Pois bem, o apóstolo não diz que fez uma lista completa de todos os dons. Se vocês examinarem 1 Coríntios, capítulo 12, verão outros dons ali mencionados. Em Romanos, capítulo 12, o apóstolo não se dispõe a tratar da doutrina dos dons, mas, antes, de um único aspecto especial, a saber, como se deve usar os dons. E está especialmente interessado em nos mostrar que nunca se deve abusar deles e com isso trazer problema para a vida da Igreja. É por isso que ele coloca tudo isso na divisão que trata da doutrina da Igreja como o corpo de Cristo.

Devemos prosseguir então, lembrando-nos do propósito de Paulo aqui, particularmente, talvez, quando chegarmos a

uma série de ilustrações que ele coloca diante de nós como que a modo de *staccato*. O ponto que ele desenvolve é a importância do nosso uso do dom particular que nos foi dado, e de nos concentrarmos e perseverarmos nisso. Esse é o grande princípio, porém ele fica quase obscurecido pelas palavras acrescentadas pelos tradutores da Versão Autorizada (inglesa) neste ponto. Muitas vezes seus tradutores acrescentaram palavras ao original simplesmente para nos facilitar o entendimento do ensino, e na grande maioria dos casos é um grande auxílio. Em muitas Bíblias essas palavras adicionais são geralmente grafadas em itálicos, para que se saiba que são acréscimos feitos pelos tradutores e não uma tradução do original. A Bíblia que não faz isso é uma versão pobre, neste aspecto. No entanto, aqui os tradutores realmente quase tornaram mais difícil de entender o sentido do que Paulo disse. No início do versículo 7 eles acrescentaram as palavras *atendamos... nosso*: “Ou ministério, *atendamos ao nosso* ministrar”. No versículo 8 (“aquele que dá, ou reparte, *que o faça com simplicidade*”), as palavras *que o faça* não estão no original. Seria melhor que essas palavras não tivessem sido acrescentadas, porque o estilo *staccato* do original ajuda, penso eu, a mostrar o sentido.

Pois bem, neste ponto eu penso que a Versão Revista Padrão (“RSV”) é uma boa tradução. Lê-se nela: “Se serviço, em nosso servir; aquele que ensina, em seu ensino; aquele que exorta, em sua exortação; aquele que contribui, com liberalidade” – e assim por diante. Mesmo aí os tradutores fizeram pequenos acréscimos; o original é ainda mais *staccato*.

Então, por que é que eu acho que isso ajuda? Bem, desta maneira – o que o apóstolo está dizendo é: se este é seu dom, exerça-o. Se é profecia, profetize segundo a proporção da fé; ministério, em ministrar; ensino, em ensinar; exortação, em exortar. Seja qual for o dom dado a você, exerça-o; seja esse o seu interesse; seja esse o seu desejo, e jamais queira estar fora disso.

É dever de cada pessoa, homem ou mulher, usar o seu dom e exercê-lo plenamente e para a glória de Deus e benefício da Igreja. É isso que Paulo está dizendo – esse é o objetivo geral desta passagem. Qualquer que seja o seu dom, concentre-se nele. Não lance olhares cobiçosos nem críticos ao dom alheio, e não vá se persuadir de que foi dotado para fazer alguma outra coisa. Funcionemos todos conforme o dom que nos foi dado, conforme o particular membro do corpo que aconteça que somos.

O apóstolo expõe isso em seu argumento próprio, mas também mostrando para nós a variedade de dons. Às vezes a nuance de diferença entre os dons é tênue. Todavia há essas nuances de diferença, e o ponto em questão para o apóstolo é que não importa quão tênue seja a diferença, você deve apegar-se ao dom que lhe foi dado. Pode ser muito parecido com outro, mas não imagine que, devido você ter este, pode fazer uso do outro também. Vemos claramente pela experiência, e ainda mais claramente pela história da igreja, que muitas vezes tem sido causado grandes problemas pelo fato das pessoas em geral não terem tido o cuidado de observar este ensino. Elas devem lembrar que é o Espírito que dispensa os dons; é Deus que reparte a cada um “a medida da fé” (Romanos 12:3).

Esse é, então, o grande princípio, o ponto que Paulo está ansioso para apresentar por intermédio das suas ilustrações. Ele já o tinha declarado, porém as ilustrações o esclarecem mais. Ele tinha falado sobre isso; agora passa a falar sobre o “ministério”. “ou ministério, em ministrar”. Essa expressão é muito interessante. Há aqueles que acham que o objetivo de Paulo aqui é falar sobre o ministério em geral, sobre qualquer forma de ministério. Mas não há por que dizer isso, porque ele simplesmente nos está dando ilustrações. Nesta passagem, ministério tem o sentido mais restrito de “serviço”, ou “administração geral”.

Um termo empregado na lista de 1 Coríntios, capítulo 12, nos ajuda neste ponto. O versículo 28 diz: “E a uns pôs Deus

na igreja, primeiramente apóstolos, em segundo lugar profetas, em terceiro doutores, depois milagres, depois dons de curar, socorros...” (ou, VA: “...ajudas...”). Pois bem, eu penso que a palavra “ajudas” equivale ao dom de ministério de que Paulo fala aqui. Refere-se à atividade geral da Igreja; não às funções particulares do pregador e mestre, etc., mas à participação na obra administrativa geral da Igreja de Deus.

Alguma ajuda nos é dada em 2 Timóteo 4:11 pelas palavras que Paulo emprega a respeito de Marcos – João Marcos, ocasionalmente um dos seus companheiros de viagem. Paulo diz: “Só Lucas está comigo. Toma Marcos, e traze-o contigo, porque me é muito proveitoso para o ministério” (VA). Noutras palavras, Marcos lhe era muito útil. Há, inevitavelmente, uma certa soma de atividades em conexão com a vida e o funcionamento da Igreja Cristã. Por exemplo, temos um edifício eclesiástico, e precisamos mantê-lo em ordem para que as pessoas venham ouvir o evangelho. Ora, o edifício não cuida de si, tem que receber cuidados em vários aspectos. Há também outras questões essenciais de organização e de trabalho que precisam ser atendidas para o funcionamento da vida de qualquer igreja.

Na Igreja Primitiva essa necessidade surgiu logo, como se pode ver pela leitura de Atos. Ocorreu um problema com algumas viúvas e outras pessoas que se haviam tornado membros da Igreja. Elas estavam em dificuldades, financeiras e outras, de modo que era preciso fazer alguma coisa para ajudá-las; e quando os membros da igreja de Jerusalém juntaram suas posses e seu dinheiro, formou-se um fundo que necessitava ser gerenciado. Pois bem, alguém teria que fazer esse trabalho. Em Atos 6:4 somos informados de que os apóstolos não poderiam encarregar-se disso porque tinham que se dedicar à oração e à pregação da Palavra. Por isso disseram que deveriam ser nomeadas outras pessoas. É a esse tipo de coisa que me refiro.

Obviamente, esse lado operacional da Igreja deve ser

mantido em nível mínimo; quanto menos melhor. E é evidente que há os que fazem exatamente o contrário, e isso tem sido uma maldição, especialmente no século vinte. Há aqueles que nunca se sentem felizes, a menos que estejam pensando numa nova comissão ou numa subcomissão ou nalguma organização adicional. Ora, isso está longe da Bíblia, entretanto existe um mínimo essencial que não se pode evitar. E alguns recebem um dom do Espírito para a realização dessa obra. É um dom que se manifesta de muitas maneiras: no jeito para lidar com as coisas, por exemplo, e no tino administrativo. É um dom muito especial, e na lista de Paulo (em Romanos, capítulo 12) ele vem logo depois do dom de profetizar. Nesta passagem Paulo busca atingir um objetivo importante. As pessoas tendem a observar o dom de profetizar e o acham maravilhoso, e então tendem a desprezar outros dons. Contudo aqui o ministério vem imediatamente após a profecia.

De novo, com muita frequência vemos na história da Igreja a importância deste dom. Um homem pode ser um bom pregador, até mesmo um grande pregador, mas pode ser péssimo homem de negócio. Na verdade, é preciso tomar conta dele até em sua obra de pregação. Tem havido muitos assim. Portanto, é tolice comparar e contrastar estes dons querendo afirmar que alguns deles são de menor importância. Devemos dar-nos conta de que todos eles são dados pelo Espírito a diferentes pessoas.

Nesta divisão que trata de “ministério” estão incluídos os deveres cumpridos pelos diáconos. Mas aqui eu não acho que o apóstolo estava pensando nesse assunto em termos da ordem ou do ofício dos diáconos – espero tratar disso mais adiante. Aqui ele está falando sobre o dom, a habilidade; não tanto sobre separar um homem como sobre o reconhecimento de pessoas dotadas deste dom. Paulo está dizendo: “Se foi dado a você o dom de habilidade para lidar com estas questões práticas, externas, relacionadas com a vida da Igreja, exerça esse dom por toda sua energia”. Foi por isso que os tradutores

empregaram as palavras, “atendamos ao nosso ministrar” (VA). Esse é seu dom, exerça-o. Não pense que você é mestre ou pregador ou qualquer destas outras coisas, mas use o dom que lhe foi dado. Dê graças a Deus pelo fato de você estar na Igreja e de ter recebido esse dom, e trate de compreender que, como qualquer outro dom, ele é essencial ao funcionamento harmonioso do corpo de Cristo. Use esse dom para a glória de Deus.

Não quero demorar-me nisto, porém muitas vezes tive ocasião de dizer aos que recebem as pessoas e as conduzem a seus lugares quanto lhes sou gratos, e não somente aos referidos introdutores, mas também a todos os outros que ajudam em ministrar. É importante o pregador e pastor sentir-se livre para concentrar-se no trabalho para o qual foi especialmente chamado e se sentir liberado de problemas, preocupações e ansiedades. Frequentemente digo aos recepcionistas, por exemplo, como eles são importantes. Eles são as primeiras pessoas que os que visitam a igreja encontram. Daí, se não ministrarem como devem, causarão aos visitantes uma impressão que tornará muito difícil que a mensagem do pregador chegue até eles. Esse é o tipo de coisa de que Paulo está falando. O Espírito Santo habilita homens para agirem como recepcionistas de um modo que induza à ação harmoniosa da vida da igreja, à propagação do evangelho e à extensão do reino de Deus.

O próximo dom é o ensino: “se é ensinar, haja dedicação ao ensino”. O original diz mais ou menos o seguinte: “ensinar; ensinando”; isto é, “Se este é seu dom, exerça-o, não tente fazer coisa diferente”. Temos, pois, aqui, o ensino. Assunto importante. Notem que aqui, como em toda parte no Novo Testamento, o ensino é diferenciado da profecia, e também, como veremos, é diferenciado da exortação. É importante observar estas coisas. Mais adiante vou mostrar-lhes o sentido, mas por ora permitam que lhes apresente alguns exemplos de como estes dons sempre são colocados separadamente.

Vejam Atos 13:1: “E na igreja que estava em Antioquia havia alguns profetas e doutores” ou “e mestres”. Há uma diferença entre estes dois, entre o dom de profecia e o de ensino. Ou em 1 Coríntios 12:28: “E a uns pôs Deus na igreja, primeiramente apóstolos, em segundo lugar profetas, em terceiro doutores”.

Vemos exatamente a mesma coisa em Efésios 4:11: “E ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores”. Não se preocupem no momento com os outros termos, mas apenas notem que Paulo sempre diferencia dessa forma entre o dom de profecia e o dom de ensino. E aqui Paulo está dizendo: Se você tem o dom de profecia, concentre-se nisso; se tem o dom de ensino, concentre-se nisso. Não tente concentrar-se no dom de profecia, e sim, no que lhe foi dado.

E então, qual é a diferença? Bem, penso que foi expresso em nossa preleção anterior, sobre a profecia. A profecia sempre tem o elemento de inspiração direta e imediata. O versículo de que tratamos, de 1 Coríntios, capítulo 14, expõe isso muito claramente: “Se a outro, que estiver assentado, for revelada alguma coisa...” (versículo 30). A profecia não é premeditada nem preparada, a revelação é dada. Mas não é esse o caso quanto ao ensino. O ensino é completamente diferente; é algo que resulta de preparação.

Tomemos, por exemplo, as palavras do apóstolo a Timóteo, em 2 Timóteo 2:2: “E o que de mim, entre muitas testemunhas, ouviste, confia-o a homens fiéis, que sejam idôneos para também ensinarem os outros”. Essa é a característica do mestre. Os mestres não ensinam como resultado de uma inspiração direta, porém como resultado de terem sido ensinados, de lhes terem sido dados o conhecimento e a informação que agora eles passam a outros.

Posso desenvolver isso e dar mais um passo. O mestre, longe de ser alguém que recebe inspiração e mensagem direta, não somente pode ensinar porque foi ensinado por

outros, mas também é exortado a estudar e a ler. Vejam 1 Timóteo 4:14-16: “Não desprezes o dom que há em ti, o qual te foi dado por profecia, com a imposição das mãos do presbitério. Medita estas coisas; ocupa-te nelas, para que o teu aproveitamento seja manifesto a todos. Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina. Persevera nestas coisas; porque, fazendo isso, te salvarás, tanto a ti mesmo como aos que te ouvem”.

Ali, vejam vocês, Timóteo está sendo exortado a estudar e a preparar-se o melhor que puder para esta grande tarefa de ensinar. E o professor que não estuda, não lê, não pensa, não medita, não pondera e não põe as coisas em ordem, está falhando por completo em seu dever de pôr em prática a injunção deste versículo sete de Romanos, capítulo 12. Há outra declaração da mesma coisa em 2 Timóteo 2:15: “Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade”.

Portanto, é óbvio que o mestre está numa categoria diferente daquela em que está quem tem o dom de profecia. Aqueles aos quais é dado o dom de ensinar têm capacidade não só de ler, mas também de entender e assimilar o que lêem. Todavia, ainda mais importante, o mestre tem o dom de comunicar a outros o que obteve dessa forma – essa é a essência do dom de mestre. E essa distinção é muito importante. Provavelmente todos nós conhecemos homens que lêem muito e que podem ser descritos como grandes eruditos, mas que às vezes não têm a mínima esperança como mestres. Sabem tudo, leram tudo, têm memória maravilhosa, porém simplesmente não conseguem transmitir o seu conhecimento.

Uma vez ouvi um preletor que era uma autoridade proeminente em sua área. Trata-se do finado “Sir” Bernard Spilsbury, que durante muitos anos tinha sido o especialista em criminalogia a serviço do Ministério do Interior. Ninguém conhecia as questões médicas legais tão exaustivamente como “Sir” Bernard Spilsbury. Mas eu penso que todos os que ouviram a sua preleção concordarão comigo

que provavelmente ele foi o pior preletor do mundo. Ele tinha vasto conhecimento, não só na esfera das questões médicas legais, porém também na de patologia em geral. No entanto era um mau professor, porque apresentou este vasto conhecimento sem brilho nem sombreado, sem nenhuma variação em sua ênfase. Coisas importantes foram proferidas exatamente da mesma maneira como o foram coisas relativamente não importantes, questões vitais e meros detalhes foram emitidos monotonamente.

Bem, foi uma péssima maneira de ensinar, do começo ao fim. O homem era um experto em seu trabalho particular, mas não pôde ajudar nenhum de nós a tornar-se igualmente experto. Vocês devem ter encontrado pessoas parecidas com ele, na igreja e noutros lugares. Podem ser capazes de escrever bem, mas são incapazes de comunicar o seu conhecimento oralmente. Podem ensinar vocês por meio dos seus livros, entretanto conseguem ensiná-los mediante aulas e palestras.

Ora, como eu disse, o dom de que estamos falando é este particular dom pelo qual a pessoa pode transmitir o que sabe a outros, não porém como evangelista. A tarefa do mestre é edificar os crentes e firmá-los na fé. O ensino é um dom muito real, e o apóstolo está dizendo: se lhe foi dado o dom de ensinar, aja como mestre; apegue-se a isso. Esse é o dom que lhe foi dado; use-o, pois.

O próximo dom é o de exortação. “Ou, se o seu dom é o de exortação”, diz Paulo, “concentre-se nisso: aquele que exorta, exorte”. Pois bem, é claro que a exortação é diferente da profecia e do ensino. Acaso não os fascinam estas maravilhosas diferenças de significado? Saibam, independentemente da glória da verdade que estamos considerando, do mero ponto de vista do exercício do intelecto, não há no mundo nada comparável às Escrituras.

Qual será a diferença entre ensino e exortação? Não acho que haja muita dificuldade sobre isso. O ensino primariamente prende a atenção da mente. Visa comunicar

conhecimento, e, se não o faz, fracassa. Mas a exortação lida mais com o coração e com a vontade. Essa é a diferença entre ambos. Num sentido a exortação vem depois do ensino. Primeiro você dá o conhecimento, apresenta a verdade. Depois é a exortação que torna a pessoa ciente da verdade. Sou dos que acreditam que todo sermão deve terminar com exortação ou aplicação. Quando você exorta, você anima, repreende, desperta, estimula, conclama à aplicação, conclama à oração – a quase tudo. O interesse da exortação é tomar a verdade ensinada e aplicá-la à vida cristã em seus diversos aspectos.

Pois bem, este é também um dom especial. Dou ênfase à tenuidade ou sutileza da distinção, porque os homens ficam em grande dificuldade quando não sabem diferenciar entre ensino e exortação. Vem-me à mente um exemplo notável. Havia um famoso pregador na Escócia chamado James Fraser de Brea, homem culto e excelente mestre, homem que edificava o seu rebanho em sua fé santíssima. Numa paróquia vizinha havia um ministro que não era mestre, mas tinha o dom de exortação, e isso causou problema a Fraser porque aquele homem, que não se comparava com Fraser do ponto de vista da habilidade e do entendimento, à superfície parecia ser um ministro de muito maior sucesso.

Que é que eu quero dizer com isso? Bem, aquele homem obtinha resultados da sua pregação. O fato era que as pessoas o procuravam e conversavam com ele sobre suas almas. Naquele tempo não se faziam apelos para as pessoas virem à frente no fim do culto, mas quem se sentia sob convicção de pecado procurava o ministro, e isso acontecia freqüentemente no ministério daquele outro homem. E o que atormentava e perturbava tanto o pobre e bom Fraser de Brea era que a sua própria congregação, a qual ele tinha pregado durante anos, por um motivo ou por outro ia à outra igreja, talvez numa noite de domingo, e voltava tendo tido uma verdadeira experiência de conversão. Ele ficava transtornado, penso eu, porque não tinha o cuidado de traçar a necessária distinção

entre ensino e exortação. É aí que está a dificuldade, por vezes, em ambos os lados, e, naturalmente, o mundo e a Igreja agravam o problema.

Thomas Shepard, um puritano do século dezessete, da Nova Inglaterra, era um tipo muito parecido com Fraser de Brea. Certa ocasião, estando doente e não podendo pregar, ficou de cama, mas a sua mulher foi ouvir o ministro de uma igreja vizinha que o substituiu. Lá estava o pobre Thomas Shepard em forte depressão e, como Alexander Whyte diz em sua dissertação sobre Thomas Shepard, a mulher deste voltou para casa e se pôs simplesmente a cantar loas ao palavroso pregador substituto. Este não tinha nem profundidade nem capacidade para ensinar, mas tinha em seu ministério um elemento de entretenimento, e quando a mulher continuou a gloriar-se no tal homem e no tempo maravilhoso que ela e os demais tinham passado, foi afundando muito mais o seu pobre marido nas profundezas da depressão e do sentimento de completa frustração como ministro de Deus.

Tudo isso, porém, devido ele não ser capaz de traçar esta distinção. Devemos manter isso em mente, e também devemos lembrar que nenhum dom é gerado por si mesmo. Portanto, se a um homem é dado o dom de ensinar, que exerça esse dom. O outro homem, que tem o dom de exortar e que à superfície pode parecer àquele e a outros que é mais espetacular e mais útil, na verdade não é; ele recebeu o dom exatamente da mesma maneira. E, por certo, com muita frequência dá-se o caso de que aqueles que exortam não poderiam ter feito coisa alguma, se não tivessem sido precedidos pelos mestres. Os que exortam muitas vezes apenas tiram a nata da superfície; o leite fora colocado ali pelos mestres fiéis. Estes outros homens vêm e simplesmente extraem a nata da superfície, e por isso recebem grande publicidade e louvor. Tudo bem, não se deve fazer comparação aqui. Estes não devem ficar exaltados; os outros não devem ficar deprimidos; em ambos os casos os dons são dados por Deus.

Às vezes penso que o homem que constitui o maior exemplo de pessoa dotada do dom de exortação que encontrei em minhas leituras é o homem chamado Howel Harris. Falando em termos gerais, Harris não preparava o sermão. Ele não tomava um texto para então analisá-lo, apresentar o seu ensino e aplicá-lo. Quando falava, dirigia-se diretamente à consciência. Naturalmente havia um elemento de ensino em seus sermões, mas, essencialmente, ele era um exortador que falava ao coração e à vontade, e o fazia produzindo tremendo efeito. A princípio isso era quase tudo o que ele fazia, porém com o passar do tempo ele viu a necessidade de mais estudo e mais doutrina.

Outra coisa interessante é que os primeiros pais metodistas – especialmente os pais metodistas calvinistas de Gales e os que, na Inglaterra, pertenciam a esse grupo, Whitefield e outros, e mais tarde a Condessa de Huntingdon – nomeavam homens que eram chamados “exortadores” para agirem nas sociedades que vieram a existir como resultado daquele grande avivamento. Eram chamados “exortadores” porque se sentia que eles não tinham o dom de ensinar, todavia podiam exortar. Pois bem, é muito importante que nos lembremos de que esse dom é muito especial. Ali estavam homens que não estavam equipados do ponto de vista da mente, e que não tinham capacidade para ler e captar a verdade e reportá-la a outros, mas exerciam um ministério muito profundo falando diretamente à consciência, ao coração e à vontade, e foram grandemente utilizados por Deus.

Assim, o apóstolo nos diz na passagem em foco que, se o seu dom é o de exortação, lembre-se de que é isso. Não vá imaginar que o dom de exortação faz de você um mestre. Como já vimos, muita infelicidade tem sido causada pelo fato dos homens não compreenderem isso. Às vezes evangelistas tentam ensinar, e os resultados são patéticos. Há tempos conheci um homem que estava no ministério e que, em minha opinião, jamais deveria ter sido designado ministro.

Era óbvio que ele era um exortador, e um exortador extraordinário, mas se tornou ministro de uma igreja, apesar de não ser capaz de ensinar, nem de fazer outras coisas que um mestre e pregador deve fazer.

Conheci também outro homem que, quando jovem, durante o avivamento de 1904 e 1905 em Gales, tornou-se um proeminente líder entre os jovens em toda a área de uma região. Ele tinha um maravilhoso dom de exortação, recebido no batismo com o Espírito Santo ocorrido naquele avivamento. (É isso que significa avivamento; é um batismo com o Espírito Santo, um derramamento do Espírito.) Contudo, a tragédia foi que, devido possuir esse dom, pensava, e com ele todos os demais, que ele devia “entrar no ministério”, na expressão corrente, e tornar-se pregador e pastor. Por isso freqüentou uma escola e saiu de lá morto da silva quanto a qualquer utilidade para a Igreja. E continuou morto, porque estava tentando fazer uma coisa para a qual não fora dotado. Deixou de agir como exortador – função que agora, evidentemente, ele olhava com desdém – e tinha tentado fazer-se mestre e pregador. Mas não conseguia fazer nem uma coisa nem outra. Assim é que, deixando de traçar esta distinção vital, não somente os homens nisso envolvidos erram, porém também a Igreja em geral erra. Ela empurra os exortadores para a obra plena do ministério, obra que eles não têm possibilidade de realizar porque não lhes foi dado o dom necessário para isso.

O próximo dom mencionado por Paulo é o seguinte: “O que reparte, faça-o com liberalidade” (ou, VA: “com simplicidade”). O original diz: “O que reparte, com simplicidade”. Que é que significa “reparte”? Não me parece referir-se à distribuição oficial de um fundo de beneficência pertencente à Igreja. Creio que é algo pessoal. Refere-se a homens e mulheres que se encontram numa situação na qual podem dar dos seus recursos a outros e podem ajudar outros que estão passando necessidade. Eles podem dar da sua superabundância.

E, de novo, o apóstolo lhes diz que isso é um dom. Há pessoas que têm dinheiro, mas não têm o dom de dar. Como todos estes outros dons, este é um dom especial, e o apóstolo diz às pessoas dotadas deste dom que se concentrem nisso. Este é um ponto muito importante. Vocês já perceberam que dar ou repartir é um dom dado pelo Espírito?

Além disso, o apóstolo diz que se deve repartir “com simplicidade”. O melhor comentário sobre isso são as palavras do nosso Senhor em pleno Sermão do Monte: “Guardai-vos de fazer a vossa esmola diante dos homens, para serdes vistos por eles; aliás não tereis galardão junto de vosso Pai, que está nos céus. Quando pois deres esmola, não faças tocar trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, para serem glorificados pelos homens. Em verdade vos digo que já receberam o seu galardão. Mas, quando tu deres esmola, não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita; para que a tua esmola seja dada ocultamente; e teu Pai, que vê em segredo, te recompensará publicamente” (Mateus 6:1-4). “O que reparte, com simplicidade.” Não contrate um trombeteiro. “Não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita.”

Oh, que sutileza temos aqui! “Simplicidade” significa singeleza no olhar, pureza de motivo. Não se realce de maneira nenhuma. Reparta para a glória de Deus, para benefício da Igreja e seus irmãos na fé. Vêm ilustrações à minha mente. Conheci alguns homens no ministério que atraíam a si grande publicidade nesta questão de dar. Lembro-me muito bem de uma pequena cidade na qual havia dois ministros, um presbiteriano e um batista. O ministro presbiteriano era um homem muito dotado, um tipo espetacular de pessoa, quase extravagante, e chamava a atenção para tudo o que fazia; e os seus colaboradores sempre o elogiavam. Conta-se que certa ocasião esse homem foi dar uma volta de bicicleta e passou por um pobre e andrajoso caminhante. Apeou-se imediatamente da bicicleta, deu ao pobre caminhante o seu sobretudo

e continuou seu passeio sobre rodas. Esse era o presbiteriano.

Mas eu me lembro do comentário feito por pessoas sábias daquela vizinhança. Elas diziam: “Sim, tudo o que ele faz sempre se torna bastante conhecido. Mas”, elas acrescentavam, “aquele pobre velho, o ministro batista, deu muitas vezes não só o seu sobretudo, porém também o seu paletó, a sua camisa e as suas calças sem que ninguém ficasse sabendo disso”. “Que se faça isso com simplicidade.” Talvez vocês digam: “Naturalmente, o primeiro homem não o deu a conhecer, ele próprio”. Todavia a pergunta que muitas vezes seja desejável fazer sobre esse tipo de pessoa é: “Como foi que souberam disso?”

Lembro-me de que certa vez li num jornal um parágrafo sobre um conhecido ministro daqui, de Londres. O parágrafo dizia que corria um extraordinário boato de que ele dera em beber. Na verdade não dera em beber, mas sim, com seu grande coração, sabendo que a mulher de um dono de bar cujo bar ficava não longe do seu lar não estava passando bem, e, com grande bondade e com espírito caridoso ia diariamente lá para perguntar como estava a senhora. Entretanto, como foi que isso chegou ao jornal? Por que tais atos de generosidade sempre se tornam conhecidos em certos casos, mas nunca o povo fica sabendo de outros que podem ser até mais notáveis nesse serviço? Oh, como o diabo é astuto! E como nós somos astutos! Diz o apóstolo: se o dom que lhe foi dado é o dom de dar ou repartir, faça isso com simplicidade. “Não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita.” Não se preocupe com a publicidade; tenha os olhos postos em Deus e em Sua glória.

E depois, “...o que preside”. Aqui temos de novo algo que é ilustrado proveitosamente para nós em 1 Coríntios, capítulo 12, onde o apóstolo diz: “E a uns pôs Deus na igreja, primeiramente apóstolos, em segundo lugar profetas, em terceiro doutores, depois milagres, depois dons de curar, socorros, *governos...*” (versículo 28). Significa exercer governo ou presidir desta ou daquela forma na Igreja. Trata-se da tarefa de

cuidar dos irmãos, tarefa atualmente atribuída particularmente aos presbíteros.

O apóstolo não está tratando disso em termos de um ofício, penso que isso vem mais adiante, mas aqui ele está interessado unicamente no dom. Em 1 Timóteo, capítulo 3, falando sobre o assunto relacionado com os ofícios na Igreja, Paulo se refere a este ofício e diz: “(...se alguém não sabe governar a sua própria casa, terá cuidado da igreja de Deus?). É isso. Isso é governar; isso é governo. Vê-se isso novamente na conhecida declaração registrada em Hebreus 13:7: “Lembrai-vos dos vossos pastores, que vos falaram a palavra de Deus, a fé dos quais imitai, atentando para a sua maneira de viver” (ou, VA: “Lembrai-vos daqueles que exercem o governo sobre vós...”). O escritor trata aí também disso como um dom geral, como igualmente em 1 Timóteo 5:17: “Os presbíteros que governam bem sejam estimados por dignos de duplicada honra, principalmente os que trabalham na palavra e na doutrina”. Havia presbíteros ou anciãos, havia os que exerciam direção e governo, e que não tinham capacidade para “trabalhar na palavra e na doutrina”.

Pois bem, é isso que Paulo quer dizer aqui com “o que preside”. Algumas pessoas podiam exercer o governo na Igreja, mas não tinham recebido o dom de ensinar e de pregar. Vemos isso também em 1 Tessalonicenses 5:12,13: “E rogamo-vos, irmãos, que reconheçais os que trabalham entre vós e que presidem sobre vós no Senhor, e vos admoestam; e que os tenhais em grande estima e amor, por causa da sua obra. Tende paz entre vós”. E, mais uma vez, em Atos 20:28 somos informados da mesma coisa sobre os presbíteros da igreja de Éfeso. Estes presbíteros velavam pela igreja, velavam pelos interesses espirituais e externos dos membros da igreja, e Paulo efetivamente diz a eles: “Se vocês têm o dom de governo, exerçam-no diligentemente; exerçam-no com ardor; exerçam-no com zelo”. Você deve pôr os ombros nesta obra e perseverar nela, dando-se conta de que este é o seu dom, e

deve manter-se firme nisso.

Pedro expressa este ponto muito bem em 1 Pedro 5:2-4. Dirige-se aos presbíteros e se diz presbítero, ele próprio. E então: “Apascentai o rebanho de Deus, que está entre vós, tendo cuidado dele, não por força, mas voluntariamente; nem por torpe ganância, mas de ânimo pronto: nem como tendo domínio sobre a herança de Deus, mas servindo de exemplo ao rebanho”. “O que preside, com cuidado”, “diligentemente”.

E, por último, “o que exercita misericórdia”. Mostrar ou exercer misericórdia significa dar atenção aos que sofrem e aos aflitos, e isso também é um dom especial. É o dom de poder ministrar e de prestar ajuda aos que se encontram em dificuldade, aos que se acham enfermos ou sofrendo de outras maneiras. Parece-me que Febe, a quem é feita referência em Romanos 16:1, é uma ilustração de quem mostrava ou exercia misericórdia. É evidente que havia mulheres que exerciam este dom particular. Vemo-lo de novo em 1 Timóteo 5:10. Paulo está falando ali sobre as viúvas e afirma que a viúva deve ter “testemunho de boas obras: se criou os* filhos, se exercitou hospitalidade, se lavou os pés aos santos, se socorreu os aflitos, se praticou toda boa obra”. Tudo isso está incluído no dom de exercer misericórdia.

E Paulo diz aqui, em Romanos, capítulo 12, que, se for este o nosso dom, que o exerçamos “com alegria”.

Isso também não seria interessante? Acaso em seu primeiro impacto lhes parece estranho? Que é que Paulo quer dizer? Todos os comentadores assinalam que a palavra “alegria” é tradução de uma palavra grega da qual é oriunda a nossa palavra “hilaridade” – “exerçam-no com hilaridade”. Contudo não acho essa uma boa tradução. Paulo quer dizer “alegremente”. Não exerçam misericórdia de maneira legalista. Que

* VA (inglesa), ARA e NVI: sem o artigo. Criar “filhos”, não “os filhos”. Aliás, no grego a idéia é expressa numa palavra só: *eteknotrófesen*. Nota do tradutor.

coisa terrível é ver pessoas realizando uma obra de caridade, uma obra de misericórdia, de maneira mecânica! É assim que se nota a diferença entre enfermeira e enfermeira, entre médico e médico, não é? O trabalho pode ser feito com acerto e propriedade, mas o modo de realizá-lo faz grande diferença. Um médico alegre, bem disposto, e uma enfermeira, alegre, bem disposta, têm o jeito certo; não se mostram orgulhosos de si mesmos. Que desânimo causam, se realizam seu trabalho de maneira meramente mecânica, ou como pura questão de dever. Diz-se dos médicos que o homem mesmo faz mais bem que a sua medicina. Não se diz? Verdade absoluta! Não somos máquinas, não somos animais, e esta disposição alegre, esta estrutura feliz da mente, ajuda-nos; anima-nos; diminui a dor; faz com que nos sintamos melhor.

O apóstolo está dizendo que, se você recebeu o dom de exercer misericórdia, vá com todo o seu ser, por assim dizer, quando a exercer. Faça-o de todo o coração, com bom ânimo e com entusiasmo. Não diga: “Eu gostaria de ser um mestre, mas só me deram essa tarefa”. Se você exercer misericórdia da maneira certa, poderá fazer mais bem do que muitos sermões. A história da Igreja está repleta de exemplos e ilustrações disso.

Temos, pois, percorrido a lista toda, e a tese sustentada pelo apóstolo nisso tudo é a seguinte: qualquer que seja o seu dom, exerça-o com todo o seu vigor. Este é seu dom. É maravilhoso; é valioso; é essencial. Não fique olhando para os outros, de maneira nenhuma, olhe somente para o Senhor; veja o benefício que, juntos, fazem todos os membros do corpo uno e único do qual você faz parte.

20

“De modo que, tendo diferentes dons, segundo a graça que nos é dada, se é profecia, seja ela segundo a medida da fé; se ministério, seja em ministrar; se é ensinar, haja dedicação ao ensino; ou o que exorta, use esse dom em exortar; o que reparte, faça-o com liberalidade; o que preside, com cuidado; o que exercita misericórdia, com alegria.” – Romanos 12:6-8

Já examinamos a lista que o apóstolo coloca aqui dos dons que são dados aos membros da Igreja Cristã. Nós os examinamos um por um e sublinhamos e ressaltamos o principal ensino concernente a eles, como os encontramos no Novo Testamento.

Devemos limitar-nos às ênfases particulares dadas pelo apóstolo aqui, mas também podemos permitir-nos, talvez, estender o bastante para podermos explicar que há outros dons, além dos acima referidos. Portanto, quando vocês lerem Romanos, capítulo 12, bom será consultar também 1 Coríntios, capítulo 12, para entenderem mais completamente esta lista. Na verdade, podemos avançar um pouco mais e dizer que a lista de 1 Coríntios, capítulo 12, também não é completa; há, pois, diversos outros dons, e eu me sinto constrangido a mencionar um.

O ambiente e os antecedentes da situação em que eu pessoalmente fui criado eram tais que a expressão “dom de oração” era empregada com freqüência, e estou plenamente seguro de que é uma expressão acurada. No transcorrer dos anos, notei, e isso sempre me impressionou muito, o fato de que alguns homens recebem este particular dom de oração –

refiro-me, é claro, à oração pública – e não hesito em dizer que se trata de um dom distinto e separado. Menciono isso com o fim de tentar mostrar de maneira mais clara ainda o caráter maravilhoso da Igreja, particularmente do ponto de vista dos dons “repartidos” por Deus, como Paulo diz no fim do versículo três deste capítulo, ou como são dispensados pelo Espírito Santo.

Permitam-me oferecer-lhes uma ilustração do que quero dizer. Lembro-me muito bem de uma coisa que aconteceu há muitos anos numa igreja à qual eu tinha sido convidado para uma celebração de centenário. No dia anterior eu tinha pregado duas vezes noutro lugar, depois tinha viajado, chegando à referida igreja, e tinha pregado de manhã. Durante a tarde ouvi um relato histórico daquela igreja e depois me juntei a um grande número de pregadores visitantes e de outras pessoas para o chá. O resultado foi que comecei a sentir muito cansado, porém ainda teria que pregar de noite, e lembro que me desculpei e fui dormir. Mas, quando acordei, vi que todo o mundo tinha saído para o culto vespertino e eu estava sozinho, e então fui às pressas para a capela.

Bem, o que lhes quero contar é o seguinte: lembro-me de que entrei na capela e fui para a frente. Pude ver no púlpito um homem que eu nunca tinha visto antes e a respeito de quem eu nada sabia. A igreja reunida estava terminando o primeiro hino, e então eu me sentei e me pus a ouvir o tal homem ler as Escrituras, para o que ele tinha um dom fora do comum. Depois do segundo hino ele orou, e isso foi uma coisa que jamais esquecerei, enquanto eu viver. Descrevi para vocês como eu estava cansado; não tenho dúvida de que eu estava à beira da exaustão – há uma diferença entre cansaço e exaustão, e aquilo era exaustão. Todavia eu lembro que, depois que aquele homem orou, durante breve tempo, revivi completamente. Penso que nunca ouvi um homem orar em público como aquele homem orou naquela noite. É muito difícil descrever estas coisas, mas o que ouvi foi uma verdadeira

oração no Espírito, e, enquanto ele estava orando, eu me restabeleci e revivi fisicamente e pude subir ao púlpito cheio de vigor, talvez com mais vigor do que jamais experimentara em minha vida antes, e isso devido à oração daquele homem.

Lembro que depois comentei o fato com o ministro em cuja casa me hospedei aquela noite. “Oh, sim”, disse ele, “você não tinha ouvido falar dele?”

“Não”, respondi, “nunca sequer o vi.”

E o ministro me contou que, cerca de doze anos antes, tinha sido realizada uma grande convenção naquele mesmo local. O último dia foi dedicado a cultos com pregação de manhã, de tarde e de noite, com dois pregadores em cada sessão. Todos os melhores pregadores daquela denominação de Gales tinham sido convidados para pregar naquela ocasião. “Mas”, disse-me o ministro, “sabe, quando tudo terminou, e durante meses e meses depois, o que as pessoas comentavam não era a pregação daqueles grandes pregadores, e sim a oração feita pelo mesmo homem que orou no culto desta noite”.

É isso que eu quero dizer quando falo sobre o dom de oração. O homem era um ministro, mas bem se via que não era uma pregador muito bom; seu dom era este admirável dom de oração. Sei sem nenhuma dúvida que é um dom muito real – mas não me peçam para defini-lo. Conheci muitas pessoas semelhantes àquele homem. Conheci pessoas que, segundo me pareceu, receberam este dom de oração no avivamento de 1904 e 1905 em Gales. Em seu batismo com o Espírito, foi-lhes dado este dom, e, apesar de muitas delas virem a tornar-se cristãos muito comuns, se participavam de uma reunião de oração, transformavam-se, e ouvi-las orar era maravilhoso. Muitas vezes achei difícil conciliar tais orações com tais pessoas, e só posso dizer que era devido a este particular dom de oração, ou dom na oração. Não tenho a menor dúvida de que é uma coisa muito definida e muito distinta.

Devemos ter o cuidado de não pôr limites aos dons que

o Espírito escolha, em Sua soberana vontade e poder, para dar a qualquer de nós. Lembrem-se, de novo, que em 1 Coríntios, capítulo 12, o apóstolo está primariamente interessado, não em redigir uma dissertação sobre dons, mas em controlar os excessos e tratar da doutrina em termos da grande verdade da Igreja como o corpo de Cristo, e da unidade do corpo.

Permitam também que eu ponha em destaque algo que eu disse, penso, mais de uma vez, a qual entendo que algumas pessoas ainda não compreenderam bem. Não estou dizendo, e as Escrituras não ensinam, que o caso é de “uma pessoa, um dom”. Um homem, ou uma mulher, pode ter vários dons. Creio que indiquei que é evidente que o apóstolo Paulo tinha diversos dons destes; é o que se deveria esperar, e continua sendo possível.

Tendo tratado disso, vamos agora dar atenção a um assunto sobre o qual dei uma idéia na preleção anterior. Há duas ou três perguntas que devemos considerar à luz deste particular ensino que está diante de nós. A primeira – e há os que se preocupam muito com isso – é: “Como é que estes dons são dados a nós?” Ou, para inverter os termos: “Como recebemos qualquer destes dons?”

Essa é uma questão interessante e importante, e nalguns aspectos é muito difícil. Estes dons nos viriam direta, imediatamente, ou nos viriam indiretamente, intermediados por alguma outra pessoa, e pela imposição das mãos? Não se pode evitar essa questão porque ela é levantada no próprio Novo Testamento, e na subsequente história da Igreja tornou-se muitas vezes um ponto de interesse, e certamente é de interesse no presente para um grande número de pessoas. Daí, qual será a resposta? Como eu disse, é uma questão difícil, e me parece que a única resposta que podemos dar é que o que se pode dizer a respeito do recebimento dos dons, igualmente se pode dizer a respeito do recebimento do Espírito Santo no batismo do Espírito.

Pois bem, o livro de Atos nos ensina claramente que o batismo do Espírito pode ocorrer de duas maneiras. O Espírito Santo veio sobre os apóstolos e outros no cenáculo, no dia de Pentecoste, direta, imediatamente; ninguém lhes tinha imposto as mãos. O Espírito Santo desceu sobre eles quando estavam reunidos naquela sala e estavam orando. E a mesma coisa aconteceu no caso de Cornélio (Atos 10:44). Quando Pedro ainda estava falando, o Espírito Santo desceu sobre Cornélio e sobre todos os que ali estavam com ele.

Mas quando Pedro e João desceram até Samaria, depois da pregação de Filipe, eles puseram suas mãos sobre os que creram, e estes receberam então o Espírito Santo (Atos 8:17). No caso do próprio apóstolo Paulo, primeiro Ananias lhe impôs as mãos (Atos 9:17). E em Éfeso, as pessoas que tinham sido batizadas com o batismo de João só foram batizadas com o Espírito Santo depois de terem sido batizadas em nome do Senhor Jesus e depois que o apóstolo pôs suas mãos sobre elas (Atos 19:3-6).

Visto que o batismo do Espírito ocorreu tanto diretamente como por meio da imposição das mãos, afirmo que sem dúvida dá-se a mesma coisa com os dons. No livro de Atos está claro que o dom de imposição das mãos era um dom possuído pelos apóstolos, porém não estava restrito a eles, porque foi por intermédio de Ananias, que não era apóstolo, que o próprio Saulo de Tarso foi cheio do Espírito Santo (Atos 9:17).

Há outras perguntas que surgem com relação a isso no Novo Testamento. Qual é o sentido da expressão “imposição das mãos” em Hebreus 6:2? O autor diz: “Pelo que, deixando os rudimentos da doutrina de Cristo, prossigamos até à perfeição, não lançando de novo o fundamento do arrependimento de obras mortas e de fé em Deus, e da doutrina dos batismos, e da imposição das mãos” (versículos 1,2). Bem, parece-me que devemos conceder que provavelmente essa é uma referência ao que, como já vimos, é ensinado no livro de

Atos dos Apóstolos – que houve uma imposição das mãos por meio da qual o Espírito veio desta forma particular sobre os crentes.

Além disso, a subsequente história da Igreja parece estabelecer esse ponto de maneira bastante definida, porque esse costume continuou posteriormente e, na verdade, é a origem do que se chama “confirmação”, praticada na Igreja Anglicana, na Igreja Luterana e em várias outras igrejas. Depois do batismo, não importa se o intervalo de tempo era curto ou longo, fazia-se a imposição das mãos aos novos crentes para eles poderem receber o Espírito Santo.

Há depois outras referências que são de interesse. O apóstolo Paulo diz a Timóteo: “Não desprezes o dom que há em ti, o qual te foi dado por profecia, com a imposição das mãos do presbitério” (1 Timóteo 4:14). E então vejam, com isso, as palavras de Paulo a Timóteo, em 2 Timóteo 1:6: “...te lembro que despertes o dom de Deus que existe em ti pela imposição das minhas mãos”. Bem, meu argumento é que, em suas cartas a Timóteo, o apóstolo está se referindo à ordenação de Timóteo para a obra de evangelista, o ofício especial para o qual Timóteo havia sido separado. Mas aqui não estamos considerando a mesma coisa.

Evidentemente, o Novo Testamento ensina que um ofício envolve um dom. É por isso que, em 1 Coríntios, capítulo 12 e em Efésios, capítulo 4, sob o título de dons espirituais, vemos mencionados os ofícios como também as habilidades particulares. Claro está que é assim porque as pessoas designadas para ofícios são as que já têm dons, de modo que passamos naturalmente dos dons para os ofícios nos quais os dons são exercidos.

Ao examinarmos a questão sobre como nos vêm os dons, eu diria que é preciso ter muito cuidado para não sermos muito dogmáticos, e que não devemos limitar a operação do Espírito Santo a este ou àquele método. Assim como o batismo do Espírito pode vir direta, imediatamente, ou pela

intermediação de outra pessoa e pela imposição das mãos, assim também se dá com os dons. Digo que ambas essas coisas são possibilidades.

A única qualificação que eu acrescento é que a subsequente história da Igreja parece indicar que a experiência comum é que os dons vêm mais de maneira direta e imediata do que por meio da imposição das mãos. Não excluo o segundo método, porém digo que é raro. Portanto, se, como talvez esteja acontecendo no presente, vocês ouvirem falar muito sobre esta “imposição das mãos”, como se fosse o método universal, lembrem-se de que esse ensino não só é anti-escriturístico, mas também é incoerente com o que se vê muito definida e claramente que é a experiência da Igreja desde os seus primeiros dias. Não acho que isso deva fazer-nos tropeçar. Era de esperar que a homens como os apóstolos seriam dados dons e dotes fora do comum, e não há dúvida de que um dos seus dons foi o de poderem conceder a outros o Espírito com o acompanhamento de dons pertinentes.

Esse é o problema que parece surgir do ensino que consta aqui, nestes versículos de Romanos 12, mas eles levantam também outra questão, e eu me sinto constrangido a colocar isso também diante de vocês. Que luz este ensino, nesta passagem pode lançar sobre a vida da Igreja Primitiva? Agora vou mostrar a vocês porque eu acho esta questão muito importante. Se vocês lerem esta passagem com inteligência e de maneira espiritual, imediatamente perguntarão: “Como era a Igreja Primitiva?” Paulo aqui está se dirigindo à Igreja. Ele está formulando esta sua doutrina: “...nós, que somos muitos, somos um só corpo em Cristo, mas individualmente somos membros uns dos outros. De modo que, tendo diferentes dons, segundo a graça que nos é dada, se é profecia...” etc. Ele está mostrando aos cristãos da cidade de Roma como devem conduzir-se na igreja, e isso desde logo nos diz algo sobre a vida da Igreja Primitiva.

Mas, que é que isso nos quer dizer sobre ela? Bem,

obviamente nos diz de imediato que a vida da Igreja Primitiva era a de um corpo em funcionamento. A Igreja era claramente um corpo, na prática, e as diversas partes e membros do corpo estavam funcionando. O apóstolo toma isso como líquido e certo. Ele diz, com efeito: “Sei que em sua igreja, aí em Roma, há alguns que têm este dom de profecia; há outros que têm o dom de ministério; outros o dom de ensinar; outros o dom de exortar; outros o dom de repartir; outros o de governar; outros o de exercer misericórdia”.

Em 1 Coríntios 12:13,14, particularmente no versículo 14, vê-se a mesma coisa. No ensino de Paulo sobre como controlar a vida da Igreja, vê-se logo de início que a Igreja era um corpo, com os diversos membros do corpo desempenhando o seu papel. Essa era a sua característica proeminente. Por exemplo, o apóstolo diz em 1 Coríntios 14:26: “Que fareis pois, irmãos? Quando vos ajuntais, cada um de vós tem salmo, tem doutrina, tem revelação, tem língua, tem interpretação. Faça-se tudo para edificação”.

Pois bem, eu chamo a atenção para isso porque se incidentalmente Paulo nos está oferecendo uma descrição da vida diária, da vida normal da Igreja Primitiva, a pergunta que fazemos é: como foi que as coisas passaram a ser como são hoje? Notem estes versículos 6, 7 e 8 de Romanos, capítulo 12, ou 1 Coríntios, capítulo 14 – é isso um retrato do funcionamento da Igreja hoje? E isso ganha importância para nós desta maneira: vocês vão dizer: “Oh não, claro está que isso nada tem a ver conosco; isso era a Igreja Primitiva antes de termos as Escrituras”? Mas, se vocês começarem a dizer isso, verão que muito pouca coisa do Novo Testamento se aplica a nós hoje. Vocês terão que continuar dizendo isso a respeito de muita coisa do Novo Testamento: “Ah, sim, mas isso era a Igreja Primitiva”. Como resolver, então, quando as palavras só visavam a Igreja Primitiva, e quando são válidas atualmente? Não, fazer isso é fazer-se culpado da pior forma de dispensacionalismo – e, contudo, há muito desse ensino na atualidade.

Por isso penso que esta é uma das questões mais urgentes com que nos defrontamos.

Permitam que eu expresse o ponto desta maneira: aqui estamos nós nesta era chamada ecumênica, e todo o mundo está falando sobre a Igreja. Isso é uma boa coisa; todos nós devemos falar sobre a Igreja. Talvez um dos maiores defeitos dos evangélicos, dos cristãos bíblicos, seja particularmente que não falamos suficientemente sobre a Igreja. Temos sido individualistas, e quase que exclusivamente somos evangélicos, havendo pouca conversa sobre a Igreja. E, obviamente, isso está completamente errado, porque não podemos ler o Novo Testamento sem ver que nele a doutrina da Igreja está em destaque o tempo todo. É, pois, nosso dever falar sobre ela.

Tudo isso está certo, mas com uma condição – devemos fazê-lo de forma escriturística. E aqui, parece-me, há uma oportunidade caída do céu para nós no presente. Devemos dizer: “Sim, devemos ter idéias corretas quanto à natureza da Igreja Cristã, e quanto ao seu funcionamento, porém”, continuamos, “só há um jeito de estarmos certos, e esse é ir de volta ao Novo Testamento”. E estes versículos de Romanos nos forcem a isso.

No entanto, é aqui que entra o perigo a que me referi. É que alguns de nós querem dizer: “Ora, tudo isso nada tem a ver conosco; somente a Igreja Primitiva era assim”. Por isso apagamos tudo e começamos a pensar em termos da Reforma, ou talvez mesmo em termos do século seguinte, quando a Confissão de Westminster foi redigida, e o nosso pensamento é em geral governado por ela. Simplesmente começamos ali; queremos retornar para lá, mas não para mais atrás no tempo. Contudo isso não só me parece errado, mas também completamente antiescriturístico. Devemos retornar ao próprio Novo Testamento, e não temos direito de formular nenhuma definição, a menos que esteja estritamente de acordo com o ensino do Novo Testamento.

Bem, somos confrontados por essa questão aqui, em Romanos, capítulo 12, onde o apóstolo está escrevendo aos cristãos da cidade de Roma e lhes diz como a sua igreja deve funcionar. Portanto, deixem-me apresentar a vocês uma descrição da Igreja Primitiva como a encontramos no Novo Testamento. Claro está que os apóstolos tinham uma posição muito especial. No fim de Efésios, capítulo 2, diz o apóstolo Paulo que os apóstolos e os profetas constituem o verdadeiro fundamento da Igreja. Isso é óbvio; não penso que precisamos demorar-nos aqui. É evidente que eles ocupavam uma posição muito especial porque o nosso Senhor os escolhera e lhes entregara a mensagem, e Ele não somente lhes tinha dado poder, como também infalibilidade. Uma vez que eles eram infalíveis em seu ensino, suas palavras são a base e o fundamento da Igreja.

Está igualmente claro que os evangelistas do Novo Testamento não correspondem ao que pensamos quando usamos o termo “evangelista” hoje. No Novo Testamento, o evangelista – Timóteo, por exemplo, e Tito, Filipe, e pessoas como essas – era um homem que agia como agente ou procurador dos apóstolos. Os evangelistas do Novo Testamento eram enviados pelos apóstolos como seus representantes, e a eles os apóstolos delegavam poderes para a execução de funções particulares. Se vocês lerem as Epístolas a Timóteo e a Tito, verão exatamente o que quero dizer. Os evangelistas tinham grande autoridade e grande poder, mas tudo isso lhes era delegado; eles não eram apóstolos, mas os substituíam.

Assim, lemos sobre “apóstolos, profetas, evangelistas”. Eles aparecem nessa ordem e sempre antes dos mestres. E, certamente, devemos concordar, todos eles eram homens especiais, pertencentes a uma categoria inteiramente deles próprios. É evidente que foram estabelecidos ofícios especiais tendo em vista a fundação da Igreja Cristã. E como eles estavam relacionados com a fundação, não se repetem. Não se repete um alicerce, constrói-se sobre ele. Repetem-se as

pedras individuais conforme prossegue a construção, mas não se pode repetir o alicerce, que é estabelecido de uma vez por todas. “Edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas”, diz o apóstolo (Efésios 2:20), e a palavra “apóstolos” inclui os evangelistas, visto que eles eram os representantes dos apóstolos.

Não obstante, é verdade patente que, embora seja fato que os apóstolos, os profetas e os evangelistas tinham uma obra única para realizar, a grande característica da vida da Igreja Primitiva era a participação de todos os membros. Como já vimos, a grande analogia da Igreja como o corpo de Cristo, que o apóstolo repete tantas vezes em suas diferentes Epístolas, inevitavelmente transmite essa noção. Não era que os apóstolos, os profetas e os evangelistas faziam as coisas enquanto todos os demais ficavam sentados e ouvindo. Não, não, todos os membros estavam em atividade e participavam da vida da igreja.

Mas, tendo dito isso, também devemos dizer isto: é igualmente claro que começaram a surgir outros ofícios. Atos, capítulo 6, lembra-nos como teve início o ofício de diácono: “Ora, naqueles dias, crescendo o número dos discípulos, houve uma murmuração dos gregos contra os hebreus, porque as suas viúvas eram desprezadas no ministério cotidiano. E os doze, convocando a multidão dos discípulos, disseram: não é razoável que nós deixemos a palavra de Deus e sirvamos às mesas. Escolhei pois, irmãos, de entre vós, sete varões de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria, aos quais constituamos sobre este importante negócio” (Atos 6:1-3).

Foi o que aconteceu. A multiplicidade de convertidos causou um problema. Eles estavam tendo uma espécie de vida em comum e por pura necessidade foram forçados a introduzir uma divisão de trabalho e a atribuir deveres particulares a certas pessoas. Foi assim que surgiu o ofício de diácono, claramente sob a direção do Espírito Santo. Há este fator extraordinário nisso. De um lado, parece uma improvisação,

e, contudo, de outro lado, lembrando o caráter da Igreja Primitiva, “cheios do Espírito Santo” (esta expressão fica sendo repetida), vocês podem ver que essa improvisação, se quiserem usar esse termo, foi sugerida pelo próprio Espírito Santo.

Depois, em acréscimo aos diáconos, apareceu outro ofício. Foi o ofício de “presbítero”, isto é, “ancião”, ou “superintendente”. Quero assinalar que esses nomes são títulos ou designativos alternativos da mesma função ou ofício. A palavra “presbítero” significa primariamente pessoa idosa, que também é o sentido da palavra “ancião”, mas “superintendente” não leva muito em conta a conotação de idade, predominando a de função.

Pois bem, aqui existe uma pequena dúvida, parece-me, e muitas autoridades estão de acordo em que o ofício de presbítero, ancião ou superintendente, adotado pela Igreja Primitiva sob a direção do Espírito Santo, foi uma continuação do modo como o culto e a vida das sinagogas haviam sido ordenados. Os judeus costumavam reunir-se em suas sinagogas sábado após sábado. O culto seguia uma ordem, como vemos quando lemos que o nosso Senhor tinha voltado a Nazaré, cidade em que fora criado, e “entrou num dia de sábado, segundo o seu costume, na sinagoga, e levantou-se para ler. E foi-lhe dado o livro do profeta Isaías” (Lucas 4:16,17). Em cada sinagoga havia “anciãos”, homens idosos, homens hábeis, que tinham sido selecionados para serem líderes, e dentre eles geralmente um era nomeado como uma espécie de oficial presidente, que superintendia o serviço.

É fato concreto que tais anciãos passaram a existir na Igreja Primitiva, e sua função era, primariamente, dirigir e governar, mas, como temos visto, alguns tinham, ademais, o dom especial de ensinar – eles eram “aptos para ensinar”, como nos informam as Epístolas Pastorais. Constituíam uma particular ordem de pessoas que lá estavam para o gerenciamento da vida da Igreja, e uma das suas funções era ensinar, instruir e edificar os crentes em nossa fé santíssima.

Ora, no que se refere ao ensino do Novo Testamento, deixando de lado os apóstolos, os profetas e os evangelistas, havia só dois ofícios, o de presbítero/superintendente e o de diácono. Mas, como eram escolhidos estes homens? Bem, é novamente muito interessante notar o que nos é dito a respeito. Em Atos 20:28, quando o apóstolo se dirige aos anciãos da igreja de Éfeso que tinham vindo despedir-se dele em sua viagem para Jerusalém, ele diz: “Olhai pois por vós, e por todo o rebanho sobre que o Espírito Santo vos constituiu bispos, para apascentardes a igreja de Deus, que ele resgatou com seu próprio sangue”.

Portanto, a primeira resposta sempre deve ser: eles eram escolhidos pelo Espírito Santo. O Espírito Santo é a força motriz nesta questão. Todavia, tendo dito isso – e vocês devem dizer sempre isso, e começar daí – a próxima coisa perfeitamente clara é que a própria igreja, sob a liderança e a direção do Espírito Santo, escolhia tais pessoas. Lemos em Atos 6:3 que os apóstolos disseram: “Escolhei pois, irmãos, de entre vós, sete varões de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria, aos quais constituamos sobre este importante negócio”. A escolha foi feita pela igreja, e é importante, principalmente nos dias atuais, que se dê ênfase a isso.

Quase cada dia da semana lemos, não somente em publicações religiosas, mas também na imprensa secular, prosa sobre “uma só igreja” – uma só igreja em cada país – uma igreja territorial, uma igreja totalmente abrangente, inclusive, em cada país. Esse é o objetivo: somente uma igreja na Inglaterra, outra na Escócia. Elas devem estar em comunhão, mas devem manter-se territorialmente distintas. E sempre há este comentário adicional – “Naturalmente, a igreja unida terá governo episcopal”. Será governada por bispos, é o que se diz.

Pois bem, é por isso que estou colocando tudo isso diante de vocês. Aqui, em Atos, somos induzidos a lembrar-nos de que a escolha era feita pelo povo, pela igreja. Lê-se de fato

uma declaração realmente extraordinária em Atos 13:1-3: “E na igreja que estava em Antioquia havia alguns profetas e doutores, a saber: Barnabé e Simeão... E, servindo eles ao Senhor, e jejuando, disse o Espírito Santo: Apartai-me a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado. Então, jejuando e orando” – era a igreja fazendo isso, lembrem-se – “e pondo sobre eles as mãos, os despediram”. A igreja fez a escolha.

Mas há ainda outro passo nisto, uma ação levada a efeito pelos apóstolos. Vejam, por exemplo, Atos 14:23. Lemos ali sobre Paulo e Barnabé concluindo uma viagem: “*E tendo eles ordenado anciãos em cada igreja*, e tendo orado com jejum, encomendaram-nos ao Senhor em quem haviam crido” (VA). Está bem claro que esta ação foi realizada por Paulo e Barnabé – *eles* ordenaram os anciãos.

“Qual é a importância disso tudo?”, alguém perguntará. Eu lhe direi. Este é um dos grandes argumentos da igreja católica romana e da Igreja Anglicana para dizerem que só bispo pode ordenar ancião. Por conseguinte, essa é uma questão importante para nós. Vocês se sentirão felizes em fazer parte de uma igreja abrangente e governada episcopalmente? Estão dispostos a dizer que o homem que não for ordenado por um bispo não estará apto a administrar a Ceia do Senhor ou para batizar?

Portanto, povo cristão, vocês não devem, não podem dizer que isso nada tem a ver com vocês! Estou tentando mostrar a vocês que no Novo Testamento eram os membros da igreja que faziam estas coisas; e entre os nossos antepassados houve aqueles que preferiram morrer a desistir do direito do membro individual da igreja nesta questão. É por isso, pois, que toda essa questão é tão importante.

Este versículo de Atos, capítulo 13, diz claramente – não diz? – que foram Paulo e Barnabé que ordenaram estes homens, indubitavelmente pela imposição das mãos a eles, mas não diz que foram Barnabé e Paulo que os escolheram.

Não, eu penso que o princípio está formulado para todos os tempos em Atos 6:3-6. Houve a instrução: “Escolhei pois, irmãos, de entre vós, sete varões de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria, aos quais constituamos sobre este importante negócio”. Logo a seguir lemos: “E este parecer contentou a toda a multidão, e (os componentes da multidão) elegeram Estevão... e Filipe, e Prócoro, e Nicanor, e Timão, e Pármenas e Nicolau, prosélito de Antioquia; e (os membros da igreja) os apresentaram ante os apóstolos, e estes, orando, lhes impuseram as mãos”.

Pois bem, essa me parece que é a ordem, e está perfeitamente límpido e claro que a escolha foi feita pelos membros da igreja, que foram eles que separaram estes homens, e então o “ato oficial de ordenação” foi realizado pelos apóstolos. E nas Epístolas Pastorais vocês verão que isso foi feito também pelos evangelistas, atuando como delegados ou representantes dos apóstolos. É por isso que em 1 Timóteo, capítulo 3, o apóstolo lembra a Timóteo a espécie de homens que ele, como delegado e representante do apóstolo, deve ordenar para ofícios particulares na igreja.

Não somente isso, encontramos mais alguma coisa. Conforme se passaram os anos, houve um desenvolvimento da maneira de ordenar a vida da Igreja. Desde o início singular, quando havia apenas um agrupamento de pessoas que creram, foram batizadas com o Espírito Santo e receberam os dons, o elemento de ordem se fez necessário. E conforme vocês acompanham isso, vão vendo que se deu a mesma coisa, e cada vez mais. Há no Novo Testamento a idéia de que entre os anciãos um ou outro deveria ser designado para presidir. Eram vários anciãos, mas a um deles (que poderia ser mudado de tempo em tempo) era dada a posição de presidente.

Qual é a prova disso? Bem, observem o que aconteceu, por exemplo, no Concílio de Jerusalém, registrado em Atos, capítulo 15. Ali somos informados de que Tiago, irmão do Senhor, presidiu à reunião. Agora isso, num aspecto, foi uma

realização de puro bom senso, mas é evidente que foi pela direção do Espírito Santo, pois Tiago pôde dizer: “Na verdade pareceu bem ao Espírito Santo e a nós” (versículo 28). Acredito que temos aí o substrato para o sentido da declaração de Tiago 3:1: “Meus irmãos, muitos de vós não sejam mestres”. Todos eles queriam liderar a presidir, por assim dizer, ao mesmo tempo. Mas, para que conduzissem todas as coisas “decentemente e com ordem”, como diz Paulo no fim de 1 Coríntios, capítulo 14, eles tinham que decidir entre si quem deveria ser colocado na posição de ancião ou presbítero governante ou presidente.

Todavia, conquanto tudo isso seja verdade, é igualmente verdade que só se fazia assim para a ordenação da vida da igreja. Por essa razão Pedro teve tanto cuidado em dizer aos presbíteros que realizassem o seu trabalho não “como tendo domínio sobre a herança de Deus, mas servindo de exemplo ao rebanho” (1 Pedro 5:3). Eles não se tornaram subitamente pessoas importantes e únicas, diferentes de todas as demais. Não, não, nem mesmo os apóstolos. A vida comum da Igreja sempre deveria ser preservada. Assim, como já vimos no capítulo primeiro desta epístola, o apóstolo Paulo diz: “Desejo ver-vos, para vos comunicar algum dom espiritual, a fim de que sejais confortados; isto é”, ele se apressa a acrescentar, “para que juntamente convosco eu seja consolado pela fé mútua, assim vossa como minha” (Romanos 1:11,12).

Noutras palavras, o problema é este: como combinar liberdade e ordem? Como combinar liberdade e disciplina? E foi desse modo que o Espírito conduziu a Igreja Primitiva nesta questão.

Resumo, pois, assim o ponto: a descrição que temos da Igreja Primitiva é de um corpo de pessoas que criam no evangelho, estavam cheias do Espírito Santo e receberam dons. Eram um corpo ativo, e manifestavam ativamente os dons. Havia ordem, certamente, e controle, mas o importante era a vida que havia em todas as partes componentes. Tinha que

ser controlada por causa dos excessos, porém o controle não significava que os membros permaneciam em silêncio e só um homem, ou um grupo de homens, fazia as coisas. Não, não; era uma igreja movida pelo Espírito, um corpo movido pelo Espírito, com a vida do Espírito a mostrar-se de várias maneiras em cada membro, de modo que cada um deles tomava parte na vida da igreja.

Essas igrejas eram igrejas individuais – a igreja de Corinto, a igreja de Laodicéia, de Éfeso, etc. – e é evidente que eram independentes em seu governo. Mas não eram independentes em sua vida; todas estavam interessadas umas nas outras e queriam ajudar-se umas às outras. Se viam que havia alguma variação no ensino, reuniam-se e discutiam a questão.

Havia, então, estas unidades que brotavam por todo o Império Romano, e eu tentei descrever a vida delas para vocês. O que estou salientando é que havia vida em todos os membros, vida que visava mostrar-se na vida da Igreja. Em acréscimo, havia ordem e disciplina. Tudo devia ser feito “decentemente e com ordem”. Entretanto, se é essa a descrição da Igreja Cristã dada no Novo Testamento, eu torno a perguntar: de onde nós viemos? De onde veio a Igreja como a conhecemos hoje? Vocês podem justificar o que aconteceu com a Igreja? E que é que devemos fazer a respeito?

Todas estas coisas foram escritas para nós e para nossa orientação neste nosso tempo e em nossa geração, e o nosso comportamento na vida da Igreja será julgado segundo o padrão do Novo Testamento.

21

“De modo que, tendo diferentes dons, segundo a graça que nos é dada, se é profecia, seja ela segundo a medida da fé; se ministério, seja em ministrar; se é ensinar, haja dedicação ao ensino; ou o que exorta, use esse dom em exortar; o que reparte, faça-o com liberalidade; o que preside, com cuidado; o que exercita misericórdia, com alegria.” – Romanos 12:6-8

Temos concordado que a Igreja, na hora presente, cada igreja local, não parece conformar-se, falando em termos gerais, à descrição que nos é dada no Novo Testamento, principalmente aqui, em Romanos, capítulo 12.

Isso é importante em si e de si. Se dizemos que cremos que as Escrituras são a Palavra de Deus e que são o nosso único guia em todas as matérias de fé e de conduta, devemos então crer que a Igreja sempre deve conformar-se à descrição e ao padrão que dela temos no Novo Testamento. Portanto, qualquer variação ou qualquer afastamento desse padrão deve constituir preocupação nossa.

Mas há duas razões especiais pelas quais devemos dar grande atenção a este assunto atualmente. Uma delas é o movimento ecumênico, e já dissemos que a falta de ênfase à necessidade de unidade, e, ainda mais, a falta de interesse pela doutrina da natureza da Igreja, são, talvez, os comuns e prementes pecados daqueles de nós que somos evangélicos. Temos favorecido demais os movimentos e não temos estado muito interessados na Igreja. Temos sido acusados disso, e creio que devemos ser suficientemente honestos para admitir que há uma grande dose de verdade nessa acusação. Há

evangélicos em todas as denominações, e eles parecem bastante felizes com isso, contanto que possam reunir-se para algumas atividades interdenominacionais. Todavia contentar-se com isso é ignorar a doutrina da natureza da Igreja Cristã em seus vários aspectos.

A segunda razão pela qual não devemos negligenciar a doutrina da Igreja é que é grande o novo interesse pela chamada manifestação dos dons do Espírito Santo na vida da Igreja. É isso que, de novo, é algo que um parágrafo como este de Romanos, capítulo 12, obviamente nos compele a considerar. Foi o que fizemos, e vimos que o que marca mormente a Igreja Primitiva é sua vida dominada pelo Espírito. A Igreja Primitiva era um corpo vivo, vibrante de vida, vida que se manifestava de várias maneiras, às vezes até com excessos, porque as crianças tendem a partir para excessos. Mas os excessos infantis são melhores do que a inatividade da morte. A descrição em apreço é um grande quadro de vida, com alguns ministérios de destaque.

Como mostrei, também está bastante claro que, conforme foi passando o tempo, emergiram dois ofícios, os de anciãos ou presbíteros e de diáconos. E esses são os únicos dois ofícios reconhecidos e descritos objetiva e claramente no Novo Testamento. No entanto, à medida que prosseguia a vida da Igreja, houve mais amplo desenvolvimento. À luz de Atos, capítulo 15, parece claro que um sistema começou a desenvolver-se gradativamente entre os presbíteros, no qual um homem era escolhido para presidir às discussões da Igreja e à administração das suas atividades.

Então, a descrição que vemos no Novo Testamento mostra que a Igreja – e isso é o que há de fascinante nela – é uma fusão perfeita de liberdade e ordem, de disciplina e liberdade; a vida e a atividade do Espírito, e, todavia, tudo feito “decentemente e com ordem”, como diz Paulo. Havia um bom número de tais igrejas em diferentes partes do mundo: a igreja de Deus que está em Roma, a igreja de Deus que está em Corinto, e

naqueles outros diversos lugares. Lemos sobre Antioquia e sobre a igreja que havia lá, e no livro de Atos se faz referência às igrejas da Galácia.

Cada igreja funcionava em si e por si, era independente, governava-se a si mesma. Mas as igrejas não eram independentes no sentido de não estarem interessadas em todas as demais igrejas. Elas tiveram a mesma experiência, criam nas mesmas coisas, tinham a mesma bendita esperança, e, portanto, naturalmente, estavam interessadas em tais pessoas de todo e qualquer lugar. Não somente isso, elas eram visitadas de tempo em tempo pelos apóstolos. Paulo e outros partiam em viagens missionárias, e em suas viagens visitavam também as igrejas já existentes, e também enviavam pessoas como Tito e Timóteo para visitá-las. Portanto, todas elas se mantinham em contato dessa forma.

Contudo, uma coisa perfeitamente clara é que cada igreja era independente, e eu penso que este é um dos importantes assuntos que nos cabe considerár na hora presente, em vista das idéias que nos cercam sobre a organização da Igreja. Sugiro-lhes que no Novo Testamento não há nenhuma evidência de que algum corpo alheio a uma igreja particular tinha direito de interferir em seus interesses e atividades, muito menos de dominá-la.

Pois bem, aí está o princípio que devemos considerar. Nenhum grupo de igrejas podia controlar a vida de uma igreja individual, nem há qualquer insinuação de que oficiais particulares tinham algum poder de legislação e de controle. Não há nenhum vestígio de alguma idéia de que o Estado tinha algum poder sobre a vida da Igreja. As igrejas nada tinham a ver com o Estado. Na verdade, alguns crentes estavam entendendo mal esse fato e tiveram que ser levados a lembrar-se, como se verá no capítulo treze de Romanos, de que, afinal de contas, conquanto fossem membros da Igreja, ainda eram cidadãos do Estado e deviam sujeitar-se ao governo do Estado nas questões aplicáveis a ele. Não porém quanto à

Igreja como tal. O Estado não tinha nenhuma jurisdição sobre a igreja local – nenhum grupo de igrejas, nenhum corpo de autoridades eclesiásticas, nenhum homem que ocupasse a posição máxima, tinha controle legislativo ou de autoridade sobre a vida da Igreja.

Mas alguém poderá dizer – e este é o velho argumento bem conhecido – que certamente Atos, capítulo 15, contradiz o que eu estive dizendo. Por exemplo, todos os que crêem nalguma forma de presbiterianismo gostam de citar esse capítulo. É o único fragmento de prova que eles têm, e por isso são forçados a citar esse capítulo. E argumentam no sentido de que ali vemos um quadro tipicamente presbiteriano; um concílio, uma espécie de assembléia geral, reúne-se em Jerusalém, com um moderador, Tiago. Tendo sido considerado a questão, chega-se a uma decisão, emite-se o seu edito, e este é então cumprido.

Considerável significado é ligado a uma palavra empregada em Atos 16:4. Somos informados de que Paulo e Silas tinham encetado sua viagem, e de que Timóteo se juntara ao grupo. E então: “E, quando iam passando pelas cidades, lhes entregavam, para serem observados, os decretos que haviam sido estabelecidos pelos apóstolos e anciãos em Jerusalém”. Pois bem, dá-se grande importância à palavra “decretos”, que cheira à promulgação de leis. Esse é o principal argumento em prol do chamado presbiterianismo, que significa realmente que presbíteros eleitos de um grupo de igrejas de uma área se reúnem em concílio e, elegendo o seu moderador, exercem autoridade e poder sobre a vida da igreja local.

Como então responder a isso? Bem, parece-me que este é um perfeito exemplo da tendência de sempre argumentar retrocedendo de uma posição presente. Noutras palavras, se vocês tomarem as declarações como se acham em Atos, capítulo 15, não terão direito de chegar a essa conclusão. O que aconteceu em Atos, capítulo 15, nos é dito, é que alguns apóstolos desceram à igreja de Antioquia e, enquanto estavam lá, chegaram

alguns homens vindos da Judéia e deram instruções aos irmãos da igreja de Antioquia. Eles disseram: “Se vos não circuncirdes conforme o uso de Moisés, não podeis salvar-vos”. Eles afirmaram que tinham vindo de Jerusalém autorizados pela igreja e pelos apóstolos para que pregassem e ensinassem que não era suficiente as pessoas dizerem que criam no evangelho. Em acréscimo, precisavam ser circuncidadas como Moisés tinha ensinado. Na verdade – eles deixaram isso bem claro – a lei tinha que ser cumprida. E daí surgiu um argumento.

Diz-nos o texto: “Tendo tido Paulo e Barnabé não pequena discussão e contenda contra eles...” (versículo 2). Mas, com sua sabedoria, a igreja decidiu que não havia proveito algum em continuar com aquele bate boca. Disseram que o certo era enviar Paulo e Barnabé e algumas outras pessoas a Jerusalém para falarem com os apóstolos e os presbíteros sobre esse problema.

Pois foi o que aconteceu. Portanto, não se tem aqui um concílio ecumênico, um grande concílio geral da Igreja. Não se trata de uma descrição de um corpo central revestido de autoridade e que pode convocar delegados de todas as igrejas e decidir, promulgar e determinar o que deve acontecer em todas as igrejas. Não, o que temos aqui é uma consulta entre duas igrejas, e a iniciativa, isso é muito importante notar, não veio da igreja de Jerusalém ou dos apóstolos, e sim da igreja de Antioquia. Essa igreja enviou representantes e pediu que eles fossem recebidos e se reunissem com a igreja de Jerusalém para consulta.

Foram a Jerusalém porque os homens que estiveram ensinando a falsa doutrina disseram que tinham sido enviados de Jerusalém. O problema se originara em Jerusalém, e assim, naturalmente, os membros da igreja de Antioquia quiseram ir à fonte. Em todo caso, a igreja de Jerusalém era a primeira igreja, era a igreja-mãe, pelo que, como era natural, era muito respeitada, e todos os outros cristãos davam grande atenção ao

que se cria em Jerusalém. Ademais, em geral os apóstolos estavam lá; faziam suas viagens, porém sempre voltavam para lá. Historicamente, Jerusalém era uma espécie de quartel-general. Por isso era natural que os de Antioquia estivessem muito desejosos de saber o que realmente era ensinado ali. Acaso alguma nova idéia tinha penetrado no ensino da igreja de Jerusalém? Eles queriam ter certeza disso.

Portanto, não há aqui nenhuma insinuação de uma máquina central, de uma suprema corte da Igreja. E há outros fatores que tornam isso duplamente certo. Notem que Paulo e Barnabé não foram consultar só os apóstolos e os presbíteros; foram consultar toda a igreja de Jerusalém. Lemos no versículo 4: “E, quando chegaram a Jerusalém, foram recebidos pela igreja e pelos apóstolos e anciãos, e lhes anunciaram quão grandes coisas Deus tinha feito com eles”. E no versículo 12: “Então toda a multidão se calou”. Não foi, pois, algo como uma conferência de cardeais, ou como uma conferência de bispos, que ocorre de tempos em tempos no Vaticano ou em Lambeth, nem mesmo como uma reunião de líderes, como se dá nos círculos da Igreja Livre. “*Toda a multidão*”, diz o texto. A igreja estava presente. “Então toda a multidão se calou e escutava a Barnabé e a Paulo, que contavam quão grandes sinais e prodígios Deus havia feito por meio deles entre os gentios”.

Mas o versículo vinte e dois é o versículo que é realmente crucial: “Então pareceu bem aos apóstolos e aos anciãos, com toda a igreja, eleger varões dentre eles e enviá-los com Paulo e Barnabé a Antioquia”. E o versículo 23 dá continuidade a este ponto: “E por intermédio deles escreveram o seguinte: os apóstolos e os anciãos e os irmãos, aos irmãos dentre os gentios que estão em Antioquia, e Síria e Cilícia, saúde”. Noutras palavras, está bem claro que não há aqui nada que se compare com a idéia de uma assembléia de anciãos ou presbíteros promulgando leis e determinando a vida em geral de todas as igrejas.

“Mas”, vocês poderão perguntar, “e quanto à palavra decretos no versículo quatro do capítulo dezesseis?”

Isso, porém, é simplesmente basear um argumento numa particular tradução da Versão Autorizada (do Rei Tiago). Se derem atenção à palavra, verão que ela pode ser traduzida também por “decisão”, e não há dúvida de que uma decisão foi tomada. Os crentes consideraram a questão, discutiram-na juntos, e o fizeram com profundo espírito de oração, porque se vê que Tiago pôde fazer esta notável declaração – e, quem dera que a Igreja se tivesse lembrado sempre disso! Oxalá nos seja dada a graça de lembrar-nos disso na presente hora! – “Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós” (versículo 28).

É isso! Foi-lhes dada unanimidade. Todos eles estavam no Espírito e estavam orando, pedindo a Sua direção; e eu, pessoalmente, não tenho nenhuma dúvida de que Tiago estava falando sob a inspiração do Espírito. Ele não estava falando apenas como um presidente. Ele não tinha poderes especiais como presidente. Ele simplesmente foi designado para ocupar a presidência para que a discussão fosse conduzida de maneira ordeira, mas ele não falou *ex cathedra*, como se tudo o que ele dissesse devesse ser considerado infalível. Absolutamente não! Ele era um entre os demais, e proferiu a voz do Espírito, dos apóstolos, dos anciãos e dos membros da igreja ali reunidos. E, daí, juntos chegaram à referida decisão.

Foi uma decisão temporária para um problema temporário. Que é que exatamente se devia fazer com estes gentios convertidos? Deviam eles guardar certas partes da lei, ou não? E vocês podem notar a sabedoria que lhes foi dada para chegarem a uma resposta temporária, até que o problema desaparecesse, o que aconteceu. Portanto, é um erro elevar isso atribuindo-lhe o caráter de um grande decreto. Entretanto foi isso que aconteceu na subsequente história da Igreja Cristã, e eu conduzi vocês através das evidências para demonstrar a minha alegação de que o Novo Testamento não propicia base alguma para qualquer pretensão de autoridade e poder

executivo sobre a igreja local fora da própria igreja local.

Assim, pois, se esse é o quadro descritivo da Igreja no Novo Testamento – toda igreja sendo autônoma, independente, sem ninguém com o poder de impor de fora quaisquer decisões sobre ela, quer de outras igrejas quer do Estado – reitero que a questão que obviamente surge em nossa mente é: se é assim, de onde veio a Igreja como a conhecemos? Como foi que ela chegou à presente situação?

Todos nós devemos saber algo sobre estas coisas porque todos nós vamos ter que tomar decisões nos anos vindouros, seja qual for a igreja à qual pertencemos. É nosso dever, como cristãos, sempre decidir em conformidade com as Escrituras, e não de acordo com algum preconceito. Não devemos dizer: “Fui criado como católico romano, e vou defender isto”. Ou: “Fui criado como presbiteriano, ou como congregacional, ou como batista, ou como os chamados “irmãos”. Se vocês estiverem simplesmente defendendo o sistema no qual sucedeu que vocês cresceram, não estarão agindo de maneira escriturística. Devemos ter razões bíblicas para o que dizemos. Temos uma nova e maravilhosa oportunidade de fazer isso, e eu os concito a verem a importância de considerar estas questões e de preparar sua mente para a grande responsabilidade que lhes é imposta numa época como esta.

E então, que aconteceu? Como foi que a Igreja do Novo Testamento se tornou o que conhecemos hoje? Haveria alguma conexão entre o que era e o que é? Sim, há, e o processo pode ser rastreado na história da Igreja. A real dificuldade surgiu na questão geral da disciplina, especialmente na área da doutrina. Enquanto viviam os apóstolos, tudo era remetido a eles, por serem apóstolos, estes homens únicos, singulares. A Igreja é edificada “sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas” (Efésios 2:20). Eles tinham estes circuitos de igrejas, e tudo podia ser remetido a eles, e vimos que foi esse o caminho seguido pela igreja de Antioquia.

Mas depois os apóstolos morreram, e quase que

imediatamente se levantou a questão: como exercer a disciplina? Levantaram-se homens que se apresentavam como mestres, e começaram a pregar erros – heresias. Que se poderia fazer quanto a eles? Foi assim que surgiram as dificuldades. E a situação moderna veio a existir porque se sentia a necessidade de algum meio devidamente credenciado para a solução dos problemas. Assim foi que a Igreja Primitiva teve que atracar-se com este problema, e, lembrem-se, seus membros, homens e mulheres, estavam na carne, como nós, propensos a errar, sempre prontos a insinuar diminuta sabedoria humana, talvez, em vez de se apegarem ao modelo primitivo. Isso é muito natural e é tudo muito compreensível, porém para nós a questão é: isso estava certo?

Foi isso que de fato aconteceu. Salientei o fato de que obviamente se fez necessário designar um dos anciãos para presidir, ou para atuar como dirigente, se vocês o preferirem. Ora, se acontecia que o homem escolhido para presidir tinha personalidade particularmente forte, ou era um homem extraordinariamente capaz e dotado, inconscientemente a sua autoridade e o seu poder tendiam a aumentar cada vez mais. Isso aconteceu em bom número de casos. E, em acréscimo a isso, os próprios membros da Igreja podiam muito bem sentir, e na verdade sentiam, que devia haver uma espécie de governo ao qual todos deveriam sujeitar-se. Assim eles concordaram que, quando houvesse divergência, a decisão deveria ser deixada com o presidente. Pode-se ver como ocorreu a mudança. O presidente era só um dos anciãos, e nada mais. Não obstante, ele tinha sido colocado numa posição de autoridade e, destas maneiras e por estas razões, a autoridade e o poder foram-lhe acrescentados crescentemente.

Em meados do século segundo, os homens que ocupavam a posição de presidentes ou dirigentes foram considerados como uma ordem à parte de oficiais da Igreja. Aos poucos o próprio nome foi mudado, e eles começaram a ser chamados “bispos”. Pois bem, como indiquei, no Novo Testamento

“bispo” e “ancião” ou “presbítero” e “superintendente” são termos alternativos referentes à mesma pessoa – vemos isso em Filipenses 1:1. Mas agora a palavra “bispo” começou a ser isolada e aplicada somente ao ancião presidente. E logo passou a existir uma ordem de bispos separada. Em vez de só anciãos ou presbíteros e diáconos, agora havia bispos, anciãos e diáconos.

Foi assim que se desenvolveu o sistema de tripla ordem. O bispo, o superintendente, estava no topo, depois vinham os anciãos, e depois os diáconos. Contudo, assim que se dá início a essa linha, não se pode parar. No começo havia um bispo em cada igreja – não estou dizendo simplesmente o que penso, é pura história. Obviamente, ele era o ancião presidente, e se tornou bispo. Às vezes havia mais de um bispo numa igreja, e ocupavam a cátedra em rodízio. O ponto importante, porém, é que, tendo principiado com este novo ofício, à medida que se avolumavam os problemas, aumentou o poder do bispo.

O próximo desenvolvimento veio quando se sentiu que o bispo de uma igreja urbana era mais capaz e mais importante que o bispo de uma igreja rural. Em geral o povo sempre achou que a cidade tem algum mérito peculiar e que os que vivem nas cidades são mais inteligentes que os da roça, grande falácia, é claro. E assim se começou a dizer que a opinião do bispo da cidade era melhor que a do bispo da zona rural. E isso tanto se estendeu que quando havia uma reunião de bispos, era o bispo da cidade que a presidia. E dessa forma se desenvolveu o que agora se chama bispo diocesano, um bispo acima de vários outros, e muitas vezes ele tinha um vasto território sob o seu governo.

Seguiu-se então o próximo passo. Como uma cidade é mais importante que uma vila, assim uma comarca é mais importante que uma cidade comum, e uma capital é mais importante que uma comarca. E assim vemos o surgimento do bispo metropolitano. E ali estava um homem que era bispo de um país inteiro. Ele era mais importante que os

bispos das cidades, que eram mais importantes que os das vilas e dos distritos rurais. Havia diversos bispos metropolitanos: um em Roma, outro em Corinto, outro em Antioquia e outro em Alexandria, no Egito.

Era ilógico parar aí, não era? Quem decidia entre os metropolitanos? Bem, obviamente, era preciso ter um deles que fosse supremo – e lá estava o papa (o bispo de Roma). E foi exatamente isso que aconteceu. E, permitam que os faça lembrar, tudo isso veio à tona pela necessidade de disciplina, especialmente em matéria de fé. A Igreja achava que, para resolver problemas, é preciso haver alguém que fale com autoridade, e esta autoridade foi ficando cada vez maior, de modo que, no fim, o que o papa dizia em Roma era a verdade; ele falava infalivelmente, *ex cathedra*. Essa definição ainda não havia sido formulada, mas é o que veio a ser crido e praticado. Houve grande luta sobre isso, e durou muitos séculos – estou dando a vocês uma visão disso tudo a vôo de pássaro.

Há, porém, outro fator importante que devo mencionar. Por volta do ano 325, o imperador romano na época, Constantino, decidiu por motivos puramente políticas tornar-se cristão (penso que todos nós só temos que concordar nisso). Eu poderia dar-lhes os motivos políticos, mas não o farei porque só serviria para confundir o ponto que estou tentando salientar. Ele achou que era a coisa certa e óbvia que devia fazer – ele seria recompensado por isso. Os líderes mudam. Os imperadores romanos costumavam perseguir os cristãos, porém estes se tornaram tão poderosos e havia tantas divisões entre os seguidores dos deuses pagãos que Constantino, este homem astuto, concebeu a idéia de que, afinal de contas, se ele tão-somente concedesse prioridade os cristãos e ele próprio se tornasse um deles, isso resolveria muitos problemas para ele; e de fato foi o que aconteceu.

E assim o Império Romano penetrou na Igreja Cristã e em conseqüência aconteceu outra coisa que muito bem poderia ter sido profetizada. Ali estava uma oportunidade de

realmente controlar todas as igrejas! O Império Romano, por certo vocês se lembram, era um Estado altamente organizado. O centro do governo estava em Roma, e em Roma estava o chefe de todos, o imperador. Depois, abaixo dele, havia os procônsules e cônsules, e os governadores, como Pôncio Pilatos, etc. Começava com este grande chefe, e os ofícios se seguiam em escala descendente, em número cada vez maior, até o nível local; mas tudo isso era governado pelo chefe.*

Dessa forma, na Igreja havia primeiramente bispos, anciãos e diáconos, ocorrendo a seguir um desdobramento entre os bispos em bispo local, diocesano, metropolitano e o papa. Mas então, depois que o Império Romano se tornou oficialmente cristão, todos os outros tipos de ofícios se desenvolveram. Vocês podem indagar de onde vieram os deães ou decanos, os arquidiáconos, os deães rurais, os prebendários,** e todos os demais ofícios que vocês sabem que existem em conexão com a Igreja. Bem, tudo isso entrou junto com o Império Romano. A Igreja simplesmente se apropriou dos procedimentos. E, naturalmente, o resultado disso tudo foi que, sendo tudo determinado de cima para baixo, a igreja local perdeu completamente o seu poder – e aí vocês têm o típico sistema católico-romano. A Igreja*** já não tem autoridade para designar os seus oficiais; foi tirada das suas mãos. Ninguém senão o bispo pode ordenar alguém, e a mesma coisa

* Dolorosamente curioso é que o título de “Pontífice Romano” ou “Sumo Pontífice” foi tomado dos imperadores romanos. Alguns dicionários omitem ou velam esse fato. Nota do tradutor.

** Cônegos e outros sacerdotes prebendados (beneficiados pela prebenda, distribuição pecuniária). Nota do tradutor.

*** Na “evolução” dos conceitos sobre igreja, seguiu-se este processo: “Onde está Cristo, ali está a Igreja”; “Onde está o Espírito, ali está a Igreja” (“ubi Spiritus ibi ecclesia”); “Onde está o bispo, ali está a igreja”. Resultado histórico: o clero é a igreja; o povo (“laos”, leigo) é beneficiário da igreja (do clero)! Nota do tradutor.

acontece com confirmação. Foi isso que se desenvolveu gradativamente, e por certo vocês vêem como isso está longe da descrição que consta no Novo Testamento.

Veio então a Reforma Protestante, e o fato grandioso que se deu foi que Deus abriu os olhos de certos homens para verem a verdade sobre o caminho da salvação, e o viram com grande clareza. Pois bem, sejamos justos para com os Reformadores. É difícil para qualquer pessoa ou para qualquer grupo de pessoas de qualquer época fazer tudo. Aqueles homens enxergaram esta grande realidade, que as pessoas estavam sendo mantidas nas trevas. Os Reformadores queriam ter liberdade para pregar o evangelho, o verdadeiro caminho da salvação, e Lutero e os demais fizeram isso. Mas eles não lidaram com a vida e a organização da Igreja de igual maneira.

Lutero levou consigo muito mais de Roma do que Calvino e do que os outros Reformadores, na Suíça e noutros lugares. Ele estava preocupado com uma grande doutrina – justificação pela fé somente – e teve que lutar por ela. Ele se perturbou com o surgimento dos anabatistas, que lhe pareciam estar ameaçando pôr tudo a perder porque iam aborrecer todas as autoridades. Não se esqueçam de que durante quinze séculos o Estado vinha governando a Igreja com mão de ferro, e que tudo estava sob o controle do príncipe, do governador e do imperador. Portanto, não estou criticando os Reformadores, estou explicando as coisas sobre eles, e o que eles deixaram de fazer.

E claro está que aqui, na Inglaterra, o anglicanismo assumiu praticamente todo o sistema católico-romano de governo eclesiástico – todos os diversos ofícios. Eles deixaram de lado o papa – Henrique VIII providenciou isso! Em vez de estar o papa no topo, Henrique VIII é que estava lá, e os interesses territoriais e nacionais tomaram o lugar do aspecto internacional da Igreja. Noutros aspectos não houve mudança. Todos os diversos ofícios e o governo da Igreja continuaram como antes.

João Calvino foi o pai do presbiterianismo. Mas, como tentei mostrar a vocês, ele também não retornou ao modelo do Novo Testamento. De novo, sejamos justos; estes homens estavam novamente se defrontando com o problema da disciplina. Eles sentiam que era preciso manter a ordem, e o aparecimento de algumas “seitas selvagens”, como algumas delas eram, gerou a tendência de endurecer o pensamento dos Reformadores. Eles achavam que devia haver um sistema que pudesse manter a lei e a ordem.

Todavia, logo logo começaram a surgir os grupos conhecidos como “independentes”. Eles protestavam, dizendo que os Reformadores não estavam seguindo o modelo do Novo Testamento, mas, em vez disso, estavam perpetuando muita coisa que tinha entrado na Igreja no transcurso dos séculos. Eles tinham reformado a doutrina na questão do ensino e do plano de salvação, mas, por que não foram igualmente radicais com relação à natureza da Igreja? E assim, lá para os fins do século dezesseis, e ainda mais no século dezessete, houve o surgimento da “independência” em suas várias formas, quer congregacional quer batista, não importa deste ponto de vista. E daí em diante, claro, tem havido diversos outros desdobramentos.

Aí está, pois, uma descrição de como foi que veio a existir a Igreja como a conhecemos. E a opinião que lhes dou é que agora chegamos a um ponto no qual realmente devemos reconsiderar todas estas coisas. Os homens gostam de subir de posição; homens que bem podem ser usados como evangelistas, metem-se em “movimentos” e muitas vezes se impõem às igrejas. Temos que admitir que a situação atual ficou caótica, e vocês não conseguirão ver esse tipo de coisa no Novo Testamento. O Novo Testamento está sempre interessado em *igrejas*, não em movimentos ou em organizações; é sempre em igrejas. Mas estamos numa terrível confusão, e lhes proponho que devemos aproveitar-nos da oportunidade que hoje nos é dada de retornar ao Novo Testamento e procurar ver como a

nossa igreja pode ser restaurada e recuperar uma condição mais parecida com a descrita nestes três versículos de Romanos, capítulo 12.

Permitam, pois, que eu me expresse simples e francamente desta forma: penso que já lhes mostrei que não se pode achar papa algum no Novo Testamento, nem muitos destes outros ofícios. Também não se pode achar ali nenhum sistema como o que hoje tiraniza a igreja local. Entretanto, sejamos bem sinceros: pode-se achar no Novo Testamento aquilo que às vezes chamam de “ministério de um só homem”? Francamente, eu não o vejo ali. Todavia, sempre se tomou isso como líquido e certo, e vem se desenvolvendo cada vez mais, não é? Um homem faz tudo – pregação, ensino, grande parte do que envolve organização, e tudo mais. Todos os demais ficam sentados ouvindo e observando. Ministério de um só homem! Não a variedade de dons sobre a qual lemos em Romanos, capítulo 12: “Tendo diferentes dons, segundo a graça que nos é dada”, tratemos todos nós de exercê-los. Essa prática parece que se foi.

Por isso devemos começar de novo. Só uma coisa nos deve preocupar, que realmente nos conformemos ao modelo do Novo Testamento. Isso é importante porque, se de fato oramos e esperamos a bênção do Espírito Santo sobre nós, devemos honrar Sua Palavra, devemos amoldar-nos ao modelo que Ele tão claramente nos indica. Sinto que devemos reformar a nós mesmos, se é que realmente o nosso desejo e a nossa esperança de avivamento são genuínos.

Pois bem, então”, alguém perguntará”, “você nos mostrou que, num sentido, todos nós nos afastamos do Novo Testamento; que devemos fazer?”

Têm-se tentado muitas soluções. Os quacres do século dezessete experimentaram uma. George Fox costumava criticar acerbamente as igrejas, “as casas de torres”, como as chamava. Ele se fazia violento contra elas, eu sei, mas se opunha à divisão do povo em clero e laicidade, clérigos e leigos, e,

quanto a mim, estou pronto a dizer que ele estava absolutamente certo nesse ponto. Mas ele foi longe demais, em não reconhecer nenhum ofício. Além disso, ele achava que todos os homens e mulheres que são cristãos e têm o Espírito Santo em seu ser, têm dons e seguramente deveriam ter liberdade de dar expressão a esses dons. No entanto essa liberdade lhe foi negada, não somente pela Igreja da Inglaterra, mas até pelas igrejas não conformistas que tinham passado a crer no tal “sistema de um só homem”. Ele protestou contra isso, e nesse sentido o seu protesto era correto. Isso levou os quacres a desenvolver o seu próprio tipo de reunião, onde ninguém é designado para pregar e ninguém prepara sermão, porém as pessoas sentam-se e esperam até alguém ser movido pelo Espírito, e então essa pessoa fala.

Mas eu penso que agora se deve admitir que a resposta dada pelos quacres não provou que é a solução. Também penso que posso provar pelo Novo Testamento que isso não poderia ter bom êxito porque não se conforma ao modelo que vimos no Novo Testamento.

Outros têm tentado fazer a mesma coisa. Muitas vezes recomendei deste púlpito o comentário da Epístola aos Romanos de Robert Haldane. Pois bem, Haldane tem um irmão, James Alexander Haldane, melhor pregador que Robert e homem que exerceu notável ministério em Edimburgo, porém ele se arruinou por completo porque, depois de estudar o Novo Testamento, achou que devia parar de pregar como pregava. (Ele fazia quase tudo em sua igreja.) Achava que devia haver uma reunião mais geral em que qualquer pessoa pudesse levantar-se e falar. Faria isso num culto dominical matutino, por exemplo. Mas deu em nada, e ele arruinou uma grande igreja. Meu parecer é que ele também não foi escriturístico em não notar que há uma divisão de dons – uns têm um dom, outros outro, alguns sendo chamados para pregar e ensinar de maneira especial.

Depois há certamente o movimento dos “irmãos”, assim

chamados – os Irmãos de Plymouth, como às vezes são chamados, movimento que começou com J. N. Darby e outros.* Eles estavam enfrentando precisamente este problema, e toda a honra lhes deve ser dada por não fugirem dele. Foi essa a questão que os trouxe à existência. Eles diziam: “O que conhecemos não é a prática do Novo Testamento, e devemos voltar a ela”. Aqui também meu parecer seria que, embora muitos deles estivessem certos, foram muito longe e deixaram de reconhecer certas distinções e divisões de trabalho. É interessante notar que atualmente muitos deles – e creio que isso ocorre particularmente nos Estados Unidos da América – passaram a acreditar que alguns homens devem ser separados, com tempo integral ou parcial, como pregadores e mestres. Não renunciaram à expressão (ampla) de dons em diversas outras reuniões, mas chegaram a ver essa necessidade e, num sentido, essa mudança é uma crítica ao que eles faziam no início do seu movimento.

Vem depois a história de Edward Irving, e a chamada Igreja Apostólica, a Igreja Católica Apostólica, a que ele deu início em Londres, tem muita coisa para nos ensinar. Como aconteceu com James Alexander Haldane, Irving também parou de pregar como sempre fizera como presbiteriano, mas sua nova igreja terminou em tragédia. Que lástima!

Depois disso tem havido outros esforços e tentativas. Há no presente uma igreja conhecida como Igreja Apostólica que alega ter apóstolos e profetas entre os seus membros. De novo poderíamos demonstrar que isso não é escriturístico. E, por último, na presente hora, existe o chamado movimento carismático, que também surgiu de uma reconsideração da doutrina da Igreja e dos dons, e, até esse ponto, está certo, é claro.

Mas – para que possamos trazer isso a uma espécie de conclusão – que poderia eu sugerir, o que poderia indicar

* Em Rio Claro, SP, onde nasci, conheci na minha mocidade (que já vai longe) alguns “darbistas”, como lá eram chamados. Nota do tradutor.

como sendo o caminho certo? À luz do ensino das Escrituras e da história que coloquei diante de vocês, a história que mostra como as coisas andaram erradas, a história dos novos experimentos e esforços para a restauração do modelo do Novo Testamento, opino que, seguramente, a grande lição é a necessidade de tomarmos consciência do perigo de oscilar de um extremo ao outro. Um extremo é acabar ficando com o papa e sua autoridade absoluta, mas o perigo está em reagir e ir direto ao outro extremo, onde não há ordem alguma, nem a relação eclesiástica de membros da igreja, nem ofícios, nem pregadores ou mestres ou pastores.

Qual será o caminho certo? Seguramente somos chamados a voltar ao modelo do Novo Testamento. Devemos reconhecer que a alguns é dado o dom especial de pregação e ensino, a outros o dom de pastoreio. Alguns recebem o dom de governo; e existem vários outros dons de expressão e de exortação. Na parte final de Atos, capítulo 15, há uma palavra muito pertinente a toda esta consideração. No versículo 32 somos informados de que Judas e Silas, que tinham sido enviados a Jerusalém com Paulo e Barnabé, sendo “também profetas, exortaram e confirmaram os irmãos com muitas palavras”. Depois, no versículo 35, nos é dito: “E Paulo e Barnabé ficaram em Antioquia, ensinando e pregando, com muitos outros, a palavra do Senhor”. É isso. Na Igreja há vários homens aos quais é concedido o dom de ensinar; são “aptos para ensinar”, e podem pregar.

Portanto, devemos reconsiderar esta questão. Não é o caso de “um só homem”. Se o dom é concedido a outros, deve-se dar a eles oportunidade para exercê-lo. Mas não se deve fazer isso desordenadamente, nem ao acaso. Não, é preciso haver ordem e um sistema. Pode-se manter toda a liberdade noutras reuniões da igreja, pode-se dar oportunidade para o exercício de todos os dons que o Espírito Santo nos deu, diversamente, e um por vez. Acredito que o despertamento metodista ocorrido há duzentos e tantos anos, em ambos os

seus ramos, o calvinista e o arminiano, chegou bem perto do que eu considero a posição escriturística. Em sua classe e noutras reuniões, eram dadas oportunidades aos homens e às mulheres, não só para contarem suas experiências, como também para dizerem uma palavra de exortação, oferecerem uma interpretação de alguma passagem bíblica, e assim por diante. Acredito que na vida da igreja (local) é preciso que haja oportunidade para que todos dêem expressão ao dom que Deus lhes concedeu.

Mas, é evidente, sempre haverá, e terá que haver, cultos públicos conduzidos por homens que obviamente foram dotados e separados para pregar e ensinar. E dessa forma todo o corpo da igreja pode ser edificado, e também, ao mesmo tempo, uma palavra pode ser dirigida aos de fora. Muitíssimas vezes, parece-me, os experimentos têm dado errado por não se lembrarem os que os promovem de que não se tem uma reunião da igreja para todo o mundo ver, por assim dizer. As reuniões da igreja devem ser realizadas dentro do corpo da igreja. Todavia, quando se dirige a palavra ao público, é preciso colocar ali homens que obviamente foram dotados pelo Espírito para exporem a Palavra e pregarem o evangelho de salvação.

Pois bem, ao que me parece, tudo isso vem à tona nos versículos 6, 7 e 8 de Romanos, capítulo 12. Ali vemos um quadro descritivo da Igreja, e perguntamos: por que somos tão diferentes? Devemos voltar ao modelo do Novo Testamento, e devemos orar rogando ao Espírito Santo que ilumine os olhos do nosso entendimento, que abra as Escrituras para nós e que, acima de tudo, opere corrigindo o nosso espírito e os nossos preconceitos, a fim de que não fiquemos meramente defendendo alguma posição herdada, mas que estejamos sempre abertos para a direção do Espírito e O sigamos quando nos levar de volta a este modelo, que Ele mesmo nos revelou nas Escrituras do Novo Testamento. Queira Deus ouvir-nos neste aspecto e guiar-nos, para a Sua glória.

22

“De modo que, tendo diferentes dons, segundo a graça que nos é dada, se é profecia, seja ela segundo a medida da fé; se ministério, seja em ministrar; se é ensinar, haja dedicação ao ensino; ou o que exorta, use esse dom em exortar; o que reparte, faça-o com liberalidade; o que preside, com cuidado; o que exercita misericórdia, com alegria.” – Romanos 12:6-8

Fizemos a nossa consideração destes versículos de Romanos e o nosso breve repasso e visão panorâmica da história da Igreja tendo como pano de fundo muita prosa sobre a unidade da Igreja. O nosso objetivo foi certificar-nos de que a única unidade que nos interessa é a que reproduz o modelo que se acha no Novo Testamento. Temos que examinar cada proposta, cada tentativa de unidade à luz deste ensino. Não adianta partir das coisas como elas estão e modificar um pouco aqui um pouco ali – a igreja católica romana com uma pequena modificação, a Igreja da Inglaterra com uma pequena modificação, etc., até chegarmos a uma grande igreja que continuará mantendo a maior parte das características de todos os diferentes segmentos que estão sendo amalgamados.

Não é desse modo que vemos estas coisas. Dizemos que devemos examinar tudo à luz do ensino do Novo Testamento; e, assim como o povo em geral está interessado na unidade, nós, evangélicos, dentre todas as pessoas, devemos interessar-nos por ela. A Igreja deve ser uma só, e deve ser vista como uma só, e certamente o chamamento feito a nós é que devemos manifestar o tipo de unidade descrita no Novo Testamento, e

asseverar que essa, e somente essa, é a Igreja Cristã, em contraposição a toda e qualquer imitação produzida pelos homens.

Mas ainda ficamos com um problema, ou melhor, com mais um aspecto desta questão. A Igreja, como a conhecemos, não só é diferente da Igreja do Novo Testamento em sua ordem, em seu governo, porém há também uma grande diferença entre o seu modo de conduzir o culto, a adoração, e a maneira pela qual o Novo Testamento expressa a adoração. Aqui, nestes versículos, é-nos dado um quadro, um pequeno camafeu, do tipo de coisa que aconteceu na Igreja Primitiva. Várias vezes os fiz lembrar de uma passagem similar, de 1 Coríntios, capítulo 14, onde o apóstolo diz, no versículo 16: “Que fareis pois, irmãos? Quando vos ajuntais, cada um de vós tem salmo, tem doutrina, tem revelação, tem língua, tem interpretação. Faça-se tudo para edificação. Efésios 5:19 também nos dá uma descrição da Igreja: “Falando entre vós em salmos, e hinos, e cânticos espirituais; cantando e salmodiando ao Senhor no vosso coração”. Tais descrições nos propiciam a percepção do tipo de culto característico da Igreja Primitiva.

Assim pois, mais uma vez, se formos leitores inteligentes das Escrituras, obviamente teremos que perguntar a nós mesmos: o nosso culto corresponde ao daquelas descrições, e, se não, por que não? E como foi que mudamos do que vemos lá para o que conhecemos hoje? Quero ressaltar a imensa importância de fazer estas perguntas. Os evangélicos, parece-me, muitas vezes se dedicam a fazer algum tipo de leitura da Bíblia ou de estudo bíblico, qualquer que seja o nome que lhes dermos, muito defeituoso. Contentamo-nos com uma espécie de conhecimento da letra das Escrituras, e nem sempre procuramos atentar para a doutrina, extraí-la, e ver a sua relevância para nós.

O culto, como era realizado pela Igreja Primitiva, exige a nossa atenção porque tem muita coisa para nos dizer. Hoje há uma crescente tendência para o que é descrito como um

estilo litúrgico de culto, com vestes sacras, como lhes chamam, e com o acompanhamento de toda uma parafernália de atavios e paramentos. Pois bem, penso eu que isso está ocorrendo em muitos segmentos da Igreja Cristã. Durante os últimos trinta ou quarenta anos venho observando uma crescente tendência de modificar o culto nas chamadas igrejas livres, introduzindo orações e responsos fixos, e ritos formais em torno da mesa da Ceia do Senhor, do batismo, etc. As igrejas livres imitaram o que viram na Igreja Anglicana e, como lhes mostrarei, a Igreja Anglicana, por seu turno, tomou grande parte da sua liturgia da igreja católica romana. Em tempos recentes, grande ímpeto tem vindo de tudo o que se vê na televisão e de tudo o que é publicado nos jornais.

Essa é a situação, portanto devemos perguntar: onde essa forma de culto se acha no Novo Testamento? Como compará-la, por exemplo, com o que vemos nestes três versículos de Romanos, capítulo 12? Noutras palavras, parece-me que no presente ocorre mais uma vez, de forma aguda, uma disputa que se deu muitas vezes na Igreja. Há uma grande divisão entre o que por vezes chamam de “religiões de autoridade” e “religiões do Espírito”. Ou, se vocês preferirem, há uma vital diferença entre o tipo católico-romano de culto e o tipo de culto verdadeiramente protestante. Há toda a diferença do mundo entre o culto que depende mormente de cerimônias e ritos, e o tipo simples de culto, que exalta a liberdade do Espírito.

Ora, se você se sente inclinado a perguntar: “Que é que isso tem a ver comigo?”, tudo o que digo é que você não conhece o Novo Testamento. Isso é tudo o que se pode fazer com você. Se você realmente crê que o Novo Testamento é a Palavra de Deus, deve realmente preocupar-se com o culto, e, goste ou não, como já lembrei a todos vocês, será compelido a tomar decisões justamente sobre estas questões. Se você não enxerga a tendência geral em direção a Roma, receio que você só pode estar cego.

Isso está avançando, e avançando muito rapidamente. A proposta de que haja uma só igreja neste país – e essa é a proposta – diz-nos que a igreja deverá ser episcopal em seu governo e litúrgica em sua forma de culto, e muitas pessoas se sentem muito felizes em aceitar isso. O objetivo supremo é ter uma grande igreja mundial que inclua a igreja de Roma, ou melhor, a igreja de Roma incluindo todas as demais. E assim você estará comprometido com um tipo litúrgico de culto.

Portanto, a questão é: vocês querem isso? Crêem nisso? Consideram certo? E essa é a questão levantada para nós por estes três versículos, porque neles temos uma descrição do culto característico da Igreja do Novo Testamento. Por isso mais uma pergunta: isso é um ponto vital, ou é apenas uma questão de gosto? Muitíssimas vezes, através dos anos, tenho ouvido pessoas dizerem – e me sinto mal com isso – “A linguagem da litania é tão bonita! Cranmer era um mestre no uso da língua, e ele empregava uma espécie de linguagem litúrgica; e as orações são tão belas!” Ouve-se esse argumento freqüentemente, tanto entre as pessoas das igrejas livres como entre os anglicanos.

Esta é a pergunta que faço: a nossa forma de culto deve ser decidida pela tradição, ou o Novo Testamento deve ser o nosso padrão? Bem, não devemos abordar essa pergunta meramente em termos de preconceitos – isso é sempre errado. Não devemos dizer que nos opomos a estas coisas porque não fomos criados nessa tradição. E os outros não devem dizer: “Isto é certo porque é a nossa tradição”. Todos nós somos chamados a examinar tudo à luz do Novo Testamento. Para nós nada importa, exceto a pergunta: é certo? E descobriremos se é certo ou não vindo ao tribunal das Escrituras do Novo Testamento. Está de acordo com ela?

Agora, neste ponto, há uma importante questão de princípio que eu devo colocar diante de vocês. Vocês saberão que no tempo da Reforma Protestante aqueles homens de

fé que naquele tempo foram levantados, em geral concordavam em que o Novo Testamento é a única e suprema fonte de autoridade. Mas eles eram propensos a diferir entre si num ponto muito importante, qual seja: em que sentido o ensino do Novo Testamento é obrigatório? E aí emergiu uma divisão entre Martinho Lutero e João Calvino, e não somente entre esses dois grandes homens, mas também entre dois segmentos da Igreja na Inglaterra.

Martinho Lutero ensinava que as Escrituras são a autoridade absoluta em todas as questões de doutrina com respeito à salvação, mas que, quanto ao governo da Igreja ou às formas de culto, o ensino do Novo Testamento não é obrigatório. Ele dizia que é permitido à sabedoria da Igreja produzir uma forma de culto e, na verdade, uma forma de governo da Igreja. Contudo, Calvino adotou um conceito muito diferente. Ele dizia que as Escrituras não são obrigatórias só em pontos como a doutrina da salvação; são igualmente obrigatórias, e devem ser a nossa única regra, com relação ao governo da Igreja e também às formas de culto.

Ora, no que se refere à Grã-Bretanha, a Igreja da Inglaterra seguiu Lutero. A Igreja da Inglaterra sempre ensinou que, embora as Escrituras sejam obrigatórias na questão da doutrina da salvação, não são obrigatórias nas questões de governo da Igreja e do culto. Mas surgiu neste país outro grupo de crentes que finalmente se tornaram conhecidos como puritanos, e, dentre os puritanos, um grupo que podemos descrever como “puritanos radicais” seguiu o ensino de Calvino. Vemos, pois, aí dois corpos de pessoas que eram, todas elas, crentes na infalibilidade das Escrituras e em sua inspiração singular, e que chegaram a conclusões divergentes com relação ao governo da Igreja e às formas de culto.

Registrei isso para orientação de vocês, e meu desejo é que examinem toda esta situação de maneira desapaixonada. Não devemos deixar-nos governar por preconceitos, gostos e aversões; devemos fazer de fato um grande esforço para

chegar a uma opinião verdadeiramente razoável à luz do ensino das Escrituras e à luz do que aconteceu na história da Igreja.

Por conseguinte, vamos primeiro às Escrituras. Teríamos nós algum ensino ministrado por nosso bendito Senhor quanto a esta questão? O nosso Senhor prescreve orações lidas ou recitadas? Teria ensinado Ele que devemos prestar nosso culto com a mesma linguagem e com as mesmas palavras, como fazem aqueles que usam o mesmo Livro de Oração todos os domingos? Que é que se pode provar em termos do ensino do nosso Senhor e Salvador?

Naturalmente, o exemplo apresentado por aqueles que acreditam em forma litúrgica de culto é a Oração do Senhor (Pai Nosso). Eles assinalam que o nosso Senhor disse aos Seus discípulos: “Quando orardes, dizei...” (Lucas 11:2). “Ei-lo aqui”, dizem eles, “compondo uma oração com a intenção de que a repitam.” E daí, compilando seus livros de oração e repetindo essas orações domingo após domingo, eles dizem que estão simplesmente fazendo o que o nosso Senhor e Mestre primeiramente ensinou à Igreja.

É óbvio que isso deve ser examinado; é o único verdadeiro fragmento de evidência que eles podem apresentar. Como lidar com esse argumento? Pois bem, isso tem sido tratado muitas vezes; foi respondido por muitos dos principais puritanos, por homens como o Dr. John Owen e outros, e eu vou mostrar-lhes os argumentos que eles sempre apresentavam e que me parecem inevitáveis, partindo do estudo das Escrituras. Que foi que o nosso Senhor fez quando disse aos Seus discípulos, “Quando orardes, dizei...”?

Bem, certamente a Oração do Senhor (Pai Nosso) deve ser considerada uma oração modelo. O nosso Senhor não disse que devemos repetir esta oração mecanicamente toda vez que orarmos. Se consultarmos Lucas 11:1,2, leremos que os discípulos se aproximaram dEle e disseram: “Senhor, ensina-nos a orar, como também João ensinou aos seus discípulos”.

Eles estavam em dificuldade quanto a orar. Não nos surpreendamos com isso; todos nós temos experimentado a mesma dificuldade. A oração pode ser muito difícil. Assim eles fizeram o seu pedido, e o nosso Senhor respondeu: “Quando orardes, dizei...”. Certamente o que Ele quis dizer foi: é desse modo ou neste estilo que vocês devem orar.

Noutras palavras, sempre se deve começar com adoração: “Pai nosso, * santificado seja o teu nome...”. Não se deve começar fazendo petições e apresentando desejos, mas sempre pela adoração a Deus. O nosso Senhor estava instruindo os Seus seguidores sobre os grandes princípios da oração; e o primeiro é que devemos sempre recordar e compreender que na oração nos aproximamos do Deus todo-poderoso e eterno. Antes de tudo mais, devemos prestar a Ele adoração e culto. Devemos desejar a vinda do Seu reino, e devemos aspirar a que toda a Sua vontade seja feita, “como no céu, assim na terra”, etc. Só então devemos passar aos pedidos e desejos pessoais.

Portanto, o nosso Senhor estava dizendo, “deste modo”, “neste tipo de maneira”. Ele não estava compondo uma oração para ser repetida mecanicamente por Seus discípulos, nem sequer em espírito. Ele estava interessado em estabelecer os princípios, as idéias gerais, que eles deveriam empregar na ordenação das suas orações. Essa é a primeira resposta ao argumento que baseia o uso de liturgias e litanias no fato de que o nosso Senhor nos deu a Oração do Senhor (Pai Nosso).

Mas, em segundo lugar, o relato que nos é dado no capítulo seis do Evangelho Segundo Mateus por certo indica claramente que o nosso Senhor estava tratando ali mais do culto particular do que do culto público. Ele fala que devemos ir para o nosso quarto, fechar a porta e orar em oculto, e diz: “E teu Pai, que vê secretamente, te recompensará” (Mateus 6:6). E esse me parece um argumento muito forte.

* VA. Cf. NVI, nota de rodapé. Nota do tradutor.

Em terceiro lugar, Owen assinala – e penso que se pode dizer muita coisa em favor disto – que, em todo caso, mesmo que o nosso Senhor estivesse ditando uma oração para os Seus discípulos repetirem, Ele realmente estava falando sob a dispensação do Velho Testamento. Tudo isso foi antes da Sua morte; antes do Pentecoste. E como se vê uma espécie de ritual e de cerimonial no Velho Testamento, o nosso Senhor estava apenas mostrando como eles deveriam orar na situação em que estavam naquele tempo. Penso no risco de exagerar nisso, porém nos limites próprios em que fica esse argumento, há algo válido no que Owen diz.

Mas – e este argumento é certamente final e conclusivo – mesmo concedendo que o nosso Senhor ditou essa oração com a intenção de que a repitamos palavra por palavra, como tantos de nós na verdade nos inclinamos a fazer em nossos cultos – mesmo concedendo tudo isso, como justificaria isso a repetição de orações fixas domingo após domingo? Afinal de contas, a Oração do Senhor foi proferida pessoalmente pelo Senhor, ao passo que as orações utilizadas nos livros de oração são composições de homens de diferentes séculos, diferentes tradições, etc. Portanto, mesmo que se possa justificar a recitação do Pai Nosso, certamente isso não dá direito a ninguém de ir além desse ponto e dizer que se deve repetir todo domingo todas as orações compostas, escritas e impressas.

Essa é, então, a única prova que remotamente pode ser aduzida com base no ensino do nosso Senhor e Salvador. Contudo, que dizer dos apóstolos? Pois bem, aqui eu penso que todos concordarão que não há nenhuma prova, nem da prática nem do ensino dos apóstolos, de que eles criam em orações formais, fixas. Eles não repetiam orações; suas orações variavam conforme as circunstâncias. Eles não preparavam orações para depois ensiná-las ao povo; eles nunca deram instruções às pessoas no sentido de repetirem orações particulares. Claro está que isso tudo é, em si e por si, e em muitos aspectos, o argumento mais significativo.

Essa é, então, a prova existente, no que se refere ao Novo Testamento. Que dizer da subsequente história da Igreja? E dos primeiros séculos? Pois bem, isto é extremamente interessante. Não há nada que demonstre que nos três primeiros séculos alguma coisa remotamente parecida com um livro de oração era utilizado. Os cristãos do século primeiro não tinham cultos litúrgicos. Estes apareceram pela primeira vez no século quarto, e há uma prova que parece muito boa de que isso ocorreu num lugar que conhecemos bem, um lugar chamado Antioquia.

Permitam-me ler para vocês alguns argumentos comprobatórios extraídos dos escritos do grande pai da Igreja, Tertuliano, que viveu por volta do ano 200 d.C. Eis como ele descreve a forma de culto que lhe era familiar. Diz ele: “Eles oram olhando para o céu; não como os idólatras, que olhavam para os seus ídolos e imagens; não abraçando altares ou imagens, como faziam os pagãos; não fazendo como aqueles que repetem suas orações acompanhando os seus sacerdotes ou sacrifícios, mas derramando as nossas orações concebidas em nosso peito”.

Isso é muito importante e muito significativo! Não é? Tertuliano contrasta a prática cristã com a dos pagãos, os quais “repetem as suas orações acompanhando os seus sacerdotes ou sacrifícios”. Em contraposição a isso, ele descreve os cristãos “derramando as nossas orações concebidas em nosso peito”, prática que, sugiro-lhes, está em inteira conformidade com o ensino do Novo Testamento.

E agora, outra citação de Tertuliano. Falando sobre como uma pessoa era recebida na Igreja Cristã, ele diz: “Depois que o crente que se une a nós é lavado dessa forma, nós o levamos aos que são chamados “Irmãos”, levamo-lo para onde eles estão reunidos, para fazerem suas orações e súplicas por si e por aquele que foi recentemente iluminado”. Que tipo de orações eram essas? “Estas orações e súplicas”, ele acrescenta, “o Presidente da Assembléia (notem a expressão) derrama

conforme a sua capacidade.” Ele não lê orações fixas, porém derrama suas orações “conforme a sua capacidade”. E diz Tertuliano: “Ele realiza esta obra amplamente”. Noutras palavras, ele prossegue em seu longo trabalho de elevar louvores a Deus e em nome de Jesus Cristo. No entanto, a frase relevante é: “ele derrama conforme a sua capacidade”, e a capacidade varia de caso a caso, de homem a homem, nesta questão de derramar orações do coração.

Então, como foi que as orações fixas entraram na Igreja Cristã no século quarto? Bem, essa forma de culto entrou muito gradativamente. Primeiro em Antioquia; depois começou a aparecer noutros lugares, mas nem todos os cristãos tinham as mesmas orações. Algumas foram compostas por um homem em Antioquia, outro homem noutro lugar teria composto outras orações, e eventualmente isso começou a acontecer na igreja de Roma. Mas ela está longe de ser a primeira.

Contudo, quando aconteceu o grande evento a que fizemos referência, quando o imperador Constantino e o Império Romano entraram na Igreja, eles então, naturalmente, assumiram tudo isso. E quando assumiram pleno governo da Igreja, fizeram exatamente a mesma coisa com as formas de culto. Padronizaram tudo, determinando que as mesmas orações fossem feitas em toda parte. Isso só por si mostra que no princípio elas não existiam. Havia uma liturgia em Antioquia, uma liturgia diferente em Alexandria, e assim por diante. Mas Roma deu cabo disso. Todo o mundo, a em toda parte, devia fazer as mesmas orações. E estas tinham que ser feitas na mesma língua, em latim. Naturalmente, isso foi mudado no presente, e é uma concessão interessante, porém o princípio ainda permanece.

E, ao mesmo tempo, Roma não só padronizou as orações, mas também começou a introduzir várias outras inovações – vestes, por exemplo, os hábitos usados pelos chamados “sacerdotes”. Eles tomaram emprestada a maior parte do seu ritual das religiões de mistério pagãs. Não há dúvida sobre

isso: não é teoria minha. Essa era a política. Os líderes daquela igreja pegaram o que consideravam ser de melhor nas religiões pagãs. A isso é que o povo estava acostumado. Em todas as religiões pagãs sempre houve, e ainda há, muita vestimenta e muita cerimônia. Pois os líderes da igreja se apropriaram disso tudo e disseram que tinham “batizado” essas coisas na Igreja Cristã. Eles assinalavam que sob a dispensação do Velho Testamento Arão vestia-se com diversas e complexas vestimentas, Arão e os demais sacerdotes, e dessa maneira introduziram todas estas vestes, que continuam sendo utilizadas.

Por conseguinte, se foi assim que as vestes e o culto litúrgico entraram na Igreja, a questão é: por que será que alguém pensou em fazer tudo isso? Por que começou em Antioquia? Pois bem, devemos de fato considerar isso cuidadosamente. Houve duas razões principais – vou tentar expor o argumento em prol das liturgias tão justamente quanto eu puder. Não quero dar a impressão de que isso foi feito pelo capricho de alguém. Havia o que se considerava como sendo dois argumentos muito fortes.

O primeiro era que muitas vezes os ministros, os sacerdotes, seja qual for o designativo, eram ignorantes e incapazes de fazer orações. Devido serem freqüentemente homens muito mal instruídos, viam-se em dificuldades. Por isso acolhiam muito bem a provisão de orações.

Todavia, em segundo lugar, e isto é ainda mais importante, sempre havia o perigo de ensino herético – como já vimos anteriormente na questão do governo da Igreja. Por isso os homens que tinham idéias heréticas e que ocupavam posição de liderança tinham muito cuidado quando pregavam, pois sabiam que eram observados, e a tendência deles era de introduzir as suas heresias em suas orações. Às vezes as orações são sermões, não orações. Provavelmente todos nós somos um tanto culpados disso, de vez em quando, e devemos estar sempre vigilantes quanto a isso. Ora, alguns daqueles mestres

heréticos deliberadamente introduziram ensino errôneo por meio de suas orações públicas, e, enquanto todos os homens tivessem liberdade de fazer orações extemporâneas, nada se poderia fazer a respeito.

Mas, como já vimos, a igreja católica romana, como o Império Romano, sempre foi ávida de disciplina e sempre quis padronizar tudo. E, concordemos, claro está que o problema de disciplina é importante, e algo tem que ser feito com relação aos hereges. Assim, depois que o Império Romano se declarou cristão, decidiu-se que o único meio de lidar com a heresia era prescrever as orações, estabelecê-las fixamente, e determinar que essas orações, e somente essas, eram as orações que se devia fazer. E dessa maneira se esperava que o culto verdadeiro fosse preservado e o perigo da introdução do ensino herético por meio das orações fosse eliminado. Então, se queremos ser generosos, podemos conceder que o motivo era bom.

Sim, mas isso acabou levando ao sistema romanista pleno e completo, com todo o seu ritual e o seu cerimonial – grandemente elaborado, claro, sobre a questão da Ceia do Senhor e do batismo. E depois foi levantada a questão de outros sacramentos, e passou a haver uma liturgia correspondente em cada caso, sendo elaboradas declarações para cada um deles. Tudo isso veio a ser uma imensa organização, num sentido, com sua liturgia complicada. Esse foi o procedimento típico da igreja católica romana durante toda a Idade Média. O culto inteiro era conduzido pelos sacerdotes, e o povo ficava em seu lugar à distância, muitas vezes sem entender nada do que estava sendo dito. Mas isso não importava, o que importava era o que os sacerdotes faziam, e o povo ficava longe, não tomava parte, exceto nalguns ocasionais respostas que eram indicados na liturgia.

Isso então nos traz ao tempo da Reforma Protestante. Certamente isso também deve ser de grande interesse para todos nós, sob todos os pontos de vista. É importante saber

por que as tradições nas quais fomos criados são como elas são, porém ainda mais importante, reitero, é saber o que devemos pensar, dizer e fazer nesta época de mudança e de transição. Que aconteceu na Reforma? Novamente, é muito interessante observar que Lutero apropriou-se de muita coisa que tinha sido feita por Roma. É óbvio que ele corrigiu as coisas que ele viu que eram completamente erradas, mas o seu interesse primária era pela grande doutrina da justificação pela fé somente. Como já vimos, ele acreditava que o ensino do Novo Testamento não era obrigatório quanto ao governo da Igreja e às formas de culto. Assim foi que ele se apropriou de grande parte do tipo católico-romano de culto.

Pois bem, Calvino é interessante nesta questão, e ele é freqüentemente mal entendido neste ponto. Muitos de nós, na Grã-Bretanha, particularmente os interessados no ensino puritano, têm a tendência de pensar que os conceitos de Calvino eram os mesmos dos puritanos. Entretanto não eram, de modo algum! Calvino acreditava em ter liturgia e acreditava em orações fixas, embora permitisse mais liberdade para a oração extemporânea do que a igreja católica romana jamais havia permitido, e, na verdade, mais do que a Igreja da Inglaterra jamais permitiu. Isso é tão-somente um fato da história. Sejam cautelosos em seus argumentos, para não suceder que usem erroneamente o nome de Calvino. Há um sentido em que se pode afirmar que, na questão do culto, a Igreja da Inglaterra está mais perto de Calvino do que alguns dos puritanos.

Passando ao caso da Inglaterra, chegamos ao nome de Thomas Cranmer, o homem que compôs o Livro de Oração da Igreja da Inglaterra, e ele fez mais ou menos o que Lutero tinha feito na Alemanha. Ele não pôs fora o que havia de liturgia e de livro de oração, mas, ao contrário, assenhoreou-se da idéia, e igualmente se livrou de todos os erros do catolicismo romano. Assim foi que ele compôs aquelas orações que – admitamos prontamente – são obras-primas, do ponto de vista literário.

Isso não nos preocupa. Podemos admitir que são obras-primas, e que ele tinha uma extraordinária facilidade na questão de produzir orações escritas.

Mas o que é importante perguntar é: por que será que Cranmer fez isso? Por que decidiu ter um livro de oração e perpetuar o tipo católico-romano de culto? E de novo devemos ser justos e reconhecer que este homem, e os que com ele estavam, defrontavam-se com alguns problemas muito especiais – é sempre nosso dever, como pensadores honestos, levar em conta as circunstâncias em que estavam os homens quando tomaram suas decisões, para não sermos injustos em nosso julgamento – e o maior problema que Cranmer enfrentava era o problema do clero ignorante. Os clérigos, em sua maioria, tinham sido criados como católicos romanos, e ignoravam as Escrituras. Muitos deles também eram vazios de qualquer experiência espiritual. Eles tinham passado para o protestantismo por um espírito de temor, por conveniência, e por várias outras razões que tais pessoas têm para mudar de lado. Assim, aqueles homens mudaram de lado no tempo de Henrique VIII, depois voltaram ao catolicismo romano no tempo da rainha Maria, e tornaram a voltar de lá no tempo de Elizabeth.* Muitos homens do mesmo jaez fizeram a mesma coisa nos tempos de Oliver Cromwell, da Comunidade e da Restauração. Vigários de Bray,** mudando conforme o clima político!

* Maria Tudor, “a sanguinária”, reinou de 1553 a 1558. Elizabete Tudor, criada no romanismo, aderiu ao protestantismo e o promoveu na Inglaterra. Reinou de 1558 a 1603. Foi responsável pela criação da Igreja da Inglaterra, e procurou dar-lhe uma forma que fosse aceitável a protestantes e a católicos romanos. Nota do tradutor.

** Entendo que é uma espécie de dito pejorativo, inspirado no espírito acomodaticio de Simon Aley, vigário de Bray, em Berkshire. Nomeado vigário no tempo do reinado de Henrique VIII, conseguiu manter sua posição durante os reinados de Eduardo VI, Maria e Elizabete, graças à sua astúcia em acomodar seus princípios religiosos aos daqueles que ocupavam o trono. Nota do tradutor.

Assim é que Cranmer teve que se defrontar com tais pessoas, mas, deixando de lado o seu estado espiritual, esses homens eram de fato ignorantes, e um dos argumentos aventados era que havia necessidade de provê-los de orações. Eles não sabiam orar, e, se os rebanhos por eles conduzidos deviam ser ajudados de algum modo, era seu dever prover tais ministros de orações que eles poderiam ler com o povo no culto.

Em acréscimo a isso, e este ponto também é importante, tentemos imaginar a situação de mais de quinze séculos de catolicismo romano! O sistema entranhou-se no sangue e nos ossos das pessoas. Estas nunca tinham ouvido nem pensado outra coisa. Subitamente ocorre esta explosão da Reforma Protestante. Ora, os líderes do protestantismo na Inglaterra criam na grande doutrina da justificação pela fé somente. Mas o povo não via isso claramente, e um dos argumentos que Cranmer usava era, como praticamente ele dizia: “Se agora devemos mudar não somente a nossa doutrina da salvação, como também toda a forma do culto, vamos perder todo o povo e vamos perder tudo. O que importa”, dizia ele, “é que o povo esteja certo na doutrina da salvação – a justificação pela fé somente. Os estilos de culto são indiferentes, e podemos continuar com a forma de culto existente até que tenhamos um povo verdadeiramente instruído”.

Pois bem, penso que se pode dizer algo em favor desse argumento. Como recurso temporário, como expediente temporário, certamente não só há muita coisa que se pode dizer por ele como também opino que no Novo Testamento há uma justificativa para isso numa coisa que os apóstolos e os anciãos fizeram. Consideramos anteriormente o que aconteceu no Concílio de Jerusalém, fato registrado em Atos, capítulo 15, e vocês lembram qual foi a decisão a que chegaram naquela reunião? Houvera um problema muito real porque os gentios estavam entrando na Igreja e os judaizantes estavam dizendo que eles precisavam ser circuncidados e sujeitar-se à lei. “Não”,

disse aquele concílio em sua sabedoria, guiado pelo Espírito Santo. “Na verdade pareceu bem ao Espírito Santo e a nós, não vos impor mais encargo algum, senão estas coisas necessárias: que vos abstenhais das coisas sacrificadas aos ídolos, e do sangue, e da carne sufocada, e da prostituição” (Atos 15:28,29). Eles lançaram isso como um princípio.

Pois bem, isso não se aplica mais a nós. Não nos abstermos do sangue nesse sentido. Essa foi uma decisão para um período de transição, para evitar um conflito. Eles disseram: deixaremos bem claro aos gentios que eles não têm que sujeitar-se à lei, mas, para tornar mais fácil a convivência de judeus e gentios cristãos, apelaremos aos gentios para que se abstenham destas coisas particulares por algum tempo.

Estou opinando, pois, que Cranmer e os outros foram motivados pelo mesmo tipo de argumento. “Aí estão as pessoas tão acostumadas com esta forma de culto – bem, não as escandalizemos desnecessariamente, sejamos claros sobre a nossa grande doutrina da salvação, porém façamos esta concessão: continuemos a usar a sua liturgia, livre-mo-nos dos acréscimos e erros católico-romanos e façamos dela uma liturgia pura e verdadeira. Essa é uma boa medida temporária.” E eu estou disposto a conceder que, como medida temporária, foi justificável.

Ora, procurem voltar mentalmente ao século dezesseis, com todas aquelas dificuldades. Aqueles homens se defrontavam com o populacho ignorante, gente cheia de preconceitos e que dizia: “Sempre se fez assim!” Vocês não dizem coisas assim às vezes? Ouço muito freqüentemente esse argumento, não só de anglicanos, mas também de batistas, metodistas e outros. O povo era desse jeito naquele tempo, e devemos reconhecer e encarar isso. Em princípio não há nada de errado em recorrer a um expediente ou a uma medida temporária quando o problema não envolve uma verdade vital, essencial. É praticar um princípio correto fazer, pelo bem da fraternidade, da comunhão e da verdadeira unidade no

Espírito, o tipo de apelo e de concessão que o Concílio de Jerusalém fez. Esse é um argumento favorável ao Livro de Oração no tempo do reinado da rainha Elizabete, e ainda mais no reinado de Henrique VIII, quando esse livro foi produzido originariamente, e, depois dele, no reinado de Eduardo VI. Todavia, conforme penso, isso é o máximo que se pode dizer em seu favor. E não justifica a perpetuação dessa forma de culto para todo o sempre.

Foi esse, pois, o argumento de pessoas como Cranmer. Mas imediatamente surgiram aqueles homens que eu descrevi como “puritanos radicais”, e estes se opuseram desde o início ao Livro de Oração. Eles diziam: “Isso pode ser um recurso útil, porém, seguramente, nestas questões nós devemos ser governados pelo ensino do próprio Novo Testamento. Acaso podemos ficar somente com a mudança do nosso conceito sobre a doutrina da salvação? Certamente o Novo Testamento nos ensina algo sobre a forma de culto, e nós devemos ser coerentes. Devemos levar a Reforma até o fim”. E a luta começou imediatamente. Se vocês leram sobre o grande homem que foi John Hooper, bispo de Gloucester, sabem que ele foi um dos líderes disso tudo, e muitos outros assumiram a posição dele. Eles alegavam que estavam apenas voltando ao Novo Testamento, e diziam que tudo o que tinha sido acrescentado de maneira injustificável, principalmente pela igreja católica romana, devia ser desfeito e descartado.

Chegamos então ao século seguinte, à grande reunião realizada na Abadia de Westminster, a famosa assembléia de teólogos convocada em 1643. Naquele tempo havia confusão neste país, em parte política mas também em grande parte religiosa, concernente, não somente aos bispos porém também a toda a questão relacionada com a forma de culto. Os bispos estavam forçando o uso do Livro de Oração; todas as outras formas de culto eram proibidas. Daí, com a agitação política e o problema da guerra, a guerra civil inglesa, que estava em andamento, decidiu-se que se deveria convocar

uma assembléia de teólogos. Ela foi realizada na Abadia de Westminster, em Londres, e produziu a Confissão de Fé, de Westminster, e, com ela, um diretório do culto público.

Pois bem, há algo muito interessante neste contexto. A opinião da maioria, entre os participantes da reunião, era da Igreja da Escócia. Nem sempre se compreende que, embora a Igreja da Escócia deva muito a João Calvino, ela se afastou do ensino dele sobre a questão do culto nas igrejas. Membros daquela assembléia achavam que havia necessidade de ajudar e orientar os ministros, mas não concordavam com Calvino quanto ao uso de liturgia expressa e de orações formais. Eles diziam: neste diretório damos a vocês os temas sobre os quais orar, uma idéia geral daquilo pelo que orar e de como orar, contudo não lhes damos as palavras.

Noutras palavras, eles fizeram precisamente o que sugeri em minha interpretação do uso da Oração do Senhor dada pessoalmente pelo nosso Senhor. Quando vocês orarem, procedam desta maneira: comecem prestando culto e adoração, e então prossigam. Vocês devem ter ordem em suas orações; não saltem de petição em petição. Assim é que o diretório estava interessado simplesmente em apresentar um elemento de ordem. Ele dava uma indicação dos assuntos em geral, mas certamente não prescrevia palavras exatas nem dava instrução no sentido de que tais palavras, e não outras, deviam ser proferidas nas orações e elevadas como petições domingo após domingo, pelos tempos afora.

A seguir, o fim da minha revisão histórica me leva aos eventos de 1662, quando dois mil homens foram eliminados do serviço e dos benefícios da Igreja da Inglaterra. O argumento principal relacionava-se com a questão de culto nas igrejas, e não primariamente com a questão de doutrina. A Lei de Uniformidade estabelecia que todos os ministros tinham que usar o Livro de Oração produzido naquele tempo, modificando ligeiramente o anterior. A isso se reduzia toda a questão. Ora, pessoas como Richard Baxter e outros, que

estavam entre os expulsos, não faziam objeção à liturgia. O que eles objetavam era que fosse compulsória. Eles se opunham à determinação que fazia do uso do Livro de Oração uma condição para a admissão ao ministério da Igreja da Inglaterra e que proibia as orações extemporâneas. Foi esse o fator geral de compulsão que constituiu o *busilis* de 1662.

Devemos examinar esta questão mais adiante, em nosso próximo estudo, quando espero considerar os princípios que nos devem governar em nosso pensamento sobre este assunto. Devemos repudiar a atitude que diz: “Ah, são belas orações! Não seria a linguagem perfeita?”, ou que expresse algum preconceito semelhante, freqüentemente baseado na ignorância, por um lado, ou na pura nulidade de pensamento, por outro. Dou a vocês o meu parecer de que existem aqui alguns princípios vitalmente importantes. Não basta reagir a certas coisas com violência e repulsa – embora eu tenha grande simpatia por esse tipo de reação, se me é permitido dizê-lo! Não, precisamos ter bases sólidas, escriturísticas, para dizer – se é o que dizemos – que o Livro de Oração não representa a nossa maneira de entender como deve ser conduzido o culto do povo de Deus na Igreja de Deus. Devemos ser capazes de mostrar, com base nas Escrituras, as razões pelas quais ansiamos por ver uma restauração dos padrões neotestamentários do culto e pelas quais estamos dispostos a dedicar-nos a fazer tudo o que pudermos para trabalhar por tal restauração.

Neste meio tempo, queira Deus abençoar-nos e habilitar-nos a considerar tais questões com espírito de humildade e de oração, à luz do ensino das Escrituras.

Oração de encerramento:

Ó Senhor, nosso Deus, vimos a Ti, e mais que nunca nos admiramos de que haja uma Igreja Cristã. Nós nos vemos, e vemos outros homens e mulheres desta e de outras épocas. Ó Deus, damos-Te graças porque o que vemos acima de tudo mais é que

a Igreja é Tua e que ela teria perecido há muito tempo se não fosse Tua. Senhor, damos-Te graças por Tua paciência e longanimidade para conosco, e agora de novo nos rendemos e nos submetemos a Ti e à Palavra da Tua graça, rogando-Te que por ela nos controles e nos guies, e que nos capacites a visar sempre e unicamente Tua glória e ao Teu louvor. Ouve-nos, ó Senhor, pois vimos a Ti em nome do Teu amado Filho, nosso bendito Senhor e Salvador. Amém.

23

“De modo que, tendo diferentes dons, segundo a graça que nos é dada, se é profecia, seja ela segundo a medida da fé; se ministério, seja em ministrar; se é ensinar, haja dedicação ao ensino; ou o que exorta, use esse dom em exortar; o que reparte, faça-o com liberalidade; o que preside, com cuidado; o que exercita misericórdia, com alegria.” – Romanos 12:6-8

Temos concordado que, quando lemos uma passagem como Romanos 12:6-8, convém que nos examinemos para ver se nos conformamos a ela ou não. A Igreja sempre deve fazer isso; a Igreja sempre deve estar “subordinada à Palavra” e deve estar sempre se reformando em conformidade com ela. Não há dúvida de que muitos dos grandes problemas que têm afligido a vida da Igreja Cristã devem-se ao fato de que ela se esqueceu de fazer isso. O perigo sempre é o de simplesmente continuarmos a usar impensadamente modelos permanentes com os quais estamos acostumados, ou nos quais fomos criados.

Pois bem, para o povo cristão isso é sempre errado. Deixando de lado qualquer outra coisa, não é inteligente agir assim, e certamente não é espiritual. É o tipo de atitude que o nosso Senhor condenou na mulher samaritana, como constatamos na narrativa sobre ela em João, capítulo 4. Se vocês não puderem provar que a sua tradição é escriturística, será errado permanecer nela. De qualquer forma, devemos estar sempre dispostos a examinar-nos, bem como a examinar a nossa vida cristã em geral, segundo a Palavra de Deus, porque, gostemos ou não, estamos todos envolvidos nos

atuais movimentos tendentes à unidade da Igreja, e todos nós temos que tomar algum tipo de decisão.

Como já vimos, há então a tendência cada vez maior, em todas as igrejas, de adotarem formas de culto litúrgicas, católico-romanas. Por exemplo, aqui, em Westminster, em Londres, na tarde da sexta-feira da paixão deverá ser realizada uma procissão com a participação de todas as igrejas. Devo restringir esse “todas”, porque esta igreja (Capela de Westminster) não vai estar envolvida, mas o que se espera é que todas as igrejas de Westminster se juntem numa procissão, que irá da Praça Trafalgar à catedral católico-romana, situada não muito longe daqui, onde uma reunião religiosa será realizada pelo cardeal Heenan, pelo bispo de Londres e pelo ministro metodista da Auditório Central de Westminster (“Westminster Central Hall”). Esse é o tipo de coisa que está acontecendo, e é por essa razão que é nosso imprescindível dever, como cristãos, entender algo destas questões.

A Igreja da Inglaterra e a Igreja Presbiteriana, que têm mantido uma série de conversações, recentemente publicaram um relatório, e aqui vão algumas das coisas ditas por elas: “Nenhuma igreja, como existe agora, está preparada e equipada adequadamente, quer em suas formulações teológicas, quer em suas formas de culto, quer em seus métodos de evangelização, para as tarefas para as quais o Espírito Santo a convoca para o futuro”. Elas dizem que é preciso considerar todas estas coisas, e no momento nós mesmos estamos considerando as formas de culto para uso nas igrejas.

Em conexão com isso, eis outra declaração do referido relatório: “Os sinais são muito numerosos para que as denominações estejam cientes do julgamento da história e da necessidade de encontrar novos modelos de vida, testemunho e serviço da Igreja”.

Queiramos ou não, estamos envolvidos nisso tudo. Aí estão essas igrejas dizendo que elas precisam reexaminar tudo. Se estão dizendo isso, quanto mais nós devemos dizê-lo,

especialmente quando de antemão sabemos que, embora elas falem em “examinar”, o que realmente querem dizer é que as igrejas livres devem reexaminar-se e adotar o tipo católico-romano de culto nas igrejas. Não há como questionar isso. Têm sido feitas declarações nas quais se pressupõe isso. Assim como o governo da Igreja vai ser episcopal, assim também o culto será católico-romano, litúrgico, em sua forma. É por isso que devemos empenhar-nos estenuamente para esclarecer nossas mentes e ter um verdadeiro entendimento destes pontos.

Falemos com clareza. Não estamos julgando ninguém. Não é esse o meu objetivo. Não estou interessado nem mesmo em julgar o tipo católico-romano de culto, porém estou interessado em examiná-lo, e em examiná-lo à luz das Escrituras. E nós devemos estar prontos a admitir e confessar que nós também corremos perigo. Todos nós desenvolvemos tradições, e pode muito bem acontecer que descubramos que não estamos em tão plena conformidade com o ensino das Escrituras como às vezes imaginamos que estamos. Vimos em nosso repasso da história que muitos homens e mulheres, com a melhor das intenções, afastaram-se do ensino escriturístico; e nós também ainda estamos na carne, e estamos sujeitos aos mesmos perigos.

Por conseguinte, agora, tendo examinado a questão historicamente, façamos a nós mesmos esta pergunta: qual é a impressão geral que vocês têm quando lêem o Novo Testamento? Isso é sempre importante. Há por vezes o perigo de perdermos de vista a floresta por causa das árvores, o perigo de concentrar-nos tanto em textos particulares que esquecemos o teor geral das Escrituras, a atmosfera ou o espírito do Novo Testamento como um todo. Como não temos nenhuma injunção específica do nosso Senhor nem dos apóstolos para orações particulares ou para a direção do culto de maneira particular, esta atmosfera ou espírito geral torna-se correspondentemente muito mais importante.

Pois bem, eu penso que não pode haver dúvida de que a espécie de culto prestado pela Igreja do Novo Testamento é a indicada em nossos três versículos. Aqui o apóstolo, sem se propor a isso, incidentalmente descreve o que se fazia na igreja da cidade de Roma. Nos versículos correspondentes de 1 Coríntios, capítulo 14, lemos que quando a igreja se reunia para o culto, um membro trazia um salmo, outro uma profecia, etc. (versículo 26). E notem também Colossenses 3:16, onde Paulo nos informa que eles se admoestavam uns aos outros, cantando “salmos, hinos e cânticos espirituais” ao Senhor.

O meu argumento é, pois, que a impressão dada é de um culto livre e espontâneo. Na verdade, na igreja de Corinto este elemento de liberdade e de espontaneidade era tão evidente que levou a certa monta de desordem, e o apóstolo teve que dizer-lhes: “Faça-se tudo decentemente e com ordem” (1 Coríntios 14:40). Mas, se vocês estiverem amarrados em seu culto a uma forma definida, não poderão ter desordem, tudo é controlado. Portanto, afirmo que o ensino do Novo Testamento acerca das desordens que estavam surgindo em certas igrejas é, em si e por si, uma prova de que o culto prestado pela Igreja do Novo Testamento era livre e espontâneo.

Todavia, em segundo lugar, vamos além desse ponto. Essa desordem é algo que seria de esperar, porque é coerente e conforme com o ensino da Bíblia quanto à diferença existente entre o Velho e o Novo Testamentos. Bem, sobre este assunto devemos ser cuidadosos. Temos necessidade dos dois Testamentos, e, contudo, há diferença entre a nova dispensação e a velha. Temos o mesmo Deus, a mesma graça, a mesma salvação. Como já vimos extensamente quando examinamos os capítulos 9, 10 e 11, afinal de contas o cristão é filho de Abraão, que é o pai de todos os filhos da fé. Portanto, há uma identidade e continuidade entre ambas as dispensações, e, no entanto, há uma diferença.

Para mim este ponto é extremamente importante, porque

há a possibilidade de se cometerem dois grandes erros com relação a esta questão, e muitos têm caído num ou noutro deles. Um é fazer o divórcio absoluto entre o Novo e o Velho Testamentos e afirmar que o Velho Testamento não tem nada que nos diga respeito, e que o Novo é inteiramente novo. Isso é um erro. Poderíamos provar facilmente que é um erro citando o Novo Testamento e mostrando como o Novo vê o Velho Testamento. Essa idéia errônea viola também o princípio geral de que há uma só graça de Deus, um único meio de salvação, e somente uma aliança eterna de salvação.

Mas devemos estar cômicos do perigo oposto, de dizer que não há diferença entre o Velho e o Novo, com a falácia decorrente de governar o Novo pelo Velho Testamento. Esse é um perigo muito real para certas pessoas, em particular as que pertencem à tradição reformada. Eles sabem do valor do Velho Testamento, porém o perigo que correm é o de exagerar e sobrestimá-lo, e assim inclinar-se a controlar o Novo pelo Velho Testamento.

Pois bem, estou querendo que vocês vejam que isso é um erro, que há uma diferença entre o Novo e o Velho Testamentos, mas que é uma diferença em grau, não em espécie. Permitam-me ilustrar o que quero dizer. Alguns ficam perplexos ante algumas palavras que o nosso Senhor disse acerca de João Batista. Em Mateus 11:11 disse o nosso Senhor: “Em verdade vos digo que, entre os que de mulher têm nascido, não apareceu alguém maior do que João Batista; mas aquele que é o menor no reino dos céus é maior do que ele”. Significaria isso que João Batista não deve ser considerado como salvo e como filho de Deus? Isso é patentemente errado. Qual será, então, a diferença entre João Batista e “o menor no reino dos céus”? Sugiro que é uma diferença, não em sua relação com Deus, nem em sua posição diante de Deus, e sim é, em grande parte, uma diferença em seu entendimento. Porque pertencia à antiga dispensação, João Batista ficava perplexo e incerto. Por outro lado, o cristão deve regozijar-se “com gozo inefável e

glorioso” (1 Pedro 1:8) e encher-se de um grande espírito de certeza e segurança. Se vocês observarem João Batista e o contrastarem com os apóstolos no dia de Pentecoste e depois, verão exatamente o que quero dizer.

Essa é, então, a diferença existente entre o Velho Testamento e o Novo. Entretanto, temos também a profecia de Joel, citada por Pedro em seu sermão do dia de Pentecoste, o que esclarece ainda mais o ponto. Os apóstolos e os demais foram batizados com o Espírito Santo e se tornaram um fenômeno. Alguns dos de Jerusalém, zombando, diziam: “Estão cheios de mosto” (Atos 2:13). E então nos diz o texto: “Pedro, porém, pondo-se em pé com os onze, levantou a sua voz, e disse-lhes: varões judeus, e todos os que habitais em Jerusalém, seja-vos isto notório, e escutai as minhas palavras. Estes homens não estão embriagados, como vós pensais, sendo a terceira hora do dia. Mas isto é o que foi dito pelo profeta Joel” (Atos 2:14-16).

E que foi que Joel disse? Isto: “E nos últimos dias acontecerá, diz Deus, que do meu Espírito derramarei sobre toda a carne” – não somente sobre certas pessoas especiais e seletas, seria um derramamento em profusão sobre toda a carne – “e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão” – eles não profetizavam no Velho Testamento; alguns sim, mas eram casos excepcionais; agora houve uma grande profusão – “os vossos mancebos terão visões” – os que tinham visões sob a velha dispensação eram poucos e raros, os videntes e os profetas – “e os vossos velhos sonharão sonhos; e também do meu Espírito derramarei sobre os meus servos e as minhas servas naqueles dias, e profetizarão; e farei aparecer prodígios em cima, no céu; e sinais embaixo, na terra” (versículos 17-19).

Ora, aí está, certamente, a diferença essencial entre o novo e o velho, e ignoramos isso para nosso risco. Isso leva inevitavelmente a um diferente tipo de culto. Observem o culto como se realizava no Velho Testamento – o templo, o

tabernáculo era mais ou menos essencial. Por quê? Bem, era um tipo externo de culto, com um sacerdócio para isso designado. Era muito formal. Eram dadas instruções sobre os utensílios e o mobiliário nos mínimos detalhes. Tudo era ordenado, tudo era prescrito com exatidão. E Deus, tendo dado instruções detalhadas sobre o tabernáculo a Moisés, disse-lhe: “Olha, faz tudo conforme o modelo que no monte se te mostrou” (Hebreus 8:5).

Contudo o Novo Testamento é inteiramente diferente; é um tipo interior, interno de culto; é livre e informal. O nosso Senhor sentava-Se num barco ou na encosta de um monte e Se punha a pregar. Ou pregava numa casa – em qualquer parte. Houve a mudança da esfera do formal e do externo para um tipo de culto vivo, vital, espiritual. E já não se deve reconhecer apenas certas pessoas como sacerdotes. Meus amigos, temos que lembrar-nos da Reforma Protestante – o sacerdócio universal de todos os crentes. É por isso que não andamos nessas procissões; não queremos voltar a nenhum sacerdócio. cremos, asseveramos, o sacerdócio universal de todos os crentes. Como cristãos, somos um reino de sacerdotes, um “sacerdócio real” (1 Pedro 2:9).

É isso que eu quero dizer quando declaro que há uma diferença essencial entre o novo e o velho. Por isso, quando você lê sobre a espécie de vida de igreja revelada por versículos como estes de Romanos, capítulo 12, fica logo impressionado e diz: “Esse é o tipo de coisa que eu poderia esperar do cumprimento da profecia de Joel. É isso que eu esperaria como resultado do “derramamento”, em grande profusão, do bendito Espírito Santo de Deus”.

Passo agora à minha terceira razão para opor-me a uma forma litúrgica de culto. Indiquei em minha revisão histórica que um dos argumentos para o estabelecimento de formas de culto era que essas eram essenciais por causa da ignorância e da incapacidade da maioria dos sacerdotes que se haviam tornado ministros protestantes. Eu admiti que esse argumento

tem alguma força. Contudo, quero dar meu parecer a vocês que é um argumento que deve ser manuseado com muitíssimo cuidado, deste ponto de vista: o nosso Senhor não seria capaz de habilitar os homens? Não Lhe seria possível levantar homens e dar-lhes dons que os capacitem a realizar o culto, a orar, a pregar, etc.?

E, naturalmente, a resposta à minha pergunta é constituída pelos três versículos que estamos examinando. O nosso Senhor dá estes dons mediante o Espírito, e o Espírito os pode dar a qualquer pessoa. Essa é uma das realidades gloriosas que vemos no Novo Testamento. “De modo que, tendo diferentes dons, segundo a graça que nos é dada...” E não há limite. Como Joel profetizou, o Espírito os pode dar aos servos e às servas, aos jovens bem como aos velhos. Ele não sofre restrição nenhuma. E isso é algo que se vê não só no Novo Testamento, mas também concretizado muitas vezes durante a subsequente história da Igreja Cristã.

É óbvio que Deus concedeu dons e levantou homens nas primeiras igrejas. Procurem imaginar as condições daqueles dias. Havia os apóstolos e outros. Eles viajavam por toda parte e pregavam o evangelho. Muitos foram convertidos, e os apóstolos formavam igrejas com eles, e partiam. Que acontecia com as igrejas? Há uma resposta óbvia que, num sentido, já consideramos. Em cada igreja o Espírito concedia dons a diferentes homens, e eles ocupavam suas posições de acordo com esses dons. Houve eleição de anciãos ou presbíteros, e alguns deles se tornaram presbíteros docentes, porque lhes fora dado o dom de ensinar.

Pois bem, em anos recentes a Igreja vem se dando conta dessa verdade cada vez mais. Vejam os livros escritos por aquele excelente homem, Roland Allen, sobre *St Paul's Missionary Methods and Ours* (A Obra Missionária do Apóstolo Paulo – Seus Métodos e os Nossos) – penso que agora suas idéias são aceitas quase totalmente. Já em 1913 Roland Allen assinalava que as igrejas ocidentais tinham adotado um método errôneo

em sua obra missionária. Os missionários iam para diversos países, havia conversões, e os missionários lá ficavam como seus ministros. Mas Roland Allen mostra que os apóstolos não agiam assim. Os ministros surgiam dentre as pessoas locais. Bem, eles não se levantavam por si. O Espírito lhes concedia os dons, e então lá se desenvolvia, das próprias igrejas, o tipo de ministério que era essencial a cada igreja. E dizer que isso não pode acontecer, e que portanto deve-se ter um ou dois homens que escrevam orações para que todos os demais leiam, é certamente uma censura ao poder do nosso Senhor de conceder dons a Seu povo e de prover dos necessários dons os Seus servos e ministros na vida da Igreja. Creio, pois, que é espiritualmente errôneo argumentar daquela forma, como também creio que é historicamente errôneo. Como eu disse, estou disposto a concedê-lo como um expediente temporário, e muito breve, mas não deve ter continuidade.

Permitam-me ilustrar isso. John Owen dizia que pedir aos homens que continuem lendo essas formas fixas perpetuamente é como ensinar um homem a nadar. Como no início o homem não sabe nadar, você não o lança a águas profundas e lhe diz que nade; você lhe dá o que hoje chamamos bóia. Naquele tempo enchiam-se duas bexigas e estas eram amarradas no homem. Quando ele entrava na água, as duas bexigas infladas o mantinham flutuando, possibilitando-lhe aprender as braçadas. Mas, como Owen assinalava, ele não ficava usando as bexigas para sempre – se não, nunca aprenderia a nadar. Aqui vai outra ilustração similar: se um homem quebra a perna, por um tempo terá que usar muletas, e isso está certo. Todavia não deverá continuar a usá-las pelo resto da vida. De igual modo, as orações fixas são justificáveis como expedientes temporários, mas não devem ser utilizadas permanentemente.

Ou deixem que lhes fale sobre isso desta maneira – este é meu quarto ponto: certamente, criar uma liturgia escrita é, em última análise, o modo errado de encarar o problema da

falta de dons. Mas vocês poderão perguntar: “O que tudo isso tem a fazer conosco?” “Isso não seria história antiga?” Não é. Conheço igrejas em diferentes partes deste país onde não se permitem reuniões de oração nem outras reuniões quaisquer durante a semana à noite. Por quê? “Porque”, dizem-nos, “não há ninguém aqui que saiba orar.” Conheço igrejas que costumavam ter reuniões de oração bem freqüentadas e florescentes, e onde agora não existe nem uma só dessas reuniões. O povo diz: “Não temos ninguém capaz de orar, ninguém que possa fazer-nos uma palestra, ninguém que nos guie, ninguém que possa dirigir uma classe de Bíblia. Não se vê ninguém com capacidade para isso”. Portanto, este problema é verdadeiramente um problema real e moderno.

Como, então, enfrentar tal problema? Bem, estou certo de que a maneira de enfrentá-lo não é providenciar um livro que qualquer pessoa possa ler. A maneira de enfrentar um problema como esse é levar a igreja a examinar-se e a dizer: “Por que nesta igreja ninguém sabe orar em público? Que é que acontece? O cristão moderno é diferente dos cristãos primitivos? Por que as pessoas não oram hoje como costumavam orar?” Enfrente isso dessa maneira, e diga: “Dobrem os seus joelhos e peçam a Deus que os perdoe”. Então, sem perceber, os membros já terão começado a orar. Simplesmente pedir perdão em público é orar. Portanto, o modo de encarar esse problema não é providenciar uma espécie de muleta permanente, mas arrepender-se e pedir a Deus que tenha misericórdia e faça chover Sua bênção.

Aqui também há um princípio de ampla aplicação. Vejo na Igreja moderna a tendência de repetir essa falácia em diferentes áreas, não só com referência a formas de oração. Por exemplo, a maneira pela qual uma ou mais igrejas enfrentam um período de ineficiência e aridez é muito diferente hoje do que se fazia em tempos passados. Hoje em dia, quando uma igreja se acha nessas condições, seus líderes resolvem chamar alguma organização evangelística para que venha pôr as

coisas em ordem. Mas não era assim que se fazia. Houve tempo em que, quando na igreja não havia muita bênção e poucas pessoas estavam sendo convertidas, os membros da igreja e seus líderes indagavam: “Por que as pessoas não estão sendo convertidas? Que será que está errado?” Eles diziam: “Por que foi que o Espírito de Deus nos abandonou? Designemos um dia de oração, humilhação e jejum. Compareçamos perante o Senhor e confessemos a Ele que estamos falhando em nossos deveres para com Ele. Roguemos-Lhe que nos mostre onde erramos e peçamos que Ele volte a estar entre nós”. E continuavam fazendo isso até vir o avivamento. Certamente esse é o método bíblico, não recorrer a algum expediente de fora.

Permitam que lhes ofereça mais uma ilustração prática do que estou querendo dizer. Deixem-me colocá-la em termos pessoais – perdoem-me isso. Tenho um grande problema. Quero passá-lo a vocês, e ficaria contente se vocês pensassem nele e de um modo ou de outro me dessem suas respostas. Enquanto falo, o que digo está sendo gravado em fita, e isso é feito toda sexta-feira e duas vezes cada domingo, e recebemos cartas de diferentes partes do país pedindo essas fitas. Eis o meu problema: devo permitir que essas fitas sejam enviadas? Há pregadores que permitem, mas em geral eu não permito. Por quê? O argumento que me apresentam é o seguinte: “Mas, pense nessas pessoas de diferentes partes do país que não têm quem lhes pregue nos domingos, ou que talvez tenham pregadores que estão pregando contra a verdade. Não seria seu dever enviar-lhes as fitas?”

Mas eu tenho uma réplica, e se baseia no princípio que estou colocando diante de vocês. Receio que vamos acabar chegando a um estágio em que talvez tenhamos meia dúzia de pregadores neste país, e todos os demais fiquem ouvindo as gravações desses pregadores. Não é impossível. Há uma crescente tendência nesse sentido. E eu digo que isso é errado. Acaso o Espírito de Deus não pode conceder dons aos

homens nessas igrejas? Por conseguinte, pode ser um perigo providenciar sermões pré-fabricados.

E esse é o argumento contra formas litúrgicas de culto. Já está tudo ali, e só lhes resta lerem as palavras. Um homem as prepara, e centenas, ou talvez milhares, as lêem. E me parece que essa prática tende a violar o ensino, tão claramente exposto nas Escrituras, segundo o qual o mesmo Senhor que pode levantar homens dentre os escravos e os servos do século primeiro certamente ainda pode fazê-lo. Mas parece que olvidamos o Espírito Santo e dizemos: “Mandem-nos fitas”, ou, “Forneçam-nos sermões”, ou, “Forneçam-nos orações”. Seguramente, isso não deixa de ser uma certa censura ao poder do Espírito de prover as pessoas necessárias e os necessários dons.

Permitam, porém, que eu passe ao meu quinto argumento. Não haveria nessas formas prescritas de culto algo que contradiz algumas claras afirmações presentes no Novo Testamento? Pode-se ler uma delas na entrevista do nosso Senhor com a mulher samaritana, em João, capítulo 4. Diz a mulher a Ele – e isso é típico do argumento apresentado – “Nossos pais adoraram neste monte, e vós dizeis que é em Jerusalém o lugar onde se deve adorar”. Isso, digo eu, é a velha dispensação, e aqui está a resposta do nosso Senhor: “Mulher, crê-me que a hora vem, em que nem neste monte nem em Jerusalém adorareis o Pai” – não há necessidade desses lugares estabelecidos; podemos tê-los ou não; não precisam limitar-se a isso – “Vós adorais o que não sabeis; nós adoramos o que sabemos porque a salvação vem dos judeus. Mas a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque o Pai procura a tais que assim o adorem. Deus é espírito,* e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade” (João 4:20-24).

* Assim, com inicial minúscula, na VA (inglesa), na ARA e na NVI. Nota do tradutor.

E se vocês lerem também Atos, capítulo 7, verão que o mártir Estêvão teve que desenvolver precisamente o mesmo argumento quando se dirigiu àqueles judeus de “dura cerviz” que queriam restringir o culto à forma do Velho Testamento. Vejam depois outro exemplo, pelo qual já passamos em nosso estudo desta Epístola – Romanos 8:26,27 – “E da mesma maneira também o Espírito ajuda as nossas fraquezas; porque não sabemos o que havemos de pedir como convém” – você não pode dizer isso, se confia em orações escritas, pode? Assim, quais são as provisões para nós? Orações preparadas por alguns grandes homens? Não, não – “mas o mesmo Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis. E aquele que examina os corações sabe qual é a intenção do Espírito; e é ele que segundo Deus intercede pelos santos”.* A resposta à nossa incapacidade não são orações adrede preparadas, é o Espírito. Pode ser um gemido, algo quase inarticulado, porém é oração – “com gemidos inexprimíveis”.

E há diversas exortações acerca da oração no Novo Testamento. Penso, por exemplo, nas palavras de Paulo no último capítulo da Epístola aos Efésios: “Orando em todo o tempo com toda oração e súplica no Espírito” (versículo 18). É assim que se ora. Não por meio de formas, mas sim “no Espírito”. O Espírito dará a você a oração, e lhe dará facilidade, poder e tudo o que você necessita. Por isso eu sinto que devemos considerar aqueles três textos com muita seriedade, sem aduzir mais nenhum, antes de chegarmos a uma decisão final sobre este assunto.

Mas, a seguir, o meu sexto argumento é que aqui há o perigo muito grave de interferirmos na liberdade que o Espírito tem de dar inspiração repentina, imediata. Posso ilustrar isso com a pregação. É um grande problema, que todo pregador deve ter enfrentado uma vez ou outra. Não somos todos

* A NVI diz: “...o Espírito intercede pelos santos de acordo com a vontade de Deus”. Tradução semelhante à da VA (inglesa) e da ARA. Nota do tradutor.

igualmente dotados no que se refere à fala, e há alguns que parecem quase impossibilitados de pregar, se não escreverem cada palavra. O grande Dr. Thomas Chalmers realmente não conseguia pregar sem o seu manuscrito. Entretanto esse, parece-me, é um ponto muito importante. Não chego ao ponto de dizer que nunca se deve escrever sermão, não creio nisso, mas o que, sim, digo é que o pregador sempre deve estar livre. Quantas vezes eu vi pessoalmente que o que foi utilizado por Deus era algo em que eu nunca tinha pensado até o momento em que o proferi. Foi-me dado enquanto eu estava pregando, não quando estava me preparando. A liberdade do Espírito! Devemos ser muito cuidadosos, para não suceder que imponhamos limites à liberdade do Espírito. Se você estiver preso a um particular texto escrito, onde entra o Espírito?

São essas as coisas que temos a tendência de esquecer. Lembro que uma vez, há uns vinte anos, conversei com o então Diretor Religioso da *BBC*.^{*} Tivemos uma discussão sobre estas questões, e eu estava tentando explicar-lhe porque eu não pregava em seus programas. Coloquei a explicação na forma de uma pergunta: “Se de repente o Espírito Santo viesse sobre o pregador, que aconteceria com os seus programas?” E ele admitiu que a pergunta era muito justa.

Mas, de novo, observem isto: não correríamos o risco de fazer algo que seja antagônico ao avivamento? No avivamento há um elemento essencial de liberdade. Tem que haver uma oportunidade para o Espírito irromper. Sejamos cautelosos em nosso desejo de ter cultos “dignos” ou “nobres”. Essa tem sido a tragédia dos não conformistas. Em meados do século dezenove começou-se a falar em nobreza e cultura – e o não conformismo decaiu dali em diante. A prova de um culto não é se ele é “nobre” ou não, e sim se o

^{*} *British Broadcasting Company*, fundada em 1922/23. 1922: *B.B.C. Ltd.*; 1923: *B.B.C.* Nota do tradutor.

poder do Espírito está nele ou não.

Por que será que faz tanto tempo que não há avivamento? Em parte a resposta não seria esta? Não se dá oportunidade ao Espírito Santo. Existe o perigo de extinguir ou apagar o Espírito. John Owen, voltando a citá-lo, diz especificamente que, à luz dos versículos 6, 7 e 8 de Romanos, capítulo 12, recai sobre os cultos litúrgicos e as orações lidas a culpa de apagarem o Espírito. Mas, conquanto haja esse perigo, eu pessoalmente penso que o Dr. Owen foi um pouco longe demais, porque o Espírito Santo é tão poderoso que pode até irromper em meio a um culto religioso lido. Ele fez isso muitas vezes. Um dos maiores pregadores que houve no Despertamento Metodista, em Gales, há mais de duzentos anos, foi um homem chamado Daniel Rowland, e o Espírito veio sobre ele quando ele estava lendo um texto sobre o culto da Ceia do Senhor no Livro de Oração Comum.*

Mas há os que dizem: “E então, isso não justificaria o uso do Livro de Oração?” Não. Trata-se aí de uma exceção. O Espírito Santo pode entrar a despeito da nossa ação de apagá-lo, e a despeito das nossas formas que põem limites a Ele, mas isso não justifica a nossa persistência nesse procedimento. Há, pois, o perigo de limitarmos a liberdade do Espírito. Quantas vezes você ouviu falar que um avivamento irrompeu num culto realizado numa catedral? Esse é o teste.

E, por último, não seria um fato puro e simples que uma condição de baixa espiritualidade na Igreja Cristã sempre leva ao uso de formas? Quando os homens não conseguem pregar, começam a ler os seus sermões; quando não conseguem orar, começam a ler as suas orações. Baixa espiritualidade na Igreja sempre vai em direção ao tipo católico-romano de culto, com

* Ao que me consta, na reunião em que João Wesley foi despertado e da qual surgiu o grande movimento metodista, a bênção especial se derramou quando estava sendo lida uma parte do comentário de Romanos escrito por Lutero. Nota do tradutor.

ênfase ao que denominam “a beleza do culto”, expressão com a qual em geral as pessoas se referem a “formas fixas de culto”, e isso vem acontecendo cada vez mais no século vinte.* Em contraste, toda vez que há um avivamento, sempre ocorre um avivamento da oração extemporânea e da liberdade na realização do culto.

Pois bem, os evangélicos de todas as denominações sempre provaram isso. Os evangélicos que normalmente usam formas fixas de oração, sempre oram livremente e sem preparo prévio nas campanhas evangelísticas. Então, por que não procuram fazer a mesma coisa em todos os cultos realizados nas igrejas? Há uma contradição aí. Quanto mais evangélico o homem é, mais liberdade deseja e mais ele quer introduzir orações extemporâneas em sua tarefa oficial, mesmo que signifique romper a lei. O evangélico que tem em si o Espírito, inevitavelmente será livre e se expressará livremente, com todas as veras do seu espírito.

Vou deixá-los neste ponto apenas com uma pergunta que, ao que me parece, é uma extensão do argumento que venho elaborando com vocês. Porventura não entra aqui também a questão geral dos hinos? Há pessoas que dizem que não se deve cantar hinos, e sim somente salmos. Haveria salmos adequados a dar expressão à plenitude da experiência do Novo Testamento? Podem os salmistas, que só viram estas coisas “de longe”, expressar plenamente o que sentem, experimentam e pensam aqueles que conhecem a salvação na plenitude do Espírito? Sugiro-lhes que devemos reexaminar cuidadosamente e com muita seriedade toda essa área do culto, para que não limitemos a nova dispensação pela velha. Você pode tornar-se legalista e literalista, e isso é sempre errado. Portanto, penso que os princípios que estivemos discutindo aplicam-se também aos hinos.

* Lembre-se o dileto leitor de que o presente sermão foi pregado na década de 1960. Nota do tradutor.

E assim, de novo, vocês verão que em todos os grandes períodos de movimentos do Espírito, de marés do Espírito, sempre ocorre um irrompimento da composição e do canto de hinos e melodias evangélicos. Cantar sempre foi uma das grandes características de um genuíno movimento do Espírito de Deus. Somos informados de que nos primeiros tempos dos “Separatistas”, no reinado da rainha Elizabete, alguns foram tão longe que chegaram a proibir cantar. Eles diziam que até cantar salmos era um erro. Mas logo se corrigiram a esse respeito. O Velho Testamento nos ensina a cantar, e a cantar salmos. Contudo, obviamente, acima e além disso, no Novo Testamento os crentes começaram a cantar hinos e “cânticos espirituais” (Colossenses 3:16), os quais evidentemente eram dados pela inspiração do Espírito. E esta, reitero, tem sido uma característica da Igreja em todos os grandes períodos de avivamento e de vivificação, quando uma nova vida entra nas pessoas mediante as operações do Espírito Santo, em Sua graça. Povo cristão, voltemos a orar abertamente no Espírito, e roguemos a Ele que nos ilumine, nos dirija e nos guie. Examinemos tudo o que somos e tudo o que fazemos, as nossas formas de culto como também a nossa fé e o nosso governo eclesiástico, à luz do ensino das Escrituras. Queira Deus abençoar-nos nesse propósito, abençoar-nos individual e coletivamente.

“O amor seja não fingido. Aborrecei o mal e apegai-vos ao bem. Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal, preferindo-vos em honra uns aos outros. Não sejeis vagarosos no cuidado; sede fervorosos no espírito, servindo ao Senhor. Alegrai-vos na esperança, sede pacientes na tribulação, perseverai na oração. Comunicaí com os santos nas suas necessidades, segui a hospitalidade. Abençoai aos que vos perseguem, abençoai, e não amaldiçoeis. Alegrai-vos com os que se alegram; e chorai com os que choram. Sede unânimes entre vós; não ambicioneis coisas altas, mas acomodai-vos às humildes; não sejais sábios em vós mesmos. A ninguém torneis mal por mal; procurai as coisas honestas, perante todos os homens. Se for possível, quanto estiver em vós, tende paz com todos os homens. Não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira, porque está escrito: Minha é a vingança; eu recompensarei, diz o Senhor. Portanto, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber; porque, fazendo isto, amontoarás brasas de fogo sobre a sua cabeça. Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem.” – Romanos 12:9-21

Chegamos agora a uma nova subdivisão de Romanos, capítulo 12, e esta vai até o fim do capítulo. E, ao examinarmos esta subdivisão, é muito importante que nos lembremos do contexto. Neste capítulo o apóstolo começa a tratar da aplicação e consolidação prática da doutrina firmada por ele nos primeiros onze capítulos. Esse é o seu método.

Primariamente, o cristianismo é um modo ou um caminho de vida. Os cristãos eram inicialmente chamados os “do caminho”. Não só porque pensavam de maneira particular,

mas também porque viviam de maneira particular, como também porque morriam de maneira particular. É pois vitalmente importante que partamos sempre da doutrina para a prática. “A fé sem obras é morta” (Tiago 2:20).

Já vimos que este capítulo pode ser dividido como se segue: os dois primeiros versículos lançam os grandes e dominantes princípios que governam o comportamento cristão. Eles constituem uma introdução geral do restante da Epístola.

Depois, a subdivisão que vai do versículo 3 ao versículo 8 fala dos cristãos exercendo na Igreja os diversos dons que o Espírito de Deus concede para edificação e para o funcionamento apropriado da Igreja, que é o corpo de Cristo.

Esse é o ponto ao qual chegamos. Mas desde o versículo 9 Paulo está mais interessado em tratar da conduta e do comportamento geral dos cristãos como indivíduos e em sua relação com seus irmãos em Cristo, e, além disso, em sua relação com as pessoas em geral no mundo no qual ainda estão. Por isso há uma ruptura bem definida no fim do versículo 8.

Agora nos defrontamos com uma série de declarações, acerca das quais os comentadores perguntam: teria o apóstolo simplesmente formulado um certo número de máximas para nossa orientação, sem se preocupar com a ordem delas? Teria ele apenas anotado algumas coisas conforme lhe ocorreram, ou até conforme lhe foram sugeridas pelo Espírito, ou há alguma ordem e alguma classificação aqui?

A maioria dos comentadores parece concordar que não se pode discernir nenhuma ordem aqui, e que é muito difícil ter neste ponto a classificação que havia até aqui no conteúdo geral desta Epístola. Mas eu devo confessar que não estou inteiramente de acordo com eles. Concordo que, do ponto de vista de uma subdivisão em títulos, esta é a subdivisão mais difícil pela qual passamos em nossos estudos de Romanos.

Mas, dentre todos os apóstolos, Paulo tinha mente metódica. Essa é uma das grandes características do seu estilo. Ele

era um homem lógico. Pensava clara e sistematicamente. Ele sabe que muitas vezes rompe o seu tema, esquece-o e se vai, porém isso não importa; ele sempre volta. Ele tem em sua mente uma ordem e um sistema fundamental. Facilmente se pode fazer um contraste, nesse aspecto, entre ele e o apóstolo João. Contudo, a questão é se aqui ele tem alguma ordem ou classificação, e eu estou afirmando que mesmo aqui há uma classificação, e podemos sugerir uma divisão do conteúdo. Não é minha pretensão afirmar que isto é absoluto. Há uma ou duas dificuldades. Entretanto penso que no geral há uma seqüência, e, sugiro-lhes que é a seguinte:

No versículo nove o apóstolo propõe dois grandes princípios que devem governar plenamente a vida e o comportamento do cristão. Ora, isso é deveras típico dele. Ele fizera isso neste capítulo, e esse era o seu método. Ele tem alguns grandes e fundamentais princípios, amplamente subjacentes ou dominantes, que governam tudo o que ele está para dizer.

Nos versículos 10 e 11, creio que ele está preocupado com o nosso espírito geral, com a nossa atitude geral como cristãos para com o que somos, para conosco, cristãos, uns com os outros, e para com a nossa obra.

Nos versículos 12 e 13 acredito que ele vai adiante e nos mostra como devemos reagir a diferentes circunstâncias, tanto nossas como de outros. Tendo tratado da nossa ação e da nossa atividade, passa ele agora a dar atenção à nossa maneira de reagir. Primeiro, o que você faz; segundo, o que você faz quando lhe acontecem coisas. Ação! Reação!

A seguir, nos versículos 14 a 16, Paulo trata da nossa reação a outras pessoas. Nos versículos 12 e 13, reação às circunstâncias; mas agora ele trata da nossa reação às pessoas, ao seu comportamento, à sua conduta e às suas circunstâncias.

Do versículo 17 até o fim do capítulo, há claramente um tema especial, qual seja, a nossa reação ao erro e ao mal. Alguém o tratou de maneira errônea, tratou-o mal – como

você reage? Como o trata? O apóstolo se ocupa desse ponto e o expande mais completamente do que qualquer outro tema singular.

E então ele termina a passagem, outra vez, com um princípio ou máxima geral: “Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem” (versículo 21).

Aí está, de modo geral, a análise desta subdivisão, e eu penso que é importante compreender que há uma progressão no pensamento aqui, que há, em certa medida, uma ordem. O que confunde as pessoas e as leva a dizerem que, talvez, nenhuma análise desse tipo é possível, é que, tendo dito no versículo 14: “Abençoai aos que vos perseguem, abençoai, e não amaldiçoeis”, em vez de passar imediatamente ao versículo 17, onde ele diz: “A ninguém torneis mal por mal”, o apóstolo parece voltar ao tema das nossas relações. E não fala sobre os que nos estão perseguindo, ou que estão sendo maldosos ou mal intencionados, mas sim sobre as pessoas mais geralmente: “Alegrai-vos com os que se alegram; e chorai com os que choram; sede unânimes entre vós; não ambicioneis coisas altas...”. Parece uma interrupção nessa seqüência lógica. E, contudo, eu penso que, se colocarmos isso da maneira ampla que sugeri, teremos uma solução para o problema.

Como já vimos, nos versículos 12 e 13 Paulo se refere primeiro à nossa reação face às circunstâncias, depois, nos versículos 14 a 16, passa a tratar da nossa reação às pessoas, e, finalmente, em particular, do versículo 17 em diante ele, atenta para o nosso comportamento com relação ao mal e ao mau comportamento que outros estão determinados a praticar contra nós.

Essa é, pois, a nossa análise. Penso que está claro que o apóstolo está expondo a seu modo o sumário que o nosso Senhor fez dos mandamentos. Não está? Por certo vocês se lembram de que um homem se aproximou do nosso Senhor e Lhe perguntou: “Qual é o primeiro de todos os mandamentos?” E o nosso Senhor Lhe respondeu, dizendo: “O primeiro de

todos os mandamentos é: ...Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças: este é o primeiro mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Marcos 12:28-31). É isso que temos aqui, no trecho que vai do versículo 9 até o fim do capítulo. Amor a Deus – amor ao próximo, ainda que o seu próximo seja seu inimigo. É uma perfeita explicação das palavras do nosso Senhor. Ou, se vocês o preferirem, é uma explicação dos princípios mais importantes do Sermão do Monte. Outra vez mais, amor a Deus, amor ao próximo. Esse é o sumário de toda a lei.

Agora, ao chegarmos a uma consideração desta subdivisão, parece-me que há duas coisas que sobressaem e que deveriam causar impacto em nós. A primeira é que mais uma vez temos aqui uma resposta final aos que gostariam de fazer-nos acreditar que há um contraste entre o ensino do nosso bendito Senhor e o apóstolo Paulo. Ainda se ouve falar dessa idéia, e ainda é um tanto popular. Os que assim pensam fazem um contraste entre o que eles chamam de ensino ético, prático do nosso Senhor, como o temos no Sermão do Monte, e o ensino teológico do apóstolo Paulo. Eles estão sempre contrastando o evangelho simples de Cristo – o qual eles dizem que estava sempre preocupado com as praticabilidades da vida – com toda esta superestrutura teológica que eles dizem que o apóstolo juntou e impôs àquele evangelho simples. Bem, aqui está a resposta final a isso. O apóstolo estava tão interessado como o Senhor nas praticabilidades da vida cristã. Aqui ele está tratando exatamente da mesma coisa. Esta é a sua maneira de expor a lei outorgada aos filhos de Israel por intermédio de Moisés, precisamente como o nosso Senhor já tinha ensinado no Sermão do Monte.

Este é o segundo comentário: não temos possibilidade alguma de entender o ensino desta subdivisão nem de tirar algum proveito dela, a não ser que tenhamos

constantemente em nossa mente o ensino dos primeiros dois versículos do capítulo em foco – “Rogo-vos pois, irmãos, pela compaixão de Deus...”. Se vocês não entendem o que eles ensinam e se ainda não os conhecem experimentalmente, não adianta tratarem desta subdivisão; vocês não poderão fazê-lo. Eles só funcionam como atração e apelo para os que nasceram de novo. Ninguém, homem ou mulher, pode viver o Sermão do Monte sem ter nascido de novo, do Espírito, sem ter um poder maior que o da natureza humana.

“Rogo-vos pois, irmãos” – à luz da grande doutrina por ele formulada – “pela compaixão de Deus.” Se não sabemos qual é o motivo, se este não nos atrai, se não é isso que nos move, é ocioso considerar estas injunções, estas máximas, se assim as podemos descrever. É ridículo tentar fazê-lo, como ridículo é falar em obedecer ao Sermão do Monte. O nosso Senhor, creio eu, pregou o Sermão do Monte para mostrar a necessidade absoluta que temos do novo nascimento e do Espírito de Deus. A teoria de que as pessoas podem tomar o Sermão do Monte e fazer dele a base do seu evangelho social ou da vida do Estado, é pura impossibilidade na prática. A idéia de que as pessoas que não conseguem nem cumprir as leis da Inglaterra podem viver o Sermão do Monte – existiria coisa mais fantasiosa?

Comecemos, então, pelo versículo 9: “O amor seja não fingido”. Essa é a máxima número um. Número dois: “Aborrecei o mal e apegai-vos ao bem”. Que maravilhoso, que perfeito sumário da vida total do cristão, homem ou mulher! Essas duas coisas cobrem tudo, e, se estivermos cumprindo retamente esses dois princípios, não poderemos errar. É por isso que o apóstolo começa por eles. Fora deste versículo não há base nenhuma para a vida cristã, e a vida cristã sempre deve ser considerada nestes termos. Amor! Aí está o primeiro grande princípio. Mas é preciso que o amor seja “não fingido”. E veremos que o apóstolo vai ficar repetindo isso. Vocês podem ver que no capítulo 13:10 ele diz: “...o cumprimento

da lei é o amor”. Essa é outra maneira de dizer: “O amor seja não fingido”. Essa é a base total e completa, a única coisa que torna possível a lei; isso resume a totalidade da lei.

Em que consiste a lei de Deus? Claro está que os judeus, os fariseus em particular, a entendiam de maneira completamente errada. Lá estavam eles com as suas seiscentas e treze regras minuciosas, e, como disse o nosso Senhor, os fariseus eram peritos nas minúcias da lei. Disse Ele: “Dizimais a hortelã, o endro e o cominho, e desprezais o mais importante da lei” (Mateus 23:23). Que é o mais importante da lei? Oh, o amor a Deus! Toda a tragédia dos judeus foi que eles reduziram o real conceito sobre a lei de Deus a uma questão de regras, regulamentos, detalhes e subdivisões, e assim se perderam e esqueceram o grande princípio.

E o apóstolo também trata disso tudo a seu modo extraordinário, como o vemos diante de nós aqui. A lei se resume nisto – amor a Deus, amor ao seu próximo. É assim que você deve pensar na lei; não perder a visão da floresta por causa das árvores; não apenas ser um pouco moralista, preocupado com particularidades. Isso entra, claro, mas primeiro devemos começar pelo grande princípio, devemos começar pela idéia certa da lei. Se não, vamos perder o rumo. E muitas vezes me parece que nós, como cristãos, falhamos em nosso comportamento porque abordamos estes problemas direta e não indiretamente. Começamos encarando um problema particular, em vez de começar por estes princípios fundamentais – amor a Deus, amor ao nosso próximo.

O apóstolo começa, pois, por sua grande ênfase ao amor, e quando vocês lidarem com pessoas convertidas, façam a mesma coisa. O que importa não são as ações, mas as relações. E é devido as pessoas se esquecerem disso que entram em dificuldade quanto às ações detalhadas. Nunca devemos esquecer-nos de que lidamos com pessoas, e que o que importa sobre tudo mais são as relações pessoais; e nestas a única coisa que conta é o amor, mais nada.

Muitas são as palavras empregadas no Novo Testamento para tratar do tema do amor, e o apóstolo emprega aqui a mais forte, a mais profunda e a mais grandiosa então disponível – *agape*. *Agape* é a palavra que Paulo emprega para expressar o amor de Deus para conosco, e aqui ele está dizendo que nós devemos ser animados em nosso viver pela espécie de amor com o qual Deus nos ama. Em 1 Coríntios, capítulo 13, o apóstolo nos oferece o que às vezes é denominado seu “hino do amor”. E sem dúvida estão certos os que dizem que ele teve que escrever esse capítulo porque a língua grega não tinha nenhuma palavra que comunicasse o conceito cristão do amor. Por isso ele teve que dizer uma porção de coisas sobre o amor para salvaguardá-lo de idéias inferiores ou inadequadas.

Então, o que o apóstolo estabelece desde logo é isto: todo o seu comportamento deve ser governado pela espécie de perspectiva amorosa que caracteriza a maneira como Deus vê você. Que é isso? Bem, primeiro, é amor incondicional, amor sem reservas. O amor é totalitário. É, pois, um chamado para que votemos a Ele a nossa lealdade, em todos os aspectos e com todo o nosso ser. Portanto, devemos ver a nós mesmos em termos do amor e dentro dos termos desta completa relação de amor: amor a Deus, amor ao próximo.

Depois, em segundo lugar, o apóstolo apressa-se a dizer: “O amor seja não fingido”. Significa que não devemos representar um papel, não devemos dissimular. Significa que não devemos ser hipócritas. Devemos ser sinceros. O amor deve ser verdadeiro, não uma espécie de produto artificial que se disfarça de amor. E aqui eu penso que é muito importante que nesta questão de amor não só não devemos enganar os outros, mas também não devemos enganar nem a nós mesmos.

Eu creio que existe muito de engano próprio no presente. Hoje há muita ênfase ao amor e à amizade. Tudo deve ser feito por meio do “amor”. Mas a questão é: seria amor mesmo, ou as pessoas estão fazendo papel de tolos? Seria amor genuíno? Seria verdadeiro? Seria real? Seria livre de dissimulação?

Seria apenas uma fachada, mera aparência, algo da boca para fora, ou haveria ali um verdadeiro amor? Pois bem, a preocupação do apóstolo é que o amor seja “não fingido” – não seja mera representação ou dissimulação, mas um amor que venha das profundezas do nosso ser.

Permitam-me oferecer-lhes mais algumas colocações em termos negativos. Quando o apóstolo fala sobre o amor, não está falando meramente sobre polidez ou afabilidade. Quantas vezes estas coisas são confundidas! Se tais ou quais pessoas são afáveis, logo se diz que elas são bondosas e amorosas. Mas afabilidade e cortesia são muito distantes do amor. Afabilidade é meramente assumir um modo, mais como se veste um terno. É ser polido, uma aparência. É coisa superficial. Contudo a bondade e o amor são muito profundos.

Também, de acordo com a Bíblia, o amor nunca é sentimental, nunca é fraco. Claro está que vivemos numa época que abusa da palavra amor mais do que de qualquer outra palavra. Isso é influência do cinema, da televisão, dos jornais e da maneira pela qual as pessoas falam sobre “enamorar-se”, ou “estar amando”. Não é? Não sabem o que isso significa. Embora digam que é amor, o que querem dizer é luxúria ou paixão. Portanto, é preciso ter claro entendimento destas coisas.

E, em terceiro lugar, e mais importante que tudo, nunca se deve contrastar o amor com a lei. Vivemos numa época sem lei. O lema é: “Nada de lei, mas amor”. Hoje as pessoas têm ojeriza pela idéia de lei. Mas isso é uma falácia fundamental. Diz o apóstolo no versículo 8 do próximo capítulo que o amor cumpre a lei. Ou, nas palavras do nosso Senhor: “Qual é o primeiro de todos os mandamentos? Amarás...”. Colocar em contraste o amor e a lei é ser incapaz de entender o ensino básico e elementar do Novo Testamento em geral. E, contudo, é o que está sendo feito atualmente. Muitos negam a doutrina da expiação porque, dizem eles: “Isso tem a ver com a lei”.

No entanto, a expiação *tem que ver* com a lei. É porque a

lei foi quebrada que o Filho de Deus teve que morrer na cruz do Calvário; Sua morte foi uma grande transação legal. Como Paulo diz em Romanos 3:26: “Para que ele (Deus) seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus”. Sem cumprimento da lei não há salvação para ninguém. E a glória do amor de Deus é que Ele cumpre a lei. Seu amor não a nega, não a põe de lado; “cumpre-a”. Por conseguinte, não há nada que seja mais fatal do que pensar no amor como algo que se contrasta com a lei.

Que é que Paulo quer dizer, então, quando declara: “O amor seja não fingido”? Podemos dizer o seguinte: significa que devemos guardar os mandamentos de Deus. Procurem lembrar como o nosso Senhor definiu pessoalmente isso no capítulo catorze do Evangelho Segundo João: “Se me amardes, guardareis os meus mandamentos” (versículo 15). Como é que vocês mostram que amam a Deus – cantando coros e hinos? Tudo bem, isso entra, mas não basta, não garante que vocês amam realmente a Deus. “Se me amardes, guardareis os meus mandamentos” – aí vocês estarão dando prova de amor.

Diz Ele também em 14:21: “Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama”. Se os homens e as mulheres não guardarem os mandamentos de Deus, será ocioso falarem sobre o amor a Deus. Não se ama a Deus com palavras, e sim com atos e em verdade. Vejam o versículo vinte e três do mesmo capítulo: “Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará, e viremos para ele, e faremos nele morada”.

Tratemos então de entender isso muito bem. O amor é algo que sempre se mostra na conduta e na ação. Não é mero sentimento. Não é fraco, mas sim forte, e é execução da lei, é cumprimento dos mandamentos de Deus. João se preocupa tanto com esta verdade que retorna a ela. Em 1 João 2:4,5 ele diz: “Aquele que diz: eu conheço-o, e não guarda os seus mandamentos, é mentiroso, e nele não está a verdade. Mas qualquer que guarda a sua palavra, o amor de Deus está nele

verdadeiramente aperfeiçoado; nisto conhecemos que estamos nele”.

Esse é o ensino da Bíblia toda. A Bíblia nunca pede meramente nossa obediência mecânica. Seu ensino pode ser resumido com uma frase como esta: “Dá-me, filho meu, o teu coração” (Provérbios 23:26). O coração é o que Deus quer. Noutras palavras, não só devemos guardar a lei; somos chamados para amá-la, como aqui se nos faz lembrar. O salmista pôde subir a essas alturas; disse ele: “Oh, quanto amo a tua lei!” (Salmo 119:97). “Os teus mandamentos são o meu prazer” (Salmo 119:143). É isso que Deus quer, e Paulo está dizendo isso a seu modo aqui, com as palavras: “O amor seja não fingido”. É isso que deve governar todo o nosso comportamento. É o cumprimento dos mandamentos de Deus, e não só cumpri-los, mas amar a lei e amar o cumprimento da lei.

Por conseguinte, você não cumpre somente a letra da lei; cumpre o seu espírito. Se cumpre meramente a letra ou se fica simplesmente na lei e não é fiel ao seu espírito, o seu amor é com fingimento. Significa que você realmente a odeia, você gostaria que ela não existisse, mas, porque você não quer sofrer castigo, apenas procura ficar do lado dela.

Começamos reconhecendo que, afinal de contas, a lei de Deus é uma expressão do ser de Deus. Deus não dá Suas leis por dar. Ele expressa a Sua natureza nas leis. Ele diz: Eu sou assim: “Deus é luz, e não há nele trevas nenhuma” (1 João 1:5). E visto que isso é verdade, certas coisas não podem acontecer na presença de Deus, e a lei simplesmente nos diz quais são. Devemos dar-nos conta disso e, portanto, devemos amar a lei. “Santos sereis” – por quê? – “porque eu, o Senhor vosso Deus, sou santo” (Levítico 19:2). A santidade é a expressão do ser e do caráter de Deus.

Portanto, quando o apóstolo diz, “O amor seja não fingido”, está dizendo: oh, que a sua vida de obediência seja de todo o coração, integral, sem nenhuma reserva. Não obedeça

a Deus para seu prazer nem meramente para agradar a outros. Ora, infelizmente sabemos o que significam estas negativas, não sabemos? Quantas vezes vivemos como vivemos a fim de agradar a nós mesmos, fomentar e alimentar o orgulho, ou porque desejamos agradar a outros. O Novo Testamento diz muita coisa que nos exorta a não sermos pessoas preocupadas em agradar aos homens. Se o nosso motivo para viver a vida cristã é, ou agradar a nós mesmos, ou agradar a outros, o nosso amor não é um amor “não fingido” porque, no momento em que começamos a pensar em nós mesmos, em nossa reputação e no que os outros pensam e dizem de nós, certo é que nos apartamos do princípio do amor. Na verdade, o que temos aí não passa de sentimento, e isso é sempre com fingimento.

Noutras palavras, aqui se vê que somos chamados para agradar a Deus acima de tudo mais, e para viver para a Sua glória e para o Seu louvor. “O fim principal do homem é glorificar a Deus.” “Bem”, diz o apóstolo, “agradem a Deus com todo o seu ser, por causa do amor de Deus por vocês.” “Nós o amamos a ele porque ele nos amou primeiro” (1 João 4:19). Se vocês não têm nenhuma experiência das misericórdias de Deus, essa é a resposta que vocês podem dar.

O ensino de Paulo aqui pode ser expresso de muitas maneiras; há muitas advertências nas Escrituras. Estas nos vêm dizer: “Não erreis: Deus não se deixa escarnecer; porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará” (Gálatas 6:7). “O amor seja não fingido.” Se você não praticar isso, será um tolo, para dizer o mínimo. Se pensa que pode enganar a Deus, você não sabe nada sobre Ele. Não se iluda. Não pense que, por assim dizer, você pode enganar a Deus e representar um papel diante dEle. “Não erreis: Deus não se deixa escarnecer.” Seja precavido – isso é repetido muitas e muitas vezes no Novo Testamento.

Ou considerem estas palavras ditas pelo nosso Senhor aos fariseus: “Vós sois os que vos justificais a vós mesmos diante dos homens” (Lucas 16:15). Naturalmente! Eles “trazem

largos filactérios” (Mateus 23:5). Eles causavam forte impressão no povo, e este os louvava. “Que homens maravilhosos!”, todos diziam. Ah, é coisa fácil enganar o mundo, mas o nosso Senhor diz: “Vós sois os que vos justificais a vós mesmos diante dos homens, mas Deus conhece os vossos corações; porque o que entre os homens é elevado, perante Deus é abominação”. Não sejam tolos, diz o autor da Epístola aos Hebreus: “Todas as coisas estão nuas e patentes aos olhos daquele com quem temos de tratar” (Hebreus 4:13).

Aí estão as advertências das Escrituras, e são certas. Elas nos dizem que não sejamos tolos, ou que não tentemos fingir coisa alguma, quando Deus está em nosso campo de interesse. Simplesmente não funciona. Por um tempo podemos pensar que funcionou. Deus nem sempre nos golpeia imediatamente, e o mundo pode aplaudir-nos. Mas não é bom. O fim sempre chega, e a morte, e o juízo, e Deus sabe tudo quanto acontece. É loucura fingir.

Paulo, no entanto, não muda de assunto deixando-o na argumentação negativa. O amor verdadeiro nos eleva acima disso tudo. Assim, a frase “O amor seja não fingido” é um grande texto para 1 Coríntios, capítulo 13, e essa passagem é a sua real exposição. É assim que você ama, e ali você vê os grandes elementos positivos. Você chegou ao domínio do amor, está fora do domínio das ações calculadas, da diplomacia, do fingimento e da dissimulação. Está longe disso tudo. Está vivendo numa esfera pura. Você é positivo em sua maneira de amar, não porque quer criar uma impressão, mas como expressão do seu amor de coração a Deus que teve tanta misericórdia de você. E, portanto, o apóstolo nos diz aqui: seja esta a base de toda a sua vida, de tudo o que vocês fazem. E, se vocês tiverem amor no começo, no fim e em toda parte, nunca estarão representando um papel; ao contrário, estarão amando a Deus como Ele os tem amado.

Notem que isso é uma ordem, e isso de novo nos lembra que o amor não é apenas sentimento ou emoção. Livrem-se

dessa idéia. Não é uma coisa que vocês podem criar ou fazer aparecer quando lhes dá na telha. O amor é sempre resultado de outra coisa – é resultado do entendimento. Por isso a frase de Paulo é uma ordem – “O amor seja não fingido”.

Como, porém, vocês farão isso? Como poderão certificar-se de que o seu amor não é fingido? Bem, o apóstolo já respondeu por nós essa pergunta, e eu citei muitas vezes este versículo para vocês. É o versículo dezessete do capítulo seis desta grande Epístola. “Mas graças a Deus que, tendo sido servos do pecado, obedecestes de coração” – a quê? – “à forma de doutrina a que fostes entregues”. Aí está em resumo, como que num pequeno estojo. Se vocês entenderem realmente a doutrina que lhes foi entregue, e se crerem nela, isso moverá o coração de vocês e a praticarão com a totalidade da sua vida. E, naturalmente, não é só questão de entendimento. O Espírito Santo em nós cria este amor dentro de nós. Em Romanos 5:5 se nos diz: “E a esperança não trás confusão, porquanto o amor de Deus está derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado”.

Portanto, nós nos certificamos de que o nosso amor é sem fingimento certificando-nos de que não somos governados apenas por nossos caprichos e sentimentos, por nossos gostos e aversões – quando estou de boa veneta, serei excelente; se eu estiver de mau humor, serei difícil! Não, o amor sempre tem no pensamento, sempre tem presente, sempre retoma o “pois” de Romanos 12:1: “Rogo-vos *pois*, irmãos, pela compaixão de Deus”. Apliquem esta grande lógica; examinem o seu amor à luz da verdade. E, na medida em que o fizerem, o amor de vocês será sem fingimento, “sem dissimulação” (VA).

Eis aí, então, a primeira grande máxima. Permitam que lhes diga algo sobre a segunda: “Aborrecei o mal e apegai-vos ao bem”. Observem aqui também os termos: “aborrecei” e “apegai-vos”. É evidente que esta segunda máxima segue-se necessariamente da primeira. O oposto do amor é o ódio, e é esse precisamente o termo que o apóstolo emprega.

“Aborrecer” significa “ter horror a”, “ter total aversão por”. A palavra grega utilizada pelo apóstolo tem um prefixo que significa “separação de”, “fora de”. A expressão significa “recuar com horror ante o mal”.

Ora, o mal não é algo abstrato. É oposição ativa ao bem. Preciso expandir isto. Desafortunadamente, o mundo no qual vivemos está nos dando, dia a dia, uma clara demonstração do significado do mal. O mal não é apenas a ausência do bem. É algo positivo. O mal odeia o bem e milita contra o bem. Pensem no mal que há no mundo, nos prazeres e em todos os divertimentos. Porventura vocês não podem ver esta força ativa que governa e dirige o mundo, a organização que está por trás dela, e o prazer que as pessoas têm em fazer dinheiro disso tudo? O mal é isso. Vocês devem ter horror a isso, diz Paulo. Esta palavra muito forte significa fugir desabaladamente do mal, como o cavalo parte em desabalada carreira para fugir de algo que ele não entende, de algo que o apavora.

Pois bem, os termos se explicam mais ou menos a si mesmos, pelo que deixem-me salientar o princípio. Notem a emoção que o apóstolo introduz nisto – a forte emoção – “Aborrecei!” Ele diz: tenham ódio positivo, tenham total ojeriza. Ele não diz que não devemos meramente deixar de fazer coisas erradas e más, devemos odiá-las. É possível a pessoa evitar a prática de coisas malignas e sentir grande prazer nelas em sua mente e em sua imaginação. Se essa é a situação de tal pessoa, ela não está aborrecendo o mal. Não é que apenas ficamos do lado da lei não fazendo o que é errado, mas achamos revoltante o mal. Essa é a exortação de Paulo. Nem se deve pensar no mal, na mente, na imaginação, na idéia e na ação.

Como é que uma pessoa pode tornar-se capaz de reagir dessa maneira a todo mal? De novo isto requer reflexão, e esta é a mais importante de todas estas questões. Você jamais vai “aborrecer o mal”, se não entender a doutrina. Voltemos uma vez mais ao versículo primeiro: “Rogo-vos pois, irmãos, pela

compaixão de Deus”. Você pode ter reconhecido que certas coisas são más, não gostar delas e sentir uma justa indignação quanto a elas; pode até escrever cartas aos jornais a respeito delas. Mas, se você é tão-somente um moralista e não um cristão, não “aborrece” o mal. Só uma coisa pode fazer você “aborreecer aquilo que é mau”: o amor positivo a Deus. Você não entenderá jamais a natureza do mal, enquanto não entender algo da doutrina da santidade de Deus, pois o mal é o oposto disso. E, portanto, você só se aperceberá do que o mal realmente é quando vir o que ele é no universo de Deus. Quando você pensar no Deus santo que fez um universo perfeito, e “viu que era muito bom”, e quando você pensar nessa outra coisa que entrou, então isso fará você aborreecer o mal.

Esse é o ensino bíblico. Leiam para vocês mesmos o Salmo 104, e verão que nesse Salmo o salmista faz uma grandiosa narração sobre o universo de Deus, da natureza e da criação, e descreve como Deus controla todas as coisas. Depois ele termina de maneira espantosa: “Desapareçam da terra os pecadores, e os ímpios não sejam mais”. Ele introduz de súbito os ímpios. Por que faz isso? Porque contemplou a glória, a perfeição e a maravilha disso tudo, e depois viu este miserável pecado que desfigurou a glória e a perfeição, e o salmista diz: “Livrem-se disso. Aborreçam-no. Arranquem-no, por assim dizer. Não há lugar para isso aqui”.

Bem, esse é o sentido do que o apóstolo diz, e a única maneira de reagir dessa forma é ter conhecimento de Deus em Sua glória, em Sua santidade e em Sua majestade. A Bíblia está cheia desse tipo de contraste. O Salmo 97:10 diz: “Vós, que amais ao Senhor, aborrecei o mal”. As duas coisas estão interligadas. Se vocês amam de fato o Senhor, odiarão o mal, não porque sofrem quando fazem algo mau, nem porque outros os condenarão por fazê-lo – isso é moralidade – não, não, vocês odeiam o mal porque o vêem à luz de Deus e Seu propósito.

Ou vejamos Amós 5:15: “Aborrecei o mal, e amai o bem, e

estabelecei o juízo na porta”. Ou observem como o apóstolo Pedro expressa o ponto: “Quem quer amar a vida, e ver os dias bons, refreie a sua língua do mal, e os seus lábios não falem engano. Aparte-se do mal” – fuja do mal – “e faça o bem; busque a paz, e siga-a” (1 Pedro 3:10,11). Ou examinem o modo como Judas o diz no versículo vinte e três da sua Epístola: “Salvai alguns arrebatando-os do fogo; tende deles misericórdia com temor, aborrecendo até a roupa manchada da carne”. É isso! Os que amam a Deus só têm que odiar o mal, e quanto mais conhecermos a Deus e O amarmos, maior será o nosso ódio ao mal. Não só nos refrearemos de fazer coisas, não só vamos ser pessoas com alguma beleza moral, que não faz certas coisas erradas; teremos ódio positivo ao mal.

Noutras palavras, a ordem é que sejamos semelhantes ao próprio Deus – “Sede santos porque eu sou santo” (1 Pedro 1:16). Habacuque diz: “Tu és tão puro de olhos, que não podes ver o mal, e a vexação* não podes contemplar” (Habacuque 1:13). Ou vejam os grandes contrastes de 2 Coríntios 6:14,15: Deus e Belial; justiça e injustiça; luz e trevas. Não há comunhão entre esses elementos em contraste; são opostos eternos.

Por conseguinte, aborrecemos o mal porque amamos a Deus, e o nosso amor é integral e “não fingido”. Não nos é dito que simplesmente façamos uma lista de coisas que não devemos praticar. Quantas vezes isso tem sido colocado nesses miseráveis termos! “Visto que você se tornou cristão, não faz isto, não faz aquilo.” Bem, não me oponho à lista, provavelmente tudo isso está certo, porém, tomada em si mesma, uma lista é inadequada. É legalismo. Aqui nós estamos na esfera do amor. Não se limitem a considerar estas coisas *per se*. Considerem-nas sempre à luz de Deus, à luz da Sua natureza santa, à luz do Seu amor por vocês e do que Ele fez por vocês por Sua graça e misericórdia. O amor de vocês por Ele

* VA (inglesa): “iniquidade”; ARA: “opressão”; NVI: “maldade”. Nota do tradutor.

deve elevá-los àquela esfera, de modo que você vê embaixo o mal, e o odeia e o aborrece.

O oposto da ordem para aborrecer o mal é: “Apegai-vos ao bem”. Agora, a palavra “apegar-se” é muito interessante. A palavra grega transmite a idéia de juntar duas peças de madeira grudando-as com cola. Portanto, a frase significa: “Grude-se ao bem com cola”! Se o preferirem, cimente-se ao que é bom. Junte-se ou aperte-se tão firmemente ao bem que não possa separar-se dele. E “bem” significa aquilo que é bom aos olhos de Deus.

Aí estão, pois, os dois princípios que devem governar todo o comportamento. Vocês não conseguem ver que, obviamente, aqui estamos numa esfera que se acha inteiramente afastada da esfera da mera moralidade? Esta não é uma perspectiva negativa, é positiva. Estamos sendo chamados para apaixonar-nos pela santidade, para apaixonar-nos pela verdade. Se você considera a vida cristã e os mandamentos de Deus como duros, penosos e estreitos, e por vezes se vê tentado a desistir deles, é porque você nada sabe sobre Deus e sobre o Seu amor. O que você necessita não é lembrar-se dos mandamentos, mas lembrar-se de Deus, da Sua natureza santa e do Seu amor por você – da Sua graça para com você, que não merecia nada senão castigo e inferno. Você “ama” e “odeia”; você se deixa consumir pela paixão de servir ao Deus que tanto bem lhe fez por meio de Seu amado Filho, o Deus que nem a Seu Filho poupou, mas O entregou por você. E você mostra a sua gratidão a Ele fazendo tudo o que pode para dar-Lhe prazer e para ser agradável aos Seus olhos.

E, por último, lembrem-se de que aqui nos é dada uma ordem. A santidade não é algo que outrem faz por você. O ensino que diz “Deixe estar, e deixe com Deus” é o oposto do que temos aqui. Estas frases são vozes de comando: “O amor seja não fingido”; “Odiai o mal e apegai-vos ao bem”. Santificação completa nesta vida é coisa que não existe, pois estes mandamentos e exortações são perpétuos. Não é possível tirar

todo o pecado de você numa só experiência. Não, a santidade ou a santificação é um mandamento que você tem que continuar cumprindo e obedecendo; você tem que desenvolvê-la.

E graças a Deus nos é dito como desenvolvê-la. “Rogo-vos pois, irmãos, pela compaixão de Deus...” Considere isso. Demore-se na doutrina. Se quiser saber viver, não comece pelas praticabilidades, comece pela verdade, pela doutrina. Entenda-a, capte-a, veja o que ela significa em termos do amor de Deus por você, e então você verá fluir do seu coração um grande amor, e o Espírito virá e derramará profusamente o amor de Deus em seu coração (Romanos 5:5), e, cheio desse amor, você desejará, acima de qualquer outra coisa, cumprir os mandamentos de Deus. Eles já não serão penosos para você. Você vai estar odiando o mal, e vai “apegar-se”, grudar-se como com cola, àquilo que é bom e agradável aos olhos de Deus. “O fim principal do homem é glorificar a Deus, e gozá-lo” – e gozar a glorificação dEle – “para sempre.”

25

“O amor seja não fingido. Aborrecei o mal e apegai-vos ao bem. Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal, preferindo-vos em honra uns aos outros. Não sejais vagarosos no cuidado; sede fervorosos no espírito, servindo ao Senhor.” – Romanos 12:9-11

Tínhamos começado a considerar os dois princípios que governam tudo quanto diz respeito à questão do comportamento cristão. Mas o apóstolo nunca se detém na simples formulação dos seus princípios gerais. Ele era um grande pregador e conhecia o seu povo. Sabia que não bastava formular princípios e seguir adiante, pelo que agora entra em detalhes. E é isso que devemos fazer.

Em minha análise geral da seção, sugeri que no versículo dez o apóstolo trata da nossa relação geral uns para com os outros. Deliberadamente coloquei a palavra “geral”, porque, mais uma vez, ele vai descer a particularidades. A Versão Autorizada (do Rei Tiago) diz: “Sede bondosamente afeiçoados uns aos outros com amor fraternal; preferindo-vos em honra uns aos outros”. Pois bem, tratemos primeiro da declaração exata, antes de considerarmos como podemos levá-la a efeito. Provavelmente, uma tradução melhor seria: “em amor fraternal uns aos outros, amando-vos ardorosamente”, ou, “com ardor”.

A palavra traduzida por “bondosamente afeiçoados” é muito interessante. A raiz e o sentido original comunicam a idéia geral de afeto natural, não um afeto produzido pelas circunstâncias, mas algo inato, resultante da relação em que nos encontramos. É a palavra empregada para descrever o

amor que temos por nossos familiares, a espécie de amor instintivo que sentimos pelos membros da família a que pertencemos, o amor natural dos parentes. Bem, isso é muito interessante e muito importante. O apóstolo está dizendo que em nossas relações como cristãos uns com os outros, na igreja e em toda parte, o nosso amor não deve ser meramente superficial ou oficial. Não é simplesmente gostar por estarmos associados entre nós na mesma igreja. Tem que ir além disso. Paulo diz: o amor fraternal de vocês realmente deve assumir algo do caráter do amor que vocês têm pelos membros das famílias naturais a que vocês pertencem. Em vista disso, alguém traduziu a frase da seguinte maneira: “Amai os irmãos na fé” – isso é amor fraternal – “como se eles fossem irmãos de sangue”. E eu penso que essa tradução expõe muito bem o sentido.

Daí, a questão com a qual nos defrontamos desde logo é: que é que isso significa? De novo, notem que é uma ordem: “Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal”. Sempre me diverte a maneira pela qual os comentadores manuseiam toda esta seção. Parecem dizer: “Bem, claro está que isso é inteiramente óbvio, não precisamos demorar-nos com isso”. Li há pouco um artigo justamente sobre esta seção, e foi isso que de fato o autor declarou. Disse ele: “Estas coisas são tão óbvias que não precisamos entrar em detalhes aqui”. Pois bem, só tenho um comentário a fazer a respeito: esse homem não entendeu coisa alguma da passagem em foco.

Certamente eu sei que é muito fácil ler estes versículos e dizer: “Inteiramente óbvio!” “O amor seja não fingido.” Todavia, embora pareça óbvio, como vocês fazem isso? Essa é a questão. E a mesma coisa é verdade com respeito a esta ordem de Paulo: “Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal”. Mas devemos parar e perguntar: “Estou praticando isso? Isso é verdade a meu respeito? Se não é, por que não é? Como posso me conformar a isso?” E, no momento em que nos questionamos assim, vemos que a coisa não é tão óbvia e tão simples como pensávamos, porque, se há uma

coisa que não podemos fazer é criar sentimentos. É simplesmente impossível. E, às vezes, quanto mais tentamos produzi-los, mais despojados ficamos deles. Contudo, aqui somos confrontados por um mandamento: que o seu amor pelos irmãos na fé seja como se vocês fossem irmãos de sangue. Vocês não vêem quão diferente seria a vida dos cristãos, e teria sido através dos séculos, se tão-somente cada cristão tivesse praticado isso?

Então, como se faz isso? E para mim, mais uma vez, há uma só resposta. Nós já a vimos, tornamos a vê-la, e continuaremos a vê-la com cada uma destas injunções separadas. O único modo de vocês se certificarem de que “amam cordialmente uns aos outros com amor fraternal” é prestar atenção e corresponder à exortação do versículo primeiro do capítulo que estamos estudando: “Rogo-vos pois, irmãos, pela compaixão de Deus...”. Vocês precisam desenvolver o significado desse “pois” e da frase “pela compaixão de Deus”. Essa é a única maneira. Vocês não conseguirão obedecer aos mandamentos de outro modo.

É sempre fatal abordar diretamente a questão dos sentimentos. Estes sempre resultam de outra coisa; resultam, em última análise, do entendimento e do pensamento. Assim, o apóstolo não nos está exortando aqui a pormos uma máscara de sentimentos ou emoções. Seria pura hipocrisia. Ele está dizendo: “Encarem estas doutrinas de tal maneira que vejam que amem os seus irmãos na fé como se eles fossem também seus irmãos de sangue”.

Portanto, você deve desenvolver a sua doutrina, e desta maneira: você compreende que como cristão nasceu de novo, tem uma nova natureza, e compreende que a mesma coisa diz respeito a todos os demais cristãos. Você começou uma nova vida, nasceu para essa nova vida. Mas também você nasceu numa nova família; e isso aconteceu com todos os outros cristãos. E assim você vê que você e todos os outros cristãos são membros da mesma família e que estão relacionados

entre si dessa maneira extraordinária.

Permitam que eu lhes diga claramente isso mostrando-lhes como foi que o nosso Senhor tratou deste assunto, e como o apóstolo Paulo faz o mesmo mais amplamente noutras passagens. Em Marcos 10:29,30 lemos: “E Jesus, respondendo, disse: em verdade vos digo que ninguém há, que tenha deixado casa, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou mulher, ou filhos, ou campos, por amor de mim e do evangelho, que não receba cem vezes tanto, já neste tempo, em casas, e irmãos, e irmãs, e mães, e filhos, e campos, com perseguições; e no século futuro a vida eterna”.

Pois bem, o nosso Senhor está praticamente dizendo: “Porque vocês se tornaram meus seguidores, pode significar que vocês serão excluídos por sua família. Nesse sentido, vocês perderão seu marido, ou sua mulher, ou seu pai, ou sua mãe, ou seus filhos, ou seus parentes; eles não quererão mais ter nenhuma relação com vocês. Mas tudo bem”, diz o nosso Senhor, “vocês terão irmãos, irmãs, pais, mães, maridos e esposas. Não estarão perdendo; tudo será acertado para vocês. Vocês terão muito mais do que jamais tiveram”. Por quê? Porque vocês entraram nesta encantadora família de Deus, e ali vocês têm estas novas relações.

E depois vocês vêem o apóstolo Paulo dizer a mesma coisa na conhecida declaração do fim de Efésios, capítulo 2. Escrevendo aos gentios, ele diz: “Assim que já não sois estrangeiros, nem forasteiros, mas concidadãos dos santos, e da família de Deus” (versículo 19). Vocês são da casa de Deus, são membros da família de Deus. E isso está por trás do ensino do apóstolo neste versículo de Romanos, capítulo 12. Os cristãos pertencem à mesma família. Ora, isso não é coisa só do pensamento. Os termos regeneração e novo nascimento têm significação real; temos aí algo novo. Há uma nova natureza, e nós pertencemos a uma nova família. Portanto, Paulo está dizendo que, quanto aos seus colegas cristãos, você deve sentir o que sentia, e talvez ainda sinta, no sentido natural, humano,

quanto aos seus irmãos e irmãs, porque pertence a esta família espiritual de um modo tão real como pertence à sua família física.

E assim o apóstolo nos exorta a desenvolver isso. Ele não nos diz apenas que devemos ser polidos para com os nossos colegas cristãos porque agora somos membros da mesma sociedade ou instituição, ou da mesma igreja. Ele diz: “Não, sua relação deve ser muito mais profunda que isso. Vocês devem sentir este laço, devem sentir que são irmãos e irmãs. Isso não significa apenas que vocês começam a chamar todos de “irmão”. No que me concerne, isso sempre me faz sentir menos fraternal! Não é disso que Paulo está falando; isso é superficial, é uma dissimulação; é fingimento, ou é representar um papel. Não é isso, absolutamente. Mas o que Paulo de fato quer dizer é que, tendo compreendido a verdade da doutrina, vocês começam a estar cômicos disso, e não devem contentar-se com nada menos que isso.

E desse modo o ponto se desenvolve na prática desta maneira: como seres humanos, estamos sempre dispostos a fazer por nossos familiares e com eles coisas que não faríamos com outras pessoas. Estamos prontos a corrigir filhos alheios por fazerem coisas pelas quais não corrigimos os nossos filhos; sempre podemos entender o que os nossos fazem. E Paulo está dizendo que deveria ser assim em nossa relação de cristãos uns com os outros. Devemos sentir o mesmo desejo inato.

Para expor esta verdade de outra forma, tomemos a analogia do corpo que o apóstolo tem empregado aqui e que é elaborada em 1 Coríntios, capítulo 12. Ali, vocês se lembram, o apóstolo diz: “Se um membro padece, todos os membros padecem com ele” (versículo 26). Isso deve ocorrer verdadeiramente conosco, e cada vez mais. Por causa da consciência que temos desta relação familiar, sofremos juntos e nos alegramos juntos. Nada pode acontecer a qualquer de nós sem que estejamos todos envolvidos nisso. Por quê? Porque não somos somente membros do mesmo corpo, também

somos membros da mesma família. Então, se vemos que em certas ocasiões e em certos pontos alguns irmãos e irmãs são difíceis e fazem coisas que não conseguimos entender, não os condenamos como estranhos, e sim os tratamos exatamente como trataríamos parentes naturais que fizessem o mesmo tipo de coisa. E é desta maneira que a vida da Igreja é harmoniosa; é desta maneira que ministramos todos juntos para a glória de Deus e mostramos ao mundo a nossa relação uns com os outros, por causa da nossa relação com Ele.

Mas deixem que eu acrescente outra nota a isso. Vocês podem notar que o apóstolo declara que é o nosso “amor fraternal” que se deve mostrar dessa maneira. É importante traçar a distinção existente entre gostar e amar. Mesmo no sentido natural, você não gosta de alguns membros da sua família tanto como gosta de outros. Bem, não estou aqui para justificar isso, nem para criticá-lo. Estou apenas dizendo que é um fato que, embora você esteja na mesma relação com duas pessoas, não necessariamente gosta de ambas igualmente. De maneira semelhante, embora recebamos ordem para amar os nossos colegas cristãos na mesma medida, não recebemos ordem para gostar deles na mesma medida. Aqui não nos é dito que temos de gostar de todos os outros cristãos, mas sim que o nosso amor fraternal a todo e qualquer cristão deve ter a qualidade que caracteriza o nosso amor e afeto natural por aqueles que compartilham a mesma família e os gostos, repúdios e privilégios dela.

Às vezes chego a expressar o ponto nestes termos: você pode dizer com toda a sinceridade que tem mais profundo afeto e mais profunda compreensão dos seus colegas cristãos do que dos seus parentes naturais não cristãos? Essa é uma boa prova para verificar a nossa posição como cristãos. É uma prova da sua regeneração, e também é uma prova de que você deu atenção a esta exortação e a está pondo em prática. O cristão deve sentir um laço mais estreito com outro cristão do que com um parente que não é cristão. Isso é necessariamente

uma verdade. A nova natureza está em nós. Somos filhos de Deus e pertencemos à família de Deus. E esta é uma relação que não vai durar só enquanto estivermos neste mundo limitado pelo tempo, porém durará por toda a eternidade.

Em vista destas coisas, diz o apóstolo, certifiquem-se de que o amor fraternal de vocês, uns pelos outros, está sendo manifestado cada vez mais. E isso acontece pela meditação, pela compreensão da verdade, pela aplicação deste “pois”, por você se lembrar de toda a doutrina já tratada, e pela percepção de que isso é verdade quanto a você. E você ora rogando que o Espírito não somente ilumine tanto você, mas também de tal modo encha de amor o seu coração – amor a Deus e aos seres humanos, seus semelhantes – que você veja que isso vai se tornando cada vez mais real.

Essa é a primeira parte da declaração, entretanto o apóstolo prossegue e acrescenta algo a isso. Diz ele, “preferindo-vos em honra uns aos outros”. Isso também parece óbvio, mas, quanto mais vocês o analisarem, mais profundo verão que é. Que se quer dizer com “honrar”? É uma palavra que era muito empregada (em inglês), porém hoje seu uso não é tão freqüente. A palavra grega referia-se ao preço estabelecido para um artigo depois de feita a avaliação. Pense num objeto que você possui – talvez um relógio. Você resolve examiná-lo e, do seu exame resulta que você taxa o seu valor e lhe põe bom preço.

Pois bem, Paulo aplica essa palavra à nossa relação mútua. Refere-se ao que pensamos dos outros, à nossa avaliação deles e dos seus dons. E isso, por sua vez, vem a ser o respeito que temos uns para com os outros em consequência da avaliação feita uns dos outros. É isso que o apóstolo quer dizer com “honra”. “Preferindo-vos em honra uns aos outros.” O termo contém a idéia de reverência e respeito. E, naturalmente, isso, por seu turno, determina o nosso comportamento para com os outros, a nossa maneira de tratá-los, especialmente o tratamento que lhes damos em termos de nós mesmos. Isso é muito

importante. Mais uma vez, o erro de não se pôr em execução esta exortação muitas vezes tem causado estrago na Igreja. Leiam 1 Coríntios, capítulo 4, onde se vê que o apóstolo teve que lidar com essa questão. Ali o problema era mormente o jeito como os cristãos estavam brigando uns com os outros em consequência das avaliações que haviam feito de Paulo e de Apolo. Isso já era suficientemente mau, mas a situação piorou quando surgiram dificuldades em consequência das avaliações que eles fizeram uns dos outros e de si mesmos.

Qual será, então, o sentido da palavra “preferir”? Aqui os comentadores defendem dois aspectos, e, indubitavelmente, ambos são corretos. A palavra significa “ir antes”, “liderar”, “mostrar o caminho”, e isso pode ser interpretado de duas maneiras. Uma é que Paulo está dizendo que às vezes mostramos respeito por outros caminhando adiante deles, por assim dizer. Mostramos nossa deferência tomando a frente e abrindo portas para eles – “preferindo-os” desse modo. Não andamos após eles, porém lhes mostramos respeito e honra preparando o caminho para eles. Isso é uma parte do sentido.

A segunda idéia é que a palavra significa tomar a dianteira na manifestação de respeito. Certifique-se de que você é sempre o primeiro a prestar honra à outra pessoa. Vá adiante dos outros, não física mas metaforicamente. Vá na frente da outra pessoa em seu desejo de que sejam demonstrados respeito e honra uns aos outros. Bem, aí estão os dois sentidos, e eu acredito que ambas as idéias estão envolvidas aqui.

Aqui estamos nós como membros da Igreja Cristã, e já vimos na primeira parte do capítulo que todos nós recebemos dons de Deus. “Pela graça que me é dada”, Paulo declara, “digo a cada um dentre vós que não pense de si mesmo além do que convém; antes, pense com moderação, conforme a medida da fé que Deus repartiu a cada um” (versículo 3). Depois continua, no versículo 5: “Assim nós, que somos muitos, somos um só corpo em Cristo, mas individualmente somos membros uns

dos outros. De modo que, tendo diferentes dons, segundo a graça que nos é dada, se é profecia...” etc. Todos nós temos dons, e o apóstolo diz, com efeito: “Aprendam a avaliar corretamente os dons e a respeitar e honrar uns aos outros. Cada um saia na frente para fazer isso”. Pode-se fundir as duas idéias. Daí, chega-se a isto: qual é a nossa atitude uns para com os outros, e qual é a nossa atitude para com nós mesmos? Não podemos separar estas duas perguntas.

Portanto, que tolos são aqueles comentadores que dizem: “Isso é tão óbvio, não precisamos demorar-nos aqui, mas passemos adiante, a algo mais importante”! Mais importante? Através dos séculos nada se fez – nem ainda se faz – que tenha causado tanto dano à vida da Igreja Cristã do que o fato de não se pôr em prática esta injunção apostólica. Até no Novo Testamento podemos ver o dano causado por essa falha. Mas, como podemos fazer o que Paulo diz? Desta maneira: cada qual deve tomar a dianteira ao outro, e a todos os outros, em demonstrar honra e respeito para com os dons que cada um recebeu de Deus. No entanto, estaria o apóstolo inculcando uma espécie de falsa modéstia aqui? Estará ele ensinando que devemos ser seguidores dos que usam recursos enganosos?* Claro está que tal idéia é simplesmente ridícula.

Já me referi a 1 Coríntios, capítulo 4. Para mim é um capítulo fascinante, e, sobre este assunto particular, é a passagem clássica, porque, a seu modo exaustivo, o apóstolo trata dos problemas causados pela falta de respeito por outros cristãos. Quais são, então, os princípios? Bem, você pode dizer de imediato que preferir uns aos outros na questão de prestar honra não significa nem por um instante que você abandona suas normas de julgamento. É falsa modéstia dizer: “Bem, claro, não sou ninguém, não sou nada”. Vocês conhecem o tipo de pessoas que fazem isso – tais pessoas são as mais convencidas

* No original inglês: “...of Uriah Heeps?” Nota do tradutor.

que existem. Vocês sabem que não estão querendo dizer aquilo. Você deve ter uma correta avaliação de si próprio.

Por exemplo, eis aí o apóstolo, em 1 Coríntios, capítulo 4, desenvolvendo este grande princípio, mas depois, mais para o fim do capítulo, ele diz: “Não escrevo estas coisas para vos envergonhar; mas admoesto-vos como meus filhos amados. Porque ainda que tivésseis dez milaios em Cristo não teríeis contudo muitos pais; porque eu pelo evangelho vos gerei em Jesus Cristo. Admoesto-vos portanto a que sejais meus imitadores” (versículos 14-16). Ora, como pode um homem que diz, “preferindo-vos em honra uns aos outros” – e ele se inclui na injunção – como pode ele ao mesmo tempo dizer: “Sede meus imitadores” (VA)? Ele se contradiz? Certamente que não! Não pode haver fingimento. Não se jogam fora os fatos. Num sentido, dizer o grande apóstolo que dá maior honra a algum membro insignificante de igreja seria simplesmente ridículo.

Em vista da completa tolice dos coríntios, Paulo usa sarcasmo ao ensiná-los. Diz ele: “Tenho para mim que Deus a nós, apóstolos, nos pôs por últimos, como condenados à morte; pois somos feitos espetáculo ao mundo, aos anjos, e aos homens. Nós somos loucos por amor de Cristo, e vós sábios em Cristo; nós fracos, e vós fortes; vós ilustres, e nós vis” (versículos 9,10). Ora, isso não passa de sarcasmo, e não percamos de vista esse fato. Nem por um momento Paulo quer dizer – não poderia dizer – que os cristãos coríntios são “fortes” ao passo que ele é “fraco”, que eles são “ilustres” e ele não. Não, não. Ele está falando aqui da impressão que eles estão dando, da atitude e mentalidade em que eles caíram. E assim os repreende. Ele é o apóstolo, é o “pai” deles, é o mestre deles, e não nega isso. Ele lhes fala como seu pai. Ele os instrui e os guia.

Portanto, esta injunção não significa que você abandona todos os padrões. Por exemplo, se acontece que um homem é extraordinariamente dotado de inteligência e entendimento,

esta injunção não lhe diz que fique calado e não dê sua opinião, mas sim que dê a palavra a alguém que é igualmente cristão como ele no que diz respeito à regeneração, porém que não foi dotado por Deus da mesma maneira. Não significa que, na igreja de Corinto, um homem como Paulo deve ficar sentado e calado enquanto alguém que não tem capacidade ou dom expõe alguma passagem do Velho Testamento; seria ridículo. E se simulamos que o sentido é esse, não só não estamos usando o dom que temos, mas também estamos dando má fama ao ensino em geral.

Não, o que o apóstolo Paulo está inculcando em Romanos 12:10 é isto: não há lugar para orgulho na vida cristã. É com isso que ele está preocupado – nunca devemos fazer-nos culpados de orgulho. Essa é outra maneira de dizer o que o nosso Senhor nos ensina nas Bem-aventuranças: “Bem-aventurados os pobres de espírito... Bem-aventurados os mansos” (Mateus 5:3,5). Ou vejam com que clareza o nosso Senhor Se expressa a respeito em Lucas 14:7-10: “E disse aos convidados uma parábola, reparando como escolhiam os primeiros assentos, dizendo-lhes: quando por alguém fores convidado às bodas, não te assentes no primeiro lugar, não aconteça que esteja convidado outro mais digno do que tu; e, vindo o que te convidou a ti e a ele, te diga: dá o lugar a este; e então, com vergonha, tenhas de tomar o derradeiro lugar. Mas, quando fores convidado, vai, e assenta-te no derradeiro lugar, para que, quando vier o que te convidou, te diga: amigo, sobe mais para cima. Então terás honra diante dos que estiverem contigo à mesa”. Eu acredito que esse é o ensino que o apóstolo está colocando diante de nós aqui.

Ou, permitam-me dizê-lo em termos das próprias declarações do apóstolo – coisas extraordinárias ele disse! Vejamos 1 Coríntios 15:8,9: “E por derradeiro de todos” – Paulo está falando sobre os aparecimentos de Jesus ressurreto – “me apareceu também a mim, como a um abortivo. Porque eu sou o menor dos apóstolos, que não sou digno de ser

chamado apóstolo, pois que persegui a igreja de Deus”. Quando o apóstolo declara isso, quer dizê-lo literalmente. É exata e precisamente o que ele sentia. Notem vocês que em Gálatas ele diz – e aqui vocês têm o equilíbrio – que não é inferior a nenhum dos apóstolos, que subiu a Jerusalém para ver os apóstolos “para que de maneira alguma não corresse ou não tivesse corrido em vão” (Gálatas 2:2). E quando chegou lá e os ouviu, diz ele que havia descoberto que não lhes era inferior em nada. Não há contradição ali. Ele sabia que dom havia recebido, sabia que capacidade lhe fora dada, e não podia fazer pouco caso disso porque, se fizesse, estaria criticando o dom do Espírito!

Mas vejam esta verdade também como se encontra em Efésios 3:8: “A mim, o mínimo de todos os santos, me foi dada esta graça de anunciar entre os gentios, por meio do evangelho, as riquezas incompreensíveis de Cristo”. Isso não é falsa modéstia. De novo, é exatamente o que o apóstolo sentiu e disse. Essas palavras são uma espécie de explicação desta frase que estamos examinando juntos.

Ou vejam-no nas palavras que muitas vezes penso que são algumas das palavras mais acerbadas de todo o Novo Testamento. Na Primeira Epístola a Timóteo o apóstolo vinha falando sobre algo que é “contrário à sã doutrina” (1 Timóteo 1:10). Então escreve: “Conforme o evangelho da glória de Deus bem-aventurado, que me foi confiado. E dou graças ao que me tem confortado, a Cristo Jesus Senhor nosso, porque me teve por fiel, pondo-me no ministério; a mim, que dantes fui blasfemo, e perseguidor, e opressor; mas alcancei misericórdia, porque o fiz ignorantemente, na incredulidade. E a graça de nosso Senhor superabundou com a fé e amor que há em Jesus Cristo”. E logo adiante: “Mas por isso alcancei misericórdia, para que em mim, que sou o principal (pecador), Jesus Cristo mostrasse toda a sua longanimidade, para exemplo dos que haviam de crer nele para a vida eterna” (1 Timóteo 1:11-14,16).

“Preferindo-vos em honra uns aos outros” é isso. E você faz isso vindo a uma fiel estimativa de si próprio. O ego é a maior maldição que há. Um conceito errôneo do próprio ego é a fonte de quase todo mal. Por isso, quando é dito a você, “preferindo-vos em honra uns aos outros”, não comece olhando para si mesmo. Enquanto você não fizer uma fiel avaliação de si mesmo, nunca fará uma correta avaliação dos outros.

De novo, em 1 Coríntios, capítulo 4, o apóstolo expõe isso claramente. Ele sabia da contenda que se travava na igreja de Corinto sobre ele e Apolo, e diz o seguinte: “A mim mui pouco se me dá de ser julgado por vós, ou por algum juízo humano; nem eu tampouco a mim mesmo me julgo. Porque em nada me sinto culpado” – com isso ele quer dizer que não pode justificar-se ou falar contra si próprio – “mas nem por isso me considero justificado, pois quem me julga é o Senhor” (1 Coríntios 4:3,4). O homem pôs termo a si próprio; ele não é sensível, não é sensível demais, não é hipersensível, à espera de ofensa. Não seria esse o curso da vida? Essa é a mais prolífera causa, eu diria, de todos os problemas da igreja e do mundo. Eis, porém, aí um homem que foi libertado disso. Ele pôs termo a si próprio. Ele pode dizer com toda a sinceridade: “Todavia, a mim mui pouco se me dá de ser julgado por vós, ou por algum juízo humano; nem eu tampouco a mim mesmo me julgo”. Não passo o tempo contemplando a mim mesmo e dizendo que sujeito maravilhoso eu sou, e admirando o que fiz. Não faço isso; dei cabo disso tudo.

Mas a seguir Paulo tem um segundo argumento. É o que ele apresenta no versículo sete da mesma passagem. Aí está a cura para esta moléstia particularmente horrível, uma das moléstias espirituais mais terríveis – esta auto-estima exagerada, e esta subestima de outros, o que é exatamente o oposto de “preferindo-vos em honra uns aos outros”. Pois bem, a resposta é esta: “Porque, quem te diferença?” Responda a essa pergunta! Você se compraz consigo mesmo. Você diz: “Eu tenho um poder maravilhoso, e essa outra pessoa ocupa posição

desprezível”. Mas, quem te fez diferente? Como você explica a diferença? “Quem te diferencia?” E Paulo prossegue: “E, que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te glorias, como se não o houveras recebido?” Vocês podem responder a isso? Não há o que dizer, haveria? Vemos, pois, que não só somos indignos e ignominiosos, mas também, por cima disso tudo, somos tolos, somos incapazes de responder a tais questões.

Daí, qual é a doutrina que é colocada diante de nós nestes vários versículos que acabamos de examinar? Bem, é dessa forma que o apóstolo desenvolve o ponto em sua argumentação. Primeiro, ele se espanta com o fato de ser cristão; e nós também deveríamos espantar-nos com isso. Se perdermos o nosso sentimento de encanto ante o fato de nos termos tornado cristãos, num sentido estaremos sendo vítimas da moléstia do orgulho. Jamais devemos perder o sentimento de encanto, o senso de maravilha. Por que somos diferentes? Há só uma resposta: é um fato inteiramente resultante da graça de Deus.

Ademais, o apóstolo admira-se de que ele, dentre todos, tenha sido chamado para ser apóstolo. Não há nada nele. Ele nada fez para isso. Não foi chamado por causa de suas realizações maravilhosas, ou do seu grande discernimento e entendimento. É tudo apesar dele. Tudo se deve à graça de Deus – “Mas pela graça de Deus sou o que sou” (1 Coríntios 15:10). E, quanto mais espiritual você se tornar e mais conhecimento tiver de Deus, do Senhor Jesus Cristo e do Espírito Santo, mais você verá a sua pecaminosidade e a profundidade do mal que há em você. O problema daqueles que não enxergam isso e que têm uma opinião elevada sobre si mesmos é que eles ignoram Deus e ignoram o caráter e o ser de Deus. Diz o apóstolo: “Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal” (1 Timóteo 1:15).^{*} E ele realmente sentia isso. Ele não pode imaginar

^{*} NVI: “...dos quais eu sou o pior”. Nota do tradutor.

alguém que seja maior pecador que ele. Portanto, não tem do que se jactar. A jactância é excluída, como ele gosta tanto de dizer (Romanos 3:27). Tudo aquilo de que ele se jactava ele viu que não passa de esterco, de refugio e de algo inteiramente inútil.

Assim, vocês começam desse ponto, e então já caminharam setenta e cinco por cento do percurso no rumo da solução deste problema – “preferindo-vos em honra uns aos outros”. Uma vez que os homens e as mulheres se vejam como eles são, em consequência da Queda e das suas próprias ações, uma vez que cheguem a conhecer algo da miséria do seu coração, eles se humilham, e ninguém consegue dizer nada que seja exageradamente mau a respeito deles. Eles sempre dizem a respeito de si mesmos coisas piores do que as que qualquer outra pessoa poderia saber. Eles dizem: “Graças a Deus, ninguém conhece toda a verdade sobre mim!” Aí está o ponto de partida para vocês.

Mas depois vocês passam ao segundo ponto, que é o dom de vocês para o serviço. Lá estavam aqueles tolos coríntios comparando Paulo com Apolo, como se eles fossem dois atores num palco empregando os seus próprios poderes e faculdades naturais. “Vocês não percebem”, diz praticamente Paulo, “que eu e Apolo e todos os demais somente somos o que somos por causa do dom que nos foi dado? Um foi chamado para plantar, outro para regar; um foi chamado para lançar o alicerce, outros para construir sobre ele. Mas não somos nós, é o grande Mestre Construtor. Ele é quem conta; nós não somos nada”.

Em nós e por nós nada podemos fazer; só podemos causar dano. Foram-nos concedidos dons – não os produzimos, não os geramos – são inteiramente dados, como Paulo estivera mostrando na primeira parte deste capítulo 12 de Romanos. Portanto, as pessoas se gabarem dos seus dons é, num sentido, quase uma negação do dom, é grotesco. Ora, quando vocês se derem conta destas coisas, verão que, inevitavelmente, estão

se “preferindo em honra uns aos outros”.

E acrescentamos esta terceira e última consideração: observem o seu serviço. Observemos, todos nós, o nosso serviço – quão pobre é! Vocês só poderão gabar-se dele se não o examinarem. Examinem o seu serviço: apercebiam-se exatamente do seu caráter e da sua qualidade. Que é que vêem? O nosso Senhor define a nossa atitude para com o nosso trabalho uma vez por todas em Seu ensino aos discípulos que estavam sempre prontos a gabar-se e a competir uns com os outros, a mover-se por sentimentos errôneos, feios e falsos. Ele lhes disse: Fazei tudo quanto puderem, mas, “quando fizerdes tudo o que vos for mandado, dizei: somos servos inúteis” (Lucas 17:10).

Oh, muitas vezes tentei dizer isto do púlpito: o perigo consiste sempre em comparar-nos com as pessoas cujos dons e qualidades julgamos inferiores. Todavia o que temos que fazer é comparar-nos e contrastar-nos com os santos dos séculos, com os homens e as mulheres retratados aqui, no Novo Testamento, e, acima de tudo, com a Pessoa do nosso bendito Senhor e Salvador. Que pigmeus somos! Que criaturas pequeninas! Este é o melhor antídoto contra esse falso sentimento. É a melhor maneira de fomentar o que o apóstolo inculca com esta frase: “preferindo-vos em honra uns aos outros”.

Leiam sobre os santos! Já ouviram contar o que Charles Haddon Spurgeon disse uma vez sobre a sua própria pregação – aquele grande pregador que pregou durante todos aqueles anos aqui, em Londres, no século dezenove, e cujo nome está quase totalmente esquecido hoje, e cujos princípios certamente são negados, quase cada um deles, mesmo quando as pessoas que os negam usam o nome dele – vocês se lembram do que ele disse sobre a sua própria pregação? Ele disse que nunca atravessaria a rua para ouvir a si próprio – e foi isso que ele quis dizer. Quando os homens e as mulheres têm uma verdadeira concepção deste evangelho e vêem o que ele é e o que merece, são forçados a sentir que os seus melhores

esforços são completamente indignos, pobres e fracos. Charles Wesley foi um grande cantor, não foi? Ele era poeta e escreveu grandes hinos, e, todavia, eis o que ele diz: “Oh, mil línguas eu quisera ter para cantar!” – ele só tinha uma, e a achava fraca demais. “Esta pobre língua balbuciante e gaguejante”, como dizia Philip Doddridge. Que frase adequada! Que é que poderia ser mais adequado?

Pois bem, quando você se vê, vê os seus dons e vê o seu serviço dessa maneira, começa a ver que não tem nada do que se gabar. Você é “o mínimo de todos os santos” (Efésios 3:8). E uma vez que se sinta desse modo a seu próprio respeito, seguir-se-á que ninguém vai conseguir ofender você. “Quem está no chão não tem medo de cair...”. Ninguém pode saber o pior sobre você; só você o sabe. Portanto, os outros não poderão ofendê-lo – é impossível. Não somente isso, porém; você se sente seguro de que ninguém pode ser tão mau quanto você, ninguém pode ter a feiúra interior que você tem, e você vê os dons que Deus lhes concedeu – e dessa forma você mantém este equilíbrio perfeito. Você nunca dirá nada que seja depreciativo do dom que lhe foi dado. E, quando se sentir tentado a gabar-se e a desprezar outros, você dirá: “Quem te faz diferente dos outros? E que tens tu que não recebeste?” (1 Coríntios 4:7, VA). Não vem de você, vem de Deus! E Ele é o mesmo Deus que o deu a você e que o deu aos outros, e você glorifica a Deus reconhecendo os Seus dons nas outras pessoas e prestando a elas honra, respeito, reverência e deferência.

26

“Não sejais vagarosos no cuidado; sede fervorosos no espírito, servindo ao Senhor.” – Romanos 12:11

Quando estávamos considerando os dois primeiros versículos do capítulo 12, vimos que eles dão realmente um sumário de todo o ensino restante desta grande Epístola. Doutrina não é só para se contemplar intelectualmente; é algo que deve ser aplicado, algo que deve ser posto em prática. E não haverá valor nem propósito algum em nosso conhecimento doutrinário se esse conhecimento não levar a uma modificação radical em nossa vida. E ali, em dois versículos, o apóstolo nos dá todos os grandes motivos para o viver cristão.

Depois o apóstolo passa a tratar do cristão na esfera da Igreja, e agora, nesta seção, do versículo 9 até o fim do capítulo, ele fala sobre os cristãos em suas relações mais gerais. E assim chegamos ao versículo 11. Aqui o apóstolo trata do nosso espírito em geral, da nossa atitude para com a nossa vocação como cristãos, sobre como realizamos o nosso trabalho, o espírito com que o fazemos. E ele diz isso com estas ressonantes palavras: “Não sejais vagarosos no cuidado; sede fervorosos no espírito, servindo ao Senhor”. Todos nós somos membros do corpo de Cristo; como então deveríamos funcionar? Como deveríamos realizar o trabalho para o qual fomos chamados? Quais deveriam ser as características da nossa vida como cristãos?

Bem, examinemos os termos que Paulo utiliza: “Não morosos nos negócios...” (VA). Aqui devemos concordar com

o que me parece que é assinalado por todos os comentadores e pela maioria das traduções: que é melhor não usar a palavra “negócios”,* embora haja um sentido em que ela comunica o significado certo. Mas a palavra grega aqui traduzida por “negócios” já tinha aparecido no versículo oito, onde Paulo diz: “Aquele que governa, com diligência”, e a palavra traduzida por “diligência” é exatamente a mesma que aqui é traduzida por “negócios”. Portanto, pode-se traduzir estas palavras do versículo 11 assim: “na diligência, não morosos”; ou, no zelo, não morosos”. O sentido é quase o mesmo, porém usar a tradução exata, como se faz no versículo oito, ajuda-nos a concentrar-nos no que o apóstolo está interessado em nos ensinar aqui, e o que ele está interessado em nos ensinar aqui é o que se poderia denominar “zelo moral”. Devemos ser zelosos; devemos ser ativos; devemos ser vigorosos.

Pois bem, mais uma vez vemos que essa é uma coisa de que devemos tratar em termos do nosso entendimento da doutrina. Preciso dizer isso acerca de cada uma das injunções deste capítulo. Não adianta tomar as frases isoladamente. Você não devem examinar qualquer delas senão à luz dos versículos 1 e 2, de outra maneira errarão. E isso é uma coisa que pode acontecer facilmente quanto a esta injunção particular. O apóstolo não está apenas dizendo: “Animem-se uns aos outros”. Ele *está* dizendo isso, mas também está dizendo muito mais. E esse é o ponto que devemos expor e que exige pensamento. Conforme voltarei a mostrar-lhes, este mandamento deve ser considerado à luz do “pois” e da “compaixão de Deus” do versículo primeiro. Se não entendermos esta ordem em termos daquele pronunciamento original, pode acontecer que obedeçamos à injunção apenas nos tornando pessoas ocupadas no sentido de negócio.**

* No original inglês: “business”. Nota do tradutor.

** Ausência de ócio. Do latim: *negotium*. Palavra composta pela negativa *neg* (*neque*) mais *otium*, ócio. Nota do tradutor.

Ora, as palavras de Paulo não significam que vocês devem tão-somente tornar-se pessoas inquietas, agitadas, simples ativistas correndo para cá e para lá em todas as direções. Aqui Paulo nos está dizendo que, nesta questão de zelo moral, devemos pôr em ação a doutrina, do contrário nunca obedeceremos à injunção. Portanto, abordemo-la desta maneira: ele está dizendo que não devemos ser morosos, preguiçosos. Bem sabemos o que é preguiça. É indolência, é moleza. É fazer as coisas pela metade. É o oposto de ser cheios de energia e de vigor.

Indubitavelmente, há muitas causas de preguiça, e aqui e em toda parte o apóstolo não exclui uma causa natural. É uma falsa interpretação da doutrina cristã excluir o natural. Somos todos diferentes no temperamento e na constituição. Todos estes fatores têm efeito sobre a nossa vida e prática cristã, e devemos estar conscientes disso. São muitos os que, negligenciando o seu próprio temperamento, tentam produzir uma espécie de cristão estereotipado, padronizado, e isso me parece completamente errado. A obra de Deus é sempre caracterizada pela variedade, e isso igualmente diz respeito à Igreja Cristã. Não temos, todos nós, os mesmos problemas na vida; e, às vezes, a principal causa de preguiça está no temperamento e na constituição.

Permitam-me ilustrar isso. Há pessoas que nascem dinâmicas e ativas; outras são mais do tipo letárgico, fleumático. Pois bem, você não determina isso, você nasce assim, e deve reconhecer isso. Há pessoas que nascem com disposição biliosa e com uma espécie de indolência constitucional, física. Elas não podem evitar isso. Embora essencialmente iguais, amplas variações são possíveis na operação da circulação e do sistema nervoso. E, naturalmente, tais variações nos afetam.

Por vezes, um temperamento particular quase pode ser uma característica nacional. Escrevendo a Tito, Paulo diz: "Um deles, seu próprio profeta, disse: os cretenses são sempre

mentirosos, bestas ruins, ventres preguiçosos. Este testemunho é verdadeiro” (Tito 1:12,13). Dizem, não sei com quanta justiça real, que os povos do sul da Europa tendem a ser mais preguiçosos que os do norte. Provavelmente é certo, penso eu – é questão de condições geográficas. Quanto mais frio é o clima, tanto mais revigorante é, e mais cheios de energia nos sentimos, ao passo que o calor tende a ser debilitante. Portanto, todos estes fatores devem ser levados em conta, e por aí começamos.

A seguir devemos incluir, claro, a obra do diabo. A suprema ambição do diabo é arruinar a obra de Deus. O que ele fez na primeira criação, tenta repetir na segunda, na nova criação. E, como sabemos, o diabo pode atacar-nos de muitas maneiras diferentes. Pode atacar-nos no corpo, na mente e no espírito. Pode deprimir-nos; pode fazer-nos sentir moleza. E, se ele conseguir produzir cristãos letárgicos, preguiçosos, ficará por certo muito contente.

Há infindáveis ilustrações disso. A possessão demoníaca é uma grosseira manifestação da influência do diabo. Todavia, fora isso, ele pode influenciar-nos de muitas maneiras diferentes; e muitas vezes ele causou sério problema à vida de muitos cristãos simplesmente produzindo neles uma espécie de preguiça, uma aversão pelo trabalho, uma espécie de abatimento de espírito, sentimento assim expresso: “Bem, não posso fazer nada hoje, não estou disposto. Espero me sentir melhor amanhã”. Mas você não se sente melhor amanhã, nem depois, e o resultado é que você está sempre daquele jeito. Pois bem, isso é preguiça, e, reitero, muitas vezes o diabo é extremamente ativo na produção dessa condição em nós.

E depois, acima disso tudo, o desânimo tende a produzir preguiça. Leiam o capítulo primeiro da Segunda Epístola a Timóteo, e verão que Timóteo parece ter sido um notável exemplo justamente disso. Penso que provavelmente ele também era assim por temperamento e por constituição. Certo é que ele era um homem que facilmente se sentia deprimido.

Quando as coisas iam contra ele, e estavam indo contra ele quando Paulo lhe escreveu, ele ficava muito desanimado, e quem fica desanimado logo fica preguiçoso e apático. E tentar fazer alguma coisa estando desanimado é de matar! Assim é que o desânimo, as provações e as tribulações podem levar à preguiça. Esse era o problema dos cristãos para quem a Epístola aos Hebreus foi escrita.

Aí estão, pois, algumas das causas – não precisamos demorar-nos mais no estudo delas. Todos nós conhecemos isso por experiência, e o que é importante é que descubramos a resposta a esta pergunta: que devemos fazer a respeito? E é disso que o apóstolo trata aqui. Diz ele: “No zelo, na diligência, não sejais preguiçosos”. Mas, como fazer? Parece que este único versículo nos dá três respostas, e eu fico com isso, e só com isso.

As palavras de Paulo são uma injunção. O apóstolo gosta muito desta abordagem. Vemos muito dela nas Epístolas de Paulo a Timóteo. Parece que ele está emitindo uma ordem do dia, ou, às vezes, até quase parece que ele estala o chicote para mexer com Timóteo. “Lembra-te”, diz ele, “de que Jesus Cristo, que é da descendência de Davi, ressuscitou dentre os mortos, segundo o meu evangelho” (2 Timóteo 2:8). “Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, e de amor, e de moderação” (2 Timóteo 1:7).

Pois bem, todas essas injunções foram designadas a estimular Timóteo. Temos aí uma resposta natural ou geral à questão de como devemos lidar com a preguiça, e essa resposta pode ser expressa desta maneira: anime-se! Ora, quando o apóstolo diz isso, não lhe está pedindo que se transforme em algo que você não é por natureza. Você não pode mudar a sua natureza ou o seu temperamento. Portanto, Paulo não está tentando conseguir que alguém que talvez seja um pouco apático por natureza ponha uma máscara e desempenhe um papel. Não é isso. Contudo ele nos está dizendo que nos animemos a nós mesmos. Nunca estamos tão completamente

mal como pensamos, nenhum de nós, e esse é um importante princípio psicológico. Às vezes pessoas que alegam obter grandes resultados da chamada “cura pela fé” estão fazendo simplesmente esse tipo de coisa. Quando estamos doentes, nunca estamos tão doentes como pensamos; sempre acrescentamos algo nalguma proporção à doença. E, portanto, é fácil nos livrarmos dessa porção extra que adicionamos psicologicamente.

Por conseguinte, sempre podemos fazer isso – podemos animar-nos. Precisamos fazê-lo, e esta é uma das grandes e importantes lições da vida. Você precisa conhecer e entender a si mesmo. Precisa lidar consigo e falar consigo. Precisa repreender-se e pensar em você e por você. Isso faz parte da pregação cristã. A preguiça é um mal em si mesma, e, portanto, você deve começar dizendo que você não deve ser preguiçoso. Mas não estou dizendo que você deve ser como alguém que nasceu transbordando de energia. Tudo o que estou dizendo é que você pode mexer-se para funcionar como você é, e não como estava ou está sendo ultimamente. Anime-se, e aplique vários argumentos a si próprio.

E, assim como isso é verdade com relação ao nosso corpo, também é verdade com relação à mente ou a qualquer parte de nós, nosso espírito inclusive. Essas partes estão sempre em suas melhores condições quando exercitadas e utilizadas. Por exemplo, se você não exercitar sua mente, com o tempo vai achar mais difícil exercitá-la. Pior ainda, não vai querer exercitá-la. E esse é um dos problemas modernos, uma das grandes doenças modernas, não é? Os jornais e a televisão desestimulam as pessoas de usarem suas mentes, e assim elas entraram num estado em que não gostam de pensar e não gostam que lhes peçam que pensem. Estive conversando com ministros esta semana, e eles disseram que as suas igrejas não mais querem receber instrução; sempre querem entretenimentos. Isso é pura preguiça intelectual!

Depois, você pode ir adiante e mostrar a si mesmo que

há perigos na inércia. Se você deixar que todos os órgãos do seu corpo caiam em desuso, ou se não os utilizar como deveriam ser utilizados, essa inércia vai acabar se tornando uma condição de enfermidade. Recentemente foi dito por pesquisadores que se pegarmos um pedaço de músculo de um tecido vivo e ficarmos mudando o meio em que ele é mantido, ele continuará funcionando para sempre; e eu posso crer que isso é verdade. Muitas doenças resultam da inércia. Suas juntas podem emperrar, se você parar de cuidar delas. Quanto mais você as usar, melhores é provável que fiquem, e mais flexíveis.

Pois bem, aplique tudo isso na esfera espiritual. Diga a si próprio: “Se eu continuar deste jeito por muito tempo, vou acabar ficando espiritualmente enfermo”. E sem dúvida ficará. Qualquer pessoa que tenha experiência pastoral sabe que é a inércia cristã que finalmente faz do crente um cristão doente, e então o seu problema fica mais difícil de tratar.

Mas há ainda outro argumento. Lembre-se de que você é parte de um corpo. “Assim nós, que somos muitos, somos um só corpo em Cristo.” E, portanto, disso decorre que, como já vimos quando estudamos essa analogia, se houver algo de errado com uma parte, todas as demais sofrerão com ela. Você não pode isolar-se. “Nenhum de nós vive para si, e nenhum morre para si”, como veremos o apóstolo dizer no capítulo 14. Portanto, você não pode dizer: “Eu sou uma unidade independente”. Se você for apático, mole e preguiçoso, vai afetar os membros mais próximos e finalmente todo o corpo estará envolvido nessa condição. Assim, por essas várias razões – e há outros argumentos que você mesmo pode aduzir e expor – você se volta para si mesmo e diz: “Fora, preguiça estulta! Fora, melancolia!” Você tem que literalmente levantar-se, animar-se a si mesmo, e eu asseguro que isso faz parte do dever cristão de cada um.

Bem, ainda estamos no nível natural, lembre-se, pois o cristianismo não exclui o natural. Quantas heresias

surgiram no passado por excluí-lo! Comece, pois, pelo nível natural, e, ao fazer isso, ficará surpreso ao ver quanto você pode realizar de fato. Você pensa que precisa disto e daquilo, mas por vezes só precisa pegar você mesmo pela mão. Se, como diz o sábio do Velho Testamento, você ficar observando o vento e outras coisas mais, nunca semeará, e o resultado é que nunca fará colheita. Portanto, ponha-se de pé e comece a fazer coisas, goste ou não. Diga: “É meu dever fazer isto”, e vá em frente.

Vamos, porém, mais longe, porque é o que o apóstolo faz. Tendo dito, “no zelo, não preguiçosos”, ele passa ao segundo ponto, muito mais importante: “fervorosos no espírito”. Eis aí uma declaração muito importante e, ao mesmo tempo, muito interessante. Tem havido muita discussão sobre o sentido de “espírito” nesta passagem. Na Versão Autorizada (inglesa) usa-se o “s” inicial minúsculo (*spirit*),* mas há outras versões nas quais é empregado o “S” inicial maiúsculo. A questão é em geral a seguinte: o apóstolo se refere ao espírito natural da pessoa humana, ou ao Espírito Santo, que habita no crente? E não hesito nem um pouco em dizer que é o segundo – que o apóstolo está se referindo aqui ao Espírito Santo, que reside em todo cristão. “Se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele” (Romanos 8:9).

Pois bem, o argumento aduzido pelos que estão do outro lado vem do relato que Lucas faz sobre Apolo em Atos, capítulo 18, versículos 24 e 25: “E chegou a Éfeso um certo judeu chamado Apolo, natural de Alexandria, varão eloquente e poderoso nas Escrituras. Este era instruído no caminho do Senhor, e, *fervoroso de espírito*, falava e ensinava diligentemente as coisas do Senhor, conhecendo somente o batismo de João”. E ali, estou pronto a concordar, vemos uma referência ao espírito natural. Apolo era um desses homens naturalmente ardorosos – o tipo de homem cheio de energia, elétrico, sempre

* Também em Almeida. Nota do tradutor.

sob “alta pressão”, como costumamos descrever essa classe de pessoa. Digo isso porque ele só tinha conhecido o batismo de João. Esse era o defeito daquele homem em seu ministério, e ele foi corrigido por Priscila e Áquila. Estes lhe falaram sobre o batismo com o Espírito Santo, como o próprio Paulo tivera que fazer aos crentes de Éfeso (Atos, capítulo 19).

Por isso penso que é certo dizer que em Atos, capítulo 18, há uma referência ao espírito natural de Apolo. Mas aqui, em Romanos, capítulo 12, rejeito essa explicação, porque nesta passagem temos uma ordem, e, como já expliquei, você não pode mudar o seu temperamento. Se você nasceu “fervoroso no espírito”, é o que você é; porém, se nasceu com uma espécie fleumática de temperamento, não será fervoroso no espírito, no sentido natural. Contudo, o texto nos diz que devemos ser “fervorosos no espírito”. Portanto, eu digo que essas palavras só podem referir-se ao Espírito Santo, que está em nós, porque essa é uma verdade que diz respeito a todos nós, cristãos, seja o que for que sejamos por temperamento. Não nos esqueçamos de que é uma ordem e que, portanto, é algo que nos é possível.

Que será, então, que o apóstolo nos diz que devemos fazer sobre isso? Que quer ele dizer com “fervorosos no Espírito”? Pois bem, a palavra do apóstolo aqui traduzida por “fervorosos” significa “ferver”, “estar quente”, ou “estar inflamado” ou “incandescente”. É palavra muito forte: “estejam sempre fervendo no Espírito”. Temos aqui algo que certamente nos é explicado na carta de Paulo a Timóteo. Primeiramente, ele o coloca em termos negativos: “Deus não nos deu o espírito de temor” (2 Timóteo 1:7). Timóteo achava-se num estado de temor, e o apóstolo diz: “Esse não é o espírito que Deus nos deu”. E continua e declara que Deus nos deu um espírito “de fortaleza, e de amor, e de moderação” – não moleza, indolência, preguiça, apatia, mas, ao invés disso, disciplina, poder, amor e moderação (ou, VA: “...e mente sã”)!

Noutras palavras, Paulo está lembrando a Timóteo (e

sugiro que ele está fazendo exatamente a mesma coisa neste versículo onze de Romanos, capítulo 12) que o Espírito é Espírito de poder e de energia. Ele é o Espírito Santo de poder. E essa expressão é empregada nas páginas do Novo Testamento. Veja como Paulo diz isso, escrevendo aos filipenses: “Operai a vossa salvação com temor e tremor” (Filipenses 2:12). Como posso fazer isso? A resposta é: “Porque Deus é o que opera em vós...”, e isso se dá por meio do Espírito. “Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar” (Filipenses 2:13). **Aí tem você a sua energia.**

Paulo solapa as nossas bases, caso estejamos tentando explicar a nossa indolência em termos naturais. Praticamente o que ele diz é o seguinte: “Seja você o que for por natureza, como cristão você tem o Espírito em seu ser, o Espírito Santo, e Ele é um Espírito de poder. Ele é um Espírito de energia.” Portanto, agora se vê algum objetivo e algum sentido nesta exortação. Paulo tem direito de dirigir-se a cada um de nós. Você pode ser apático e fleumático, mas não importa. Se você é cristão, o Espírito Santo está em você, e, portanto, nesta vida no Espírito, seja vigoroso, mostre energia.

Nesse caso, a pergunta que nos vem de novo é: como haveríamos de fazer isso? E de novo temos a resposta nas palavras do apóstolo a Timóteo: “Por cujo motivo te lembro”, diz ele, “que despertes o dom de Deus que existe em ti pela imposição das minhas mãos” (2 Timóteo 1:6). Diz ele: “Este é o dom que há em você; portanto, desperte-o!” Temos aí novamente uma grande frase! Alguém a traduz dizendo: “Ventile a chama”! Ventile ou sobre a chama do Espírito que está em você. Você recebeu este dom. A maneira pela qual Timóteo o recebeu não é o ponto importante. O ponto importante é que “a chama do Espírito”, “o fogo do Espírito”, tinha sido dado a Timóteo, e ele está sendo exortado a ativar a chama, a avivá-la e a mantê-la viva. Uma maneira muito boa de examinar isso acha-se em 1 Tessalonicenses 5:19, onde o apóstolo coloca a questão negativamente, dizendo: “Não

extingais o Espírito”. O Espírito é imaginado como fogo, como a energia do fogo. Pensem nas coisas que o fogo pode fazer. Por exemplo, um motor a vapor funciona movido pelo poder do fogo. “Não amorteçam o fogo”, diz Paulo.

Mas como haveríamos de ventilar a chama? Como despetar o dom? Novamente começamos com uma ação negativa – revolva as cinzas. Você deixou as cinzas se amontoarem, tem sido apático, não cuidou do fogo, e agora há mais cinza que fogo. Só se vêem fiapos vermelhos. Por isso você precisa revolver as cinzas e atizar o fogo. Pois bem, isso é uma coisa que eu e vocês podemos fazer. O apóstolo não está pedindo que produzamos fogo. E, quando os homens e as mulheres tentam produzir fogo, é o caos; é fogo falso. Há muito disso nos círculos evangélicos – fogo falso, zelo carnal. Entretanto aqui o apóstolo está pensando no exato oposto. O fogo foi dado – e esse é sempre o grande ensino – e o que podemos fazer é livrar-nos das cinzas.

Mas isso ainda não é o suficiente. Vocês têm que certificar-se de que há um abundante suprimento de ar – uma corrente de ar. Que é isso? É a oração. Então vocês acrescentam um pouco mais de combustível. Eu e vocês podemos fazer isso, e o fazemos pela leitura das Escrituras. E, tendo-nos dedicado a ler as Escrituras, outra coisa muito boa que há para fazermos é ler sobre os avivamentos. Esse é o combustível de que o fogo gosta. Leiam sobre a vida dos santos; leiam sobre a vida dos grandes pregadores que pregaram nos avivamentos. Acaso vocês não verificaram que não há nada que atice tanto a chama do Espírito dentro de vocês como ler sobre homens cheios do Espírito e utilizados por Deus no passado? Eu sempre tenho dito isto, e o digo agora com maior senso de urgência que nunca: depois da Bíblia, não há nada que seja mais proveitoso, mais estimulante, mais revigorante, do que ler tais narrativas.

Lembro que uma vez li sobre Anatole France, aquele romancista livre-pensador. Ele costumava dizer: “Quando fico cansado e desanimado, nunca vou buscar mudança no

campo; sempre vou ao século dezoito”. E eu digo exatamente a mesma coisa! O mais excelente tônico que eu conheço, melhor do que qualquer mudança de cenário ou de clima, é o século dezoito. Quando fico cansado ou desanimado e com preguiça, até hoje nunca li alguma coisa sobre Whitefield, os Wesley e Jonathan Edwards que não me deixasse imediatamente restaurado e com a chama reavivada.

Pois bem, são essas as coisas que eu e vocês somos convocados para fazer. Mas então, o grande ponto é: lembrem-se do dom que há em vocês. Constantemente nos esquecemos disso, mesmo nós, cristãos. Pensamos em nós mesmos em termos naturais, em termos das capacidades naturais. Tudo isso é errôneo. Devemos lembrar-nos de que o Espírito de Deus está em nós. “Não sabeis vós... que o Espírito de Deus habita em vós?”, pergunta Paulo (1 Coríntios 3:16). Já vimos isso no capítulo oito, que já citei. O apóstolo fica repetindo que o Espírito “está” ou “habita em vós”. “Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se é que o Espírito de Deus habita em vós. Mas, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele. E, se Cristo está em vós, o corpo, na verdade, está morto por causa do pecado, mas o espírito vive por causa da justiça” (ou, VA: “...mas o Espírito é vida por causa da justiça” (Romanos 8:9,10).

É tudo o mesmo ensino. Aqui o apóstolo o resume, o reforça e o esclarece mais uma vez. E eu e vocês devemos compreender que o Espírito que está em nós é um espírito de poder, o espírito de força. Não se espera que façamos estas coisas, nós mesmos, e o fato é que não podemos fazê-las. No entanto, nos é dito que podemos “ revesti- nos ” – levar sobre nós – “... toda a armadura de Deus” (Efésios 6:11). “Fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder” (Efésios 6:10). Por mais fraco e apático que você seja por natureza, por mais preguiçoso que seja por temperamento, você deve lembrar-se disto: desperte a tua mente.

Ou vejamos como Pedro se expressa: “Eu tenho por

justo... despertar-vos com admoestações” (2 Pedro 1:13). E todos nós temos necessidade disso. O diabo ocupa-se muito de nós e nos faz esquecer estas coisas, e nós dizemos: “Oh, como posso fazer isso? Quem sou eu para fazê-lo?” E a resposta é: “Não é você, você se esqueceu do Espírito que está em você. A chama, o poder do Espírito, a energia do Espírito divino está em você. Por conseguinte, você precisa lembrar-se disso, e essa é uma das maneiras pelas quais você é “fervoroso no espírito”. No momento em que você se lembra do Espírito Santo e pensa nEle, já começa a sentir aquele calor em seu ser.

Ora, graças a Deus, sabemos algo sobre isso, todos nós, não sabemos? Já me referi a João Wesley. O que fez desse homem um evangelista foi, como ele diz, que o seu coração foi “estranhamente aquecido”. Foi que o Espírito penetrou em seu ser. E não é só o calor do consolo, é o calor da energia. Esse é o poder motor, é o que nos leva avante. E o apóstolo coloca constantemente esse fato diante de nós. No fim de Colossenses, capítulo primeiro, ele faz uma descrição de si mesmo como ministro e pregador de Cristo: “A quem anunciamos, admoestando a todo homem, e ensinando a todo homem em toda a sabedoria; para que apresentemos todo homem perfeito em Jesus Cristo” – e eis agora aqui os dois lados – “E para isto também trabalho, combatendo segundo a *sua* eficácia – isto é, o poder é “segundo a” ou “como resultado da” – “sua eficácia, que opera em mim poderosamente”. A energia do Espírito! E a maneira de você encher-se dessa energia é lembrar-se de que o Espírito está em você e de que Ele é um espírito de poder, de amor e de disciplina, de “uma mente sã”.

Dessa forma você sobrepõe a sua natureza própria. Todos nós temos os nossos diferentes problemas. O homem que é apático tem o problema da preguiça, porém o homem naturalmente dotado de energia e fervoroso, como Apolo, sempre tem que se guardar do zelo humano. Ele tem que se certificar de que não está confundindo a sua energia

natural com a energia do Espírito, e às vezes não é fácil fazer a distinção. Mas devemos compreender que é a energia do Espírito que importa, e você chega a ter essa compreensão pela leitura, por lembrar-se destas coisas, pela oração, pela meditação, etc.

E depois, outro meio excelente de permanecer “fervoroso no espírito” é você lembrar-se da obra para a qual foi chamado. É-nos dada a grande dignidade de sermos cooperadores de Deus: “E nós, cooperando também com ele” (2 Coríntios 6:1). Estamos em Seu reino, e somos trabalhadores em Seu reino. Há muitas maneiras de expressar isso. O nosso Senhor nos diz: “Vós sois a luz do mundo” (Mateus 5:14). Ele é a luz do mundo (João 8:12), mas, visto que estamos nEle, somos a luz do mundo. “Não se pode esconder uma cidade edificada sobre um monte” (Mateus 5:14). Aí está um modo de você animar-se quando se sente mole, sem energia, vacilando sobre se vai ler a Bíblia, se vai orar, ou se vai à casa de Deus para estudar as Escrituras ou para adorá-LO e Lhe cantar louvores. Quando você se sentir assim, lembre-se da obra para a qual foi chamado, lembre-se do estado em que se acha o mundo no qual você está vivendo.

*Nas trevas perecem os homens a teu lado,
Sem esperança de vencer a tumba;
Empunhe a tocha e mova-a largamente,
A tocha que ilumina a mais densa escuridão.*
– Horatius Bonar

É assim que vocês se animam. Pensem nas pessoas desta cidade que estão na mais completa escuridão. Elas simplesmente não sabem disso. Não têm conhecimento da suas condições; não sabem o que as confronta. Não sabem do apuro em que se encontram. Nada sabem do inferno para o qual vão. E vocês foram chamados para ser “a luz do mundo”, junto com Cristo. É assim que Paulo sempre pensava a seu próprio

respeito. Ele era um homem que plantava, e Apolo regava (ver 1 Coríntios 3:6). Lembrem-se, porém, de que eles estavam simplesmente sendo utilizados – é sempre Deus que dá o crescimento e que, na verdade, faz tudo.

Ou vejam como o apóstolo se expressa sobre isso escrevendo aos filipenses: “Fazei todas as coisas sem murmurações nem contendas” – mas “fazei todas as coisas”, lembrem-se, nada de preguiça! – “para que sejais irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus inculpáveis, no meio de uma geração corrompida e perversa, entre a qual resplandeceis como astros no mundo” (Filipenses 2:14,15). É isso que vocês são como cristãos, diz o apóstolo Paulo.

Ora, no momento em que você se dá conta destas coisas, não pode permanecer indolente e preguiçoso. Você diz: “Tenho que me levantar. Penso nessas pessoas que se acham nas trevas, e elas me observam e julgam a Cristo pelo que vêem”. Daí você se põe de pé. A própria natureza da obra o ajuda a ser “fervoroso no espírito”. O Espírito Santo lhe foi dado a fim de que você funcione, e então você pensa em qual é a função, e isso, por sua vez, estimula o fogo e o poder do Espírito dentro de você.

Ou vejamos o ponto de outra maneira – e, como estou certo de que acontece com todos nós, muitas vezes tenho retornado a este tipo de argumento. É a famosa narrativa sobre Neemias trabalhando na construção dos muros. Um homem se aproximou dele e lhe disse: “Olhe aqui, isso é extremamente perigoso. Não acha que eu e você deveríamos esconder-nos no templo para não sermos mortos?” Bem, naturalmente essa era, e sempre é, uma sugestão muito tentadora. Ela apela para o desejo natural de proteger-se, de salvar sua vida, ou, se você estiver com preguiça, essa é uma boa desculpa: “Vão precisar de você de novo, portanto, não faça nada agora”. Mas só há uma resposta para isso, a que Neemias deu: “Um homem como eu fugiria?” (Neemias 6:11). Nem pensar! E assim você aplica esse argumento a si próprio, e, ao fazê-lo, lembra-se de

que o Espírito de Deus está em você. “Não sabeis... que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por bom preço (1 Coríntios 6:19,20).

Permitam, então, que eu resuma tudo isso desta maneira: devemos compreender que fomos chamados para trabalhar para Deus. Lembro-me de uma observação feita pelo piedoso William Chalmers Burns, homem grandemente negligenciado, parece-me, e que Deus tanto usou para produzir avivamento na Escócia por volta de 1840 – vocês encontrarão seu nome em conexão com as biografias e memórias de Robert Murray McCheyne. Uma das suas expressões favoritas, ao menos a usava freqüentemente, era: pondo a mão no ombro de um colega de ministério, ele costumava dizer: “Irmão, temos que correr!” Ele se dava conta da brevidade do tempo. E eu e vocês temos que dar-nos conta disso. Vemos o mundo como está por todo lado ao redor de nós, e o tempo é curto. “Remindo o tempo”, diz o apóstolo, “porquanto os dias são maus” (Efésios 5:16). Essa era a verdade no tempo dele, e porventura não o é hoje? Os tempos estão fora dos eixos, os dias são maus.

Não se trata aqui de uma exortação a que você apenas se desperte no nível natural. Paulo não está dizendo que você se torne uma coisa que não é. Ele não está pedindo que você seja uma pessoa do tipo agitado, sempre ocupado. Não, não! Toda a grande doutrina está por trás, a doutrina do Espírito, a doutrina da nova natureza, do Espírito habitando em você, da obra para a qual você foi chamado como membro do corpo de Cristo. Paulo está lhe dizendo que deixe que a energia do Espírito opere em você e se manifeste por meio de você, e que afaste os empecilhos e obstáculos, e mantenha acesa a chama. Não extingamos o Espírito. Temos que dar estes passos positivos e ativos e agir com base nos versículos 1 e 2. Então percebemos a necessidade de “correr” e de não perder tempo. Tendo em vista a terrível gravidade do problema e das condições em que os homens e as mulheres se acham, temos que tomar posse de toda e qualquer oportunidade.

Assim, permitam-me fazer um sumário disso tudo com as palavras do conhecido hino:

*Toma a salvação completa, ó minh'alma!
Eleva-te sobre o pecado, o medo e o cuidar;
Para a alegria ter, da primavera ao inverno,
E sempre ter algo para fazer ou levar.
Pensa: que glorioso Espírito está em ti!
Com que sorriso do Pai contas!
Que Salvador morreu para ganhar-te!
Filho do céu, vais murmurar?*

*Apressa-te da graça para glória,
Armado de fé, nas asas da oração;
Diante de ti está a glória eterna do céu;
Com Sua mão Deus te guia para lá.
Logo sua missão terrena findará;
Teus dias de peregrino se irão velozes,
A esperança logo será alegre gozo,
A fé será visão real, a oração, louvor.
– Henry Francis Lyte*

27

“Não sejais vagarosos no cuidado; sede fervorosos no espírito, servindo ao Senhor. Alegrai-vos na esperança, sede pacientes na tribulação, perseverai na oração.” – Romanos 12:11,12

Até aqui temos considerado as duas grandes declarações gerais de Paulo: não devemos ser vagarosos ou indolentes, e devemos ser fervorosos no espírito. Mas o apóstolo vai adiante e acrescenta um terceiro elemento a seu método de lidar com a nossa tendência para a preguiça, e é o seguinte: “Servindo ao Senhor”. É evidente que aqui ele chega a um clímax. Ele parte do nível natural e geral e nos diz que devemos lembrar-nos de que o Espírito está em nós e que não devemos permitir que coisa alguma “extinga o Espírito” ou mantenha a chama do Espírito em fogo baixo; não devemos “entristecer o Espírito”. Todavia depois ele sobe às maiores alturas e nos dá o antídoto supremo contra toda e qualquer tendência para a preguiça na vida cristã: “Servindo ao Senhor”.

Este é um pensamento deveras maravilhoso. Num sentido, é a chave para tudo o mais, e certamente é o motivo supremo, sempre, na vida e no serviço cristão. É algo que sempre tendemos a esquecer, e é quando nos esquecemos disso que entramos em dificuldades. Se pensarmos em nossa vida e obra cristã em termos de nós mesmos e de uns para com os outros, logo teremos problema. Se o pregador se preocupar consigo mesmo e com a sua reputação, logo estará em péssimas condições; será ciumento e invejoso, ou achará que as pessoas não o estão elogiando suficientemente. E o antídoto é que estamos “servindo ao Senhor”. Isso se aplica a todos e a cada

um dos que pertencem à Igreja Cristã, e a todos os aspectos da nossa atividade. Há só uma resposta para todos os problemas que surgem em decorrência de ficarmos olhando para nós mesmos – servir ao Senhor.

Em 2 Coríntios, capítulo 4, este mesmo grande apóstolo expressa esta verdade maravilhosamente. Os tolos cristãos coríntios estavam se entregando a comparações e críticas, e o apóstolo foi forçado a defender-se, razão pela qual escreveu ali sobre si mesmo, algo muito incomum nele. Na referida passagem ele diz: “Não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, o Senhor” (versículo 5). Ele fazia tudo com muita sinceridade, conscientemente aos olhos de Deus. Ele não estava na atividade de pregação com o fim de ganhar alguma coisa para si próprio. Ele fora chamado para essa obra, e seu único desejo era não “falsificar a palavra de Deus” (2 Coríntios 4:2). E ele obteve êxito em seu objetivo, diz ele, “pregando a Cristo Jesus, o Senhor” (2 Coríntios 4:5); seu ego não entrou nisso. Paulo diz isso também em muitos outros lugares, e o vemos de novo aqui, em Romanos, capítulo 12, na forma de um sumário. Mas, oh, quão vitalmente importante é ele, e quão tolos somos muitas vezes por passarmos às pressas por uma declaração como esta. A leviandade com que usamos tais expressões é realmente alarmante e pavorosa.

E então, que significa “servir ao Senhor”? Bem, devemos recordar alguns princípios, e, certamente, o primeiro sugerido por esta declaração é que, afinal, não passamos de escravos. Quantas vezes o apóstolo diz isso, e de tão diferentes maneiras! “Não sabeis que... não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por bom preço” (1 Coríntios 6:19,20). Observem como ele começa algumas das suas Epístolas. Paulo, nos termos da Versão Autorizada (inglesa), é “servo de Deus” ou “do Senhor Jesus Cristo”. Mas o que ele escreveu realmente foi “escravo”. Diz o apóstolo que ele é um “escravo”. Ele fora “comprado”, fora “adquirido”, fora “resgatado”. Ele não merece coisa alguma. Leiam o primeiro capítulo da Primeira Epístola a

Timóteo e ali verá Paulo expressar o seu espanto pelo fato de que ele, dentre todas as pessoas, foi colocado no ministério, ele, que anteriormente havia sido “blasfemo, e perseguidor, e opressor, mas”, diz ele, “alcancei misericórdia, porque o fiz ignorantemente, na incredulidade” (1 Timóteo 1:13).

Bem, essa era a atitude do apóstolo. Ele era “escravo” de Jesus Cristo, e um escravo não faz nada para si, porém tudo o que faz é para o seu Senhor. Ele foi comprado, não tem direito de pensar em si e em seus interesses pessoais, porque pertence inteiramente a outro. Lembremo-nos, pois, de que estamos “servindo ao Senhor”, e é dessa forma que começamos a levar a efeito esta injunção.

Mas depois acrescentamos algo mais. É o fato de que a causa não é nossa, o trabalho não é nosso. Não seria esse o problema? As pessoas geralmente falam em “minha igreja”. É esse o pecado que atrapalha os ministros, a todos nós que ocupamos posição de liderança na Igreja. É uma atitude contra a qual devemos lutar – “minha igreja”! É uma idéia muito estranha; é por demais ridícula. Vocês podem ver isso posto à mostra no espírito denominacional – “a minha denominação”. Toda espécie de rivalidade, contenda e ódio vem pela consideração da igreja como se fosse propriedade nossa. Há igrejas locais que competem umas com as outras, ao ponto de competirem pelos alvos das coletas missionárias, para se gabarem de que estão sempre em primeiro lugar na lista.

Vejam vocês, o motivo já não é o amor de Deus, e sim é algo puramente egoístico e pessoal, é lisonja própria. Há os que dizem: “Vejam o que a nossa igreja está realizando!”, e publicam os números. No entanto, que negação é isso da real essência do cristianismo! E como isso se tem propagado, e como é terrível, especialmente quando é feito com sutileza, como se não estivesse sendo feito! É como agem os políticos; deixam “vazar” informação e anunciam fatos fingindo que não estão revelando nada. Há só uma resposta para essa

atitude: a igreja não é de vocês; não é nossa; não nos pertence.

Vocês se lembram da grande mensagem que, da parte de Deus, o profeta fez ao rei Josafá? “A peleja não é vossa, senão de Deus... estai em pé, e vede a salvação do Senhor” (2 Crônicas 20:15,17). E eu tenho assinalado muitas vezes deste púlpito que, para mim, essa é uma das coisas mais interessantes e mais maravilhosas da vida da Igreja Primitiva. Observem como aqueles homens e mulheres de mentalidade espiritual reagiam à perseguição movida contra a Igreja Primitiva, fato registrado em Atos, capítulo 4. Esta foi a oração deles: “Senhor, tu és o Deus que fizeste o céu, e a terra, e o mar e tudo o que neles há; que disseste pela boca de Davi, teu servo: por que bramaram as gentes, e os povos pensaram coisas vãs? Levantaram-se os reis da terra, e os príncipes se ajuntaram à uma” – contra quem? Contra nós? Absolutamente não! – “contra o Senhor e contra o seu Ungido. Porque verdadeiramente contra o teu santo Filho Jesus, que tu ungiste, se ajuntaram, não só Herodes, mas Pôncio Pilatos, com os gentios e os povos de Israel... agora pois, ó Senhor, olha para as suas ameaças...” (Atos 4:24-27,29).

Aquelas pessoas tiveram sabedoria e percepção espiritual para ver que as autoridades, o Sinédrio, não estavam contra *elas*. Quem eram elas? Eram pessoas insignificantes, “homens sem letras e indoutos”. Aquelles cristãos compreenderam que as autoridades não estavam contra eles, e sim contra Deus. Estavam contra a Igreja porque a Igreja era a Igreja de Deus! É isso que esquecemos constantemente. Tudo pertence a Ele, não a nós. A batalha é contra o “teu santo Filho Jesus”. O grande plano divino de redenção e o Seu grande propósito com relação ao mundo – é isso que está sendo salientado aqui. Assim, em Romanos, capítulo 12, o apóstolo diz, “servindo ao Senhor”; não a si próprio, nem à sua própria causa. Essa é a segunda maneira pela qual você leva isso a efeito – tudo pertence a Ele.

E depois acrescentemos algo a isso, para que este ensino

realmente nos prenda e nos entusiasme. Pensem no privilégio de recebermos uma parte nesta obra! Alguma vez pensamos nisso? Na citação que lhes fiz de 1 Timóteo 1:13, o apóstolo manifesta-se sobre isso. Ele fica extasiado ante o privilégio de receber uma participação na obra de Deus, e nós devemos lembrar-nos sempre de que somos cooperadores com Deus, de que estamos “cooperando com ele” (2 Coríntios 6:1). Temos aí algo que não podemos nem jamais poderemos entender. Deus poderia fazer tudo sem nós. Contudo preferiu agir por meio de pessoas como nós.

E, como já vimos, isso constitui o antídoto contra a importância pessoal nossa em toda e qualquer obra da igreja ou em toda e qualquer posição relacionada com a vida cristã. Ele nos dá a honra; Ele preferiu trabalhar desta maneira. “Assim nós, que somos muitos”, como disse Paulo, “somos um só corpo em Cristo” (Romanos 12:5). Somos partes deste corpo místico do qual Cristo é a Cabeça. E não pode haver maior honra para seres humanos do que saber que são parte integrante deste corpo, que pertencem a Cristo, e que estão compartilhando algo da Sua grande obra.

Outro modo de pôr em execução este princípio de “servir ao Senhor” é o seguinte: vocês vêem que esse é um modo maravilhoso de mostrar sua gratidão a Deus. Devemos tudo a Ele. “Pela graça de Deus sou o que sou”, diz o apóstolo em 1 Coríntios 15:10. Considerem quem Ele é. E depois pensem se Ele não merece o melhor de vocês. O salmista brada: “Que darei eu ao Senhor, por todos os benefícios que me tem feito?” (Salmo 116:12). E eu e vocês devemos bradar ainda mais vigorosamente, pois podemos olhar retrospectivamente e ver o sacrifício do Filho de Deus na cruz do Calvário. Foi isso que Ele fez por nós. Lembram-se da famosa história sobre o Conde Zinzendorf e da grande experiência que ele teve por contemplar uma pintura de Cristo crucificado? É como se a pintura estivesse dizendo: “Fiz isto por ti. Que fazes por mim?”

Esse é o tipo de argumento que está nesta passagem: estamos “servindo ao Senhor”. E a percepção disso livra-nos de tudo o que nos impede e nos incapacita, e certamente nos livra de todo desalento, preguiça e indolência, e de toda tendência de realizar a obra sem bom ânimo. Lembramo-nos de que O estamos servindo, que Ele Se entregou à morte por nós, deu tudo por nós – deu-Se por nós. E nós, por nossa vez, queremos servi-LO para mostrar-Lhe a nossa gratidão.

Mas a seguir acrescentamos ainda outro argumento: que a honra de Deus está envolvida nisso tudo, e aqui, de novo, há um motivo e argumento muito poderoso. Como já vimos, gostemos ou não, se somos cristãos, e se somos membros da Igreja Cristã, estamos ligados a Ele. Estamos “em Cristo” e Cristo está em nós, e somos membros do Seu corpo. Portanto, Ele está envolvido na vida e na atividade da Igreja e em tudo o que acontece com ela.

Noutras palavras, sempre devemos fazer uma pausa para procurar compreender que Ele está envolvido em nossas falhas. “...não sois de vós mesmos... fostes comprados por bom preço” (1 Coríntios 6:19,20). “Nenhum de nós vive para si”, diz o apóstolo em Romanos 14:7. Você não pode agir como indivíduo; não pode isolar-se. Como cristão, você pertence à comunidade, ao povo de Deus. Você é parte integrante da Igreja de Deus. Cristo é a Cabeça e, portanto, está envolvido em tudo o que você faz e em tudo o que acontece com você. E é por isso que devemos lembrar-nos sempre de que O estamos servindo.

Se você fizer alguma coisa inteiramente por sua conta, se as coisas saírem erradas ninguém estará envolvido, exceto você. Mas essa nunca é a situação do cristão, e, naturalmente, o mundo está sempre muito atento para observar isso. Se um cristão deve ser processado num tribunal, os jornais sempre propalam isso, e, como tenho indicado muitas vezes deste púlpito, logo vocês vêem este tipo de título: *Professor da Escola Dominical em Fulgamento*. Se lerem os fatos, verão que o tal

homem tinha sido professor da Escola Dominical vinte anos antes, porém isso não importa, os repórteres cavarão fundo para extrair tudo. Por quê? Ah, esse é um modo de atacar a Cristo e Sua honra! Nós estamos servindo ao Senhor, e Ele está envolvido. Nós podemos levar Seu nome e Sua causa a sofrerem má reputação.

Sabemos o que o mundo pensa da Igreja Cristã hoje. Pensa nela como algo fraco e desprezível, e pensa que muitos dos que freqüentam igrejas o fazem porque têm medo de não o fazerem, e porque não têm inteligência suficiente para parar de freqüentá-las! Em geral as pessoas do mundo desprezam a Igreja Cristã. Sim, mas acontece isso porque nós somos indolentes e não fazemos impacto. Elas não vêem nenhum poder em nós. E é por isso que devemos dizer a nós mesmos: não podemos continuar sendo indolentes. O meu comportamento afeta não só o que elas pensam de mim, mas também o que pensam de Cristo e da verdade que vem dEle. Essa é a razão para eu me despertar e para me certificar de que o Espírito está tendo livre curso em minha vida.

Entretanto, se por um lado Ele está envolvido em nossas falhas, está igualmente envolvido em qualquer sucesso que nos possa advir. Pedro escreve: “Amados, peço-vos, como a peregrinos e forasteiros, que vos abstenhais das concupiscências carnis que combatem contra a alma; tendo o vosso viver honesto entre os gentios” – por quê? – “para que, naquilo em que falam mal de vós, como de malfetores, glorifiquem a Deus no dia da visitação, pelas boas obras que em vós observem” (1 Pedro 2:11,12). É isso! E o nosso Senhor realmente disse a mesma coisa: “Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus” (Mateus 5:16). E fazemos isso lembrando-nos de que estamos “servindo ao Senhor”, e não a nós mesmos.

Muitas vezes usei a ilustração da grande mensagem

enviada por Lorde Nelson na manhã da Batalha de Trafalgar* – “A Inglaterra espera que cada homem cumpra hoje o seu dever”. A honra da Inglaterra está envolvida, a honra do país. Vocês não estão travando uma luta pessoal contra os franceses, vocês estão lutando pela Inglaterra – “A Inglaterra espera...”. É isso que os anima. Vocês não podem ter preguiça quando ouvem tal apelo. Vocês ficam imediatamente eletrizados, por assim dizer, para a ação, e vão querer fazer o melhor por seu país. Multipliquemos isso pelo infinito, e teremos uma idéia do que significa servir ao Senhor.

Esse é um grande tema, que percorre a Bíblia toda. Esse era o apelo de todos os profetas do Velho Testamento. Foi esse o fracasso cardinal dos filhos de Israel: sempre se esqueciam de quem eles eram. Insistiam em considerar-se tão-somente como uma nação entre outras, e era sempre necessário fazê-los lembrar-se de que eram o povo de Deus – o povo escolhido de Deus – e de que, dessa forma, a Sua honra estava envolvida em tudo o que eles faziam.

Depois, outro argumento é que, uma vez que estamos servindo ao Senhor, Seu olhar está sempre sobre nós. Que salutar pensamento! Faço uso da ilustração óbvia – desafortunadamente conhecida demais – que fala sobre como um homem empregado por outro muitas vezes se comporta. Se o patrão está por perto, ele trabalha duro e com ânimo e entusiasmo, porém quando o patrão sai, ele amolece. Mas aqui somos levados a lembrar-nos de que os olhos do Senhor estão sempre sobre nós – sempre, em todos os lugares e em todas as situações. Ele nos vê quando estamos moles, indolentes, preguiçosos. Ele vê tudo. Lembremo-nos, então, destas linhas do hino:

* Cabo sito na região sul da Espanha, cenário da vitória naval da frota inglesa sobre as frotas combinadas da França e da Espanha, em 21/10/1805. Nota do tradutor.

*Andando sob as vistas do teu Capitão
E vigiando em oração.*

– Charles Wesley

“Todas as coisas estão nuas e patentes aos olhos daquele com quem temos de tratar” (Hebreus 4:13). Você não é um indivíduo privado. Talvez você diga: “Ah, bem, não me sinto animado agora, e assim não penso em fazer isso agora. Não vou à igreja domingo. Não vou ler a Bíblia. Não vou orar”. E você pensa que isso é pura questão particular, embora talvez se preocupe um pouco com o que as outras pessoas possam dizer. Mas não é isso que realmente importa. O que realmente importa é que Ele vê tudo isso. “Conheço as tuas obras”, Ele disse às igrejas, como se vê nos capítulos 2 e 3 do Apocalipse. E conhece. Ninguém pode ficar fora do alcance do Seu olhar que tudo vê – o olhar do Capitão da nossa salvação. E então nos lembremos de que Ele nos colocou como “trabalhadores em sua vinha” (Mateus 20:1). A vinha Lhe pertence, e visa à Sua glória.

A seguir há um apelo final que se vê muitas vezes. É expresso principalmente pelo apóstolo João – vocês o encontrarão mais de uma vez em sua Primeira Epístola, e também nos escritos do apóstolo Paulo. O argumento é que devemos despertar-nos e jamais mostrar-nos indolentes para não ficarmos envergonhados quando da Sua vinda, pois Ele virá e teremos que estar diante dEle. Como Paulo diz em 2 Coríntios 5:10, “Porque todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem, ou mal”. Por isso Paulo pregava como pregava. Não era apenas que “o amor de Cristo nos constrange” (2 Coríntios 5:14), mas também ele sabia que teria que comparecer ante o trono do juízo de Cristo e prestar contas de tudo o que tinha feito. “Assim que, sabendo o temor que se deve ao Senhor”, diz ele, “persuadimos os homens” (2 Coríntios 5:11).

Povo cristão, quantas vezes pensamos nisso quando somos tentados a essa maneira indolente, preguiçosa, mole e desanimada de fazer as coisas, quando então dizemos: “Oh, vou fazer isso nalguma outra ocasião”, em vez de estarmos sempre despertos e alertas, empregando toda a nossa energia, mantendo o calor e a luz do nosso espírito! Acima de todos os argumentos que aduzi e das razões que coloquei diante de vocês, devo acrescentar que cada um de vocês também comparecerá perante o tribunal de Cristo, e cada um de vocês terá que prestar contas a Ele. Será dito: “Você viu o mundo e o estado em que ele se encontrava quando você estava na terra. Viu a impiedade, a corrupção e o mal desenfreado. Que é que você fez a respeito? Você simplesmente ficou de fora e disse: “Isso é trabalho para os pregadores” – ou você orava sem cessar? Você foi um intercessor? Fez tudo o que pôde para manter firmes as mãos dos pregadores e possibilitar a proclamação do evangelho?” Todos nós teremos que prestar contas disso, pois estamos servindo ao Senhor, não a nós mesmos. Ele é o Senhor, e nós todos teremos que prestar contas a Ele. Observem como o nosso Senhor falou sobre isso na parábola dos talentos e noutras parábolas. Este é um grande ensino que se vê em toda parte na Bíblia.

E aqui está isso tudo resumido para nós em Romanos, capítulo 12. Devemos lembrar-nos, de todas estas maneiras, que estamos “servindo ao Senhor”. Portanto, quando vocês estiverem tentados a ficar na preguiça, ouçam algo como isto:

*De força em força, eia, avante!
Disputem, combatam, orem;
Pisem todo o poder das trevas!
Lutem para o dia ganhar.*

*Em todos os Seus valentes
Clame ainda o Espírito: “Marchem”,*

*Até Cristo do céu descer
E os vencedores levar para casa.*
– Charles Wesley

“Portanto, quer comais quer bebaís, ou façais outra qualquer coisa, fazei tudo para glória de Deus” (1 Coríntios 10:31). Excluam-se a si mesmos de tudo o que fizerem, compreendendo que vocês são Seus servos e que estão “servindo ao Senhor”, e não simplesmente se agradando a si mesmos ou a outros.

O que Paulo diz em seguida é o seguinte: “Alegrai-vos na esperança”. Pois bem, notem a íntima conexão existente entre todas estas coisas. Como já indiquei, Paulo não lançou estas injunções ao acaso, apenas juntando a próxima que lhe vinha à mente. Há uma seqüência lógica aqui. Todas elas são interrelacionadas, e cada uma delas leva à subsequente.

Ora, Paulo aqui nos está falando do ponto de vista da nossa maneira de ver a nossa vida como cristãos, da nossa atitude geral para com a nossa vida e como a entendemos. Esta é também uma questão de vital importância, especialmente neste tempo. Naturalmente, vocês devem começar pelos grandes princípios que estivemos formulando, mas depois é preciso prosseguir e cada um deve aplicá-los a si mesmo desta maneira: “Alegrai-vos na esperança”. Que significa isso? Eu diria que o ponto no qual fomos deixados na consideração da declaração imediatamente anterior nos ajuda a entender essas palavras, pois fomos levados a lembrar-nos do dia em que estaremos diante do Senhor e diante do Seu tribunal, e que isso levou o apóstolo a pensar em como os cristãos vêm suas vidas neste mundo. E aqui está: alegrando-se na esperança.

O apóstolo já havia tratado desse assunto, mas aqui, neste capítulo, ele está fazendo um sumário de muitas coisas que havia dito mais detalhadamente na Epístola. Já no capítulo cinco, ele escrevera: “Sendo pois justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo; pelo qual

também temos entrada pela fé a esta graça, na qual estamos firmes, e nos gloriamos na esperança da glória de Deus” (versículos 1 e 2). No capítulo oito Paulo retomou este tema de maneira ainda mais definida, com aquela ressonante declaração: “Para mim tenho por certo que as aflições deste tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há de ser revelada” (versículo 18). E nos versículos 24 e 25 ele continua: “Em esperança somos salvos. Ora a esperança que se vê não é esperança; porque o que alguém vê, como o esperará? Mas, se esperamos o que não vemos, com paciência o esperamos”.

Note-se que quando o apóstolo diz aqui “alegrai-vos na esperança”, não está inculcando um espírito geral de jovialidade e alegria. Tem-se dado muita ênfase a isso durante o século vinte* – numa estulta reação contra o puritanismo mal compreendido, tem havido um verdadeiro culto à hilaridade. Nada está mais distante da alegria de que o apóstolo trata aqui. Esta não é uma coisa que nós produzimos. Paulo não está meramente dizendo que devemos vestir um rosto sorridente. Isso é alegria carnal, é algo que o apóstolo jamais ensina.

Tampouco ele está dizendo que devemos cultivar uma perspectiva esperançosa. Hoje em dia há também uma grande ênfase a isso. Onde ocorrem guerras, ouvem-se as pessoas dizerem: “Cultive o modo de ver alegre, esperançoso, o temperamento sangüíneo. Não olhe para o lado sombrio; veja sempre o contorno prateado das nuvens”. Seria isso, então, “alegrar-se na esperança”, um espírito esperançoso, uma perspectiva esperançosa? Não, não.

O apóstolo também não nos está dizendo que esperemos grandes coisas no futuro deste mundo. Vocês conhecem os idealistas otimistas, que acham que só temos que aplicar o ensino cristão, e o mundo ficará cada vez melhor. E assim eles aguardam coisas grandiosas e estão cheios de esperança quanto

* O autor disse isso na década de 1960. Nota do tradutor.

ao futuro do mundo, ou esperam endireitá-lo. “Alegrai-vos na esperança” – as coisas vão melhorar cada vez mais!

Quando o apóstolo fala em “alegrar-nos na esperança”, refere-se à grande doutrina do Novo Testamento sobre “a esperança”. A esperança – alegrar-nos *na* esperança. Aqui novamente somos levados a lembrar-nos de que nenhuma destas injunções de Romanos, capítulo 12, poderá ser entendida, menos ainda praticada, se não entendermos claramente o ensino de Paulo nos dois primeiros versículos deste capítulo. “Rogo-vos pois, irmãos...” O “pois” liga-nos a toda a doutrina já formulada. Vocês não poderão alegrar-se na esperança se não conhecerem a doutrina em que crêm. É impossível. A única pessoa que se alegra na esperança é a que entende bem o ensino doutrinário desta grande Epístola – e das outras Epístolas também, claro.

Daí, primeiramente, alegrar-se na esperança significa ter uma correta visão deste mundo no qual nos encontramos. E a visão que o apóstolo ensina em toda parte é que este é o que ele chama “o presente século mau” (ou, VA: “o presente mundo mau”). Segundo o ensino do Novo Testamento, o cristão, homem ou mulher, é alguém que foi salvo “do mundo”, libertado “do presente mundo mau” (Gálatas 1:4). Claro está que, se vocês não considerarem o mundo desta maneira, não saberão do que o apóstolo está falando quando diz: “Alegrai-vos na esperança”. O ensino geral da Bíblia é que este mundo é um mundo decaído; é um mundo sob juízo; está perdido; é um mundo caracterizado pelo mal, pelo pecado e pelo erro. E a Bíblia vai além e declara que não há esperança para o mundo como ele está. Absolutamente não. Não há como melhorá-lo.

Hoje todo aquele ensino idealista, humanista e otimista de anos passados veio a parecer ridículo. Porventura não é uma coisa terrível que foram necessárias duas guerras mundiais para fazerem os homens e as mulheres enxergarem a verdade do que sempre foi ensinado na Bíblia? Pensem no otimismo

do século dezenove. Os vitorianos prognosticaram a vinda de um parlamento do homem e de uma federação mundial. Conhecimento! Ciência! Progresso! O mundo todo vai se movendo para a sua meta, ficando melhor, cada vez melhor. O que torna tão patéticos aqueles “grandes vitorianos”, como às vezes são chamados, é que eles estavam completa e inteiramente errados. O século vinte é a resposta aos vitorianos. Mas é o que a Bíblia sempre disse.

A verdade, reitero, é que não começaremos a entender a doutrina neotestamentária “da esperança” enquanto não compreendermos que o presente mundo está sob total condenação. Não há nada na Bíblia que sugira que alguma vez este mundo vai ser melhorado. Ao contrário, ela contém muita coisa que sugere exatamente o oposto. Ela nos diz que “os homens maus... irão de mal a pior” (2 Timóteo 3:13); que eles ouvirão “de guerras e de rumores de guerras” (Mateus 24:6). O nosso Senhor fez até esta pergunta: “Quando vier o Filho do homem, porventura achará fé na terra?” (Lucas 18:8). E, todavia, acreditava-se que cada geração começava onde a anterior terminara, que cada geração estava em progresso (moral) e que o evangelho iria cristianizar o mundo.

Nunca houve nada tão fátuo, além de tão completamente antiescriturístico, como o “evangelho social”, tão popular nos primeiros anos do século vinte. Era uma completa negação do ensino básico e central do Novo Testamento, e, como digo, a história comprovou que esse “evangelho” é falso. Não, vocês devem começar pela compreensão de que não poderão alegrar-se na esperança enquanto tiverem alguma esperança quanto a este mundo.

Assim, então, tendo chegado a uma posição correta sobre este mundo, o próximo passo será compreender o propósito de Deus a respeito dele. Por que o Senhor veio a este mundo? Por que Ele viveu e morreu, e fez tudo o que fez? E a resposta é que Ele veio para redimi-lo. Mas o Seu método de redenção não consistiu em melhoramento gradativo. Este é o programa:

nesta presente era estão sendo reunidas pessoas tiradas do mundo, elas estão sendo salvas dele, libertadas dele como indivíduos, e estão sendo introduzidas neste novo reino de Deus – o reino que é a continuação dos filhos de Israel. Lá estava ele na forma do Velho Testamento; aqui está ele na forma do Novo Testamento – a Igreja. Disse o nosso Senhor: “O reino de Deus vos será tirado, e será dado a uma nação que dê os seus frutos” (Mateus 21:43). A Igreja é a forma presente do Reino, e estão sendo reunidas pessoas nela. Já vimos isso tudo no capítulo 11. Judeus e gentios, juntos, estão sendo enxertados nesta oliveira. “Não há diferença” (Romanos 10:12).

E esse chamamento continuará até um dado ponto. Ninguém sabe quando. Muitos têm tentado determinar a data, mas sempre erraram, e sempre errarão, porque não se espera que nos preocupemos com “os tempos ou as estações” (Atos 1:7). No entanto, o que de fato sabemos é que estamos sendo preparados para um grande evento vindouro: o retorno do Filho de Deus a este mundo. Como os anjos disseram aos discípulos no Monte Olivete: “Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no céu, há de vir *assim como* para o céu o vistes ir” (Atos 1:11). “Todo olho o verá” (Apocalipse 1:7). Ele voltará, e Sua vinda será visível. Ele voltará para julgar o mundo com justiça. Ele destruirá todos os Seus inimigos (ver Hebreus 10:13). Ele purificará o cosmos do mal e de todos os seus efeitos. Nós “aguardamos novos céus e nova terra, em que habita a justiça” (2 Pedro 3:13). Será um evento cataclísmico, não um melhoramento gradual. Ocorrerá uma grande crise. Quando menos se espera, Ele virá. Longe da idéia de que tudo leva num sentido otimista ao retorno do nosso Senhor, será exatamente o oposto. As pessoas sentirão fenecer seu coração. Até os eleitos estarão inquietos. Então Ele virá, e estabelecerá o Seu reino eterno de glória.

Aí está porque aqui, em Romanos, o apóstolo está dizendo: alegrem-se nisso. É nisso que vocês devem fixar seus olhos. O nosso Senhor tinha ensinado a mesma coisa: “No mundo

tereis aflições, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo” (João 16:33). Conforme o ensino geral do Novo Testamento, é nisso que devemos alegrar-nos. Vejam as típicas e gloriosas declarações cristãs feitas pelo apóstolo em 2 Coríntios, capítulos 4 e 5. Eis o apóstolo passando por um período de terrível provação e tribulação, e notem o que ele diz. Isto é cristianismo – não o mundo ficando cada vez melhor e gostando de nós por sermos cristãos. É exatamente o oposto. Paulo diz: “Temos, porém, este tesouro em vasos de barro” – e não nos é prometido que eles virão a ser vasos melhores que os vasos terrenos neste mundo. Ele já nos dissera no capítulo oito desta Epístola aos Romanos: “...o corpo, na verdade, está morto por causa do pecado, mas o espírito vive por causa da justiça” (Romanos 8:10). E, enquanto estivermos neste mundo, o corpo será frágil e sujeito a moléstias e à decadência.

“Temos, porém, este tesouro em vasos de barro.” E logo o apóstolo acrescenta: “Em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados; perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos; trazendo sempre por toda parte a mortificação do Senhor Jesus no nosso corpo” – no corpo, lembrem-se – “para que a vida de Jesus se manifeste também em nossos corpos; e assim nós, que vivemos, estamos sempre entregues à morte por amor de Jesus, para que a vida de Jesus se manifeste também na nossa carne mortal” (versículos 8-11). Ele estava rodeado de provações, dificuldades e tribulações. O apóstolo teve um duro período e uma vida difícil – doença, perseguição, desapontamento causado por amigos. Que catálogo de provações! E, contudo, a maravilha é que ele se alegrava em meio a isso tudo. Alegrava-se, não neste mundo, mas “na esperança”.

Paulo resume tudo no fim daquele capítulo, e ali está a explicação da frase de Romanos, capítulo 12, que estamos examinando. Ouçam-no. Tendo-nos dado a lista de todas as suas provações, olha então para elas todas e diz (no versículo 17): “Porque a nossa leve e momentânea tribulação...”. Que é

que ele quer dizer com “momentânea”? Terá ele tirado do bolso um cronômetro e terá cronometrado um momento? Nada disso! Ele está medindo o tempo em termos da eternidade. Ele não está dizendo: “Vou morrer amanhã”. Ele diz: “Não, não, não importa quanto eu dure nesta vida, é apenas um momento”.

Como é que Paulo pode dizer “momentânea”? Bem, vejam, se vocês observarem a sua vida neste mundo pela perspectiva da eternidade, não passa de um momento. Se medirem sua vida neste mundo em termos de minutos, horas, dias, semanas, meses e anos – oh, como parece longa! Mas os cristãos não fazem isso. Os cristãos sabem que esta vida é temporária, uma fase passageira. O que lhes interessa é a vida que há de vir, a glória que está por vir. “o mundo futuro, de que falamos”, como diz o autor da Epístola aos Hebreus (2:5). Essa é a realidade.

E por isso Paulo diz aos coríntios: “A nossa leve... tribulação” – leve? Vejam a lista! Todavia ele diz: mas é simplesmente leve. Por quê? Porque ele está colocando tudo isso noutro contexto. “A nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um *peso eterno de glória* mui excelente.” Onde? Aqui e agora? Absolutamente não! Onde, então? Oh, diz ele, “Não atentando nós nas coisas que se vêem” – não nesta vida, não no presente mundo – “mas nas que se não vêem; porque as que se vêem são temporais, e as que se não vêem são eternas” (2 Coríntios 4:17,18). Ele está com os olhos postos na glória que há de vir.

É isso! A esperança! Essa é a “bem-aventurada esperança” que todo o Novo Testamento espera, e, praticamente, Paulo diz: “Aconteça comigo o que acontecer aqui e agora, não me derruba”. Por quê? “Porque estou certo e seguro de que essa vinda ocorrerá, e me alegro ao pensar nela e ao antecipá-la.” Vai ser tão maravilhosa que lhe falta a linguagem. “A nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória mui excelente”. Alguém diz que essas palavras

deveriam ser traduzidas assim: “produz para nós um peso de glória extraordinário e extraordinariamente abundante”. Perfeitamente correto! Vocês poderão acrescentar todos os superlativos do mundo, e serão inadequados para descrever este “peso de glória” para o qual estamos sendo preparados.

Esse é o ensino; é nisso que vocês se alegram. Não podem alegrar-se no presente mundo. Olhem para ele – quem pode alegrar-se nele? Ora, ninguém deve tentar isolar-se e dizer: “Não me interessa o que está acontecendo fora, contanto que eu seja feliz”. Essa atitude é a antítese do cristianismo. Não, não! Vocês reconhecem o que o pecado tem causado ao mundo e compreendem qual é o plano e o propósito de Deus para o mundo. Vocês sabem que Seu plano é certo e seguro. Então vocês se alegram nesse plano, e isso é mais que suficiente para mantê-los em marcha. Ouçam de novo a Paulo, em sua grande exortação registrada no começo de Colossenses, capítulo 3: “Portanto, se já ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas que são de cima, onde Cristo está assentado à destra de Deus. Pensai nas coisas que são de cima, e não nas que são da terra; porque já estais mortos, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus” É para isso que vocês devem olhar. As coisas que são de cima!

E, escrevendo a Tito, Paulo diz exatamente a mesma coisa: “A graça de Deus se há manifestado, trazendo salvação a todos os homens, ensinando-nos que, renunciando à impiedade e às concupiscências mundanas, vivamos neste presente século sóbria, e justa, e piamente, aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo” (Tito 2:11-13). É por isso que os cristãos primitivos estavam dispostos a sofrer martírio. Eles davam graças a Deus até quando estavam sendo martirizados, por causa da esperança que estava posta diante deles. É isso. Não este mundo, porém o mundo por vir e a glória que nos espera ali.

Pedro tem precisamente o mesmo ensino. “Aguardando,

e apresando-vos”, diz ele, “para a vinda do dia de Deus” (2 Pedro 3:12). “E qualquer que nele tem esta esperança”, diz João, “purifica-se a si mesmo, como também ele é puro” (1 João 3:3). Do que é que ele está falando? Do melhoramento deste mundo? Da cristianização da civilização? Meus caros amigos, será que as pessoas de hoje leram o Novo Testamento? Do que é que elas falam? Não, é disto que João está falando: “Vede quão grande amor nos tem concedido o Pai, que fôssemos chamados filhos de Deus. Por isso o mundo nos não conhece; porque o não conhece a ele” (1 João 3:1). E nunca nos conhecerá. O mundo será sempre “o mundo”, e os cristãos são homens e mulheres tirados dele, salvos dele, embora ainda permaneçam nele. “Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifestado o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque assim como (ele) é o veremos” (1 João 3:2,3).

E então a Bíblia termina com o último capítulo de Apocalipse aguardando o futuro e dizendo: “Ora vem, Senhor Jesus”. Essa é a única esperança para nós. É isso que devemos estar esperando. Nós “nos gloriamos na esperança da glória de Deus” (Romanos 5:2), antecipando-a. E vocês podem fazer isso, esteja o mundo como estiver, e faça com vocês o que fizer. E esta deve ser a condição permanente dos cristãos: eles devem lembrar-se de que estão “servindo ao Senhor”, este Senhor que “está assentado à destra de Deus” (Colossenses 3:1), na glória sempiterna, que está “esperando até que os seus inimigos sejam postos por escabelo de seus pés” (Hebreus 10:13), e que certa e seguramente virá e levará os Seus cativos para casa. E nós O veremos como Ele é e seremos feitos semelhantes a Ele; e compartiremos Sua glória para todo o sempre.

São esses os antídotos contra a preguiça, a moleza, o desalento, o pessimismo, ou o medo dos incrédulos modernos e seus escritos. Leiam as Escrituras, considerem o plano de Deus, contemplem o seu Capitão, fixem seus olhos nEle:

“Olhando para Jesus, autor e consumador da fé” (Hebreus 12:2).
Vejam o que Ele fez, vejam o que Ele está fazendo, vejam o
que Ele ainda vai fazer. Então não haverá preguiça.

28

“Alegrai-vos na esperança, sede pacientes na tribulação, perseverai na oração.” – Romanos 12:12.

Como vocês por certo se lembram, estamos tratando da última seção deste capítulo, que começa no versículo 9, na qual o apóstolo está considerando a nossa relação geral com as outras pessoas. E agora, no versículo 12, ele pede que tenhamos uma vista global da nossa vida neste mundo. Começamos a fazer isso no estudo imediatamente anterior, quando nos ocupamos da primeira frase, “Alegrai-vos na esperança”, e vimos que isso é algo absolutamente vital para a nossa posição como cristãos. Não há nada tão fatal para o cristão do que não compreender a natureza da sua vida neste mundo, e o antídoto é crer no que a Bíblia nos ensina sobre “este presente mundo mau”. Não há esperança para este mundo; ele está sob juízo, e todos os que pertencem a ele estarão envolvidos no julgamento. Por outro lado, diz-nos o texto que os cristãos pensam “nas coisas que são de cima, e não nas que são da terra” (Colossenses 3:2), e, portanto, devemos gloriar-nos “na esperança da glória de Deus” (Romanos 5:2).

Naturalmente, isso é básico e fundamental porque, se não o entendermos, não poderemos entender nem pôr em prática esta segunda injunção que vamos considerar agora – “pacientes na tribulação”. Várias vezes lembrei a vocês que estas injunções não foram lançadas ao acaso, aleatoriamente, pelo apóstolo. Há uma sequência muito definida aqui; ele tem uma ordem em sua mente. E, “pacientes na tribulação” segue-se necessariamente de “alegrai-vos na esperança”. Aí está você: você é

uma pessoa salva, é um cristão, foi libertado deste presente mundo mau, e está de olho nessa esperança. Assim, a questão é: como você deve viver enquanto for deixado neste mundo? E o apóstolo, esta grande autoridade em doutrina, este vigoroso gênio, sempre desce às praticabilidades, e nos habilita a aplicar toda esta doutrina para podermos viver como fomos destinados a viver como cristãos – “Pacientes”, diz ele, “na tribulação”.

Pois bem, para provar o meu ponto acerca das conexões lógicas que existem entre estas injunções – as que tivemos anteriormente e as que teremos a seguir – eu gostaria de assinalar para vocês que o apóstolo faz aqui exatamente a mesma coisa que já havia feito no capítulo cinco. “Sendo pois justificados pela fé”, diz Paulo ali, “temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo; pelo qual também temos entrada pela fé a esta graça, na qual estamos firmes, e nos gloriamos na esperança da glória de Deus. E não somente isto, mas também nos gloriamos nas tribulações” (Romanos 5:1-3). Assim que ele menciona a esperança, “nos gloriamos na esperança da glória de Deus”, passa às tribulações. “E não somente isto, mas também nos gloriamos nas tribulações; sabendo que a tribulação produz a paciência, e a paciência a experiência, e a experiência a esperança. E a esperança não traz confusão”. Há uma inevitável conexão entre estas coisas, e assim, cada vez que são mencionadas, vêm juntas.

Que será então “tribulação”? Bem, os comentadores têm grande interesse por esta palavra. Seu sentido original é de algo que exerce pressão, algo que nos comprime. O *tribulum* era utilizado para debulhar e esmagar o trigo na produção de farinha, e assim, “tribulação” significa que as coisas estão pressionando pesadamente vocês quase ao ponto de esmagá-los. As provações e as tribulações nos sobrevêm de várias maneiras. Podem acontecer em conseqüência de circunstâncias sobre as quais não temos nenhum controle, ou, às vezes por meio de tentações e às vezes por meio de perseguições. São

enviadas para experimentar ou provar o povo de Deus. Não precisamos tomar tempo para desenvolver isso. Tribulações de muitos tipos fazem pressão sobre o seu espírito, sobre a sua mente e sobre o seu coração – elas tendem a esmagar você, a achatá-lo e a mantê-lo no fundo do poço.

Bem, ninguém conheceu mais as tribulações do que o apóstolo Paulo. Em muitas passagens ele nos oferece quadros descritivos das espécies de sofrimentos que ele teve que suportar. Não se pode pensar nele como um homem sentado num escritório, com livros ao seu redor, gozando uma maravilhosa vida intelectual. Era exatamente o oposto. Ele era um viajor; era um evangelista que viajava por terra e mar e que sofreu naufrágios, foi difamado, foi perseguido, e sua imagem foi deturpada. Nas Epístolas aos coríntios em particular, especialmente em 2 Coríntios, capítulos 4 e 11, onde Paulo nos dá várias listas, lemos sobre as provações e tribulações que teve que suportar. Ele sabia tudo sobre o sofrimento, e sabia que, nalguma medida, os cristãos têm que sofrer provações.

E aqui, pois, o apóstolo nos diz como reagir às tribulações. Observem a ordem – é vitalmente importante. Primeiramente, é preciso ter uma visão correta da vida neste mundo. O cristão nunca diz: “A vida é maravilhosa! Não é?” Nunca! Ele vê o que está por trás de tudo. “Esta é a vitória que vence o mundo” (1 João 5:4). O mundo precisa ser derrotado por causa do seu mal. Vocês precisam estar certos em toda a sua visão. Vocês precisam ter uma correta noção da questão “da esperança”. Só então vocês passarão a argumentar da maneira como Paulo o faz sobre as tribulações.

Daí, como devo reagir às tribulações? Primeiro, não devo me deixar abalar por elas, nem recuar. Esse é o aspecto negativo, mas é muito importante e deve ser salientado. Se eu permitir que as tribulações e provações me abatam, terei falhado como cristão. Jamais devemos murmurar ou queixar-nos. Essa é a nossa tendência, não é? Quando somos provados, quando essas

coisas vêm sobre nós, dizemos: “Por que deve acontecer isto comigo?”, ou, “Será que, afinal de contas, o cristianismo é verdadeiro mesmo?”

Bem, se vocês reagirem dessa forma, estarão fazendo o contrário do que o apóstolo diz aqui. É o que a natureza humana faz: ela murmura, ela se queixa. Muitos dizem: “Pensei que quando me tornasse cristão nunca mais teria este tipo de coisa, porém aqui está, acontecendo comigo”. Muitos eram os que diziam isso nos primeiros séculos – vocês verão isso tratado nas Epístolas do Novo Testamento. Mas tudo devido à ignorância: ignorância sobre este mundo, ignorância sobre o fato de que “em esperança somos salvos” (Romanos 8:24) e de que “andamos por fé, e não por vista” (2 Coríntios 5:7). Esse é o ensino geral. Somos estrangeiros e peregrinos, transeuntes e viajores, percorrendo um mundo mau, a caminho da glória que Deus preparou para o Seu povo. Portanto, não devemos murmurar; não devemos queixar-nos; não devemos achar que as coisas são injustas. Em resumo, jamais devemos permitir que a tribulação nos faça algum dano.

Muitas vezes a tribulação tem causado grande dano ao povo cristão. Tem havido pessoas que parecem cristãos maravilhosos – mas só enquanto tudo vai bem. No momento em que chegam as provações, tais pessoas fraquejam. Oh, que pobres cristãos, e que pobres representantes da fé cristã! São pobres de todo e qualquer ponto de vista, não são? São pobres até na esfera natural – amigos dos dias ensolarados. Na adversidade, não servem para nada. Cristãos dos bons tempos. É proverbial essa expressão. “Bem, não sejam cristãos dos bons tempos”, diz com efeito o apóstolo. “Na provação e na tribulação, não fraquejem.” Não, não – vocês devem fazer exatamente o oposto.

Daí, que é que vocês devem fazer? Bem, em segundo lugar, aqui está o que fazer positivamente: sejam *pacientes*. Concordo com os que dizem que a palavra inglesa que literalmente se traduz por “paciente” é muito fraca, é uma

palavra demasiado negativa.* Há algo de positivo na palavra que o apóstolo emprega. Contém a idéia de persistência – persistência paciente. Isso é muito mais forte. Mas alguém poderá dizer: “É muito bom dizer: “Tenha persistência paciente. Seja firme na tribulação”. Ora, como?”

Bem, isso funciona da seguinte maneira: a primeira coisa é: não fique surpreso diante das tribulações. Creio que é isso que mais abate as pessoas. Nunca tinham esperado que isso acontecesse. Tinham uma falsa idéia da salvação, uma espécie de visão romântica, nada realista. Não tiraram essa idéia da Bíblia, mas de algum outro lugar, talvez de algum ensino psicológico mascarado por terminologia cristã. A Bíblia é sempre realista. Na verdade, podemos ir mais longe e chegar ao ponto de dizer que não se deve esperar nada diferente neste mundo; não se deve esperar nada melhor.

Se vocês “se alegram na esperança”, significa que vocês têm uma correta visão do mundo, e sabem muito bem que ele é um vale de lágrimas; é um mundo mau. Quando coloco as coisas nestes termos, estou deliberadamente submetendo vocês a um teste, cada um de vocês. Se você não gosta desta espécie de ênfase, é porque não é cristão. O conceito que temos

* O mesmo se pode dizer do termo em português. Mas, tanto em inglês como em português, o que acontece é que predomina hoje em dia o sentido negativo. Todavia ambos os idiomas incluem um aspecto fortemente positivo, como se pode ver nestes exemplos tomados de léxicos: de um dicionário inglês: “Paciência: ...calma, persistência” (dentre várias conotações). “Paciente:... perseverante” (*Nuttal's Standard Dictionary*). Ainda: “Paciência: a capacidade de esperar, ou de continuar fazendo algo apesar das dificuldades, ou de sofrer sem se queixar ou sem se aborrecer” (*Cambridge International Dictionary of English*, 1995). Em português: Caldas Aulete: “Paciência:...Perseverança na continuação de um trabalho, não obstante as suas dificuldades e demora” (entre outras conotações). “Paciente: pessoa que... persevera com ânimo sereno” (idéia que em seu pequeno mas muito bom dicionário Aurélio aproveita e insere entre as conotações do verbete “Paciência” – “3. Perseverança tranqüila”). Nota do tradutor.

do presente mundo é um dos melhores testes para verificar se somos cristãos ou não. Estas tribulações não devem deixar-nos deprimidos porque é isso que a Bíblia ensina em toda parte. Como já vimos, o nosso Senhor disse justamente isso no fim da Sua vida: “No mundo tereis aflições” (João 16:33). Como evangelizar com isso? Mas é o que o nosso Senhor diz.

Para mim, essa mensagem de tribulação neste mundo é a mais gloriosa forma de evangelização – e estou falando baseado em minha experiência pessoal. Quando eu era jovem, sempre me desgostava o tipo de pregador ou de evangelista que parecia jovial e feliz. “Venham juntar-se a nós”, esses costumavam dizer. “Entrem nisto, é maravilhoso.” Eu sabia que não era verdade. O homem cuja mensagem sempre me atraía era o que me dizia a verdade sobre a vida e sobre mim. Esse tipo de pregador me agradava porque me dizia a verdade, e então eu via que, ademais, ele era escriturístico. “No mundo tereis aflições.” Muito bem, então, não fique surpreso quando tiver problemas. Esteja prevenido e precavido. Assim você nunca será tomado de surpresa. Se você espera muito deste mundo, está fadado à decepção. Se não espera nada dele, não ficará desapontado quando não obtiver nada ou quando o mal lhe sobrevier. “Aquele que está embaixo não precisa ter medo de cair”, como dizia o velho João Bunyan.

Mas ouçam Pedro dizer a mesma coisa: “Amados, não estranheis a ardente prova que vem sobre vós para vos tentar, como se coisa estranha vos acontecesse” (1 Pedro 4:12). Não considerem isso coisa estranha, não achem isso esquisito. Se vocês entenderem o evangelho cristão, a mensagem cristã, diz Pedro, então, quando forem tentados não pensarão que alguma coisa estranha e inesperada lhes está acontecendo, porém estarão preparados para isso.

Claro está que o livro do Apocalipse, o último livro da Bíblia, é virtualmente dedicado ao tema das tribulações e das provações. Vejam as bestas surgindo, as perseguições, o povo de Deus quase esmagado e eliminado da existência, mal

sobrevivendo alguns deles. A idéia de que o cristianismo vai crescendo de século a século como que indo encher o mundo todo por algum processo evolutivo, é uma completa negação do ensino global do Novo Testamento. Hebreus, capítulo 12, coloca isso em termos fortes. Chega até a dizer que não somente você não deve ficar surpreso se, como cristão, tiver provações e tribulações, mas que realmente deverá ficar surpreso se *não* as tiver, e não só deverá ficar surpreso, deverá ficar preocupado. Se tudo vai bem com você, se todo o mundo o elogia, se você nunca sofre alguma perseguição, é tempo de ser questionado para se verificar se você é mesmo cristão. Não são os bastardos, mas os filhos, que serão disciplinados (ver Hebreus 12:7,8).

“Não é o servo maior do que o seu senhor”, disse o nosso Senhor (João 13:16). Paulo escreve a Timóteo: “E também todos os que piamente querem viver em Cristo Jesus padecerão perseguições” (2 Timóteo 3:12). “Ai de vós quando todos os homens de vós disserem bem” (Lucas 6:26) – estar nessa condição, esse é o perigo. E, de fato, estas coisas são muito importantes atualmente, não são? Numa época como esta, não posso imaginar coisa mais terrível do que ser popular na Igreja cristã, vista como instituição. Isso seria sumamente alarmante. Assim, aí está a primeira parte do argumento: não fiquem surpresos.

Em segundo lugar, somos habilitados a ter paciência na tribulação quando compreendemos que o que está acontecendo conosco é justamente o que aconteceu com o nosso bendito Senhor e Mestre – o Salvador. Foi dessa maneira que o mundo O tratou. Ele foi um “homem de dores, e experimentado nos trabalhos” (ou, VA: “familiarizado com a dor”)* (Isaías 53:3). Observem Sua vida, observem as provações, as tribulações que sofreu.

* ARA: “homem de dores e que sabe o que é padecer”; NVI: “um homem de dores e experimentado no sofrimento”. Nota do tradutor.

*Esse foi o caminho que o Senhor seguiu;
Não deverá o servo, sereno, segui-lo?*
– Horatius Bonar

Ele nos preparou para a tribulação. Disse Ele: “Se o mundo vos aborrece, sabeí que primeiro do que a vós, me aborreceu a mim” (João 15:18).^{*} Muito bem, pois, levemos isso a sério e desenvolvamos esse pensamento desta maneira: sofrer estas coisas significa que de fato estamos seguindo os passos de Jesus Cristo, e isso é um privilégio muito grande.

Pedro expressa o ponto nestes termos: “Vós, servos, sujeitai-vos com todo o temor aos senhores, não somente aos bons, e humanos, mas também aos maus. Porque é coisa agradável que alguém, por causa da consciência para com Deus, sofra agravos, padecendo injustamente. Porque, que glória será essa, se, pecando, sois esbofeteados e sofreis? Mas se, fazendo o bem, sois afligidos e o sofreis, isso é agradável a Deus. Porque para isto sois chamados; pois também Cristo padeceu por nós, deixando-nos o exemplo, para que sigais as suas pisadas. O qual não cometeu pecado, nem na sua boca se achou engano. O qual, quando o injuriavam, não injuriava, e quando padecia, não ameaçava, mas entregava-se àquele que julga retamente” (1 Pedro 2:18-23). Que privilégio!

De igual modo, o autor da Epístola aos Hebreus, no grande capítulo doze, diz: “Portanto nós também, pois que estamos rodeados de uma tão grande nuvem de testemunhas...” (versículo primeiro). No capítulo onze ele tinha falado sobre os heróis da fé dos tempos do Velho Testamento. Vejam o que eles tiveram que suportar. Vejam o sofrimento, a incompreensão! Muitas vezes eles tiveram que se levantar sozinhos, tendo todos contra eles. Observem Moisés, observem Abraão. Vejam Noé, resistindo sozinho. “Portanto, nós também, pois que estamos rodeados de uma tão grande nuvem de testemunhas,

^{*} VA (inglesa), ARA e NVI empregam o verbo “odiar”. Nota do tradutor.

deixemos todo o embaraço, e o pecado que tão de perto nos rodeia, e corramos com paciência (com persistência paciente) a carreira que nos está proposta, olhando para Jesus, autor e consumidor da fé” (Hebreus 12:1,2). É isso. Vejam o que aconteceu com Cristo: “Considerai pois aquele que suportou tais contradições dos pecadores contra si mesmo, para que não enfraqueçais, desfalecendo em vossos ânimos. Ainda não resististes até ao sangue, combatendo contra o pecado” (versículos 3 e 4). Não foi para isso que vocês foram chamados.

Que privilégio! Pertencemos ao mesmo grêmio dos santos, dos mártires, dos apóstolos, dos profetas, e, acima de tudo, do nosso bendito Senhor. É assim que se enfrenta a tribulação. Vocês podem ver que estamos aplicando a doutrina a todos os aspectos do nosso viver cristão. Não somos governados por nossas emoções, mas estamos pondo em ação esta grande doutrina que foi posta diante de nós nos capítulos anteriores.

Em acréscimo a isso, porém, que significa “sede pacientes na tribulação”? Bem, significa que devemos deixar que a tribulação nos ensine coisas que provavelmente nada senão a tribulação nos ensinará jamais. Somos filhos recalcitrantes; precisamos aprender muitas coisas. Temos arestas ásperas, mesmo como cristãos, e aí está um processo pelo qual temos que passar para podemos livrar-nos delas. Sejam pacientes enquanto se vai executando o processo, diz o apóstolo aqui, e, outra vez, este é o ensino que se encontra em todo o conteúdo do Novo Testamento. Precisamos receber instrução – portanto, sejamos pacientes.

Deixe que, primeiramente e acima de tudo, a tribulação o ensine sobre você mesmo. Haverá alguma coisa que o ensine sobre si próprio como o fazem as provações e as dificuldades? Quando as coisas vão bem, você não pensa, toma a vida como algo seguro e certo, e se acha certo e correto. No momento em que vem a tribulação, você se humilha. Você descobre sua fraqueza. Descobre o seu orgulho e o seu interesse egoístico.

Descobre o espírito de rebelião que há em você. Pode ser que não soubesse que havia isso ali. Pode ter pensado que a sua fé era pouco menos que perfeita, mas chegam as provações e você se vê sentindo certo rancor contra Deus. Então você vê que pobre cristão sempre foi. Simplesmente coube à provação pôr isso para fora. Portanto, diz o apóstolo, deixe que as tribulações beneficiem você dessa maneira – deixe que elas o ensinem sobre si próprio.

A tribulação o ensinará também sobre como o mundo é. Ela o ensinará sobre as outras pessoas. Ela lhe ensinará o que se deve esperar delas. Ela lhe ensinará a ter uma correta visão dos outros. Nada ensina tanto sobre isso como observar o comportamento deles sob as provações e as reações deles face às provações que você sofra. As coisas não são o que parecem, e as pessoas muitas vezes não são o que parecem. Mas você aprenderá e terá experiência. Como Paulo diz: “A tribulação produz a paciência, e a paciência a experiência” (Romanos 5:3,4). A experiência é um professor maravilhoso.

A tribulação o ensinará sobre as outras pessoas também de outro modo: ela lhe ensinará a ter simpatia. As pessoas que demonstram mais simpatia pelos enfermos são as que já estiveram enfermas. As que nunca ficaram doentes não são muito simpáticos ou empáticos com relação às que estão doentes. Tenho visto muitas que eram assim, e vi quanto bem lhes fez uma doença ou uma operação. Essa experiência lhes acrescentou um novo traço, um traço de simpatia e de compreensão. Não seria trágico que é necessário que uma tribulação nos ensine tais lições? Mas é assim que somos, por causa do que o pecado fez conosco. Somos salvos, mas não somos perfeitos. Há muito da velha natureza que ainda precisa ser extirpado, e a tribulação é um esplêndido medicamento para isso. Assim, ela nos ensina a partilhar das provações e dificuldades uns dos outros, a “levar as cargas uns dos outros” (Gálatas 6:2) e a ter uma palavra de simpatia e de compreensão para outros que estejam passando por provações.

Por conseguinte, como resultado da tribulação, passamos por um grande processo de educação. “O Senhor corrige o que (ele) ama” (Hebreus 12:6). Às vezes Ele o faz diretamente, às vezes o permite; às vezes Ele permite que o diabo acione provações, como fez com Jó, e “o último estado de Jó”, como vocês se lembram, foi “mais do que o primeiro” (Jó 42:12). Deus permitiu tudo aquilo. Pobre velho Jó! Vejam como ele lutou, porém, oh, saiu-se bem no fim. Deus tinha tratado dele. E assim, se tão-somente formos sábios e permitirmos que a tribulação trate de nós, se tão-somente formos pacientes sob o tratamento, veremos sair-nos bem dele.

Noutras palavras, a nossa experiência será a do homem que escreveu o Salmo 119. Eis como ele a expõe: “Fizeste bem ao teu servo, Senhor, segundo a tua palavra. Ensina-me bom juízo e ciência, pois cri nos teus mandamentos. Antes de ser aflito andava errado; mas agora tenho guardado a tua palavra” (Salmo 119:65-67). E depois ele prossegue e diz concretamente: “Foi-me bom ter sido aflito, para que aprendesse os teus estatutos” (Salmo 119:71). Esse tem sido o testemunho do povo de Deus através dos séculos. Nada lhe fez mais bem do que as suas provações. Essa foi a experiência de alguns cristãos alemães no que tiveram que sofrer durante a segunda guerra mundial, e mesmo antes da guerra, nos campos de concentração. Eles foram purgados e purificados, e deram graças a Deus por isso, porque esse foi o método pelo qual foram levados a entender a real natureza da vida cristã, e, acima de tudo, foram levados a um conhecimento mais profundo de Deus.

E, de novo, o capítulo doze de Hebreus expressa isso muito bem, não expressa? Vejamos: “Na verdade, toda correção, ao presente, não parece ser de gozo, senão de tristeza, mas depois produz um fruto pacífico de justiça nos exercitados por ela” (Hebreus 12:11). Há dor no momento, mas, oh, a situação fica muito melhor depois. Imaginem um atleta e seu treinador num ginásio. O treinador o força quanto pode.

Os músculos do atleta vão doer e ele vai se sentir terrivelmente mal, mas depois ele se verá mais forte que nunca.

O apóstolo Tiago foi habilitado a dizê-lo desta maneira: “Meus irmãos, tende grande gozo quando cairdes em várias tentações (tribulações)”. Considerem tudo isso um verdadeiro gozo! Por quê? Por esta razão, diz Tiago: “Sabendo que a prova da vossa fé opera a paciência. Tenha, porém, a paciência a sua obra perfeita” (Tiago 1:3,4). Seu preciso argumento é que as provas são a maneira pela qual a fé que você tem está sendo submetida a uma verdadeira prova.

Pedro também, quando lembra aos cristãos a grande esperança da ressurreição, escreve: “Em que vós grandemente vos alegrais, ainda que agora importa, sendo necessário, que estejais por um pouco contristados com várias tentações (provações)” – por quê? – “para que a prova da vossa fé, muito mais preciosa do que o ouro que perece e é provado pelo fogo, se ache em louvor, e honra, e glória, na revelação de Jesus Cristo” (1 Pedro 1:6,7). Maravilha!

Demos então o passo final nesta pequena peça de argumentação, o qual é o seguinte: as provas e as tribulações são justamente as coisas que mais nos fazem pensar no céu e na glória que nos espera. Isso por causa da nossa imperfeição. Quando as coisas vão bem, sem provas nem problemas, vivemos só para este mundo, e alguns chegam a ensinar que se pode obter a salvação neste mundo. Mas as Escrituras não dizem isso. Só se tem um “adiantamento”, “uma primícia”. Temos somente “o penhor da nossa herança” (Efésios 1:14). Mas muitos parecem pensar que temos tudo aqui; jamais pensam no mundo por vir. Isso tem sido evidente em parte da pregação e do ensino evangélico, de ênfase subjetiva e introspectiva ou egocêntrica. Entretanto o Novo Testamento sempre fala sobre o céu e sobre a glória do céu. E não há nada que nos faça olhar para isso como a tribulação. “O mundo está demasiadamente conosco”, escreveu Wordsworth. E então o mundo mostra seus dentes e você começa a ver o que ele é

realmente, e começa a olhar para o mundo vindouro.

Eis como o apóstolo expõe o assunto, escrevendo aos coríntios: “A nossa leve e momentânea” – notem o termo – “tribulação *produz* para nós um peso eterno de glória mui excelente”. A “leve tribulação”, esta dificuldade e aflição, produz para nós, cria realmente para nós, da maneira que lhes mostrei, “um peso eterno de glória mui excelente; não atentando nós nas coisas que se vêem, mas nas que se não vêem; porque as que se vêem são temporais, e as que se não vêem são eternas” (2 Coríntios 4:17,18).

Portanto, seja “paciente na tribulação”, e esta lhe fará todo um mundo de benefício, e você até dará graças a Deus por ela. Você dirá: “O Senhor corrige o que (ele) ama”, e evidentemente Ele me ama”. E você Lhe dará graças por tudo o que Ele lhe ensinou deixando-o passar por um período de provação. “Todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus” (Romanos 8:28). Você sabe disso? Tem experiência disso? Se não tem, não passa de uma criança, de um novato na vida cristã. Graças a Deus que Ele nos conhece melhor do que nós mesmos. Ele sabe o que é bom para nós.

*O botão pode não agradar,
Mas bela a flor depois será.*
– William Cowper

“Sede pacientes na tribulação.”

Isso nos leva, então, à última injunção deste versículo, que é: “perseverai na oração”. Vocês vêem a conexão? Eu disse que a tribulação nos faz pensar no mundo por vir, e isso faz com que nos lembremos do Senhor. E, daí, isso naturalmente nos leva de imediato à questão geral da oração. Aqui também temos algo que é salientado em todo o Novo Testamento. É admirável a frequência com que este ponto é abordado. Disse o nosso Senhor que os homens têm “o dever de orar sempre, e nunca desfalecer” (Lucas 18:1). E o apóstolo, na parte final da

Epístola aos Efésios, quando estava tratando de “toda a armadura de Deus”, conclui assim: “Orando em todo o tempo com toda a oração e súplica no Espírito, e vigiando nisto com toda a perseverança e súplica por todos os santos” (Efésios 6:18). E em 1 Tessalonicenses 5:17, ele escreve: “Orai sem cessar”. Nunca parem de orar, nunca deixem de orar. É uma injunção universal.

E outra vez quero demonstrar a vocês a conexão inevitável de todas estas declarações. Esperança! Tribulação! Oração! Já vimos essa conexão no capítulo oito de Romanos, onde o apóstolo escreve: “Em esperança somos salvos. Ora a esperança que se vê não é esperança” (Romanos 8:24). Ele tinha falado sobre a tribulação, e então chega à esperança. Contudo, tendo falado sobre a esperança, ele diz: “Mas, se esperamos o que não vemos, com paciência o esperamos. E da mesma maneira também o Espírito ajuda as nossas fraquezas; porque não sabemos o que havemos de pedir como convém” (versículos 25 e 26). A tribulação, a esperança e a oração sempre vão juntas no Novo Testamento, e esse é um bom modo de nos provarmos a nós mesmos para que possamos ver se elas andam sempre juntas em nossa experiência. É o que deve acontecer.

Noutras palavras, o ensino é este: por que devemos “orar sem cessar”? Por que devemos “insistir” ou “perseverar na oração”? E a resposta do nosso Senhor em Lucas 18:1 é claramente que a oração é a única alternativa ao desfalecimento. Os homens têm “o dever de orar sempre, e nunca desfalecer”. Se você quiser evitar o desfalecimento, persevere na oração. Esse é o único meio de permanecer firme sobre os próprios pés num mundo como este, governado como é pelo diabo. Mantenha-se em oração – “Perseverai na oração”. Não pare nunca.

Pois bem, estas coisas são muito práticas, e de novo devo perguntar: vocês se dão conta da necessidade que temos de orar até esse ponto? Se não, por que não? Vocês oram sem cessar? O ensino de todo o Novo Testamento é que devemos ser

insistentes na oração. Pode-se dizer isso de nós? Se não se pode, torno a perguntar, por que não? Será porque somos indolentes, ou será porque estamos espiritualmente mortos e não nos damos conta do conflito existente? Será devido à ignorância espiritual? Temos nós um conceito errôneo da vida cristã? Esta vida é descrita por muitos santos como uma luta. “A boa milícia da fé”, o apóstolo a denomina em 1 Timóteo 6:12. “Não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas, sim, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais” (Efésios 6:12). Um tremendo conflito! E os cristãos são um povo que ora, e que ora constantemente. Se não o fazemos, é porque somos ignorantes, ou preguiçosos, ou então somos estultamente autoconfiantes, que é consequência da ignorância. Temos um conceito errôneo da regeneração e achamos que agora podemos fazer tudo.

Que será que o apóstolo quer dizer, então, com “perseverai na oração”? Em que consiste esse processo de oração do qual ele fala? Primeiro deixem-me apressar-me a dizer o que ele não é. Não se trata de algum tratamento psicológico. Não há nada que seja mais antiespiritual e antiescriturístico do que o uso que muitos fazem da oração tão-somente como um método de terapia. O que eles querem dizer com orar é ter belos pensamentos – “pensamento positivo”, às vezes assim chamado. Mas isso não tem nada a ver com a oração. Isso é as pessoas falarem consigo mesmas, e se você está falando consigo mesmo, não está orando, porque orar é falar com Deus. A oração não é pensamento psicológico, nem auto-sugestão.

Tampouco Paulo quer dizer que oremos apenas como um dever. Alguns budistas e outros têm seus discos ou rodas de oração e, como os fariseus, “pensam que por muito falarem serão ouvidos” (Mateus 6:7), referindo-se ao número de horas que eles dedicam à oração. E há pessoas que contam suas contas.*

* As contas do rosário. Por sinal, o rosário tem sua inspiração e origem >>

Isso é mecânico; absolutamente não é oração, mas justamente o contrário. A oração é inteiramente espiritual. Não, falando de oração Paulo se refere à nossa aproximação do “trono da graça” (Hebreus 4:16). Orar significa ir à presença de Deus, ter comunhão pessoal com Ele, “chegar-nos a Deus” (Tiago 4:8). E é sobre isso que Paulo está falando aqui. “Sede perseverantes na oração”: estai sempre em contato com Deus.

Por que isso é essencial? Por que você deve “perseverar na oração”? Permitam que lhe dê algumas razões. Um bom motivo é que quando você se dirige a Deus em oração, tem o grande e fortalecedor consolo de saber que Ele está ali, que você não está só. As crianças fazem esse tipo de coisa, não fazem? Se você estiver falando com uma criança no escuro e a criança estiver amedrontada, ela falará mais que o habitual. Por quê? Simplesmente para assegurar-se de que você ainda está ali com ela – isso lhe dá um maravilhoso conforto. Todos nós somos crianças, e mesmo que a oração não fizesse nada mais, isso em si já seria maravilhoso. Vejam o hino: “Ó Jesus, Eu Prometi”. Diz o escritor:

*Não temerei a batalha,
Se Tu ao meu lado estiveres;
Não sairei do caminho,
Senhor, se meu guia fores.*
– John Ernest Bode

Num período de provação, acaso não é maravilhoso poder conversar com a pessoa certa? Num sentido, a conversação pode não fazer nenhuma diferença para as circunstâncias, porém faz uma tremenda diferença para você. Mantenha-se, pois, em conversa com Deus.

< < nas práticas pagãs mencionadas pelo autor. O uso do rosário pela igreja católica romana começou oficialmente no ano de 1090, numa afronta direta e grosseira às palavras de Jesus Cristo registradas em Mateus 6:7. Nota do tradutor.

O Comportamento Cristão

E, por sua vez, tudo isso lembra o cuidado protetor de Deus e o Seu poder de proteger.

*Preciso de Ti toda hora;
Fica bem perto de mim;
As tentações se enfraquecem
Quando estás perto, Senhor.
– Annie Sherwood Hawks*

E mais:

*Não temo inimigo algum,
Contigo à mão para me abençoar.
– Henry Francis Lyte*

Ou escutem outro hino:

*Deixa-me sentir-Te perto;
O mundo está perto demais,
Vejo cenas fascinantes,
Sons tentadores escuto:
Meus inimigos estão perto,
Sempre, por fora e por dentro;
Mas, ó Jesus, vem mais perto,
Defende-me do pecar.*

*Faze-me ouvir Têu falar
Em claros e suaves tons,
Sobre os ventos da paixão
E o rumor do meu querer.
Fala, ó Deus, para firmar-me,
Animar-me e dirigir-me;
Fala-me, e faze-me ouvir-Te,
Ó Protetor da minh'alma!
– John Ernest Bode*

São assim as orações dos santos, e elas mostram o que significa a oração. Você tem consciência das dificuldades de fora e de dentro de si, e sabe que você é fraco. Por isso fala com Ele e Lhe pede que esteja com você e que O livre.

*Cordeiro de Deus, segura-me
Junto ao Teu lado ferido;
Somente ali poderei
Estar a salvo e em paz.*

*Laços e inimigos fora,
Temor e luxúria dentro,
Só a graça, que me achou,
Puro poderá manter-me.*
– James George Deck

E assim a oração é ir a Ele por essas razões, e ter o desejo de ficar perto dEle. Isso é instintivo na criança, e todos nós somos crianças e filhos de Deus. É por isso que devemos orar sem cessar. Quando fizermos isso, receberemos dEle forças. Devemos pedir-Lhe. Tiago coloca isso nestes termos – tendo perguntado, noutras palavras, “Por que estais com problemas?”, responde simples e claramente: “Cobiçais, e nada tendes; sois invejosos e cobiçosos, e não podeis alcançar; combateis e guerreais, e nada tendes” – por quê? – “porque não pedis” (Tiago 4.2). A graça não é uma coisa que lhe é dada como que num pacote. Não é uma coisa que está numa máquina. Você não coloca ali a sua moeda e retira o pacote. Não, não, é uma relação pessoal, e você precisa ficar pedindo. Não lhe é dado tudo numa só grande doação, e depois você fica tirando dali. Não, você pede e continua pedindo ao Doador.

Portanto, você Lhe pede, você vai a Ele, e você recebe dele forças. Diz o apóstolo: “Posso todas as coisas em Cristo que me fortalece” (Filipenses 4:13). “Não estejais inquietos por coisa alguma”, escreve ele; “antes as vossas petições sejam

O Comportamento Cristão

em tudo conhecidas diante de Deus pela oração e súplica, com ação de graças. E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e os vossos sentimentos em Cristo Jesus” (Filipenses 4:6,7).

Pois bem, a essência da oração é isso. Não é apenas seguir mecanicamente uma lista, ticando os itens à medida que você faz um pedido após outro. Ah, quanta oração é feita mecanicamente hoje em dia! E muitos acham isso maravilhoso. Mas é o tipo budista de oração. A verdadeira oração é comunhão íntima e pessoal; é desejar a proximidade da Pessoa porque você sabe que “foi do agrado do Pai que toda a plenitude nele habitasse” (Colossenses 1:19). Por isso você pode dizer com outro escritor de hinos:

*De Ti, que és transbordante manancial,
Noss'alma bebe renovadas águas;
Enquanto a fé em sua nativa força
Dissolve-se, consome-se e morre.*

Isso é o bom velho Isaac Watts. É por isso que você ora. Ou, como diz outro:

*Forte na força que de Deus vem
Mediante Seu eterno Filho;*

*Forte no Senhor dos Exércitos
E em Seu glorioso poder,
Quem na força de Jesus confia
É mais do que vencedor.*

*Para manter brilhante tua armadura,
Cuida de andar constantemente
Sob as vistas do teu Capitão,
Sempre velando em oração.*

– Charles Wesley

Aí está, meus caros amigos. Fomos e estamos salvos. Não pertencemos mais a este mundo, mas ainda estamos nele. Somos deixados aqui. Somos “peregrinos e forasteiros” (1 Pedro 2:11). Estamos em viagem, e este mundo está contra nós – contra tudo o que pertence a Deus. Como podemos vencer a jornada? Foi-nos dito como. Sim, vocês terão suas tribulações: “No mundo tereis aflições” (João 16:33). E, assim como Ele venceu o mundo, Ele nos habilitará a vencê-lo também. Nele seremos mais que vencedores. “Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação...” – certamente vocês se lembram da lista elaborada por Paulo – “ou a angústia, ou a perseguição, ou a fome, ou a nudez, ou o perigo, ou a espada?... Mas em todas estas coisas somos mais do que vencedores, por aquele que nos amou” (Romanos 8:35,37). Mantenha-se em contato com Ele. Procure sentir a maravilhosa emoção tantas vezes quanto puder. Seja perseverante, sempre! Certifique-se de que Ele está ali. Fale com Ele – Ele falará com você. Você sentirá a Sua presença, sentirá a Sua força, e Ele dará força a você. Então você poderá dizer com o grande apóstolo: “Posso todas as coisas em Cristo que me fortalece” (Filipenses 4:13). Os homens têm “o dever de orar sempre, e nunca desfalecer” (Lucas 18:1).

29

“Comunicai com os santos nas suas necessidades, segui a hospitalidade.” – Romanos 12:13

Chegamos aqui à última das “injunções gerais”, como as denominei. Paulo acaba de lembrar-nos que estamos sujeitos a provações e problemas, e que devemos ter uma idéia clara da nossa vida neste mundo, caso contrário ficaremos tristemente decepcionados e logo estaremos com dificuldade em nossa vida de fé. O nosso Senhor nos advertiu e nos preparou, e Paulo nos disse como devemos enfrentar a nossa tribulação pessoal.

Mas imediatamente ele vai adiante. Ele não pode deixar a coisa nesse pé, e prossegue: não somos os únicos a estar sujeitos a problemas. Todos os nossos companheiros de fé cristã estão sujeitos exatamente às mesmas condições. Por isso aqui Paulo nos lembra que devemos compreender a nossa responsabilidade com relação a eles e nos mostra que devemos ajudá-los a lidar com os mesmos problemas. É isso que temos neste versículo treze, e aqui, sugiro, Paulo termina a subdivisão. Até aqui ele tinha examinado a nossa vida cristã positivamente e nos indicara o que temos de fazer. Depois, do versículo 14 em diante, ele trata das nossas reações às coisas que as outras pessoas fazem, quer agradáveis quer desagradáveis.

Portanto, ao chegarmos ao fim desta pequena subdivisão, devemos entender a exegese das palavras. Isso é muito importante. Há duas declarações aqui – temos um equilíbrio. Vocês certamente notam que Paulo vem fazendo isso o tempo

todo, e aqui a primeira injunção é: “Comunicai com os santos nas suas necessidades”, (ou, VA: “Repartindo entre os santos em suas necessidades”); e então, a porção que estabelece o equilíbrio é: “Segui a hospitalidade”. E a segunda é uma espécie de interpretação ou elaboração da primeira, na forma de um princípio.

Examinemos, pois, os termos. “Repartindo” é uma palavra interessante e importante. Repartir ou distribuir é, naturalmente, uma parte do sentido, porém não é suficiente. É muito fraco, e não apresenta a plenitude do sentido comunicado pela palavra grega empregada por Paulo. Realmente significa “entrar em comunhão com a necessidade dos santos”. Você entra em comunhão com eles quando eles têm estas necessidades. É a mesma palavra que às vezes é empregada com referência a um “participante”. Essencialmente é, na verdade, a palavra que consta na bênção apostólica: “A graça do Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus e a *comunhão* do Espírito Santo”. Portanto, Paulo está dizendo que vocês não somente repartem seus haveres com os santos para atender às suas necessidades, mas que vocês entram em comunhão com eles; associam-se a eles; tornam-se seus co-participantes.

Noutras palavras, você deve sentir que o fardo deles é seu, que você está com eles em suas dificuldades, e que você próprio realmente as sente. Você entrou numa espécie de parceria com eles nos apuros em que se acham. É importante que compreendamos isso porque, se não o compreendermos, perderemos muito do ensino que Paulo ministra aqui.

Passemos, porém, à segunda palavra, “necessidade”, na verdade “necessidades”, referindo-se às necessidades básicas. O apóstolo não está dizendo que devemos co-participar com os nossos irmãos na fé em seus desejos ou em seus gostos e vontades. Todavia devemos entrar em comunhão e parceria com eles quanto às suas necessidades. Claro está que a distinção é importante. Ainda estamos na carne, e há alguns que nem sempre entendem bem a diferença entre necessidades

absolutas, por um lado, e luxos e prazeres, por outro. Há toda a diferença do mundo entre ser carente das necessidades da vida e querer mais do que se necessita. Vocês deverão entrar em parceria ou em companheirismo com os irmãos na fé quando eles estiverem realmente em dificuldades e necessitados.

Depois, notem ademais que o apóstolo diz: “Entrem em parceria com as necessidades dos *santos*”. Essa também é uma palavra interessante. “Os santos” são os separados, os que foram postos à parte. Portanto, o apóstolo não se refere a todos, e sim às pessoas que foram separadas por Deus. Aqui há algo que poderia deter-nos, mas não queremos deixar que isso aconteça neste ponto. Lembremo-nos, contudo, de que no Novo Testamento todo membro da Igreja é considerado santo. Em Romanos 1:7 Paulo escreve aos que estão “em Roma, amados de Deus, chamados santos”, e vocês encontrarão a expressão “chamados santos” ou “chamados para serdes santos” em muitas das suas Epístolas.

Numa era que está sendo governada cada vez mais em seu pensamento pelo ensino católico-romano, penso que precisamos lembrar-nos do sentido neotestamentário da palavra “santo”. O ensino católico-romano é que só alguns são santos – a imensa maioria dos membros da igreja (católica) não são. Só são santos aqueles que a igreja decide “canonizar”, e é preciso que a pessoa seja aprovada em certos testes para poder ser descrita dessa forma. Pois bem, nós devemos protestar contra isso. Os santos são chamados assim, não por causa de alguma coisa feita por eles, mas por causa do que Deus lhes fez. Eles foram “separados” por Deus mediante a fé no evangelho.

Esse ensino não está restrito ao apóstolo Paulo. Vejam, por exemplo, o apóstolo Pedro. Ele expressa o mesmo pensamento no início da sua Primeira Epístola: “Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos estrangeiros dispersos” – e menciona os países – “...eleitos segundo a presciência de Deus Pai, em *santificação do Espírito*, para a obediência e a aspersão do sangue de Jesus

Cristo” (1 Pedro 1:1,2). Bem, essa não é a santificação que se segue à justificação, porém a santificação que antecede até ao ato de crer, a santificação que significa “separar”, “reservar”. Ninguém que não seja separado e tomado pelo Espírito Santo pode crer. Ninguém se faz a si mesmo santo. Nenhuma igreja faz de alguém um santo, seja homem seja mulher. Os santos são feitos por Deus, e, repito, todos os cristãos são santos. Todos nós fomos tirados do mundo e colocados neste novo reino, nesta nova condição. Somos de Deus, e aqui Paulo nos diz que devemos entrar em parceria e comunhão com todos os que, sendo como nós, estão passando necessidade.

A segunda parte do versículo 13 está na forma de um princípio geral: “Segui a hospitalidade”. Que é hospitalidade? Empregamos freqüentemente essa palavra, não empregamos? Entretanto, outra vez, a palavra empregada pelo apóstolo é muito mais forte do que a nossa palavra hospitalidade. Nós a rebaixamos, como somos propensos a rebaixar muitas palavras. A palavra utilizada pelo apóstolo significa “amai os estranhos”; “ter amor pelos estranhos”. Paulo diz, com efeito: “Deveis ter amor ou afeto pelos estranhos”. Em Hebreus 13:2 é empregada exatamente a mesma palavra: “Não vos esqueçais de hospedar ou dar abrigo a estranhos” (VA). Poder-se-ia traduzir essa parte do versículo desta maneira: “Não vos esqueçais da hospitalidade”.*

Paulo diz que devemos ser “dados à hospitalidade”, e aqui de novo é extraordinário como quase cada palavra que estamos considerando neste ponto faz com que expressemos alguma crítica à Versão Autorizada. Todavia, as outras versões (inglesas) não são melhores aqui. É uma pena que as palavras inglesas são muito fracas. “Dados à hospitalidade” realmente significa *ir em pós* da hospitalidade, segui-la, procurá-la.

Permitam-me oferecer-lhes alguns exemplos da mesma palavra grega traduzida de melhor maneira. Vejam 1 Coríntios

* É como se lê em ARC. Nota do tradutor.

14:1. Vocês certamente se lembram de que, depois do grandioso hino de amor em 1 Coríntios, capítulo 13, o capítulo catorze começa com estas palavras: “*Segui o amor*”. Essa é a idéia presente em Romanos 12:13 – não que sejamos “dados ao amor”, mas sim que devemos “seguir-lo”, ir em pós do amor. Alguns exemplos ainda mais notáveis acham-se em Filipenses, capítulo 3, onde a mesma palavra aparece três vezes. Notem o versículo 6: “Segundo o zelo, perseguidor da igreja” (ou, VA: “perseguindo”). Perseguindo é a tradução certa ali, em Filipenses, mas a idéia é toda de seguir – ir atrás da Igreja para fazer-lhe mal. A palavra indica ímpeto, veemência. Ou também em Filipenses 3:12: “Não que já a tenha alcançado, ou que seja perfeito, mas *prossigo...*” (ou, VA: “sigo...”). Não simplesmente “dado a” essas coisas; sigo-as, vou em pós delas. E depois Paulo elabora essa idéia – “para alcançar aquilo para o que fui também preso por Cristo Jesus” – e a seguir desenvolve ainda mais a idéia. Depois, no versículo catorze, ele diz: “Prossigo para o alvo” (ou, VA: “empenho-me em seguir em direção ao alvo”) – é novamente a mesma palavra.

Pois bem, a tradução que temos nessa passagem de Filipenses é verdadeiramente inspirada. Observem que os tradutores (da VA) variam os termos para assinalar a força do grego. Contudo, todas elas são coesas em dar-nos esta tremenda idéia de ardor, de zelo, de desejo ardente e de busca de alguma coisa. Não apenas a idéia de “dados à” hospitalidade, mas realmente de ir em pós dela, sair atrás dela, persegui-la, segui-la, empenhar-nos em ir em direção ao alvo, por assim dizer.

Ora, um jeito muito bom de reforçar a presente injunção é mostrar a vocês o seu oposto, e nisso Pedro nos é útil, porque em 1 Pedro vemos algo que é quase a negativa desta injunção. Ali Pedro diz: “... Sendo hospitaleiros uns para com os outros, sem murmurações” (4.9), e ele está descrevendo pessoas que não estavam exercendo a hospitalidade de maneira correta. “Não murmurem pela hospitalidade quando a estão exercendo”, diz ele. Havia cristãos que achavam que tinham o dever

de oferecer hospitalidade, mas preferiam não fazê-lo. E assim, quando a ofereciam, murmuravam. Pedro diz: não ofereçam hospitalidade com pouca ou má vontade, a contragosto.

A classe de comportamento que Paulo espera de nós (não é a mesma palavra, porém o princípio é o mesmo) é aquela que encontramos em sua referência a Onesíforo, em 2 Timóteo 1:16-18, onde ele diz: “O Senhor conceda misericórdia à casa de Onesíforo, porque muitas vezes me recreou, e não se envergonhou das minhas cadeias. Antes, vindo ele a Roma, com muito cuidado me procurou e me achou. O Senhor lhe conceda que naquele dia ache misericórdia diante do Senhor. E, quanto me ajudou em Éfeso, melhor o sabes tu”. Você “procura” diligentemente; você aproveita a boa ocasião de ajudar.

São essas, pois, as palavras da injunção que estamos estudando. Que devemos dizer a respeito delas? Pois bem, ninguém que conheça a Bíblia poderá deixar de notar que aqui, em Romanos 12:13, o apóstolo nos está ensinando algo que é ensinado com muita frequência no Novo Testamento. Permitam que lhes dê alguns exemplos. O apóstolo volta a este assunto no capítulo 15 de Romanos, versículo 26: “Porque pareceu bem à Macedônia e à Acaia fazerem uma coleta para os pobres dentre os santos que estão em Jerusalém” – e isso lhe agradou muito. “Isto lhes pareceu bem, devedores como eles são para com eles”.

Depois vocês vêem a generosidade e a hospitalidade recomendadas ardorosamente em vários lugares, na forma de injunções positivas. Eis uma delas em Gálatas 6:6: “O que é instruído na palavra reparta de todos os seus bens com aquele que o instrui” (ou, VA: “...na palavra comunique* tudo que é bom”) “Comunique” – é a mesma idéia. Significa dar algo a ele, assisti-lo, ajudá-lo. Pouco adiante Paulo continua a falar-lhes, e exorta: “Enquanto temos tempo, façamos (o) bem a todos, mas principalmente aos domésticos da fé”. A mesma

* Note-se ARC em Romanos 12:13. Nota do tradutor.

idéia reaparece em Filipenses 4:15: “E bem sabeis também, ó filipenses, que, no princípio do evangelho, quando parti da Macedônia, nenhuma igreja comunicou comigo com respeito a dar e a receber, senão vós somente”. E isso o leva a elogiar os filipenses. Pode-se encontrar o mesmo pensamento em 1 Timóteo 6:18 e também, como já fiz lembrar a vocês, em Hebreus, capítulo 13, não somente no versículo dois, mas também no versículo dezesseis, onde o assunto é colocado nestes termos: “E não vos esqueçais da beneficência e comunicação” – notem a palavra “comunicação” – “porque com tais sacrifícios Deus se agrada”. Também nos é dito que os anciãos ou presbíteros e bispos devem ser “hospitaleiros” (ver 1 Timóteo 3:2), e devem praticar a hospitalidade com prazer. Essas são algumas das expressões empregadas com relação a tais pessoas.

Vocês vêem, pois, que este ponto era muito importante na Igreja Primitiva, e eu penso que havia uma razão especial. Os cristãos estavam sendo ferozmente perseguidos, e a qualquer momento podiam ter que abandonar seus lares e seus distritos e ir para qualquer outro lugar. Pois bem, todos os cristãos estavam em permanente estado de alerta para isso, e, na leitura que vocês fazem do Novo Testamento, devem sempre ter isso em mente; faz parte do cenário de fundo do Novo Testamento. Se não conhecermos as circunstâncias históricas dos primeiros cristãos, será difícil entender por que é dada forte ênfase a assuntos particulares, e o presente caso é um importante exemplo disso. Foi a perseguição que levou à necessidade de hospitalidade. Havia muito poucas hospedarias ou lugares para estada, de modo que, como é natural, na vida da Igreja Cristã Primitiva era preciso lembrar constantemente às pessoas a importância de oferecer hospitalidade.

Daí, qual será o ensino geral a nosso respeito? Qual será a aplicação para nós? A primeira coisa que devemos compreender mais uma vez é que Paulo não nos está dando apenas uma vaga injunção geral no sentido de que sejamos

bondosos. Já assinalei, com relação a todas estas injunções, que elas decorrem da doutrina e que sempre devem ser consideradas à luz da doutrina. Foi por isso que passamos tanto tempo considerando os dois primeiros versículos deste capítulo 12. Eles constituem a chave para a conduta geral do cristão e governam o restante desta Epístola, até o fim do capítulo 16. Não se esqueçam daquele “pois”: “Rogo-vos pois...”. Se vocês acharem que alguma destas injunções vai a contrapelo ou é forçada, é porque vocês erraram nalgum ponto em sua doutrina; de algum modo vocês não entenderam bem o pleno conteúdo daquele “pois”. Se vocês captaram realmente o sentido dos primeiros onze capítulos, todas estas coisas deverão vir natural e quase inevitavelmente.

Não somente isso, porém; para entendermos estas injunções, particularmente esta, temos que compreender também o pleno conteúdo do ensino que tivemos nos versículos 4 e 5 deste capítulo: “Assim como em um corpo temos muitos membros, e nem todos os membros têm a mesma operação, assim nós, que somos muitos, somos um só corpo em Cristo, mas individualmente somos membros uns dos outros”. Ora, é devido isso ser verdade que Paulo diz aqui: “Comunicaí com os santos nas suas necessidades; segui a hospitalidade”. Só veremos a relevância desta injunção e sentiremos sua força quando compreendermos o ensino central da doutrina da Igreja como o corpo de Cristo.

E não existe nada mais maravilhoso que esta verdade. Por que devemos fazer o que o apóstolo nos diz aqui, neste versículo treze? A resposta é que todos nós somos este povo separado. Vocês se lembram de como Pedro o expressa: “Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anunciéis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz; vós, que em outro tempo não éreis povo, mas agora sois povo de Deus; que não tínheis alcançado misericórdia, mas agora alcançastes misericórdia. Amados, peço-vos, como a

peregrinos...” (1 Pedro 2:9-11). Esse é o apelo.

Esta não é uma injunção geral dirigida aos cristãos no sentido de que sejam generosos para quantos estejam passando necessidade. Não, não, é muito mais particular. Como já vimos, devemos ajudar os santos que estejam passando necessidade, e, portanto, devemos levar conosco o ensino anterior, especialmente aquele ensino acerca do cristão como membro do corpo de Cristo. E também devemos ter em mente o ensino dos versículos 9 e 10: “O amor seja não fingido... Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal”. Esta injunção, neste versículo 13, é uma das maneiras pelas quais fazemos isso. Portanto, o ensino dado aqui presume que o que foi dado anteriormente precisa ser entendido em seu contexto.

Assim, Paulo está dizendo que todos nós somos família de Deus. Somos todos irmãos e irmãs. E acaso esse pensamento não é maravilhoso? Eu e vocês pertencemos à mesma família. Somos de fato relacionados mais estritamente como cristãos do que pelos laços naturais, porque somos membros da família de Deus, e no momento em que vocês se dão conta disso, já não há dificuldade sobre esta injunção. Se um membro da sua família está com problema, você está lá. “O sangue é mais grosso que a água”, você dirá. Bem, e eu digo: “O Espírito é muito mais grosso que o sangue, porque é o Espírito Santo de Deus”. É inevitável. Lembre-se do argumento de Paulo em 1 Coríntios, capítulo 12, onde ele usa a analogia do corpo. Diz ele: “Se um membro padece, todos os membros padecem com ele” (versículo 26). Você vê o seu irmão em dificuldade – bem, você está nisso com ele, está em parceria com ele. Paulo coloca isso numa injunção. Sim, mas é uma injunção que resulta de uma posição estabelecida. Trate de compreender a relação, e então trate de pô-la em prática.

Há outra ilustração disso que sempre me fascinou e que sempre gostei de ler. O capítulo doze de Atos nos informa que Pedro foi detido e posto no cárcere. Primeiro, o rei Herodes

tinha mandado prender e matar Tiago, irmão de João, e depois, “vendo que isso agradara aos judeus, continuou, mandando prender também a Pedro. E eram os dias dos asmos. E, havendo-o prendido, o encerrou na prisão, entregando-o a quatro quaternos de soldados, para que o guardassem, querendo apresentá-lo ao povo depois da páscoa” (versículos 3,4). A seguir, notem: “Pedro, pois, era guardado na prisão; mas a igreja fazia contínua oração por ele a Deus” (versículo 5). Somente um deles, só Pedro, estava literalmente na prisão, mas todos os membros daquela igreja estavam na prisão com ele. Estavam sofrendo com ele. Por quê? Porque ele era da família, era um irmão, e não pode acontecer nada com um irmão sem que todos nós o sintamos e nos envolvamos nisso junto com ele.

Indo de novo à Epístola aos Hebreus, vejamos como o autor se expressa sobre o assunto. Retornemos ao capítulo treze – na verdade, a minha dificuldade aqui é saber o que não citar! “Permaneça o amor fraternal. Não vos esqueçais da hospitalidade, porque por ela alguns, não o sabendo, hospedaram anjos.” E então: “Lembra-vos dos presos, como se estivésseis presos com eles, e dos maltratados, como sendo-o vós mesmos também no corpo” (Hebreus 13:1-3). Vocês estão presos com eles, no mesmo corpo com eles. Sei que isso significa que vocês também estão num corpo físico e que a mesma coisa pode acontecer com vocês, porém tem outro sentido também. Noutras palavras, há uma solidariedade, uma identificação. Nada pode acontecer com qualquer de vocês que não aconteça com todos. Esse é o ensino, e a doutrina é absolutamente essencial. Se vocês dão algo murmurando, estão mostrando que não entendem a doutrina da Igreja como o corpo de Cristo, e do seu lugar nela.

Assim é que o apóstolo nos está dizendo: reconheçam os cristãos quando se encontram com eles. Ali estavam eles, espalhados por toda parte por causa da perseguição, e alguns chegariam a Roma, como aconteceria com o próprio Paulo, e

como tinha acontecido com Priscila e Áquila. Diz o apóstolo Paulo: “Comunicai com os santos nas suas necessidades”. Então, como vocês os conhecem? Vocês têm que reconhecê-los, não têm? E isso também é uma coisa maravilhosa. Vocês reconhecem os cristãos quando se encontram com eles pela primeira vez? Deveriam. Graças a Deus este que lhes fala o faz. Muitas vezes encontrei pessoas que reconheci como cristãos na primeira vez que os encontrei. Podiam ter vindo de longe, alguns vieram d’além mar, mas nos reconhecemos mutuamente.

No entanto vocês não somente os reconhecem, alegram-se ao vê-los, e ficam ansiosos para ajudá-los. “Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo” (Gálatas 6:2). Queiram fazê-lo avidamente. Isso é expresso esplendidamente em 2 Coríntios, capítulo 8. Notem como o apóstolo o expressa: “Também, irmãos, vos fazemos conhecer a graça de Deus dada às igrejas da Macedônia”. Depois: “Como em muita prova de tribulação” – era a situação deles – “houve abundância do seu gozo, e como a sua profunda pobreza abundou em riquezas da sua generosidade” (versículos 1,2). Vocês não conseguem acrescentar nada a isso, conseguem? É como se Paulo estivesse descrevendo um caudaloso rio. Sua “profunda pobreza” é tão profunda como as profundezas do rio, porém igualmente profundas são as “riquezas da sua generosidade” numa grande “prova de tribulação”. Suas riquezas surgem das profundezas. E a “abundância do seu gozo” sobe às alturas. Eis aí esta tremenda corrente a fluir entre estas margens.

Pois bem, o apóstolo nos está exortando a seguir aquele exemplo de auto-entrega: “Porque, segundo o seu poder (o que eu mesmo testifico) e ainda acima do seu poder, deram voluntariamente. Pedindo-nos com muitos rogos a graça e a comunicação (a co-participação) deste serviço, que se fazia para com os santos. E não somente fizeram como nós esperávamos, mas a si mesmos se deram primeiramente ao

Senhor, e depois a nós, pela vontade de Deus” (2 Coríntios 8:3-5). Como certamente vocês notam, todo esse capítulo trata deste tema maravilhoso.

Noutras palavras, chega-se a isto: “Ama a teu próximo como a ti mesmo” (Marcos 12:31). “Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças” – e então – “Amarás o teu próximo como a ti mesmo”. Ame o seu irmão especialmente porque ele é seu irmão, e esta injunção, em Romanos, capítulo 12, vem a ser um teste muito bom da nossa posição, de nós mesmos como cristãos. João argumenta: “Quem não ama a seu irmão, ao qual viu, como pode amar a Deus, a quem não viu?” (1 João 4.20). É assim que funciona.

Mas o mesmo João expressa esta verdade em termos muito fortes. Às vezes as pessoas acham que João era o apóstolo do amor e que era muito mais terno que o apóstolo Paulo. Eu sempre vi o inverso disso. João, com a sua franqueza rude, me assusta muito mais que Paulo. Ouçam isto: “Conhecemos o amor de Deus nisto: que ele deu a sua vida por nós, e nós devemos dar a vida pelos irmãos. Quem pois tiver bens do mundo, e, vendo o seu irmão necessitado, lhe cerrar as suas entranhas, como estará nele o amor de Deus? Meus filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas por obra e em verdade” (1 João 3:16-18). Paulo nunca disse nada que fosse tão severo como o que aí temos. Dos dois ele é muito mais gentil.

Claro está que as palavras de João são perfeitamente verdadeiras. Paulo faz um apelo mais geral. João diz pura e simplesmente: “Não fique só falando sobre amar a Deus. Se você fechar suas entranhas de compaixão a um irmão que está em necessidade, não deve falar do amor a Deus; você é hipócrita”. João é um homem que nos chama de mentirosos se dizemos que conhecemos a Deus quando vivemos em pecado. Ele expõe este ponto com muita clareza para nós: “Nós sabemos que passamos da morte para a vida, porque

amamos os irmãos” (1 João 3:14). Sim, diz João, mas não amem os irmãos “de palavra, nem de língua”, e sim “por obra e em verdade” (1 João 3:18). Vocês têm que estar dispostos a renunciar à própria vida pelos irmãos, se for necessário, como Cristo renunciou à dEle por vocês.

Paulo aqui nos está exortando a fazer o tipo de coisa sobre a qual lemos que ocorria bem no começo da Igreja. Em Atos 2:44,45 lemos: “E todos os que criam estavam juntos, e tinham tudo em comum. E vendiam suas propriedades e fazendas, e repartiam com todos, segundo cada um havia de mister”. Lemos de novo exatamente a mesma coisa no capítulo 4:34,35: “Não havia pois entre eles necessitado algum; porque todos os que possuíam herdades ou casas, vendendo-as, traziam o preço do que fora vendido, e o depositavam aos pés dos apóstolos. E repartia-se a cada um, segundo a necessidade que cada um tinha”. E aqui Paulo nos está chamando simplesmente para esse tipo de vida.

Nesta altura há um ou dois pontos de interesse que devo levantar. Primeiro, penso que esta injunção do apóstolo Paulo lança luz sobre aquelas duas porções de Atos desta maneira: alguns entendem que em Atos, capítulos 2 e 4, temos a descrição de um tipo de comunismo que posteriormente foi abandonado. Mas, com base nesta injunção do apóstolo e noutras passagens que já lhes citei do Novo Testamento, parece-me claro que o cristianismo não ensina comunismo.

O cristianismo não ensina que devemos vender tudo o que temos e colocar o produto num fundo público, de modo que ninguém tenha mais nenhuma propriedade privada ou posses privadas. Não, ele ensina *mordomia*. Você continua tendo posses, porém é governado pelo espírito de amor, de modo que, se vê um irmão em necessidade, você lhe dá do que você tem. Essa é a igualdade da qual Paulo fala em 2 Coríntios, capítulo 8 – ninguém tinha falta do necessário, ninguém tinha demais. Os crentes contribuía em conformidade com a necessidade que surgia entre os irmãos.

Esse é um ponto muito importante, e poderíamos passar muito tempo estudando-o. Não podemos fazer isso, mas permitam que eu me expresse a respeito nestes termos: às vezes, na verdade eu diria sempre, é mais fácil a pessoa descartar-se de tudo quanto tem do que agir como mordomo ou despenseiro. Se você der tudo quanto tem e ficar sem nada, não terá problemas. Mas, se você reter as suas posses e, como cristão, souber que o seu irmão tem direito a elas quando estiver em necessidade, a sua responsabilidade e as suas dificuldades serão maiores. Contudo, é para isso que o Novo Testamento nos chama. Você é um mordomo de tudo o que tem, e deve entender que o que você tem pertence ao seu irmão e à sua irmã tanto quanto a você, se eles estiverem passando necessidade.

Ora, isso não é comunismo. O comunismo opera mediante decretos de lei; ele obriga as pessoas. É o oposto desta lei do amor. As palavras de Paulo são um apelo feito aos homens e às mulheres à luz da doutrina. O comunismo simplesmente força todos a se nivelarem. A lei do amor concita-nos a nos nivelarmos uns aos outros num espírito de amor, a fim de que todos nós estejamos sempre numa condição em que nenhum de nós sofra necessidade. Por isso é bom que saibamos estas coisas quando nos encontramos com pessoas que falam sobre o comunismo e dizem, ou que o cristianismo deveria ser como ele, ou que o comunismo é superior. O ensino do Novo Testamento é a resposta a esse argumento.

Segundo, o apelo que o apóstolo nos dirige aqui não é meramente um apelo social e geral do tipo que se faz muito freqüentemente nos dias atuais. Ele não nos está pedindo que façamos parte de alguma vaga filantropia secular. Há fome e carência em certos países, e é feito um apelo geral visando aliviar esse sofrimento, e as igrejas respondem positivamente a tal apelo. Mas não é isso que temos aqui.

Pois bem, esclareçamos bem o ponto. O chamamento primário feito aos cristãos é com relação aos seus irmãos em

Cristo. “Façamos (o) bem a todos, mas principalmente aos domésticos da fé” (Gálatas 6:10). Estes vêm em primeiro lugar. Naturalmente, se você tiver condições de ajudar outros além de ajudar os irmãos na fé, faça isso também. Entretanto as igrejas recebem pedidos de várias sociedades seculares que fazem grande benefício – a Cruz Vermelha, o Socorro à Fome, e várias outras. Pois bem, eu afirmo que não estamos envolvidos nesses apelos gerais. O nosso dever é ir em busca dos cristãos, dos santos, nesses países necessitados, e fazer o que pudermos para ajudá-los. Eles têm a prioridade, e com frequência são muito negligenciados. Aqui Paulo não se refere ao dever de dar do que temos indiscriminadamente, e penso que a igreja deveria ser mais zelosa quanto às suas prerrogativas neste aspecto, e não se submeter candidamente, e por vezes sem inteligência, a um apelo geral.

Muitos do mundo dizem: “Vocês, cristãos, claro, dentre todas a pessoas, deveriam atender a este apelo”.

Nós dizemos: “Ora, esperem um minuto; vocês sabem o que é um cristão? Os cristãos são homens e mulheres separados por Deus. Eles são santos, e nós temos obrigação para com certas pessoas necessitadas de outros países, obrigação maior do que para com a generalidade das pessoas daqueles países. Qualquer coisa mais que pudermos fazer, faremos pronta e alegremente como um ato de caridade e de compaixão, mas o nosso primeiro chamado é sempre o que nos vem dos santos, dos nossos companheiros e irmãos na fé em Cristo”.

Terceiro, há dificuldades para a efetivação da injunção de Paulo em Romanos 12:13, e uma das maiores é (lamento ter que usar esta linguagem) o pedinte profissional. As igrejas tem algum conhecimento de tais pessoas – pobres homens e mulheres que por várias razões se perderam. Tenhamos simpatia por eles sempre. Mas eles não têm direito de se tornar pedintes profissionais, especialmente numa época como esta, em que o Estado faz provisão para tais pessoas. Claro está que o que eles usualmente querem, embora não o

digam, é dinheiro para beber etc. etc.

Entretanto, que devemos fazer a respeito deles? Às vezes esses pedintes profissionais são um tanto arrogantes e estão prontos a citar um versículo como este de Romanos. Eles não sabem as palavras, mas citam o que julgam ser o espírito do texto. Eles pensam que a Igreja é uma instituição que dá a quem pedir, a qualquer pessoa que esteja em necessidade. Chegam quase a insistir que lhes demos algo.

Bem, é evidente que a Igreja Primitiva tinha exatamente o mesmo problema, não só nesta questão de dar a pedintes, mas também com relação a pessoas que viajavam de cidade em cidade através do Império Romano, e chegavam a uma igreja, anunciavam-se como grandes pregadores e queriam uma oportunidade para pregar a troco de hospitalidade. Que se faz com gente assim? Nem todos os que pensam que são grandes pregadores estão certos nisso, e, de fato, a maioria certamente não é! Mas havia pessoas desse tipo rodeando a Igreja Primitiva, e claro está que os cristãos tinham dificuldade nesse terreno. Por isso tiveram que adotar um novo método, o qual nos é descrito no início de 2 Coríntios, capítulo 3: “Porventura começamos outra vez a louvar-nos a nós mesmos? Ou necessitamos, como alguns, de cartas de recomendação para vós, ou de recomendação de vós?” Por causa do abuso desta exortação que estamos considerando, a Igreja Primitiva teve que recorrer ao expediente de cartas de recomendação. Quando, por exemplo, um irmão dizia que tinha que ir a Roma a negócio, era-lhe dada uma carta confirmando a verdade de suas afirmações – excelente prática.

Mas, que farão vocês se alguém não tem carta? Pois bem, é aí que toda a questão de discriminação ou discernimento entra – e o “dom de discernimento” é coisa que existe. Já o mencionei de passo. Como se reconhece um cristão verdadeiro? Bem, há várias maneiras pelas quais se pode fazer isso, e, lembrem-se, isso faz parte da nossa mordomia. Mordomo, homem ou mulher, não é quem dá algo à primeira pessoa

que pede. É preciso avaliar a pessoa. Um bom mordomo pode raciocinar, avaliar e aferir ou computar. Na verdade é muito simples esvaziar os bolsos para a primeira pessoa que aparece, porém pode ser uma péssima mordomia. Você pode estar ajudando alguém a continuar em pecado, se fizer isso, e depois, quando aparecer a pessoa certa, você não terá nada para lhe dar.

Não, os mordomos precisam saber o que estão fazendo. E o modo de submeter as pessoas à prova é ouvi-las falar; deixe que elas falem. Muitas vezes eu tive que fazer isso, e ainda o faço em meu gabinete, depois dos cultos. Depois de alguns anos, geralmente se pode dizer de que espécie é a pessoa com quem você está conversando. Um impostor geralmente começa com uma espécie de introdução espiritual, talvez agradecendo calorosamente o seu sermão. Contudo, você se sente inquieto. Se este homem é tão espiritual como afirma, por que está vestido tão mal? Por que não está aseado? Por que está despenteado? Será que alguém que é tão espiritual como este fulano parece que é, a julgar por sua conversa, pode ser realmente o que ele diz que é?

Assim, você o deixa falar e falar, e o apressa um pouco, e logo vê que o que ele realmente quer é lhe pedir dinheiro, e então você tem a oportunidade de lhe falar sobre sua alma. Você procura mostrar-lhe que os seus caminhos são maus, e pode dar-lhe alguma coisa para ajudá-lo, para mostrar que não o está condenando. Mas você desmascara o embuste, a falsidade e o fingimento, e depois age com caridade em relação a ele. Todavia todos nós temos cometido erros. Temos sido trapaceados; temos sofrido fraudes. Espero nunca ter-me negado a ajudar alguém realmente necessitado. Mas você precisa orar, pedindo capacidade de discernimento para poder reconhecer o cristão verdadeiro e uma situação verdadeiramente merecedora de ajuda.

Como se poderá, então, pôr realmente isso em prática? Bem, de maneira deveras maravilhosa o capítulo treze da

Epístola aos Hebreus nos fala sobre isso. O escritor fala a respeito de três tipos de amor. Primeiro: “Permaneça o amor fraternal”. Depois, no versículo dois, fala do “amor pelos estranhos”, que é traduzido pela Versão Autorizada (inglesa) nestes termos: “Não vos esqueçais de hospedar estranhos”. Você ama o seu irmão; você ama este estranho.

O melhor modo de mostrar este amor é obedecer ao que o escritor diz no versículo 5: “Sejam vossos costumes sem avariza”. Uma tradução melhor seria mais ou menos assim: “Que a vossa maneira de viver esteja livre do amor ao dinheiro”. Se você quer amar seu irmão, e quer amar o estranho, certifique-se de que não ama o dinheiro, pois, se você ama o dinheiro, não amará nem seu irmão nem o estranho. Temos aí, então, três tipos de amor, com duas instruções positivas e uma negativa. Comece pela negativa: não seja um amante do dinheiro, e então estará no bom caminho para amar seu irmão e para amar o estranho.

Permitam-me dirigir-lhes algumas palavras de ânimo como incentivo à prática desta exortação geral: “Comunicaí com os santos nas suas necessidades, seguí a hospitalidade”. Por que vocês devem fazer isso? Porque, fazendo-o, podem estar certos de que o estão fazendo sempre ao Senhor. Vocês se lembram de como o nosso Senhor fala sobre isso na parte final do capítulo vinte e cinco do Evangelho Segundo Mateus? Diz Ele: “E quando o Filho do homem vier em sua glória... e todas as nações serão reunidas diante dele... e porá as ovelhas à sua direita, mas os bodes à esquerda. Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo; porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me; estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e fostes ver-me. Então os justos lhe responderão, dizendo: Senhor, quando te vimos com fome, e te demos de comer? Ou com sede, e te demos de beber? E quando te

vimos estrangeiro, e te hospedamos? Ou nu, e te vestimos? E quando te vimos enfermo, ou na prisão, e fomos ver-te? E, respondendo o Rei, lhes dirá: em verdade vos digo que, quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes” (Mateus 25:31-40). Portanto, ame os seus irmãos. Entre em comunhão e em co-participação com eles em suas necessidades, e ame o estranho, porque não estará fazendo isso só por eles, estará fazendo “a Ele”. A Ele é que você estará agradando, e a Ele é que você estará servindo.

Permitam-me dirigir-lhes uma segunda exortação: “Não vos esqueçais de hospedar estranhos” – por quê? – “porque, com isso, alguns sem o saber hospedaram anjos” (Hebreus 13:2,3). E não existe experiência mais elevada que esta. Você deu acolhida a um estranho porque está seguindo esta injunção. Não havia muito que se pudesse apreciar neste estranho, mas depois você descobriu que tinha acolhido um anjo, que sem saber hospedara um anjo. Há histórias grandiosas sobre isso na literatura da igreja. Lemos que um grande santo estava viajando e, estando em necessidade, foi acolhido, e que a sua chegada ali veio a ser a maior bênção para a família hospedeira por ter ela obedecido à injunção do apóstolo Paulo.

Mas eis aqui um terceiro e final argumento para vocês. Pensem na recompensa que lhes virá – já falei dela a vocês na citação que fiz de Mateus, capítulo 25. Pensem no dia em que o nosso Senhor vai dizer: “Quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes” (versículo 40). “Bem está, servo bom e fiel... entra no gozo do teu senhor” (Mateus 25:21). “Possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo” (Mateus 25:34). Que maravilha!

No entanto, ouçam o nosso Senhor a insistir conosco, a exortar-nos e a animar-nos a que façamos justamente o que o apóstolo nos manda fazer. Aqui está, em Lucas 16:8,9. É a parábola do mordomo infiel: “E louvou aquele senhor o injusto mordomo por haver procedido prudentemente, porque os filhos deste mundo são mais prudentes na sua

geração do que os filhos da luz. E eu vos digo: granjeai amigos com as riquezas da injustiça; para que, quando estas vos faltarem, vos recebam eles nos tabernáculos eternos". Significa: façam bom e reto uso do seu dinheiro. Não sejam miseráveis. Ajudem os outros. Usem estas "riquezas da injustiça", o seu dinheiro, para fazer amigos seus, e assim, quando chegar o dia do seu fracasso, que certamente chegará quando vocês morrerem, e vocês chegarem ao outro lado, aqueles amigos, que partiram antes, estarão na linha de frente esperando vocês, e lhes darão as boas-vindas.

Deixemos que o apóstolo Paulo expresse esta verdade a seu modo, em 1 Timóteo, capítulo 6. Em certo sentido, todo esse capítulo trata desta questão que estamos considerando. Paulo diz: há pessoas das quais devemos afastar-nos. Quem são? Bem, são homens "privados da verdade, cuidando que a piedade seja causa de ganho" (1 Timóteo 6:5), são homens que mostram interesse pela piedade com vistas à obtenção de lucro. "Mas", diz ele, "é grande ganho a piedade com contentamento. Porque nada trouxemos para este mundo, e manifesto é que nada podemos levar dele. Tendo, porém, sustento, e com que nos cobrirmos, estejamos com isso contentes. Mas os que querem ser ricos caem em tentação, e em laço, e em muitas concupiscências loucas e nocivas, que submergem os homens na perdição e ruína. Porque o amor do dinheiro é a raiz de toda espécie de males; e nessa cobiça alguns se desviaram da fé, e se traspassaram a si mesmos com muitas dores. Mas tu, ó homem de Deus, fuge destas coisas, e segue a justiça, a piedade, a fé, o amor, a paciência, a mansidão" (versículos 6-11). No entanto, ouçam o que Paulo diz no fim: "Manda aos ricos deste mundo que não sejam altivos, nem ponham a esperança na incerteza das riquezas, mas em Deus, que abundantemente nos dá todas as coisas para delas gozarmos; que façam (o) bem, enriqueçam em boas obras, repartam de boa mente, e sejam comunicáveis" (VA: "dispostos a comunicar (a compartilhar)") – por quê? – "que entesourem

para si mesmos um bom fundamento para o futuro, para que possam alcançar a vida eterna” (versículos 17-19).

É exatamente o mesmo ensino ministrado pelo nosso Senhor em Lucas, capítulo 16. Ensina-os, diz Paulo, a usarem seu dinheiro, a se disporem a repartir, a estarem prontos a comunicar, a compartilhar; e ensina-lhes que, desta maneira, eles estarão realmente entesourando para si mesmos, no mundo futuro, este grande “saldo”, por assim dizer. Eles fazem isso aqui, e vão colher a recompensa lá. Dê a eles este conceito correto, esta correta perspectiva. Se agirem assim, diga-lhes, eles terão algo firme, algo certo e seguro, eles terão certeza absoluta da vida eterna.

E esse é o grande incentivo a que todos nós cumpramos esta injunção de Romanos 12:13. Entrem em parceria com todos os santos que estejam passando necessidade. “Persigam”, “busquem” este amor aos estranhos. Pratiquem a hospitalidade, a bondade para com os outros. E, ao fazerem isso, estarão agradando ao seu Senhor e Mestre. Estarão certos e seguros de que receberão dEle aquele encômio final, além do qual não se pode desejar mais nada: “Bem está, servo bom e fiel” (Mateus 25:21). Vocês terão hospedado muitos anjos sem o saber, ainda nesta vida, e ter-se-ão certificado da sua bem-aventurança eterna na glória sempiterna. E receberão ali as boas-vindas do Senhor, pessoalmente, e não somente dEle, mas também daqueles que vocês ajudaram quando estavam neste mundo mau e que partiram antes de vocês, e eles os receberão nos “tabernáculos eternos”, onde vocês habitarão. (Lucas 16:9).

30

“Abençoi aos que vos perseguem, abençoi, e não amaldiçoeis. Alegrai-vos com os que se alegram; e chorai com os que choram.”

– Romanos 12:14,15

Talvez eu deva lembrar aos que se interessam por estatísticas que este é o nosso tricentésimo vigésimo sexto estudo desta grande Epístola. Quando encerramos os estudos no fim de maio, tínhamos chegado ao fim do versículo treze, de modo que agora vamos começar a estudar o versículo catorze.* É uma espécie de junção, o fim de uma pequena subdivisão deste capítulo, mas, como constantemente eu lhes tenho lembrado, é importante que tenhamos em mente a disposição geral do assunto aqui tratado.

Alguns de nós são tentados a parar na doutrina e a achar que, quando chegamos ao fim do capítulo 11, já temos tudo o que realmente queremos da Epístola aos Romanos. Isso é fatal. Devemos tomar as Escrituras completa, de outro modo perderemos seu equilíbrio. E aqui, em toda esta divisão, como já vimos, o apóstolo está preocupado com a nossa vida diária, com a nossa vida prática.

Por que devemos preocupar-nos com isso? Um grande motivo é que a glória de Deus em Sua grandiosa salvação está envolvida. Se dissermos que somos pessoas que crêm no que lemos nos onze primeiros capítulos e vivermos de maneira

* Estes estudos foram retomados na sexta-feira, dia 7 de outubro de 1966, após um período de recesso, desde o fim de maio daquele ano. Ver também a nota de rodapé no início do primeiro estudo deste volume.

contrária a esse ensino, traremos má reputação à própria doutrina na qual dizemos que nos gloriamos. As pessoas – particularmente hoje em dia – interessam-se muito mais pelo que fazemos do que pelo que dizemos, de modo que, em certo sentido, a glória de Deus e da Sua grandiosa salvação está em nossas mãos, e o povo a julgará pelo que vê em nós. Se falarmos com grande conhecimento de causa sobre a justificação, a santificação e a glorificação mas continuarmos a viver como todos os demais habitantes deste mundo, os homens e as mulheres que nos observam inevitavelmente vão reagir dando as costas ao evangelho. Não somente isso, porém; estas verdades são tão interrelacionadas e entretecidas que jamais poderemos usufruir os benefícios da nossa grandiosa salvação, se não obedecermos aos seus preceitos.

São muitos os que se desviam aqui. Eles procuram bênçãos, procuram experiências, mas deixam de perceber que é no curso do dever comum e prático que terão maior probabilidade de obter as bênçãos que procuram. Se não puserem em prática este “pois” do versículo primeiro, de nada adiantará suplicar ou esperar bênçãos extraordinárias. Deus sempre tem concedido Suas maiores bênçãos aos que têm sido obedientes aos Seus mandamentos – as instruções e ordens do Novo Testamento bem como as do Velho Testamento. Portanto, se realmente estamos preocupados com a nossa felicidade pessoal, devemos seguir o caminho da obediência. Este caminho é a estrada real que nos leva ao gozo das bênçãos da salvação. “Se sabeis estas coisas”, diz o nosso Senhor, “bem-aventurados sois se as fizerdes” (João 13:17). Aí está, uma vez por todas. Se vocês sabem tais coisas – ótimo; mas isso não os fará felizes. Vocês só serão felizes quando as praticarem.

E, de igual modo, como estive indicando, certo é que a melhor forma de evangelização é os cristãos manifestarem a vida cristã em sua vida diária e em suas ocupações cotidianas. Sempre foi esse o método de Deus, através dos séculos. Foi assim que o evangelho se propagou nos primeiros séculos.

Foi isso que conquistou o mundo antigo. Muitas vezes não se permitia que os crentes pregassem, especialmente em grandes reuniões. Era a vida do cristão individual, do cristão comum, que exercia tal impacto que chocava o mundo antigo. Claro está que havia a pregação dos apóstolos e de outros, mas, como geralmente se concorda, foi este fator adicional o maior responsável pela propagação do evangelho. Esta é a melhor forma de evangelização. É quando as pessoas vêm em nós este algo peculiar que chama a atenção, que elas vêm dizer-nos: “Que é que vocês têm? Eu quero ser assim.” Isso tem sido demonstrado muitíssimas vezes na longa história da Igreja Cristã.

Pois bem, aqui somos levados a lembrar-nos disso tudo. Aqui vemos que o cristianismo teórico é inútil para os cristãos individuais, e certamente o é para os de fora. E de fato vou mais longe. Um cristianismo teórico é uma contradição de termos, pois todo o objetivo da salvação é fazer algo em nós e para nós, é levar-nos a Deus, levar-nos à perfeição, à glorificação suprema e definitiva. Não existe nada que seja tão errado, tão estulto e tão prejudicial como um cristianismo meramente teórico.

E assim, tendo isso em mente, passemos agora ao início do versículo 14, e dali até o fim do capítulo temos mais uma série de injunções particulares. Permitam que eu lembre a vocês que é difícil fazer uma classificação destas injunções. Alguns comentadores dizem que aqui o apóstolo só está tratando de pessoas de fora da Igreja. Mas eu penso que essa idéia é completamente injustificável – não acredito que ela seja aplicável aos versículos 15 e 16. Isso realmente não importa, porém prefiro colocar a coisa nestes termos: até agora o apóstolo nos tinha falado como devemos portar-nos para com as outras pessoas, sendo nossa a iniciativa, digamos assim. Mas aqui, penso que poderei mostrar a vocês, em cada caso ele está tratando da nossa reação ao modo de ser das outras pessoas e ao que elas nos fazem.

Vemos, pois, que os versículos 14-21 formam uma nova divisão. Eles vêm de um ângulo diferente a situação dos cristãos, em seu modo de viver no mundo. Aqui estamos nós, vivendo entre certos tipos de pessoas que tendem a fazer-nos algumas coisas. Então o apóstolo nos diz como devemos conduzir-nos à vista disso. Qual deve ser a nossa razão a elas?

Aqui, de novo, temos um assunto muito importante, pelo que me permitam fazer alguns comentários gerais. Primeiramente, notem mais uma vez a maravilha das Escrituras. Acaso não são perfeitas? Elas tratam de tudo – e deixem-me repetir que não existe modo mais falaz de examinar as Escrituras do que considerá-las como algo meramente teórico, apenas como uma visão idealista da vida. Não, as Escrituras são intensamente práticas, e aqui, em Romanos, capítulo 12, pode-se notar o seu rijo realismo. Elas nunca pintam um quadro róseo, nem dão a impressão – que as vezes é dada, particularmente na evangelização – de que, se tão-somente viermos a Cristo, nada irá mal novamente, mas estaremos caminhando pela estrada da vida de cabeça erguida, livres de problemas. Na verdade as Escrituras nos dizem o tipo de coisa que vemos no versículo 14: “Abençoai aos que vos perseguem”. Elas encaram o pior, e nos dizem como devemos encará-lo.

É evidente que isso faz parte da doutrina. Como já vimos, a mensagem do evangelho não é que o mundo vai ficar melhor, porém que eu e vocês somos salvos dele. O nosso bendito Senhor, com a grande sinceridade e realismo que vemos em toda parte, disse pessoalmente: “No mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo” (João 16:33). Os apóstolos diziam a mesma coisa. Lá pelo fim de Atos, capítulo 14, lemos que o apóstolo Paulo e seu companheiro, quando visitavam as igrejas, lembravam às pessoas que “por muitas tribulações nos importa entrar no reino de Deus” (versículo 22).

Para mim isso é maravilhoso. O evangelho não nos ilude,

nem procura seduzir-nos para entrarmos no Reino, nem nos incita oferecendo-nos uma falsa expectativa. Não, não, ele é completa e absolutamente honesto, e, de novo, essa é uma das grandes características distintivas do evangelho em contraste com as seitas. As seitas oferecem uma panacéia imediata. “Que coisa maravilhosa”, elas dizem. “Tudo vai correr bem!” Contudo, as Escrituras nos habilitam a estarmos preparados para o pior e nos dizem como enfrentá-lo.

Igualmente, quando passamos a examinar esta injunção particular que temos diante de nós aqui, vemos a imensa importância de recordar os versículos 1 e 2. Os cristãos agora são novas pessoas, e devem viver uma espécie inteiramente nova de vida. Vou mais longe – eles são os únicos seres humanos que podem viver a espécie de vida que é retratada aqui. As instruções e injunções que temos em Romanos, capítulo 12, não são apenas uma coleção de máximas morais como as dos escritores pagãos antigos – Sêneca e outros – ou como as escritas em séculos mais recentes – os escritos de La Rochefoucauld ou as cartas de Lorde Chesterfield, etc. O que temos em Romanos, capítulo 12, está muito longe disso tudo. Temos aqui um padrão que o homem natural é inteiramente incapaz de alcançar. Os seres humanos não têm a mínima possibilidade de viver da maneira que aqui somos instruídos a viver, a não ser que nasçam de novo, a não ser que sejam possuidores de uma nova natureza. Não existe maior heresia – e esta tem sido muito comum no século vinte – que a de que se pode obter comportamento cristão de pessoas não cristãs. Diga-se de passagem que a essência da heresia do pacifismo é que ela espera que as nações e as pessoas não cristãs ponham em prática estas instruções. Não podem praticá-las; é impossível. Noutras palavras, reitero, vocês jamais devem separar a prática da doutrina.

Assim, com isso em mente, examinemos as palavras de Paulo: “Abençoi aos que vos perseguem, abençoi, e não amaldiçoeis”. Aqui somos levados a lembrar-nos de que,

dado sermos cristãos, com certeza havemos de ser perseguidos. Este mesmo apóstolo escreveria mais tarde a Timóteo: “Todos os que piamente querem viver em Cristo Jesus padecerão perseguições” (2 Timóteo 3:12). O nosso Senhor tinha dito isso tudo antes dele. “Não é o servo maior do que o seu senhor” (João 13:16). “Se chamaram Belzebu ao pai de família, quanto mais aos seus domésticos?” (Mateus 10:25). Ele diz repetidamente: se me trataram desse jeito, quanto mais tratarão vocês assim (ver João 15:18-20).

Aqui também temos uma profunda partícula de doutrina. Sua veracidade é constantemente comprovada pelas coisas que acontecem conosco. De uma forma ou de outra, os cristãos são perseguidos. Por quê? Simplesmente porque são cristãos. O mundo só persegue os cristãos verdadeiros. Você pode ser membro de igreja e não sofrer nenhuma perseguição. O mundo não faz objeção aos que são membros de igreja. Mas, se você é cristão de verdade, nascido de novo, com uma nova natureza em seu ser, você será atacado por causa da sua nova natureza. Assim é que o mundo, sem o perceber, pode, ao persegui-lo, pagar-lhe um grande tributo e fazer a você uma grande bondade. Tratando você da mesma maneira como tratou o nosso Senhor, ele lhe dá uma prova absoluta de que você é filho de Deus. Disse o nosso Senhor: “Se o mundo vos aborrece, sabeí que, primeiro que a vós, me aborreceu a mim... porque não sois do mundo, antes eu vos escolhi do mundo, por isso é que o mundo vos aborrece” (João 15:18,19).

O mundo reconhece em nós justamente o que reconheceu em Cristo. Essa é a estupenda verdade que nos é dita nas páginas dos quatro Evangelhos. Eis aí o Filho de Deus, vindo do céu à terra. Ele só fez o bem. Ele “andou fazendo (o) bem” (Atos 10:38), dando alívio ao sofrimento e curando as enfermidades, sendo bondoso com as pessoas, pregando a mensagem do amor de Deus a um mundo decaído, e, todavia, o mundo O odiou, rejeitou-O e por fim O crucificou. Aí vocês vêem exposto o estado do mundo, confirmando

o que a Bíblia sempre diz sobre ele.

E a mesma coisa acontece com os que são Seus. Há abundantes declarações nesse sentido no Novo Testamento – só consideramos algumas. A perseguição assume muitíssimas formas diferentes. Às vezes pode ser aberta, gritante, física, até militar. Neste momento, em diferentes partes do mundo há pessoas nas prisões simplesmente porque são cristãs. Há pessoas, no mundo moderno, que estão sendo mortas porque são cristãs.

No entanto, a perseguição nem sempre vem dessa maneira. Pode ser na verdade muito sutil. Pode simplesmente significar as pessoas se entreolharem quando você entra numa sala ou num escritório. Pode significar as pessoas agirem contra você. Talvez o discriminem, prejudicando-o numa profissão ou num negócio – acontece muito disso. Pode ser um olhar de troça ou desprezo, ou uma insinuação, ou um crispar de lábios – todos os tipos de coisas. Não preciso tomar tempo para descrevê-las. Nunca se esqueçam de que não é obrigatório que a perseguição seja aberta ou física. Talvez as formas sutis, intelectuais e emocionais de perseguição sejam as mais cruéis. Mas, de diversas maneiras, a perseguição virá, e o apóstolo trata admiravelmente deste assunto.

Então, qual deve ser a nossa reação à perseguição? E aqui a instrução é bem clara: “Abençoi” – abençoi! – “aos que vos perseguem, abençoi, e não os amaldiçoeis”. O sentido literal da palavra traduzida por “abençoi” é “falai bem deles”, mesmo para Deus. Peçam a Deus que cuide deles e que seja misericordioso para com eles. Faça-lhes o bem da maneira mais elevada que conhecem, que é orar por eles.

Depois o apóstolo o coloca em termos negativos, e é preciso que ele o faça. “Não amaldiçoeis”, diz ele, e essa frase poderia ser traduzida melhor assim: “Abençoi aos que vos perseguem, e parem de amaldiçoá-los”. Paulo se expressa positiva e negativamente, como tantas vezes é seu método. É uma tendência instintiva amaldiçoarmos ou maldizermos

os nossos perseguidores, mas Paulo diz: parem de amaldiçoar. Antes, vocês devem abençoá-los.

Bem, é importante entender o que o apóstolo quer dizer com “não amaldiçoeis”. Ele não se refere ao lançamento de pragas. Os cristãos não são tentados a praguejar contra as pessoas; isso não é tentação para nós, porque não somos praguejadores. Não, o sentido é este: “Parem de invocar maldição sobre eles”. Esse é o perigo que corremos. Para o cristão, o perigo não é o uso de expressões fortes ou de linguagem grosseira ou maligna, e sim pedir que Deus amaldiçoe esses tais. Portanto, digo que o sentido do que Paulo diz é o seguinte: “Invoquem a bênção de Deus sobre eles, em vez de clamar a Deus que os amaldiçoe”.

E, ao dizer isso, certo é que o apóstolo está repetindo algo que o nosso Senhor já nos tinha ensinado no Sermão do Monte. Vocês encontram o referido ensino em Mateus, capítulo 5, do versículo 43 em diante: “Ouvistes que foi dito: amarás o teu próximo, e aborrecerás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: amai a vossos inimigos, bendizeis os que vos mal-dizem, fazei (o) bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem”.

Mas há uma exposição ainda mais clara sobre este assunto em Lucas, capítulo 9, versículos 51 a 56. Temos aí um exemplo do que não devemos fazer e, por conseguinte, do que devemos fazer. Lemos: “E aconteceu que, completando-se os dias para a sua assunção, manifestou o firme propósito de ir a Jerusalém. E mandou mensageiros diante da sua face; e, indo eles, entraram numa aldeia de samaritanos, para lhe prepararem pousada. Mas não o receberam porque o seu aspecto era como de quem ia a Jerusalém”. Agora ouçam: “E os seus discípulos, Tiago e João, vendo isto, disseram: Senhor, queres que digamos que desça fogo do céu e os consuma, como Elias também fez?”

Esses homens praticamente disseram: “Queres que amaldiçoemos este povo em teu nome?” Foi o que eles

quiseram dizer. “Clamaremos por uma maldição do céu sobre este povo e o destruiremos? Eles estão recusando receber-Te. Eles se opõem a Ti. Não percebem quem és Tu.”

E então lemos: “Voltando-se, porém, repreendeu-os, e disse: vós não sabeis de que espírito sois. Porque o Filho do homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las. E foram para outra aldeia”. Pois aí está, perfeitamente. O nosso Senhor diz a Tiago e João: não façam isso. Eu não vim ao mundo para fazer isso. Eu vim para salvar os homens e as mulheres; por isso, parem de amaldiçoar e façam exatamente o oposto: peçam a Deus que envie uma bênção sobre eles.

Obviamente, este assunto é muito importante. E sua essência é que a nossa atitude face à perseguição deve ser positiva. Ora, isso é muito difícil. Não há nada que mais nos prove, talvez, do que suportar perseguição. Todavia nós temos que nos portar como cristãos, e isso testa a realidade do nosso cristianismo de maneira completa. O povo de Deus tem sofrido e agüentado perseguição através dos séculos. Todos nós experimentamos algo disso, o que torna muito importante entendermos bem este ensino particular.

Então, repito, a essência do ensino é que a nossa atitude e reação à perseguição tem que ser positiva. Não basta meramente não retaliar. Muitos pensam que isso é suficiente. Aquelas pessoas me fizeram isso – ah, instintivamente quero dar-lhes as costas ou zangar-me. Mas não o faço. Certo, isso está incluído, porém a injunção de Paulo significa mais que isso.

Também não significa apenas você dizer: “Muito bem, suportarei isso”, e o suporta ignorando o fato. Você diz: “Deixem que façam o que quiserem, eu o agüentarei. Eu o suportarei. Eu o tolerarei”. Mas isso também é inteiramente negativo. É resignação; não é fazer algo positivo a respeito. Isso igualmente está certo – não devemos retaliar e devemos suportar o mal que nos fizerem. Entretanto devemos ir

além disso também. Devemos desejar positivamente o bem das pessoas que nos tratam dessa maneira. “Abençoi” tais pessoas – desejai que lhes venha o bem de Deus. Orai a Deus pedindo-Lhe que as abençoe.

Mas, como se pode fazer isso? Porventura existe coisa mais difícil? Digo mais uma vez, somente os cristãos podem fazê-lo, e só eles podem porque só eles podem pensar no único meio que o torna possível. Como vocês vêem, não se trata aqui de sentimento. Vocês só podem abençoar aqueles que os perseguem quando acompanham um certo argumento, quando seguem um certo processo de raciocínio. E ninguém pode fazer isso, exceto o cristão. É por isso que eu quero explicá-lo a vocês.

Permitam-me, porém, assinalar mais uma coisa que, assim espero, servirá também de ajuda prática e será de valor para vocês. É que o princípio aqui formulado acerca da bênção dada aos que nos perseguem também governa a nossa reação àqueles que são relacionados conosco, ou dos quais somos amigos, mas que não são cristãos – a perseguição é um prolongamento dessa situação. Embora eles necessariamente não nos persigam, não nos entendem, e isso leva a dificuldades. Vocês todos têm sofrido esse problema. Vocês se tornaram cristãos, mas eles não. Que fazem vocês acerca deles? Bem, naturalmente, o perigo é vocês ficarem impacientes com eles, e até, às vezes, se aborrecerem com eles. O perigo que vocês correm é, por assim dizer, metaforicamente sacudi-los e reagir quase violentamente a eles pelo malogro deles. Vocês não se têm visto em dificuldade justamente neste ponto? Como hão de lidar com estas pessoas, com as quais vocês se preocupam tanto e pelas quais tanto se interessam, e que simplesmente são incapazes de enxergar a verdade? Vocês ficam estupefatos em face delas e, como eu disse, por pouco não se aborrecem com elas. Quais serão as regras?

Aqui temos, então, os princípios que devem governar a nossa ação em ambos estes casos. Primeiramente, você deve

começar lembrando-se da reação de Deus a você. Se você quer saber como reagir aos outros, comece lembrando como Deus reagiu a você, e o que Deus fez por você. Você agora é cristão; tudo bem. Mas, lembre-se do que você era outrora! Você não era um cristão nato – você era um pecador nato. Em muitas passagens as Escrituras nos dizem o que nós éramos. Éramos “inimigos” de Deus, diz Paulo em Romanos 5:10. Ele repete esse ensino em Efésios 4:18: Estávamos “separados da vida de Deus”. Em Romanos 8:7 ele diz: “A inclinação da carne é inimizade contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser”. Isso era verdade a respeito de cada um de nós. Não somente isso, éramos arrogantes em nossa atitude para com Deus, éramos desobedientes; transgredíamos os Seus mandamentos; transgredíamos as Suas leis. E não somente isso, éramos “odiosos”, diz Paulo, “odiando-nos uns aos outros” (Tito 3:3).

Que é que havia em nós que nos recomendasse a Deus? A resposta é, nada – absolutamente nada. E, apesar disso, agora somos cristãos. E somos cristãos porque Deus não nos amaldiçoou por sermos o que éramos. Ao invés disso, Ele nos amou. “Deus amou o mundo” – o mundo que há pouco descrevi para vocês – “de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (João 3:16). Foi assim que Deus tratou você quando você era como estas outras pessoas são agora. Você era até pior do que as pessoas do meu segundo grupo porque, num sentido, você perseguia a Deus, procedia contra Ele, propalava opiniões contra Ele, dizia coisas terríveis em seu coração, se nem sempre com os lábios.

Ou pensem no amor de Deus como o nosso Senhor o retrata no pai do filho pródigo. Lá está à perfeição. É inteiramente apesar do filho que o pai corre ao seu encontro, abraça-o e faz tudo o que faz por ele. Tudo isso apesar da falta de amor do filho, apesar do seu egoísmo total, apesar do seu desprezo por seu pai e por seu lar, apesar disso tudo – quão

século cegou os entendimentos dos incrédulos para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus”.

O cristão julga as pessoas dessa maneira o tempo todo. Este homem, diz ele, ou esta mulher que me está perseguindo, este grupo que talvez esteja me perseguindo, é gente que não sabe o que está fazendo. Eles não vêem; não sabem; não entendem. E lembre-se de que isso é igualmente verdadeiro a respeito daquele parente seu ou daquele seu ente querido que não é cristão, com quem você está começando a ficar aborrecido. Você diz: “Mas eu apresentei o evangelho a eles. Fiz tudo, e eles continuam sem ver a verdade.” Todavia, em vez de impacientar-se dessa forma, diga: “Eles não podem evitar isso. O diabo os cegou. São vítimas – estão espiritualmente enfermos – e é um erro eu me aborrecer com eles, como um erro seria eu me aborrecer com uma pessoa insana”. Você desenvolve a doutrina cristã dessa maneira. Aí está o seu segundo passo.

O seu terceiro passo é o seguinte – e quando você tiver dado o segundo passo isto já terá acontecido – você sentirá grande tristeza por seus perseguidores. E nem mesmo aí você pára. O próximo passo é que você desejará a salvação deles. Você dirá: “Que tragédia! Eles ainda estão onde eu estive outrora. Graças a Deus, fui libertado – oh, Oxalá eles sejam libertados também!” Que é que você vai fazer agora? Bem, você já começou a orar a Deus rogando-Lhe que os abençoe. “Abençoei aos que vos perseguem, abençoei, e não amaldiçoeis.” Tendo-os visto como eles são, você ora para que eles sejam libertados do laço de satanás, que sejam libertados da condenação da lei; que sejam salvos do inferno. Você dirá: “Devo rogar a Deus que tenha misericórdia deles, como teve de mim, e opere uma mudança neles, que lhes dê o novo nascimento, que lhes dê uma nova natureza, que os transforme de perseguidores, como Saulo de Tarso foi, em pregadores e em cartas vivas de recomendação do evangelho”.

“Abençoai-os” – é isso. Tendo praticado isso – e você não pode abençoar os seus perseguidores se não se fizer você mesmo uma bênção para eles; você não pode criar um bom sentimento; você precisa pô-lo em prática – no momento em que o fizer, a lógica se tornará inevitável. Se você não sentir tristeza por eles, significa que você não é cristão. Se você é cristão, forçosamente sentirá muito por eles, e isso o levará a orar pela salvação deles, pela libertação e regeneração deles.

Permitam-me encerrar, pois, fazendo-lhes algumas citações das Escrituras. Já citei a porção do capítulo nove do Evangelho Segundo Lucas. Leiam-na de novo, do versículo 51 ao 56: “Voltando-se, porém repreendeu-os, e disse: vós não sabeis de que espírito sois”. Vocês não estão se comportando como discípulos de Cristo. “Porque, o Filho do homem não veio para destruir as almas dos homens, mas para salvá-las” (versículos 55,56). Tenham compaixão deles; não deixem de entristecer-se por eles; orem a Deus em favor deles.

Contudo, o Senhor expõe este ponto em termos muito mais fortes em Sua parábola do servo que devia ao seu senhor uma grande soma de dinheiro. O senhor teve pena do seu servo e lhe perdoou a dívida. Mas o servo não teve piedade do seu conservo que lhe devia só uma pequena quantia. Então lemos: “E, indignado, o seu senhor o entregou aos atormentadores, até que pagasse tudo o que devia. Assim também vos fará meu Pai celestial, se de coração não perdoardes, cada um a seu irmão, as suas ofensas” (Mateus 18:34,35).

Isso expressa muito bem o assunto, não expressa? Ou leiam no Sermão do Monte aquela passagem que já citei parcialmente: “Ouvistes que foi dito: amarás o teu próximo, e aborrecerás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei (o) bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem; para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus; porque faz que o seu sol se levante sobre maus e bons, e a chuva desça sobre justos e injustos; pois, se amardes os que

vos amam, que galardão haveis? Não fazem os publicanos também o mesmo? E, se saudardes unicamente os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os publicanos também assim? Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus” (Mateus 5:43-48).

Esse é o nosso padrão. Temos que assemelhar-nos ao nosso bendito Senhor. Lembra-se de Lucas 23:34? Aí está o nosso Senhor – já O haviam capturado. Levaram-nO para morrer e O cravaram no madeiro. Então lemos sobre os dois malfeitores, um de um lado e o outro de outro. No versículo 33 lemos: “E, quando chegaram ao lugar chamado a Caveira (Calvário), ali o crucificaram, e aos malfeitores, um à direita e outro à esquerda”. A seguir, no versículo 34: “E dizia Jesus” – aqui está a interpretação de Romanos 12:14 – “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”.

“Ah, mas”, você dirá, “esse é o Filho de Deus! Esse padrão é alto demais para mim! Não posso aspirar a isso!” Bem, você deveria! Lembra-se da morte do mártir Estêvão? Em Atos 7:59,60 lemos: “E apedrejaram a Estêvão, que em invocação dizia: Senhor Jesus, recebe o meu espírito. E, pondo-se de joelhos, clamou com grande voz: Senhor, não lhes imputes este pecado. E, tendo dito isto, adormeceu”.

É-nos possível, a nós, os discípulos, elevar-nos à altura do nosso bendito Mestre e Senhor. “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”. “Senhor, não lhes imputes este pecado.” “Abençoi aos que vos perseguem, abençoi, não amaldiçoeis.” E assim vocês mostrarão que são filhos do seu Pai que está nos céus, e que alguma coisa da natureza divina que havia em seu bendito Senhor existe em vocês também.

31

“Alegrai-vos com os que se alegram; e chorai com os que choram. Sede unânimes entre vós; não ambicioneis coisas altas, mas acomodai-vos às humildes; não sejais sábios em vós mesmos.”

– Romanos 12:15,16

Na preleção anterior, estivemos considerando, em termos do versículo 14, como devemos reagir à perseguição, e agora chegamos à próxima injunção, que é a seguinte: “Alegrai-vos com os que se alegram; e chorai com os que choram”. Aqui também Paulo está preocupado com a nossa reação a outras pessoas, desta vez a pessoas que estão se alegrando ou chorando. O ponto realmente interessante deste versículo é a ordem em que o apóstolo coloca estas duas coisas – ele coloca a alegria antes do choro – e eu penso que ele faz isso deliberadamente.

A questão que ocorre neste ponto e que tem sido discutida com muita frequência é esta: o que é mais difícil, alegrar-nos com os que se alegram ou chorar com os que choram? À superfície, pode-se pensar que o primeiro é mais fácil, porém parece perfeitamente claro, assim que examinamos isto, que alegrar-nos com os que se alegram é o mais difícil dos dois. Mas, por quê?

Bem, isso nos leva, penso eu, ao cerne da vida cristã. “Chorar com os que choram” é mais ou menos natural. É sumamente excepcional a pessoa que não se sente tocada ao ver alguém chorando. Por natureza, por constituição, o ser humano natural, homem ou mulher, sente alguma reação empática quando alguém chora. Naturalmente, há pessoas que são tão endurecidas que nem o choro as comove. São

completamente imunes e parecem inteiramente destituídas de qualquer tipo de simpatia. Todavia não há muitas pessoas assim. Há algo em nós que tende a corresponder ao choro, e, por assim dizer, estamos prontos a chorar também.

Não somente isso, quando uma pessoa está chorando significa que nessa hora ela, homem ou mulher, está sendo humilhada ou está em dificuldade. Uma coisa ou outra mantém essa pessoa num estado de derrota. E tudo isso também nos torna muito mais fácil chorar. Para nós é muito mais fácil simpatizar com aqueles que estão por baixo do que alegrar-nos com os que estão por cima. Mas, por que é assim? Porque o maior problema de todos os seres humanos, sem nenhuma exceção, é o problema do ego, o problema do orgulho. O ego está sempre olhando para si mesmo. Ele quer ser considerado grande e importante. E isso é inato na natureza humana, desde a Queda. Uma das primeiras e principais coisas que aconteceram com os homens e com as mulheres em conseqüência da Queda foi que eles se tornaram orgulhosos e egocêntricos. E, naturalmente, envoltos no orgulho estão o ciúme e a inveja. Ora, quando alguém se alegra, ele tem algum motivo. Teve algum sucesso ou foi bem sucedido. Alguma coisa boa, alguma coisa que o exalta aconteceu com ele, e ele se sente firme sobre os seus pés – e se enche de alegria. E nós somos correspondentemente invejosos. Tudo o que há de pior no ego está envolvido neste ponto. Certamente não é natural alegrar-nos com os que se alegram.

Pois bem, se você se examinar e examinar a sua experiência na vida, penso que verá que é muito mais fácil chorar com os que choram, por causa do elemento de piedade que se faz presente quando as pessoas estão sofrendo. O fracasso, ou a falta de sucesso, ou alguma coisa que põe alguém abaixo, faz essa pessoa parar de competir conosco. Na verdade, por um certo tempo, estamos em melhor situação. Nós não estamos chorando – aquelas pessoas estão. Nós estamos por cima, elas estão lá embaixo, e por isso podemos chorar com elas. Daí,

chorar com os que choram é mais ou menos natural. Essa é a razão pela qual sugiro que o apóstolo põe em primeiro lugar a alegria, a fim de dar-lhe ênfase e nos desafiar com o mais difícil, antes de colocar o que é menos difícil.

Pois bem, certamente se deve tomar como concedido que em ambos os casos, tanto na alegria como na tristeza, o apóstolo presume que as causas da alegria e da tristeza são legítimas e verdadeiras. Se um homem se alegra por ter tido sucesso em fazer algo mau ou errado; se uma mulher se mostra muito feliz por ter roubado boa soma de dinheiro, obviamente não nos alegamos. Ou também pode dar-se o caso de um homem ou uma mulher estar chorando porque a sua ambição foi frustrada. Nesse caso não choramos com tais pessoas, antes as repreendemos. As pessoas podem chorar de raiva por razões muito egoísticas, porque o seu ego foi ferido, e também com essas não devemos chorar.

Repitamos, a ênfase do apóstolo é positiva. Ele não se limita a recomendar “Não inveje os que estão felizes” – que é o máximo que o mundo pode fazer. Isso, naturalmente, está na raiz da vida em geral. Vemo-lo quando os partidos políticos têm suas reuniões ou convenções.* Imagina-se que as pessoas do mesmo partido se estimam umas às outras e se alegram com o sucesso uns dos outros. Será? Bem, aí é que as biografias são tão importantes, como também as autobiografias – essas pessoas cheias de sorrisos, todas aplaudindo umas às outras, são invejosas e vivem conspirando e tramando o mal nas costas umas das outras. Parecem alegrar-se, mas não é o que acontece. É muito excepcional o homem ou a mulher que genuinamente se alegra com o sucesso alheio, e isso não acontece só entre os políticos, mas também entre os profissionais liberais e entre os acadêmicos, e em todos os círculos sociais.

* Este sermão foi pregado em outubro, quando os partidos políticos britânicos têm suas convenções anuais.

O maior problema de todos é o do ciúme e da inveja. Pode-se dizer que o mais alto que uma pessoa natural pode subir é evitar a inveja, e mesmo isso é quase impossível. Pode-se chegar ao estágio em que não é demonstrada a inveja, mas existe uma real diferença entre não demonstrar e não sentir. A questão é que não devemos nem sentir inveja. No entanto, isso é negativo, enquanto que o apóstolo é bastante positivo. Diz ele que você deve ter prazer positivo na alegria do seu irmão na fé; você deve realmente envolver-se em sua felicidade e alegrar-se com o sucesso ou com o que quer que seja que o esteja levando a alegrar-se. A ação negativa não é suficiente.

Há muitas maneiras negativas de lidar com a inveja. Muitos cultivam uma espécie de alheamento. Eu poderia desenvolver isso elaboradamente. Essa é a história da humanidade, e ela mostra a diferença que o evangelho faz. Houve homens que ficaram famosos por causa da sua serenidade estoica, que lhes deu a reputação de não serem ciumentos e invejosos. Contudo, quanto mais você aprende sobre tais homens por suas biografias e autobiografias, mais vê que o que realmente aconteceu foi que, depois de muito esforço, eles puderam chegar a uma espécie de serenidade filosófica na qual nada os pôde mover nem perturbar, e na qual eles pareciam ter-se livrado de toda paixão. Há sistemas que podem conseguir isso – a ioga, por exemplo. Você cultivava um tipo de resignação, ou certa passividade, de modo que não é afetado por coisa alguma que aconteça.

Mas isso é sempre negativo e nunca se aproxima do que estamos tratando aqui, nunca sabe o que é “alegrar-se com os que se alegram”. Tudo o que pode fazer é levar a pessoa a não mostrar a inveja ou a produzir o que às vezes se descreve como “a atitude romana”. Eu poderia facilmente ilustrar isso baseado na história do século vinte. E os grandes “romanos” que vocês conhecem não são tão impassíveis e desapaixonados como a sua imagem pública os levaria a acreditar. Existe um

tipo de rancor profundo no íntimo, e às vezes ele pode mostrar-se na forma de doença. Não sou daqueles que estão prontos a acreditar que, por exemplo, a morte de certas pessoas bem conhecidas, que morreram de câncer, seja explicada simplesmente por aquilo que estamos considerando. A ambição frustrada atinge todo o sistema orgânico, podendo até levar a uma enfermidade. Não devo entrar nisso. Tudo o que estou salientando é que a injunção do apóstolo é positiva: os cristãos devem “alegrar-se” positivamente “com os que se alegram”, como se o sucesso fosse deles próprios.

Mais uma vez, não seria óbvio que ninguém, homem ou mulher, jamais pode realizar isso por si mesmos? Vocês podem vestir um sorriso artificial, sendo que a sua felicidade ou alegria não tem nenhuma profundidade. Vocês podem mascarar um suposto prazer e jovialidade e congratulações de boca, porém não estamos sendo cínicos quando dizemos que bem se sabe que esse prazer não é real, não é verdadeiro. Quem é do mundo, homem ou mulher, a “pessoa natural”, não pode pôr em prática a injunção de Paulo. Há somente um meio pelo qual isso se torna possível, qual seja, a obra realizada pelo Espírito Santo em nós.

E como o Espírito Santo faz isso? Bem, esta é a glória da salvação cristã. O Espírito Santo trata de tudo o que está envolvido no ego, e o faz por meio do novo nascimento e de uma nova natureza. O novo nascimento é a única coisa que resolve o problema do ego. Nenhuma outra coisa pode fazê-lo, e é por isso que o nosso evangelho não ensina uma simples modificação do ego, e sim uma doutrina de regeneração, de um novo nascimento, de um novo ser, uma nova pessoa. Somente este evangelho da salvação em Jesus Cristo, o nosso Senhor, pode libertar-nos do nosso ego e do que está envolvido nesse horror. Funciona desta maneira: não somos somente libertados do ego, também somos identificados com os outros. Isso é o que há de maravilhoso. Nós nos tornamos membros da mesma família, pertencemos

à mesma Cabeça, pertencemos ao mesmo corpo.

A mesma idéia é apresentada em várias passagens do capítulo primeiro de Filipenses. A doutrina geral da Igreja como o corpo de Cristo contém implicitamente este ponto. Este é, na verdade, um dos meios pelos quais mostramos que pertencemos a um só corpo. Já no começo de Romanos, capítulo 12, o apóstolo tinha dito: “Assim como em um corpo temos muitos membros, e nem todos os membros têm a mesma função, assim nós, que somos muitos, somos um só corpo em Cristo, mas individualmente somos membros uns dos outros” (Romanos 12:4,5). Temos tomado tempo com essa doutrina porque, digo-o de novo, vocês não poderão fazer nada com relação a estas injunções se não entenderem bem a doutrina. De fato, precisamos retornar aos versículos 1 e 2. Vocês precisam não somente “não se conformar com este mundo”, mas também “ser transformados pela renovação (do próprio espírito) do seu entendimento” ou da “sua mente”, antes de terem a possibilidade de “alegrar-se com os que se alegram”. Contudo, sob a influência do Espírito Santo, e como resultado da Sua operação, é dada a vocês numa nova natureza e vocês a compartilham com outros, e é isso que os habilita a obedecerem à injunção de Paulo em Romanos 12:15.

Como? Bem, de acordo com este ensino, nada pode acontecer com os seus irmãos em Cristo sem que isso afete você, tanto negativa como positivamente, tanto com relação a chorar como com relação a alegrar-se. Em 1 Coríntios, capítulo 12, onde Paulo trata com maiores detalhes da idéia da Igreja como o corpo de Cristo, ele diz no versículo 26: “De maneira que, se um membro padece, todos os membros padecem com ele; e, se um membro é honrado, todos os membros se regozijam com ele”. Você não pode evitar isso porque o que quer que aconteça com o outro está realmente acontecendo com você. O corpo humano, como já vimos quando discutimos a ilustração, não é algo que se pode dividir em segmentos díspares e que não têm nada a ver uns

com os outros, estando interligados apenas por meio de barbante ou de barras de ferro ou de alguma outra coisa. Não, não; o corpo é uno, é orgânico, e seja o que for que aconteça com uma parte do corpo, envolve o todo. Como eu lhes disse, se você pegar uma infecção na ponta do dedo mínimo, logo terá dor de cabeça. A unidade do corpo torna isso inevitável. Você não pode evitá-lo, você sente a dor. E assim é com a Igreja, o corpo de Cristo.

Há muitos exemplos disso nas Escrituras. Tornem a ver, por exemplo, o incidente relatado em Atos, capítulo 12, quando Herodes, depois de matar Tiago, irmão de João, prendeu Pedro e o lançou na prisão. Mas lemos: “A igreja fazia contínua oração por ele a Deus” (versículo 5). Os crentes estavam com Pedro na prisão. No capítulo catorze de Romanos, onde Paulo fala particularmente dos cristãos, ele escreve: “Porque nenhum de nós vive para si, e nenhum morre para si” (versículo 7). Não podemos. Se somos cristãos de verdade, não podemos ter vida independente, isolada. Não somos nós quem decide isso, foi Deus que o decidiu, fazendo o Seu plano de salvação; e o Espírito faz de nós um só corpo. O que acontece com o outro me afeta e me influencia. Portanto, se um membro é honrado, todos nós nos alegramos com ele. Isso não está acontecendo só com ele, está acontecendo com o corpo de Cristo, está acontecendo com a Cabeça, e assim nos alegramos com a nossa grandiosa e gloriosa Cabeça.

Ora, o apóstolo tem outra maneira muito interessante de expressar esta mesma verdade. Sempre acho isso uma das coisas mais comoventes que ele escreveu, considerando quão vigoroso homem ele era, quão viril era a sua personalidade. Ouçam-no em 2 Coríntios, desta vez no capítulo 11. Ele está descrevendo seus problemas, dificuldades e ansiedades como ministro, como apóstolo. “Em trabalhos e fadiga, em vigílias muitas vezes, em fome e sede, em jejum muitas vezes, em frio e nudez. Além das coisas exteriores, me oprime cada dia o cuidado de todas as igrejas” (versículos 27,28). E depois, no

versículo 29: “Quem enfraquece, que eu também não enfraqueça? Quem se escandaliza, que eu me não abraze?” É isso – este grande e poderoso homem! Eu me abraço com justa indignação; eu me abraço de empatia. Embora ele tenha o cuidado de todas as igrejas, nada pode acontecer com qualquer indivíduo que ele não o sinta com toda a intensidade da sua natureza gigantesca e gloriosa.

Portanto, é assim que funciona: não há prova mais cabal da nossa profissão de fé cristã do que simplesmente esta capacidade de sentir com os outros cristãos. E, de fato, me é muito mais fácil estar certo e correto em cada ponto, em cada vírgula e em cada til da fé a que me apego, do que, na prática de fato, alegrar-me com aqueles que se alegram e chorar com os que choram. Mas isso é parte integrante do evangelho; faz parte do ensino. Se falhamos neste ponto, falar não adianta. Isso inclui a doutrina. A grande doutrina da obra do Espírito Santo na regeneração e em batizar-nos no corpo de Cristo está implícita aqui. É a “unidade do Espírito pelo vínculo da paz” (Efésios 4:3). Não nos adiantará muito dizer que cremos nas doutrinas, se não estivermos cientes de que elas têm que ser levadas à prática nas realidades da nossa vida diária.

Estou demorando nisso e o estou salientando porque mais do que nunca estou convencido de que é a falta de obediência prática às injunções de Paulo que explica o estado em que se encontra a Igreja e o fato de que as multidões estão fora dela. Era com escárnio que lançavam isso sobre os cristãos primitivos, mas era também um cumprimento – a zombaria: “Vejam como esses cristãos se amam”. E esse continua sendo o tipo de coisa que impressiona o mundo. Portanto, não separem doutrina e prática; uma sempre vai com a outra. E você comprova a realidade da sua doutrina pelo que você faz em seu comportamento diário.

Quão diferente teria sido a história da Igreja Cristã, se todos os cristãos tivessem posto em prática esta injunção de Romanos 12:15! Se vocês lerem a história da Igreja, verão

como o diabo constantemente se insinuou e quanto enredou o povo cristão impedindo-o de cumprir as palavras de Paulo. E tem havido pessoas de todos os lados que, embora zelosas da fé, têm sido culpadas neste aspecto. Não estou colocando uma contra a outra, estou pondo-as juntas – doutrina e prática, doutrina e experiência. Aí está; encaremos isso.

Prossigamos, porém. No próximo versículo o apóstolo nos diz: “Sede unânimes entre vós” (ou, VA, literalmente: “Sede da mesma mente uns para com os outros”). Essa é a principal injunção do versículo 16. Mas depois ele nos ajuda a entendê-la e a praticá-la, dizendo: “Não ambicioneis coisas altas, mas acomodai-vos às humildes”; e, em segundo lugar: “Não sejais sábios em vós mesmos”. Pois bem, estas coisas estão intimamente inter-relacionadas. Alegrem-se! Ora, vocês dirão, isso é questão pertencente às emoções. Concordo, mas claro está que não se pode dividir os sentimentos de uma pessoa separando-os do seu pensamento. Pensamento, sentimento e ação estão inextricavelmente entretecidos, de modo que Paulo, tendo dito aos cristãos da cidade de Roma “Alegrai-vos com os que se alegram; e chorai com os que choram”, agora lhes diz – e esta injunção os ajudara a obedecer à anterior – “Sede unânimes entre vós”.

Que significa isso? Significa pensar as mesmas coisas, concordar uns com os outros, estarem unidos no sentimento, nos interesses e nos objetivos dos seus interesses. Ou, colocando isso em termos negativos: não haja discórdia entre vocês. A Nova Bíblia Inglesa (“NEB”), que traduz essas palavras dizendo: “Tenham igual consideração uns pelos outros”, parece-me que errou completamente quanto ao sentido do texto. O que ela diz aí aplica-se muito mais ao versículo imediatamente anterior do que a este. O que os seus tradutores querem realmente dizer com sua tradução é o seguinte: “Tenham sobre os outros a mesma opinião que vocês têm sobre si mesmos, e, portanto, tratem-nos bem”. É perfeitamente correto fazer isso, porém sugiro-lhes que não é o que esta

particular injunção nos está dizendo. Este versículo se refere à mente; ele nos diz que tenhamos mente comum.

Ora, Paulo não quer dizer que como cristãos estamos obrigados a concordar em tudo uns com os outros. O que ele quer dizer é que devemos ter unidade com relação à verdade. E, naturalmente, ao pleitear isso, o apóstolo está fazendo algo que ele faz em quase todas as Epístolas por ele escritas. Vejamos isso em 1 Coríntios 1:10: “Rogo-vos, porém, irmãos, pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que digais todos uma mesma coisa, e que não haja entre vós dissensões; antes (que) sejais unidos em um mesmo sentido* e em um mesmo parecer”. Temos aí um perfeito comentário sobre esta injunção de Romanos 12:15.

Ou também em 1 Coríntios 11:17-19 Paulo expõe esse mesmo ponto: “Nisto, porém, que vou dizer-vos não vos louvo; porquanto vos ajuntais, não para melhor, senão para pior. Porque antes de tudo ouço que, quando vos ajuntais na igreja, há entre vós dissensões; e em parte o creio. E até importa que haja entre vós heresias, para que os que são sinceros se manifestem entre vós”. Nessa passagem o apóstolo está tratando exatamente da mesma coisa. Ou vejam-na em Filipenses, capítulo 1, particularmente no versículo 27: “Somente deveis portar-vos dignamente – em seu modo de viver e em sua conduta – conforme o evangelho de Cristo, para que, quer vá e vos veja, quer esteja ausente, ouça acerca de vós que estais num mesmo espírito, combatendo juntamente com o mesmo espírito** pela fé do evangelho”. É isso que Paulo busca.

Ou ainda em Filipenses 3:15,16: “Pelo que todos quantos já somos perfeitos, sintamos isto mesmo” – pensemos desta maneira – “e, se sentis” – ou pensais – “alguma coisa de outra maneira, também Deus vo-lo revelará. Mas, naquilo a que já chegamos, andemos segundo a mesma regra, e sintamos

* VA: “uma mesma mente”. Nota do tradutor.

** VA: “com uma só mente”. Nota do tradutor.

(pensemos) o mesmo”. É a esse fim que visa o apelo de Paulo. É a mesma coisa o tempo todo.

Ou vejamos isso de novo numa notável declaração que consta na Epístola aos Colossenses, no capítulo dois. O apóstolo diz: “Quero que saibais quão grande combate tenho por vós, e pelos que estão em Laodicéia, e por quantos não viram o meu rosto em carne; para que os seus corações sejam consolados, e estejam unidos em amor, e enriquecidos da plenitude da inteligência, para conhecimento do mistério de Deus, Cristo, em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência” (versículos 1-3). E ele dá prosseguimento a isso. Diz ele: “Arraigados e sobreedificados nele, e confirmados na fé, assim como fostes ensinados, abundando em ação de graças” (versículo 7).

Esta é a idéia principal desta particular injunção do apóstolo. Todos nós devemos estar mentalizando – pensando – as mesmas coisas. As nossas mentes devem estar operando do mesmo modo e seguindo os mesmos canais, para que não haja nenhuma divisão, nenhum cisma, mas sim unidade como povo cristão. Como porém se faz isso? Paulo continua a falar-nos sobre esse ponto nas duas injunções subseqüentes, as quais são explicações ou exposições desta primeira e também nos indicam como se pode realizar isso. A primeira é: “Não ambicioneis coisas altas”. É uma declaração importante. Paulo já nos dissera algo muito parecido em Romanos, capítulo 11, versículo 20: “Está bem: pela sua incredulidade foram quebrados, e tu estás em pé pela fé. Então não te ensoberbeças, mas teme”. É exatamente o mesmo pensamento.

Há alguma discussão sobre o que Paulo quer dizer com suas palavras “Não ambicioneis coisas altas” (VA: “Não penseis...”). Alguns dizem que a frase só se refere ao nosso pensamento, ao nosso orgulho e altivez intelectual, e eu me inclino a concordar que esse é o seu sentido primário, mas significa mais que isso. Penso que também se refere a altos

desejos, a ambição,* socialmente ou em qualquer esfera. Há também aqui uma advertência que se vê ao longo de toda a Bíblia. Vejam, por exemplo, o Salmo 131, que coloca isso diante de nós de maneira muito interessante e clamante. “Senhor”, diz o salmista, “o meu coração não se elevou nem os meus olhos se levantaram; não me exercito em grandes assuntos, nem em coisas muito elevadas para mim. De certo fiz calar e sossegar a minha alma; qual criança desmamada para com sua mãe, tal é a minha alma para comigo. Espere Israel no Senhor, desde agora e para sempre”.

Bem, aí está um homem que se dá conta do perigo de “pensar” ou “ambicionar coisas altas”. Quão sábio ele era! Quanta miséria moral muitos têm trazido sobre si por não terem seguido esse exemplo! O orgulho é uma força devastadora e sempre foi uma maldição no transcurso da longa história da Igreja. Quanto dano tem sido causado porque pessoas se fazem autoridades a si mesmas, pessoas que não são autoridades coisa nenhuma, e que, entretanto, sucumbem ao espírito de altivez e incham de orgulho por suas idéias pessoais. Permitam que lhes ofereça uma contraparte neotestamentária. Está novamente em 1 Coríntios, capítulo 8, o qual é virtualmente dedicado a este assunto do começo ao fim. O capítulo começa: “No que se refere às coisas sacrificadas a ídolos, reconhecemos que todos somos senhores do saber. O saber ensoberbece, mas o amor edifica. Se alguém julga saber alguma coisa, com efeito, não aprendeu ainda como convém saber”, etc. (ARA).

Nesse capítulo oito de 1 Coríntios Paulo fala sobre a questão do “irmão mais fraco”. Bem, na igreja de Corinto havia alguns cristãos que eram mais inteligentes e mais intelectuais que os outros, e eles tinham chegado a ter algum conhecimento sobre a questão de alimentos oferecidos a ídolos. Mas havia outros cristãos que ainda não tinham enxergado essa verdade,

* Cf. ARC. Nota do tradutor.

e os que tinham mente superior, os inteligentes, desprezavam esses “irmãos mais fracos”, e estes se escandalizavam. Como consequência disso tudo, houve grande problema na igreja. E é disso que Paulo fala aqui. Diz ele: não se considerem mentalmente superiores. Não se tornem altivos. Não sejam intelectualmente orgulhosos. Paulo trata do mesmo ponto em 1 Timóteo 6:17: “Manda aos ricos deste mundo que não sejam altivos, nem ponham a esperança na incerteza das riquezas, mas em Deus, que abundantemente nos dá todas as coisas para delas gozarmos”.

Essa é a injunção negativa, porém positivamente, em vez de agir dessa forma, diz Paulo, “acomodai-vos às humildes” (ou, VA: “condescendei com os homens de condição modesta”). Mas a tradução aqui é um tanto infeliz. A palavra “condescender” tornou-se objetável hoje em dia, e com razão. Portanto, seria melhor ter uma tradução diferente. A palavra empregada pelo apóstolo significa “arreatados” ou “levados por”. Portanto, ele está dizendo: não sejam altivos, mas, ao contrário, deixem-se levar pelos homens de condição modesta.

Permitam que agora eu lhes mostre por que essa é a tradução correta. Em Gálatas 2:13 o apóstolo emprega exatamente a mesma palavra grega. Ele está falando sobre certa ocasião em que ele e Pedro estavam em Antioquia, e ele diz: “e os outros judeus também dissimulavam com ele, de maneira que até Barnabé se deixou levar pela sua dissimulação”. Pois bem, “...se deixou levar pela” é uma tradução muito melhor. Não se deixe levar por coisas que o inchem e o levem à arrogância – arrogância, orgulho, altivez intelectual; deixe-se levar de diferente maneira.

Devemos observar também a nossa tradução da segunda parte desta injunção. Na Versão Autorizada (inglesa) lê-se: “condescendei com os homens de condição modesta”. Mas essa é uma interpretação defeituosa feita pelos tradutores, porque a palavra “homens” não está ali. Tudo o que temos no grego é “os humildes”. “Deixe-se levar pelos humildes.” E

através dos séculos os comentadores têm discutido se “humildes” significa coisas humildes ou pessoas humildes. E outra vez me parece que significa ambas as coisas, porque as pessoas e as coisas estão de tal modo misturadas e envolvidas que não há como separá-las.

Assim, Paulo quer dizer, primeiro, que devemos evitar tornar-nos intelectuais. Devemos usar o nosso intelecto, porém Deus nos livre de que algum de nós alguma vez se torne intelectual! Você deve procurar entender a doutrina, sim, mas no momento em que se torna orgulhoso do seu entendimento, este já não terá nenhuma utilidade para você. Isso é “pensar” ou “ambicionar coisas altas”, é agradar a si mesmo por sua cultura, por seu entendimento e por seu conhecimento. Não, não, diz Paulo, busque coisas humildes.

Mas, em segundo lugar, isso também se aplica às pessoas, porque o efeito inevitável de você ficar orgulhoso do seu conhecimento é, como já nos foi demonstrado em 1 Coríntios, capítulo 8, desprezar as pessoas que não têm o conhecimento que você tem. Por isso o apóstolo diz aqui: “Deixe-se levar pelas pessoas e coisas que são humildes” ou “modestas”. Entretanto nunca devemos fazer-nos culpados de complacência ou de protecionismo. Há um modo de misturar-nos com pessoas humildes apadrinhando-os, e essa atitude é vil, é totalmente má. É por isso que a palavra “condescender” (VA) deve ser banida do texto. Às vezes grandes personalidades se dignam ou condescendem em visitar gente humilde, mas isso é a antítese do cristianismo. Não, não, Paulo quer dizer, “faça-se um com eles”. Você deve deixar-se levar por coisas humildes e por pessoas humildes sem apadrinhá-las, sem que haja nenhuma suspeita de condescendência, absolutamente nenhuma.

Mais uma vez, encaramos aqui um dos mais completos testes da nossa profissão de fé. Ai está algo que o mundo não pode imitar. Muitas vezes o mundo nem tenta viver humildemente, mas às vezes tenta, e mesmo então é um fracasso

medonho! Somente o Espírito de Deus pode introduzir alguém nessa condição. Vejam o rei Davi, homem tão altamente exaltado e tão brilhante e que, no entanto, disse: “Eu preferiria ser porteiro da casa do meu Deus, a habitar nas tendas da iniquidade” (Salmo 84:10, VA). Ele não “pensava em coisas altas”.

Ou vejam o que o próprio apóstolo diz no capítulo primeiro desta mesma Epístola: “Desejo ver-vos, para vos comunicar algum dom espiritual...”(versículo 11). “Ah”, vocês dirão, “ele está se colocando num pedestal, não está? Ele diz: “para vos comunicar algum dom espiritual, a fim de que sejais confortados”.

Será que Paulo os está apadrinhando? Não! Vejam como ele continua: “Isto é: para que juntamente convosco eu seja consolado pela fé mútua, assim vossa como minha” (versículo 12). Este homem poderoso, o maior de todos os mestres cristãos, senta-se com eles no mesmo banco. É um intercâmbio, diz ele. Eu e vocês! “Fé mútua”! Eu tenho algo para dar a vocês, vocês têm algo para dar a mim. Paulo podia aprender deles. Aí está o grande apóstolo pondo em prática a sua própria injunção. E ele trata exatamente da mesma coisa em 1 Coríntios 3:18: “Se alguém dentre vós se tem por sábio neste mundo, faça-se louco para ser sábio”.

Mas, para que vocês não achem que este ensino está restrito ao apóstolo Paulo, ouçam Tiago, que diz precisamente a mesma coisa, em especial no capítulo dois. Diz ele: “Meus irmãos, não tendais a fé de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor da glória, em acepção de pessoas. Porque, se no vosso ajuntamento entrar algum homem com anel de ouro no dedo, com vestidos preciosos, e entrar também algum pobre com sórdido vestido, e atentardes para o que traz o vestido precioso, e lhe disserdes: assenta-te tu aqui num lugar de honra, e disserdes ao pobre: Tu, fica aí em pé, ou assenta-te abaixo do meu estrado, porventura não fizestes distinção dentro de vós mesmos, e não vos fizestes juízes de maus pensamentos?”

Notem então: “Ouvi, meus amados irmãos: porventura não escolheu Deus aos pobres deste mundo para serem ricos na fé, e herdeiros do reino que prometeu aos que o amam?” (Tiago 2:1-5). É isso que importa para os homens e mulheres cristãos. Eles não se preocupam se as pessoas são ricas ou pobres, inteligentes ou não – diga o mundo o que disser. Não, o que eles perguntam é: esta pessoa é cristã? Estas pessoas são ricas na fé? São filhos e filhas de Deus? Se é assim, eu pertenco a tais pessoas e gosto de conversar com elas. Gosto de reunir-me com elas. O ensino de Pedro é idêntico. Em 1 Pedro, capítulo 5, ele lembra aos presbíteros que ele próprio é “presbítero com eles”, mas diz no versículo 3: “Nem como tendo domínio sobre a herança de Deus, mas servindo de exemplo ao rebanho”. É isso.

E vocês podem ver a perfeita expressão desse ensino na Pessoa do nosso bendito Senhor – “amigo dos publicanos e pecadores” (Mateus 11:19)! Ele Se assentava com eles, comia com eles, e, em consequência disso, não foi compreendido. Não era condescendência, não era apadrinhamento paternalista, era natural. Essa era a Sua natureza santa. Certamente vocês se lembram de que Ele pegou uma toalha e lavou os pés dos discípulos e depois disse: “Eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também” (João 13:15). Era assim que Ele fazia as coisas. Era como Ele vivia. E Ele diz que um dos grandes testes do evangelho é o seguinte: “Aos pobres é anunciado o evangelho” (Mateus 11:5).

Portanto, precisamos dar ouvidos a esta injunção: “Não ambicioneis coisas altas, mas deixai-vos levar pelas coisas humildes e pelas pessoas humildes”. Não existe coisa mais incongruente do que as distinções sociais na Igreja Cristã. Todavia, isso tem acontecido, e acredito que em parte isso explica o presente estado da Igreja. A Igreja Cristã, como vocês a vêem em geral através dos séculos, tem sido um disfarce da Igreja do Novo Testamento. Seus líderes têm sido chamados “príncipes da igreja”. Príncipes da Igreja! Não existe

tal coisa. “Senhores” ou “lordes espirituais” – que negação da injunção de Romanos 12:16! É isso que tem feito tanto dano à fé cristã.

Por que é que as massas, a chamada classe trabalhadora, permanecem intocáveis face ao evangelho e fora da Igreja? A resposta que elas dão é que a Igreja é uma sociedade esnobe, enfatuada – a sociedade das classes média e média alta, e de algumas classes da alta roda – que é uma sociedade com consciência de classe! Dessa forma, muitas vezes a impressão dada é que o ministério consiste daqueles que estão numa espécie de grêmio que dá continuidade a Oxford e Cambridge, e que o povo está, por assim dizer, lá embaixo, nalgum lugar qualquer. É isso que destrói a fé cristã e que, na verdade, é uma negação do evangelho.

Isso vem acontecendo no século vinte.* Foram os nossos avós que cometeram esse erro. Vi isso em Gales do Sul, onde o operário tinha a impressão de que as igrejas pertenciam aos chefes de obras, aos proprietários e aos diretores de empresa, e que, como instituições, estavam contra o homem comum. Vocês devem ter visto estas distinções ainda mais claramente na Igreja da Inglaterra, onde freqüentemente o pároco era proprietário de terras, talvez filho de aristocratas, envolvia-se com a aristocracia e apadrinhava ou tratava o povo de forma paternalista.

Essas divisões sociais e intelectuais achavam-se em todas as partes componentes da Igreja Cristã. Há uma famosa história sobre uma pobre mulher que vinha saindo de um culto matutino realizado em Edimburgo, depois de ter ouvido um erudito sermão pregado por um dos grandes “príncipes do púlpito”, como eram chamados no século dezenove. Ah, quanto sofremos hoje por causa daqueles propalados príncipes do púlpito que não pregavam o evangelho mas entretinham o povo, e não semeavam a semente para o futuro! Eles eram

* Palavras proferidas em 1966. Nota do tradutor.

grandes demais para serem evangelistas,* grandes demais para pregarem de um modo que todos pudessem entender. Contudo, vocês se lembram da história? A pobre mulher estava saindo, e alguém lhe perguntou: “Gostou do culto?”

“Sim gostei”, respondeu ela.

Então lhe perguntaram: “Bem, sobre o que exatamente ele pregou?”

Sua resposta foi: “Longe de mim ter a pretensão de que posso entender ou seguir a cabeça de tão grande homem!”

De novo recomendo a vocês que leiam a história da Igreja do século dezanove e a comparem e a contrastem com a do século dezoito. Refiro-me principalmente às igrejas livres – a Igreja da Inglaterra não mudou muito, mas houve uma grande mudança nas igrejas livres. No século dezoito, como resultado do Despertamento Evangélico, via-se na prática justamente o espírito que o apóstolo está inculcando aqui. Mas depois ocorreu uma sutil mudança. O povo dizia: “Precisamos de um ministério culto”. E assim foram surgindo aqueles grandes homens, dotados de grande intelecto – estou pensando em vultos como o Dr. Dale, de Birmingham – e os ouvintes não sabiam do que eles estavam falando. Eles levavam seus problemas para o púlpito e falavam sobre negócios de Estado.

* Fui missionário no Chile durante cinco anos. Em meu primeiro ano lá, residindo em Concepción, a 600km ao sul de Santiago, falei com o Consistório (Conselho) que gostaria de convidar um ministro, já aposentado, que eu conhecia somente através de correspondência. O Consistório relutou um pouco, mas acabou concordando. O homem pregou várias noites em cultos evangelísticos. Tínhamos feito muitos convites, por vários meios, visita de casa em casa nas quadras próximas do templo inclusive, e Deus abençoou grandemente as reuniões e a pregação daquele ministro. No domingo à noite, após o culto, acompanhei-o até à estação rodoviária. Nós nos despedimos, porém, quando ele ia entrar no ônibus, voltou-se e me disse: “Vou lhe confessar uma coisa. Fazia muitos anos que eu não pregava um sermão evangelístico”! Naquela época (1961) a Igreja Presbiteriana do Chile era presbitério do Sínodo de Nova York, de forte influência modernista. Nota do tradutor.

Tenho uma espécie de admiração por eles, todavia, ao que me parece, foram esses homens que causaram o dano. A Igreja perdeu o rumo quando esse fator esnobe entrou.

Nada mais devastador que o orgulho pode entrar na vida da Igreja. E isso não se restringe à igreja. Esse elemento esnobe encontra-se também nos movimentos religiosos (paralelos). Nem todos são admitidos; você tem que pertencer a certa classe ou ter freqüentado certa escola.

Por isso eu não somente pergunto onde se vê esse tipo de coisa no Novo Testamento, mas vou mais longe e digo que isso é denunciado forte e completamente em todo o Novo Testamento. Quando vocês se encontrarem com pessoas, seja o seu único interesse este: esses homens e mulheres são filhos de Deus? São herdeiros da eternidade? Eles têm mentalidade espiritual? É com estes que vocês devem conversar e com os quais devem querer misturar-se, seja a sua gramática perfeita ou não. Mas eu não estou dando nenhum prêmio à ignorância ou à má gramática. Tudo o que estou dizendo é que não é dessa maneira que se avaliam as pessoas. O homem ruim de gramática tem o dever de melhorá-la, porém na Igreja não se deve julgar as pessoas por tais padrões. Não, vocês devem avaliá-las em termos espirituais. Vocês devem procurar esta fundamental vida do espírito que há em nós e que nos faz dizer com Davi que preferiríamos passar o resto da nossa vida na posição mais humilde da Igreja de Deus a estarmos na chamada “alta roda”, onde Cristo não é conhecido ou amado ou honrado. “Não penseis em coisas altas, mas deixai-vos levar pelas coisas humildes e pelas pessoas humildes.”

32

“Sede unânimes entre vós; não ambicioneis coisas altas, mas acomodai-vos às humildes; não sejais sábios em vós mesmos.”

– Romanos 12:16

Vimos que no versículo 16 o apóstolo nos faz um apelo especial para que tenhamos mente comum: “Sede de uma mesma mente uns para com os outros” (VA). Ele está dando ênfase à importância da harmonia que deve existir entre o povo de Deus porque essa é a única maneira de se ter harmonia na Igreja.

Eu devo lembrar a vocês que as duas declarações que governam toda esta divisão são os versículos 9 e 10. Diz Paulo: “O amor seja não fingido. Aborrecei o mal e apegai-vos ao bem. Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal, preferindo-vos em honra uns aos outros”. Esses são os princípios dominantes, e dali em diante o apóstolo os elabora e nos mostra como devem ser aplicados aos detalhes particulares da nossa vida.

Os versículos 9 e 10 constituem a base do grande apelo que Paulo faz quanto à “mente comum” de que ele fala aqui, no versículo dezesseis. Depois, como era seu costume na qualidade de um mestre muito sábio, ele prossegue e passa a mostrar-nos que existem duas coisas que tendem a militar contra o objetivo de que os cristãos tenham “a mesma mente uns para com os outros”. A primeira ele expressa com estas palavras: “Não penseis coisas altas, mas condescendei com os homens de posição humilde” (VA). Já tratamos disso na preleção anterior e vimos que a altivez e a soberba militam

contra esta harmonia, esta concórdia, esta unidade que deve existir na Igreja.

Mas agora o apóstolo diz mais uma coisa. O segundo perigo é: “Não sejais sábios em vosso próprio conceito” (VA). Isso também é muito importante. O apóstolo já o tinha dito no capítulo 11:25: “Não quero, irmãos, que ignoreis este segredo (para que não presumais de vós mesmos)”. Nessa passagem ele estava dizendo aos gentios que não se enchessem de soberba porque os judeus estavam falhando nesse tempo. “Não exagerem a importância de vocês”, diz ele praticamente. “Não se sobrestimem.”

E agora aqui está, mais uma vez. A tradução literal destas palavras é: “Não sejam sábios com vocês mesmos”. Paulo quer dizer: “Não fale consigo sobre si próprio e não se congratule a si mesmo por sua grande sabedoria”. Por certo vocês se lembram de que, em sua defesa diante de Agripa e de Festo, Paulo, referindo-se ao período anterior à sua conversão, diz: “Bem tinha eu imaginado...” (ou, VA: “Eu verdadeiramente pensava comigo...”) (Atos 26:9), e esse era todo o seu problema. Esse é todo o problema dos não regenerados, dos não convertidos. Cada pessoa sempre “pensa consigo mesma”; ela está sempre falando consigo. Todos os homens ou mulheres não convertidos são uma espécie de sociedade de mútua admiração. Eles falam consigo e sobre si, e especialmente, como o apóstolo indica aqui, falam sobre a sua própria sabedoria. Esta é uma grande advertência contra o orgulho intelectual. Vemos homens e mulheres gabando-se nela, sábios consigo mesmos. Toda a história da Igreja mostra o estrago que se avoluma em consequência do fato do povo cristão não observar esta injunção.

Examinemos estas palavras da seguinte maneira: estabeleço como uma primeira proposição que a maior parte de todos os pecados é o pecado do orgulho intelectual. Não hesito em asseverar que é um pecado maior do que o mal que João descreve como “a soberba da vida”. Em sua

Primeira Epístola ele fala sobre “a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida” (1 João 2:16). É evidente que este é outro perigo – mundanismo, mentalidade mundana – e é um pecado terrível; mas o orgulho intelectual é maior. Há algo de deveras estulto, creio eu, no orgulho da vida. Ele é ostentoso, e isso sempre o faz parecer ridículo, uma espécie de vã exibição. Todavia o orgulho intelectual é muito mais sutil.

Então, por que é que eu digo que este é de todos os maior pecado? Primeiro, esse foi o pecado do próprio diabo, pecado que o levou a postar a sua sabedoria contra a de Deus. Ele é um ser criado, e Deus o dotou de intelecto ou mente e de entendimento. Mas se tornou orgulhoso. Ele encheu de orgulho a sua mente e a sua idéia pessoal, e essa foi a causa da sua queda.

Segundo, como por certo vocês se lembram, o orgulho foi o primeiro pecado cometido no Jardim do Éden. O diabo, com sua sutileza, tentou Eva nessa linha: deu-lhe a idéia de que ela e Adão poderiam tornar-se como deuses, conhecendo tudo – sabedoria! E como esse foi o primeiro pecado e a causa da queda original, por essa razão, continua sendo o maior de todos os pecados.

No entanto, além disso, também esse é o pecado mais grave porque é o abuso cometido contra o maior dom de Deus à humanidade. Quando digo isso, não estou pensando no espírito como tal, mas nos dons, inclinações e faculdades que temos como seres humanos, as coisas que em especial nos diferenciam dos animais. Indubitavelmente, esse é o maior dom que Deus nos deu – o dom da razão, o dom do entendimento, o dom do pensamento, o dom da capacidade para avaliar coisas. Obviamente, pois, abusar deste maior dom é o maior pecado.

Ou vejam a questão desta maneira: é a nossa mente que nos deve livrar da maioria dos erros que cometemos e da maioria dos males que praticamos. É aí que o adulto é mais

indesculpável que a criança. Pode-se desculpar uma criança por fazer algo errado ou mau. As crianças não entendem e, portanto, seria cruel e errôneo esperar delas um comportamento adulto. Mas quando deixamos de ser crianças e passamos a ser adultos, será certo esperar que pensemos, raciocinemos, entendamos e tenhamos consciência da nossa responsabilidade.

Dessa forma, de todas as faculdades que temos, é a mente que nos deve habilitar a viver de maneira digna, verdadeira e sensata. Se você abusar deste dom, obviamente estará abusando daquilo que Deus lhe deu para salvaguardá-lo dos seus problemas, e não há maior pecado que esse. Assim aqui, desta maneira aforística ou sentenciosa, enérgica, o apóstolo põe diante de nós uma das coisas mais importantes que podemos considerar juntos: “Não sejais sábios em vós mesmos”, ou “Não sejais sábios em vosso próprio conceito”.

Com efeito, o orgulho intelectual pode assumir duas formas, e é importante considerar ambas. Uma é o conhecimento, e a outra é a sabedoria, e é importante podermos traçar uma distinção entre as duas. Lemos em Tiago 3:13: “Quem dentre vós é sábio e entendido?” (ou, VA: “Quem dentre vós é sábio e dotado de conhecimento?”) “Sábio” – mas há mais uma coisa – “dotado de conhecimento.” A sabedoria e o conhecimento são estreitamente inter-relacionados, claro, mas não são idênticos.

Pode-se explicar a diferença assim: o conhecimento é informação, é ter ciência das coisas, é a descoberta de coisas, é familiarizar-se com coisas. É algo que pode ser ensinado. Não é preciso que eu desenvolva isso porque estamos vivendo numa época dada à aquisição de conhecimento – vivemos na era das enciclopédias, na era em que as pessoas ouvem instruções e recebem informação de muitas formas diferentes. Isso explica a popularidade dos programas de concursos pela televisão. Eles propiciam conhecimento a você – promovem a reunião e aquisição de certo número de fatos, de grande e de pequena grandeza.

Mas, que é sabedoria? Ah, aqui está o ponto importante! É uma coisa essencialmente diversa. Você pode ter grande conhecimento e, todavia, ser totalmente falto de sabedoria. E, por outro lado, você pode ser um homem ou uma mulher de grande sabedoria, tendo porém muito escasso conhecimento. É, pois, importante entendermos bem a relação entre ambos. Pode-se definir sabedoria como “o poder ou a capacidade de usar e de aplicar o seu conhecimento”. Vocês vêem a distinção? Vocês podem ter grande conhecimento, porém pode faltar-lhes a sabedoria para fazer uso dele.

Talvez a maneira mais simples de expressar isso seja dizer que toda a tragédia do mundo no presente momento é que ele tem um imenso conhecimento, mas tem terrível falta de sabedoria. Observem o conhecimento científico que temos. E então? Por que é que o mundo está como está? Por que está em polvorosa? Por que se acha num estado de tensão? Porque a sabedoria humana não é proporcional ao seu conhecimento. Os homens e as mulheres adquirem vasto conhecimento, porém, porque lhes falta sabedoria, não sabem usar o seu conhecimento. Sabedoria é o poder, a faculdade, a capacidade de canalizar o que você sabe para bons e nobres fins.

Lembro-me de que, há muitos anos, quando eu estava tentando praticar um pouco de medicina, um meu colega era uma ilustração perfeita da diferença que existe entre ter conhecimento e ser capaz de usá-lo. Esse homem era um excelente estudante no sentido de que ele era bom na leitura de compêndios. Ele tinha uma espantosa memória fotográfica, e era bom nos exames porque sabia responder perguntas teóricas. Entretanto quando esse homem se defrontava com um paciente de carne e ossos com uma doença não muito difícil, via-se que ele era incapaz de aplicar o seu grande conhecimento livresco. Em muitas ocasiões observei a sua incapacidade de tratar de um caso que se lhe deparava. Ele era um homem muito instruído, mas um pobre clínico, um pobre médico. E vocês conhecerão casos

similares em quase todas as carreiras da vida.

Pois bem, o problema atual do mundo é que ele exalta os homens e as mulheres que possuem mero conhecimento. Por muito inteligentes que sejam, não basta. Deveria dar-se o caso de que quanto mais conhecimento tivessem, mais sábios seriam, e é por causa do pecado que isso não acontece. Daí as dificuldades da raça humana. E assim é que as pessoas que são sábias em seu próprio conceito podem ser orgulhosas, ou do seu conhecimento, ou da sua sabedoria. Os do primeiro grupo, incapazes de traçar a distinção entre sabedoria e conhecimento, entendem que o seu conhecimento é sabedoria, e assim erram. Os do segundo grupo, embora sem muito conhecimento, julgam-se sábios. Pode até ser que sejam sábios de verdade e que recebam elogios por isso, mas então ficam convencidos e orgulhosos.

Contudo, que é que torna isso um mal tão grave? Por que é que o apóstolo diz: “Não sejais sábios em vós mesmos”? Há várias respostas. A primeira é que você não deve ser sábio em si mesmo, ou em seu próprio conceito, porque isso realmente não se justifica. Você não tem do que se orgulhar; você está se iludindo. Observem o homem que se orgulha do seu conhecimento. A pergunta que se lhe deve fazer é: que é que você realmente sabe?

“Ah”, diz ele, “mas eu sei isto, isso e aquilo.”

Mas então mostrem a ele quanto ele não sabe! Vocês sempre verão que o grande erudito de verdade é modesto. O velho adágio di-lo perfeitamente: “Ter um pouco de conhecimento é coisa perigosa”. É a pouca instrução que vira a nossa cabeça e nos leva a pensar que sabemos tudo. Quanto mais as pessoas sabem, mais percebem o que não sabem. Daí, quanto maior for o erudito, mais humilde pessoa será, quase invariavelmente. E o apóstolo expressa isso muito bem quando trata justamente deste problema em 1 Coríntios 8:1,2. “Ora”, diz ele, “no tocante às coisas sacrificadas aos ídolos, sabemos que todos temos conhecimento” (VA). O

conhecimento incha, mas o amor edifica. E, se alguém cuida saber alguma coisa, ainda não sabe como convém saber” – e essa é a pura e simples verdade. Por isso, quando você se sentir tentado a orgulhar-se do que sabe, basta lembrar-se do que não sabe.

Paulo refere-se a isso de novo em 1 Coríntios, capítulo 13, onde ele diz: “Agora vemos por espelho em enigma, mas então veremos face a face: agora conheço em parte” (versículo 12). “Porque, em parte conhecemos, e em parte profetizamos; mas quando vier o que é perfeito, então o que o é em parte será aniquilado” (versículos 9,10). Quão pequeno é o nosso conhecimento! É apenas como o que se vê “por espelho em enigma” (VA: “obscuramente”). Na melhor das hipóteses, é apenas um conhecimento parcial. E também em Filipenses, capítulo 4, com seu maravilhoso conhecimento do Senhor, Paulo diz: “Não julgo que o haja alcançado” (versículo 13). Ele dá graças pelo que tem, mas, diz: “Prossigo para o alvo” (versículo 14). Oh, há tanta coisa para se possuir, e ele tem tão pouco!

É aí, repito, que o mundo enlouquece no presente, gabando-se do seu conhecimento. O conhecimento é uma coisa magnífica, enquanto não nos gabamos dele. Mas, não obstante o pouco que sabemos, a nossa ignorância é pavorosa. E claro está que se dá exatamente a mesma coisa com a sabedoria. Quem não comete erros nesta vida? Muitas vezes o sábio se porta como tolo. Um dos homens mais sábios de todo o Velho Testamento é Salomão, porém vejam o fim da sua vida. Como se fez tolo aquele sábio! Lembrem-se de como ele começou e da espantosa sabedoria que desfraldou – como no caso das duas mulheres e seus filhos (1 Reis 3:16-28). Salomão, o homem de Provérbios e provavelmente de Eclesiastes, foi famoso por sua sabedoria, e, contudo, em sua vida pessoal, quão imprudente, quão tolo, foi!

No momento em que você propende a orgulhar-se da sua sabedoria e a jactar-se dela, simplesmente olhe para a

sua vida pregressa e veja os erros que cometeu, e você se humilhará e entrará nos eixos. Em Romanos 1:22 o apóstolo nos informa que foi isso que aconteceu com toda a raça humana. “Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos.” E vejam o mundo com toda a sua suposta sabedoria. Alguma vez ele foi mais louco que hoje? Ele se gaba do seu entendimento e do seu conhecimento, mas vejam o que ele está fazendo. Homens e mulheres, nas profissões liberais, pessoas de grande conhecimento, na verdade pessoas que muitas vezes podem dar bons conselhos a outras, transformam sua própria vida em tragédia. A falta de sabedoria! Assim, se você tende a jactar-se da sua sabedoria, provavelmente está fazendo algo falso; portanto, não faça isso.

E depois, em segundo lugar, considerem isto: qualquer que seja a sabedoria, qualquer que seja o conhecimento que você tenha, você não tem nada do que se gabar, porque não foi você que os produziu. Se você tem aquele tipo de papel mata-borrão mental que pode absorver fatos e que faz de você um bom aluno, bem, não foi você que o produziu; você nasceu com isso. Você pode ter adotado esquemas para desenvolvê-lo, porém se você não tiver capacidade para iniciar o processo, não irá muito longe. Igualmente com a sua sabedoria – você pode ter um dom natural que lhe favorece a sabedoria, mas isso também você não produziu, de modo que não se gabe disso. Torne a ler 1 Coríntios, capítulo 3, e verá que ali o apóstolo trata amplamente deste ponto.

Mas permitam que lhes diga uma coisa ainda mais importante. “Não sejais sábios em vós mesmos” – porque, se forem, sofrerão grande dano. Como já vimos, em 1 Coríntios 8:1 Paulo diz: “O conhecimento incha”. Infla! Entretanto infla com quê? Que é que serve para inflar coisas? Gás! Ar! Não é uma coisa real, concreta, sólida, não “edifica”, diz ele. Na medida em que o amor edifica, o conhecimento incha. Parece grande, mas é um balão, uma bexiga inflada, cheia de orgulho. É algo devastador para a personalidade, destrói a

perspectiva pela qual a pessoa se vê e vê a vida.

No entanto, talvez eu possa me expressar melhor desta maneira: quando somos orgulhosos nos fazemos culpados das mesmas coisas que o apóstolo diz em 1 Coríntios, capítulo 13, que não são próprias do amor. Parece complicado, não parece? 1 Coríntios, capítulo 13, às vezes é chamado o hino do amor, e nele o autor, Paulo, fala negativa e positivamente sobre o amor. Assim é que, se você se orgulhar da sua sabedoria, se se jactar do seu conhecimento, se for sábio em seu próprio conceito, você será o oposto do que o apóstolo diz ali sobre o amor: “O amor é paciente, é benigno” (ARA). Mas quem está inchado de orgulho nunca tem muita paciência e nunca é bondoso. “O amor não arde em ciúmes.” Todavia o presunçoso sempre é ciumento, é invejoso. “O amor não se ufana.” Mas o conhecimento se ufana, conta papo, exagera na auto-estima, faz-se maior do que realmente é, torna-se uma mentira.

E então, o amor “não se ensoberbece” (ARA), “não incha”. Aí está, a mesma frase. O amor não se enche de vento, não infla. E o amor “não se conduz inconvenientemente”. Os homens e mulheres verdadeiramente sábios nunca se portam “inconvenientemente”, porém os que se julgam sábios orgulham-se da sua sabedoria, e isso os leva a perder o equilíbrio, e daí fazem coisas “inconvenientes”, “indecorosas”.

O amor “não procura os seus (próprios) interesses. Mas os que se orgulham do seu intelecto estão sempre procurando suas vantagens. Andam em busca de admiração, de aplausos; querem que todo o mundo diga: “Olhe só para você! Como você é inteligente!” O amor “não se exaspera”. Os sábios não perdem as estribeiras diante de qualquer provocação, mas os donos de uma pseudo-sabedoria facilmente se sentem provocados e cedem. E então: o amor “não se ressentido do mal; não se alegra com a injustiça, porém regozija-se com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor jamais acaba...”.

Pois bem, essa é uma boa descrição do amor, mas é igualmente válida com relação à sabedoria. E, portanto, os homens e as mulheres que se ensoberbecem provam com isso que não têm a verdadeira sabedoria. E a sua soberba lhes causa grande dano. E isso, em quarto lugar, naturalmente os leva a causar dano a outras pessoas, como nos é dito ali em 1 Coríntios, capítulo 13. É sempre difícil conviver com homens e mulheres orgulhosos; eles se comportam mal, e os outros sofrem por causa disso.

Depois, porém, há uma quinta razão para observarmos esta injunção do grande apóstolo, qual seja: sermos sábios em nosso próprio conceito nos coloca numa situação extremamente perigosa. Aqui também um provérbio o expressa perfeitamente. “A soberba precede a ruína, e a altivez do espírito precede a queda” (Provérbios 16:18). Isso é invariável. Vocês encontrarão este ensino em muitas passagens das Escrituras. Vejamos 1 Coríntios 10:12. Eis aí um versículo próprio para os que estão correndo esse perigo: “Aquele pois que cuida estar em pé, olhe não caia”.

Ou lhes relembro Gálatas 6:3: “Se alguém cuida ser alguma coisa, não sendo nada, engana-se a si mesmo”. Os que se orgulham da sua própria sabedoria enganam-se a si mesmos. Ou vamos a Tiago 3:1: “Meus irmãos, muitos de vós não sejam mestres”. Significa: não sejam autoridades. Não se considerem como sábios, como líderes. Não se elevem a posições de liderança. Por quê? “...sabendo que receberemos mais duro juízo. Porque todos tropeçamos em muitas coisas. Se alguém não tropeça em palavra, o tal varão é perfeito e poderoso para também refrear todo o corpo” (versículos 1,2).

Este é, pois, o argumento de Tiago: “Não sejam muitos mestres”. Por que não? Por esta boa razão: você estará estabelecendo um alto padrão para si próprio. Estará dizendo: “Eu sou sábio. Eu tenho conhecimento”. E receberá maior condenação porque Deus irá tomá-lo partindo da avaliação feita por você de si próprio. Ele dirá: pois bem, quando você

estava na terra, costumava alegar que era muito sábio, uma pessoa de grande cultura, conhecimento, entendimento e sabedoria. Era isso que você dizia de si próprio. Mas eu vou provar você. Vou examiná-lo em termos das pretensões pessoais que você mesmo apresentou. Assim, se você estabelecer para si mesmo este alto padrão, a sua queda, o seu fracasso e a sua condenação serão proporcionalmente grandes.

E, naturalmente, ao dizer isso, Tiago está apenas fazendo eco das palavras do nosso bendito Senhor e Mestre, que no Sermão do Monte diz o seguinte: “Não julgueis, para que não sejais julgados. Porque com o juízo com que julgardes sereis julgados, e com a medida com que tiverdes medido vos hão de medir a vós” (Mateus 7:1,2). Aí está, uma vez e para sempre. Você estabelece um padrão para si próprio como sendo um homem ou uma mulher de grande sabedoria, condena os outros e mostra as lacunas de conhecimento ou de sabedoria deles, mas você será julgado justamente pelo padrão que aplicou àquelas outras pessoas. Você estará trazendo juízo da mais severa espécie sobre si próprio. Repito: aqueles que se orgulham da sua própria sabedoria estão se colocando na posição mais perigosa possível. Terão que enfrentar o mesmo padrão nas barras do tribunal do juízo eterno.

No entanto, a resposta final é a mais importante. Quem quer que seja sábio em seu próprio conceito é a exata antítese do nosso bendito Senhor e Mestre. Ele é eternamente diferente. Diz Ele: “Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração” (Mateus 11:29). É assim que Ele Se descreve e assim foi o Seu caráter – “Não esmagará a cana quebrada, e não apagará o moirão que fumeja” (Mateus 12:20). Lá estava Ele, o Filho de Deus encarnado, e, contudo, Ele disse: nada sei de mim mesmo. “Porque eu não tenho falado de mim mesmo; mas o Pai, que me enviou, ele me deu mandamento... Portanto, o que eu falo, falo-o como o Pai me tem dito” (João 12:49,50). Não sou eu quem gera as Minhas palavras. Não as produzo.

Assim era o nosso Senhor, quando vivia na terra como homem, e Ele disse que era completamente dependente do Pai. O que Ele dizia Lhe era dado, o que Ele fazia Lhe era dado em todos e em cada um dos aspectos. Ele nada fazia de Si mesmo. Longe de jactar-se da Sua sabedoria, Ele era “o manso e humilde Jesus”. Esse é o fato estupendo que vemos quando O contemplamos nestes retratos que dEle encontramos nos quatro Evangelhos. Vemos a humildade, a mansidão, a modéstia do Filho de Deus encarnado. Ele constitui a perpétua censura a todos os que se deixam levar pela tentação de julgar-se “sábios em seu próprio conceito”.

Por todas essas razões devemos evitar o pecado do orgulho com todo o poder de que somos capazes. Mas isso me leva à derradeira questão geral. Como lidar com esse perigo? Todos nós diferimos em muitos aspectos. Nesse ponto uns correm mais perigo que outros, porém é um perigo que em certo grau nos confronta a todos. Que é que podemos fazer sobre isso? Como evitar o erro de sermos sábios em nosso próprio conceito? Bem, negativamente, não se pretende falsa modéstia. Não é que devemos ir por aí tentando dar a impressão de que somos ignorantes e de que somos inteiramente faltos de sabedoria. Isso não é bom. O tipo de pessoa que esconde o jogo nunca é recomendado nas Escrituras, em parte alguma. Se você tem capacidade e sabedoria, é isso que você é, sábio e capaz, e será um absurdo dizer que não é. Humildade fingida é sempre abominável.

Daí, que devemos fazer? Ora, as Escrituras oferecem farto ensino sobre isso. Há algumas coisas gerais que nos podem salvar. A primeira é: “O Senhor pede que... andes humildemente com o teu Deus” (Miquéias 6:8). Lembre-se das coisas que mencionei anteriormente – tudo o que você não sabe, os erros que tem cometido e a sua falibilidade. Mas, acima de tudo, “Anda humildemente com o teu Deus”. Olhe para Jesus, siga-O neste aspecto, como em todos os demais.

Que mais? Bem, lembre-se da injunção de Paulo em

Filipenses 2:12: “Operai a vossa salvação com *temor e tremor*”. A nossa tendência é, antes, esquecer isso, não é? Isso não tem sido popular no século vinte. Somos cristãos vivos e alegres. Paulo diz, porém: “com temor e tremor”. Não é você estar incerto ou inseguro quanto à sua salvação, e sim, você teme e treme porque *tem certeza* do fim, porque sabe que está sob o olhar de Deus. Você sabe que é Seu filho e que a sua responsabilidade é tremenda, e você teme humilhar seu Pai, humilhar seu lar. Se você é realmente sábio, você reconhecerá o mal que há no mundo, saberá ver “o mundo, a carne e o diabo” (1 João 2:16). Sim, o diabo e sua astúcia e suas insinuações. Visto que você compreende que este mundo é terrível, você anda com temor e tremor.

Lembre-se depois das outras palavras do apóstolo, de como ele nos conta que quando pregou pela primeira vez em Corinto, lá esteve “em fraqueza, e em temor, e em grande tremor” (1 Coríntios 2:3). Vejam este grande homem, este homem poderoso, este apóstolo Paulo, este proeminente gênio – não consigo exagerar nos elogios a ele. E, todavia, este homem fazia as coisas com temor e tremor – não era auto-confiante e seguro de si em sua obra de evangelização, como também em nenhuma outra coisa. “Temor e tremor”! Por quê? Ah, era o caráter sagrado da sua tarefa! O seu bendito Senhor e Mestre lhe havia confiado o maravilhoso tesouro do evangelho, e ele temia ficar entre as pessoas e este evangelho, ou diminuí-lo de algum modo, ou torná-lo mais difícil para elas. Ele se apercebia das forças que se ajuntavam quando ele pregava o evangelho, e seu temor era que de algum modo viesse a falhar. Ele não podia confiar em coisa alguma existente nele. Ele não vinha com “palavras persuasivas de sabedoria humana”, mas sim com “demonstração de Espírito e de poder” (1 Coríntios 2:4).

Essas são coisas gerais que nunca devemos olvidar. Elas devem controlar toda a nossa perspectiva e toda a nossa atividade. Ou, como Tiago diz também com uma frase

maravilhosa: “Mostre pelo seu bom trato as suas obras *em mansidão de sabedoria*” (Tiago 3:13). Como se pode ver, isso é o oposto de você encher-se de orgulho do conhecimento e de ser sábio em seu próprio conceito. O que me leva ao seguinte – a melhor maneira de eu ajudar você a proteger-se deste particular perigo é apresentar-lhe uma rápida exposição de Tiago, capítulo 3, versículo 13, indo até o fim do capítulo. O melhor comentário das Escrituras é as próprias Escrituras, noutra passagem, e Tiago parece ter escrito estas palavras, neste texto, com o fim de explicar o magnífico aforismo que temos em Romanos 12:16.

Diz Tiago: “Quem dentre vós é sábio e entendido? Mostre pelo seu bom trato as suas obras em mansidão de sabedoria” (ou, VA: “Quem dentre vós é sábio e revestido de conhecimento? Mostre por suas boas maneiras as suas obras com mansidão de sabedoria”). “Mas, se tendes amarga inveja, e sentimento faccioso em vosso coração, não vos glorieis, nem mintais contra a verdade; essa não é a sabedoria que vem do alto, mas é terrena, animal e diabólica. Porque onde há inveja e espírito faccioso aí há perturbação e toda obra perversa. Todavia, a sabedoria que do alto vem é, primeiramente pura, depois pacífica, moderada, tratável, cheia de misericórdia e de bons frutos, sem parcialidade, e sem hipocrisia. Ora o fruto da justiça semeia-se na paz, para os que exercitam a paz”.

Agora, uma breve exposição: o meio de você se proteger de orgulhar-se da sua sabedoria é achar a diferença ente a verdadeira e a falsa sabedoria. Depois você rejeita a falsa e busca a verdadeira. Como fazê-lo? Observe os dois tipos de sabedoria – a falsa e a verdadeira. Como dirá a diferença? Primeiro, considere a origem de ambas. De onde vem a sabedoria verdadeira? Diz-nos o apóstolo que a sabedoria verdadeira vem do alto, quer dizer, de Deus. E a outra? Bem, você pode começar dizendo que ela vem da terra. É sabedoria humana, terrena.

Mas deixemos que o próprio Tiago exponha as características destes dois tipos de sabedoria. A sabedoria que vem

de baixo é, primeiramente, sempre terrena, como dissemos. Revela inteligência, porém nunca sobe acima do humano; pertence a este mundo e nada sabe do mundo eterno. Em segundo lugar, Tiago diz que a sabedoria de baixo é “animal” (ou, VA: “sensual”, “carnal”). Pertence inteiramente à parte animal da nossa natureza. Por exemplo, o nosso cérebro, a nossa capacidade intelectual, faz parte da nossa natureza animal. Essa sabedoria é psíquica, é natural, e lhe falta o elemento espiritual.

Mas, em terceiro lugar, Tiago vai longe ao ponto de dizer que essa sabedoria é “diabólica”. Há pessoas a quem é creditada a posse de sabedoria, porém, diz o apóstolo, a sabedoria que elas possuem procede do diabo, é demoníaca. Essa sabedoria é dada pelos espíritos malignos, e os espíritos malignos podem ser muito inteligentes. Como Paulo diz, o diabo pode transformar-se num anjo de luz (2 Coríntios 11:14), e, diz ele, os agentes do diabo podem fazer exatamente a mesma coisa. Por isso em 1 Timóteo 3:6 Paulo diz que, quando houver eleição de presbíteros, não deve ser designado nenhum neófito: “Não neófito, para que, ensoberbecendo-se, não caia na condenação do diabo” – e isso, como eu disse anteriormente, seria orgulho de sabedoria. Portanto, a sabedoria que se enche e se orgulha de si pode ser muito inteligente; pode parecer maravilhosa, mas na realidade não somente é sempre terrena ou natural, porém é até diabólica. Foi isso que transformou satanás, de um resplandecente espírito angélico, no diabo.

Então Tiago passa a dizer-nos como essa falsa sabedoria se revela – e ela sempre vem à luz, não pode ser ocultada. Nunca se sabe exatamente quando, mas, mais cedo ou mais tarde, essa sabedoria certamente se mostrará naquilo que Tiago chama de “trato” – o hábito e a maneira de viver. Ela se mostra no orgulho, na inveja, no amargor, nas contendas. E, naturalmente, acima de tudo, como ele tinha dito um pouco antes no mesmo capítulo, ela se mostra na incapacidade de nos dominarmos, e, especialmente, na nossa incapacidade de dominar a língua, de modo que dizemos coisas que não deveríamos dizer.

É essa a mensagem deste capítulo três de Tiago, não é? Cuidado com a sabedoria do mundo, com a falsa sabedoria! É bom lembrar que esta advertência aplica-se aos homens e mulheres que são cristãos verdadeiros, porque, no momento em que eles se ensoberbecerem por sua sabedoria, estarão provando que a sabedoria que têm é a terrena, não a verdadeira. Ela acaba se revelando, com trágicas conseqüências.

Que dizer da verdadeira sabedoria? Ah, que diferença! Ela vem “do alto”! Vem de Deus, o único Deus “sábio”, naturalmente; ela apresenta as características de Deus. A primeira coisa é que ela é “pura” – sem mistura, não sofre adulteração nenhuma, não há nela nada que seja falso ou pseudo. É um todo integral, não um composto.

Depois, é “pacífica”. A sabedoria verdadeira é sempre pacífica porque sempre leva à mansidão e à humildade. Os que têm a verdadeira sabedoria são de paz. Também são “moderados” (ou, VA: “gentis”), não cheios de si, não orgulhosos. O homem sábio é um verdadeiro cavaleiro.

As pessoas verdadeiramente sábias são “tratáveis”. Não são intolerantes. São acessíveis; pode-se falar com elas. Estão prontas a ouvir, estão prontas a receber conselho. Conhecem os perigos. Não dizem: “Sei tudo – ninguém mais sabe o que sei”. Não, não, tais pessoas são fáceis de tratar, e podemos ter harmonia com elas.

Os verdadeiramente sábios são “cheios de misericórdia e de bons frutos”. Claro! “Sem parcialidade.” Não são preconceituosos. Estão dispostos a ouvir o outro lado de um argumento e a considerá-lo atentamente, sem espírito tendencioso. Têm mente espiritual e aberta. “Sem hipocrisia”: não procuram dar a impressão de que são melhores do que são, nem de que têm mais sabedoria do que realmente têm.

Então Tiago conclui dizendo: “Ora o fruto da justiça semeia-se na paz, para os que exercitam a paz”. Noutras palavras, tudo isso se resume nesta grande frase do fim do versículo 13: “mansidão de sabedoria”. Os homens e as

mulheres que têm a verdadeira sabedoria são humildes. Têm autodomínio; tomam conta de si mesmos e controlam o seu pensamento e tudo quanto lhes diz respeito. São amantes da paz e promovem a paz. E isso se revela na vida deles. “Quem dentre vós é sábio e entendido? Mostre pelo seu bom trato as suas obras em mansidão de sabedoria” – a sabedoria não é teórica, mas sempre se mostra na prática, na conduta, no modo de viver a vida diária – mostra “as suas obras em mansidão de sabedoria”. Aí estão pessoas que não se gloriam em si mesmas, mas se gloriam em Deus, e dizem: “Pela graça de Deus sou o que sou” (1 Coríntios 15:10).

Portanto, o meio de nos protegermos contra o terrível perigo de sermos sábios em nosso próprio conceito consiste em entender a diferença entre a falsa sabedoria e a verdadeira, e depois, tendo percebido a diferença, procurar a sabedoria verdadeira com todo o nosso ser. Tiago já nos tinha dito como fazê-lo: “Se algum de vós tem falta de sabedoria” – e todos nós temos – “peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e o não lança em rosto, e ser-lhe-á dada. Peça-a, porém, com fé, não duvidando; porque o que duvida é semelhante à onda do mar, que é levada pelo vento e lançada de uma para outra parte” (Tiago 1:5,6). Peça-a com fé, sem duvidar, e lhe será dada esta verdadeira sabedoria que vem do alto e que é “primeiramente pura, depois pacífica, moderada, tratável, cheia de misericórdia e de bons frutos”, e de todas as outras coisas gloriosas que a caracterizam.

Deixemos que o velho João Bunyan, a seu modo incomum, prático, terra-a-terra, reforce este ensino com uma palavra final: “Quem está no chão, não precisa ter medo de cair”.

Se você já está no chão, não poderá cair.* Se você já é humilde, está numa posição muito segura. Isso o livrará de muita contusão, de muita ferida, de muito problema.

* Ditado popular: “Do chão ninguém cai”. Nota do tradutor.

*Quem está no chão, não tema cair;
O humilde livre está do orgulho;
Quem é humilde sempre terá
Deus como seu guia.*

“Bem-aventurados os mansos.” Queira Deus dar-nos a graça de entender estas coisas e de pô-las em prática. Como eu já disse logo no começo, tudo isso é apenas uma parte do apelo original: “Sede unânimes entre vós” (ou, VA: “Sede da mesma mente” (ou “do mesmo espírito”) “uns para com os outros”). Nunca o seremos, se somos orgulhosos no conceito que fazemos de nós mesmos. Portanto, queira Deus dar-nos entendimento e de tal maneira encher-nos com o Seu Santo Espírito que sejamos mansos, humildes e modestos, e o nosso bendito Senhor não Se envergonhe de nos ter como Seus irmãos.

33

“A ninguém torneis mal por mal; procurai as coisas honestas, perante todos os homens. Se for possível, quanto estiver em vós, tende paz com todos os homens.” – Romanos 12:17,18

Quando estávamos fazendo uma análise geral deste capítulo, opinei que aqui, no versículo dezessete, chegamos à subdivisão final. Dos versículos 9 e 10 em diante o apóstolo trata da nossa atitude para com outras pessoas e da maneira pela qual nos conduzimos em geral. Depois, do versículo 14 em diante, ele passa a falar sobre a nossa reação ao que as outras pessoas fazem conosco, e vimos que, nos versículos 14, 15 e 16, ele tinha formulado alguns princípios gerais.

Mas aqui, no versículo dezessete, Paulo vai além desse ponto. Ele se preocupa com o que fazemos de fato na prática. O princípio é que devemos abençoar aqueles que nos fazem mal e nos perseguem, devemos abençoá-los, não amaldiçoá-los. Diz-nos o texto: “Alegrai-vos com os que se alegram; e chorai com os que choram”. Todavia, acima de tudo, nos diz: “Sede unânimes entre vós”. Os membros da Igreja sempre devem caracterizar-se pela unidade de pensamento, ou de espírito, e de perspectiva. E, para que aconteça isso, Paulo diz: “Não ambicioneis coisas altas, mas acomodai-vos às humildes (deixai-vos levar por homens e por coisas)”.

Depois, na preleção anterior, consideramos aquela exortação final: “Não sejais sábios em vós mesmos”, ou “em vosso próprio conceito”, que, como já vimos, é uma injunção muito importante. E concluímos com esta nota: a maneira de evitar isso é buscar a sabedoria que vem do alto, de Deus.

Assim vocês vêem a conexão que há entre essa parte e o versículo 17 desta subdivisão final: “A ninguém torneis mal por mal”. Noutras palavras, como o apóstolo nos vai mostrar, devemos procurar viver em “paz com todos os homens”, e vocês se lembram de como Tiago desenvolve esse ponto em sua descrição desta sabedoria (ver Tiago 3:17,18).

Dessa forma Paulo dá seguimento ao tema num nível bastante prático. Os homens e as mulheres que têm a verdadeira sabedoria – não os que só pensam que são sábios – sempre são pacificadores. Contudo, como se conduzem esses pacificadores? Bem, aqui está a resposta, e eu de novo insisto na importância de mantermos em mente o pano de fundo dos versículos 1 e 2 e também dos versículos 9 e 10 deste capítulo porque estes são os princípios. Só homens e mulheres cristãos podem pôr em prática estas injunções; a pessoa natural não pode. Devemos lembrar-nos sempre de que estas palavras são dirigidas aos que têm nova vida, que têm “a mente de Cristo”, que têm a “vida do alto”. Nenhuma outra pessoa tem possibilidade de cumpri-las.

Eis aqui, pois, a primeira declaração: “A ninguém torneis mal por mal”. Esse é o aspecto negativo. Aí está alguém que lhe faz algum mal, que de fato lhe fez uma coisa verdadeiramente má. Que é que você faz a respeito? Paulo começa com uma negativa. Não lho devolva. Não pague o mal com o mal. Aqui vemos desde logo que nos é dito que não façamos o que instintivamente queremos fazer e achamos que devemos fazer. O instinto natural manda revidar. Desde o momento em que Adão caiu essa espécie de espírito entrou – inimizade, interesse próprio, revide, autodefesa. Essa é toda a tragédia da história da humanidade em seu estado decaído. Por isso o apóstolo, conhecendo-nos como conhecia a si próprio, viu a sabedoria de começar com uma negativa.

Este é o maravilhoso princípio que vocês encontrarão constantemente nas Escrituras. A Bíblia sempre começa de onde estamos. Ela vem ao nosso encontro em nosso nível,

digamos assim, e aos poucos nos eleva. Usualmente ela não começa com o fator positivo, e sim, quase invariavelmente com o negativo. Primeiramente lhe é dito o que você não deve fazer. Essa é a sua reação instintiva, mas não o faça! E por algum tempo você pode não ser capaz de ir além disso, mas já é alguma coisa. Não o despreze. Se você não consegue ir além desse ponto nessa hora, bem, em todo caso, apegue-se a isso. Não devemos ignorar esta negativa. É uma peça vital de ensino, e desfaz o caminho do natural.

Naturalmente, aqui o apóstolo está simplesmente pondo diante de nós o ensino do nosso Senhor no Sermão do Monte, onde Ele fala sobre oferecer a outra face: “Se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a outra” (Mateus 5:39). Voltarei a isso mais adiante, porque quero tratar desse ponto de maneira mais completa. Também vemos este ensino em 1 Pedro, capítulo 2, onde Pedro se refere ao nosso Senhor e ao Seu exemplo: “O qual, quando o injuriavam, não injuriava, e quando padecia, não ameaçava, mas entregava-se àquele que julga justamente” (1 Pedro 2:23). É da própria essência do ensino que você não faça retaliação, não devolva o golpe recebido, não “se vingue”.

Muitas vezes essa atitude tem sido causa de muito sarcasmo por parte de homens e mulheres do mundo que, não somente rejeitam a mensagem cristã, mas também a ridicularizam. Um exemplo famoso é o de Thomas Paine, que viveu nos fins do século dezoito e foi um incrédulo muito conhecido. Tom Paine, referindo-se ao ensino do nosso Senhor sobre voltar a outra face, disse: “Este é o espírito do bajulador!” A zombaria que acusa o cristianismo de produzir indivíduos frouxos e sentimentais, sem virilidade, tem sido feita com freqüência, principalmente no século vinte, com todo o seu culto à expressão pessoal. “Cria em si próprio”, dizem. “Empenhe-se, mostre-se. Levante-se por si mesmo!” E por essa causa o ensino cristão tem sido freqüentemente menosprezado.

No entanto, oferecer a outra face seria simples fraqueza? A resposta é: “Mil vezes não!” O próprio apóstolo prova isso ao passar ao ensino positivo. Daí, negativamente: “A ninguém torneis mal por mal”; positivamente: “Procurai as coisas honestas, perante todos os homens” (ou, VA: “Provei”, ou, “Fazei provisão de...”). Que significa este aspecto positivo? Desafortunadamente, outra vez a tradução da Versão Autorizada (inglesa) não é muito boa, e os que a consideram boa a entendem de maneira completamente errada. Na verdade alguns a têm interpretado como uma injunção a que provejamos para aqueles que dependem de nós. Certamente é boa coisa fazer isso, e noutras passagens somos exortados a fazê-lo, porém não é isso que Paulo diz aqui. Essa idéia não se enquadra no contexto, e fica mais ou menos sem sentido neste ponto particular. Não, aqui o apóstolo nos está dando a parte positiva da injunção.

Não somente não devemos revidar, mas, sim, devemos fazer o oposto. Agora, para entendermos isso precisamos discutir o sentido das palavras. Vejamos a palavra aqui traduzida por “Provei” (do verbo prover VA). “Provei coisas honestas perante todos os homens.” Pois bem, na época elizabetana e no princípio do século dezessete, “prover” era uma boa tradução do grego, mas com o passar dos séculos o termo adquiriu uma conotação diferente, de modo que precisamos fazer uma tradução alternativa. A palavra empregada pelo apóstolo significa “pensar antes” ou “antecipar” ou “pensar antecipadamente em coisas boas perante todos os homens”.* A chave geral para que se entenda o que Paulo quer dizer está na frase “pensar antecipadamente”. Noutras palavras, quando alguém age mal com você, o perigo está em reagir instintiva, automaticamente. Mas Paulo diz: não faça

* Do latim *provideo*, sentido literal e primário: “ver antecipadamente”.
Nota do tradutor.

isso. Pare! Antes de fazer alguma coisa, pense bem. Não se permita agir de maneira instintiva.

Claro está que isso é absolutamente vital e fundamental, e a grande recomendação que fazemos da vida cristã é que, em última análise, é a única vida que se baseia na razão. Os homens e as mulheres cristãos, diferentemente de todos os demais seres humanos, não agem pelo instinto; sempre sabem o que fazem, e sempre deveriam poder dar uma razão pela qual o fazem. Eles sempre “pensam antecipadamente”.

Avancemos, porém, um pouco mais e digamos o seguinte: o problema que temos, tanto com nós mesmos, como somos por natureza, como com os que não são cristãos, é que somos propensos a considerar isoladamente cada problema que surge, e isso é uma coisa que jamais devemos fazer. Alguém me faz um mal, e então eu só penso nisso e reajo do mesmo modo. Mas não devo fazer isso. Devo tomar esta ação particular e colocá-la num contexto mais amplo. Antes de fazer qualquer coisa, devo pensar bem e executar a minha reação no contexto da minha posição e perspectiva global como cristão.

Aí está, pois, o sentido de “prover”. Depois “coisas honestas”. Num aspecto, significa apenas “coisas boas”, em distinção das más. Assim, Paulo está sugerindo que, uma vez que retaliar é mau, devemos prover coisas boas. Aqui também a palavra é interessante e importante. No Novo Testamento grego são empregadas duas palavras para transmitir a idéia de bondade. A primeira descreve a bondade inerente ou intrínseca, algo que é bom em sua própria natureza, é bom em si e de si mesmo. Entretanto não é essa a palavra utilizada aqui. A palavra que temos aqui é uma palavra que é sempre empregada para descrever a bondade exterior ou externa, a bondade que se vê, a bondade que se expressa por fora. É a expressão exterior de uma bondade interna, inerente.

Pois bem, o apóstolo escolheu deliberadamente a segunda palavra. Aqui ele está interessado na bondade que

se pode ver, numa bondade visível e evidente. Portanto, ele praticamente diz: “Em vez de retaliar, em vez de revidar o golpe, pense bem e proveja, apresente, ponha em evidência coisas que sejam boas aos olhos de todos. É esse, então, o aspecto positivo da injunção. É assim que devemos conduzir-nos quando alguém nos faz algum mal.

Temos aí um ensino cristão que encontramos em muitas partes das Escrituras. A Versão Autorizada (inglesa) traduz 1 Tessalonicenses assim (como ARC): “Abstende-vos de toda aparência do mal”. É duvidoso que essa seja a melhor tradução; a frase poderia ser mais bem traduzida desta maneira: “Abstende-vos de todas as formas do mal”.^{*} Mas há verdade na outra idéia também – “toda aparência do mal”. Abstenham-se de qualquer coisa que possa parecer má, não lhe dêem a mínima. Ou, como o apóstolo nos disse neste mesmo capítulo: “Aborrecei o mal” – aborrecei-o! – “apegai-vos ao bem”.

Com efeito, uma ilustração muito melhor, e um paralelo do que temos aqui, acha-se em 2 Coríntios, capítulo 8, onde o apóstolo fala sobre o problema da ajuda aos santos de Jerusalém que estavam passando necessidade e para os quais os coríntios estavam coletando dinheiro. Ele lhes diz que está enviando a Corinto alguns representantes, Tito inclusive, e com Tito “aquele irmão cujo louvor no evangelho está espalhado em todas as igrejas. E não só isto, mas foi também escolhido pelas igrejas para companheiro da nossa viagem, nesta graça que por nós é ministrada para glória do mesmo Senhor, e prontidão do vosso ânimo; evitando isto, que alguém nos vitupere por esta abundância, que por nós é ministrada; pois zelamos o que é honesto, não só diante do Senhor, mas também diante dos homens” (ou, VA: “...por nós é ministrada: provendo coisas honestas, não só...”)(2 Coríntios 8:18-21). As palavras “provendo coisas honestas” são as que temos aqui, em Romanos 12:17: “Provei coisas honestas...”.

^{*} ARA e NVI: “de toda forma de mal”. Nota do tradutor.

Mas vocês vêem a tese que o apóstolo está defendendo ante os coríntios. Seu propósito é: “Que ninguém nos culpe nesta abundância que é administrada por nós” (VA). Praticamente, o que ele diz é o seguinte: “É muito importante que administremos este fundo de maneira própria e com honestidade, e que o façamos de modo tal que fique óbvio, não só aos olhos de Deus mas também aos olhos dos homens, que não fomos desonestos nem abusamos da nossa posição, que nada fizemos de mau ou de errado, de forma alguma. Administremos este fundo”, diz ele, “de maneira aberta e clara para todos”. Frequentemente somos levados a lembrar-nos de que não é suficiente que seja feita justiça, porém é necessário que se faça ver que é feita justiça. Esse é o princípio aqui envolvido.

Esse é, pois, o sentido das palavras. Qual será, então, o ensino? Qual é a nossa explicação desta injunção? Podemos colocá-la nestes termos: quando alguém lhe fizer algum mal, não pense só em você. “Porque nenhum de nós vive para si” (Romanos 14:7). Essa é uma grande palavra do ensino cristão. Está aqui também. Quando acontecer isso com você, pense no efeito que a sua reação vai produzir nos outros, não só nos cristãos mas em todos. O princípio é este: o que quer que nos aconteça, devemos reagir de maneira responsável. Sempre devemos compreender que o que realmente importa é a opinião que os outros formam do cristianismo quando vêem como vivemos. Os de fora julgarão o evangelho, julgarão o conteúdo geral da mensagem cristã, pelo que vêem em nós. Eles dizem: “Falar é fácil; falar não custa. Mas vocês, pessoas que fazem tão grandes alegações, que é que são na prática?” Eles estão sempre nos vigiando. Portanto, devemos sempre cumprir a injunção: “Provei coisas honestas perante todos os homens”.

Daí, quando alguém me fizer algum mal, devo colocar isso no contexto geral da minha vida como cristão. Não devo preocupar-me só comigo. Devo refletir profundamente

sobre isso. Não devo agir com base em meus instintos ou em meus sentimentos. Não devo preocupar-me com a minha reputação pessoal. O que está envolvido aqui é a honra da fé cristã. É, na verdade, a honra do Senhor Jesus Cristo; é a honra de Deus. O que está em jogo é a reputação da família do céu, à qual, pela graça de Deus, agora pertencço. Sou um membro do corpo de Cristo, e jamais devo agir como uma pessoa independente, isolada. Pois bem, há um tipo de pessoa que tende a gabar-se e a dizer: “Eu sempre digo o que penso”. Ora, você não tem direito de falar assim. Não pode isolar-se desse jeito. Se o fizer, outros vão sofrer, e você trará má reputação ao evangelho cristão em geral. Sempre devemos pensar bem nessa questão toda e lembrar-nos de quem somos.

Permitam que eu lhes dê alguns exemplos paralelos deste mesmo ensino. No Sermão do Monte o nosso Senhor diz: “Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus” (Mateus 5:16). Eles os estão observando, eles sabem a quem vocês pertencem. Vocês devem viver de tal maneira, diz Ele, que, quando eles virem o que vocês estão fazendo, ficarão admirados e estupefatos, e terão que admitir: “Não podemos entender isto. Há só uma explicação – estes são um povo de Deus. Não fariam o que fazem, se não fossem”.

Mais adiante, nesse mesmo capítulo, o nosso Senhor detalha mais o ponto: “Ouvistes que foi dito: olho por olho, e dente por dente. Eu, porém, vos digo que não resistais ao mal; mas, se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a outra; e ao que quiser pleitear contigo, e tirar-te o vestido, larga-lhe também a capa; e, se qualquer te obrigar a caminhar uma milha, vai com ele duas. Dá a quem te pedir, e não te desvies daquele que quiser que lhe emprestes. Ouvistes que foi dito: amarás o teu próximo, e aborrecerás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: amai a vossos inimigos, fazei (o) bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem”.

Por que fazer isso? “Para que sejais filhos do vosso pai que está nos céus; porque faz que o seu sol se levante sobre maus e bons, e a chuva desça sobre justos e injustos. Pois, se amardes os que vos amam, que galardão haveis? Não fazem os publicanos também o mesmo? E, se saudardes unicamente os vossos irmãos, que fareis de mais? Não fazem os publicanos também assim? Sede vós pois” – e ponhamos todo o peso nesse “pois”; aí está o apelo – “perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus” (Mateus 5:38-48).

Portanto, quando alguém agir mal com vocês, façam com que todos saibam que vocês são diferentes das pessoas do mundo. Façam com que vejam que há algo em vocês que os diferencia de todos os não cristãos. Façam que isso fique evidente, que seja óbvio, que se veja que vocês são diferentes. Façam que se veja que vocês são filhos “do vosso Pai que está nos céus”. Ou tomem o princípio como é expresso por Pedro: “...que sigais as suas pisadas” (1 Pedro 2:21). Façam o que Ele fez. Foi assim que Ele Se portou quando esteve aqui, e vocês pertencem a Ele, e a Sua mente e o Seu Espírito estão em vocês. “Que sigais (pois) as suas pisadas. O qual não cometeu pecado, nem na sua boca se achou engano. O qual, quando o injuriavam, não injuriava, e quando padecia não ameaçava, mas entregava-se àquele que julga justamente” (versículos 22,23).

Não há maneira melhor do que esta, nem mais direta, de mostrar que somos filhos de Deus. É isso que o mundo não pode fazer. É atender a esta injunção, e não retribuir homem nenhum o mal por ele feito – é desta maneira que você mostra que nasceu de novo. Há em você um espírito diferente. Há em você uma nova vida. Você não é mais um homem ou uma mulher natural. Na verdade, você é “participante da natureza divina” (2 Pedro 1:4).

Às vezes há os que opinam, e eu me inclino a concordar com eles, que a primeira vez que o apóstolo se convenceu de pecado foi quando observou a morte do mártir Estêvão.

Paulo tinha concordado com o veredicto de morte lançado sobre Estêvão. Mas quando viu Estêvão morrer com seu rosto brilhando*, não teria sido essa a primeira coisa que o inquietou? Seria isso uma parte do sentido da expressão “Duro é para ti recalcitrar contra os agulhões” (Atos 9:5)? Teria Paulo sido escoimado pela primeira vez da sua justiça própria como fariseu quando viu como Estêvão morreu – pronta e alegremente, elevando aquela maravilhosa oração a seu Pai celeste, rogando-Lhe que não lhes imputasse aquele pecado, precisamente como o Senhor fizera na cruz do Calvário? Teria sido isso, pergunto eu, que inquietou o apóstolo?

Isso aconteceu muitas vezes na longa história da Igreja Cristã. Muitos foram convencidos do seu pecado pela primeira vez, e pela primeira vez tiveram um vislumbre da nova vida, quando viram algum cristão confitente, algum mártir, ser levado maldosamente à morte simplesmente por causa da sua fé cristã. Esta é, pois, a grande injunção deste versículo dezessete, “A ninguém torneis mal por mal”, mas, ao contrário, que o cristão pense bem nestas coisas e viva de maneira tão boa, demonstrando tais excelências em todo o seu comportamento diante de todos, que eles vejam como ele é essencialmente diferente.

Passemos agora ao versículo dezoito: “Se for possível, quanto estiver em vós, tende paz com todos os homens”. Paulo continua discorrendo sobre o tema da paz, como vocês vêem. O começo foi: “Não sejais sábios em vós mesmos”. Tenham esta outra sabedoria que é sempre pacífica, que sempre mantém unidade, concórdia e amizade entre os que pertencem a Deus. Essa é a injunção fundamental. Devemos ser pacificadores, e, de novo, devemos ser tais “com todos os homens”.

Contudo vocês podem notar que Paulo introduz duas restrições, e estas são interessantes e importantes. A fé cristã, o ensino cristão, nunca nos pede que façamos o impossível –

* Ver Atos 6:15. Nota do tradutor.

nunca. Assim, quando se chega a uma injunção como esta, vê-se que muitas vezes ela é acompanhada por algumas restrições. Aqui, a primeira é: “Se for possível”. Que significa isso? Alguns o têm entendido mal e têm dito que significa: “Se vocês puderem”, “Se lhes for possível, vivam pacificamente com todos os homens”.

Não é isso, porém, que o apóstolo diz. Sustentar isso é errar totalmente o alvo. Isso é uma idéia subjetiva, ao passo que a declaração é objetiva. Eis o que Paulo quer dizer: vivam em paz com todos os homens, a menos que eles lho tornem completamente impossível. A dúvida não está em vocês, mas neles. Há pessoas que se portam de tal maneira que impossibilitam a paz. Seja o que for que vocês sintam, seja o que for que desejem, seja o que for que vocês façam, aquelas pessoas estão determinadas a impedir que haja paz; elas *querem* brigar. “Se for possível” – há circunstâncias em que não é. Essa é a primeira restrição.

Depois, a segunda restrição é a importante: “quanto estiver em vós”. Quer dizer: vocês nunca devem ser a causa do problema. Que jamais o conflito aconteça por causa de vocês, por causa do que vocês são, por causa do que vocês fazem. Isso está bem claro, não está? Paulo diz: se os outros não o tornarem impossível, até onde vocês puderem estender o seu interesse, até onde estiver em seu poder e sob seu controle, “tende paz com todos os homens”.

Isso significa paz a qualquer preço? Essa é a questão que se levanta. Estas diversas injunções falam a diferentes membros de uma igreja. Lá estão alguns cujo grande problema é o desejo de revidar, de “retribuir mal por mal”, e com muita freqüência a grande peleja da sua vida é a peleja para não retaliar, mas sim “prover coisas honestas”. No extremo oposto está outro tipo de pessoa, a pessoa do tipo “paz a qualquer preço”. Não a pessoa militante, agressiva, belicosa, porém o tipo de pessoa fleumática, frouxa, que diz: “Tudo por uma vida tranqüila”.

Esta questão é muito importante. Paulo não pode querer dizer que devemos colocar a paz antes de tudo mais. Ele não pode querer dizer que a todo custo e a qualquer preço mantenhamos esta condição de paz. Por que não? Vemos a resposta naquela declaração feita por Tiago em sua descrição da sabedoria que vem do alto. Certamente vocês notam que ele foge do comum para dizer isto: “A sabedoria que do alto vem é, primeiramente pura, depois pacífica” (Tiago 3:17). Ele não coloca em primeiro lugar a paz, mas a pureza; ele coloca em primeiro lugar a verdade. Inverter a ordem e colocar em primeiro lugar a paz é uma armadilha na qual é fácil cair o segundo tipo de pessoa.

No entanto, passemos agora a examinar isso um pouco mais, porque eu creio que no presente esta injunção é particularmente importante. Há uma grande confusão na Igreja Cristã justamente sobre esta questão. O clima da opinião geral atualmente é tal que as pessoas tendem a dizer: “Vamos juntar-nos, creiamos no que creiamos. Sejamos um”. Esse é um exemplo de paz a qualquer preço, e aí temos um ponto que devemos examinar de maneira bastante prática. Vemo-lo ilustrado em Gálatas, capítulo 2. Nessa Epístola Paulo trata do ensino dos judaizantes, que diziam que se o homem não tivesse sido circuncidado não deveria ser considerado cristão verdadeiro. No capítulo dois Paulo diz: “E, chegando Pedro a Antioquia, lhe resisti na cara, porque era repreensível. Porque, antes que alguns tivessem chegado da parte de Tiago, (Pedro) comia com os gentios; mas, depois que chegaram, se foi retirando, e, se apartou deles, temendo os que eram da circuncisão. E os outros judeus também dissimulavam com ele, de maneira que até Barnabé se deixou levar pela sua dissimulação. Mas, quando vi que não andavam bem e diretamente conforme a verdade do evangelho, disse a Pedro na presença de todos...” (versículos 11-14). Paulo “lhe resistiu na cara”.

Pois bem, como vocês vêem, Pedro se desviou aqui. Num

espírito de temor e num esforço para preservar a paz, ele estava comprometendo a verdade, e o apóstolo Paulo tratou disso em termos fortes e firmes. Tendo em conta que a questão era muito importante, Paulo arriscou-se a entrar em conflito com Pedro. E correu um risco semelhante no caso de Tito. Um pouco antes, naquele capítulo, Paulo diz: “Mas nem ainda Tito, que estava comigo, sendo grego, foi constrangido a circuncidar-se” (Gálatas 2:3). O apóstolo não se submeteria a isso.

E esse ensino percorre todas as Escrituras do Novo Testamento. Não devemos ceder no que se refere à verdade, mas, sim, devemos agir como o apóstolo agiu em Antioquia. Aos efésios Paulo escreve (e há muitas injunções similares): “E não comuniquéis com as obras infrutuosas das trevas, mas antes condenai-as” (Efésios 5:11). Se alguém continuar sendo herege depois da primeira e da segunda admoestação, diz Paulo a Tito, corte toda ligação com ele (Tito 3:10). João também diz que não devemos nem sequer saudar tal pessoa. “Se alguém vem ter convosco, e não traz esta doutrina, não o recebeis em casa, nem tampouco o saudeis” (2 João 10).

Mas a coisa não é tão simples como parece. Há os que gostam de trazer à baila nesta altura a ação praticada pelo apóstolo Paulo certa ocasião, quando ele estava em Jerusalém. Em Atos 21:20-26 lemos que, a pedido dos líderes da igreja de Jerusalém, Paulo se sujeitou aos ritos de purificação judaicos a fim de suavizar os temores de que ele estava ensinando os judeus a abandonarem a lei de Moisés e a deixarem de circuncidar seus filhos. Ele também concordou em pagar as custas de quatro cristãos judeus que iam submeter-se a tais ritos. No versículo 26 lemos: “Então Paulo, tomando consigo aqueles varões, entrou no dia seguinte no templo, já santificado com eles, anunciando serem já cumpridos os dias da purificação; e ficou ali até se oferecer por cada um deles a oferta”.

Ora, teria Paulo recuado em seus princípios? Como conciliar isso com o que ele diz em Gálatas, capítulo 2, e em

tantos outros lugares? Dou meu parecer a vocês que os seguintes princípios devem governar as nossas ações nesta questão: primeiro, devemos lutar sempre pela verdade e pela fé. Somos exortados a “batalhar pela fé” (Judas, versículo 3). Devemos cerrar fileiras, devemos saber que fomos postos “para a defesa do evangelho” (Filipenses 1:17). Jamais devemos ter medo de falar a verdade. A verdade deve ser declarada, custe o que custar.

Todos nós sabemos o que é sentir-se como Jeremias. Pobre Jeremias! Ele disse, com efeito: “Toda vez que falo entro em dificuldade. Todos estes outros profetas estão contra mim. Nunca mais vou dizer uma palavra!” Mas, vocês se lembram, ele não conseguia calar-se. O fogo ardia em seus ossos. Todavia nós o entendemos – tudo pela paz! “Não vou dizer certas coisas. Sei que se as disser ofenderei certos membros da minha igreja, ou eles subverterão outros, e terei problema. Pode acontecer que eu sofra, que a minha mulher e os meus filhos sofram, pelo que não direi nada. Vou pregar mensagem inofensiva.” Você retém e omite partes da verdade porque sabe que elas vão ofender e escandalizar pessoas.

Ora, isso é sempre errado; é sempre condenado. Devemos pregar a verdade. Ela nos foi confiada. Não somos nós que decidimos – ela nos é dada: “A fé que uma vez (por todas) foi dada aos santos” (Judas, versículo 3). Jamais devemos comprometer esta verdade. Não temos direito de fazer isso, ela não é nossa. Temos que declará-la, sejam quais forem as consequências. Não devemos modificá-la; não devemos deixar fora porções dela; não devemos acrescentar nada a ela. Devemos entregar a verdade como nos foi entregue. Sobre todas as questões vitais de doutrina devemos ser tão intransigentes como Paulo foi com Pedro.

Em segundo lugar, devemos ser pacientes e estar sempre prontos a ajudar quanto pudermos, em todas as outras questões. Não devemos ser intolerantes e inflexíveis. Há coisas relacionadas com esta fé que não são centrais e de

toda importância. Eu explico Atos, capítulo 21, nos termos que acabo de expor. Paulo, na questão central da circuncisão, jamais se renderia e jamais se rendeu, e nem as autoridades de Jerusalém disseram isso. Contudo, havia judeus que tinham visto a verdade do evangelho e tinham vindo a crer nele, sem verem toda a verdade. Leva tempo explicar todas estas coisas. Há exemplos disso em toda parte nas Escrituras. O próprio Pedro, vocês se lembram, teve que receber uma visão antes de ir pregar o evangelho aos gentios. Ele era um convertido, ele tivera a experiência do Pentecoste, porém não tinha levado isso à prática. Os velhos preconceitos estavam lá.

E foi a mesma coisa com estas pessoas em Jerusalém. Entretanto o apóstolo viu que era prudente – numa questão que era indiferente, e para evitar ofensa, tornar mais fácil a estas pessoas exporem sua fé, e para evitar escândalo – praticar este ato que ele sabia que não era essencial. Existem certos absolutos que nós simplesmente declaramos, venha o que vier, entretanto há outras questões que não são de importância vital para a salvação, e nós devemos estar dispostos a ser complacentes. Devemos lembrar-nos do irmão mais fraco. “Digo, porém, a consciência, não a tua, mas a do outro” (1 Coríntios 10:29). Não é meramente uma questão de saber o que é certo; vocês devem ver a situação em que a outra pessoa está. Vocês devem procurar ajudá-la, ser pacientes e longânimos. Se vocês puderem fazer uma ligeira concessão que não comprometa a verdade, por amor do seu irmão na fé, faça isso. Esse princípio me parece bastante claro no Novo Testamento, e devemos lembrar-nos sempre dele.

Mas, em terceiro lugar, a maneira pela qual asseveramos e declaramos a verdade é da maior importância. “Falando a verdade em amor” (Efésios 4:15, VA) – esse é o ensino, e não se deve deixar de lado nenhuma parte dessa declaração. “Falando a verdade *em amor*”. Não podemos omitir a verdade, se ela ofende pessoas, porém sempre devemos certificar-nos de que seja a verdade que cause a ofensa, não nós. Como

pregador, devo tomar todo o cuidado para que, se há alguma ofensa, que as pessoas sejam ofendidas, não por mim, não por minha pessoa, não por meu comportamento, nem mesmo pela maneira como falo e prego, e sim, unicamente pela própria verdade. Se é a verdade que as está ofendendo, sou inocente, não posso evitá-lo. O meu desejo é estar em paz. Faço o melhor que posso para ser persuasivo, para apresentar a verdade de maneira tão atraente quanto me é possível. Portanto, se as pessoas ainda assim ficam ressentidas e a rejeitam, e reagem violentamente por causa da verdade, não é responsabilidade minha. Eu tenho que declarar a verdade sempre, mas sempre devo declarar a verdade em amor.

Em quarto lugar, jamais devemos fazer destas coisas uma questão pessoal. Jamais devemos contender por nós mesmos, nem por nosso ponto de vista, e menos ainda por nossa reputação pessoal. Devemos contender pela verdade. Nada tem sido mais lamentável e mais deplorável na longa história da Igreja do que a maneira pela qual os homens têm feito das doutrinas uma questão pessoal, como se as pessoas que discordam deles estivessem contra eles individualmente. No momento em que as pessoas se deixam influenciar e governar pela personalidade, já se apartaram da verdade e do espírito do ensino do Novo Testamento. A verdade não é uma questão pessoal, de modo nenhum, e devemos ter todo o cuidado de manter o elemento pessoal inteiramente fora dela. “Se for possível, quanto estiver em vós, tende paz com todos os homens”.

E finalmente – e este é o grande texto que eu deixo com vocês para que vocês mesmos o desenvolvam e o apliquem, esta é a resposta final à grande questão em foco – “E a paz de Deus, para a qual também fostes chamados em um corpo, domine em vossos corações; e sede agradecidos” (Colossenses 3:15). Paulo faz uso da ilustração de um juiz* nos jogos ou de

* Cf. ARA e NVI. Nota do tradutor.

um árbitro numa disputa. Que a paz de Deus atue como um juiz ou como um árbitro no coração de vocês, de modo que, quando alguém lhes fizer algum mal, vocês não tomem em suas mãos a decisão do que fazer. Não são vocês que decidem. O árbitro decide. Daí, não importa o que aconteça com vocês, não importa o que sofram, o que as pessoas pensem ou digam, vocês só têm uma preocupação: não somente que cada um de vocês goze a paz de Deus, mas também que haja paz na Igreja.

Esta injunção é maravilhosa, é um maravilhoso princípio pelo qual viver. Certifique-se de que você sempre tem a paz de Deus em seu coração. Não se deixe perturbar por nada. Aconteça o que acontecer ao seu redor, diga: “Nunca farei coisa alguma que perturbe essa paz”. Você pode declarar a verdade, pode declará-la francamente, pode resistir face a face a um Pedro, mas o faça sempre de tal modo que continue tendo a paz de Deus em seu coração. Você não vai tentar tirar o melhor de Pedro, não vai tentar pô-lo abaixo e elevar-se a si próprio. Você está preocupado com o estado geral da Igreja e com a paz dos que pertencem a Deus. Você quer que eles gozem plenamente os benefícios da salvação. Deixe que a paz de Deus aja sempre como o árbitro em todas as questões, e você nunca se desviará. Queira Deus ter misericórdia de todos nós e habilitar-nos, mediante Seu Espírito, a pôr em prática estas grandes e gloriosas injunções.

34

“Não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira, porque está escrito: Minha é a vingança; eu recompensarei, diz o Senhor. Portanto, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber; porque, fazendo isto, amontoarás brasas de fogo em sua cabeça.” – Romanos 12:19,20

Provamos nosso amor ao Senhor, não somente amando uns aos outros, mas também pela maneira como reagimos a palavras como estas de Romanos, capítulo 12. Passamos agora aos versículos 19 e 20. Paulo tinha acabado de dizer-nos que jamais devemos ser causa de problema ou de conflito ou de qualquer espécie de belicosidade. Diz ele: façam sempre o máximo possível para criar e preservar uma atmosfera de paz. E o versículo dezenove vem em seguida com a injunção: “Não vos vingueis a vós mesmos, amados”. Aí está um meio pelo qual você pode ajudar a manter paz. Se alguém o ferir, não se vingue pessoalmente, porquanto é não se vingando que você estará ajudando a manter esta paz da qual ele tinha acabado de falar.

Notem agora que o apóstolo introduz estas palavras de maneira muito especial, com um apelo muito especial – “Bem-amados” (VA). Ele está preocupado com estes cristãos da cidade de Roma e com o bem-estar deles, e ele sabe que se você ceder a um espírito de vingança, faça o que fizer à outra pessoa, você mesmo ficará num estado miserável. Por isso ele lhes diz que não sejam vingativos. Ele pleiteia com eles. Ele se inquieta por eles e, naturalmente, também se preocupa com o bom nome e com a estabilidade da Igreja. Não há nada

pior que uma igreja envolta em briga, uma igreja em contenda. Desafortunadamente, a história demonstra que nada pode causar mais dano. E isso mexe com os sentimentos do apóstolo e ele apela aos seus leitores que dêem especial atenção a este assunto.

Penso que também Paulo escreve como o faz porque ele conhece a astúcia do diabo. Ele sabe que, num ponto como este, como temos visto com relação a pontos anteriores, este apelo, este padrão, é tão contrário à natureza humana que talvez seja esta a maior exigência jamais feita a nós. Como é mais fácil pregar do que cumprir esta exortação! Quanto mais fácil é largar tudo e ir direto para o coração da África ou para alguma remota ilha do Pacífico, do que pôr em prática esta injunção particular! Vocês estão examinando aqui a vida cristã e o modo de viver cristão em seu apogeu, e, por isso, o apóstolo começa este apelo urgente com as palavras: “Bem-amados”. Ele diz: não estou só falando com vocês, estou pleiteando com vocês.

Bem, como de costume, Paulo coloca o seu ensino tanto em termos negativos como em positivos, e sempre entrando com o argumento negativo primeiro. “Não vos vingueis a vós mesmos.” Alguém age mal com você, causa algum dano a você, e, naturalmente, o seu primeiro instinto é rebater, é vingar-se, é reagir revidando. Assim é a natureza humana – vê-se isso nas crianças, vê-se em toda parte. Todos nós temos isso, todos nós conhecemos isso perfeitamente bem. Mas vocês se lembram de como consideramos o sentido da expressão “Provei coisas honestas”? Significa, pensem antes de agir; não ajam impulsivamente. Os homens e as mulheres cristãos pensam; dão um tempo. Como cristãos, eles não mais agem imediatamente como pessoas “naturais”. Os animais vivem instintivamente, e, por causa da queda no pecado, os seres humanos se comportam como animais. Por isso imediatamente revidam e se vingam. No entanto, o apóstolo diz: “Não façam isso, vocês são cristãos”.

Quero dizer outra vez, como já estive dizendo sobre algumas das injunções anteriores, que é bom chegar ao aspecto negativo. Se todo o mundo na Igreja sempre alcançasse este aspecto negativo, a história da Igreja seria muito diferente. Não desprezem o fator negativo; é muito importante. É o primeiro passo, e, se vocês não puderem ir além dele, ao menos procurem chegar até lá. Não revidem.

Entretanto é evidente que o apóstolo não pára aí – ele prossegue, indo para a declaração positiva: “mas dai lugar à ira” (ou, VA: “mas, antes, dai lugar à ira”). Bem, a palavra “antes”, que consta em itálico na Versão Autorizada (inglesa), não está no original, foi acrescentada pelos tradutores. É um bom acréscimo porque nos ajuda a entender as palavras de Paulo. Ajuda a assinalar o contraste. Ao invés de tomar vingança, vá ao outro extremo. Mas claro está que o contraste está implícito nas palavras de Paulo, de modo que eu justifico a inclusão da palavra “antes”.

Então, se não devemos vingar-nos a nós mesmos, que é que devemos fazer? Bem, o que Paulo diz é que devemos “dar lugar à ira”. Que quer dizer isso? A expressão “dar lugar” é muito interessante. Há os que pensam que, em vez de você vingar-se num estado de ira, significa que você deixa a coisa passar, deixa esfriar. Acham eles que o sentido é que você não deve agir imediatamente, porém deve dar a si mesmo uma chance. Você deve dar lugar à ira dando-lhe tempo. Mais tarde você não vai estar tão exacerbado e colérico.

Outros têm sugerido que significa que você deve deixar o seu adversário descarregar a sua raiva em você. Aí está uma pessoa exaltada fazendo a você algo inteiramente injustificável, e eles acham que o apóstolo está dizendo: não se vingue, não revidem, mas apenas deixe-o continuar. Não faça nada. Deixe que ele dê o seu tiro, por assim dizer. Deixe que ele despeje a sua ira sobre você. Deixe que ele faça o que quiser.

Todavia nem por um momento podemos aceitar essas

explicações. Como dissemos, toda vez que nos depararmos com uma declaração como esta, é sempre bom examinar usos similares da palavra ou frase que está sendo estudada. E vocês verão que noutras passagens há diversos exemplos interessantes do uso das palavras gregas traduzidas por “dar lugar”. Uma está no Evangelho Segundo Lucas, capítulo 14, versículo 9. No versículo 8 lemos esta instrução do nosso Senhor: “Quando por alguém fores convidado às bodas, não te assentes no primeiro lugar, não aconteça que esteja convidado outro mais digno do que tu”. E o nosso Senhor continua no versículo 9: “E, vindo o que te convidou a ti e a ele, te diga: *dá o lugar a este*; e então, com vergonha, tenhas de tomar o derradeiro lugar”. Você terá que se levantar do assento que fica na parte principal da mesa e dar o lugar ao outro, que é mais digno que você.

Outro exemplo se acha em Efésios 4:27, onde temos esta injunção de Paulo: “Não *deis lugar* ao diabo” – não lhe dêem espaço; não lhe dêem nenhuma oportunidade. É exatamente a mesma frase. Significa, pois, “abrir espaço para”, “dar campo, ou livre campo, ou carta branca”, ou, se vocês preferirem, “deixar isso com” a coisa ou a pessoa em questão.

Chegamos depois à palavra “ira” – “Daí lugar à ira”. Infelizmente aqui a Versão Autorizada (inglesa) deixou fora uma palavra que é realmente a chave para se entender esta declaração. A tradução deveria ser como esta: “Bem-amados, não vos vingueis, mas antes abri espaço para *a ira*”. E, no momento em que vocês entendam isso, penso que a explicação ficará perfeitamente simples e clara. Paulo está falando sobre a ira de Deus! Não se vinguem vocês mesmos, mas abram espaço para a ira de Deus. Não cedam à sua ira, porém, como no caso do homem que estava na festa e teve que se levantar e ir para outro lugar, abram espaço, dêem livre campo, façam concessão para, deixem isso com, a ira de Deus.

Que esse deve ser o verdadeiro sentido fica estabelecido pelas próximas palavras, pois Paulo passa a dizer

imediatamente: “porque está escrito”. “Não vos vingueis a vós mesmos, mas antes abram espaço para a ira de Deus” – por quê? – “porque está escrito: Minha é a vingança; eu recompensarei, diz o Senhor”. Essa sentença é uma citação de Deuteronômio 32:35, e significa: “A vingança é minha – não de vocês”. A ênfase ali é à palavra “minha”. E assim o apóstolo introduz a sua citação, como era seu costume, para consolidar o seu argumento. Diz ele: não façam isso, porque a vingança realmente não pertence a vocês; pertence a Deus.

A próxima palavra, “recompensarei”, é simples. O verbo significa “retribuir”; pagar de volta”. Este é o ensino do nosso Senhor no Sermão do Monte. No início de Mateus, capítulo 7, lemos isto: “Não julgueis, para que não sejais julgados. Porque com o juízo com que julgardes sereis julgados, e com a medida com que tiverdes medido vos hão de medir a vós”. Isso é recompensa, retribuição. É uma espécie de “pagar com a mesma moeda”. Outra maneira de expressar esta idéia é dizer: “Tudo o que o homem semear, isso também ceifará” (Gálatas 6:7).

Assim pois, tendo entendido o sentido das diversas frases e expressões, agora estamos em condições de considerar o ensino. Que é que o apóstolo nos está dizendo? Permitam que me expresse desta maneira: nunca devemos procurar vingança pessoal – nunca. Por quê? Porque a vingança é obra de Deus, não nossa. É prerrogativa de Deus, é atividade própria de Deus.

Pois bem, aqui chegamos a um princípio muito importante. O apóstolo não apenas nos diz estas coisas. A explicação está implícita em seu ensino. Por que é que isso é obra de Deus e não nossa? A resposta é: porque somos pecadores; porque somos injustos, em consequência do pecado. O juízo que fazemos é inadequado. Somos ineptos para tal tarefa, especialmente, claro, quando sucede que a causa é nossa. Todos nós sabemos que somos péssimos juizes de nós mesmos, da nossa posição, das nossas condições e de

tudo quanto acontece conosco. Em consequência do pecado, todos nós somos egocêntricos, sempre na defensiva, sempre nos protegendo. Enxergamos uma falta noutra pessoa e a denunciemos, mas sempre achamos uma explicação para o mesmo pecado em nós: “Acusando-se ou então escusando-se uns aos outros” (VA), como Paulo já dissera em Romanos 2:15. Portanto, não somos aptos para exercer juízo. Não vemos a situação completamente. Somos juízes parciais, incapazes de chegar a um julgamento justo, e é muito perigoso nós tomarmos a punição em nossas mãos. Não, não, Deus é o Juiz de toda a terra, e somente Ele é o Juiz. O juízo de Deus, a ira de Deus, é sempre santa; é sempre justa; é sempre reta, e é sempre controlada.

Portanto, a palavra “ira” é empregada aqui com relação a Deus. Paulo diz: “Mas antes dai lugar à ira de Deus”. Já consideramos a expressão “a ira de Deus” em Romanos 1:18, onde o apóstolo diz: “Porque do céu se manifesta a ira de Deus sobre toda a impiedade e injustiça dos homens, que detêm a verdade em injustiça”. E quando tratamos desse versículo salientamos que nunca devemos pensar na ira de Deus como pensamos na ira de um ser humano. A nossa ira é envolta em paixão e sempre lhe falta o fator controle, porém a ira de Deus é sempre judiciosa. Nunca é vingativa. Nunca é uma paixão colérica que O tirasse de Si, digamos assim. Sua ira e Seus juízos são sempre justos, sempre retos e sempre santos; e, portanto, diz o apóstolo, devido às nossas condições e à nossa imperfeição, e porque Deus é o que Ele é, você não deve retribuir o mal; deixe isso com Ele. Ponha-se de lado, por assim dizer, e deixe que Deus opere.

Mas é muito importante que obedeçamos a esta injunção com o espírito certo, e é neste ponto que entra a sutileza. O diabo pode aparecer como um anjo de luz, pode citar passagens bíblicas, e ele se acerca dos homens e das mulheres quando eles estão dispostos a atender a esta injunção. “Sim, está certo”, o diabo lhes diz, “deixe isso com Deus. Deus fará

a retribuição a ele, e de um modo que você não conseguiria!” Daí você se refreia e não se vinga pessoalmente a fim de que aquele que o ofendeu receba punição maior do que a que você poderia aplicar-lhe. E, no momento em que você diz isso, já negou totalmente o espírito desta injunção.

Este ponto é muito importante, e o resto da exposição vai deixá-lo ainda mais claro. Apenas o estou salientando nesta altura. Nunca devemos desejar o mal à pessoa que nos ofendeu – nunca! Portanto, não entregue alguém a Deus a fim de que o ofensor receba punição maior. Muito ao contrário. Deixe-o com Deus porque você reconhece que só Deus é capaz de fazer um julgamento justo. Por isso Paulo está dizendo: deixe-o inteiramente nas mãos de Deus; deixe que Deus cuide dele.

O nosso Senhor mesmo agia inteiramente baseado neste princípio. Lembra-se? Vocês certamente se lembram de que Pedro, referindo-se a Cristo, disse que “quando o injuriavam, (ele) não injuriava, e quando padecia não ameaçava” – que é que Ele fazia? – “mas entregava-se àquele que julga justamente” (1 Pedro 2:21-23). É isso. O nosso Senhor deixava o julgamento inteiramente com Deus. Ele não Se defendia pessoalmente. Não Se vingava. Ele simplesmente entregava-Se e toda a Sua causa “àquele que julga retamente”. Assim, quando dermos espaço para a vingança e para a ira de Deus, devemos fazê-lo sempre com o espírito certo.

Mas, se eu parasse por aqui o meu ensino poderia induzir a erro. Neste ponto devemos acrescentar uma restrição, e eu quero mostrar que isso também é muito importante, particularmente, talvez, num tempo como este. Muitos são os que tomam esta injunção no ponto em que acabei de deixá-la, e não vão adiante. Eles argumentam ou deduzem que o apóstolo está ensinando uma espécie de passividade frouxa, que não devemos fazer absolutamente nada. Além disso, eles forçam demais o texto, chegando ao ponto de negar qualquer doutrina de punição ou de retribuição. Eles têm franca

aversão por todo e qualquer ensino que diga respeito à ira de Deus. Deus, dizem eles, é amor, e isso significa que não há punição, não há vingança, não há ira. Acreditando que com isso estão refletindo o “espírito do cristianismo”, não hesitam em eliminar das Escrituras porções inteiras, particularmente este versículo de Romanos.

Muitas vezes li e ouvi pessoas dizerem que não crêem num Deus que pode dizer “Minha é a vingança”. Para eles, a idéia de que possa existir ira em Deus é uma contradição de todo o espírito do cristianismo. Por conseguinte, eles nos diriam que apenas devemos suportar tudo, em todas as áreas e em todos os aspectos, e que não devemos interessar-nos nem um pouco pela idéia de punição e retribuição. Pois bem, é importante que percebamos quão errado é esse ensino.

Permitam-me, pois, colocar isso para vocês em algumas proposições. A primeira é que, como vimos, você nunca deve preocupar-se com ofensas pessoais nem buscar vingança pessoal. Isso é um absoluto. Nunca procure vingança pessoal, não importa o que lhe tenham feito. “Não vos vingueis.”

Em segundo lugar, nunca devemos sequer desejar que o inimigo sofra dano pessoal. Isso constitui a essência do ensino cristão. Já consideramos um bom número de passagens sobre este assunto, alguns versículos do Sermão do Monte inclusive. Vimos que Jesus disse: “Amai a vossos inimigos” (Mateus 5:44). Ora, você não pode amar o seu inimigo e ao mesmo tempo desejar-lhe algum mal. Pode ser que você tenha sido tratado abominavelmente; não importa. “Não se vingue” – nem em atos e nem mesmo em desejo.

Isso está perfeitamente claro. Não obstante, em terceiro lugar, embora eu nunca me vingue de uma ofensa pessoal nem deseje que o meu inimigo sofra algum mal, devo, ao mesmo tempo, preocupar-me com a verdade, com a retidão, com a justiça e com a glória de Deus. Este princípio é importante, não só em seu aspecto prático, como também do ponto de vista do manejo das Escrituras.

Em quarto lugar, não só é certo mas também é nosso dever desejar que o reino de Deus seja vindicado e seja estendido, e que a glória de Deus se manifeste sobre toda a face da terra.

E, em quinto lugar, é certo e justo que nos sintamos consolados pelo fato de que Deus reina supremo, e que Ele será finalmente vingado em Si, em Seu reino e em Seu domínio sobre todos, na punição de todos os Seus inimigos.

Notem bem os meus termos. Estou dizendo que é certo e justo que nos sintamos consolados pela idéia de que uma era má como esta, quando os inimigos de Deus estão em ascensão, desenfreados, e parecem ter tudo sob o seu controle, é justo e bom que, como povo de Deus, nos sintamos consolados por saber que “o Senhor reina”, apesar de tudo, e que Ele Se vingará final e definitivamente, a Si próprio e à Sua glória. E uma parte desta vingança será a punição dos ímpios, dos inimigos de Deus. Como vocês podem ver, a distinção é entre ofensas pessoais e ofensas ao nome e à glória de Deus. Eu não devo vingar-me de ofensas pessoais, porém, se eu não tenho zelo pelo nome e pela glória de Deus, não estou me comportando de maneira verdadeiramente cristã.

Vejam, por exemplo, o aprisionamento do apóstolo Paulo e de Silas em Filipos. Paulo e Silas tinham sido detidos injustamente – foi uma ação escandalosa – e tinham sido lançados no cárcere dos fundos, onde seus pés tinham sido presos a troncos. Vocês se lembram da narrativa de como eles foram libertados graças a um terremoto e de que eles passaram a noite na casa do carcereiro. Mas depois lemos: “E, sendo já dia, os magistrados mandaram quadrilheiros, dizendo: soltai aqueles homens. E o carcereiro anunciou a Paulo estas palavras, dizendo: os magistrados mandaram que vos soltasse; agora pois saí, e ide em paz”.

E então: “Mas Paulo replicou: açoitaram-nos publicamente, e, sem sermos condenados, sendo (nós) homens romanos, nos lançaram na prisão, e agora encobertamente nos lançam fora? Não será assim; mas venham eles mesmos e

tirem-nos para fora. E os quadrilheiros foram dizer aos magistrados estas palavras; e eles temeram, ouvindo que eram romanos. E, vindo, lhes dirigiram súplicas; e, tirando-os para fora, lhes pediram que saíssem da cidade” (Atos 16:35-39).

Assim vocês vêem que o apóstolo traçou uma distinção ali. Ele não estava se vingando pessoalmente, não estava preocupado com a ofensa pessoal, com a maldade pessoal a que tinha sido submetido. Mas toda lei em última instância deriva de Deus, e Paulo estava preocupado com a dignidade e com a honra da lei e da justiça. Ali estavam homens que supostamente estavam administrando a justiça, e eles próprios estavam sendo injustos. Esses magistrados estavam violando a lei que foram destinados a defender e manter, e o apóstolo se opôs a isso. Ele os repreendeu e lhes mostrou exatamente como deveriam estar se portando. Paulo se recusou a sair da cidade daquela maneira, e os magistrados tiveram que descer e cumprir a lei.

Vemos outro exemplo deste princípio quando Paulo foi preso e foi levado e apresentado ao sinédrio. Lemos: “E, pondo Paulo os olhos no conselho, disse: varões irmãos, até ao dia de hoje tenho andado diante de Deus com toda a boa consciência. Mas o sumo sacerdote, Ananias, mandou aos que estavam junto dele que o ferissem na boca. Então Paulo lhe disse: Deus te ferirá, parede branqueada: tu estás aqui assentado para julgar-me conforme a lei, e contra a lei me mandas ferir?” (Atos 23:1-3).

Paulo se opôs à injustiça de ser golpeado na boca por um homem que se supunha estar administrando a lei. Diga-se de passagem que o apóstolo não sabia que aquele homem era o sumo sacerdote – não que isso importe. O que importa é que ali estava um homem que estava abusando da sua posição, e o apóstolo, não para vindicar-se ou para tomar vingança pessoal, porém no interesse da verdade, da lei, da justiça e da retidão, censurou aquele homem e asseverou o grande princípio de que não se deve quebrar a lei.

No entanto, há outro exemplo ainda mais interessante e que sempre me fascinou. O apóstolo Paulo escreveu a Timóteo: “Alexandre, o latoeiro, causou-me muitos males; o Senhor lhe pague segundo as suas obras. Tu guarda-te também dele; porque resistiu muito tempo às nossas palavras. Ninguém me assistiu na minha primeira defesa, antes todos me desampararam. Que isto lhes não seja imputado” (2 Timóteo 4:14-16). Notem a maneira diferente pela qual o apóstolo reage a Alexandre, o latoeiro, e aos seus companheiros cristãos que o abandonaram durante o primeiro julgamento a que foi submetido. Ali estava o apóstolo, sendo julgado pela primeira vez, e de repente eles desapareceram, deixando-o sozinho. Certos cristãos sempre foram propensos a agir dessa forma através dos séculos, e ainda o fazem. Tais indivíduos são amigos das boas horas, que nunca estão presentes quando você precisa deles, talvez mais do que de qualquer outra coisa.

Mas o apóstolo não reagiu aos amigos que o tinham abandonado como reagiu a Alexandre, o latoeiro, que estava se opondo militantemente contra a verdade e a estava impedindo. Dele o apóstolo diz: “O Senhor lhe pague”. Esse homem tinha causado grave dano a Paulo – “muitos males” – e Paulo sabia que ele estava pronto a prejudicar Timóteo e os demais. Todavia, Paulo não tentou devolver com as próprias mãos a Alexandre o mal recebido dele. Não se vingou pessoalmente. Fez precisamente o que está dizendo aos romanos que façam. Ele se pôs de lado e disse: “O Senhor lhe pague segundo as suas obras”. Deixou com Deus o julgamento da causa e a decisão quanto a puni-los.

Com relação aos cristãos fracos que tinham abandonado Paulo, não havia nada realmente pernicioso neles, eram simplesmente fracos. “Ninguém me assistiu na minha primeira defesa”, disse Paulo, “antes todos me desampararam” – tão-somente covardes, uns fracotes. E a atitude do apóstolo para com eles foi muito diferente da sua atitude para com Alexandre. Diz ele: “Rogo a Deus que isso não lhes seja

imputado” (VA). Ele pleiteou com Deus a favor deles. Não os deixou simplesmente nas mãos de Deus, mas pediu a Deus que tivesse piedade e que tivesse misericórdia deles, que se lembrasse de que eles eram fracos. Ele intercedeu por eles.

Ora, por que é que achei necessário mostrar que a injunção do apóstolo que temos aqui, em Romanos 12:19, não inculca uma frouxa espécie de passividade e não é uma vaga prosa sobre o amor de Deus que não acredita em verdade, retidão, justiça, disciplina, punição, retribuição e na ira e na vingança de Deus – por que dou ênfase a este ponto?

Minha primeira razão é que, quando entendemos esta doutrina corretamente, entendemos os chamados Salmos “imprecatórios” ou “vindicativos”. Há muitos Salmos nos quais o salmista ora pedindo que sobrevenha terrível punição aos incrédulos. Vejam, por exemplo, o Salmo 69, onde lemos isto: “Torne-se a sua mesa diante deles em laço e, para sua inteira recompensa, em ruína. Escureçam-se-lhes os olhos, para que não vejam, e faz com que os seus lombos tremam constantemente” (versículos 22,23). Ou a última declaração do Salmo 104: “Desapareçam da terra os pecadores”.

Muitos têm tropeçado nestes Salmos, mas não haverá dificuldade se vocês os abordarem seguindo as linhas que eu tenho colocado diante de vocês. Em todos estes Salmos, os salmistas não estão escrevendo do ponto de vista pessoal. Não estão escrevendo a partir do desejo de vingança pessoal. Não, não; estão escrevendo inteiramente do ponto de vista da honra e da glória de Deus. Eles se entristecem quando vêm tais pessoas burlando as leis de Deus, pisando nas coisas santas, falando com arrogância. É o zelo pelo Senhor e pelo nome do Senhor que leva os salmistas a escreverem como escrevem. Essa é a verdadeira e única explicação dos Salmos imprecatórios. Se vocês simplesmente traçarem a distinção entre os escritores e a glória de Deus, Sua justiça e retidão, não vão ter dificuldade. É evidente que vocês devem lembrar-se de que aqueles homens eram homens do seu tempo. A vida

era daquela maneira, e eles se expressavam empregando imagens do seu dia a dia. Contudo, o que é importante é o princípio.

Mas eu tenho que admitir que, ao que me parece, alguns mestres e pregadores do passado foram longe demais na exposição do princípio da retribuição de Deus. Há uns dois ou três séculos havia pregadores que costumavam dizer que os justos deveriam alegrar-se grandemente com a idéia de verem os tormentos dos ímpios no inferno. Isso é levar o princípio longe demais. Repito que jamais devemos preocupar-nos com vingança pessoal, mas sim com a glória de Deus e do Seu santo nome; e, se não nos preocupamos com isso, há algo errado conosco. Se vocês não captarem este princípio, realmente não poderão entender o Velho Testamento e não entenderão o Novo, porque ambos andam juntos.

O segundo ponto é que este ensino é também a resposta ao ensino dos pacifistas. O pacifismo ensina que em todos os tempos e em todas as circunstâncias é errado matar e que aqueles que combateram na Segunda Guerra Mundial, ou em qualquer guerra, pecaram gravemente. Quando se pede aos pacifistas que dêem as suas razões, sua resposta é que o mandamento diz: “Não matarás”. Dizem também que no Sermão do Monte o nosso Senhor disse: “Se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a outra” (Mateus 5:39). “Portanto”, dizem eles, “a explicação é muito simples.”

Entretanto não é tão simples assim, é? Esse é um exemplo do que eu chamo extrair declarações das Escrituras, em vez de comparar Escritura com Escritura. Deus disse: “Não matarás”, mas o mesmo Deus ordenou aos filhos de Israel que exterminassem os amalequitas. Lemos também que o rei Saul ficou com um problema terrível por não ter cumprido plenamente aquele mandamento, tendo poupado alguns elementos do inimigo. Ele foi castigado por não ter matado todos.

Daí, qual será a explicação? Aqui também a explicação

está na diferença existente entre o pessoal e o geral. As ordens para não matar e para oferecer a outra face são dirigidas ao indivíduo. Não são pronunciadas para o Estado, nem para a sociedade em geral, e eu provo isso mostrando que o Deus que diz “Não matarás” ordena à nação israelita que mate certos inimigos, que são Seus inimigos como também dela.

E, quando chegarmos ao capítulo treze de Romanos, veremos que o ensino do versículo 4 sobre o magistrado não trazer a espada em vão sustenta precisamente o mesmo princípio. Há uma diferença entre a minha busca pessoal de vingança e a minha fé que é meu dever defender e manter a lei de Deus. E a lei de Deus é exposta na lei da terra, como Paulo escreveu em Romanos 13:1: “As potestades que há foram ordenadas por Deus”. Portanto, não devemos interpretar mal este ensino concernente à vingança como se significasse que não deve haver jamais vingança alguma. Deve, mas não a nossa, e sim, a de Deus.

A seguir, outra questão. Frequentemente vocês verão que há pessoas que dizem: “Esse ensino sobre a vingança e a ira de Deus, etc., é ensino do Velho Testamento, não do Novo”. E vocês podem ler na imprensa que pessoas que pregam de púlpitos cristãos têm dito que não há proveito nenhum no uso do Deus do Velho Testamento, mas que elas crêem no “Deus de Jesus”. Ora, não há novidade nenhuma nesse ensino – ele começou nos primeiros séculos da era cristã – porém é muito popular na época atual porque parece deveras terno e maravilhoso.

Que diremos então como réplica? A primeira resposta é que é sempre errado criar divisão ou antagonismo entre os dois Testamentos. Deus é o mesmo no Velho Testamento e no Novo. Todavia, se vocês quiserem o melhor de todos os argumentos, é que o nosso Senhor aceitou o ensino do Velho Testamento em sua inteireza. Portanto, você não está se colocando contra o Velho Testamento, e sim contra o Filho de Deus.

Mas, além disso, se aquelas pessoas se dessem ao trabalho de ler o Velho Testamento, veriam que aqueles personagens do Velho Testamento que eles tanto desprezam puderam subir verdadeiramente a grandes alturas. Vejam um homem como Jó, que tanto sofreu por parte dos seus falsos amigos, e, contudo, observem a sua magnanimidade; vejam a sua prontidão em perdoar tudo.

Ou tomem o caso de Davi. Davi foi, talvez, um homem que entendemos melhor, um homem de fortes sentimentos e paixões. Mas leia a história de Davi. É estupenda. Vejam como ele foi maltratado por Saul, o primeiro rei de Israel, que saiu à caça dele como quem cata pulga, como assinala Davi. Observem as indignidades que Saul acumulou sobre ele. A maneira como Davi reagia a isso é quase inacreditável. Muitas vezes ele podia ter matado Saul, no entanto não o quis. Ele disse a Saul: “Julgue o Senhor entre mim e ti, e, e vingue-me o Senhor de ti: porém a minha mão não será contra ti” (1 Samuel 24:12). Na verdade, quando Davi foi informado da morte de Saul e do seu filho Jônatas, o coração de Davi confrangeu-se. Pois bem, vocês poderiam pensar que Davi se alegraria com isso, considerando que Saul o tinha insultado de todas as maneiras concebíveis, mas, ao contrário, ele foi dominado pela dor. Leiam o capítulo primeiro do Segundo Livro de Samuel e o seu lamento pela morte de Saul.

Depois, vejam também a história que narra como Davi administrou o caso daquele homem terrível, Nabal. Se algum homem mereceu vingança, ele a mereceu. Davi deu ouvidos aos rogos de Abigail e deixou o julgamento com Deus. E Deus fez o Seu trabalho com Nabal e a Seu modo providenciou a morte dele. Pois bem, Davi era um homem como nós, sempre pronto a vingar-se; mas não o fez. E, para mim, uma das declarações mais gloriosas de todo o Velho Testamento acha-se no Segundo Livro de Samuel, no versículo 10 do capítulo 4. Quando alguns homens de Davi, que, insensatos, tinham matado por inveja um bom homem, vieram informar Davi

disso, pensavam que ele ia alegrar-se. Eis, porém o que disse Davi: “Quando um homem veio me dizer: vê, Saul está morto, pensando que me trazia boa notícia, eu o agarrei e o matei em Siclague, sendo que ele pensava que eu lhe daria uma recompensa pela notícia por ele trazida” (VA). Não, não, diz Davi. Esse homem não me entendeu, não me conheceu. Veio correndo a mim e pensou que eu ia recompensá-lo pelo que me contou que tinha feito com Saul, mas isso não me agradou.

Assim é que, quando vocês lêem o Velho Testamento, vêem que esses homens puderam subir ao alto nível desta injunção que juntos estamos considerando em Romanos, capítulo 12. Mas, independentemente disso, o próprio Novo Testamento está repleto deste ensino sobre a ira de Deus e sobre a vingança de Deus sobre os Seus inimigos. Se vocês lerem a parábola do nosso Senhor sobre o joio, vê-lo-ão claramente. O senhor disse aos servos que não arrancassem o joio, porém que o deixassem até à colheita – isto é, até ao juízo de Deus. Releiam a história do rico e Lázaro. E leiam a parábola das ovelhas e os bodes, onde se vê o nosso Senhor, com a linguagem mais franca possível, falar sobre a retribuição final de Deus feita aos homens e às mulheres que Lhe desobedeceram. Permitam que cite as palavras para vocês, porque elas são esquecidas tantas vezes hoje em dia que não podemos permitir-nos o risco de supor que são conhecidas.

“Então dirá também aos que estiverem à sua esquerda: apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos; porque tive fome, e não me destes de comer... Então lhes responderá, dizendo: em verdade vos digo que, quando a um destes pequeninos o não fizestes, não o fizestes a mim. E irão estes para o tormento eterno, mas os justos para a vida eterna” (Mateus 25:41,42; 45,46).

Portanto, quem omite o juízo de Deus não está só contendendo com o Velho Testamento, está contendendo com a Encarnação do amor de Deus. Já vimos este ensino muitas

vezes nesta grande Epístola aos Romanos. Acha-se também, de maneira inequívoca, em 2 Tessalonicenses: “Se de fato é justo diante de Deus que dê em paga tribulação aos que vos atribulam, e a vós, que sois atribulados, descanso conosco, quando se manifestar o Senhor Jesus desde o céu com os anjos do seu poder, como labareda de fogo, tomando vingança dos que não conhecem a Deus e dos que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo” (2 Tessalonicenses 1:6-8).

E, que é o livro do Apocalipse, senão uma grande exposição da ira e da vingança de Deus sobre os Seus inimigos, sobre aqueles que rejeitaram o Seu evangelho, desprezaram a voz divina e recusaram a Sua grande oferta de amor em Seu Filho unigênito, o Crucificado? No Apocalipse nos é concedida uma visão dos seres santos sob o altar, e ali estão eles brandando: “Até quando, Senhor?” E se eu e vocês não temos zelo pelo nome de Deus, se não temos zelo pelo justo juízo de Deus, o nosso cristianismo é seriamente defeituoso. Você nunca deve sentir desejo de vingança pessoal, mas, se você não espera o dia em que Deus vai Se vingar e em que todos os escarnecedores e todos os pecadores da atualidade e de todas as eras vão receber sua justa recompensa, significa que o seu entendimento das Escrituras é equivocado e que o culto que você presta a Deus é gravemente defeituoso. Paulo não ensina uma frouxa passividade ou um frouxo sentimentalismo, mas inculca o grande princípio da diferença que existe entre vingança pessoal e a vingança de Deus todo-poderoso. Queira Ele, por Seu Espírito, dar-nos sabedoria nestas questões.

35

“Portanto, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber; porque, fazendo isto, amontoarás brasas de fogo sobre a sua cabeça. Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem.” – Romanos 12:20,21

Estivemos considerando que, no versículo dezenove, a ênfase é mormente negativa. Não devemos vingar-nos a nós mesmos. Mas o apóstolo não pára aí. Como temos visto, ele nunca se detém na negativa, embora geralmente comece por ela, e embora seja sempre importante. Todavia Paulo passa então à declaração positiva, e esta é a glória da posição cristã. O cristão não é tão-somente um tipo negativo de pessoa. É uma completa perversão do evangelho insinuar que o cristão é meramente alguém que não faz certas coisas. Os cristãos são pessoas muito positivas. Certamente há coisas que eles não fazem, mas o que realmente os revela como cristãos é o elemento positivo presente em toda a sua perspectiva e conduta.

Assim, o apóstolo caminha para o princípio positivo, e aqui está ele, no início deste versículo vinte: “Portanto, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber”. Não somente não devemos fazer nenhum mal ao nosso inimigo; devemos fazer-lhe o bem positivo. Isso é cristianismo essencial. E é nisso que freqüentemente vemos a diferença entre o ensino cristão e o moralismo do mundo, mesmo em sua melhor e mais alta expressão.

Esta injunção prova, penso que além de toda dúvida, o acerto da nossa interpretação do versículo dezenove, na qual

dissemos que você não deve se abster da vingança simplesmente na esperança de que a punição aplicada por Deus seja mais severa que a sua. Nós descartamos isso e dissemos que é totalmente errado porque contradiz o espírito do ensino do apóstolo. E agora temos uma prova absoluta disso: “Portanto, não retaliem”, diz com efeito Paulo, “mas deixem o julgamento com Deus, porque somente Deus é justo. Ele vê o todo, e julgará própria e retamente. Deixem isso com Deus, porque vocês não devem desejar que algum mal sobrevenha ao seu inimigo. Vão adiante, pois, e façam o bem a ele nesta questão de comer e beber, e em qualquer outra necessidade que acaso ele tenha”.

Bem, Paulo aqui cita Provérbios 25:21,22. Vemos aí, pois, mais um motivo para descrever como tola ou insensata a colocação do Velho Testamento contra o Novo. Aqui, de novo, o apóstolo está estabelecendo um ensino positivo do Novo Testamento citando o Velho Testamento. Como já vimos, os cristãos que se desfazem do Velho Testamento estão mostrando não somente a incapacidade de entender o Velho Testamento, como também a incapacidade de entender o Novo. É surpreendente quantas vezes o apóstolo arremata um argumento, ou faz uma demonstração final de uma tese que ele está defendendo, usando uma citação apropriada do Velho Testamento.

Generosidade para com os nossos inimigos, ensina o sábio do livro de Provérbios. Permitam-me salientar que a questão não se restringe a comida e bebida – estes casos são ilustrações. Faça o bem ao seu inimigo em todos os aspectos que puder, sempre que se lhe apresentar a oportunidade. Aproveite-se da oportunidade de fazer-lhe o bem. Embora seja seu inimigo, é dessa maneira que você deve tratá-lo.

Então chegamos à declaração que consta na segunda parte deste versículo vinte: “porque, fazendo isso, amontoarás brasas de fogo sobre a sua cabeça”. Isso faz parte da citação de Provérbios, e, de novo, tem causado considerável discussão

entre os comentadores. Algumas pessoas dizem que o sentido é: “Faça o bem desta maneira a fim de que o castigo imposto ao seu inimigo seja muito maior, se ele não reagir bem ao que você fez por ele”. Você deliberadamente lhe dá comida e bebida, sabendo que ele não vai reagir bem, a fim de que a punição dada por Deus a ele seja maior. Noutras palavras, o seu motivo é a punição do seu inimigo e o aumento dessa punição.

Mas é evidente que temos de rejeitar absolutamente essa interpretação, não apenas para sermos coerentes com a nossa interpretação do versículo dezenove e dos versículos anteriores, porém também porque ela escapa totalmente da linha do espírito geral do ensino do apóstolo nesta passagem. E não somente isso, se vocês lerem a segunda parte de Provérbios 25:22, verão que ele termina dizendo isto: “e o Senhor to pagará”. Se você der de comer e de beber ao seu inimigo, “amontoarás brasas de fogo sobre a sua cabeça, e o Senhor to pagará”, “te recompensará” (VA). Vemos, pois, que fazê-lo é algo agradável aos olhos de Deus, e, como já vimos, o espírito vingativo nunca Lhe é agradável. Portanto, não pode ser essa a explicação.

Parece-me, como na verdade parece à maioria dos comentadores, que só pode haver uma explicação desta declaração. A idéia de brasas de fogo sobre a cabeça de alguém obviamente traz consigo a sugestão de dor e de aguda aflição. Sim, mas esta declaração é metafórica, e não significa de fato colocar brasas de fogo sobre a cabeça. Nem significa chamar raios e trovões dos céus, nem qualquer coisa desse tipo. O que certamente significa é que você causará dor, não física, e sim, a dor da vergonha e a dor do remorso. Significa que, como resultado da sua bondade, o seu inimigo terá intenso sentimento de vergonha e de remorso. Ele experimentará uma espécie de queimação, uma penetrante angústia em sua mente, em seu coração e em seu espírito, e a esperança que você tem é que ele sinta isso em tal medida que será levado a examinar-se e a arrepender-se. Você o abalará e ele se porá a reconsiderar o

que lhe fez, e então verá quão terrível foi causar a você esse mal. E isso o levará ao arrependimento.

Agora, esse é certamente o único sentido que estas palavras podem ter. Neste sentido metafórico, você amontoa brasas de fogo sobre a sua cabeça. Provavelmente ele vai se sentir muito mais miseravelmente mal nessa situação do que jamais se sentira, certamente mais do que quando agiu sem bondade e como seu inimigo. O remorso, o arrependimento, pode ser extremamente penoso, e, ao tratar o seu inimigo desta maneira verdadeiramente cristã, você o faz passar por essa experiência. Ele se condenará a si mesmo e não saberá o que fazer consigo próprio.

Claro está que não se pode garantir esse resultado. Seu inimigo pode não reagir favoravelmente, porém isso não é responsabilidade sua. A sua tarefa é fazer tudo o que puder para levá-lo a essa condição. Você deve almejar isso. E, graças a Deus, muitas vezes esta espécie de comportamento por parte dos cristãos tem levado a esse resultado grandemente desejável. Tem havido muitos e muitos exemplos na história da Igreja de pessoas que até foram convertidas como resultado do fato de cristãos terem posto em prática a injunção do apóstolo nesta passagem. Isso tem sido usado por Deus para levar à salvação pessoas fortemente opostas ao evangelho. Mas, seja qual for o resultado, a ordem é que o façamos.

Isso nos leva, então, ao versículo vinte e um, o último versículo deste capítulo. Este versículo não somente resume o argumento imediatamente precedente; resume o argumento da divisão inteira. Isso também é muito característico do método do apóstolo. Geralmente ele faz isso, como já vimos durante o nosso trajeto através da Epístola. Ele desenvolve os detalhes do seu argumento e depois coroa tudo com uma grande declaração na qual parece colocar a causa toda num pequeno estojo. E este versículo, acho eu, é um exemplo disso. É uma declaração sumamente importante: “Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem”.

Essa é uma das declarações prenhes de significação, e ele coloca diante de nós o princípio da vida cristã em sua real essência. Notem que o apóstolo expressa este ensino negativa e positivamente, e, como de costume, dá o aspecto negativo antes do positivo. “Não te deixes vencer do mal.” Não permita que o mal derrote você. O princípio dado por Paulo aqui parece-me absolutamente essencial a uma verdadeira forma de viver a vida cristã, e eu tentei dividi-lo nalgumas proposições. Eis a primeira: devemos colocar sempre na primeira posição o que nos acontece como almas, não apenas como seres humanos. Na vida do cristão tudo deve estar subordinado aos interesses da alma. Temos por certo aqui algo que é absolutamente básico. É a linha divisória entre o cristão e o incrédulo. O incrédulo não pensa em si como uma alma, e sim como um membro da sociedade, como um membro da nação, um membro de uma família, ou algo parecido. Todavia, o cristão não pensa assim, e não deve pensar assim.

Por que acontecem guerras? * Porque as pessoas pensam instintivamente em termos de nações – “Certo ou errado, é meu país”. Essa é a maneira natural da pessoa pensar – meu país, ou minha família. Outras nações ou outras famílias podem estar erradas, porém a sua, oh, não! É por isso que há guerras, e é por isso que há um Dia do Armistício. Mas o cristão não pensa dessa forma. O cristão pensa essencial, primariamente, sempre, como uma alma.

O nosso Senhor formulou este princípio uma vez por todas: “Pois que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua alma?” (Mateus 16:26). O inimigo insulta você ou toma algo de você ou lhe faz algum dano, e como um ser humano natural você reage mal. Entretanto o cristão não deve agir assim. O cristão sempre se lembra de que é a alma que importa. Você pode ganhar o mundo inteiro, mas será

* Esta preleção foi proferida em 11 de novembro, Dia do Armistício, quando são lembrados os mortos na guerra.

inútil se perder a sua alma. E embora o mundo lhe roube todas as suas posses, se mantiver sua alma intacta, por assim dizer, não lhe roubaram muito. Só lhe terão roubado alguns enfeites que, de qualquer forma, você perderá mais cedo ou mais tarde, quando morrer. Este é o modo cristão de pensar. E, no momento em que começar a pensar nessa linha, estará a caminho da vitória. Contudo, isso só é possível ao cristão.

Mas depois, em segundo lugar, não são as coisas propriamente ditas que são importantes. O que é importante é como as coisas nos afetam como almas. O problema de todos nós, por natureza, o problema do ser humano natural, homem ou mulher, é que ele só enxerga a ação do seu inimigo como uma ação *per se*. Diz ele: “Ele me insultou! Ele tomou isso de mim!” Seu interesse está na ação particular. Todavia isso não é verdade sobre o cristão. O que interessa aos cristãos, homens e mulheres, é o efeito da ação sobre a sua alma, o seu efeito espiritual.

Permitam que o expresse ainda mais claramente. O cristão não se interessa tanto pelas ações alheias como pelo poder que está por trás delas. Aí está a diferença entre o incrédulo e o cristão. O que não é cristão simplesmente vê no outro um ofensor, e se vinga. Mas o cristão vê o princípio subjacente à ação. O cristão vê o diabo instigando a ação. É como Paulo diz em Efésios 6:12: “Não temos que lutar contra a carne e o sangue” – nem em nós, nem noutras pessoas – “mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais”.

Em outras palavras, aqui em Romanos Paulo não diz, “Não te deixes vencer dos homens”, mas, “Não te deixes vencer do mal”. Ele não diz: “Não deixes que os homens te vençam”, mas, “Não deixes que o mal te vença”, apesar de estar falando de ações de pessoas. É por isso que eu digo que este é o princípio – os cristãos nunca se restringem a uma visão superficial. Eles vêem o que está por trás do que acontece. Eles vêem a

mão do inimigo, a mão do diabo, a mão do mal. É com isso que eles se preocupam.

Este é um princípio muito importante, e devemos compreendê-lo em conexão com a generalidade da vida cristã. Muitas vezes tenho dito isto: todos nós temos a tendência de interessar-nos demais pelos pecados particulares, ao invés de interessar-nos pelo *pecado*. Isso faz parte deste perigo de examinar as coisas em si mesmas. Em geral me procuram para falar-me sobre algum pecado particular, e sempre as pessoas me dão a impressão – impressão correta – de que elas realmente pensam que se tão-somente parassem de cometer esse pecado, seriam perfeitas. E o que tenho para dizer a elas é o seguinte: mesmo que consigam ter uma vitória completa sobre esse pecado, vocês ainda não serão perfeitos; ainda terão que lutar contra o mal; ainda terão que lutar contra o pecado; ainda terão que lutar contra o diabo. Isso de que vocês falam é apenas uma manifestação, um sintoma particular. No entanto, não são os sintomas que importam, o que importa é a doença. É o princípio do mal que importa.

Qual seria, então, a relevância disso tudo quanto a esta passagem? É isto: Paulo está dizendo que, se vocês tomarem vingança, estarão permitindo que o mal e o pecado os vençam, obtenham vitória sobre vocês. “Não vos vingueis a vós mesmos, amados.” Se vocês permitirem que outra pessoa os deixe enfezados, vocês terão sido derrotados, não por essa pessoa, mas pelo diabo. Vocês estarão cometendo pecado, porque a raiva, o descontrole emocional e a cólera são sempre errados e maus. Vocês não devem ficar nessas condições, aconteça o que acontecer com vocês. O que quer que a outra pessoa tenha feito comigo, se eu me irritar e me encher de fúria, o diabo já me pegou. É isso que é importante, muito mais importante que o instrumento particular que o diabo usou.

Permitam-me expressar o ponto assim: como cristãos, não devemos perturbar-nos em espírito; não devemos

agitar-nos. O cristão jamais deve perder a paz de Deus e a paz de Cristo. Lembrem-se de que terminamos a penúltima preleção* com esta observação: “E a paz de Deus governe” – atue como árbitro – “o vosso coração” (Colossenses 3:15, VA). Não a percam nunca! Jamais devemos perder esta paz central, essencial, que nos foi dada em nossa grande e gloriosa salvação. Sim, pois o cristão agitar-se é sempre errado; é pecado. Seja o que for que alguém lhe faça, o diabo os terá apanhado nesse ponto, se vocês perderam esta gloriosa paz de espírito. “E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e os vossos sentimentos em Cristo Jesus” (Filipenses 4:7). No momento em que você perder o controle sobre si próprio, já terá sido dominado pelo mal. Não importa quão grande seja a provocação, não importa o que lhe tenham feito, se você perder o controle e disser ou pensar ou tentar agir mal, o diabo venceu, e você foi derrotado.

Ou vejam isso na forma de orgulho. Se o seu orgulho for ferido, e a sua natureza humana natural se levantar de pronto em autodefesa e num desejo de vingança, aí também ocorrerá uma vitória do diabo. Teremos falhado se, como cristãos, nos afligirmos por causa do orgulho ferido; isso sempre é pecado. É desse modo que os homens e as mulheres se comportam naturalmente, e nós temos que ser essencialmente diferentes.

Pois bem, o nosso Senhor expõe claramente este ponto. Não basta não retaliar concretamente. Por certo vocês se lembram de como o nosso Senhor falou sobre isso no Sermão do Monte: “Ouvistes que foi dito aos antigos: não matarás; mas qualquer que matar será réu de juízo. Eu, porém, vos digo que qualquer que, sem motivo, se encolerizar contra seu irmão, será réu de juízo, e qualquer que disser a seu irmão: raca, será réu do sínédrio; e qualquer que lhe disser: louco, será réu do fogo do inferno” (Mateus 5:21,22).

* Página 585, capítulo 33. Nota do tradutor.

Pensamentos maus, mesmo contra um inimigo, são pecaminosos. Era comum dizer-se “Mata-se fulano com a boca”, e todos cometemos homicídio dessa forma. É uma coisa terrível uma pessoa ser dominada pelo mal, em vez de dominá-lo.

Reitero: desejar que venha o mal a alguma outra pessoa é em si mesmo pecaminoso. Se somos culpados de pensar em praticar algum dos pecados que acabo de enumerar, fomos derrotados pelo mal, e isso é imensamente pior do que qualquer coisa que qualquer ser humano possa fazer-nos. Há um limite para o que as pessoas podem fazer conosco. Podem ferir-nos superficialmente, mas não podem causar dano à nossa alma. Só o mal é que pode fazer isso. Quando o mal nos vence, somos vencidos na parte mais elevada e mais nobre do nosso ser, na verdade, em nossa própria relação com Deus. Assim, pois, não devemos permitir que isso aconteça conosco. A realidade do poder do mal é algo que devemos ter sempre em primeiro plano na mente. Por isso o apóstolo diz: não se deixe vencer pelo mal. Veja o mal, antes que as pessoas; veja o diabo, antes que as coisas particulares. Essa é a essência do ensino nesta altura.

Passemos agora ao ensino positivo, e vejam de novo a importância de não parar no aspecto negativo. E assim, aqui está: “Vence o mal com o bem”. Notem a palavra “vence” (VA: “vence”, ou “domina”, ou “doma”). Paulo não nos está ensinando meramente a manter um equilíbrio, por assim dizer, a manter o mal em aperto, a meramente não ceder ao pecado. Não, não, os cristãos devem *vencer*, devem *domar* o mal, devem ser “mais do que vencedores” (Romanos 8:37). Há uma sobrepujança. Eles devem ser vitoriosos. Eles devem pôr abaixo o mal, em vez de permitir que o mesmo os ponha abaixo. E lembrem-se de que Paulo diz que devemos “vencer o mal *com o bem*”. Não há nada que possa vencer o mal senão o bem. Este é o princípio de antagonismo, e este bem positivo é tão antagônico ao mal que realmente pode arrasá-lo.

Facilmente poderíamos expandir isto. Estamos

enfrentando um crescente problema moral na Grã-Bretanha e em todos os demais países, precisamente por causa desta incapacidade de vencer o mal com o bem. Os sistemas de moralidade nada podem fazer para vencer o mal. Oh, eu sei muito bem que os psicólogos falam em sublimação, mas é pura prosa, eles não capacitam você a vencê-lo. Não, não, eles não podem fazer mais que tentar controlar as manifestações do mal, mantê-lo dentro de limites. Está certo, não estou menosprezando isso, porém os moralistas não devem falar de uma cura radical que eles não conseguem levar a efeito. A educação, a cultura, todas estas coisas falham completamente neste ponto. Não, não, há só uma coisa que pode vencer o mal: o bem positivo. Vejam a famosa frase do Dr. Thomas Chalmers – “o poder expulsivo de um novo afeto”. A natureza detesta o vácuo. O mal é expelido pela entrada do bem.

Ora, como é que isso acontece? “Vence o mal com o bem”, diz o apóstolo. Diz ele: faça o que lhe estou dizendo. Não se deixe derrotar, mas consiga a vitória. E Paulo já nos tinha dito como fazer isso. Um dos melhores meios é: “Se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber”. Seja qual for a sua necessidade, vá até ele e ajude-o como puder. Todavia, como é que isso vence o mal? Funciona assim: você vence o mal em si próprio fazendo isto: toda vez que você faz o bem ao seu inimigo, você obtém uma vitória sobre a velha natureza que ainda lhe foi deixada. Você não está reagindo ao mal, mas o está mortificando. Você está levando a efeito o grande princípio da mortificação das “obras do corpo” (ver Romanos 8:13). “Mortificai pois os vossos membros, que estão sobre a terra”, diz Paulo (Colossenses 3:5). Toda vez que você fizer isso, vai estar se tornando mais forte e melhor, vai estar crescendo em graça, realmente estará dominando o mal em seu próprio ser.

Graças a Deus, todos nós temos algum conhecimento disso, não temos? Cada vez que você pôs em prática esta injunção, você viu quão melhor e mais forte ficou. Que

diferença há entre o seu estado depois de ter se vingado, e depois de ter posto em prática as palavras de Paulo! Você se sente mais limpo, mais puro e mais sadio, você se sente mais feliz. Você percebe isso logo. Você fez bem à sua própria alma; você aumentou os seus bens espirituais armazenados. Você passa a ser um cristão melhor, mais forte, mais pronto a enfrentar o inimigo quando ele vier de novo. Você está crescendo na graça e no conhecimento do Senhor. Assim, você venceu o mal em seu próprio ser.

Mas não somente isso, você venceu o mal também em seu adversário, na pessoa que está agindo com você como um inimigo. Ele agiu impulsivamente, como um homem natural, quando o prejudicou, porém no momento em que você o conteve positivamente, você lhe fez bem. Você o fez repensar e reexaminar suas ações. E tudo isso é excelente. É o tratamento da sua alma. Você lhe deu o entendimento do mal por ele feito. Você promoveu nele o arrependimento. O maior bem, a maior bondade que podemos fazer a outra pessoa é ajudá-la a chegar ao arrependimento. Você mostrou ao seu adversário um novo e melhor caminho. Abriu-lhe os olhos para uma possibilidade que ele nunca tinha percebido, algo que ele poderia conhecer e experimentar. Portanto, você lhe está fazendo um infindável bem, dominando o mal em seu inimigo assim como em si próprio.

Mas, acrescentemos algo mesmo a isso – você também pode vencer o mal em geral, o mal em si. Toda vez que seguimos a injunção de Paulo, estamos derrotando o diabo, estamos obtendo uma vitória sobre ele, como o nosso Senhor obteve vitórias sobre ele nas tentações que sofreu no deserto e em muitas outras situações, supremamente na cruz do Calvário. Toda vez que você alimenta o seu inimigo ou lhe dá de beber, você realmente está dizendo: “Para trás de mim, satanás”, e ele tem que sair. “Resisti ao diabo, e ele fugirá de vós” (Tiago 4:7). É assim que se resiste ao diabo – não com medo, negativamente, mas fazendo positivamente algo que o ponha a correr.

Pois bem, isso é vitória real – vitória sobre o mal. E, naturalmente, essa é a marca distintiva da vida cristã. Não há nada mais maravilhoso que isso. Você sabia que pôr em prática esta injunção acerca de você não se vingar e deixar isso com Deus, e sobre alimentar o seu inimigo e dar-lhe de beber – você sabia que o homem ou a mulher capaz de fazer isso faz uma coisa que os maiores homens do mundo ignoram totalmente? Essa é uma realização real.

Pois bem, hoje é o Dia do Armistício, e é um dia em que o povo fala de coragem, de realizações extraordinárias e da conquista de grandes vitórias. Os nossos livros de história fazem-nos recordar os grandes vultos do passado. Eles venceram inimigos, derrotaram exércitos, libertaram países. Ótimo! Vocês podem elogiá-los quanto quiserem. Tudo o que estou dizendo é que a pessoa que consegue cumprir a injunção do apóstolo obtém uma vitória da qual muitos daqueles vultos nada sabiam e que foram totalmente incapazes de obter.

De novo, o sábio do livro de Provérbios expressa este ponto muito bem. Nós honramos os homens que podem conquistar cidades – sim, mas, diz o sábio: “Melhor é o longânimo do que o valente, e o que governa o seu espírito do que o que toma uma cidade” (Provérbios 16:32). Vejam os grandes capitães e reis do passado. Eles puderam capturar homens e puderam dominar e tomar cidades, mas não puderam controlar o seu próprio temperamento. Não conseguiam governar o seu espírito. Essa é a tragédia. Alexandre, o Grande! Que homem poderoso! Parecia capaz de governar o mundo. No entanto não pôde governar sua própria luxúria e, em consequência, morreu de um aneurisma quando ainda era relativamente jovem. Ser “longânimo” (ou, VA, ser “lento para irar-se”) é governar seu próprio espírito. Não saberíamos, todos nós, alguma coisa sobre isso? É sempre muito mais fácil controlar outras pessoas do que controlar a nós mesmos. Mas esse é afinal o seu dever, como é o meu. Acho mais fácil dirigir uma igreja do que dirigir a mim mesmo. Este é o

desafio, não é? Não adianta governar outras pessoas, se você não pode governar a si próprio. Se você não pode governar a si mesmo, você foi derrotado, você é um miserável fracasso. Entretanto, se pode, esta é a real realização; esta é a vitória gloriosa; esta é uma verdadeira grandeza.

Que será, então, que torna possível o autocontrole? Qual será o segredo? Eis a glória disso tudo: “Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem”. A história da raça humana é uma história de uma pessoa má derrotando outra pessoa má, porém no fim é tudo mau. Uma sobe, outra desce; uma vem, outra vai. Eis aqui, no entanto, a vitória de Deus. Que é que faz das máximas de Romanos 12 inigualáveis em toda a filosofia humana? Por que este capítulo é único em sua glória e em seu encanto? Em que base o apóstolo colocou este apelo e nos deu esta injunção?

Nenhum ser humano, homem ou mulher, pode subir a este nível, a não ser que tenha uma visão correta de si mesmo. Essa é sempre a primeira coisa. Lembrem-se de como o apóstolo começou o capítulo: “Rogo-vos *pois*, irmãos, pela compaixão de Deus”. É tudo o que Paulo vinha dizendo em sua grande doutrina do que aconteceu conosco – justificação, santificação, glorificação, adoção, a nossa posição de filhos – é tudo isso que torna possível a nossa obediência, e nenhuma outra coisa pode fazê-lo. Você tem que ter uma correta visão de si próprio.

Agora lembrem-se, estamos tratando particularmente do que as pessoas nos fazem e de como reagimos a isso, mas aqui está o princípio: “Não sabeis... que não sois de vós mesmos. Porque fostes comprados por bom preço” (1 Coríntios 6: 19,20). Portanto, você começa lembrando-se do que você é e de quem você é; você pensa em sua alma. E a diferença entre os cristãos e os que não são cristãos é que os “não cristãos” pertencem a si mesmos, enquanto que os cristãos pertencem a Cristo e a Deus. Sendo assim, você precisa parar de pensar em termos de si próprio. Você reage violentamente porque

pensa em si mesmo. Você foi insultado; foi ofendido; foi ferido; foi despojado. O ego! Mas isso se vai quando você pensa de maneira cristã.

Você não pertence a si próprio, de modo que deve começar a pensar em si mesmo, e sempre deve pensar em si próprio, como filho de Deus. Você está nesta nova relação. Pense em seu Pai; pense em sua família. É assim que se reage desta maneira inteiramente nova às coisas que as pessoas fazem com você. O que realmente importa não é a nossa minúscula reputação, é a reputação da família, é a reputação de Deus, é a reputação do céu. A minha derrota reflete-se na Cabeça; a minha derrota é, num sentido, uma derrota do reino de Deus, e causa grande alegria ao diabo e a todos os seus exércitos e poderes.

Mas, por outro lado, toda vez que temos uma vitória, ela recomenda o evangelho e ajuda a conquistar outras pessoas, a retirá-las do reino das trevas e a trazê-las para o reino do amado Filho de Deus. Isso tem acontecido freqüentemente. Quando eu estava pensando nisso tudo, veio-me à mente a ilustração de uma jovem senhora que certa vez vi apresentando-se a uma certa sociedade missionária como candidata. Eventualmente ela foi aceita e foi trabalhar no Extremo Oriente, e, em suma, esta é a sua história: ela estudara em Cambridge, onde foi secretária do Partido Comunista. Sucedeu que ela estava em Cambridge durante o rigoroso inverno de 1946 para 1947, quando tudo ficou congelado, em Cambridge e em muitas outras regiões do país. Ela morava num quarto de um dos edifícios de vários andares da escola, e, naturalmente, houve uma terrível escassez de água. Só se podia tomar banho uma vez por semana, e sempre havia uma fila. Havia no mesmo prédio uma outra jovem, uma cristã, a única cristã daquele edifício. A comunista notou que, em vez dela afirmar seus direitos, sempre ir para a frente e sempre queixar-se, como as outras faziam, a jovem cristã tolerava tudo. Ela não se opunha às exigências e ao egoísmo das

peçoas, e apenas ia calma e serena. Isso foi um choque para a comunista. Esta disse: “Aí está alguém que realmente pratica e vive o que eu declaro crer e não faço”. A atitude da cristã não somente abriu os seus olhos e a fez pensar, mas também a levou à convicção de pecado, ao arrependimento e à conversão, e ela partiu como missionária. A simples maneira de agir daquela jovem cristã levou a este grande resultado.

Essa é pois a atitude que devemos adotar sempre. O nosso fracasso reflete-se na Cabeça, o nosso sucesso recomenda o evangelho. Diz o apóstolo: “Que os homens nos considerem como ministros de Cristo, e despenseiros dos mistérios de Deus” (1 Coríntios 4:1). Aquele povo insensato de Corinto estava comparando e contrastando Paulo, e Apolo, e Cefas, e se dividindo em tolas facções. Contudo Paulo diz: “Não pensem em nós como homens, mas como ministros de Cristos e despenseiros dos mistérios de Deus. Ele prossegue: “Além disso, requer-se nos despenseiros que cada um se ache fiel. Todavia, a mim muito pouco se me dá de ser julgado por vós, ou por algum juízo humano; nem eu tampouco a mim mesmo me julgo” (versículos 2 e 3). Essa é a posição, e uma vez que você chegue ali, não vai se vingar. Não, não! Você tem uma correta visão de si mesmo em sua relação com seu Pai do céu, com o nosso Senhor e com todo o reino de Deus.

Ao mesmo tempo, você também tem uma correta visão dos outros, até dos seus inimigos, daqueles que o prejudicam. Você não os vê como homens e mulheres, mas como almas, como almas perdidas. Você os vê como vítimas do pecado e do mal, como pessoas que o deus deste mundo cegou. Você se lamenta por eles e ora por eles. Você age com bondade a fim de ajudá-los. Você os vê como homens e mulheres que estão a caminho do inferno – você pensa neles em termos do seu destino eterno. Você não diz apenas: “Esta pessoa me fez isto hoje!”, mas: “Esta alma terá que comparecer diante de Deus num juízo final, e não tem nada para antecipar senão uma condenação eterna”.

Também se lembra de que você é um soldado numa grande guerra, que você está combatendo “o combate da fé”, que você está lutando contra principados e poderes. Daí, que é que importa? Oh, não é o que acontece comigo, e sim a derrota do inimigo e a vitória do Senhor e da Sua causa. Não penso em coisa alguma em termos de mim mesmo, mas sim em termos do mal e do bem, do inferno e do céu, do diabo e de Deus, desta grande batalha cósmica. Você vê isso, e não a si mesmo e a outras pessoas.

E então você se dá conta de que, como um soldado nesta grande batalha, deve sempre lutar do jeito de Deus, e não do seu jeito. Instintivamente você revida, pensando que está se defendendo. Mas não deve fazer isso. Ouça de novo o apóstolo: “Porque, andando na carne, não militamos segundo a carne. Porque as armas da nossa milícia não são carnaís, mas sim poderosas em Deus, para destruição das fortalezas; destruindo os conselhos, e toda a altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo o entendimento à obediência de Cristo” (2 Coríntios 10:3-5). Você nunca derrotará Golias com as armas de Saul. Não, não, isso é ridículo. Combata nas batalhas do Senhor desta maneira espiritual: “Revesti-vos de toda a armadura de Deus” (Efésios 6:11). “Fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder” (Efésios 6:10). Esse é o único jeito. Desista do seu jeito carnal, egoístico e pessoal de lutar. Você deve pelejar nesta batalha de maneira espiritual – “Vence o mal com o bem”.

Pensem depois no grande privilégio de termos a permissão de participar de uma tal cruzada, de um tal conflito, de uma tal batalha. Deus condescende em fazer uso de nós; somos admitidos no exército. Estamos combatendo no exército do Deus vivo, e nenhum privilégio da terra é comparável a este. Não importa o que os outros digam de nós, desde que estejamos no exército de Deus. Eles nunca poderão privar-nos da dignidade, do privilégio, da honra e da glória de termos nossa parte a desempenhar nesta

extraordinária batalha de Deus contra o inferno, da luz contra as trevas, da verdade contra a mentira.

E, finalmente, o que quer que as pessoas façam com você, quer o louvem quer o odeiem, por terríveis que sejam as coisas que lhe façam – que importa? Fique de olho no dia do triunfo que vem, na certeza da vitória, no dia em que Ele vai Se manifestar, vai olhar para você e vai dizer: “Bem está, servo bom e fiel”. Ele Se lembra do dia em que, por amor a Ele, você não se vingou, porque você estava pensando nEle e no Seu reino, e não em si mesmo. Ele vê tudo; Seus olhos estão sobre tudo e sobre todos. “O dia da consumação logo vem.”

E, vendo todas as coisas desta maneira, logo você verá que o que lhe acontece neste mundo é relativamente sem importância. “Que é a vossa vida? É um vapor” (Tiago 4:14). Tenha os olhos postos no “grande e avultado galardão” (Hebreus 10:35). Somente o que Ele vê e o que Ele vai dizer a você naquele grande dia é que realmente importam.

Permitam-me resumir tudo num hino que freqüentemente se pede às crianças que cantem. É um bom hino, e próprio, mas não só para as crianças – para todos nós. Ei-lo:

*Somos crianças pequenas e fracas,
Não nascidas em grandes mansões;
Que podemos fazer por Jesus,
Que é tão alto, tão grande e tão bom?*

*Oh, diariamente cada cristão
Muito tem por fazer, dentro e fora;
Uma morte morrer por Jesus
E incessante combate ao pecado.*

*Quando em nosso inflado coração
Idéias de orgulho e de ira surgem,*

*Duras palavras vêm à nossa língua,
E nossos olhos ardem de paixão:*

*Detenhamos o impulso da ira,
Reprimamos a dura palavra;
Seja nossa resposta gentil,
E combatamos pelo Senhor.*
– Cecil Frances Alexander

“Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem”, e assim “combatamos pelo Senhor”. Queira o Senhor capacitar-nos desta maneira a trazer glória e honra ao Seu grande e santo nome.

Romanos

Como Dr. Lloyd-Jones salienta, do ponto de vista da doutrina cristã, Romanos é “a maior obra-prima já escrita”, “uma colossal e incomparável declaração da verdade cristã”. Nos capítulos concludentes, o apóstolo Paulo se ocupa com a aplicação prática da doutrina que esteve expondo.

Este volume eliminará qualquer sentido de que chegando à parte prática de Romanos significa descer do topo da montanha para “as planícies da vida”. “Cristianismo é primariamente um modo de vida, e o objetivo da doutrina é capacitar-nos a viver essa vida.”

Romanos, capítulo doze, nos mostra homens e mulheres cristãos vivendo na prática a nova vida que lhes foi dada em Cristo em relação com os seus semelhantes na Igreja, exercendo os dons recebidos, lutando com problemas e oposição, mas finalmente triunfando sobre todas as dificuldades, pela fé, esperança e amor subjacentes a todo o verdadeiro comportamento cristão.

Nascido no sul do país de Gales, o Dr. Lloyd-Jones estudou no hospital São Bartolomeu (Londres) e posteriormente praticou a medicina como assistente do famoso Lorde Horder. Depois de deixar a medicina em 1927, ele se tornou o ministro de uma igreja presbiteriana em Aberávon, no sul de Gales. Permaneceu ali até 1938, quando então mudou-se para Londres a fim de participar do ministério na Capela de Westminster, junto com o Dr. G. Campbell Morgan. Esse ministério durou por 30 anos, até Dr. Lloyd-Jones aposentar-se em 1968. A partir daí ele passou a exercer um ministério de pregação mais amplo e a escrever livros até pouco antes da sua morte em 1981.



PUBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS

Rua 24 de maio, 116 – 3º andar – salas 14-17

01041-000 – São Paulo – SP